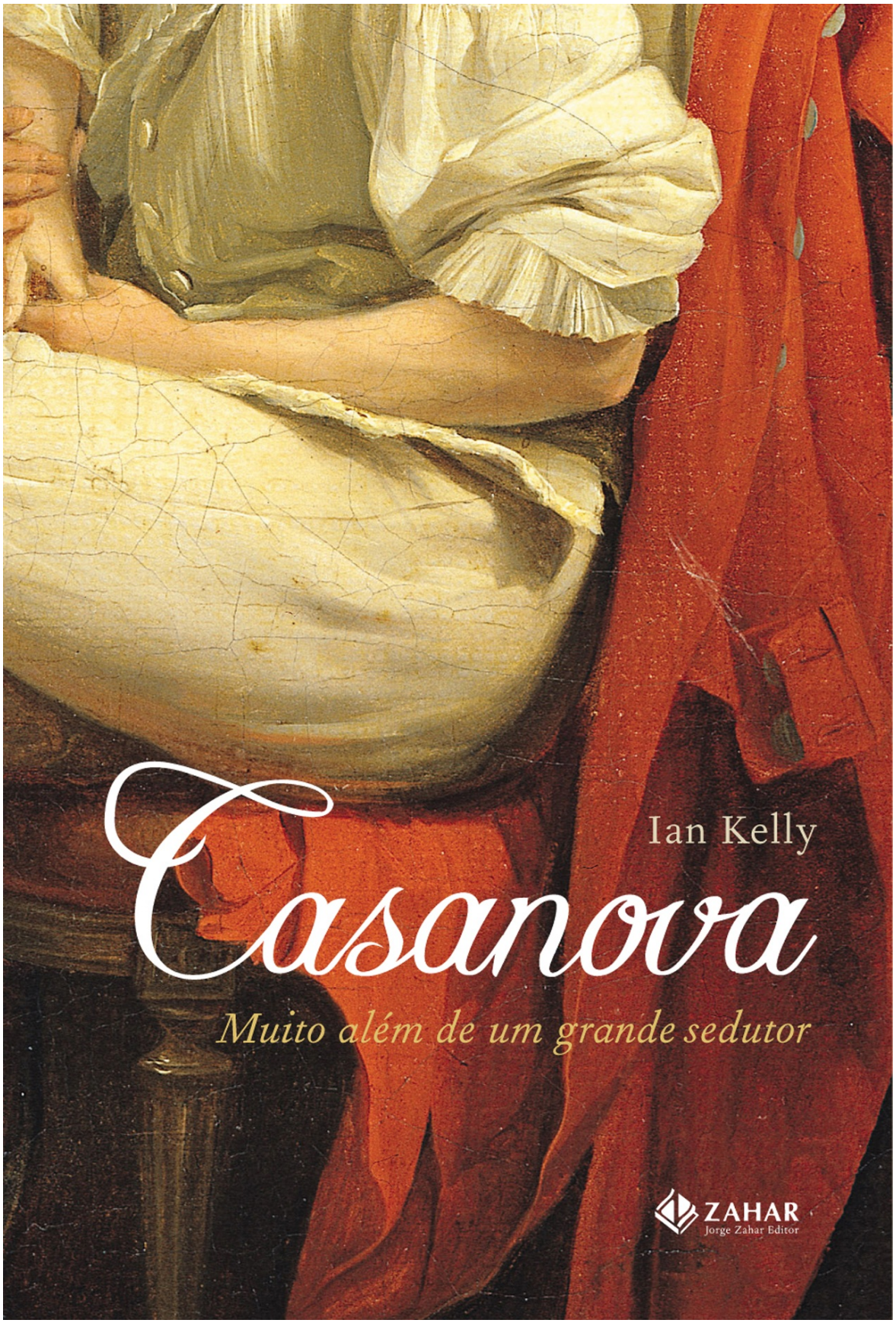

Ian Kelly
Casanova
Muito além de um grande sedutor
ZAHAR
Jorge Zahar Editor

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ian Kelly

Casanova
Muito além de um grande sedutor



Tradução:

Roberto Franco Valente



ZAHAR
Rio de Janeiro

Sumário

PRELÚDIO O teatro del mundo

INTRODUÇÃO A ópera-bufa chamada Veneza

Primeiro Ato

CENA I A calle della Commedia, 1725-34

CENA II Na escola em Pádua, 1734-38

CENA **III** "Torno-me um pregador", 1739-41

CENA **IV** Entram Lucia, Nanetta e Marta, 1741-43

CENA **V** Seminarista nunca mais, 1743

INTERMEZZO Casanova e as viagens no século XVIII

Segundo Ato

CENA **I** A estrada para Roma e Nápoles, 1743-45

CENA **II** Amor e travesti, 1745

CENA **III** Contos do serralho, Constantinopla, 1745

CENA **IV** Palazzo Bragadin, o ingresso de um jovem na sociedade, 1745-48

CENA **V** Tu também esquecerás Henriette, 1749

INTERMEZZO Casanova e o sexo no século XVIII

Terceiro Ato

CENA **I** A ida para a França, 1750

CENA **II** A Paris de Madame Pompadour, 1750

CENA **III** Luxúria nos claustros, 1753-55

CENA **IV** Prisão e fuga, 1755

CENA **V** Comédie Française, Paris, 1756-57

CENA **VI** “A máscara de um homem sem importância”: a marquesa d’Urfé e
as experiências com a necromancia, 1757-60

INTERMEZZO Casanova e a cabala

Quarto Ato

CENA **I** Conversas com Voltaire, 1760-61

CENA **II** O cavaleiro de Seingalt, 1761-63

CENA **III** Londres, 1763

CENA **IV** Frederico o Grande, 1764

CENA **V** São Petersburgo, 1765

CENA **VI** Duelos poloneses, 1765-66

INTERMEZZO Casanova — escritor gastronômico

Quinto Ato

CENA **I** Il traviato, o errante, 1766-70

CENA **II** Cavaleiro papal e comedor de ostras, 1770-74

CENA **III** Veneza revisitada, 1774-82

CENA **IV** Don Giovanni, 1783-87

CENA **V** O castelo de Dux, 1787-98

OS APLAUSOS FINAIS A história da História da minha vida

Agradecimentos

Notas sobre as fontes

Bibliografia

Termos de referências para busca

PRELÚDIO

O Teatro del Mundo

"No primeiro minuto do meu sonho, tenho visões de corpos
dançando, cujas formas me são perfeitamente familiares,
iluminados por um estonteante conjunto de luzes."
CASANOVA, APONTAMENTOS DE SONHOS, 1791

DOZE DE SETEMBROU DE 1791: engarrafamento nas ruas Rytířská e Harvířská1, em Praga. Os cavalos se mostram nervosos com os clarões e os fogos de artifício. A comida, transportada em carretas do monastério de Příkopy para o baile da coroação, é escoltada por soldados diante da multidão faminta. Um veneziano de 66 anos caminha com passos firmes da carruagem de seu patrão até as luzes do pórtico do teatro Nostitz.

Apenas alguns dias antes, ele assistira ali à estreia da nova obra de Mozart, composta em homenagem ao recém-coroado imperador. Porém *La Clemenza di Tito* não agradou a Giacomo Casanova, e muito menos ao grupo real a quem a obra fora dedicada: a jovem imperatriz zombou dela, declarando que Herr Mozart tinha composto uma "*porcheria tedescha*", uma ópera pior do que "uma salsicha alemã ordinária". Casanova preferia *Don Giovanni*. Ele havia colaborado no libreto e assistido à *première* naquele mesmo teatro. "Se *assisti*?", teria respondido ele a seu velho amigo Da Ponte, o libretista veneziano. "Praticamente *vivi* tudo aquilo."

Desde a estreia da ópera, algumas transformações tinham sido feitas no teatro. Quando Casanova atravessou a plateia, seguindo por trás das poltronas do Nostitz, abriu-se diante dele uma visão que lhe chegava diretamente de sua infância em Veneza. Para além da boca de cena, onde apenas uma semana antes existia um palco, depois das cortinas suspensas, onde a lista das conquistas de dom Giovanni foi apresentada pela primeira vez, via-se um cenário de pano: um pátio de seis metros de comprimento montado para o baile de coroação daquela noite. Ele se prolongava para trás, para além do poço da orquestra, da plataforma de cargas e mesmo da parede dos fundos do palco, demolida pelo imperial professor de engenharia de Praga, a fim de que o salão em

forma de galeria pudesse se esticar para fora do ponto de fuga da perspectiva do palco, como se chegasse ao infinito. Forrado por oito mil varas de linho vermelho da Boêmia, o salão-palco ficou lotado com a corte inteira dos Habsburgo, que dançava com a música da orquestra imperial de Antonio Salieri, comprimida nos camarotes do teatro. A cena era refletida por uma dupla falange de espelhos venezianos. Os cortinados, os fios de ouro, os candelabros e o falso mármore, as cornijas e os céus em *trompe l'oeil*: todo um mundo por apenas uma noite, além da arte ou da razão, formado de gesso e tecidos, desaparecia pelo proscênio.

Aquela noite de 1791 no Nostitz marcou o final de uma era. A França fora tomada pela revolução, e sua rainha, a irmã do novo imperador, foi presa. Para muitos daqueles seis mil aristocratas no palco do Nostitz, sob os céus pintados de Giovanni Tartini, aquela seria a dança derradeira no mundo que eles conheciam: sua última performance no Carnaval de Veneza, o último de tantos bailes de máscaras.



Quando criança, Casanova tinha assistido a espetáculos semelhantes. Todos os anos em Veneza, na Festa da Ascensão — quando o doge realizava o ritual das núpcias da República de Veneza com o mar, e a cidade inteira se entregava ao Carnaval — os venezianos esperavam desfrutar seus *teatri del mundo*. Havia dois tipos. Um era um palco flutuante, que pertencia à República. Este ficava atracado diante da *piazzeta* São Marcos e era usado para espetáculos patrocinados pelo Estado, encenações mirabolantes de contos míticos e fábulas celestiais nas quais se destacavam aristocratas trajados de maneira esplendorosa e fogos de artifício. Além disso, havia também, na praça São Marcos, situada nas proximidades, pequenos espetáculos de lanterna mágica encenados nas ruas: lampejos da escuridão para um mundo ao mesmo tempo sublime e ridículo, iluminações de rinocerontes, monstros, imagens "americanas" e "amorosas", recriadas à luz de caixas com lanternas para um admirável mundo novo de consumidores voyeuristas. Por esse motivo, esses pequenos *teatro del mundo* também eram conhecidos como *mondi nuovi*: novos mundos. A julgar pelas anotações de Casanova sobre seus sonhos, descobertas no arquivo de Praga — que agora abriga suas notas um tanto esparsas (uma descoberta incalculavelmente excitante para o biógrafo) — , sua mente se voltou para esses *teatri* a partir daquela noite de 1791, quando ele passou a sonhar com o Nostitz em visões surrealistas de seres humanos que dançavam nus, "olhos e narizes, órgãos genitais de ambos os sexos e outras partes do corpo cujas formas me são tão familiares". O grande cronista do século foi testemunha daquele último baile: a corte dos Habsburgo criando o seu próprio *teatro del mundo* sob a forma de corpos humanos

cabriolando atordoados sob as luzes do teatro, refletidos nos espelhos, dançando em meio aos cenários.



De Praga, Casanova retornou à sua escrivaninha, na biblioteca onde trabalhava, em um castelo frio da Boêmia. Seus sonhos estavam cheios de recordações perturbadas, porém ele passava os dias se dedicando a uma narrativa mais bem estruturada, a qual jamais veria publicada: o registro de pessoas, lugares, odores, sabores, do sexo e da sensibilidade do século anterior à revolução. O século XVIII de Casanova fora em muitos sentidos um *teatro del mundo*: um mundo escravizado pelo teatro. Moldada e espelhada em suas luzes e na sua literatura, deliciando-se nos artifícios do teatro, a vida dele, segundo suas anotações de sonhos e memórias, estruturou-se por essa ideia de desempenho, uma vez que ele foi formado pelas perspectivas mutáveis e reflexivas de Veneza e de sua *commedia dell'arte*.

Nascido em Veneza, então uma capital do teatro, oriundo de uma família de atores, ele viajou a vida inteira por toda a Europa, seguindo a antiga tradição dos mascarados venezianos. Mais do que isso, seu sucesso na vida e no amor, como libertino e libertário, foi obtido por sua capacidade de reinventar a si mesmo, de jogar todas as suas cartas em benefício próprio e de viver inteiramente para um presente estonteante. Naquela noite em 1791, é provável que não lhe tenha escapado a ironia — a ele, que era capaz de se sentir vivo apenas por meio das recordações e da escrita — de o mundo parecer compreender mais a fundo as alegrias da vida quando está diante do drama de sua recriação artificial. Sua obra-prima, *História da minha vida*, dá vida, como nenhum outro documento, ao século em que ele viveu, mas a alegria com que ele construiu sua vida, singularmente própria de um ator, permanece também como testamento para uma nova compreensão do eu. Como qualquer veneziano sabe, existe a máscara, e também a substância por trás dela, e um novo alvorecer revolucionário procurou compreender a personalidade com referência a ambas.

Para C. K.

“Uma vida é um mundo inteiro em miniatura.”
A cabala de Rabi Nathan, SÉCULO II

INTRODUÇÃO

A ópera-bufa chamada Veneza

"As memórias de Casanova formam o mais completo quadro … do século que precedeu a Revolução Francesa, e um espelho da vida — os segredos mais íntimos da vida do homem e de uma época."
F.W. BARTHOLD, 1846

CASANOVA FICARIA PASMADO AO DESCOBRIR que hoje ele é lembrado quase exclusivamente por sua vida sexual. Intelectual de saber enciclopédico e extremamente orgulhoso disso, trabalhou como violinista, soldado, alquimista, curador espiritual e até bibliotecário, tendo sido educado originalmente para o sacerdócio. Passou a maior parte da vida longe de sua Veneza natal, engajado em múltiplas profissões, de Paris a São Petersburgo, de Londres a Praga, Dresden, Amsterdã, Viena, e mesmo Istambul. Juntou e perdeu algumas fortunas, fundou uma loteria estatal, escreveu 42 livros, além de peças, tratados filosóficos e matemáticos, libretos de óperas, poemas e obras sobre calendários, leis canônicas e geometria cúbica. Traduziu a *Ilíada* de Homero para o italiano moderno, colaborou na introdução do oratório na música francesa, foi um famoso gourmet e praticante da cabala, além de ter escrito um romance de ficção científica em cinco volumes. Mesmo assim, quando morreu, em 1798, o fato passou suficientemente despercebido para que o local de seu túmulo caísse logo no esquecimento. Sua fama internacional é póstuma e atribuída a uma única obra: *Histoire de ma vie* (*História da minha vida*), que após sua morte permaneceu por toda uma geração sem ser publicada, tornando-se disponível em toda a sua totalidade há poucos anos.

Casanova legou ao mundo um registro de vida jamais superado: três mil e oitocentas páginas em fólio abrangendo sua vida de 1725 a 1774. Ele jamais escreveu sobre o período restante. Em certos dias, pretendia publicá-las, em outros, queria tocar fogo em tudo, e todos os dias ria do

passado e queria viajar, já que mal conseguia caminhar, até os recônditos da memória e da compreensão do eu. Do seu próprio eu. Não existe nada semelhante escrito nessa época, e pouca coisa que se possa comparar na longa história das biografias. Algumas vezes ele escreveu por 13 horas seguidas, principalmente de memória, mas também a partir de cartas e anotações que manteve de maneira intermitente, e que deixou por toda a Europa com amigos e amantes, mas que depois solicitou que lhe fossem enviadas. Escreveu para salvar sua alma, ou assim costumava declarar, mas esta era uma expressão muito usada por ele para não se referir especificamente à sua tão importante vida sexual, e até mesmo ao seu pênis.

Morreu aos 73 anos, esperando que uma vida após a morte lhe pudesse dar um conceito de alma mais ortodoxo que aquele. Em outra ocasião, disse que estava escrevendo para salvar sua mente. Esta ideia era espantosamente moderna. Seu médico a sugerira como tratamento para a melancolia de um homem idoso: "O único remédio para [me] impedir de ficar louco, ou de morrer de tristeza." Ele escrevia em um velho castelo da Boêmia, longe da sua pátria, com poucos amigos por perto e desprezado pela criadagem, uma verdadeira relíquia do passado e alvo da mofa de muita gente na cidadezinha de Dux, onde, em teoria, trabalhava como bibliotecário. E escrevia em francês.

Como escritor e historiador, Casanova nos perturba. A maior parte de sua vida foi dedicada aos impenitentes prazeres do momento, sem fazer reflexões ou antecipações. Não escreveu sobre a maior parte dela, até que a idade avançada o amaldiçoasse com uma saúde ruim, com a penúria e a tendência à prolixidade. Ele tinha sido um artista do imediato, com um talento singular para ser feliz, que era aquilo que muitos consideravam mais atraente nele. As pessoas se sentiam atraídas por Giacomo Casanova, pessoas que podiam lhe oferecer vantagens, dinheiro, bons momentos, cumplicidade, delícias gastronômicas ou os simples e tumescentes prazeres da carne, capazes de fazer parar o tempo e arder o coração. Sua vida — a *história* de sua vida — não constitui, dessa forma, o material usual da história. A *História da minha vida* nos desafia porque nos pede que vivamos as nossas vidas de maneira um pouco mais plena, ou pelo menos mais corajosa. E também desafia o historiador porque, apesar de enredada pelo encanto do próprio homem,

ela se apresenta repleta de erros. Casanova põe Catarina a Grande onde sabemos que ela não estava, embora mais tarde ele *de facto* a tenha conhecido, e sua *narrativa* se torna mais clara com essa reorganização dos acontecimentos.

Da mesma forma, o príncipe de Mônaco não se encontrava em Mônaco quando Casanova passou por lá: foi em Paris que se conheceram. E ele o coloca em seu principado durante uma viagem que, por outro lado, foi bastante monótona. Casanova não era um historiador, tampouco tinha a intenção de escrever um romance. O mundo que procurava compreender era tanto o da sua paisagem interior quanto a da Europa no auge de uma época revolucionária. Pensar sobre até que ponto ele foi fiel a si mesmo, à sua experiência da humanidade e aos homens e mulheres que compuseram seu estimulante século constitui a questão mais interessante e a maior preocupação para os historiadores sociais, e também para este livro. É de suma importância não supor que, como se equivocou com as datas, ele tenha mentido sobre suas recordações mais íntimas. De modo geral, foi isto que presumiram aqueles que instintivamente costumam desconfiar das memórias românticas.

No entanto, apesar de seus supostos caminhos tortuosos para a ficção, a *História* de Casanova, sempre que pode ser confirmada, revela-se nada mais do que isso mesmo: história. Outros testemunhos íntimos podem ser encontrados em instâncias nos registros da Inquisição veneziana, em passaportes que sobreviveram, nos testemunhos do príncipe de Ligne ou de Lorenzo da Ponte, ou mesmo em documentos legais nos registros da *Bow Street Magistrate's Court*. A grande preocupação dos acadêmicos que estudam Casanova e dos casanovistas pioneiros na fase que se seguiu à publicação integral das memórias, nos anos 1960, foi a de usar todas essas evidências comprovadoras para desemaranhar e, quando possível, elucidar o texto de Casanova. Foram necessárias mais algumas décadas para que a verdade essencial fosse aceita pela comunidade acadêmica: as obras de Casanova simplesmente *não constituem* o relato "notoriamente não confiável" de uma lenda. Ele pode ter sido, sim, um cronista quase totalmente honesto, tal como ele próprio se considerava. Isso é algo que é necessário se repetir sempre no mundo de língua inglesa.

Se ele se equivocou quanto a datas e lugares, escrevendo décadas depois, o mesmo poderíamos fazer todos nós. Se misturou histórias que

se passaram em visitas sucessivas a determinadas cidades, é improvável que ele esperasse ser tão criticado por isso. Mas isso tudo não desculpa ou explica inteiramente sua disposição de declarar que estava onde e quando seria impossível estar. Neste aspecto, precisamos aceitar o seu interesse em nos manter, a nós ou a ele mesmo, entretidos, ou seja, aceitar seus instintos de escritor e comediante. A presente biografia, até certo ponto, é um chamado às armas em sua defesa — se não como historiador social, sem dúvida como cronista de acontecimentos, ou mesmo modelo de comportamento — , além de uma orientação para se compreender suas monumentais memórias: a edição integral em 12 volumes, que poucos de nós dispõem de tempo para ler, mas que ainda hoje podem educar, alarmar, intrigar, divertir e despertar tanto quanto devem tê-lo feito ao serem escritas.

Contudo, há decisões que um biógrafo deve tomar e que não são obrigatórias para um memorialista. Escolhe-se um caminho através dos milhares de páginas de memórias, de centenas de cartas ainda existentes, de romances, peças, tratados e poemas que Casanova escreveu, distribuídos pelos arquivos de Veneza, São Petersburgo, Moscou, Londres, Roma e Paris, e das suas outras nove mil páginas manuscritas que se encontram agora em Praga e no castelo de Dux, onde ele morreu; através dos inúmeros casos — românticos, sexuais, financeiros, intelectuais — em que ele se envolveu nas 20 cidades em que morou ao longo de uma vida inteira de viagens que percorreram cerca de 70 mil quilômetros; através das suas próprias mentiras, e das dos outros, é possível que encontremos um caminho e tenhamos esperanças de que tudo isso seja de fato verdadeiro para o homem e menos enganador do que o original. A genialidade de Casanova foi rejeitar qualquer edição, escrevendo tudo aquilo de que conseguia se lembrar. Na verdade, como comentou seu amigo e libretista Da Ponte, “talvez ele tenha escrito demais”.



Casanova teve a chance de presenciar muitas das consequências inesperadas, e por fim revolucionárias, da Idade da Razão, durante a qual decorreu sua vida. O Iluminismo — um movimento não organizado

de animação intelectual e drama inigualáveis — lançou, em nome da Razão, uma nova luz sobre todas as áreas do esforço humano e da lei natural. Na ficção francesa e inglesa, por exemplo, os escritores começaram a iluminar uma pessoa interior, mascarada ou escondida, iniciando assim um diálogo que seria impensável na Idade Média. Quando Montaigne descreveu o eu interior como uma "*arrière boutique toute notre*" — um, digamos, quarto dos fundos da mente — , ele plantou uma ideia na visão de mundo ocidental que se desenvolveu de forma tão brilhante na arte do retrato do século XVIII quanto na nova forma dos romances, porém provocando também uma revolução na arte memorialista.

Além disso, o Iluminismo desafiou a concepção católica da autonegação e, na verdade, do "eu" como, antes de tudo, a fonte do pecado. Os escritores iluministas exploraram livremente, pela primeira vez, o conceito do homem como ponto culminante da Criação, e assim um ego orgulhoso e às vezes sensual veio ocupar o lugar central em novos gêneros, nenhum dos quais mais egocêntrico do que a *História da minha vida*, de Casanova. Ao dissecar as preocupações da vida individual como ela é vivida, em seu amor pelas iguarias e pelo sexo como principais exemplos, Casanova estava trabalhando em uma forma de arte radicalmente nova. Como escritor, foi um estilista revolucionário e sensual, cuja obra não pode mais ser desprezada pela censura.

A obra literária que serviu de bandeira para a *História da minha vida*, assim como para a época em que ele viveu, foi a *Encyclopédie*, publicada por Diderot e d'Alembert. A *História da minha vida* é igualmente emblemática do Iluminismo ao abordar a atemorizante escala da experiência humana utilizando uma forma literária reconhecida — poderíamos chamá-la, no caso dela, de memória picaresca — representando, no processo, todo um mundo humano sem qualquer julgamento. "Tenha coragem de se libertar", instigava Diderot. Casanova obedeceu.

Casanova escrevia principalmente em francês. Nas suas memórias, usou apenas essa língua. Era o idioma da Idade da Razão, dos *philosophes* do Iluminismo, da poesia da corte e da arte erótica. Ele também acreditava ser uma língua mais refinada do que seu italiano nativo, e tinha boas razões para expressar essa opinião: era um excelente

linguista, capaz de discorrer em latim desde a adolescência, embora só tivesse aprendido a ler poucos anos antes. Falava fluentemente francês, latim e grego, além de falar um pouco de alemão, de inglês e de russo. E como veneziano, na verdade falava duas versões do italiano. A cultura e a literatura francesas serviram de modelo para os europeus — na medida em que nelas estavam envolvidos o estilo de vida, a arte, a moda e os costumes — antes, durante e depois da Revolução Francesa. Mas escrever em francês significava escrever não só na língua da moda, da diplomacia e do amor, mas das mudanças.

Assim, ele optou por um estilo conscientemente inovador. Tem-se afirmado que ele sabia um pouquinho mais de francês do que ele demonstrava, o que equivale a dizer: um pouquinho mais de francês clássico, mas o tempo todo preferia escrever "com sotaque italiano", importando vários italianismos e repetindo, por exemplo, construções do tipo "*laisser que*", conforme a prática italiana, quando "*permettre*" seria o usado por qualquer francês, tanto naquela época como hoje em dia. Até mesmo o escritor francês Crébillon já observara o estilo de Casanova, afirmando que a novidade do seu acento italiano contribuía muito para o que ele dizia e escrevia: "O senhor conta a sua história de forma excelente … faz as pessoas lhe ouvirem, desperta nelas o interesse e a novidade da sua linguagem … e a construção italiana … faz com que seus ouvintes fiquem duplamente atentos … a sua linguagem é exatamente aquela que obtém aprovação, pois é estranha e nova, e [estamos numa época em que] o que se procura é tudo que seja estranho e novo." Este se revelou um conselho poderoso.

A língua de Rousseau também serviu muito a Casanova de outras maneiras. No idioma francês, o nome de Eros, ou Cupido, a figura central do discurso do século XVIII sobre a liberdade e o amor, é o mesmo: Amour. O deus Amour é a personificação do sentimento *amour*. Casanova e os artistas desse período compreenderam perfeitamente a interação resultante desse duplo sentido. Homens e mulheres do Iluminismo, tal como ele — fosse em Paris, Veneza, Roma ou São Petersburgo — , viviam sempre a poucos passos da mirada cintilante, sensual e perturbadora do Amour, ou Cupido: o fantástico menininho era malicioso, apimentado em termos sexuais, travesso e ao mesmo tempo um deus. Esta imagem é útil para se compreender Casanova e sua época.

Durante a Idade da Razão, Amour incorporou o irreprimível espírito dos tempos, um Senhor do Desregramento, que tornava indecorosos todos os esforços da humanidade para impor ao mundo uma ordem e um sentido absolutos. De maneira apropriada, ele decorava quase todos os teatros frequentados por Casanova, como um mascote em sua jornada pelas décadas mais importantes do século que, posteriormente, foi definido por um historiador não só pela filosofia revolucionária, mas por sua sensualidade: "A própria essência do século XVIII, seu segredo, seu charme … seu fôlego, sua força, sua inspiração, sua vida e seu espírito." A idade do *amour* — que produziu *Les liaisons dangereuses*, de Laclos, *Les bijoux indiscrets*, de Diderot, para não falar das telas carregadas de sexualidade de Watteau, Boucher e Fragonard — foi tomada por uma tensão ideológica particular: que lugar ocuparia o sexo nessa nova era iluminada? Casanova tinha a resposta. O *jogo* do amor e do sexo era o que conferia sentido ao caos da sua vida e do mundo. Era um jogo personificado pelo destrutivo/criativo deus Amour — um lampejo de irracionalidade e de graça maliciosa no mundo moderno: um "*id*" muito antes que tal ideia fosse concebida.

Ninguém antes escreveu sobre isso como Casanova: da perspectiva tanto do combatente como da vítima. Ajudando a demonstrar por que Freud encontrou em Casanova uma linguagem tão apropriada ao seu *métier* e à sua inclinação, o sexo na *História da minha vida* ocupa um lugar único na história da nossa compreensão de nós mesmos. Ele apresentou, pela primeira vez no cânone ocidental, a ideia de que a compreensão do sexo, com toda sua irracionalidade e seu potencial destrutivo, é uma chave para se entender o eu. A *História da minha vida* é um texto revolucionário, que fascina por muitas outras coisas além de seus catálogos de conquistas amorosas. A obra tenta promover uma síntese entre os dois gêneros predominantes da época: a memória libertina e a sentimental, criando assim algo muito mais próximo da percepção moderna do homem plenamente desenvolvido, alerta para os fracassos, temores e pequenas fraquezas, além de extremamente afinado com uma força sexual motivadora. Também tenta mostrar uma honestidade emocional radical, uma memória despojada de culpas, abordando tudo que devia estar vivo naquela época revolucionária e que ainda pulsa dois séculos depois, com todo o espírito e a testosterona de

Casanova, conferindo drama e dimensão humana às novas liberdades que originaram a Idade Moderna.

Foram esses os contextos literários, artísticos e filosóficos do drama autocentrado de Casanova; da sua narrativa íntima, obscena e errante sobre a vida e os tempos de um indivíduo de valor questionável, que não teria sido possível sem o culto à sensualidade em torno da imagem de Amour e da crença iluminista na bondade universal, no valor e nos direitos do homem. E se o Iluminismo de fato se liga à Idade Moderna, é por meio de um chamado para que todos os indivíduos proclamem seus direitos e seu valor único, à luz da razão. A questão pode ser saber que espécie de homem criaria uma narrativa tão abrangente de sua vida, baseando-se em grande parte no reino dos sentidos, e por que ele o faria.

No núcleo ideológico do libertinismo encontrava-se a fé iluminista em um deus benevolente e nos mandamentos da natureza. Por extensão, o sexo era algo saudável, e até mesmo espiritual, ordenado por Deus, além de constituir um natural parceiro de cama para uma boa saúde intelectual. Assim, o político libertino John Wilkes pôde escrever, com orgulho, que produziu a sua melhor obra na cama, depois de fazer sexo com uma prostituta londrina, Betsy Green, e Casanova pôde se proclamar uma espécie de revolucionário por ter transgredido livremente tantas expectativas de uma moralidade sexual. Ao usar seus conhecimentos de matemática, química, física, alquimia e toda uma arenga das ciências do século XVIII para dar sentido ao seu mundo e às fatalidades que formaram sua vida, ele demonstra sua dívida para com a Idade da Razão.

Ao tentar conferir um sentido razoável às suas aventuras, na forma de uma grande e sólida obra de percepção interior e de história social, ele proclama a si mesmo uma espécie de enciclopedista da humanidade: ele próprio é o mais importante objeto dessa dissecação. E, por último, como um humorista natural bem-treinado no cinismo e na improvisação dos palcos, seu trabalho se situa como uma das grandes instâncias de “quem ri por último” na vida. Assim como Lawrence Sterne, que certa vez escreveu que “as minhas opiniões serão a minha morte”, o humor de Casanova se tornou, tal como ele descreveu o próprio preservativo sexual, sua “profilaxia contra a melancolia”, a sua maneira, como disse Sterne, de se “defender das enfermidades de sua saúde debilitada e de

outros males da vida — por meio da alegria".



É impossível pensar em Casanova sem pensar em Veneza, embora ele tenha passado ali um período surpreendentemente curto de sua longa vida. O estilo da cidade, as pedras, a sofisticação sexual, a suprema confiança artística no século XVIII, tudo isso deu forma à sua escrita e à sua experiência de vida. Também, felizmente para Casanova, aquele foi o século perfeito para alguém ser um veneziano errante. Voltar a imaginar a Veneza de Casanova é uma experiência absolutamente direta. Pouco mudou desde os tempos daquelas paisagens que inspiraram os grandes *vedutisti* Canaletto, Guardi, Longhi e Tiepolo a pintarem os pequenos detalhes da vida veneziana, tão conhecida por Casanova. O pão, as marés, os sinos da igreja, os canais, os *fondamente* (cais) e as *calles* (vielas), tudo permanece intacto, da mesma maneira que as paisagens majestosas e desintegradas do *settecento*. Veneza, onde este livro foi em grande parte pesquisado e escrito, é o próprio eu dele, antigo, improvável, fascinante: fecunda ou fétida, a depender do nosso ponto de vista ou das tendências predominantes, construída segundo as normas da arte teatral e do drama romântico, e não conforme as da natureza ou da razão. Uma cidade que tem água no lugar das pedras no pavimento, com sua própria numeração para os térreos e as casas, uma imprecisão peculiar no que diz respeito ao interior e ao exterior, entre a realidade e o reflexo, entre a ilusão e a solidez, provoca seu próprio impacto em um escritor, e também em Casanova, "no meio do mar, sobre um grande barco de pedra retido pela âncora, ineficaz", como disse um contemporâneo de Casanova, "a não ser pela arte".

Nos tempos de Casanova, a Serena República de Veneza, uma cidade-Estado independente, era governada por um doge, ou duque, eleito por um conjunto de nobres da classe patrícia, que por séculos preservou seus direitos e privilégios. Embora a vida de seus habitantes fosse considerada melhor do que a de quaisquer outros habitantes de cidades da Europa, sua reputação de capital imperial, cheia de cultura e cores, enriquecida por sua posição como portal para o Oriente e por gerações de expedições marítimas bem-sucedidas, era contrabalançada por outra: a de uma

sociedade repressora e sigilosa, governada de modo impiedoso em benefício de uma unida associação secreta de famílias, com a colaboração de uma igreja corrupta. O governo do doge, enquanto se trajava gloriosamente com vestes bizantinas e habitava um palácio de esplendor único junto à praça São Marcos, assentava-se sobre uma rede de informantes, denúncias anônimas e sobre o universalmente temido instrumento da repressão estatal: a Inquisição veneziana.

Ainda assim, nos tempos de Casanova Veneza estava se tornando uma cidade turística, como continua a ser até hoje, embora de maneira um pouco diferente. Ela proporcionava diversas expectativas de glamour e cultura. Foi a grande época do Carnaval veneziano, que era o mais longo e teatral de toda a Europa. O uso das máscaras era obrigatório em toda a cidade, de dia e de noite, a partir de outubro até a Quarta-Feira de Cinzas, com um breve intervalo para o Natal. No início do século XVIII, foram acrescentados mais 15 dias ao Carnaval, próximos ao Dia da Ascensão. Essa estranha prática deixou muitos escritores sem fôlego. As máscaras emprestavam uma pretensão aceitável de anonimato, em uma cidade que unia um drama intenso a uma grande falta de privacidade pessoal. As máscaras alteram os códigos de qualquer interação humana, amarrando os significantes habituais do entendimento, da aceitação, do desdém ou da desconfiança. Nada é certo, e assim tudo parece ser permitido. Por causa das máscaras, as estritas regras de casta em Veneza eram parcialmente deixadas de lado. Para um menino em fase de crescimento — até as crianças tinham de usar máscaras — , aquilo permitia meio ano de faz de conta, uma vez que, em público, era possível ser quem se quisesse ser. Casanova viveu sua vida com espírito semelhante.

A Veneza de Casanova esteve em paz durante o século XVIII, como grande parte da Europa. Suas viagens foram até certo ponto interrompidas pela Guerra de Sucessão na Áustria (1741-48), e por outra guerra de mudança de dinastia na Europa, a Guerra dos Sete Anos (1756-63), que exportou sua luta até as Américas e as Índias. Porém, Veneza esteve em paz por 80 anos, desde a Paz de Passarowitz, em 1718, até o fim da República, em 1797. Esse período assistiu ao último grande florescimento do *carnivale* de Veneza, e com ele o de todas as artes venezianas. Nos tempos de Casanova, Antonio Canova esculpia

mármores em Dorsodoro, devolvendo a Veneza os clássicos estilos de pureza e de contenção, mesmo diante dos exuberantes *palazzi* em estilo rococó daquele período. Canaletto pintava em um estúdio a poucos metros de onde Casanova discutia política teatral, no Campo San Zulian, e suas telas nos deixaram uma imagem inesquecível da cidade de luzes e águas.

Antonio Vivaldi, o sacerdote de cabelos vermelhos, derramava sua paixão na criação de 400 concertos, além de música sacra e óperas, e Baldassare Galuppi, hoje não tão bem-considerado, lançava uma carreira operística de sucesso internacional, enquanto ensinava no *Ospedale dei Mendicanti*. Suas óperas foram muitas vezes criadas em colaboração com outra grande figura do teatro na época, o amante da mãe de Casanova, Carlo Goldoni. Embora Veneza fosse considerada, tanto pelos visitantes como pelos habitantes, um espectro do que havia sido no passado em termos políticos, sua economia não estava em declínio, como algumas vezes se escreveu, e seus habitantes, dos patrícios aos gondoleiros, tinham muitos motivos para se sentirem felizes. Goldoni, assim como Guardi e Longhi nas telas e Casanova na prosa, apresentou a Veneza do cotidiano como uma comédia feliz, uma ópera-bufa, com seu povo saindo para suas vidas cotidianas. Isto também era revolucionário. As pessoas comuns da cidade se tornaram temas da arte, da mesma forma que o seriam para Casanova.

Seria impossível ter uma infância mais urbana no século XVIII do que a oferecida por Veneza. Era a cidade mais densamente povoada da Europa, barulhenta, perigosa. Os produtos chegavam de madrugada, entre as três e as seis horas, e em meio à neblina. Os gondoleiros davam seus primeiros gritos matutinos pelas esquinas e pontes das seis às oito. Às sete da manhã, os cafés já estavam cheios. Talvez só Londres, com suas rotas diretas para as Índias Ocidentais, tenha se lançado mais depressa do que Veneza na agitada loucura dos cafés. O Florian, aberto em 1720, e o Quadri, inaugurado em 1775, onde Casanova bebia na praça São Marcos, foram os primeiros e mais famosos cafés, onde os frequentadores obtinham café, filosofia, fofocas e flertes, e onde também podiam ser totalmente depenados, exatamente como ainda acontece.

Mas o que se evidencia pelo testemunho dos muitos visitantes de Veneza, e também de Casanova, é que a comida e a bebida da cidade

refletiam sua realidade. Era etnicamente diversa e cosmopolita, talvez mais do que qualquer outra cidade europeia. “O ar se enchia de odores e idiomas exóticos, e por cima de tudo, só graças à altura, podia-se perceber o harmonioso dialeto de Veneza … os armênios com seus calções bufantes, os judeus com os compridos mantos de gabardine. O nobre, a caminho da Câmara do conselho, respondia com um aceno de mão e um ‘*adio caro vecchio*’ à respeitosa saudação do *tabarro* (cidadão) que se apressava para o trabalho.” A cidade, em consequência de suas muitas influências étnicas, estava sempre alerta para os cheiros de comida. O gueto judeu, tanto na época como agora, era famoso por seus pães e tortas, “exportados” pela cidade inteira. Legumes e frituras eram preparados e vendidos à beira dos canais, enquanto *venditore* de peixes, vinagre, ovos, óleo e pão exibiam seus artigos por toda parte, carregando cestos sobre as cabeças, e os *bigolante*, ou aguadeiros, anunciavam aos gritos sua mercadoria.



O que a Veneza de Casanova perdeu foi grande parte dos teatros. O teatro era essencial para a experiência dos venezianos e para a cultura da República. Havia teatros de comédia em quase todas as paróquias, lotados todas as noites, de setembro até a Quaresma, e de novo da Páscoa até o início do verão. Restam apenas alguns. Crescer em Veneza, como Casanova, era como nascer em meio a um festival de artes, a um festival de música e teatro. “No século XVIII,” escreveu um visitante, “Veneza se separou da sua velha nobreza de espírito, e o divertimento tornou-se o único objetivo da vida … ela se transformou na cidade do prazer … os conventos se gabavam de seus salões, onde as freiras, com vestidos decotados e pérolas nos cabelos, recebiam propostas de nobres e de *abbés* galantes.”

E todo mundo, de patrícios a gondoleiros, que recebiam ingressos de graça, vivia mergulhado no teatro. O teatro e a teatralidade compunham parte do que seria crescer em Veneza e também proporcionavam a principal experiência europeia dos venezianos. A cidade exportava atores, cantores, dançarinos e companhias de ópera para todo o continente e até mesmo para a América. A mãe de Casanova, uma atriz

de comédias, passou a maior parte de sua carreira longe de Veneza. O mesmo aconteceu com seu filho. Os venezianos eram os artistas da Europa, as tão procuradas estrelas de ópera, e também os pintores prediletos, os técnicos em fogos de artifício, os mascarados e os modistas. Por conseguinte, os venezianos exportavam seu Carnaval sem se importar com a razão e as regras. O século XVIII se tornou o século deles, dentro e fora de Veneza.

É impossível superestimar a popularidade de Veneza e dos venezianos durante a vida de Casanova. A atitude deles em relação à vida fazia coro com a moral e a filosofia da época: tranquila na devoção, embora indulgente com os festivais e os rituais do catolicismo. Humanística e imune ao choque, graças à sua velha experiência. Questionadora e sardônica, observando, aprovadoramente, que um paraíso no céu não impede que se cultivem os terrestres, independentemente de podermos ou não desfrutá-los, e sempre alerta em relação à realidade da arte e da alegria, e para os estratagemas daquelas últimas gerações que, antes dos românticos, diziam ao mundo que a verdade estava na natureza e que a emoção valia mais do que o estilo, o sentimento ou o sexo.

Arriscar-se a ser um veneziano na Europa do século XVIII, como fez Casanova, era acenar para uma reputação duvidosa, hedonista, sofisticada e exibicionista. Isso produziu um impacto profundo na vida e na carreira dele. O pano de fundo do teatro veneziano, no qual ele nasceu, dispõe o cenário para a vida do grande aventureiro, assim como o coloca dentro da cultura teatral e da economia de Veneza e da Europa do século XVIII, que, em muitos sentidos, foi o centro da vida urbana daquele século. Ele jamais foi ator, embora trabalhasse como dramaturgo, músico e, por algum tempo, empresário. Mas sua vida e sua apreciação desta foram sempre formadas pelo teatro.



Se as memórias no Iluminismo constituem um gênero por meio do qual é possível entender as memórias de Casanova, outro modo é através das memórias de atores ou “estrelas”. No século XVIII, os textos usados para compreender, ou mesmo para desempenhar o papel de si mesmo, passaram a não vir mais de Deus. A discussão entre ser si mesmo e se

mascarar terminou, ou foi evitada, despertando-se o desejo, inspirado na nova onda da ficção imaginativa e dos dramas do eu, de interpretar novos papéis, ou mesmo múltiplos papéis, pela vida inteira. O papel ao qual Casanova retornou seguidas vezes, o de libertino esclarecido, não era de todo verdadeiro, porém para ele era fácil. Seu trabalho se ajusta menos às memórias libertinas, ou à arte erótica de seu tempo — no interior da qual ele foi originalmente classificado — e mais às primeiras memórias de intérpretes teatrais, obras de atores londrinos como Colley Cibber, David Garrick e os Kemble. Esse novo estilo de memórias, nascido na mesma era voyeurística que gerou a arte do retrato e dos romances, são eles próprios a origem das biografias das "celebridades" e das "estrelas" de hoje, que abordam o dualismo do *ser* e do *representar*. Casanova era bem-versado e situado para poder explorar esta questão, com a perspectiva de um intérprete no mundo que ele preferiu tirar do palco e levar para a cama e para as folhas de papel.

A teatralidade se infundiu na escrita dele, assim como em sua vida. Não havia nada que ele amasse mais do que uma reviravolta inesperada, uma confusão de identidades, do que ridicularizar a realidade ou arrumar as coisas para o seu próprio prazer, e o dos outros. "*Faire semblant*" (fingir, parecer, fazer parecer), "*jouer*" (intérprete/jogador/ator, e também interpretar, atuar no palco, apostar), "*comique*" (tanto dramático quanto cômico), essas são as tiradas que se espalham pelas descrições de suas aventuras. "O que se exigia de mim", ele escreveria mais tarde sobre suas viagens e aventuras, "era a capacidade de desempenhar o meu papel, e não a de me comprometer … O segredo", acrescentou de modo mais conciso, "é *fascinar*." O principal propósito de uma trupe veneziana de *commedia*, tal como a formada pela família mais próxima de Casanova, era ser tão divertida, de um modo ligeiramente subversivo, quanto permitissem as maquinações dos enredos complicados. Era um estilo que exigia pensamento rápido, nenhum medo do palco e uma aparência de espontaneidade, quando na verdade as formas, as brincadeiras e as personagens eram muitas vezes tiradas do repertório teatral e julgadas pela plateia no calor do momento.

Casanova escreveu seguindo uma tradição de *commedia*, mas também absorveu seu mundo como um cenário de *commedia*, com situações de

repertório lançadas sobre ele contra um ciclorama sempre mutável. Ele atuava na vida, e depois escreveu com o instinto de divertir, de entreter e de manter o enredo ágil, sempre se colocando como protagonista, muitas vezes um protagonista romântico, mestre na arte das invenções. Uma de suas primeiras experiências sexuais foi a de se vestir de mulher. Um de seus maiores amores foi uma mulher que no palco sempre representava papéis de homem. Como amante, ele escreveu muito a respeito de seu "papel" e sobre "puxar as cortinas". Perigosa e sedutoramente escolado na tradição do improviso da mundialmente famosa *commedia dell'arte* de Veneza, sabendo camuflar e agradar, narcisista, mas também mestre na empatia, praticando tudo isso com autoconfiança, porém perpetuamente com "medo de ser vaiado", instruído, sensível, perturbado, sempre otimista, Casanova não era nada além de um ator. Sua vida e sua *História* foram uma tentativa de encontrar significado na interação do seu eu interno com o que representava, e de reconstruir aquela realidade no reino dos sentidos, o dilema essencial da cidade onde nascera. Ele veio a encarnar a ideia, uma ideia muito veneziana e oitocentista, de que os prazeres mais sofisticados são ilusórios na simulação do desempenho. Além de falar de si próprio, com toda sua alegria de ser, ele também abordou uma nova forma de compreender a natureza humana: por meio do artifício da sua construção, do seu desempenho e da sua consciência de que havia mais por trás da máscara.

Entretanto, a Veneza de Casanova, assim como sua vida, não era uma *opera seria*, uma ópera trágica e grandiosa, mas antes uma comédia na tradição da *commedia*, uma ópera-bufa de pessoas comuns, de patrícios, e do triunfo do amor sobre a razão, dos bobos enganados e dos erros corrigidos. Para um veneziano sempre há a compreensão de que a vida é uma peça, uma expectativa de que depois de cada mudança de cenário venha um novo ato, um novo conjunto de personagens de *commedia*, uma nova virada no enredo, uma reinvenção. Mapeamos nossas vidas com os olhos da mente, com uma forma baseada em nossas mais antigas impressões de estrutura. Veneza pertencia a Casanova. Um mapa do mundo e da vida onde nada é direto, onde ninguém sabe com certeza o que é real ou irreal, o que é representado e o que não é, o que é pedra ou reflexo.

É um mapa de uma complexidade inimaginável, de modo algum inadequado às realidades da vida. Labiríntico, reflexivo e rítmico, sem uma arquitetura narrativa de *opera seria* ou da construção linear de um romance. Uma dança para a música das ilhas venezianas, sem a pausa dos *intermezzi*, quando se poderia suspender a história para fazer uma reflexão. O mapa mental da Veneza de Casanova estruturou sua *História da minha vida* como um modelo baseado naquela cidade cheia de pontes interligadas, de panoramas e marés. Foi uma ópera-bufa aprendida lá, porém representada pelo mundo inteiro. Uma recordação de atos passados, uma canção ao ritmo da laguna, para as risadas de um teatro veneziano.

primeiro Ato

PRIMEIRO ATO, CENA I

A calle della Commedia

1725-34



"Um homem nascido em Veneza de pais pobres, sem bens mundanos e sem … títulos … porém educado como alguém destinado a algo diferente … teve a infelicidade, aos anos, de entrar em choque com o governo veneziano."

GIACOMO CASANOVA, *O duelo* (1780)

ASSIM CASANOVA COMEÇOU sua primeira tentativa de registrar por escrito suas reminiscências. Em quase todos os detalhes, tudo o que escreveu é verdade. A não ser o fato de que a família em que nasceu, no dia 2 de abril de 1725, em Veneza, não era apenas sem títulos e pobre: era também famosa.

Casanova era filho de atores, ou pelo menos de uma atriz, Zanetta Farussi, conhecida como La Buranella por sua família ser natural da ilha de Burano. A paternidade exata do primeiro filho dela, batizado como Giacomo quatro dias depois da Páscoa, em 1725, ficou aberta a especulações, assim como a de todos os seus outros filhos. Entre os seus admiradores estava o dramaturgo Carlo Goldoni, o empresário teatral veneziano Giuseppi Imer, além de toda uma lista de aristocratas, na qual se podia incluir também o príncipe de Gales — todos, presumivelmente, pais dos filhos que ela teve, os quais, sem exceção, receberam o sobrenome do seu marido, o ator e dançarino Gaetano Casanova. O segundo filho de Zanetta, Francesco, que mais tarde se tornou pintor de paisagens e cenas militares de renome internacional, em geral era tido como filho do herdeiro do trono britânico, que teria ficado apaixonado pela Buranella em 1727, durante uma apresentação da Ópera Italiana em Londres. Seu filho mais velho, Giacomo, acreditou depois ser filho de

Michele Grimani, patrício veneziano e proprietário de um teatro, e certos aspectos do início de sua vida parecem confirmar isso, ao passo que outros supunham que ele fosse filho do administrador teatral Giuseppi Imer.

Os homens, entretanto, iriam desempenhar apenas papéis menores nos primeiros anos de vida de Giacomo. Seu avô e seu pai (ou "o marido da minha mãe", como algumas vezes, de maneira reveladora, ele o chamava) morreram ambos quando ele ainda era muito pequeno. As mulheres que o rodeavam na pequena casa da calle della Commedia ocupavam o centro do palco e esperavam sua atenção e cumplicidade. Porém — e no caso de sua mãe de forma mais dramática — de repente saíam de cena, deixando Giacomo sozinho no palco.

Zanetta Farussi, uma comediante pequena, orgulhosa e de uma beleza nada convencional, segundo os críticos da época, trabalhava profissionalmente com teatro numa época em que isso significava, para uma mulher, ter uma carreira dupla. Embora nem todas as atrizes fossem prostitutas ou cortesãs, não se tinha dúvida de que as mulheres dispostas a se submeter aos olhares voyeurísticos no palco também haveriam de favorecer seu público em recintos mais íntimos, em troca de bons contratos e do nome em destaque no programa. Isso era especialmente verdade em Veneza, e constituía uma das razões de a cidade ser um verdadeiro ímã para jovens turistas ricos do sexo masculino. Ter acesso ao camarim de uma atriz sugeria que aquele aristocrata, ou alguma outra figura eminente, poderia esperar favores mais delicados, a depender de sua capacidade de sustentar essa atriz, sua bolsa, sua profissão ou sua família. Zanetta Farussi, que no fim das contas era uma "estrela" do teatro de comédia de Veneza — além de Varsóvia, Dresden, São Petersburgo e Londres, onde era a atriz principal dos comediantes do teatro San Samuele — , não era avessa a empregar todos os seus encantos e talentos no sustento de sua família e de sua carreira, e tinha boas razões para isso. Aos 26 anos, já era viúva. Era dona de uma famosa beleza, além de reconhecida — comercialmente e por seu talento nos palcos — pelos meios de exportação da comédia veneziana, e ainda por cima era a única pessoa com renda naquela grande família de oito membros.

A casa da calle della Commedia, onde Zanetta abrigava a família, era

obscurecida de um lado por casas altas e repletas de apartamentos, e do outro pelos fundos do Palazzo Malipiero, que impedia por completo a passagem da luz, e também do barulho proveniente do Grande Canal, a apenas alguns metros de distância no ponto mais pronunciado da sua curva ao redor do *sestiere* San Marco. Em 1725, o teatro San Samuele também eclipsava a *calle* em uma das suas extremidades. Essa casa de espetáculos, onde a mãe de Casanova trabalhava, construída em 1655 e remodelada em 1747 não existe mais. A mãe deu ao filho o nome de Giacomo, a versão masculina de seu próprio nome: Giacometta (Zanetta na versão do dialeto veneziano), e não o nome do marido, o que teria sido mais usual. Possivelmente, isso também constitui um pequeno indício de que Gaetano Casanova não seria o pai de Giacomo.

Os avós maternos de Casanova viviam a apenas um grito de distância, na exígua Corte delle Muneghe, desde que tinham deixado Burano. O avô, sapateiro em uma zona ainda conhecida por suas famosas lojas de sapatos, chamava-se Girolamo, e este veio a ser o nome do meio de Casanova. Se isso serviu para amolecer o velho, que achava a carreira da filha e do genro pouco mais do que uma "abominação", não é muito provável. De qualquer forma, ele morreu nessa mesma época, dizem que de desgosto devido ao insensato casamento da filha com o teatro. A avó de Giacomo, Marcia, mostrava-se tolerante com a filha, agora que Zanetta também era mãe e assumia os cuidados do filho, que era enfermo e problemático.

Não é provável que Giacomo Casanova tenha algum dia se distanciado muito das portas do teatro San Samuele, não porque a mãe estivesse sempre trabalhando ali — vários anos da infância do filho ela passou em compromissos em outras partes da Europa — , mas porque seus avós também moravam à sua sombra. Ele foi criado na imunda Corte delle Muneghe (o apartamento da calle della Commedia parece ter ficado fechado nas ocasiões em que a mãe se encontrava no exterior) com três irmãos e uma irmã: Francesco, nascido em 1727; Giovanni, de 1730; Maria Maddalena Antonia Stella, de 1732, e Gaetano Alviso, nascido em 1734, depois da morte do pai. Juntos, os irmãos Casanova podiam correr por toda a Corte delle Muneghe, de uma ponta à outra.

As primeiras lembranças são sempre reveladoras. Dão início à narrativa que resolvemos construir para nós e, em um relato memorialístico de autodescoberta e revelação como a *História da minha vida* de Casanova, sua primeira recordação mereceu um destaque adequado. Ele afirmava não ser capaz de lembrar nada de seus primeiros oito anos de vida. Isso já seria bastante incomum, mas as primeiras imagens que se fixaram em sua mente, que ele pôde datar de agosto de 1733, quatro meses após seu oitavo aniversário, foram a de um terrível sangramento no nariz, de uma viagem à ilha veneziana de Murano para consultar uma ocultista e de uma visão que ele teve da Rainha da Noite.

Casanova simplesmente acreditava ter levado uma vida "vegetativa" até os oito anos, e que nesse período a sua alma era incapaz de pensamentos ou de memórias. Mas possivelmente algo mais interessante devia estar ocorrendo. Quando pequeno, ele sofria de repetidos sangramentos no nariz, e Marcia confiou em uma curandeira popular de Murano, cidade famosa desde essa época por seus trabalhos com vidro. Murano, que segundo Goethe era uma "Veneza em miniatura", também era, em todos os sentidos, mais próxima da primitiva Veneza que os Farussi conheciam tão bem: Burano e Torcello, onde os primeiros colonizadores da laguna, cheios de otimismo, cravaram suas estacas de madeira, e onde as antigas crenças ainda se mesclavam com o cristianismo e a ciência.

Em Murano, uma curandeira, muito provavelmente uma camponesa de Burano conhecida de Marcia, realizou um complicado ritual de encantamentos com Giacomo. Disse algumas frases no dialeto local, fez-lhe "inúmeras carícias", despiu-o, vestiu-o e depois colocou unguentos na testa dele. Aquilo lhe produziu uma impressão profunda. A "bruxa", como ele a menciona, também disse que Casanova receberia a visita de uma "senhora encantadora", que apareceu naquela mesma noite ao lado de sua cama, usando anquinhas e um adereço de joias na cabeça, como uma deusa do palco, uma "Rainha da Noite".

Contudo, a fé e o amor que Marcia lhe dedicava parecem ter lhe produzido um efeito mais duradouro do que aquela estranha "visão". Raramente a mãe ou o pai lhe dirigiam a palavra, se é que o faziam, e todo mundo tinha por certo que aquele menino enfermo e calado era mentalmente retardado e morreria cedo: com a boca sempre aberta, ele

ficava brincando sozinho, em silêncio, e quase com toda a certeza ele próprio é quem provocava os sangramentos no nariz, explorando exagerada e insistentemente o seu corpo: era uma criança anormalmente autocentrada.

Depois da visita à curandeira, os sangramentos se tornaram menos frequentes. Marcia fez o neto jurar guardar segredo, e ele não contou nada a ninguém. A sólida fé da avó nos poderes ocultos deixou-o muito impressionado, assim como o desprezo que ela sentia pelas soluções que os profissionais da medicina lhe apresentavam. E não só os sangramentos foram afetados: a partir daquele momento, o menino pôde ficar de boca fechada e também falar com mais facilidade. Ele guardou o episódio e os mistérios a ele associados "no canto mais recôndito de uma memória que desabrochava". Foi o primeiro dos muitos segredos que ele teve com uma mulher: uma apresentação à sabedoria feminina, da qual muitas vezes ele abusou, mas que, inegavelmente, sempre mereceu seu profundo respeito.

A morte de seu "pai", Gaetano Casanova, por causa de um tumor cerebral aconteceu pouco depois da estranha experiência de Giacomo em Murano. Gaetano tinha sido medicado, sem qualquer resultado, com um produto antiespasmódico muito caro, à base de glândulas sebáceas de castor. Para Casanova, aquele foi um dos primeiros exemplos da credulidade dos pacientes e da charlatanice dos médicos do século XVIII. Mas antes de morrer, Gaetano garantira a seus filhos a promessa de proteção dos irmãos Grimani, proprietários de teatro, Alvise, Zuane e Michele, este último supostamente o pai natural de Giacomo.

Os Grimani chegaram à conclusão de que o estado de saúde do filho mais velho de Casanova exigia uma ação abalizada (ele continuava perdendo "400g de sangue por semana", apesar da menor frequência dos sangramentos, que se pensava "terem sido somente uns 18 [no total]"). No San Samuele, o menino causava visível embaraço à mãe e ao pai natural. Achou-se que uma mudança de ares poderia ajudar. Mais tarde Zanetta foi muito criticada, e não só por Giacomo, por "ter se livrado" dele. Mas enviá-lo para fora de Veneza, para os ares mais puros de Pádua, foi, na época, considerada uma iniciativa salvadora. Segundo os médicos, as perturbações sanguíneas do tipo que Giacomo tinha eram influenciadas pelo ar, e Veneza era reconhecidamente um lugar

pestilento. Alvise Grimani, tio dele, agiu com as melhores intenções ao intervir na reunião de família, insistindo que Giacomo fosse mandado para longe dali, defendendo também que o menino aparentemente imbecil fosse educado. Ele havia observado algo que ninguém percebera até então: aquele menino possuía uma mente voraz e fora do comum. Alvise Grimani, ele próprio um abade, ou clérigo secular, parece ter sido o primeiro a sugerir que o menino enfermo talvez tivesse vocação para a carreira eclesiástica.

Em 2 de abril de 1734, em seu nono aniversário, Casanova saiu de Veneza pela primeira vez. As velas de um *burchiello* o conduziram para longe do Grande Canal: era uma espécie de chalana imensa, com cabines nas extremidades e um convés comprido e baixo no nível da água, "como a Arca de Noé … as camas espalhadas pelo chão, onde todos nós nos misturávamos". Eram oito horas de navio até Pádua. O menino de nove anos ia acompanhado da mãe, do "tio" (o abade Grimani) e de um *signor* Baffo, escritor que morava no Campo San Maurizio, nas vizinhanças. Baffo, "um gênio sublime e poeta de estilo extremamente sensual", era amigo de Zanetta, e esta ligação, junto com as conhecidas atenções de Goldoni para com ela, podem sugerir que, ao menos em parte, Casanova herdou seus interesses literários da mãe. Baffo foi o único adulto, durante aquela viagem, que o aplaudiu em um incomum momento de observação e raciocínio, algo que Casanova jamais esqueceu.

O pequeno Giacomo despertou na barca baixa e viu as árvores, possivelmente as primeiras que via após os primeiros anos de sua infância em Veneza, onde não havia parques. As árvores pareciam se mover ao longo da margem. Quando sua mãe lhe disse, "com pena", que era o barco que se movia, e não as árvores, Casanova conta que, nesse momento, propôs a hipótese de que então era possível que a Terra girasse em torno do Sol, e não o contrário. Sua mãe o ironizou, porém Baffo ficou impressionado: "Você está certo, meu menino", disse ele. "Sempre raciocine com lógica, e deixe que os outros riam." Ao construir sua narrativa sobre si mesmo, o adulto Giacomo deu uma importância exagerada a esse pequeno conselho, e também ao episódio que lhe deu origem.

Pádua não foi uma cidade da qual mais tarde Casanova se lembrava

com afeição. O pequeno grupo de Veneza deixou-o em um albergue piolhento, administrado por uma eslava. Zanetta pagou a ela seis meses de hospedagem: seis cequins, ou cerca de 200 libras. A senhoria disse que aquilo não era suficiente, mas Zanetta foi embora assim mesmo. E Casanova escreveu, com o ressentimento que sempre o marcou em relação à mãe, por toda a vida: “Livrou-se de mim.”

PRIMEIRO ATO, CENA II

Na escola em Pádua

1734-38



"Era o aplauso … e a glória literária
que me punham no pináculo da felicidade."
GIACOMO CASANOVA

O abade Antonio Maria Gozzi, professor, violinista e sacerdote, tinha 26 anos, era "gorducho, modesto, tinha modos cerimoniosos" e morava com o pai e a mãe, ambos sapateiros, quando Giacomo Casanova chegou a Pádua para ser seu aluno. Era doutor em direito civil e canônico, amante da música e da teologia, um solteiro convicto, com uma biblioteca eclética cujas prateleiras pôs à disposição do jovem. Ali havia volumes que iam desde a astrologia contemporânea até obras clássicas da arte erótica popular, como a *Satyra sotadica de Arcanis Amoris et Venus*, de Nicholas Chorier, que Giacomo parece ter lido. Gozzi também tinha uma jovem irmã muito atraente, Bettina, "a moça mais linda da nossa rua", segundo Casanova.

Gozzi era o tutor ideal para o menino intelectualmente faminto de nove anos. Ele deveria receber como pagamento 40 *soldi*, ou a undécima parte de um cequim, por mês, mas parece que logo se tomou de entusiasmo pelo trabalho e pelo novo aluno. Giacomo não sabia escrever, e por isso, para sua humilhação, teve de ser colocado em um grupo de garotos de cinco anos.

No princípio, Giacomo se viu amargamente infeliz e com saudades de casa. Porém, progredia rapidamente nas aulas e em suas relações com Gozzi. O abade logo se deu conta de que aquele novo aluno dormia mal devido a suas péssimas acomodações e resolveu tirar satisfações com a

senhoria. Ela lançou sobre a empregada a culpa pela infestação de piolhos em Giacomo e bateu nele assim que Gozzi foi embora. Entretanto, foi forçada a tratá-lo melhor, já que era evidente que alguém da localidade estava olhando pelo menino, ainda que sua família não o fizesse. A saúde de Giacomo logo melhorou.

Passados seis meses, Gozzi já o tinha nomeado *proctor*, uma espécie de líder dos alunos, responsável pela correção dos deveres de casa, e o convidou para morar com sua família. Juntos, ele e Giacomo escreveram a Marcia Farussi, aos Grimani e ao *signor* Baffo, dando detalhes sinistros sobre a vida dele na hospedaria de Pádua e insinuando que ele iria morrer por maus-tratos caso permanecesse lá. Não houve resposta imediata dos Grimani, nem de Baffo, porém Marcia tomou o primeiro *burchiello* para Pádua. Como era analfabeta, alguém precisou ler-lhe a carta. Ela tirou Giacomo do albergue e o entregou, depois que ambos fizeram uma refeição na pensão onde ela passara a noite, ao abade e a sua família. Nas 48 horas que permaneceu na cidade, Marcia organizou o futuro imediato de Giacomo: pagou adiantado pela sua instrução e mandou rapar sua cabeça tomada por piolhos. Os Gozzi deram-lhe uma peruca loura para esconder a cabeça pelada, mas com suas espessas "sobrancelhas, e os olhos negros", aquilo logo expôs o garoto a outro tipo de provocações.

Nos dois anos seguintes, os Gozzi trouxeram Giacomo para o coração da família. Vicenzo e Apollonia Gozzi viviam deslumbrados por terem um filho sacerdote, e ainda mais porque um dos seus alunos, louvado como "um prodígio" por ter aprendido sozinho grego em um dos livros de Gozzi, estava hospedado na casa deles. Como escreveu Casanova, a única filha deles que sobreviveu, Elizabetta, ou Bettina, foi a primeira "que, pouco a pouco, acendeu em meu coração as primeiras centelhas daquele sentimento que mais tarde se tornou minha paixão dominante". Ele tinha então dez anos.

Durante aquele primeiro ano em Pádua, Giacomo foi chamado uma única vez por Zanetta a Veneza: ela estava para aceitar a oferta de um contrato-teatral na distante São Petersburgo. A visita dele à terra natal, em 1736, ficou marcada em suas lembranças pela justaposição de sua velha família veneziana — teatral, vulgar, artística — com a nova "família" de Pádua, na qual já tinham como certo que ele seguiria a

carreira eclesiástica. O jovem Gozzi nunca tinha ido a Veneza antes, e Giacomo gostou de poder mostrar-lhe o encanto cosmopolita da cidade, para não falar de sua mãe, que estava tão "maravilhosamente linda que meu pobre professor se viu em uma situação bastante desconfortável". Ele também teve a consciência da lacuna existente entre a formação intelectual e a teatral: sentiu-se constrangido diante da mãe, que não se continha e flertava com o padre tímido do interior. No entanto, desfrutou pela primeira vez a aprovação dela.

Talvez Marcia a tivesse convencido a ver o menino tímido e enfermo que ela mandara embora com outros olhos. Em menos de um ano, o garoto que antes todos consideravam idiota se tornara brilhante, questionador, febril, capaz de se sentar à mesa e entusiasmar o grupo com seu domínio do latim. E ele foi mais longe. Houve um jantar na casa de Baffo, na esquina do Campo San Maurizio, junto da igreja. À sombra do campanário inclinado, um dos convidados, um inglês admirador de Zanetta, decidiu provocar o esperto filho dela com uma antiga charada lasciva:

Discite grammatici cur mascula nomina cunnus

Et cur femineum mentula nomen habet[a]

Giacomo resolveu enfrentar o desafio. E em vez de simplesmente traduzir, como lhe pediu a mãe, decidiu responder na mesma moeda. Escreveu para o inglês um pentâmetro perfeito, sob a forma de piada:

Disce quod a domino nomina servus habet.[b]

O grupo aplaudiu ruidosamente e o inglês deu seu relógio a Giacomo como presente de congratulações.

Zanetta imitou o gesto, mandando que buscassem seu relógio para dá-lo de presente a Gozzi, que ficou tão perturbado quando ela o beijou em ambas as faces que se retirou, ruborizado, para o quarto que dividia com Giacomo no San Samuele. Mais tarde ele disse ao aluno que a resposta dele fora "magnífica", e Casanova passou a considerar aquele momento, no pequeno *palazzo* no Campo San Maurizio, como o início de seu desejo pela glória literária, "pois o aplauso daquele grupo me colocou no

pináculo da felicidade". Pela primeira vez ele fora publicamente reconhecido pela mãe e pelos homens letrados mais velhos, e tudo isso por demonstrar sua sabedoria precoce. Aquela foi uma noite muito estimulante.

Passados exatos quatro dias, Gozzi e Giacomo foram embora de Veneza, mas não antes que o "tio" de Giacomo, o abade Alvise Grimani, lhes desse mais dinheiro para a compra de livros, e que Zanetta, curiosamente, enviasse por eles presentes para Bettina: uma peça de seda veneziana, famosa por seu lustro, e 12 pares de luvas. Ela não desejava que o filho ficasse exclusivamente na companhia do canhestro Gozzi, e seu instinto de mãe lhe dizia que talvez o menino gostasse de Bettina por outros motivos, os quais ainda nem compreendia. Em termos práticos, Bettina era quem cuidava do cabelo de Giacomo, e sua mãe queria que ele se mantivesse longe das inconvenientes perucas.

Bettina era muitos anos mais velha que Giacomo e costumava se referir a ele como "minha criança". No início, ele foi uma boneca para ela. A história é contada do ponto de vista de Giacomo, de modo que jamais saberemos se Bettina de fato o seduziu quando ele tinha apenas 11 anos, mas, segundo a narrativa dele, esse primeiro encontro romântico e sexual foi orquestrado mais por iniciativa dela do que dele. Isso tem o sabor da verdade adolescente: simples e ao mesmo tempo longe de ser pura. Todos os dias ela lhe dava banho. Fazia comentários sobre as mudanças no corpo dele, tocava-o, fazia-lhe cócegas. Achava graça da sua "timidez", ao passo que ele se via no paroxismo da dúvida de como enfrentar a situação. Sabia que desejava mais. E sabia que ela também queria. Ele se sentia confuso e sem saber o que fazer.

Ela tricotou para ele algumas meias, e no início de certa manhã, quando costumavam se reunir no quarto dele, levou-as para verificar se tinham ficado boas. O irmão dela estava celebrando a missa.

> Quando ela me calçava as meias, disse que minhas coxas estavam muito sujas e de imediato começou a lavá-las sem perguntar nada … Eu sentia vergonha por deixar que ela me visse, embora jamais pudesse imaginar que fosse acontecer o que em seguida aconteceu. Sentada em minha cama, Bettina estava levando longe demais o seu zelo pela limpeza, e a curiosidade dela despertou em mim uma sensação voluptuosa, que não cessou até não poder crescer mais … Parecia-me que eu a havia desonrado.

Foi dessa forma que Giacomo recordou sua primeira experiência sexual, num estilo que, pela ação e a retórica, tornou-se sua marca característica. O clímax, o seu primeiro, quase poderia se perder nos detalhes da sedução, e na atribuição de intenções e consequências à parceira e a si mesmo.

Desde o início ele se via intrigado com o desejo e as reações de suas parceiras, tanto quanto com os dele próprio, e ficava tão atrapalhado quanto qualquer outro adolescente diante dos confusos sinais das meninas. E também sofreu, ou desfrutou, uma reação imediata, e que não é incomum nos garotos daquela idade, da mesma maneira que nos adultos, e parece que ali ele ejaculou sem que seu pênis tivesse sido tocado.

Com Bettina, tudo chegou ao fim, fisicamente, antes mesmo de começar e Giacomo ficou aturdido e agitado. Com o ardor de um bom colegial católico, ele decidiu que a única maneira de compensar a desonra da irmã do abade seria casar-se com ela. Bettina parece não ter levado a coisa muito a sério: ela prometeu-lhe que aquilo não aconteceria de novo, mas logo começou a planejar levá-lo a um baile vestido de mulher, como sua acompanhante. Mais tarde ela lhe deu explicações detalhadas do que se passou depois: ela permitiu que Candiani, um menino mais velho, entrasse no seu quarto, em circunstâncias que Casanova, talvez corretamente, interpretou como um insulto a ele, além de ser uma prova da crescente promiscuidade dela. Ao descobrir Casanova espiando do lado de fora do quarto de Bettina, Candiani aplicou-lhe um chute na barriga. Giacomo então começou a imaginar uma vingança. Depois, a moça declarou que Candiani a estava chantageando por causa de sua obsessão por Giacomo. Mesmo hoje não é possível descobrir a verdade. Nos dias seguintes, Bettina foi tomada por uma série de convulsões violentas. Em meio a toda aquela confusão e alarme — a *signora* Gozzi estava certa de que a filha tinha sido enfeitiçada por uma bruxa — , Giacomo encontrou um bilhete de Candiani para Bettina que incriminava a ambos: “Assim que me levantar da mesa, irei para seu quarto. Você me encontrará lá … como já aconteceu outras vezes.” Como um cavalheiro, Giacomo escondeu o papel que, algo característico dele, só lhe provocou muitos risos. Até que foi feito o diagnóstico de Bettina: varíola.

Esses dramas domésticos tragicômicos não parecem ter afetado os estudos de Casanova, e tampouco parecem ter sido percebidos por Gozzi. Giacomo continuou com as suas atividades e Bettina se recuperou, embora a doença tenha lhe deixado marcas. Ela e Candiani mal se falaram depois disso, e dois anos depois ela se casou com um sapateiro da vizinhança. Com esse episódio Casanova deu início a um costume que durou sua vida inteira, permanecendo grande amigo da moça que ele chamava de seu "primeiro amor". Em 1776 ele esteve ao lado dela, em seu leito de morte.

Nesse meio-tempo, Zanetta tinha viajado para São Petersburgo e voltado para a Itália. Ela recebera convites para atuar na corte do rei da Polônia e em Dresden, e nunca mais voltaria a viver em Veneza.

Casanova sentiu-se animado com o fato de ela deixar em definitivo a infância dele. Até menosprezou o choro do pequeno Giovanni, de oito anos, o único dos irmãos de Casanova que acompanhou Zanetta a Dresden, considerando-o um indício de que "ele não era particularmente inteligente, pois não havia nada de trágico naquela viagem da mãe".

Ele retornou a Pádua e aos estudos. A jactância por ter se graduado doutor em leis com apenas 16 anos foi por muito tempo tida como fruto de uma mentira, mas tempos depois foi provado que era um fato. Em seu discurso sobre lei canônica, ele apresentou uma tese a respeito dos direitos dos judeus de construir sinagogas, questão muito controversa na época. E sobre magistratura civil, escreveu acerca do direito de herança. Os registros de Pádua deixam claro que ele se formou em 1741, tendo ingressado na universidade em 1737, com 12 anos de idade, mesmo estando em Veneza a partir de 1739. No final da adolescência, várias vezes ele se deslocou entre as cidades, como um relutante aprendiz junto a um advogado de Veneza, quando na verdade o que pretendia era ser médico.

A família Grimani provavelmente o empurrava para o direito canônico e para a maior respeitabilidade da Igreja. Mais tarde, Casanova escreveu que ele repetia para todo mundo que a sua verdadeira vocação era a medicina, "mas os meus desejos não foram levados em conta". Seu treinamento em legislação, enquanto isso, impregnou-o do que se tornaria uma desconfiança permanente das leis e dos advogados. Mas ele empregou muito bem seu tempo livre: com seu interesse instintivo e

atávico pela medicina popular, teve aulas de medicina, física e química fora da universidade, no instituto científico La Salute, e desenvolveu o hábito de se autodiagnosticar e depois se tratar por conta própria.

No entanto, sua família estava correta, até certo ponto, na escolha de uma carreira eclesiástica para ele. Se a tivesse seguido, ela o teria afastado do teatro e o colocado na direção da respeitabilidade, ao mesmo tempo em que lhe ofereceria um palco perfeito para sua capacidade retórica. Porém, outros de seus talentos e suscetibilidades puseram fim à pretensão de oficiar naquele altar específico, ou de adorar com regularidade em santuários de alguma ortodoxia que não fosse a sua própria.

---

[a] Ensinai-nos, gramáticos, por que *cunnus* [vagina] é uma palavra masculina, e por que *mentula* [pênis] é feminina?

[b] É porque o escravo toma o nome do seu senhor.

PRIMEIRO ATO, CENA III

“Torno-me um pregador”

1739-41



“Era belo e garboso, um conhecedor de vinhos e um epicurista;
a mente era aguçada por um vasto conhecimento do mundo,
tinha a eloquência dos venezianos, e ainda … vinte amantes.”
CASANOVA DESCREVENDO MALIPIERO,
SEU PRIMEIRO ÍDOLO ARISTOCRATA

“ELE ACABA DE CHEGAR DE PÁDUA, onde estava estudando na Universidade”, foram estas as palavras usadas para apresentar o jovem desengonçado pelos arredores do *sestiere* San Marco, o bairro mais elegante de Veneza. Agora, Casanova era um rapaz diferente daquele menino sossegado e enfermiço que cinco anos antes fora levado embora, a bordo de um *burchiello*. Era muito alto para a idade, com quase 1,85m, a altura que atingiu na maturidade. Achavam-no de uma inteligência elevada e também muito bem-educado, o que era verdade, e na pequena paróquia de San Samuele ele foi acolhido com entusiasmo pelo pároco. O padre Tosello o conduziu de gôndola pelo Grande Canal, da *piazetta* em frente ao presbitério até o Patriarca de Veneza, na praça São Marcos, para ali receber a tonsura e ser iniciado nas quatro primeiras ordens sacras. A cerimônia ocorreu no dia 17 de janeiro de 1740.

Esses eram os quatro primeiros passos em direção à carreira eclesiástica, embora não implicassem o seu ingresso definitivo ou a plena aceitação do sacerdócio. Mesmo assim, Marcia Farussi recebeu a notícia da elevação de seu neto mais velho como o seu “maior consolo”. A ascensão ao título de “abade” o tornou notório na região, como se ele já não o fosse antes, com aquela estrutura frágil, os cabelos encaracolados

como um esfregão e o olhar extremamente franco. Ele se tornou uma figura permanente na missa e, mais tarde, no púlpito. Sua posição, sobretudo depois de determinada apresentação muito oportuna, proporcionou-lhe o acesso aos salões da sociedade veneziana, o que ia muito além das expectativas do simples filho de uma atriz, e lhe deu acesso aos muitos conventos de Veneza, onde inúmeras jovens estudantes e outras moças se encontravam relutantemente reclusas.

De volta a Veneza, Casanova instalou-se a princípio no apartamento da família na calle della Commedia, junto com o irmão Francesco. A mãe deles ainda pagava pela manutenção do imóvel. Os meninos foram deixados à sua própria conta, já que a avó se ocupava com as crianças menores, na apertada Corte delle Muneghe. Em teoria, Giacomo deveria ficar sob a guarda do "tio", o abade Grimani; na prática, seu ingresso na sociedade veneziana aconteceu após sua apresentação, por intermédio do padre Tosello, ao dono do *palazzo* ao lado da igreja e do Grande Canal, um ex-senador espirituoso para quem nada havia de mais agradável do que a companhia dos jovens.

Segundo o relato de Casanova, Malipiero, então com 70 anos, era rico em bens materiais e em méritos pessoais, uma pessoa sociável e feliz por viver cercado de jovens interessantes, assim como por um círculo de "homens de sabedoria e inteligência e … de senhoras que gostavam de viver intensamente". Ele era uma das personalidades mais importantes de Veneza, mas também tinha tudo para reconhecer os talentos de Giacomo e ajudá-lo. O padre Tosello sabia muito bem disso: a sua paróquia era bastante mundana e relaxada em sua atenção às práticas da Igreja, e embora as profissões e a reputação posteriores de Giacomo tornassem risível o fato de seus amigos e sua família o terem julgado adequado para a Igreja, aos olhos dos paroquianos, do pároco de San Samuele e do senador Malipiero, ele passava por um cura perfeito.

O abade Casanova passou a ser convidado regularmente para os jantares do imponente Palazzo Malipiero. Na época, este dispunha (como ainda hoje) de um dos maiores e mais amplos *portegos* — o saguão que antecede o grande salão de baile — no Grande Canal, que se estendia por quatro metros e abria cinco janelas para uma das mais belas vistas de Veneza, desde o canal até o Ca'Rezzonico. Depois de bater na porta com uma aldrava enorme com a forma de um grande Hércules se

contorcendo e de pisar sobre o mármore xadrez do *portego*, Giacomo entrou em um mundo novo e elegante, que achou muito a seu gosto. Sob as folhagens que se derramavam por sobre os brasões de Malipiero, pendurados por todos os cantos do palácio e vigiado de cima por deuses e deusas desnudos, o abade adolescente subiu em um palco inteiramente novo. Travou conhecimento com um grande número de "senhoras da alta sociedade … e também com senhoras respeitáveis", que por sua vez levaram muito a sério o educado jovem recém-chegado e o apresentaram a suas filhas, estudantes em conventos locais.

Ao sussurro das marés e ao som do vozerio sobre o mármore do *portego*, Malipiero "foi infundindo o sólido preceito da discrição" em Giacomo: orientou-o a jamais se vangloriar de suas amizades com mulheres ou da facilidade com que, na qualidade de clérigo e de *protégé* do senador, elas o acolhiam em seus círculos.

O extravagante *portego* do Palazzo Malipiero, com todas as suas 35 vigas iluminadas pelos reflexos vindos do canal lá fora, projetava verdadeiros refletores teatrais sobre o jovem ator Casanova. Aquele *portego*, o maior ambiente interior de toda a paróquia, mais amplo do que o teatro San Samuele e mais comprido do que a igreja, representava o primeiro passo para se ingressar na verdadeira sociedade veneziana. Era um palco que requeria presença e equilíbrio, coisa que Malipiero reconheceu e alimentou em Giacomo. O *palazzo*, imerso no refinado e romântico cinismo da velha Veneza, tornou-se o mundo dele, ampliando-lhe as expectativas da carreira eclesiástica e dos excitantes jogos dos salões da sociedade. Ele se encontrava a menos de dez metros do local onde nascera, porém via-se arrastado para um mundo novo e estonteante de oportunidades.

Veneza, tantas vezes descrita como uma cidade fechada e decrépita, a oligarquia mais restrita do *Ancien Régime*, era também, por ironia, uma das mais democráticas. Malipiero em seu palácio, Zanetta em seu camarim e Marcia na Corte delle Muneghe viviam a poucos metros um do outro, atingidos pelas mesmas marés, oprimidos pela mesma umidade e pelos intermináveis sermões de Tosello. Giacomo foi abençoado, o que não era incomum, por ter sido encontrado pela grande personalidade local no interior de uma paróquia à beira-mar como a de San Samuele. Os oligarcas de Veneza guardavam para si os seus direitos e privilégios

— a história de Casanova, em um dos seus níveis, é a de alguém que se atreveu a tentar atravessar as barreiras de classe — , mas eles também queriam ter acesso aos talentos e entusiasmos da juventude das imediações.

E como se não bastassem as conexões e os desejos obscuros naquele microcosmo veneziano, o senador de 70 anos estava apaixonado. O objeto de seu desejo voyeurístico era uma vizinha dos Casanova, pessoa intimamente relacionada com a família de Giacomo. Teresa Imer era a filha de 17 anos do ex-patrão e amante de Zanetta Farussi no teatro San Samuele: o empresário Giuseppe. Os jardins do Palazzo Malipiero tinham vista para a residência dos Imer, que do lado oposto dava para a movimentada Corte della Duca Sforza, onde os frequentadores do teatro desciam de seus barcos. Ali, à janela, nos seus 17 anos, Teresa Imer expunha seus grandes talentos de sedução enquanto praticava o canto. Naquela idade, ela era "bonita, voluntariosa e coquete", muito senhora de sua plateia, ali da janela do seu quarto. Malipiero ganhou a amizade de Casanova ao demonstrar confiança no jovem. Ele sabia que era muito velho para ser levado a sério como amante de Teresa, porém ficava furioso diante das solicitações profissionais dela e da mãe. Queixava-se a Casanova do comportamento das mulheres da família Imer, e começou a educá-lo para lidar com os truques das cortesãs profissionais.

A vida do jovem abade passou a girar em torno de suas idas à igreja, numa das extremidades da calle della Commedia, ao teatro, na outra extremidade, e ao *palazzo* que separava a *calle* do Grande Canal. Ele realizava pequenos serviços para o padre Tosello, e cada vez mais para Malipiero. Acostumou-se com a vida do *palazzo* e começou a se vestir e a se comportar de forma mais adequada ao seu novo cenário. Usava pomadas para fazer cachos em seu cabelo ondulado. Malipiero, o padre Tosello e Marcia o advertiram que suas maneiras e aparência estavam sendo notadas por toda praça São Marcos como pouco próprias para um aspirante ao sacerdócio. Malipiero, particularmente, esperava mais discrição de sua parte. Quando Casanova retrucou que *outros* abades eram vistos pela cidade de peruca e perfumados, Tosello convenceu Marcia a lhe emprestar a chave da casa da calle della Commedia. Certa noite, quando Casanova e seu irmão dormiam, ele entrou na casa e cortou a franja do rapaz. Foi um gesto deliberado para controlar o

comportamento daquele rapaz valente e vaidoso, que reagiu com verdadeira fúria adolescente, “tão grande que cheguei às lágrimas”. Ele chegou até a ameaçar o padre com um processo na justiça. Só foi acalmado pelo arrependimento da avó e pelo presente do senador Malipiero, que lhe pagou uma ida a um dos cabeleireiros mais badalados de Veneza, que reparou o dano com pinças de frisamento, palavras suaves e um penteado que estava na moda, *en vergette* (“em camadas”).

O episódio do corte do cabelo provocou o rompimento de Casanova com Tosello. Isso poderia parecer excessivo, uma vez que ele já fora tonsurado uma vez e que se vira forçado, pelas leis suntuárias venezianas, a adotar as vestimentas sóbrias de um abade. Mas ele jurou a Malipiero que jamais voltaria a pôr os pés na igreja de San Samuele. Malipiero respondeu-lhe que ele estava certo. (“Isso foi exatamente a forma de me levar a fazer o que ele esperava de mim”, escreveu Casanova muitos anos depois.) Em seguida, lançou-lhe um desafio. Como senhor local, Malipiero tinha o poder de sugerir um pregador para o púlpito de San Samuele um dia depois do Natal. Ele propôs o abade Casanova. Já o ouvira discorrer longamente entre os veteranos, pelos jardins do seu *palazzo*, ao longo do canal, e ele próprio já discutira com o rapaz a respeito das manobras das mulheres da família Imer. “Que me diz? Isso lhe agrada?”

Casanova respondeu que sim. Estava decidido a “dizer coisas chocantes”. Com ousadia, escolheu para a festa de santo Estevão não uma passagem bíblica, mas uma das epístolas de Horácio: *Ploravere suis non respondere favorem speratum meritus* (“Lamentaram que os seus méritos não provocassem a gratidão que haviam esperado”). O título provou ser profético. Casanova ensaiou na casa da avó, que o escutava enquanto passava as contas do seu rosário e dizia que era “bonito”. Ele também o leu para Malipiero, que observou que o texto não era inteiramente cristão, mas aprovou a ausência de citações latinas e mandou-o mostrá-lo ao padre Tosello.

Casanova despachou uma cópia do texto proposto para Gozzi, em Pádua, que imediatamente lhe respondeu em carta exclamando que ele devia estar “louco”, enquanto o padre Tosello declarava que jamais permitiria que semelhante sermão, que nada tinha de bíblico, fosse pronunciado em San Samuele. Ele propôs a Casanova que este lesse um

de seus sermões. Mas Casanova, cheio da obstinada determinação da juventude, jurou que apelaria aos censores venezianos, e se necessário ao próprio patriarca de Veneza, para provar que nada havia de subversivo em seu sermão. Por fim, Tosello acabou cedendo.

Casanova obteve certa aclamação ao recitar o seu sermão, e a bolsa de coletas angariou-lhe "quase 50 *zecchini* … quando eu estava com uma enorme necessidade de dinheiro, … juntamente com algumas cartas de amor, e tudo isso me fez pensar seriamente em tornar-me um pregador".

Aquela foi sua segunda experiência de aprovação pública e intelectual. Como aconteceu na ocasião de sua espirituosa réplica ao admirador inglês de sua mãe, esse acontecimento despertou nele um amor pelo desempenho e o improviso diante de uma plateia. Mas aquele prazer teve vida curta. O padre Tosello pediu-lhe que realizasse nova pregação no dia 19 de março de 1741, dia de são José, e o segundo sermão de Casanova, na igreja de San Samuele, acabou sendo o último.

No dia marcado, aceitou também um convite para jantar com alguns aristocratas que ele conhecia: o conde de Montereale e algumas pessoas da família da mulher com quem este pretendia se casar. Casanova sentia-se tão seguro de si que não se preocupou em decorar o texto, tampouco em não beber durante a refeição. Subiu no púlpito, aquele mesmo de seu triunfo anterior, e "teve um branco". "Ouviu-se", escreveu ele mais tarde, "um murmúrio baixo pela plateia irrequieta" — observemos que ele não se referiu à mesma como uma congregação. "Vejo as pessoas se levantando, acho que ouço risos … Posso assegurar ao leitor", prosseguiu, "que nunca pude saber se apenas fingi que desmaiava ou se desmaiei de fato." De qualquer modo, ele caiu no chão do púlpito, sofreu um corte profundo na cabeça e foi carregado para a sacristia. Humilhado, embalou suas coisas e retornou a Pádua para terminar sua graduação em direito, "renunciando à profissão" de pregador. Entretanto, por algum tempo permaneceu como homem da Igreja, e passados alguns meses já estava de volta a Veneza, na esperança de que o seu malogro como pregador tivesse sido esquecido.

PRIMEIRO ATO, CENA IIV

Entran Lucia, Nanetta e Marta

1741-43



"Elas disseram que, como eu era inteligente, não podia deixar de
saber o que faziam duas moças, que eram boas
amigas, quando estavam juntas na cama."
GIACOMO CASANOVA

O JOVEM CASANOVA NÃO PERDEU sua virgindade com nenhuma das candidatas mais prováveis: a sobrinha do padre Tosello, pela qual se apaixonara, ou Lucia, uma criada de pouca idade que conheceu no Vêneto e insinuou que com o maior prazer lhe prestaria tal serviço. Ele era um jovem católico demasiadamente cheio de escrúpulos para aceitar os avanços de Lucia, e Angela Tosello não queria se casar por causa da opção dele pela carreira religiosa. Mas Lucia e Angela tornaram-se as "rochas gêmeas eminentemente formadas para … pôr a pique [a sua virgindade]", isso pelo fato de orientarem sua formação em direções diversas. Ao escrever sobre sua iniciação sexual ele deu a ambas a posição de estrelas, já que tanto o excitaram como o informaram. Entretanto, havia duas outras jovens, amigas de Angela — as irmãs Savorgnan, Nanetta e Marta — , que juntas levaram Casanova para a cama que as duas compartilhavam, quando ele tinha 17 anos.

Angela Tosello passou muito tempo no presbitério de San Samuele, junto do Grande Canal, embora sua família possuísse uma casa nas imediações, atrás do teatro, na calle Nani. Ela e Casanova se conheceram quando ele estava *en route* para o gabinete do padre Tosello, a fim de mostrar-lhe uma cópia de seu sermão horaciano. Ela se sentia totalmente tranquila com a ideia de aceitar os avanços dele, contanto que visassem

ao casamento. Aquele “perfeito dragão da virtude”, embora também tivesse apenas 17 anos, insistia que ele renunciasse à carreira eclesiástica por ela. Foi a determinação dele em adotar o véu veneziano da promiscuidade clerical que os separou.

Nas longas horas que Angela passava bordando, as irmãs Savorgnan vinham fazer-lhe companhia, e as três moças ficavam escutando os esforços de Casanova para impressioná-la. Essas sessões parecem ter acontecido no presbitério e na casa da *signora* Orio, tia das duas irmãs. As moças tinham uma professora de bordado e, na qualidade de sacerdote aspirante, Casanova tinha permissão de estar presente nas aulas: pela tradição, enquanto costuravam, as moças também podiam ouvir textos e sermões inspiradores. No final, “exasperada além da conta”, Angela concedeu a Casanova um pequeno favor: disse-lhe que a “abstinência a fazia sofrer tanto quanto a ele”. Mas, declarou, ela já consentira em ser sua esposa, e isso devia bastar-lhe. Se ele não estava disposto a desistir do sacerdócio, ela também não estaria disposta a conceder-lhe um beijo.

Escrevendo já como um idoso *roué*, Casanova claramente se divertia diante da própria ingenuidade juvenil e seus impulsos conflitantes. Ele não queria nem a parcial satisfação sexual que Bettina lhe oferecera nem associar-se a mulheres casadas que fizessem dele seu brinquedinho. Aspirava por um tórrido caso de amor, no estilo veneziano, mas não queria nem pensar em casamento. Pretendia continuar a carreira eclesiástica, mas jogar também o jogo do amor, tal como todos ao seu redor faziam: um amor fidalgo, consciente, sequencialmente monogâmico e livremente disponível para os sacerdotes. Desejava pequenos favores, mas quase sentia uma insegurança — “tendo, eu próprio, um tipo de virgindade” — com relação aos termos em que desejava o “grande prêmio”. Angela o deixava furioso, “e eu já estava achando aquele amor um tormento”.

Quando a primavera de 1741 ia se transformando em verão, Casanova aceitou o convite para ir à casa de campo do conde e da nova condessa de Montereale. Era costume, naqueles tempos, e ainda o é, passar os meses mais quentes, quando a laguna ficava infestada de insetos, em propriedades rurais distantes, no Vêneto — aquela parte da velha república veneziana situada no continente italiano. Os venezianos que

tinham amigos ou patronos entre a nobreza — clérigos, artistas, atores, músicos — esperavam ser incluídos nessas festas domésticas, escapando assim do calor entorpecente e dos "mosquitos devoradores", descritos por um visitante chocado como "cheios de todos os venenos da África". Para Casanova, o convite dos Montereale foi a fuga perfeita dos tormentos, semelhantes entre si, dos vapores do verão veneziano e de Angela. Porém, outro tormento, ainda que ligeiramente diverso, aguardava-o em Pasiano, a residência de campo dos Montereale, perto de Friuli.

Lucia era a filha de 14 anos do caseiro de Pasiano. Ela tinha "a pele branca, os olhos negros … já era desenvolvida, como as moças da cidade são aos 17", escreveu Casanova, e "olhava para mim com tanta franqueza, como se eu fosse um antigo conhecido". Como Bettina, Lucia parecia ingênua, e também como Bettina, seu caso com Casanova não se consumou de maneira satisfatória, embora este tenha enchido nove páginas para descrevê-lo. Pela primeira vez, o escritor viu uma mulher plenamente formada saltar da sua memória para o texto. Ao narrar seus encontros, ele cai, por instinto, na terminologia do teatro:"Reentra Lucia, acabada de sair do banho." Ela era a perfeita *ingénue* do palco: a criadinha camponesa, de modos livres, sem quaisquer afetações ou marcas; uma criança da natureza que se sentava todas as manhãs na cama dele para lhe servir o café. Os pais dela pediam apenas que ele tentasse ampliar a mente da menina.

Casanova se deleitava com aquilo, congratulando-se por estar vencendo aquela batalha contra a tentação, algo que raras vezes pôde repetir depois, e decidiu por fim que o melhor caminho para isso seria o de privar Lucia de sua companhia. "Incapaz de resistir por mais tempo, e no entanto cada dia mais amoroso, precisamente por causa daquele remédio de colegiais [um raro exemplo de confissão de masturbação]", ele decidiu pedir que ela o deixasse em paz. Lucia riu e concedeu-lhe todos os favores, a não ser "a coisa mais essencial", nas horas que passavam naquelas carícias adolescentes, que faziam Casanova sentir-se ao mesmo tempo desprezível e frustrado. "O que nos tornava insaciáveis", escreveu ele, "durante onze noites seguidas [que se seguiram] era aquela abstinência, da qual de todas as formas ela tentava me dissuadir." Decidiu que preferia o papel de cavalheiro e de "padre".

Seu cavalheirismo parece ter se estendido até chegar ao sexo oral, mas ele estava determinado a não tirar a virgindade dela ou, da mesma forma, perder a própria. Achava que ela era muito inocente e confiante para que pudesse se aproveitar plenamente dela.

Em parte, essa história é um prelúdio do que aconteceu quando ele retornou a Veneza. Porém ele a considerou uma lição sobre as suas responsabilidades, tanto na qualidade de amante quanto na de libertino. Pouco depois da sua visita, Lucia fugiu com o mensageiro dos Montereale, um "notório patife que a seduzira". Casanova sentiu-se culpado: "Eu me orgulhei e me envaideci", escreveu, "por ser virtuoso o bastante para deixá-la virgem, mas depois me arrependi, envergonhado daquela minha estúpida contenção. Prometi a mim mesmo que no futuro haveria de comportar-me de maneira mais sábia, pelo menos no que se referisse à contenção. O que me deixava mais infeliz era pensar que … ela não iria lembrar-se de mim sem ódio, … como causa original de seus infortúnios." Essa era uma posição bastante sofisticada: além de desfrutar as alegrias da carne, ele também queria ter certeza de que deixaria nas amantes uma recordação positiva do seu encontro, e que a posição delas como mulheres seria fortalecida com isso. Mesmo aos 17 anos, ele rejeitava a ideia de fazer marcas no pé da cama, fosse em seu nome ou no de suas "conquistas".

Embora se irritasse pelo fato de alguém inferior ter sido bem-sucedido em algo que ele optara por não ser, sua principal preocupação era com Lucia e o lugar ocupado por ela em seu coração. Quando se deu conta de que ela fugira, ele ficou "angustiado". E anos mais tarde, ao encontrar Lucia em Amsterdã como prostituta de baixa categoria, ele culpou a si mesmo pela trajetória daquela vida. "Um medo que não vejo mais em minha natureza, … um pânico aterrorizado das consequências, fatal para a minha futura carreira, impediu-me de me alegrar plenamente." Isso não se prolongaria por muito tempo.

Com essas ideias na cabeça, ele retornou a Veneza em setembro de 1741 e se surpreendeu quando se viu na posição inesperada, ainda que muito bem-vinda, de objeto de uma sedução resoluta. Nanetta e Marta Savorgnan eram parentas distantes e "amigas íntimas" de Angela, além de "repositórios de todos os segredos dela". Nanetta tinha 16 anos, a irmã era um ano mais moça. A *signora* Orio, a tia com quem elas

moravam, alugava parte da casa, situada na Salidas San Samuele, atrás da igreja, e mantinha um aposento no quarto andar para as sobrinhas e, de vez em quando, para Angela.

Foi Nanetta quem tramou o plano, comunicando-o ao abade Casanova, para que este fizesse amizade com sua tia, via Malipiero, e assim conseguisse um convite para visitar a casa. Uma vez lá dentro, Nanetta fingiria acompanhá-lo até a porta ao final da tarde, mas, em vez disso, o levaria para o quarto andar em uma noite em que Angela estivesse lá. Era uma aventura muito arriscada, na qual as três moças eram cúmplices.

De certa forma, o plano funcionou, pois todos se trancaram no quarto, em setembro ou outubro de 1741, bem longe da tia ou dos inquilinos. As moças começaram a dar risinhos quando a última vela derreteu. "Éramos quatro pessoas … e eu era o herói daquela peça", escreveu Casanova em seu estilo típico. Mas naquela primeira noite a coisa acabou se tornando farsesca. As meninas o provocavam, riam, e Angela se recusava a se aproximar dele no escuro. Ele perdeu a paciência e lhe dirigiu insultos. As meninas choraram, e Casanova também. Ele foi embora logo depois que a *signora* Orio saiu para a missa matinal. Não houve nada da noite de paixão que havia imaginado.

Ele então retornou a Pádua para receber seu diploma de formatura, um doutorado *utroque jure*, e, após dois meses de ausência, foi de novo convidado para a casa da *signora* Orio. Nanetta estava lá, e lhe afirmou que as meninas tinham se arrependido pelo comportamento delas naquele dia, e que Angela desejava repetir a "festa de pijamas". Casanova aceitou, mais pelo desejo de se vingar de Angela do que com esperanças de que ela afinal cedesse. Na tarde marcada, no entanto, apenas Nanetta e Marta apareceram. Disseram que não sabiam onde estava Angela, porém convidaram Casanova para dormir em sua cama, enquanto elas ocupariam o sofá. Fizeram-lhe juras de "afeição … e de eterna fidelidade", qualificando-o como "um verdadeiro irmão", e em seguida começaram a dispor sobre a mesa as duas garrafas de vinho do Chipre e a carne defumada que ele trouxera para si e para Angela, acrescentando pão e queijo parmesão que haviam surripiado da despensa da tia. Pela primeira de muitas vezes, a descrição que Casanova faz dos acontecimentos ganha credibilidade e colorido humano com a descrição

detalhada do que eles comeram.

Começaram com uma brincadeira de beijos e depois conversaram sobre Angela. Elas lhe contaram sobre uma brincadeira que fizeram certa noite, com Angela presente, quando uma delas fingiu ser o "querido abade de Angela [Casanova]", e as três fizeram muitas travessuras sobre a cama. Diziam as coisas mais absurdas possíveis e faziam todos aqueles preâmbulos dos adolescentes que pernoitam na casa de amigos, quando o ato de dormir é a última coisa que lhes interessa. Por fim, resolveram ir para a cama, como amigos. Casanova avisou que só conseguia dormir nu. As meninas lhe garantiram que ele podia tirar a roupa, pois elas não iriam olhar. E ele lhes disse que elas não corriam nenhum risco com a sua presença ali, pois "vocês são duas, e eu sou só um". E então, todos fingiram ir dormir.

O que se passou depois constitui uma das narrativas mais famosas e detalhadas de uma primeira experiência sexual — e uma das mais exóticas também. Dada sua particular mistura de detalhes relembrados com paixão, ainda mais porque esse tipo de encontro passou a ser tão comum para Casanova, e a inquietante intrusão do conhecimento das coisas do sexo, que deve pertencer mais ao escritor do que ao noviço, vale a pena citar a passagem na íntegra:

> Ficaram de costas para mim, e estávamos todos no escuro. Comecei com aquela para quem eu estava voltado, sem saber se era Nanetta ou Marta. Ela estava toda enroscada sob a camisola. Sem fazer nada que a pudesse assustar, fui agindo passo a passo, e da maneira mais gradativa possível, logo a convencendo que o melhor que ela tinha a fazer era fingir que dormia e me deixar prosseguir. Pouco a pouco, fiz com que ela se esticasse, pouco a pouco ela foi se endireitando, e pouco a pouco, com movimentos lentos, sucessivos — porém maravilhosamente naturais — ela se colocou na posição mais favorável para mim, sem se denunciar. Comecei minha execução, mas para coroar meus esforços seria necessário que ela também se envolvesse neles de maneira aberta e inegável, e a natureza afinal a forçou a fazer isso. Vi que essa irmã estava acima de qualquer suspeita [era virgem], fiquei surpreso imaginando a dor que ela devia ter sentido, [e então] deixei aquela vítima sozinha e me voltei para o outro lado, para fazer as mesmas coisas com a irmã dela … Vi que estava imóvel, na posição de quem dorme profunda e tranquilamente. Com as maiores precauções, e com toda a aparência de temer despertá-la, comecei por excitar sua alma [o clitóris], certificando-me, ao mesmo tempo, de que ela era tão intocada quanto a irmã. E continuei a dar-lhe o mesmo

> tratamento, até que, afetando a maior naturalidade, ela se moveu, sem o que eu não poderia ter coroado os meus esforços, e me ajudou a chegar ao triunfo. Mas ao chegar o momento decisivo, ela não teve mais forças para manter seu fingimento. Lançando fora a máscara [do sono fingido], agarrou-me entre os braços e comprimiu sua boca contra a minha.

Alguns minutos mais tarde, os três se levantaram, acenderam as velas e se lavaram "num balde, o que nos fez rir muito e renovou todos os nossos desejos". Depois, sentaram-se "segundo o costume da Idade do Ouro", comeram o que sobrara do pão e beberam vinho. Satisfeitos, passaram "o resto da noite em pelejas cada vez mais variadas".

O estilo preferido por Casanova ao revelar o seu primeiro encontro sexual pleno, ao mesmo tempo em que era uma marca característica sua, também estava impregnado das convenções literárias da época. Os amantes portavam máscaras encobrindo seus verdadeiros sentimentos, jogando uma partida de desejos compartilhados, porém não declarados. Deleitavam-se em pelejas, nas quais ele sempre atuava no papel de conquistador. Como homem de seu tempo, quer ele tenha sentido isso naquele momento ou depois, falava da boca para fora ao exaltar a virgindade, quando na verdade buscava perdê-la. Também existe, é inegável, algum matiz de coerção da parte do jovem, mais devido à literatura erótica do que à provável realidade do momento, embora seja também possível que as irmãs se sentissem coagidas.

Entretanto, os "triunfos" dos amantes deveriam ser mútuos, os seus momentos de clímax compartilhados, a amizade, duradoura. Casanova relembrou aquele seu ato sexual como uma cantiga de roda ridícula, que o fascinou como uma celebração da cumplicidade, sem quaisquer consequências ou perigos perceptíveis — embora para as meninas aquilo estivesse entrelaçado com ambas as coisas. O primeiro caso sexual amoroso de Casanova, com duas irmãs, reproduziu-se por toda a sua vida como um roteiro, apresentando outras irmãs, mães e filhas, e até mesmo freiras que moravam juntas.

Quando a velha *signora* Orio saiu para a missa, o jovem abade da paróquia escapuliu da casa, na segunda de muitas outras noites passadas ali. Ele, Marta e Nanetta continuaram sexualmente íntimos por muitos anos, e aquele primeiro encontro sexual triangular deixou-lhe marcas profundas. Revelou-se uma academia na qual ele pôde estudar a *ars*

veneris — como ele chamava as artes e as técnicas do amor e do sexo — , às quais ele iria se dedicar por tanto tempo. Certa vez, os três passaram uma noite inteira fazendo amor seguidamente. Mas também, admitiu ele, "esse amor, que foi o primeiro da minha vida, não me ensinou quase nada dos caminhos do mundo, pois era perfeitamente feliz, jamais perturbado pela menor discórdia ou maculado pelo mais leve egoísmo".

Também foi algo de que Casanova pôde se aproveitar mais do que as moças. Fez com que sua florescente autoconfiança sexual redobrasse, convenceu-o de que as mulheres podiam estar tão interessadas quanto ele no sexo sem complicações, e lhe proporcionou um local muito confortável para explorar o próprio corpo, e o delas. Marta, mais do que Nanetta, é que pode ter se lembrado das coisas de maneira bem diversa. Nanetta se casou pouco depois daquelas intermináveis noites de amor, enquanto Marta entrou para o convento de Santa Maria degli Angeli, em Murano, onde fazia de tudo para convencer suas pupilas mais jovens a ignorarem as atenções de certo Giacomo Casanova. Por fim, adotou o nome de madre Maria Concetta, declarando que perdoava Casanova pela participação nas experiências sexuais dela: sua alma eterna seria salva porque ela passaria o restante da vida em arrependimento. Suas últimas palavras para Casanova foram que ia rezar para que também ele se arrependesse de toda sua libidinagem.

Mas o jovem abade tinha outros planos.

Casanova nos dá três breves exemplos de suas inclinações mentais naquela época e de sua disposição de arriscar-se à censura da Igreja e de seus superiores naquela corrida precipitada para o oportunismo sexual. Dois desses exemplos envolvem cortesãs profissionais, o outro, uma noiva do campo. Da janela de seu quarto de dormir na Corte del Duca Sforza, Teresa Imer iniciara um flerte profissional que resultara em convites regulares para frequentar o *salon* de Malipiero. Ali, ela ficava perambulando até o fim da tarde, observando o Grande Canal da varanda, enquanto o senador dormia. Certa tarde, Casanova e ela viram-se ali juntos, sozinhos, e um deles — provavelmente Casanova — concebeu a ideia de "compararem as diferenças entre as nossas formas … com uma inocente alegria". Pode ter sido apenas isso, uma brincadeira infantil, se Malipiero não tivesse acordado inesperadamente, dado muitas bengaladas em Giacomo por seu descaramento e o

expulsado do palácio. Aquilo constituiu o fim temporário da relação de Giacomo com seu primeiro protetor aristocrático, porém foi o início de certa estima fraterna, que pela vida inteira ele nutriu por Teresa Imer.

Enquanto isso, ele conheceu outra namoradeira profissional, Giulietta Preati, de uma peculiar espécie de mulher veneziana: atriz-cortesã-musicista. Era uma jovem muito talentosa e linda, que aos 14 anos fora "comprada" de seu pai por um nobre, Marco Muazzo. Em troca de seus favores como amante, ela recebeu educação, frequentou a escola de música e, alguns anos mais tarde, viu-se em Viena interpretando o papel do castrato em uma ópera de Metastasio. Quando ela e Casanova se conheceram, em 1741, por meio do suspeito círculo de amigos de Malipiero, ela era uma experiente beldade profissional de 18 anos. No primeiro instante, eles não gostaram um do outro. Um ano depois, no entanto, após os encontros dele com Marta e Nanetta, ou ela percebeu ou ele declarou que não aguentava mais ficar longe da sua sofisticação mundana, e então ela lhe pediu que organizasse uma festa para ela. Ele concordou, arcou com as despesas e, entre outras pessoas, convidou a *signora* Orio e suas sobrinhas. A maior parte dos convidados era de amigos de Giulietta e, presumivelmente por isso mesmo, não vinha dos círculos mais comportados de Veneza.

Durante a festa, Giulietta cismou que ela e Casanova deviam trocar suas roupas para uma rodada de danças: ela usaria a sotaina e os calções do abade, e ele, o vestido e a maquilagem dela. O cabelo tonsurado dele era comprido o bastante para se fazer um coque. Mas se ela pensou que poderia triunfar naquela mascarada veneziana e ridicularizá-lo, estava enganada. O rapaz, cada vez mais seguro de si, despiu os seus calções, deixando-a ver "o efeito extremamente perceptível dos charmes dela sobre mim". Desceram juntos as escadas e, embora sua roupa de baixo estivesse toda "manchada dos notórios efeitos da minha incontinência" e que mais tarde Giulietta o esbofeteasse quando ele tentou mais uma vez fazê-la sentir sua ereção, ela ficou claramente surpresa por aquele garoto abade já saber se comportar como um experiente libertino.

De modo parecido, em uma viagem de volta à propriedade dos Montereale em Pasiano, onde antes ele encontrara Lucia, Casanova conheceu uma jovem noiva de certa simplicidade rústica. Ao deixarem a propriedade de carruagem, enquanto caía uma forte tempestade, ele se

aproveitou de forma inescrupulosa do medo que ela sentia dos raios para convencê-la a se sentar em seu colo, sob sua capa. E no final conseguiu "a mais completa vitória jamais obtida por um espadachim". Tinha 17 anos. Embora nas memórias ele se dê ao trabalho de pintá-la como um tanto tola e pretensiosa, sabendo das intenções dele desde o começo dos flertes, o episódio não transmite outra impressão dele senão a de um oportunista sexual. O homem que mais tarde declararia só desejar dormir com as mulheres pelas quais estivesse apaixonado é exposto pela própria pena. A jovem noiva riu daquilo, jurando nunca ter andado de carruagem com outro homem que não seu marido e comentando: "Nós aprendemos coisas estranhas com [Giacomo Casanova]." Quando ela saiu correndo da carruagem, o cocheiro ficou rindo. "Por que o senhor está rindo?", perguntou-lhe Casanova, imaginando a possibilidade de ele estar querendo tirar algum proveito daquela sedução forçada da noiva.

"O senhor sabe muito bem *por quê*", foi a resposta debochada do cocheiro, segundo Casanova.

PRIMEIRO ATO, CENA V

Seminarista nunca mais

1743



"Por fim, abandonei a Igreja em favor do Exército,
seguindo o princípio de que um uniforme é motivo
maior de orgulho do que uma coleira de cachorro."
GIACOMO CASANOVA

ENQUANTO GIACOMO CASANOVA INICIAVA sua singular carreira como mulherengo serial — o que lhe assegurou sua fama posterior — , sua mãe, que então se apresentava nos palcos da Polônia, continuava planejando para ele um futuro na Igreja. Em conformidade com a política eclesiástica do século XVIII, Zanetta Farussi, uma atriz de *commedia* desprovida de qualquer sentimento de devoção, foi, no entanto, capaz de convencer a rainha da Polônia, sua fã, a escrever para a filha, a rainha de Nápoles, propondo a indicação de um certo Bernardo de Bernardis, vigário-geral da Polônia e também admirador do teatro italiano, para o bispado da Calábria, que era subvencionado pela coroa napolitana. Em outras palavras, a mãe de Casanova foi capaz de ajudar na carreira de um companheiro italiano dela na Polônia, e o preço cobrado para isso foi de ele empregar seu filho. "Ele irá colocá-lo no caminho das maiores honras da Igreja", escreveu ela para Casanova no começo de 1743. "E imagine só a minha felicidade quando, daqui a 20 ou 30 anos, eu afinal puder vê-lo bispo!"

Diz Casanova que a sua cabeça deu voltas. Teria de deixar Veneza para trabalhar em Roma e no sul da Itália. "Adeus, Veneza … disse a mim mesmo … acabaram-se as brincadeiras, no futuro terei de preocupar-me apenas com as coisas grandes e substanciais."

Como qualquer jovem no auge da vida — se formos dar crédito ao velho que o relembra — , Giacomo Casanova possuía aquela mistura comum e desconfortável de autoconfiança controlada e medo mal reprimido. Sem dúvida ele sabia, mesmo aos 18 anos, que receber os votos sacerdotais plenos fazia parte da tradição veneziana, porém dificilmente seria a atitude de um homem honesto. Até aquela noiva em Pasiano conseguira dele a confissão de ser um homem de Deus pecaminoso. Contudo, a ambição, e o desafio de subir de acordo com ela, já era uma droga para Casanova.

Em 18 de março de 1743, Marcia Farussi morreu, a avó que Casanova adorava. Ele cuidou dela durante os últimos dias de sua doença. A perda teve alguns efeitos imediatos em sua vida. Os irmãos Grimani intervieram para administrar o espólio restante dos Casanova e disseram que Giacomo teria de deixar a casa da família e se instalar em uma acomodação mais barata, de aluguel. A mãe continuava na Polônia. Apesar, ou talvez por causa, de sua iminente elevação ao sacerdócio e de seus primeiros passos na estrada verdadeira e também na metafórica para Roma, ele começou a vender o mobiliário do apartamento da calle della Commedia. Primeiro foram as tapeçarias e a roupa de cama, depois os móveis e os espelhos venezianos. Embolsou o dinheiro todo, sem pensar nos irmãos (Francesco e Giovanni eram estudantes de arte, e Gaetano e Maria viviam sob os cuidados dos Grimani). Foi um ato irrefletido e raivoso, que desencadeou uma série de eventos de consequências imprevisíveis, mas que também revelou um egocentrismo essencial, um homem que acreditava que o mundo físico, cada pedacinho dele, constituía o seu próprio ambiente pessoal.

Uma das consequências de se encontrar subitamente sem casa foi a decisão dos Grimani de mandá-lo para o seminário de San Cipriano, do outro lado da laguna, em Murano, até o bispo De Bernardis convocá-lo para Roma. Ele entrou no seminário no final de março de 1743, e embora achasse “ridículo” ser colocado ali, parece ter aceitado a coisa de boa vontade, sendo recebido e encaminhado, junto com a cama e o colchão que os seminaristas eram obrigados a trazer, pelo padre Tosello. Quase confessou ao clérigo paroquial que se sentia fraco e nauseado depois de passar a noite anterior, como veneziano livre, fazendo amor entre os braços de suas “duas esposas” — segundo ele, até o pênis

sangrar, por medo de demorar muito tempo para quebrar o novo voto de celibato. Talvez tivesse sido uma atitude sensata, pois enquanto os outros riam da ideia de Casanova no seminário, ele agora considerava estar definitivamente "a caminho do papado".

Fato típico do jovem Casanova, sua principal emoção ao entrar em San Cipriano foi a de se ver ignorado pela instituição. Sentiu-se "insultado" quando o forçaram a se apresentar para um exame, insistindo, corretamente, que já era um doutor. Então, decidiu fazer-se de imbecil. Puseram-no em uma classe de gramática para estudantes de nove anos, até ser reconhecido por seu mestre de física de *la Salute*, em Veneza.

Em San Cipriano ele também parece ter retrocedido, de outras maneiras, a um comportamento mais infantil. Por exemplo: passou a sentir-se atraído por um "belo seminarista de 15 anos", com quem conversava sobre poesia e filosofia. Logo eles se tornaram inseparáveis. Os dormitórios dos seminaristas eram compridos, com camas individuais. Casanova explica em detalhes a tolerância dos padres com a masturbação dos meninos, embora uma das tarefas do prefeito fosse a de "certificar-se bem de que nenhum seminarista fosse para a cama com outro". De maneira surpreendente, o mais famoso amante heterossexual da história foi expulso daquele seminário por ter sido apanhado na cama com outro rapaz. Primeiro, o amigo de Casanova, inesperadamente, foi para a cama dele sem ser convidado. Casanova riu daquele ato arriscado e lhe disse para ir embora. Algumas noites depois, entretanto, ele cismou "de retribuir a visita do meu amigo". Mais uma vez, afirma que nada fizeram, a não ser rirem muito. Mas quando ele se esgueirou de volta para sua cama, encontrou-a ocupada: foi esse segundo companheiro de cama que provocou a expulsão. O prefeito acordou e viu a cama de Casanova com dois ocupantes.

No dia seguinte, os dois seminaristas foram punidos com oito chicotadas, o que deveria ter encerrado o problema, não fosse o conhecido ódio que Casanova tinha da injustiça e da hipocrisia. Com eloquência, afirmou seu direito de se queixar ao patriarca de Veneza e chegou a convencer seus colegas a jurarem que ele e o outro garoto jamais tinham sido vistos conversando.

O padre Tosello foi chamado e então Casanova ficou em confinamento solitário. O reitor do seminário se recusou a acreditar em outra coisa que

não em uma “cumplicidade escandalosa”. A intransigência e a relutância de Casanova em confessar seu ato ampliaram o escândalo a ponto de forçar os Grimani a mandar sua própria gôndola buscar a ele e a sua cama e os levar de volta a Veneza, em desgraça. Jamais se conhecerá a verdade.

Ele foi levado pelo padre Tosello para a comunidade dos jesuítas, de onde escapou em segredo para a casa da *signora* Orio, a fim de ver os seus “dois anjos”. Lá, não conseguiu, por causa da “preocupação … apesar das duas semanas [segundo ele] que passei em abstinência”, manter uma ereção. Sentia-se de fato perdido. Estava sem um tostão, sem amigos. Passava os dias na biblioteca de San Marco, esperando encontrar uma forma de afirmar sua inocência e resgatar sua reputação antes que o bispo chegasse da Polônia. Por motivos que não explica por inteiro, porém que provavelmente tiveram a ver com o escândalo no seminário, ele foi preso na *piazzetta*, ao vir da biblioteca para casa, e levado na gôndola dos Grimani para a fortaleza da prisão de Sant’Andrea, no caminho de Lido, “onde o Bucentauro se detém no Dia da Ascensão, e o doge celebra o matrimônio do mar”. Era um prisioneiro.

A simplicidade com que tanto as mulheres como os homens podiam perder a liberdade na Europa do *Ancien Régime* é um dos temas mais espantosos das memórias de Casanova. Para o leitor moderno, é assustadora, sobretudo em Veneza, a imensa facilidade que se tinha de acusar formalmente alguém. As moças eram levadas à força para os conventos. Os oponentes, os bêbedos, os endividados ou simplesmente quem tivesse ofendido algum cidadão poderoso não podiam contar com a lei para ajudá-los. Casanova parece ter sido encarcerado por ordens dos poderosos Grimani, seus próprios tios e “pai”, na esperança de que um choque curto e agudo levasse aquele jovem desgarrado de volta para o caminho eclesiástico da respeitabilidade.

Casanova passou seu 18º aniversário, no dia 2 de abril de 1743, como prisioneiro, mas um prisioneiro de notável vitalidade. Descobriu que um companheiro de cela se dispunha a pentear-lhe o cabelo caso ele escrevesse cartas para ele, e ainda vendeu a vestimenta clerical para obter maiores privilégios na prisão. Tinha um quarto com vista para a ilha de Lido, e fez amizade com a reduzida comunidade de pequenos

transgressores. Também ficou amigo da jovem esposa grega de um tenente aspirante, que precisava de alguém para redigir as petições em nome do marido. Ela se dispunha a pagar a Casanova com seu "coração", mas não ofereceu resistência quando ele requisitou outro órgão mais acessível. Como era um autor ambicioso, chegou a negociar o pagamento adiantado em três parcelas por seus escritos: sexo no ato do contrato, no primeiro rascunho e na correção das provas. E poderia congratular-se, como em qualquer aniversário ideal de 18 anos, caso as três sessões com a grega não lhe tivessem dado também o presente nada agradável da primeira dose de doença venérea.

De modo muito compreensível, Casanova ficou deprimido, amolado e ressentido. As irmãs Savorgnan puderam visitá-lo no Dia da Ascensão — a fortaleza da prisão era um local muito favorável para se assistir ao casamento do doge com o mar — , mas ele não foi capaz de corresponder aos seus afetos, pois estava passando por seis semanas de purgações, abstinência e *medicina spagirica*, que corroeram suas escassas economias no tratamento da gonorreia.

Foi libertado de Sant'Andrea, por ordem dos Grimani, quando estes sentiram que ele aprendera a lição, e também na expectativa da chegada do bispo De Bernardis a Veneza. Alguns dias depois, Casanova se encontrou com o novo bispo de Martorano "pela graça de Deus, da Santa Sé e de minha mãe". Conversaram em latim. Ficou combinado que viajariam em separado para Roma, porém lá se juntariam para seguir até Nápoles e depois para a nova sede do bispado, em Martorano, na Calábria. Casanova iria por mar de Veneza até Ancona. Deu adeus aos seus "dois anjos" na *piazzetta* São Marcos, com dez *zecchini* dados pelos Grimani e 45 dele mesmo, e partiu "com o coração alegre, sem nada a lamentar".

FIM DO PRIMEIRO ATO

INTERMEZZO

Casanova e as viagens no século XVIII

"Sinto prazer simplesmente em estudar a humanidade enquanto viajo."
CASANOVA PARA VOLTAIRE, 1760

"Foi minha quarta aventura sexual daquele tipo, o que não era incomum para um homem que viajava sozinho e em carruagem de aluguel."
CASANOVA, A RESPEITO DAS VANTAGENS DAS ESTRADAS DO SÉCULO XVIII

CASANOVA TORNOU-SE UM ADEPTO da arte de viajar. Ainda sobrevivem, no arquivo de Praga, suas anotações rascunhadas de tudo o que em geral levava consigo, o que incluía, em ocasiões variadas, uma lata de café e uma de açúcar, condimentos italianos, um fogareiro e um urinol. Por suas memórias espalham-se referências às comodidades e às realidades mais duras, assim como aos prazeres acidentais de se viajar numa idade em que tudo pode acontecer e o tempo, em certo sentido, fica em suspenso, pois ninguém sabe ao certo quanto vai durar aquela jornada. Isso se ajustava perfeitamente ao seu espírito improvisador, tanto que ele nos deixou uma enorme riqueza em informações sobre a primeira grande era das viagens de lazer. E seguidas vezes temos a impressão de que ele de fato se viciou em viajar, tornando-se um dos grandes praticantes desta arte, capaz de divertir a si mesmo e aos que o cercavam pelo pouco ou muito tempo que passassem juntos naquela estrada.

Na Europa do século XVIII, havia quatro modos de se viajar por terra. As pessoas que, como Casanova, com frequência estavam na estrada, podiam possuir carruagem e cavalos próprios, mas eram poucos os que tinham condições para isso. Podiam ter sua própria carruagem e alugar os cavalos no percurso — e por isso as jornadas se dividiam em postos, ou estações. Também era possível alugar o veículo e os cavalos ao longo do caminho, ou então enfrentar os mal-educados passageiros das diligências públicas.

Casanova parecia gostar, em vez de procurar evitar, o contato humano tão próximo que as viagens proporcionavam. Dito isto, dos estimados 64.060km que percorreu na vida — uma distância impressionante se pensarmos que, de modo geral, era preciso um dia inteiro para se percorrer a distância que hoje leva uma hora — , ele realizou quase a metade disso em carruagens que possuiu temporariamente ou que alugou. Comprar e vender a carruagem ou o coche no seu destino era um método muito conhecido de se passar mercadorias pelas fronteiras, e Casanova, que quase sempre se instalava nas cidades por tempo indeterminado, fez isso em pelo menos quatro ocasiões.

Ele menciona mais de 20 diferentes tipos de veículos, desde as caleças de teto dobrável e os faetontes abertos até os *diables*, as *diligences*, as *mantices* italianas e as ágeis*solitaires*. Os coches e as *chaises* recebiam diversos nomes pela Europa, porém todos seguiam dois modelos básicos — a não ser para a neve russa. Havia os carros de duas rodas, ou *chariots*, e as carroças e os coches de madeira, com quatro rodas. A *chaise-de-poste* francesa, de duas rodas, era a mais comum, e não as grandes carroças de quatro rodas, que até hoje sobrevivem em grande número.

Essas carroças de quatro rodas, das quais muitas das diligências públicas eram variantes mais antigas e pesadas, eram cobertas por tetos duros e suspensas por braçadeiras e molas de aço acima da verdadeira "carruagem", ou estrutura inferior, à qual as rodas ficavam presas. A forma nos é familiar, uma vez que ela é a clara precursora dos compartimentos dos trens de hoje em dia, ainda que as dimensões fossem mais exíguas nos tempos de Casanova, o que sempre o levava a um contato físico mais próximo, às vezes por dias, com seus companheiros de viagem. "A largura usual para os ocupantes no interior … era de 1m para duas pessoas e 1,25m para três pessoas em cada banco [*vis-à-vis*]. A altura do assento desde o chão era de 36cm, e até o teto ficava entre um 1,05m e 1,15m." Era muito apertado, sobretudo para um homem alto.

As carroças francesas eram ligeiramente mais cômodas. Essas *diligences* eram chamadas às vezes de gôndolas, pois se balançavam muito sobre as molas e eram adequadas apenas para as novas estradas de posta, construídas por Luís XV. Tinham três janelas pequenas de cada lado e

ficavam penduradas por braçadeiras de couro sobre carretas compridas, com as rodas traseiras muito altas e as da frente mais baixas. Em 1770, Charles Burney, viajando em uma dessas, observou que, embora os bancos fossem feitos para quatro pessoas, muitas vezes nos fins de semana sentavam-se cinco pessoas de cada lado. Também de maneira característica, sua forma era oval, o que facilitava os encontros sociais, ainda que também significasse que as pessoas ficavam com os joelhos muito juntos.

Dizia-se que a *diligence* Paris-Lyon era a mais veloz de toda a Europa, viajando a uma velocidade recorde, e na época vertiginosa, de 8km/h. Casanova não gostou nada de sua primeira experiência a tal velocidade, a caminho de Paris em 1750. Sentiu tanta náusea que achou que seus companheiros de viagem o tivessem considerado uma má companhia, o que em seu livro constitui um insulto raro.

Os passageiros travavam rápido e íntimo conhecimento enquanto eram tomadas as providências para a viagem. Não havia como evitar toda aquela proximidade com pessoas cuja confiança, sobriedade, padrões morais ou de higiene eram totalmente desconhecidos. Numa época de fidalguia, onde por hábito os sexos eram segregados, as viagens juntavam homens e mulheres. Os mais idosos e enfermos não viajavam, tampouco as crianças, de modo geral. Por diversas razões, viajar era considerado uma atividade perigosa e em grande parte masculina, na qual a reputação de uma mulher era imediatamente colocada sob suspeita.

Pior, porém, que o perigo — dos percevejos, dos batedores de carteiras ou dos assaltantes de estrada — era o tédio. Levava cinco ou seis dias para se viajar de Roma a Nápoles, dois para ir de Londres a Dover, e muitas semanas para se chegar a São Petersburgo por terra ou por mar. Os longos dias e noites passados em grande proximidade com o mesmo grupo, que não tinha nenhum conforto — estava maldormido e irritadiço por causa do calor e da roupa suja — , eram bem diferentes dos romances de estrada em que Casanova costumava se concentrar. Em geral ele começava suas viagens no meio da noite, e “jogava cartas, contava histórias etc., coisa tão natural [nesta] situação que nem vale a pena mencionar”. Por isso, o alívio que novos companheiros de viagem lhe proporcionavam — a ele, uma pessoa encantadora, ator, imitador,

contador de casos, sempre disposto a agradar — mal pode ser descrito. Ele até costumava providenciar as refeições com base no que viera a saber das preferências de seus companheiros de viagem.

Não existia o culto do campo na Europa de Casanova, ou mesmo no coração dele. Como a maioria dos viajantes da época, ele procurava fazer passarem mais depressa aqueles tão alardeados 8km/h através dos campos com mal disfarçada saudade da cidade. Os rios eram apenas obstáculos. As montanhas eram encaradas com terror, antes que o terror ficasse na moda. Suas descrições da travessia dos Pireneus, em 1768, do Piemonte em 1769, e sua opinião de que a paisagem ali era superior à dos Alpes, que ele já atravessara diversas vezes, constituem uma rara exceção nos relatos de viagens da época. De fato, ele nos fala mais sobre o campo do que quase todos os outros escritores desse período, embora se concentrasse mais nas pousadas e em seus hóspedes, de preferência na paisagem humana e nas comidas campestres do que na própria paisagem.

A travessia dos Alpes era um risco a mais naqueles exóticos encantos da Itália. Nesse ponto, o viajante tinha de apear e transpor os cumes finais de mula ou cadeirinha. Era difícil, e muito caro, levar bagagem, embora alguns chegassem a pagar para que desmontassem e transportassem suas carruagens pela passagem do Mont Cenis. A viagem de mula sobre os Pireneus impressionou Casanova como uma bela aventura, porém os Alpes foram um desafio vertiginoso. Charles Burney descreveu a algazarra dos cocheiros e condutores de mulas enquanto desarmavam as carruagens e as punham sobre os animais. Como Casanova, ele diz que durante a subida era melhor não olhar para baixo, "como a mulher de Lot, ou a de Orfeu", e achou a descida muito mais assustadora, pois não dava para não olhar.

Muitos preferiam as rotas marítimas para a Itália, partindo do sul da França, pegando uma *felucca* de Antibes ou Nice até Gênova. Isso também tinha seus perigos: a *felucca* ia parando de porto em porto, arriscando-se a enfrentar águas turbulentas e rochas. Casanova quase naufragou na costa de Menton, o que também aconteceu com um irmão mais moço de Jorge III, que morreu em Mônaco, dizem que em decorrência do enjoo causado pelo mar.

Talvez a forma mais saudável de viajar fosse a usada na longa trilha, a

leste, para a nova capital russa de São Petersburgo. Uma vez que grande parte do comércio russo era feito com países bálticos e escandinavos, com a Holanda e a Grã-Bretanha, a ida em geral era feita por mar, e a cidade tinha sido planejada exatamente para atender a essa demanda. Casanova, entretanto, viajou de Berlim para a Rússia por terra. Partiu de Berlim no inverno de 1765 e retornou durante a estação chuvosa seguinte, em setembro, numa carroça-dormitório, ou *schlafwagen*. Na Rússia, essas carroças podiam ser acopladas a um chassi de trenó ou a rodas, e ofereciam aos passageiros um recinto fechado, acolchoado, forrado de couro e com um leito duplo. Em seu regresso, sua companheira de viagem foi uma atriz francesa que ele conheceu em São Petersburgo. Ela retribuiu sua companhia e a leitura de um poema libertino, que ele compôs para ela, com uma infecção venérea.

Como nativo de Veneza, as viagens marítimas deveriam ser a preferência natural de Casanova. Ele crescera ao som das ondas suaves da laguna batendo sobre o Fondamenta San Samuele; aprendeu a remar antes de aprender a cavalgar. Mesmo assim, sofria de sérios enjoos nas travessias do canal, indo e vindo da Inglaterra. Estava mais habituado às embarcações venezianas. O *burchiello* em que viajou para Pádua, em 1734, era o tipo preferido de embarcação em Veneza e no Vêneto. Em Veneza, o transporte diário de mercadorias e de gente era, é claro, feito pelas gôndolas. Estima-se que poderia haver algo como 20 mil delas em 1750. Embora nas pinturas desse período as gôndolas se assemelhem muito às suas equivalentes modernas, em um aspecto importante elas diferiam: eram muito mais elevadas em relação à superfície da água. As gôndolas originais dos séculos XVIII e XIX não se ajustariam às pontes mais baixas de Veneza, e isso se explica apenas em parte pela subida do nível do mar e pelo afundamento gradual das construções. Naquela época, as gôndolas ficavam 30cm acima da superfície da água.

A *História da minha vida* de Casanova é um dos relatos mais abrangentes sobre o que significava viajar no século XVIII por quase todos os países da Europa. É muito mais vasto do que as memórias dos *grand tourists*,[a] que se preocupavam apenas com a França, a Itália e certas regiões da Alemanha e da Suíça. A narrativa de Casanova, no entanto, faz um contraponto importante à perspectiva rarefeita e anglocêntrica. Ele pegou carona, foi assaltado, viajou ao lado de nobres

e cortesãos, navegou em navios de escravos para Corfu e Istambul, e remou ele mesmo em meio a tempestades, e por distâncias consideráveis, entre Murano e Giudecca, em Veneza. Além de compor uma história da viagem — com os pedágios, as interrupções, as 27 moedas diferentes e os 471 itens monetários que tinha de negociar e trocar, os perigos e os prazeres de se deslocar pelo mundo numa época em que tão poucos o faziam — , suas viagens explicam muito sobre sua pessoa.

O viajante inveterado, que não parava quieto num lugar, num relacionamento ou numa profissão, pode parecer um arquétipo dos tempos atuais, mas na verdade esse arquétipo data, no mínimo, de Casanova. Sua relação com os lugares era a mesma que tinha com as pessoas: uma ideia de experiência ou, na realidade, de conquista que revela a inquietação de seu espírito. Mas tudo aconteceu em uma época de relativa paz e estabilidade, de aceitação dos estrangeiros — em particular dos venezianos — e de um surto de crescimento econômico nas novas cidades do início da Era Moderna. E ele também encontrou um novo estilo para moldar as suas memórias: a narrativa de viagens. Como aconselhava um contemporâneo dele: “Todo viajante deveria ter dois objetivos em vista: primeiro, divertir-se, depois, transmitir aos amigos todas as informações que obteve.”

---

[a] O *Grand Tour*foi um itinerário de viagens de europeus de classe alta, que floresceu a partir de aproximadamente 1660 até o advento das viagens de trem, nos anos 1840. (N.T.)

Segundo Ato

SEGUNDO ATO, CENA I

A estrada para Role Nápoles

1743-45



"O homem adequado para fazer fortuna em Roma deve ser como um camaleão … Insinuante, impenetrável, atencioso, muitas vezes humilde, ostensivamente sincero, sempre fingindo saber menos do que sabe, com total controle da sua aparência, e também frio como gelo. Se odiar a falsidade, é melhor sair de Roma e procurar a sorte em Londres."
GIACOMO CASANOVA

ORSARA, NA COSTA DA CROÁCIA, era a primeira parada de uma das rotas tradicionais para Roma, ao sul, que ziguezagueavam através do mar Adriático. Continua sendo um pequenino porto, "mal merecendo esta classificação", porém ali Casanova fez amizade com um monge franciscano de cabelos vermelhos, que por sua vez o apresentou a outro clérigo, que o convidou para uma refeição e por fim para ir até o seu presbitério. Pela primeira vez em suas memórias ele menciona as vantagens de uma boa comida típica para elevar os ânimos: naquela ocasião, foi servido peixe frito com azeite de oliva, acompanhado de vinho tinto de Friuli.

Ele também se sentiu atraído pela empregada do sacerdote e ficou constrangido por não poder levar adiante o que descreve como *ela* procurando seduzi-lo, por receio de infectá-la. Entretanto, sua avidez venceu os escrúpulos e, após decidir que tomaria "certas precauções" para evitar o remorso pelo "imperdoável pecado" de, de modo consciente, passar adiante uma infecção, ao chegar a hora ele "deu-lhe o tratamento que ela estava esperando". Um tratado científico da época afirma que uma infecção não pode passar do homem para a mulher se a

ejaculação for evitada ou ocorrer fora da vagina, o que pode ter sido a "precaução" que ele pretendia tomar. Para os padrões da época, Casanova era bem informado: antes de sair de Veneza, solicitou que um amigo escondesse toda a sua coleção de "livros proibidos". Mas, é claro, estava errado ao pensar que aquela precaução poderia proteger sua parceira.

Depois, Casanova navegou para Pula, mais abaixo na costa croata, local de impressionantes ruínas clássicas, em companhia do amigo franciscano, frei Steffano, que lhe prometera mostrar como viajar para Roma pedindo esmolas, como são Francisco. Foram juntos de barco para Ancona, na costa da Itália, onde sabiam que seriam forçados a permanecer por algum tempo em quarentena: havia pouco tempo ocorrera uma epidemia de peste em Messina, na Sicília, que tinha contatos comerciais com Veneza.

Casanova escreveu cartas em nome de Steffano, solicitando donativos em igrejas locais, para que pudessem se alimentar durante a quarentena e na viagem para Roma. Esse era o meio tradicional de se financiar as viagens dos clérigos pobres, e os franciscanos, com seus hábitos de amor à natureza e votos de pobreza, eram particularmente bem-vistos pela população. Em pouco tempo, Steffano e seu companheiro foram recompensados com comida e "vinho para nos sustentar a todos [durante 28 dias de quarentena]". As coisas estavam prestes a melhorar ainda mais. Um mercador turco, acompanhado de uma jovem escrava grega, juntou-se a eles na quarentena. A escravidão era característica do Império Otomano. Tendo pouca coisa com que se ocupar, Casanova logo achou estar apaixonado pela escrava. Eles conseguiam conversar através de uma porta de madeira toda lascada, de uns 12 a 15cm de largura, que separava a varanda dele do pátio onde ela fazia exercícios, e em poucos dias eles já haviam tramado um plano para fugir juntos.

Tinham feito grande esforço para chegar a uma união física direta, arrancando tábuas da varanda para ela poder se esgueirar pelas frestas. Evidentemente, Casanova a convencera, e talvez a si mesmo, de que se apaixonara quando ela sugeriu que ele a comprasse e a tirasse da escravidão, dizendo-lhe que poderiam fugir juntos com as joias que ela roubaria de seu dono. Mas ele não quis saber disso: frustrado pelos impedimentos físicos entre eles, apesar de aparentemente ela ter se

oferecido para fazer sexo oral, enquanto ele se encontrava “nu como um gladiador”, Casanova hesitou diante da ideia do roubo e usou isso como pretexto para terminar com os sonhos de liberdade da jovem. Os amantes impedidos foram flagrados por um guarda, e aquela nova encenação de Píramo e Tisbe terminou de forma bastante cômica para o jovem abade, embora não tanto para a escrava. Ele foi liberado da quarentena e declarou estar com o coração partido, porém partiu imediatamente a pé para Roma.

A estrada de Ancona era percorrida tanto por gente rica quanto pelos mais pobres. “O lugar é tão belo quanto qualquer outro, na Itália”, escreveu um viajante, “mas a estrada é muito ruim”. O abade Casanova e o frei Steffano planejavam viajar juntos, porém algumas tensões tinham surgido entre eles. Os dois faziam um par cômico: o veneziano esbelto e elegante, com seu novo redingote azul-claro e os calções de verão de linho, junto daquele monge de cabelos vermelhos, que Casanova descreve como um grosseirão sempre falando alto, um homem “esquisito e imundo”, curvado pela batina de franciscano, com os enormes bolsos cheios de salsichas, pão e vinho, tudo roubado. Eles discutiam a todo instante. O senso de humor de Steffano se resumia a piadas escatológicas e brincadeiras obscenas, e Casanova percebeu também que ele se sentia pouco à vontade com as mulheres. Mas tinha experiência com a estrada, e também, como religioso, podia lhe ensinar muita coisa a respeito de viajar de carona como clérigo. Casanova achava que uma pessoa jovem podia cobrir os 250km de Ancona a Roma em cinco dias, mas Steffano declarou que só faria o percurso em alguns meses, caminhando, em ritmo contemplativo, cerca de cinco quilômetros por dia. Casanova então partiu sozinho para a primeira etapa, de 24km, até Loretto, o que conseguiu fazer em um dia.

Ali, quase imediatamente, reencontrou a prodigiosa boa sorte que seria a marca característica de toda a sua vida — ou pelo menos de suas memórias. O manto hospitaleiro da Igreja proporcionou-lhe abrigo e assistência. Foi reconhecido como intelectual e abade e bem acolhido numa confortável residência particular. Deram-lhe banho, ofereceram-lhe *chianti* e lhe conseguiram um barbeiro — embora se deva observar que, malgrado sua confiança e vasta experiência em questões sexuais, que poderiam despertar a inveja em muitos jovens de sua idade, aos 18

anos Casanova ainda não fazia barba.

Os dois jovens clérigos se encontraram novamente em Macerata, onde discutiram e acabaram chegando às vias de fato quando Casanova se sentiu ultrajado por Steffano ter rezado a missa e recebido confissão de uma família local. Mais uma vez eles se separaram, depois de percorrido menos de um terço do caminho até Roma. Em seguida, Casanova foi assaltado na estrada, perdeu a carteira em uma mesa de hospedaria e sofreu todos os tradicionais tormentos do viajante inexperiente, além de outros que lhe eram particulares: após conseguir um leito na casa de um vigia de província, recebeu a visita do seu hospedeiro, nu e embriagado, quando "o mais honesto policial dos Estados papais" — recorda Casanova (imagina-se que não sem ironia, é claro) — tentou violentá-lo. Em consequência, à medida que a viagem progredia, o ritmo de Steffano era a prova de que a tartaruga de fato acaba vencendo a lebre. Ele continuou a alcançar o assediado Casanova, e a salvá-lo, para em seguida partir na direção de Roma em sua velocidade de lesma.

Certos lares hospitaleiros aos quais Steffano se apresentou com o amigo, em nome de são Francisco, foram mais acolhedores do que outros, e alguns deles se revelaram verdadeiros covis, diferentes de tudo o que Casanova já presenciara. Eles foram atacados por duas mendigas bêbadas, com as quais dividiam uma cabana à beira da estrada. No escuro, Steffano brandiu a esmo o seu bordão, machucando um cachorro e um velho. Relutante, Casanova teve de se entregar a uma "mulher feia, de uns 30 ou 40 anos", e recordou-se que naquela etapa inicial de suas aventuras ele concluiu que "sem amor esse grande negócio não passa de algo muito desprezível".

Eles caminharam de Foligno a Pisignani e a Spoleto. O relato de Casanova constitui um dos poucos testemunhos sobre as estradas italianas do século XVIII, que *não foram* vistas das janelas do *vetturino* de um *grand touriste*. Em Otricoli ele afinal convenceu uma carruagem que passava a levá-lo até Castelnuovo, pagando quatro *paoli* papais (o dinheiro veneziano não era aceito tão ao sul), e depois prosseguiu a pé os últimos quilômetros até Roma. Caminhou durante a noite para chegar lá. Possivelmente, fez isso levado pelo desespero, ou para evitar o calor, mas também parece provável que ele se apressasse à luz da Lua pela simples emoção de finalmente estar realizando o sonho de chegar a

Roma… e de se encontrar mais uma vez no caminho certo para se tornar bispo.

Quando por fim chegou ao mosteiro Minimita de San Francesco de Paola ai Monti, em Roma, descobriu que não conseguira alcançar Bernardis e que por isso teria de partir imediatamente para o sul, até Nápoles. Era novembro de 1743. Mas ele também chegou tarde a Nápoles. Bernardis já viajara, sem esperar o novo secretário, para assumir a sé em Martorano, 200 milhas romanas mais ao sul. Tinha deixado um bilhete para Casanova, instando que o seguisse o mais cedo possível.

Martorano e o novo palácio do bispo provocaram uma decepção dolorosa em Casanova. A sé encontrava-se totalmente falida. O palácio não passava de uma ruína medieval. Quase não tinha mobílias. Os livros que algum dia deviam ter existido ali haviam sido vendidos ou roubados, e os que tinham sido encomendados para formar uma nova biblioteca ainda não tinham chegado de Nápoles. A comida era horrível. Não havia ninguém para se conversar. Casanova procurou saber se existia na cidade uma sociedade literária, ou alguma vida intelectual, e o bispo — que Casanova descreve como gentil e afetuoso — ficou "desconcertado" ao se dar conta do "pobre presente que me dera". Casanova ficou tão chocado com o atraso da Calábria e com a perspectiva de ter de trabalhar ali que chegou a sugerir ao bispo que ambos fugissem juntos em busca da sorte. Bernardis riu e o liberou de suas obrigações. Deu-lhe cartas de apresentação para membros influentes da Igreja em Nápoles e o abençoou, lamentando todo aquele episódio: soubera na mesma hora que Martorano jamais seria um palco adequado para o ator ambicioso que era Casanova, e por isso mandou-o trilhar o próprio caminho.

O posto pelo qual o bispo tanto lutara em Varsóvia não passava de uma ruína. A vida era difícil na Calábria, como Casanova supunha mesmo que seria, e passados dois anos o novo bispo estava morto.

Casanova partiu novamente para Nápoles. Sentia-se inseguro com relação ao que o aguardava e estava mais cauteloso depois de suas primeiras experiências na estrada. *En route*, recorda ele, "dormia sempre vestido com meus calções… precaução que julguei necessária em um país onde são tão comuns os desejos antinaturais", mas a caminho da baía de Nápoles, pela estrada que na época era pavimentada com a lava

do Vesúvio, sentiu que retornava a salvo para o caminho de Roma e para o seu evidente destino em meio aos altos postos da Igreja.

Como quis a sorte, uma das cartas de apresentação que o bispo De Bernardis fornecera a Casanova era endereçada a um senhor em Nápoles que precisava de um instrutor de poesia para seu filho de 14 anos, função para a qual o abade Casanova se adequava perfeitamente. Alguns dias após sua chegada, ele e seu novo pupilo, Paolo Gennaro Palo, já tinham publicado algumas odes, escritas por ocasião da entrada de uma jovem *débutante* para o convento. Os versos do abade Casanova, assim como seu nome, foram reconhecidos por um primo distante, dom Antonio Casanova, pessoa muito bem estabelecida no circuito social e literário de Nápoles. Por conseguinte, logo Casanova foi adotado pela sociedade napolitana.

Estava fascinado por Nápoles, como continuou sempre a ser, mas naquela primeira visita ele se sentiu pouco à vontade em sociedade, sem confiança suficiente para enfrentar os que desconfiavam que ele surgira do nada. Mas ao ficar evidente que poderia ser apresentado à rainha Maria Amália, decidiu seguir adiante. Poderia se apresentado a pessoas importantes por intermédio da Igreja e de um parente amável e bem situado, porém sua verdadeira *entrée* na sociedade se deveu a Bernardis e a suas relações com Zanetta Farussi, a atriz comediante que trabalhava tão longe, a quem a rainha conhecera quando ela pressionava sua mãe para conseguir a indicação de Bernardis. Para Casanova, aquilo foi uma volta à realidade. Sua mãe podia ter influência, porém comprada à custa da honra da família. Giacomo decidiu seguir para Roma, com pouca ideia do que poderia acontecer-lhe ali, a não ser por algumas cartas vantajosas de apresentação.

Suas viagens o colocaram em muitas encruzilhadas, tanto reais como metafóricas. Se a estrada por onde seguiu para Roma o tivesse levado apenas para a Cidade Eterna, ou mesmo para a carreira eclesiástica, sua vida teria sido muito mais pobre, e provavelmente mais pura. E sem dúvida nós não teríamos a *História da minha vida*, que em nada se assemelharia ao seu estilo final, definidor de uma época. Mas a história da vida dele foi sempre cheia de viradas e encruzilhadas inesperadas, assim como de acidentes de percurso, que tornam as viagens, mais uma vez, uma estimulante metáfora para sua narrativa pessoal.

Quando as rodas do *vetturino* giravam pela Strada di Toledo, em Nápoles, a principal via expressa para o norte, Casanova percebeu que seus joelhos estavam roçando nos de uma atraente romana, que retornava à sua terra natal com o marido e a irmã. O nome que posteriormente Casanova deu a ela foi *donna* Lucrezia Castelli, cuja irmã estava prestes a se casar em Roma, e cujo marido, um simpático advogado napolitano de meia-idade, tinha negócios lá.

Uma vez que "*donna* Lucrezia" veio a desempenhar um papel tão importante na vida de Casanova, não apenas como mãe de um de seus filhos ilegítimos, mas por sua emancipação sexual, tal como é representada por Casanova, ser tão espantosa, ela se tornou alvo de uma curiosidade especial por parte de várias gerações de acadêmicos do século XVIII. Como acontece tantas vezes com as mulheres com quem Casanova se envolveu intimamente, ele fez de tudo para encobrir a identidade dela. Como escreveu em 1791, "o que me faz ficar aflito é o meu dever de ocultar os nomes, já que não tenho o direito de publicar os casos alheios". Mas ele mudou de ideia, segundo escreve, a respeito de quais identidades devia ocultar, e de como fazê-lo.

Muitas evidências circunstanciais ou indiretas deixadas por ele em vários trechos das memórias levam a se supor determinada identidade, recentemente confirmada por arquivos não relacionados. No caso de *donna* Lucrezia foi possível estabelecer, com razoável certeza, que ela era Anna Maria d'ntoni Vallati, e que sua irmã chamava-se Lucrezia Monti. Mais tarde, Casanova se refere a elas como filhas de Cecilia Monti, de Roma, cujo primeiro nome mostrou estar correto. A filha que Anna Maria teve com Casanova foi batizada como Cecilia Giacoma. E Casanova, é claro, ainda teve razões mais importantes para proteger o nome desta, chamando-a "Leonilda".

Alguns modelos emergem no palimpsesto do uso que ele fazia dos pseudônimos. Diversas vezes trocou nomes de filhas pelos das mães, às vezes usou só as iniciais, talvez mesmo sem serem as corretas, tais como "mme. Z., ou mlle. X". Quase invariavelmente, por galanteria ou obsessão memorialista, ou então por ter mentido da primeira vez, elimina vários anos na idade de suas amantes. Anna Maria, por exemplo, já estava perto dos 30 anos, era quase dez anos mais velha que ele quando se viu em viagem para Roma junto ao abade, que tinha 19. Fazia

quase uma década que ela estava casada e não tinha filhos. Tudo isso põe o que se passou em seguida num contexto um pouco diverso do que Casanova fornece nas memórias. Existem poucas razões para se duvidar, entretanto, da sua afirmação de que ela foi um de seus grandes amores, e indiscutivelmente o primeiro grande amor de sua vida.

O *vetturino* era o meio usual de transporte das pessoas mais ricas, e dessa forma "*donna* Lucrezia" — ou Anna Maria Vallati — e sua família podem ser classificadas como romanos de classe média. Casanova descreve o flerte dessa esposa ligeiramente entediada com o jovem clérigo, sacolejando juntos durante vários dias naquela situação de intimidade. Não era tanto o fato de que as carruagens fornecessem chances para se namorar, mas como os cocheiros reservavam com antecedência as acomodações para a viagem, isso quase sempre colocava viajantes praticamente desconhecidos na mesma cama. Na primeira hospedaria, em Cápua, o abade Casanova ficou no mesmo leito que o advogado, e as irmãs, no outro beliche. Mais tarde, em Marino, quando um reboliço do lado de fora do quarto compartilhado fez com que o advogado saísse para investigar, Casanova tentou pular para o beliche das mulheres — quem sabe "por engano" — , o que fez com que o mesmo desabasse. Foi esse o início de um caso que se transformou em um envolvimento emocionante, e que só terminou quando Anna Maria ficou grávida e voltou para Nápoles com o marido.

No entanto, como relata Casanova, a ligação deles floresceu desde o início sob o olhar tolerante do marido de Anna Maria, e depois, do de sua mãe. "A estrada [entre] Roma e Nápoles", destaca outro escritor, muitas vezes proporcionava cobertura para os namoros românticos, uma vez que "grande parte dela segue pelos fétidos pântanos pontinos", e as janelas permaneciam "hermeticamente vedadas contra a malária". Anna Maria correspondeu com entusiasmo ao flerte na estrada, por trás das cortinas da carruagem, e também nos quartos de dormir das hospedarias. Casanova aprendeu esta experiência e a usou em benefício próprio, quando se tornou um viajante regular. Mas de novo ele achou estar apaixonado, ainda que Anna Maria, dez anos mais velha e vivendo um casamento estéril, possa ter sido movida por motivos mais complexos.

Levou seis dias e cinco paradas noturnas para todos chegarem a Roma, via Cápua, Terracino, Sermonetta e Velletri. A cada parada, os cavalos

eram uma preocupação muito maior para o *vetturino* do que a acomodação dos passageiros, e as hospedarias que se apresentavam eram um tanto básicas. Na Itália, o cenário das ruínas clássicas, e mesmo a comida, com frequência eram admirados, sobretudo pelos britânicos, mas a tranquilidade com que os italianos, até os mais respeitáveis, "amontoavam-se" em hospedarias de má fama era considerada notável: não pela intimidade, mas sim pela total falta dos confortos mais imprescindíveis nesses locais. Quando o tráfego ficava mais intenso — segundo um viajante, mais para o final da semana — as hospedarias podiam ficar lotadas e ter de abrigar seus hóspedes em estábulos vazios.

A estrada de Nápoles para Roma — a antiga Via Appia — não era repavimentada desde que Horácio a atravessara, ao se dirigir para Brundisium. Era um percurso árduo e vagaroso, porém o desconforto da família Vallati foi abrandado — como futuramente seria sempre o caso com Casanova — pelo amável encanto daquele jovem companheiro de viagem. Embora tenha se mantido em silêncio na maior parte do primeiro dia, no segundo ele logo partiu para um flerte com Anna Maria. O marido desta, homem já de meia-idade, pareceu envaidecido diante do interesse do jovem por sua esposa e encorajou a amizade entre os dois. A comida ruim em Garigliano, na segunda noite, foi compensada pelas "divertidas conversas" entre os quatro, e na terceira noite, na cidadezinha de Terracino, no topo da montanha, Casanova já estava certo de que Anna Maria tinha algo mais em mente do que um simples bate-papo.

Em Sermonetta, ela tomou a iniciativa. Num passeio ao pôr do sol, perto da pousada onde se fazia a troca dos cavalos, Anna Maria perguntou se o deixara perturbado e eles se beijaram pela primeira vez. No dia seguinte, "falamo-nos mais com nossos joelhos do que com nossos olhos", mas o namoro ainda não se consumara quando eles chegaram a Roma.

Casanova participou do café da manhã com os Vallati, em comemoração pela chegada a Roma, e prometeu visitá-los assim que possível. Anna Maria não teve dúvidas de que, embora se tratasse de um clérigo, ele tinha plenas intenções de prosseguir com o caso que ela parecia oferecer-lhe.

Ele foi dormir em uma hospedaria ali perto, ao pé da Escadaria de

Espanha, região que pouco mudou desde então. Na época, como ainda hoje, estar ali era o mesmo que ocupar um lugar privilegiado para assistir ao verdadeiro circo que é Roma. Keats hospedou-se na mesma casa uma geração mais tarde. Os cafés começavam a ser abertos ao longo da Strada Condotto, hoje via Condotti, e a Escadaria começou a atrair uma multidão de peregrinos, ambulantes e turistas, que era o que se pretendia.

A principal carta de recomendação que Casanova trazia em sua mala era para o cardeal Acquaviva, "o único homem em Roma mais poderoso do que o papa", o chefe *de facto* da Igreja espanhola em todos os seus domínios. Casanova foi imediatamente se apresentar a ele. Acquaviva achou que nada faltava ao jovem veneziano, a não ser o conhecimento das línguas. Ele continuava sem saber o francês, que era o idioma da diplomacia internacional do Vaticano e das melhores regiões de Roma — o que constituía grande obstáculo. Casanova reafirmou sua disposição de aprender a língua. Contratou um professor que morava ali perto, na Piazza di Spagna, no 31, e tentou assimilar a vida romana.

Observou que a moda ali era o que havia de mais importante. A religião era apenas um comércio, assim "como os empregados de um monopólio de tabaco". Abandonou a sotaina e resolveu que passaria a vestir-se à "moda romana". Compareceu assim trajado à primeira audiência com o cardeal. Este fixou nele os olhos por dois longos minutos e em seguida contratou-o ali mesmo como seu secretário, com três meses pagos de adiantamento. Mandou que seu mordomo o levasse aos apartamentos do quarto andar de sua residência, o Palazzo di Spagna — na época, como ainda hoje, território de soberania espanhola — , e Casanova transferiu suas poucas posses da hospedaria, na base da Escadaria, do outro lado da Piazza di Spagna, para seu novo lar no seio luxuosamente decorado da Madre Igreja. Logo depois, foi direto para a casa de Anna Maria comemorar.

No início, o principal objetivo de Casanova foi agradar à mãe de Anna Maria, que a estava hospedando. Na casa da viúva Cecilia, no bairro de Minerva, próximo ao Pantheon, ele conheceu a irmã mais jovem de Anna Maria, de 11 anos, e o irmão, de 15, que também era abade. "Em Roma", escreveu Casanova, "todo mundo já é ou pretende ser abade."

A mãe de Anna Maria o acolheu na família e o convidou para

excursões nos fins de semana fora da cidade. Foi em uma viagem para Frascati que eles afinal consumaram o caso amoroso, num dos cenários mais dramáticos e românticos que se possa imaginar.

A Villa Aldobrandini domina a cidade de Frascati, situada sobre uma vertente montanhosa — uma viagem agradável, apenas algumas horas de carruagem, partindo-se de Roma e seguindo entre vinhedos pela estrada do Aqueduto Maximus. Um sobrinho do papa Clemente VIII a construiu segundo o saudável princípio de que não há sentido em esperar o céu quando existem recursos para se construir um paraíso na Terra. Os jardins do palácio, dispostos por toda a encosta, ficavam abertos à visitação dos romanos bem-vestidos e se caracterizavam pelas aleias, as construções extravagantes, as fontes e as grutas que ainda se abrem para uma vista verdadeiramente seráfica de Roma. Deuses nus e monstros lutavam contra riachos e também entre si, ao lado de cascatas e máscaras do teatro romano, grandes o bastante para que se entre nelas, esculpidas nas rochas naturais. Os jardins eram, e ainda são, tão escarpados e cheios de plantas que era possível se esconder por completo dos observadores para aproveitar a visão panorâmica. Os jardins ainda são muito românticos, exatamente como Anna Maria sabia que eram.

> Frente a frente, extremamente sérios, ambos, olhando apenas nos olhos um do outro, fomos desamarrando os cordões, desabotoando as roupas, nossos corações aos saltos, as mãos com pressa para acalmar toda aquela impaciência. Como nenhum de nós foi mais lento que o outro, nossos braços se abriram para tomar o objeto de que desejavam se apossar … No final de duas horas, maravilhados um com o outro, e cada qual mais encantador aos olhos do outro, falamos ao mesmo tempo as seguintes palavras: “Obrigado, meu amor.”

Uma vez mais, Casanova insiste que se tratava de amor verdadeiro, e não só de desejo: “Pobre de quem pensa que os prazeres de Vênus muito valem, a menos que venham de dois corações que se amam e estejam em perfeita harmonia.” De novo ele se descreve como não sendo um libertino, mas sim um simples agente facilitador na sedução que uma mulher lhe dirige. Parece surpreso ao vê-la zombar dele: “Pobre de ti, sou teu primeiro amor, jamais vais te curar de mim!”

Enquanto isso, o francês de Casanova melhorava com rapidez. Ele era um linguista talentoso, mesmo segundo os padrões dos tempos em que

era fato corriqueiro as elites educadas das principais cidades importantes falarem várias línguas modernas, além de uma ou duas antigas. Ele anotava observações na correspondência de Acquaviva e podia até mesmo conversar com uma dama da sociedade romana, a marquesa Caterina Gabrielli, e compor odes naquela língua recém-aprendida. Em determinada ocasião, no inverno de 1743-44, segundo as datas fornecidas por Casanova, ele foi apresentado ao papa.

Não era difícil para Bento XIV ocupar o trono de são Pedro na época moderna: ele era uma pessoa amável, de boa aparência e muito sociável. Giacomo percebeu que ele "gostava de uma anedota" e que falava com muita fluência, embora na essência fosse reacionário. O sucesso que Casanova teve a vida inteira em se insinuar tanto na alta sociedade quanto entre as elites intelectuais e artísticas nas muitas cidades em que viveu sem dúvida se devia ao seu charme, mas também à sua aparência de natural segurança e de presença de espírito diante dos poderosos e também dos não tão poderosos. Em uma época de servilismo bajulador, seus modos devem ter sido revigorantes. Bento declarou que já ouvira falar dele e que rira muito de suas histórias naquele fim de mundo rural que era Martorano com o novo bispo, e elogiou-o por ter conseguido chegar a ele servindo a Acquaviva. Os dois se encontraram em Monte Cavallo, a principal residência de verão do papa no século XVIII, onde hoje fica a sede da presidência da Itália.

Foi a marquesa Gabrielli quem primeiro alertou Casanova de que o seu *affaire* com a esposa do advogado, Anna Maria, não estava passando despercebido. Ela até aludiu ao boato de que eles tinham sido vistos nos jardins Frascati, e que Anna Maria estava grávida. "Roma é muito pequena", avisou-lhe um companheiro religioso no Palazzo di Spagna. "Quanto mais tempo o senhor permanecer em Roma, vai achá-la cada vez menor."

O escândalo potencial envolvendo o jovem secretário do cardeal Acquaviva foi evitado com a solução de um processo jurídico em que o marido de Anna Maria estivera trabalhando e pelo retorno deles para Nápoles. Anna Maria carregava no ventre o primeiro filho de Casanova. A irmã dela, Lucrezia, estava para se casar e a data dessa cerimônia é a confirmação de uma das muitas datas possíveis para esse período da vida de Casanova: Lucrezia "Angelica" d'Antoni se casou no dia 17 de janeiro

de 1745.

A nuvem sob a qual Casanova foi aconselhado a deixar Roma no inverno de 1744-45 se refere, segundo ele, a outro escândalo que o atingiu apenas indiretamente, ao cardeal Acquaviva e a uma jovem envolvida com a família do seu professor de francês. Entretanto, é provável que o *affaire* com a senhora Vallati tenha demonstrado a Acquaviva que seu novo secretário provavelmente não seria uma presença das mais tranquilas no Palazzo di Spagna, e então sugeriu a Casanova que tirasse uma licença e saísse de Roma. "Vou arranjar uma desculpa que irá preservar-lhe a honra", disse ele a Casanova. "Dou-lhe permissão para dizer a todos que o senhor vai resolver um assunto que lhe confiei … pense para que país o senhor gostaria de ir. Tenho amigos em toda parte e vou dar-lhe cartas de recomendação que certamente vão lhe conseguir trabalho."

Para grande surpresa de Acquaviva, Casanova não pediu que o mandassem para Veneza ou para qualquer outra grande cidade-Estado italiana onde o cardeal tinha contatos. Em vez disso, solicitou que lhe fossem confiadas cartas de recomendação e o enviassem a Constantinopla.

SEGUNDO ATO, CENA II

Amor e travesti

1745



"A palavra *Pessoa* deriva do latim *Persona*, que significa *Máscara*…
Assim, uma *Pessoa* é o mesmo que um *Ator*."
THOMAS HOBBES

CASANOVA DEVERIA VIAJAR para Constantinopla via Veneza, com cartas de recomendação para um certo conde Claude Alexandre Bonneval. Antes disso, entretanto, precisava se desvencilhar de Roma e da Itália. Como sempre, encontrava-se acossado por um novo caso amoroso, desta vez de matiz muito incomum: Casanova acreditava estar apaixonado por um homem castrado.

Nas memórias, ele entra em detalhes precisos sobre que providências financeiras e diplomáticas foram tomadas a seu respeito quando ele partiu de Roma em 1745. O papa lhe deu uma lembrança simbólica: um rosário de ágata que valia no máximo 12 *zecchini*, porém o cardeal lhe forneceu 700 *zecchini* em ouro espanhol, que era a moeda internacional. Casanova, por sua parte, havia economizado 300 *zecchini*. Ele comprou uma letra de câmbio, como era normal se fazer em todas as fronteiras monetárias, a ser descontada em Ancona e enviada para o norte. Ao pedir para viajar via Veneza, sua clara intenção era mostrar à família e aos amigos como estava agindo depressa naquela verdadeira subida do pau de sebo que era a política eclesiástica.

Como atestam os detalhes financeiros, ele também parece ter mantido algum tipo de diário ou registro dessa fase. Embora fosse competente com os números, e sagaz tanto diante dos insultos como da aprovação quando estes diziam respeito a pagamentos, esses detalhes tornam-se

desnecessários, e por isso mesmo muito interessantes. Ocupam mais espaço do que suas casuais referências à gravidez tão aguardada de Anna Maria, que, segundo ele, deveria anunciar o nascimento do primeiro filho dele. Seus registros visavam fazer o mundo girar em *seu* proveito, e a anotação dos ganhos e das perdas seria uma impiedosa inspeção pessoal.

Em Ancona, ele se deparou inesperadamente com uma família de atores ambulantes que logo o fizeram se sentir em casa. Representavam tudo o que sua própria família poderia ter sido — "toda a verve do teatro, uma bela brincadeira" — caso sua mãe tivesse optado por levar os filhos nas turnês. Ele descreve a mãe-administradora, as duas filhas e os dois filhos, todos jovens, um dos quais causou-lhe grande impressão. "Bellino" era um pouco mais moço do que ele. Casanova achou que poderia ter uns 16 anos, e era "encantadoramente belo". Trabalhava como cantor *castrato* em uma turnê muito bem-sucedida.

Os Estados papais, que incluíam Ancona em grande parte do século XVIII e início do XIX, proibiam que as mulheres se apresentassem no teatro, da mesma forma que eram impedidas de participar de corais de igreja em Roma. Essa era uma das razões pelas quais atrizes venezianas, como a mãe de Casanova, construíam suas carreiras para além da península italiana. A proibição papal se estendia também às óperas onde, pela lógica, os papéis de soprano e de contralto não poderiam ser cantados por homens. Em alguns casos, como na tradição shakespeariana, eram meninos que representavam os papéis femininos. Porém, a força e a singular beleza da voz adulta masculina intacta havia feito dos *castrati* uma novidade exótica e muito bem paga no cenário musical italiano.

Os *castrati*, cantores cujos testículos eram removidos antes da adolescência, deixaram um legado duradouro e nobre na música litúrgica e papal. Desde pelo menos o século VI, eles se apresentavam na Santa Sofia, em Bizâncio, e no Vaticano. A qualidade supostamente angelical daquela voz, tão aguda quanto a de qualquer menino de coro, porém com a força e o volume da de um homem desenvolvido, fez dos *castrati* elementos muito respeitados na corte papal. O desenvolvimento da ópera e dos grandes teatros líricos que exibiam uma sequência de temas míticos "metastasianos" e uma saída imediata para a projeção da

voz favoreceram a carreira dos *castrati*. Assim, eles também produziram exaltação mesmo em um melômano fleumático como Charles Burney: "Foi um êxtase! Arrebatamento! Encantamento!" Os *castrati* se tornaram superestrelas. Suas vozes combinavam o brilho, a limpidez e o poder com a técnica e a expressividade artísticas de um profissional adulto — e por isso mesmo eram tão torturadas. Essas divas manchadas pela tragédia ganhavam muito mais dinheiro do que seus equivalentes masculinos, e compositores como Händel, Haydn, Gluck, Lully, Monteverdi e Mozart escreviam músicas especiais para aquela singular faixa de três oitavas dos *castrati.* Muitas vezes as suas carreiras cobriam décadas e toda a extensão da Europa.

A história de Casanova como um viajante italiano exótico, arrastando consigo uma aura de mistério sexual, cortejando os salões e a sociedade real pelo continente inteiro, refletia as trajetórias artísticas dos *castrati* contemporâneos, alguns dos quais, assim como ele próprio, venezianos. Era inevitável que ele viesse a ter contato com a suprema diva/divo Farinelli. E não deixa de ser surpreendente que tenha se apaixonado pelo primeiro "*castrato* famoso" que encontrou.

Bellino representava uma nova sofisticação no gênero, parte de uma geração que perturbou o teatro e os corais italianos: um *castrato* mascarado, ou seja, uma mulher disfarçada de homem castrado para atender aos propósitos de sua carreira musical. Na verdade, já era tão universalmente sabido que alguns *castrati* eram mulheres que muitos tinham de se submeter com regularidade à humilhação de mostrar sua genitália mutilada para satisfazer os críticos, as autoridades moralistas ou simplesmente os lascivos. Era um negócio arriscado se mascarar dessa forma diante da Igreja e da lei. De qualquer forma, os *castrati* desempenhavam um perigoso jogo duplo de excitação sexual. Muitas vezes, embora não sempre, assumiam os papéis femininos na *opera seria*: deusas e princesas adequadamente trajadas.

E muitas vezes, ainda que não sempre, alguns *castrati* desenvolviam seios, exibidos de maneira vantajosa pelos espartilhos da época. Muitos garantiam renda extra saciando paixões heterossexuais e homossexuais, ou mesmo complicados transexualismos e outras transgressões. Muitos tinham fama de terem um desempenho sexual como os de homens normais, a despeito da cirurgia, o que lhes conferia um fascínio

inteiramente distinto para as mulheres atraídas por aventuras sexuais radicais ou que simplesmente tinham medo de engravidar. E alguns permitiam que circulassem rumores de que de fato eram mulheres, hermafroditas ou algum outro tipo intocável de terceiro sexo, o que em certo sentido eles eram. Tanto na imagem quanto na prática, os *castrati* viviam nas margens da experimentação sexual e artística, desejados, desprezados, lamentados e invejados. Uma mistura de deus, mulher e homem.

Casanova concluiu que Bellino era um soprano disfarçado. E ele estava certo, embora no princípio ficasse perturbado pela probabilidade de desejar outro homem e depois se apaixonar por ele. Como escreveu, não opôs "resistência aos desejos que [Bellino] despertou em mim", porém o ar picante do "travesti" era claramente parte do seu atrativo, como acontecera com a cortesã veneziana Giulietta Preati, que o fizera experimentar o vestido dela. Casanova era um mascarado de nascença. Ele tece alguns comentários jocosos sobre sua resistência aos avanços de Petrônio, o irmão de Bellino, que era uma teatral combinação de aventureiro e prostituto e que, para complicar ainda mais as coisas, seguia a carreira de "*première actrice*", vestindo-se de mulher. Entretanto, Casanova acolheu bem a oportunidade de seguir viagem junto com a família de "Bellino", prometendo acompanhá-los até Rimini, onde Bellino devia cumprir um contrato, passando por Veneza.

Existem algumas evidências de que ele pode ter misturado algumas viagens e experiências diferentes de 1744 e 1745, seja por não se recordar bem ou para deliberadamente melhorar a narrativa picaresca. Porém, onde ele é vago nas datas, é específico sobre o sexo: cada vez se sentia mais alarmado por estar obcecado por um lindo "homem". "Cecilia", a irmã mais moça de Bellino, não representava uma distração à altura. Tampouco a jovem escrava grega, que por coincidência ele encontrou de novo ao chegar a Veneza, a bordo de um navio ancorado. Ambos consumaram o desejo completamente vestidos, e bem diante dos olhos de "Bellino", que, de maneira compreensível, ficou chocado com o comportamento do abade Casanova.

A outra irmã de Bellino, Marina, também se jogou sobre ele, tanto por dinheiro quanto pelo desejo. Ela aceitou um pagamento, que logo passou para a mãe, que, como era comum no teatro, acumulava o papel

materno com os de empresária e cafetina.

Em Veneza, Casanova dedicou-se a impressionar sua nova família, levando-os para conhecer os arredores, comprando ostras a preço muito alto e proporcionando-lhes uma refeição com "trufas brancas, mariscos, champanhe, Peralta, *cherry* e Pedro Ximenes" — esses últimos, os vinhos espanhóis da moda. Tudo isso viria a se tornar o padrão dele na arte da sedução: amigável, notório, homossocial e refinado à mesa de refeições, sendo que esta também era um instrumento narrativo que enquadrava o sexo apenas como parte do seu catálogo de viagens.

Porém, logo as coisas entre ele e Bellino ficaram fora de controle. Bellino recusou-se a ser examinado, ou mesmo tocado por Casanova, explicando-lhe, com toda a razoabilidade, que "todos nós, os *castrati*, temos a mesma deformidade" — os seios, o que primeiro atraiu os olhares de Casanova — , e arqueando uma sobrancelha ao vê-lo afirmar insistentemente que não acreditava estar apaixonado por um homem. Ambos concordaram que jamais iriam "consentir com as infâmias" de um impulso homossexual. Mesmo assim, Bellino se recusou a "satisfazer a curiosidade". No final, Casanova empregou a força para descobrir o que de fato existia entre as pernas de Bellino — e "nesse momento descobriu que [Bellino] *era* homem".

Ele ficou profundamente chocado e por algum tempo sem ação. Mas logo deduziu que o que vira nos calções da pessoa que acreditava ser uma mulher disfarçada em *castrato* devia ser um "gigantesco clitóris". Por fim, entretanto, ao certificar-se do amor de Casanova, Bellino decidiu revelar-lhe a verdade. Era o que Casanova sempre esperara que fosse: uma mulher se fazendo passar por um *castrato*. O pênis era falso, necessário para evitar a detecção pelos árbitros moralistas da ópera e da Igreja. O pênis revelou-se um artifício usado por "Bellino" — que a partir daí Casanova revela ser a cantora "Teresa Lanti" — por vários anos, quando corria o risco de ser exposta como mulher. Era "uma espécie de tripa macia, grossa como um dedo polegar, branco, com uma superfície muito lisa … preso no centro de uma peça oval de couro transparente muito fino … 12 a 15 centímetros de comprimento por cinco de largura … fixado com cola de tragacanto no lugar onde seria possível distinguir-se o órgão sexual". Usando aquilo, "Bellino" parecia ter um pênis, embora sem o saco escrotal — a exata imitação de um *castrato*.

Depois que Teresa decidiu abrir o jogo, ele começou a se divertir vendo-a aplicar o seu "aparato": "Com aquele extraordinário acessório, ela me parecia mais interessante ainda … Eu lhe disse que ela fora esperta em não me deixar tocar nele, pois isso teria … feito com que eu me tornasse o que não sou." Depois que fizeram amor pela primeira vez e ele ficou a observando dormir, Casanova decidiu fazer dela "a parceira da minha vida", reconhecendo que "estávamos quase na mesma situação".

Quem, então, seria a mulher sob a máscara de Bellino? Casanova raras vezes se dava ao trabalho de dar pseudônimos a amantes que também fossem atrizes: as reputações delas já estariam mesmo irrecuperavelmente perdidas e sua presença nas memórias de um libertino não teria sido vista como indiscrição do autor. O falso *castrato* que ele chama de Teresa Lanti pode ter sido Teresa Landi, nascida em Bolonha em 1731, como diz Casanova, cujo retrato até hoje se encontra no La Scala de Milão. Por outro lado, pode também ter sido Artemisia Lanti, ou mesmo Angiola Calori, que mais tarde conseguiu fama e fortuna em Londres, nos anos 1750 e 1760.

A história de Teresa que Casanova nos fornece é muito colorida, como seria próprio para uma mulher forçada a se vestir de homem para desempenhar papéis femininos no palco. Porém, mais instrutivo na revelação que ele faz de si mesmo, é o desejo que a princípio sentiu pelo amante transexual. Este capítulo de sua vida é muito mais ilustrativo do que as camadas de teatralidade em sua experiência de mundo. Mesmo assim, o fato de constantemente insistir na rejeição ao potencial homossexualismo de uma ligação com Bellino, e também com o irmão dela, sinaliza uma preocupação bem contraditória: por mais lógica que fosse a sua curiosidade, ele tanto se sentia atraído por Bellino como, possivelmente, sentia repulsa pela exagerada diferença sexual "dela".

O que Casanova achava tão estimulante em Teresa parece ter sido o elemento de atuação teatral, e em particular a maneira como faziam amor. Sobre a importância do *desempenho* dela como amante, diz ele que "o prazer que eu dava a ela … correspondia a quatro quintos do que eu sentia", e a necessidade de *representar* afeto por Teresa significava "novas afirmações da … nossa felicidade". É óbvio que os dois tinham muita coisa em comum em termos de formação, família, ambições e

perspectivas perigosas. Mas se Teresa Lanti era de fato “quase a mesma coisa” que Giacomo Casanova — e ela foi uma das poucas mulheres de quem inicialmente ele aceitou uma proposta séria de casamento — , então a atração que ela exercia sobre ele, por meio do que hoje chamamos de travestismo, ou mesmo de transexualismo, dificilmente pode ser ignorada.

A primeira vez que fizeram amor, quando ela despiu sua alma e seu falso pênis, fato com certeza único na história da literatura romântica, teve um profundo efeito sobre Casanova. Ele pensou na possibilidade de desistir de sua carreira eclesiástica por ela e ainda fez confissão completa de sua situação, falando de suas perspectivas, finanças e de sua personalidade. Seu maior orgulho aos 20 anos de idade era de ser “o meu próprio senhor, que não dependo de ninguém e não tenho medo dos meus infortúnios. Minha natureza é propensa às extravagâncias. É este o homem que sou”. Um resumo bastante razoável. Teresa se apaixonara pela honestidade dele e também por sua persistência e paixão. Em uma de suas obras não publicadas, descobertas após a morte dele, Casanova escreve o seguinte sobre Teresa e o fenômeno dos *castrati*: “Nem as mulheres nem os homens podiam deixar de amá-la [Teresa], e nada poderia ser mais natural, pois para as mulheres ela parecia o mais belo dos homens, e para os homens, quando vestida de homem, era a mais adorável das mulheres.”

Eles decidiram fugir para Rimini, fora da jurisdição papal, onde Bellino deveria se apresentar, podendo revelar-se como mulher à direção da ópera. Eles tinham a intenção de se casar *en route* para Bolonha. Esse plano impetuoso desmoronou em Pesaro, onde eles se depararam com soldados verificando passaportes. Casanova tinha perdido o seu. Afirma que tentou usar como prova de sua identidade a carta que trazia do cardeal Acquaviva, porém lhe ordenaram que permanecesse em Pesaro até que um novo passaporte fosse requisitado às autoridades eclesiásticas.

Há uma série de pontos obscuros nessa história de Casanova. Não fica claro por que ele teria se desviado de Veneza nessa etapa de sua viagem para Constantinopla, embora possamos atribuir-lhe o imperativo do amor. Ele se mostra vago a respeito do motivo pelo qual ele e Bellino estariam atravessando o país para um compromisso teatral que não se

encaixa com as datas conhecidas do calendário operístico de Rimini: de fevereiro de 1744 até o outono de 1745, o teatro estaria fechado. E a perda temporária do passaporte parece um obstáculo insuficiente para convencer um homem como Casanova a renunciar a um compromisso que ele desejava manter. Teresa prosseguiu para Rimini, ou para onde quer que devesse se apresentar, e de lá para Nápoles. Ela e Casanova, é claro, jamais se casaram.

"A minha história", admite Casanova, "não é de modo algum plausível", mas certos aspectos do cenário político estão de acordo com evidências confirmadoras. A verdade essencial, como frequentemente acontece com Casanova, é mais emocional do que geográfica. Seja qual for o teatro onde o Bellino sem máscara tinha contrato, e há diversos possíveis, é indiscutível que Teresa foi a primeira mulher com quem Casanova poderia ter montado uma residência, e a primeira, segundo admitiu, da qual renunciou em nome de novas aventuras e da liberdade de viajar.

Uma carta enviada por Teresa chegou a Pesaro: ela obtivera proteção do duque de Castropignano, um homem de 55 anos. Ela e Casanova já estavam em vias de se separar. Talvez sentisse que Casanova não queria para si o mesmo papel que o seu pretenso pai desempenhara com sua mãe. Em uma sequência de cartas, eles concordaram em terminar o relacionamento, mas sem declarar que este chegara ao fim. "Caso compartilhasse a sua sorte, não importa se como marido ou amante, eu iria me sentir degradado, humilhado e forçado, devido à minha posição e profissão, a baixar a cabeça. Refletir que, nos mais belos tempos da minha juventude, eu teria de rejeitar toda esperança no elevado destino que me parecia ser a razão da minha vida provocou um tranco tão forte em meu equilíbrio que a razão silenciou o meu coração."

Ele estava com 19 anos, era ambicioso e, o que era mais importante, perseguido pela imagem do casamento dos próprios pais — aquele glamour de mau gosto, com todo seu potencial para a humilhação. Seu caso com Teresa forçou ambas as partes a crescer, embora de maneiras diversas. Por fim, Casanova concluiu que não poderia prosseguir na carreira eclesiástica e que com pouco menos de 20 anos não estava preparado para o casamento, ao mesmo tempo em que Teresa descobria que estava grávida. O filho deles, nascido naquele mesmo ano em

Nápoles, foi batizado com o nome de Cesare Filippo Lanti e educado achando que Teresa, a famosa estrela da ópera, era sua irmã.

O exemplo de Teresa naquela verdadeira mascarada inspirou a fantasia seguinte de Casanova. Com a demora para receber o passaporte, ele partiu de Pesaro para Bolonha, onde decidiu adotar outras vestimentas. “Ao refletir que agora seriam pequenas as minhas probabilidades de conseguir fortuna na carreira eclesiástica, resolvi vestir-me como soldado, inventando meu próprio uniforme.” A vida para Casanova era mesmo uma sucessão de personagens teatrais. Mais uma vez, os costumes da época colocaram sua personificação de um soldado profissional no contexto certo. Naqueles tempos, os trajes militares costumavam exibir todas as cores e materiais de um bazar. Um uniforme era qualquer coisa, menos unificador.

Na península italiana, os exércitos se compunham de milicianos alistados e de mercenários pagos provenientes de grande parte da Europa continental, apresentando toda uma gama de trajes marciais imagináveis, de acordo com o costume nacional. Os soldados compravam e com frequência personalizavam os próprios uniformes, de modo que um jovem espadachim como Casanova, desejando ser levado a sério como mercenário de aluguel, com uma paga decente, naturalmente procurou parecer um oficial. Conseguiu um traje de janota, azul e branco, com agulhetas douradas e alças prateadas para a espada, e considerou sua estreia como soldado, em Bolonha, como a entrada adequada na vida. Ele deixou registrada uma conversa em que se questionou o seu uniforme, na qual ele surge no melhor de sua imperturbabilidade: um jovem arrivista, precisando apenas da roupa certa para sentir-se confiante no palco do mundo. A hospedaria em que se registrou exigiu seu nome:

— Casanova.

— Sua profissão?

— Oficial.

— Em que serviço?

— Nenhum.

— País?

— Veneza.

— De onde vem o senhor?

— Não é da sua conta.

A imagem de Teresa Lanti já empalidecia em sua mente quando ele começou a fazer planos para um retorno triunfal a Veneza, como oficial *en route* para Constantinopla. Era um modelo de abandono consentido que ele queria repetir. A afeição de Teresa continuava, como também a dele por ela, porém a paixão declinava. Ele seguiu em frente e, de modo geral, foi perdoado, se não esquecido. É claro que Teresa tinha as maiores razões do mundo para se sentir marcada pelo caso com Casanova. Ele a levara a retirar a máscara e se revelar como mulher, e a isso se seguiu uma triunfante carreira como soprano. Além disso, ele foi seu primeiro grande amor. E também era o pai do seu primeiro filho. Mas na época em que se conheceram, os dois eram pouco mais do que crianças. Quando por fim Casanova chegou a Veneza com a genuína intenção de seguir para Constantinopla, se formos dar crédito à sua cronologia, era dia 2 de abril de 1744: data de seu 19º aniversário.

SEGUNDO ATO, CENA III

Contos do serralho,

Constantinopla

1745



"Jamais em minha vida estive tão descontrolado ou tão arrebatado …
Teria sido falta de educação recusar: eu poderia parecer
ingrato, coisa que não faz parte de minha natureza."
GIACOMO CASANOVA, EM UM HARÉM OTOMANO

O ESTRATAGEMA DO TRAJE MILITAR funcionou muito bem para o jovem Casanova. O uniforme lhe permitiu evitar a quarentena veneziana desta vez, imposta novamente depois que ele passara por lá com a família Lanti. Ele também foi bem-recebido pelos Grimani, por suas duas "esposinhas", Marta e Nanetta, e em uma pequena hospedaria perto de Rialto, agora que não tinha nenhuma base de verdade em Veneza. Sua estada ali foi como a que qualquer perdulário poderia desejar: breve, festiva e inconsequente.

Não havia nenhum navio prestes a partir para Constantinopla, por isso ele optou por viajar via Corfu, motivo pelo qual trocou o penacho de seu chapéu pelo de um posto verdadeiro em um regimento veneziano estacionado naquela ilha, na época uma possessão do doge. Os Grimani conseguiram que seu jovem protegido, agora um oficial novato, fosse apresentado para alguns nobres venezianos que estavam de partida para Corfu no mesmo navio: o senador Pietro Vendrami, o *cavaliere* Venier e Antonio Dolfin, que havia sido recém-nomeado bailio, ou embaixador, em Constantinopla. Os três eram pessoas bastante influentes, e Dolfin, além disso, era muito rico. Casanova embarcou em um navio de guerra

de 24 canhões, com uma "guarnição de 200 eslavos", em 4 de maio de 1744, após passar sua última noite entre as pernas e os braços de Marta e Nanetta.

O navio aportou em Orsara, onde ele já estivera antes como um pobre abade. Achou que não seria reconhecido com aquela esplêndida vestimenta de oficial veneziano, porém o barbeiro-cirurgião local se lembrava dele com inesperada clareza, graças a um motivo incomum: "O senhor passou um certo sinal de amor [gonorreia] para a governanta de dom Geralamo, que o passou para um amigo, que o compartilhou com sua esposa. Esta o transmitiu para um libertino que o distribuiu com tanta eficiência que em menos de um mês eu tive 50 pacientes, que tratei por um preço adequado … Será que posso ter esperanças", prosseguiu ele, "de que o senhor permaneça aqui por alguns dias, para dar à doença um novo impulso?"

A vida a bordo do navio era bastante sociável: Casanova passou muito bem à mesa, junto ao numeroso séquito de Antonio Dolfin — porém, aqueles nobres acabaram por se revelar jogadores inveterados, iniciando Casanova nessa outra atividade, cujas consequências não poderiam ser curadas por nenhum barbeiro-cirurgião. Ele perdeu nas apostas todas as joias que havia comprado ou que recebera dos Grimani como garantia para a viagem, e muito do dinheiro que trouxera, jogando *faro* e *basset*.[a] "A única satisfação tola que tive", escreve ele, "foi ouvir do dono da banca que eu era um 'ótimo jogador', toda vez que eu perdia uma carta importante."

Em meados de maio de 1745, de acordo com a cronologia de Casanova, eles chegaram a Corfu, onde ele embarcou no *Europa* — um dos maiores navios de guerra venezianos, a melhor maneira de se cruzar o Bósforo até Constantinopla — para sua primeira grande aventura pelos mares.

"A vista da cidade, a uma légua de distância, era espantosa", exclamou com efusão. "Em nenhuma outra parte do mundo há espetáculo tão lindo." Eram meados de um sufocante mês de julho, e Casanova, com o séquito do bailio Dolfin, alojou-se na embaixada de Veneza em Pera, antes de seguirem todos para uma residência de verão em Buyukdere, nas proximidades. Esses detalhes minuciosos sobre idas e vindas diplomáticas emprestam um ar de autoridade, mas, ao mesmo tempo,

lançam uma névoa de dúvida sobre a cronologia de Casanova. Os bailios venezianos que se retiram e os que chegam, por exemplo, são mal-relacionados por Casanova, porém o colorido que ele fornece é enérgico, e o seu encontro com o marechal-intendente da Escócia, lorde Keith, em sua viagem para Constantinopla, data a narrativa em 1745. Ele enviou a carta de recomendação do cardeal Acquaviva ao ex-conde Bonneval, que tinha se convertido ao islã e agora se chamava Ahmed Pasha de Karamania, que o chamou à sua presença apenas dois dias depois de sua chegada.

Constantinopla "é, indiscutivelmente, a maior cidade da Europa", afirmava de maneira peremptória um diplomata francês em 1718. Entretanto, sua população era menor do que a de Paris, e em breve seria ultrapassada pela de Londres, embora se espalhasse por 56km em várias direções, e por isso se pensava com frequência ser a metrópole mais populosa do mundo. Ela deixava embasbacados os visitantes que ali chegavam pela primeira vez, "a sua situação [sendo] a mais agradável e vantajosa de todo o Universo", salpicada de mesquitas e minaretes, mas também com muitos jardins à beira d'água, que foram cenário de diversas aventuras exóticas de Casanova. O triângulo da velha cidade tinha o seu cume no Palácio Topkapi, ao qual os europeus, boquiabertos e maravilhados, se referiam apenas como "o Seraglio", com seu teto dourado parecendo "cintilar" acima das águas, como se fosse "uma labareda".

Entretanto, Constantinopla, em alguns aspectos, era familiar a um veneziano como Casanova: uma capital imperial que se apagava, construída sobre a água, uma potência marítima, meio enclausurada e segregada, embora vestida com todos os tecidos do Oriente, e mais vívida ainda para um jovem em sua primeira grande aventura pelos mares. Era também uma cidade que correspondia às expectativas prévias dos viajantes, baseadas na ficção, e a narração de Casanova em suas histórias orientais deve muito em estilo a obras que ele leu posteriormente, das *Cartas persas* de Montesquieu e os *Bijoux Indiscrets* de Diderot à tradução popular, feita por Galland, de *As mil e uma noites*, então amplamente disponíveis, sobretudo na França. Mas sem dúvida ele de fato foi para Constantinopla, mesmo que não exatamente na época em que diz ter ido.

De início, Constantinopla convidou Casanova para a sua sociedade política exclusivamente masculina. Mulheres, costumavam observar os viajantes, raras vezes eram vistas pelas ruas, e quando o eram, pareciam-se com espectros sob seus véus volumosos. O conde Bonneval foi o primeiro guia de Casanova pela cidade. Aos 55 anos, e desde 1730 conhecido como Ahmed Pasha, sua atitude tranquila em relação à religião parece ter sido uma das inspirações de Casanova para enfrentar o desafio à sua fé feito pelos muçulmanos que conheceu. Bonneval admitia que "não conhecia o Corão melhor do que os Evangelhos … ele era um turco, assim como tinha sido um cristão" — em outras palavras, era um oportunista mundano. Casanova anotou isso.

Bonneval achava que poderia ser de pouca ajuda prática para Casanova, mas como Acquaviva o apresentara como estudante de literatura, ele o convidou para uma espécie de soirée literária na qual se falaria apenas italiano. Ali Casanova conheceu dois turcos que iriam ser primordiais em sua experiência em Constantinopla. Um era Yussuf Ali, já de certa idade. Ao outro, Casanova refere-se apenas como "Ismail".

Os novos amigos de Casanova na embaixada de Veneza e na residência de verão onde permaneceu naqueles meses de julho e agosto ficaram extremamente impressionados com a importância daqueles turcos que o convidavam às suas casas, depois de o terem conhecido na soirée italiana de Bonneval. Este ofereceu a Casanova o seu janízaro para ajudá-lo a se orientar pela cidade, considerando que a posição daquele jovem era na verdade muito afortunada, "sem preocupações, planos ou qualquer domicílio, [abandonando-se] à sorte, sem nada a temer ou a esperar". Com as pessoas de mais idade, parece que ele projetava a imagem de um jovem perdido ou abandonado, e os dois turcos lhe manifestaram uma atenção típica de parentes mais velhos.

Yussuf Ali era filósofo. E também muito rico. Convidou Casanova primeiro para jantar — Casanova recorda com assiduidade das bebidas com mel e dos cozidos de carne da velha Istambul — e depois para uma série de discussões teológicas. Aquele era o tipo de discussão em sociedade que Casanova adorava. Ele chegou a admitir que poderia ter sido tanto um conquistador como um bom católico por meio de frequentes confissões e absolvições: "Sou um homem completo, e sou um cristão. Amo o belo sexo e espero poder desfrutar muitas conquistas …

pois quando confessamos nossos crimes aos nossos padres, eles são obrigados a nos absolver."

Yussuf limitava-se a lançar um olhar desaprovador. Começou a investigar o interesse de Casanova pelo islã, mesmo durante as conversas, talvez porque sua apresentação inicial tivesse sido feita pelo celebrado apóstata conde Bonneval, ou talvez porque o seu afeto pelo jovem intelectualmente insaciável o convencesse de ter feito outro tipo de descoberta. Yussuf Ali começou a sondar Casanova como um possível genro. Zelmi, sua única filha e a menina de seus olhos, ainda tinha o futuro incerto. Os filhos dele já eram ricos e independentes. Ela fora educada como intelectual europeia, e destinada pelo pai a se manter acima da competição do mercado matrimonial de Constantinopla — o que pode ser o motivo de ele ter decidido arranjar o casamento entre ela e aquele veneziano de boas relações, e que além disso compartilhava o seu interesse pela filosofia.

Casanova, diante daquelas promessas de riquezas e de uma linda virgem de 15 anos, ficou terrivelmente tentado, porém vacilou graças a dois obstáculos que o deixaram perturbado: em primeiro lugar, não lhe permitiriam conhecer Zelmi antes do casamento; em segundo, ele seria obrigado a passar um ano convertendo-se ao islã. Enquanto isso, outro lado da vida otomana, muito comentada pelos viajantes no final do século XVIII, abria-se para ele na pessoa de "Ismail".

Ismail também esteve presente na reunião de quinta-feira daquela que se poderia chamar de sociedade literária de Constantinopla. Ele era bem-relacionado o suficiente com os poderosos no continente italiano — já havia sido ministro das Relações Exteriores do Sultão — , a ponto de fazer parte da lista de turcos notáveis que Acquaviva fornecera a Casanova, e convidou o jovem para outro jantar. Tudo aconteceu com um verdadeiro "luxo asiático", porém a conversa decorreu toda em turco, e por isso Ismail convidou Casanova para uma outra ocasião: um café da manhã, onde ambos poderiam conversar a sós e em italiano.

Nesse dia, em sua casa de verão ajardinada perto do Bósforo, Ismail passou uma cantada em Casanova. O jovem de 19 anos, pego de surpresa, defendeu-se declarando que "não pertencia àquele credo". No entanto, temendo que Ismail se ofendesse com a sua retirada "repentina", ele foi contar o incidente a Bonneval, que o aconselhou a se

tranquilizar quanto a novos convites daquele homem, a quem ambos chamavam “Effendi”: Ismail agira apenas, disse ele, segundo a tradição do anfitrião turco, e não “faria outra proposta daquelas novamente”.

Ao descrever seus relacionamentos concomitantes com Yussuf Ali e Ismail, Casanova desloca-se com facilidade de discussões abstratas sobre castidade com o primeiro aos ataques à mesma com o segundo. Eram experiências menores, na medida em que aqueles homens se sentiam atraídos por ele em termos intelectuais — e em certo sentido, também sexuais, se bem que com intenções de todo diversas. O tempo que Casanova passou na Turquia forçou-o a questionar sua própria cultura, seus costumes e sua moralidade, mas sua passagem por lá também é importante pelos paralelos que sua história apresenta com as pesquisas mais recentes sobre as práticas sexuais otomanas, assim como com experiências de outros viajantes em Constantinopla, o que tende a confirmar a descrição da história social feita por Casanova.

O convite seguinte de Ismail foi para uma noite na qual Casanova foi solicitado a fazer uma demonstração da furlana, uma vigorosa dança veneziana de Carnaval. Muito semelhante à valsa da geração posterior, aquela dança trazia os pares para um contato escandalosamente próximo e fazia com que o homem girasse a mulher ao seu redor. Do seu harém, Ismail trouxe uma dançarina que Casanova achou ser veneziana, embora as dançarinas profissionais em Constantinopla, de acordo com lady Mary Wortley Montagu, fossem em sua maioria ciganas. Ela estava coberta por véus, à moda do Carnaval veneziano, e todos insistiram para que Casanova dançasse. Ele nunca soube quem era aquela parceira enérgica. Saiu da festa sem fôlego, deprimido por ter sido incapaz de descobrir sua identidade. Bonneval o aconselhou a não se intrometer com o harém de um figurão otomano. Constantinopla, como lady Mary registrou em 1717, era um “eterno baile de máscaras” sexualmente escandaloso, parcialmente oculto por trás de “musselinas” ou “*ferajeh*”, que agora são conhecidas como burcas, e onde mesmo as mulheres exclusivas dos haréns podiam ter “inteira liberdade de seguir suas inclinações, sem risco de serem descobertas”.

Esse aspecto de Constantinopla era familiar a Casanova por causa de Veneza, a única diferença era que na sociedade otomana as mulheres com frequência usavam o véu na cama. “Podemos facilmente imaginar o

número de esposas fiéis em um país onde elas nada têm a temer da indiscrição dos amantes", escreveu lady Mary, não sem um certo azedume. Há uma calorosa discussão, tanto nos escritos de Casanova como nos dela, sobre a licenciosidade sexual otomana. Parece mais provável que os estrangeiros e os venezianos bem relacionados, como Casanova, encontrassem aquele elemento da sociedade otomana que mais se ajustava a eles, enquanto a moralidade ortodoxa, descrita por outros escritores, existia apenas em paralelo. No *demi-monde* sexual otomano, Casanova mostrou que não era uma voz solitária.

Depois, Ismail convidou-o para uma expedição noturna de pesca iluminada pela lua cheia. Ele aceitou, mas "seu desejo de ficar a sós comigo", escreveu, "parecia … suspeito". As coisas, porém, tomaram um rumo inesperado. Eles desceram até a praia, na casa de verão de Ismail, e prepararam os peixes que tinham apanhado. Depois, Ismail cochichou-lhe que provavelmente algumas mulheres de sua casa deveriam ir se banhar na piscina e que ele e Casanova poderiam vê-las de um jardim adjacente, do qual ele possuía a chave. Casanova concordou entusiasmado. "Conduzindo-me pela mão, ele abre a porta e ficamos na escuridão. Podemos ver toda a extensão da piscina, iluminada pelo luar [e], bem por baixo de nossos olhos, avistamos as mulheres completamente nuas, nadando, saindo da água, subindo os degraus de mármore, onde … se exibiam em todas as posições concebíveis." Era uma cena como as de *As mil e uma noites*: três mulheres do serralho, nuas ao luar. Os relatos dos viajantes desse período estão cheios do assombro diante das "abluções dos maometanos", e nesse aspecto Casanova parece ajustar-se a esse modelo literário. Os otomanos banhavam-se em público e com bastante frequência. Um escritor francês da época leva dez páginas descrevendo esses rituais, para o deleite do seu senhor real, o que inclui inesperados detalhes considerados chocantes em Versalhes: os homens e as mulheres praticando a depilação corporal completa — exceto as barbas.

É quase impossível pensar que a exibição do ritual de banhos pelas mulheres da casa de Ismail não tenha sido planejada. É bem possível, como narra Casanova, que Ismail desejasse assistir àquilo especialmente na companhia de outro *voyeur*. Casanova teve a certeza de que aquelas mulheres sabiam que estavam sendo observadas e que agiam de acordo

com isso. Ismail, sem dúvida, esperava que as coisas se tornassem mais íntimas entre ele e o veneziano. Casanova escreve que "optou por acreditar" que tudo o que aconteceu depois não tinha sido planejado por Ismail, mas ficou excitado a ponto de seguir o exemplo do outro e masturbar-se na escuridão enquanto observava as moças, e em seguida deixou que Ismail o tocasse. Sua prosa talvez seja deliberadamente obscura, suas emoções e seus impulsos estavam muito confusos, assim como sua consideração pelos futuros leitores, com seus preconceitos e suas expectativas acerca das narrativas de um libertino sobretudo heterossexual. "Jamais em minha vida", escreveu ele, "estive tão descontrolado ou tão arrebatado", o que ele pode ter considerado um abrandamento dessa rara confissão de contato sexual repetido com outro homem, que pode ou não ter sido de penetração plena.

> Tal como ele, não me restou alternativa senão fazer o melhor com o objeto a meu alcance, a fim de extinguir a chama acesa pelas três sereias … e Ismail triunfou ao descobrir que aquela nossa proximidade o condenava a ocupar o lugar do objeto distante, o qual eu não podia alcançar. Eu também tive de aceitar quando ele se voltou em outra posição. Teria sido falta de educação recusar. Eu poderia parecer ingrato, coisa que não faz parte de minha natureza.

A insinuação de Casanova sobre o que se passou a seguir na cabine onde espiavam parece inconfessável. Talvez ele estivesse, por assim dizer, provando a temperatura da água, admitindo de maneira franca sua independência sexual. Em termos literários, Constantinopla era o lugar certo para se fazer isso. A "Sublime Porta" aparece frequentemente na literatura de viagem da época como o lugar mais provável para os rapazes experimentarem uma cultura sexual diversa da que prevalecia na Europa. Às vezes tomado como calúnia deliberada ao islã, o testemunho de escritores como lady Mary Wortley Montagu, Adolphus Slade e o barão de Tott é consistente na sua confirmação da experiência de Casanova: Constantinopla era tão imoral quanto Veneza durante o *Carnivale*, juntando-se a isso, e como resultado, a possibilidade de encontros homossexuais.

Constantinopla estava ensinando muito a Casanova a respeito de si mesmo. Ele descobriu que sua ambição não ia além de sua ligação com a fé e a cultura da Europa. Descobriu que poderia se virar sozinho no estrangeiro, em meio a pessoas mais velhas e filósofos que o admiravam,

tal como acontecera na Itália. Descobriu que a liberação de seu apetite sexual no auge de sua voracidade não conhecia limites de lugar ou consciência, tampouco, ao que parece, do tipo de orifício ou de gênero. Se, como alguns sugerem, ele enfeitou o episódio de sua passagem por Constantinopla, isso também revela que ele optou por situar ali a definição de sua atitude com relação à Igreja, os limites de sua própria avareza — hesitou muito diante de um casamento arranjado — e, aparentemente, uma primeira experiência de sexo anal, ativo e passivo, que ele só menciona de passagem em suas memórias, dando-lhe menor atenção do que à filigrana dos cachimbos de jasmim de Constantinopla. Quanto ao seu dissimulado sedutor Ismail, Casanova concluiu o episódio simplesmente assim: "Não sabíamos o que dizer um para o outro, por isso simplesmente nos pusemos a rir", o que pelo menos tem um autêntico ar de Casanova.

Ele deixou Constantinopla mais rico em experiências de vida e também em mercadorias. Embora tivesse recusado a tentadora oferta de Yussuf Ali de um "alto posto no Império Otomano", além da mão da sua filha, Zelmi, Yussuf declarou ter ficado tão impressionado com a consciência e a argumentação de Casanova quanto teria ficado feliz por tê-lo como genro, e o presenteou com uma pequena cesta de artigos que ele poderia vender em Corfu. A aventura de Casanova com Ismail em Constantinopla foi das poucas que ele não relatou a Bonneval ou a Venier em seu retorno à embaixada veneziana. Perdeu a carta que Ismail escreveu para Acquaviva e vendeu o barril de hidromel que seu admirador lhe dera como presente de despedida.



As breves aventuras de Casanova em Corfu, em suas viagens de ida e volta à Turquia, são agora citadas como evidência da veracidade essencial de seus escritos sobre Constantinopla. Ele retornou a Corfu com uma montanha de mercadorias de Yussuf Ali e Ismail, adquiridas, segundo diz, pelo simples preço da afeição que eles haviam dedicado à sua boa companhia, embora um olhar cínico de agora possa perceber certa probabilidade de flertes sexuais. Os presentes incluíam vinho, tabaco, cachimbos de jasmim e café mocha, que em Corfu valiam

centenas de *zecchini* entre as forças navais e sua sofisticada comunidade de cortesãs. Em Corfu, Casanova obteve uma posição, comprada em Veneza, de menor importância no Exército veneziano. Com esta, somada à sua impressionante erudição e a mais uma apresentação de Dolfin, ele conseguiu uma oferta de emprego como assessor de Giacomo da Riva, governador das galeras baseadas em Corfu. Por sua vez, esse fato o desembarcou em um breve período na cama da *signora* Foscarini, amante de Riva.

Esse *affaire* foi estéril, frustrante e humilhante, uma primeira lição de cicisbeísmo[b] — o código veneziano da galanteria — , que poderia levar ao desastre romântico. Diante de sua frustração com a amante de seu oficial superior, Casanova pagou para fazer sexo com uma prostituta do porto e contraiu gonorreia mais uma vez.

Foi um homem castigado que velejou de volta para Veneza. Seu navio lançou âncora perto do *Arsenale* no dia 14 de outubro e, depois da quarentena a bordo, ele pisou o solo de Veneza em 25 de novembro, Estava sem dinheiro, magro, indisposto e cheio de dúvidas íntimas. Mas, em muitos aspectos importantes, ele começara a crescer.

---

[a] Jogos de cartas do século XVIII, semelhantes ao bacará. (N.T.)

b *Cicisbeo*: especialmente na Itália durante os séculos XVII e XVIII, este termo se referia ao acompanhante ou amante de uma mulher casada. (N.T.)

SEGUNDO ATO, CENA IV

Palazzo Bragadin, o ingresso de um jovem na sociedade

1745-48



"Sentia-me envergonhado … sentia-me humilhado … ganhando
um escudo por dia arranhando o violino na orquestra do
teatro San Samuele … Deixei minha ambição dormir."
GIACOMO CASANOVA,1745

TÃO LOGO LHE PERMITIRAM DESEMBARCAR, Casanova foi visitar a *signora* Orio para obter notícias de suas amigas e fazer uma visita às suas "esposinhas". Sentira muitas saudades enquanto esteve ausente. A viúva Orio tinha se casado de novo, Nanetta também se casara e se tornara condessa, e sua irmã, Marta, entrara para o convento de Murano, de forma que ele nunca mais a viu.

Seu irmão Francesco, agora com 18 anos, estudava as pinturas de batalhas de Simonini no Forte de Sant'Andrea, onde Casanova já estivera preso. Os dois jovens tornaram-se quase amigos pela primeira vez, depois que Casanova se deu ao trabalho de ir visitar o forte e exigir o retorno de Francesco a Veneza.

Entretanto, seu reaparecimento na cidade não foi feliz nem auspicioso. Casanova tinha consciência, já aos 20 anos, de que o consideravam um diletante e uma decepção. Seus alardeados planos de seguir uma bela carreira na Igreja ou no Exército haviam se despedaçado contra as rochas de uma ambição exagerada e de pequenos escândalos. Os antigos conhecidos dos arredores de San Samuele riam abertamente dele. Com seu irmão, também sem um tostão, ele alugou um quarto barato em

outro bairro humilde de teatro, a calle del Carbon, em San Luca, a alguns metros do centro de Veneza, bem no ponto médio do Campo San Luca. Isso poderia ser sintoma de uma espécie de depressão abnegada, de certo modo adolescente, ou algum indício firmemente arraigado em Casanova, que escolhera assinalar o ponto mais baixo da sua vida tornando as coisas ainda piores.

Ele propôs a Grimani retornar ao teatro como violinista de categoria inferior. Havia uma vaga na orquestra e, desde as aulas com o dr. Gozzi, em Pádua, ele nunca deixara de tocar violino, ainda que de maneira intermitente. Sua posição na orquestra foi uma terrível humilhação pública, porém ele próprio havia decidido aquilo, emparedando-se no seu infortúnio. Apresentou-se no apertado poço de orquestra do San Samuele em duas comédias musicais que foram recém-identificadas como *L'Olimpiade*, de Fiorelli, e *Orazio Curiazio*, de Bertoni. Mas evitou entrar em contato com seus antigos amigos. Escondia-se como podia, fugindo das "reuniões da moda". Encapuzou-se psicologicamente, começando a beber muito e circulando com uma turma de maus elementos. Uma das primeiras referências a Casanova nos arquivos da Inquisição veneziana registra sua desgraça: "Depois da perda do hábito do antigo sacerdote, Casanova foi tocar violino no teatro San Samuele, de Grimani. Este Casanova, segundo muita gente que ele encontrou em suas viagens, não tem nenhum respeito pela religião."

Existe camaradagem no teatro profissional, e também uma cumplicidade nos hábitos de mau comportamento. Em qualquer teatro, o poço da orquestra tradicionalmente se comunica com o bar, e tal foi a experiência de Casanova. Os jovens músicos se derramavam entusiasticamente pelos *magazzini* que ficavam abertos a noite inteira, perto do San Samuele, nos campos de San Stefano e de Sant'Angelo e, encorajados pelo vinho *malvasie*, pela disposição alegre e pela irresponsabilidade, aprontavam em torno da praça São Marcos. Soltavam as amarras das gôndolas, acordavam religiosos para irem dar a extrema-unção a gente saudável, enviavam parteiras à casa de virgens solteiras, cortavam as cordas dos sinos, soavam alarmes de incêndios e chegaram até mesmo a profanar o memorial de guerra, no meio do Campo Sant'Angelo. Casanova recorda tudo isso sem qualquer sentimento de culpa, tampouco tenta se defender. Era um jovem completamente

perdido.

Entretanto, foi outro incidente com a orquestra, durante o Carnaval de 1746, que o colocou em uma posição totalmente diversa, tanto na sociedade de Veneza como na vida. Foi sorte dele poderem tocar aquela noite no outro lado do Grande Canal, liberados por algum tempo de suas obrigações no San Samuele. Eles compunham "uma das várias orquestras para os bailes … oferecidos durante três dias no Palazzo Soranzo … di San Polo", em comemoração ao casamento de um patrício. Se Casanova não estivesse lá, jamais teria conhecido Bragadin.

O senador Matteo Giovanni Bragadin era irmão do *procuratore* de Veneza e morava no Palazzo Bragadin di Santa Marina, uma construção do século XVI, perto de Rialto. Naquela noite de março de 1746, ele estava no Palazzo Soranzo, junto com a nata da sociedade veneziana, para as celebrações do casamento. "Uma hora antes do amanhecer" a orquestra recebeu seu pagamento e Casanova estava se dirigindo para casa quando, à sua frente, na fila para as gôndolas, um senador de vestimenta vermelha deixou cair uma nota no chão. Casanova entregou-a ao senhor, que se apresentou como senador Bragadin, agradeceu-lhe e em seguida ofereceu uma carona até sua casa.

Já na gôndola, entretanto, o senador sofreu algo que parecia ser um ataque. Primeiro o braço ficou dormente, depois a perna, e quando Casanova aproximou uma lâmpada do rosto dele, metade da face do senador estava tomada por um ricto de paralisia. Casanova agiu com presteza. Mandou que os gondoleiros parassem na calle Bernardo e foi acordar um cirurgião, que no mesmo instante veio atender o senador na gôndola e lhe aplicou um sangramento, enquanto todos se apressavam para o Palazzo Bragadin, no outro extremo do canal. Casanova ficou por ali, sem camisa — ele dera a sua para estancar o sangue do senador. Os criados foram correndo chamar dois amigos mais próximos do senador, Marco Dandolo e Marco Barbaro, que chegaram em menos de uma hora. Depois de chamarem um médico, disseram a Casanova que ele podia voltar para casa. Ele respondeu que iria ficar.

Ao que parece, o médico cometeu um erro de diagnóstico, tratando o problema como ataque cardíaco e aplicando um cataplasma de mercúrio sobre o peito do senador. Este piorou rapidamente. Casanova então deu um desses saltos no escuro que pontuaram toda sua carreira.

Questionando aquela prescrição, ele removeu o cataplasma. No contexto veneziano da estrutura de classes e da prevalência da opinião médica, aquilo foi de uma audácia incrível. Mas o senador se recuperou, saudou Casanova como um gênio, um curador natural, e pediu-lhe que se mudasse para o seu *palazzo*.

Segundo o relato de Casanova, a chave para o interesse de Bragadin, e também de Dandolo e Barbaro, foi o seu papel como curandeiro. Eles também compartilhavam o interesse pelos ensinamentos esotéricos conhecidos como cabala, que nessa época era comum em Veneza e que será discutida mais à frente, em um outro *intermezzo*. Bragadin acreditou que Casanova possuía poderes excepcionais. Quando perguntado de onde vinham seu conhecimento e o dom para a medicina, ele citou umas baboseiras que ainda recordava da coleção de livros ilegais do dr. Gozzi e esperou que desse certo. Seu gênio médico se compunha de pouco mais do que confiança em si mesmo e senso comum, que já eram fortes traços seus, além da vontade instintiva de arriscar a sorte. Se Bragadin tivesse morrido, ele teria sido considerado responsável. Mas ao se defrontar com o perigo, sua tendência era sempre de agir como um ator de *commedia*, improvisando na direção menos provável. Da forma como aconteceram as coisas, ele se pôs *en route* para se tornar o homem que um dia sonhara ser. Mudou-se para o Palazzo Bragadin e para o mundo que sempre sentiu que seria o seu.

Entretanto, há outra explicação possível para essa súbita elevação de Casanova na sociedade e sua rápida adoção por um senador de 57 anos cujos amigos eram confirmadamente solteiros.

Casanova teve plena consciência dos rumores que logo estariam circulando por Veneza:

> A íntima afeição que me dedicam aquelas três respeitáveis personagens foi motivo para olhares de reprovação por parte dos que observavam. Todo mundo fofocava, como se por trás daquilo houvesse algum estranho fenômeno ocultando algo sinistro … as más-línguas inventavam explicações infames. Essa coisa, dizia-se, não pode ser natural. A calúnia também se infiltrou. Existia algum mistério sob a superfície que deveria ser exposto?

Um estudioso de Casanova declarou, sem hesitação, que Bragadin deliberadamente “escolheu e tomou” aquele belo moço da orquestra.

Isso poderia parecer improvável: o ataque sofrido por Bragadin foi seriamente tratado por outras pessoas. Não foi fingimento. Porém, o episódio todo talvez tenha começado em razão de circunstâncias diversas das que Casanova apresenta. É impossível sair perambulando do Palazzo Soranzo até o canal — o Rio de la Madonetta. O palácio tem um portão para o mar que se abre diretamente do *portego*, ou vestíbulo no nível da água, sobre o canal. Embora as gôndolas esperassem na *piscina*, que é onde os dois canais se encontram (o Rio delle Beccarie e o Madonetta), é preciso fazer um contorno, penetrando num escuro labirinto de *calles*, e caminhar até a arcada do Fondamenta Del Banco Salvati, onde os gondoleiros aguardavam.

Teria sido isso que o senador Bragadin fez, olhando furtivamente por cima do ombro na direção da insaciável calle Cavalli, com Giacomo Casanova a segui-lo discretamente? Não teria sido a nota caída no chão antes um sinal definitivo de um flerte iniciado mais cedo do que um movimento de abertura de jogo? Se Casanova era um oportunista sexual onívoro, atingido seriamente pela falta de sorte em 1746, isso faz algum sentido: "A associação com Bragadin começou como a simples venda de seu corpo [de Casanova], da mesma forma que todos os membros da família dele e todo mundo no teatro, de ambos os sexos, vendiam os seus." Isso certamente ajuda a explicar o forte domínio de Casanova sobre Bragadin a partir daquela data. Em outro trecho, Casanova opina que não passa de um tolo qualquer jovem que não obtiver "a afeição e a estima dos homens de posição … por suas carícias e [pelo desafio ao] preconceito". Além disso, ele tinha pleno conhecimento de que a Inquisição considerava suspeito aquele relacionamento instantâneo com Bragadin. "Vim a saber 20 anos depois que eles punham pessoas para nos seguir e que os melhores espiões do Tribunal dos Inquisidores do Estado estavam encarregados de descobrir qual seria a explicação oculta para aquela união duvidosa e monstruosa."

Na verdade, os arquivos da Inquisição veneziana dão legitimidade à paranoia de Casanova sobre o interesse por ele e à convicção de que tinham sido lançados atrás dele os melhores espiões, assim como à teoria de que ele estaria vendendo o corpo e também seus presumidos poderes cabalísticos de cura. Os arquivos da Inquisição estão saturados de uma insistência indireta, porém muito significativa, de que naquela época

Casanova era algo entre um parasita, um alpinista social e um prostituto.

> Em algumas das pessoas que ele conhece, … inclusive Bragadin, … Barbaro e outros nobres que gostam dele, e com alguns dos quais ele é íntimo … Também se observaram inúmeras relações com estrangeiros, e uma jovem multidão — tanto homens quanto mulheres — com os quais ele flerta em suas casas, assim como mulheres casadas, e homens e mulheres mais velhos, que ele também entretém em todos os sentidos.

A conclusão da Inquisição foi que "[Casanova] está tentando subir socialmente e fazer fortuna, enquanto ao mesmo tempo satisfaz seus prazeres". Por último, se naquela noite ele estava de fato esperando por uma carona até sua casa, do outro lado do canal, então por que teria viajado com o senador, cuja gôndola se dirigia na direção *oposta*, para o norte, rumo à encruzilhada de canais em torno da calle Bernardo, *antes* do "ataque cardíaco"?

Quando o próprio Casanova explica por que foi logo aceito como amigo pela trinca de patrícios solteirões, o fato é ainda menos honroso para ele, dependendo do nosso ponto de vista. Bragadin, Dandolo e Barbaro eram aspirantes a cabalistas, muito presos à leitura da sorte e ao lançamento de feitiços baseados no antigo misticismo judaico, que na época estavam na moda, apesar de ilícitos. Naqueles tempos, Casanova devia conhecer tanto de cabala quanto de medicina, mas conseguia dizer as coisas certas na hora certa e convencer os três homens dos seus poderes — coisa que, em vez de constituir uma violência, ganhou, segundo ele, os corações dos três "velhos" (os três eram de meia-idade).

Em poucas semanas, Bragadin já pedia a Casanova que fizesse algo mais do que apenas mudar-se para lá. Pediu-lhe que se tornasse, especialmente para ele e seus amigos, um cabalista ocultista e um curandeiro privado, além de se tornar seu filho adotivo.

"Tive a atitude mais honrosa, mais nobre e a única natural", escreveu Casanova, não sem uma ponta de ironia. "Decidi colocar-me em uma posição em que não tivesse mais que continuar ao sabor das necessidades desta vida, e o que essas necessidades significavam para mim ninguém poderia avaliar melhor do que eu." E declarou: "Esta é a história da minha metamorfose e do período feliz que me projetou de repente daquele desprezível papel de violinista para o de um nobre." Ele

tinha saltado por cima dos refletores até o papel de *jeune premier*, no centro do palco, que ele tanto cobiçara. Da noite para o dia, tornou-se um jovem patrício veneziano, com todos os privilégios da riqueza e nenhuma das responsabilidades que poderiam acompanhar a mesma caso fosse um filho biológico, e não adotado.

Mas aquilo não aconteceu por capricho dos deuses do teatro: Casanova atribuiu-o ao seu "insuperável amor-próprio". Ao ser desafiado a respeito de seus conhecimentos cabalísticos, blefou e em seguida enfrentou a situação. Ele desenvolveu uma afeição genuína por aqueles três senhores — "puro céu", como os classificava — e, caso se mostrassem generosos em favores materiais para ele — "pura terra" — , ele retribuía com um espírito protetor e uma afabilidade juvenil. Ele seria o jovem que eles um dia foram, disse ele, para que pudessem sentir um prazer substituto. Por que não? Suas explicações sobre a afeição de Bragadin, além do interesse comum pela cabala, eram simples:

> O magnânimo Bragadin tomou conta de mim … ele amava meu coração e a minha inteligência. Na juventude, ele também fora um grande libertino, um verdadeiro escravo das paixões … pensou ver em mim a sua própria imagem e sentiu pena de mim. Costumava dizer que eu estava indo tão depressa que logo pegaria fogo, mas apesar dessas expectativas, ele jamais perdeu a fé em mim. Sempre esperou que a minha turbulência abrandasse, mas não viveu para ver isso acontecer.

Casanova juntou-se àquela classe da alta sociedade veneziana que, como Stendhal mais tarde declararia, viveu melhor, com maior elegância e felicidade do que talvez qualquer outra na história. E ele tinha um talento singular para a felicidade, e para viver a melhor das épocas. Assim começa o período de Casanova como um ocioso cavalheiro de Veneza — a imagem que ele legou para o mundo, porém com a qual tropeçou quase por acidente e que ocupou apenas uma parte dos seus 20 anos. Nunca se pode destacar suficientemente o fato de que aquele acidente perto do Palazzo Soranzo, seja lá como tenha acontecido, modificou profundamente a vida de Casanova. *Deus ex machina*, o episódio o retirou da sarjeta, elevando-o até as alturas estreladas da sociedade veneziana. E essa transformação do tipo Cinderela compôs sua vida e a colocou sob o risco de se arruinar. Nos arquivos da Inquisição, logo fica evidente que foi essa infração de classe — e não qualquer outra

coisa que Casanova tivesse feito sob os lençóis ou com as cartas do tarô — que alertou os guardiões de *La Serenissima* para o supostamente perigoso radicalismo de Casanova. Mas tudo isso faria parte do futuro dele.

Por enquanto, Casanova começava a aprender como ser um homem rico. Bragadin, Dandolo e Barbaro decidiram lhe dar uma mesada bastante generosa de dez *zecchini*, que lhe foi paga por quase todo o restante da vida. Também realizou algum trabalho mais leve para um certo Leze Manzoni. Tinha novamente um lar e uma nova figura paterna — ou melhor, várias. E o mais importante, a respeito de sua permanência em Veneza: agora possuía sua própria gôndola e um criado, e dali em diante podia trajar-se e agir no mesmo nível que seus jovens amigos nobres: o conde polonês Zawoiski, o jovem e turbulento Zorzi Balbi, Angelo Querini, um famoso brincalhão, descendente de uma importante família veneziana, e também o jovem libertino Lunardo Venier, cujo *palazzo* da família ficava de frente para o San Samuele, sobre o Grande Canal. Todos se tornaram seus amigos íntimos.

Aquele relacionamento no Palazzo Bragadin, iniciado segundo a tradição teatral de uma quase prostituição, ou, como Casanova o apresenta, do cínico engodo daqueles três cavalheiros obcecados por espiritualidade, logo se transformou em algo mais tocante. Bragadin e — em escala menor, embora crescente — Dandolo e Barbaro evidentemente tomaram conta daquele rapaz. Em troca, ele começou a amá-los e a respeitá-los. Recorria a eles toda vez que necessitava de conselhos ou de dinheiro. Como bem sabia, Bragadin tinha vivido e amado muito em sua juventude, e conhecia mais coisas sobre a sociedade veneziana do que o seu jovem protegido, oriundo de uma viela de fundos do San Samuele, poderia conhecer.

Quando se viu envolvido no episódio da fuga de uma jovem nobre de um noivo incompetente, ou ao tentar ajudar uma moça do campo com seu dote, eles lhe deram conselhos e o repreenderam. Em ambas as circunstâncias, sua valentia teve múltiplas motivações: as mulheres lhe concederam favores sexuais em troca de seus obséquios. “[Bragadin] sempre me dava excelentes orientações”, escreveu ele, “às quais escutava com prazer e admiração, e que jamais ignorei. Era tudo o que ele esperava de mim. Dava-me bons conselhos e dinheiro.” E, como

Casanova tinha plena consciência, também lhe dava amor.

Entrando e saindo constantemente do *portego* do Palazzo Bragadin, sob as três cabeças de apóstolos esculpidas em pedra na varanda do *piano nobile*, Casanova logo se tornou uma figura conhecida nos arredores de Santa Marina, a pequena paróquia dominada pelo sofisticado palácio e, o que era uma ironia, por outro teatro: o *Teatro Grimani di San Giovanni Grisostomo* (hoje Malibran). Quando o jovem dândi saltava ou embarcava em sua gôndola, podia relancear os olhos até o outro lado do canal, para a vida que deixara para trás. Do lado oposto ao portão do *palazzo*, aberto para o mar, ficava a porta para o palco do teatro.

Na companhia daqueles três homens mais velhos, ele passou o verão de 1746 em Pádua, no continente, embora distante do antigo mundo de estudos na casa do dr. Gozzi. Em vez disso, foi desperdiçar tempo e dinheiro na casa de uma famosa cortesã local chamada Ancilla, que dirigia uma casa de jogos. Em decorrência disso, ele veio a enfrentar seu primeiro duelo, contra "um jovem tão insensato quanto eu mesmo, e com os mesmos gostos", certo conde Medini, o principal amante de Ancilla e também seu melhor trapaceiro nas cartas. Um combate de espadas à luz do luar — Casanova adotara o nobre hábito militar de sempre portar uma espada, embora em parte alguma mencione ter tido aulas de esgrima — no qual ele feriu o conde levou Bragadin a propor que Casanova retornasse imediatamente para Veneza. Ele obedeceu e passou o restante do ano de 1746 "nas minhas ocupações habituais… jogando e saindo à procura de casos amorosos".

Não surpreende que as autoridades venezianas tenham tomado conhecimento do jovem Casanova. Veneza era, e continua a ser, uma cidade onde é impossível se conseguir algum tipo de anonimato nos simples passatempos do dia, e onde a menor transgressão se transforma no mesmo instante em tema de mexericos, comentários, censuras ou diversão. Além disso, no século XVIII existia uma extensa rede de informantes pagos pelo Conselho dos Dez, juntamente com seu subcomitê, o Conselho dos Três, mencionados com maior frequência por seu temível título eclesiástico: Inquisição. Mas não se deve confundir a Inquisição veneziana com a outra Inquisição, a da eliminação religiosa. O Conselho dos Três, ao qual era dirigida a maior parte do material da Inquisição, era um órgão de censura do governo.

Giovanni Battista Manuzzi passava informações principalmente da região em torno do Campo San Stefano e Sant'Angelo, mas também escrevia sobre problemas em lugares tão distantes quanto Rialto, San Luca e até mesmo Santa Marina. Era um bebedor contumaz, a julgar pelas manchas de vinho em seus relatórios, que ainda podem ser vistos na Basílica de Frari, em Veneza, e pela caligrafia cada vez pior dos seus últimos relatórios. E também era um puritano. Foi tomado por um vivo interesse por Casanova, que a certa altura teve a atenção da Inquisição voltada para si, no mínimo devido às brincadeiras que iam muito além da mera efervescência, chegando ao reino do perigo e do mau gosto. Havia relatórios a seu respeito, assim como acerca de tantos outros cidadãos como ele, por ser visto frequentemente em companhia de gente que se relacionava com estrangeiros.

Contudo, era mais do que isso. Como era um órgão do Estado, mais do que de controle religioso, embora essa distinção pouco significasse para qualquer cidadão veneziano do século XVIII, a Inquisição veneziana interessou-se por Casanova sobretudo devido à sua súbita elevação a uma condição praticamente de nobreza.

Uma das principais funções da Inquisição, e certamente também do governo veneziano, era preservar a oligarquia de Veneza: aquele círculo fechado das famílias patrícias que faziam parte do Livro de Ouro do doge e que estavam aptas a colocações no governo e na Igreja, a sinecuras e a monopólios comerciais — intocados pelo restante da sociedade veneziana ou internacional. Um dos primeiros relatórios de Manuzzi sobre Casanova ilustra bem a forma como inadvertidamente ele caiu nas mãos da Inquisição ao se comportar notoriamente mal em companhia de pessoas bem-relacionadas:

> Obrigado pela [Inquisição] veneziana a tratar da questão de Giacomo Casanova, filho de um comediante e de uma *comédienne*, o caráter [de Casanova] pode ser descrito da seguinte forma: astucioso, alguém que tira vantagens da generosidade dos outros, como do *sig.* Bragadin, que o ajudou financeiramente pelo fato de [...] estar desempregado. A maior parte das viagens que fez giraram em torno de pessoas com inclinações semelhantes às dele, porém com todas as ocupações possíveis: de nobres a aventureiros de segunda classe. Entretanto, dom Pio Batta Zini, da Igreja de San Samuele, amigo de Casanova, disse-me em particular e de modo confidencial que ninguém deve subestimar a inteligência de Casanova; ele é um aventureiro

que, na cidade, é capaz de controlar a nobreza endinheirada por meio das inúmeras relações [que tem no meio dela].

Talvez sabendo ser monitorado de perto, Casanova deixou Veneza em janeiro de 1748 e viajou pelo norte da Itália, até Milão, onde o principal atrativo era que "Ninguém prestava atenção em mim". Mas isso não seria por muito tempo. Ele pegara 400 *zecchini* emprestados, muito provavelmente de Bragadin, estava "bem-suprido de joias, com saúde excelente e na feliz idade de 23 anos". Certo dia, ele se vestiu bem e saiu para ir ao teatro.

Apresentava-se uma ópera, que nada tinha de notável a não ser a aparição para o "aplauso geral" da irmã mais jovem de Teresa Lanti, Marina, agora "crescida, bem-fornida. Em suma: tudo o que uma bela jovem de 17 anos deveria ser". E de fato era tudo o que uma bela irmã da família Lanti deveria ser, pois estava sob a "proteção" de um autointitulado conde romano, Celi, que a fazia dormir com os homens que ele queria trapacear no jogo. Quando Casanova se apresentou como parente de Marina, Celi disse: "Ela é uma puta", o que Marina prontamente confirmou ser verdade, "e o senhor pode acreditar nele, pois ele é meu gigolô". Impulsos conflitantes de valentia e de oportunismo levaram Casanova a "salvá-la" das mãos dele e a se oferecer para acompanhá-la até Mântua, onde ela teria um novo contrato como *prima ballerina*. Ao libertá-la daquela situação, ele se viu desafiado de novo a um duelo. O homem que atuou como seu padrinho iria se tornar seu amigo pelo restante da vida. Era o ator, cantor e dançarino francês Antonio Stefano Balletti, um ano mais velho do que Casanova, e que deveria se apresentar dançando com Marina em Mântua.

Nesta etapa de sua vida, Casanova foi lançado seguidas vezes de volta ao mundo do teatro profissional. Chegava a viajar usando o nome de solteiro da mãe, Farussi, e evidentemente achou que a companhia dos músicos e dos atores se ajustava à sua divertida abordagem de mundo e à sua falta de raízes. Marina, entretanto, sentiu-se atraída por Antonio, enquanto os três viajavam juntos para Mântua, passando por Cremona. O hábito de Casanova de sempre procurar muita gente de teatro também pode ter sido apenas uma preferência pela vida noturna. E em muito pouco tempo, enquanto Marina e Antonio estavam ocupados ensaiando,

e os três alojados separadamente, isso voltou a lhe trazer problemas.

Mântua estava sob toque de recolher parcial. A cidade era patrulhada por milicianos do Exército austríaco, porém o oficial que interrogou Casanova por se encontrar tarde da noite na rua era de ascendência irlandesa e servia na Infantaria Imperial: um certo Franz O'Neilan. No mesmo instante, ambos se reconheceram como espíritos aparentados e poucas horas depois da "prisão" de Casanova já estavam bebendo juntos. O'Neilan, entretanto, era um dissoluto de tipo mais radical. Gabava-se de ter desistido de se curar da gonorreia, saía em busca de brigas e confusões, achava que não era nada de mais derrubar senhoras idosas ao galopar pela cidade e tinha um interesse particularmente estranho pelo sadismo sexual: usava um anel com ponta para infligir dor no momento de maior prazer. Isso se revelou informação demais para Casanova, que, por mais não ortodoxos que fossem os seus gostos, jamais se excitara com a violência.

Por fim, entraram em desacordo a respeito de suas diferentes filosofias acerca da abordagem às mulheres. Casanova apresentou seu silogismo de que fazer amor sem amor de nada valia, e O'Neilan o provocou por ter pegado mais uma vez uma doença venérea por causa de 15 minutos passados com uma prostituta que ele nem mesmo achara atraente.

A compreensão de Casanova sobre a própria sexualidade estava evoluindo: neste ponto de suas memórias, ele reconhece que sua compulsão pelas aventuras sexuais não era inteiramente física, mas também em decorrência da felicidade em proporcionar felicidade, pelo desempenho em si, por um desejo patológico de agradar tanto em termos sexuais como de outras formas e em seguida ir embora. A ideia de procurar o sexo para infligir algo menos do que o prazer ou para infligir dor, no caso de O'Neilan, por mais "bem construído para o amor e … alto e belo" que fosse, era uma maldição para Casanova.

Ele passou dois meses em Mântua, tratando-se da gonorreia com as costumeiras doses de *eau de nitre* e uma dieta espartana. Enquanto isso, ia com frequência ao teatro assistir aos amigos Balletti e Marina, que dançavam sua paixão sobre o palco.

Naquela que deveria ser sua última noite em Mântua, ele foi mais uma vez ao teatro, onde encontrou o *signor* Manzoni, em cuja firma de

advocacia já trabalhara em Veneza. Manzoni estava acompanhado de Giulietta, a famosa cortesã que Casanova conhecera anos antes no Palazzo Malipiero. Por meio deles, foi apresentado ao figurão local do Exército austríaco, o general Spada. Aquela poderia ter sido uma reunião comum, entre amizades antigas e novas, e merecer nada mais do que uma nota de rodapé em suas memórias, isso se mais tarde naquela mesma noite Casanova não tivesse se encontrado com uma mulher que tinha a pretensão de ser o grande amor de sua vida.

SEGUNDO ATO, CENA V

Tu também esquecerás Henriette

1749



"Quem acredita que uma mulher não é capaz de fazer um homem feliz o tempo todo, durante as vinte e quatro horas do dia, jamais conheceu uma Henriette … É impossível conceber a extensão da minha felicidade."
GIACOMO CASANOVA

HOUVE UM REBULIÇO NO CORREDOR da pensão onde Casanova estava hospedado, em Cesena, tal como a de uma cena de abertura de qualquer peça da época, fosse ela uma farsa, um romance ou um drama. Na verdade, aquele vozerio parecia anunciar as três modalidades. Um oficial húngaro, como Casanova deduziu pelas peças de uniforme espalhadas, estava discutindo com o senhorio italiano. O oficial tentava comunicar-se com ele em latim. Havia outro homem na cama do quarto dele, porém o senhorio ameaçava o húngaro com a Inquisição, que todos sabiam ser particularmente severa em Cesena, por desconfiar que o intruso fosse uma mulher. Ele já havia chamado os *sbirri*, os guardas da Inquisição, que se reportavam ao bispo local.

Casanova, movido por luxúria, valentia ou algum instintivo interesse pelo drama, além do apoio a uma vítima de injustiça, decidiu colocar-se do lado do estrangeiro e atuar como tradutor. "O ardor com que me dediquei ao problema", declarou ele, "[partiu] de meu senso inato de decência, que não suportava ver um estrangeiro ser tratado de tal maneira." É claro que ele também estava intrigado com a pessoa que se encontrava na cama do húngaro. Casanova então saiu para ir pedir ao general Spada, a quem conhecera no teatro, ajuda contra os *sbirri*, pois acreditava, e corretamente, que os mesmos estavam sendo usados pelo

senhorio para extorquir dinheiro do húngaro. E tudo se passou da velha maneira veneziana: um pouco de charme, alguns contatos, alguns olhares enviesados diante das maneiras equivocadas dos homens e da mania que se tinha de depenar os turistas… e tudo foi resolvido.

De volta à hospedaria, o húngaro revelou seu companheiro de cama: era uma francesa toda desarrumada, de cabelo bem curto e vestida como soldado, chamada Henriette. Não falava italiano nem latim, e o húngaro também não falava francês. No entanto, os dois eram companheiros de viagem e de cama, num arranjo tão pouco convencional quanto perigoso. Fazer-se passar por soldado não era algo incomum, uma vez que o próprio Casanova já fizera o mesmo. Mas dormir com uma mulher vestida de homem era atrair mais do que a curiosidade da Inquisição, pois diversamente de Bellino, Henriette não fazia esforço algum para ocultar sua condição de mulher. Seu travestismo era um sinal de emancipação sexual e social. Ela esperava que a tratassem como homem e estava viajando quase declaradamente como amante de um estrangeiro mais velho, com o qual não podia conversar. Estavam se dirigindo a Parma, o que fez Casanova reconsiderar seu plano de viagem no mesmo instante.

Se alguma lembrança do travesti Bellino foi despertada pela imagem que emergiu dos lençóis do húngaro, Casanova não faz qualquer referência. Mas na *História da minha vida* ele logo se refere à faiscante e obstinada Henriette como a “mascarada”. E foi a inteligência afiada para o teatro revelada por ela que primeiro aguçou a curiosidade dele sobre seu passado, sua educação e seu encanto singular. No dia seguinte, Henriette enfrentou uma verdadeira bateria de perguntas de Giulietta, para quem ela devia ser alguma cortesã em fuga ou, como Casanova qualificou, uma “aventureira”.

— É muito estranho — disse Giulietta à “mascarada” — que vocês possam viver juntos sem nunca falarem um com o outro.

— Por que estranho, *signora*? Nós nos compreendemos muito bem, pois não é necessário falar no negócio que fazemos juntos.

Nesse momento todos morreram de rir.

— Não conheço nenhum negócio em que não seja necessário falar, ou pelo menos escrever.

— Perdão, *signora*. Existem negócios, sim, por exemplo: jogar.

— Então vocês não fazem outra coisa senão jogar cartas?

— Só isso. Jogamos *faro*. E eu sou a banca.

Neste ponto, Casanova escreveu:

O riso perdurou até todos ficarem sem fôlego, e a *signora* Querini [La Giulietta] não teve outro remédio senão rir também.

— Mas então a banca movimenta grandes somas?

— De jeito nenhum. Na verdade, o que a banca recebe é tão pouco que nem vale a pena contar.

Esta última zombaria, observa Casanova, ficou sem tradução para o grupo, para poupar o amor-próprio do húngaro.

Casanova estava intrigado com a história da companheira de cama oculta e atraído ao ver que se tratava de uma mulher linda e estabanada, e agora estava apaixonado por aquela "espécie de inteligência que sempre admirei tanto" — como descreveu, uma mistura de licenciosidade e de amor pela linguagem. Ela já revelara ser uma aventureira. Ele resolveu que iria tomá-la do húngaro, depois de presumir, mais uma vez de maneira correta, que para ela aquele caso era um tipo de bandeira de conveniência em suas viagens. Para ele, todos os elementos-chave de uma aventura romântica estavam presentes em Henriette: o ar de mistério, a transgressão, para não mencionar o travestismo, o nome dela, que se revelou falso, e a necessidade extra de independência, nascida de alguma desventura anterior. Também havia a beleza física, uma atitude aparentemente liberada em relação ao sexo e a promessa de uma paixão imediata e evanescente.

Henriette confessou a Casanova que já cometera "três loucuras" na vida, pelas quais estava pagando. Uma delas fora o seu casamento — ela descreveu o marido e o sogro como verdadeiros monstros. Agora estava *en route* para Parma, tendo apanhado aquele húngaro perto de Roma para servir como uma espécie de escolta. Casanova então tomou a sua primeira atitude: perguntou ao húngaro se poderia ficar com Henriette como sua amante. O húngaro concordou. Ele então sugeriu a Henriette que ela prosseguisse para Parma em sua companhia, como seu protetor substituto: "Não só sinto amizade por você", afirmou ele,

“[diferentemente do húngaro], eu a amo tanto que se torna absolutamente necessário que a posse completa da sua pessoa me faça feliz, ou então que eu permaneça aqui, deixando você ir embora com o oficial … Saiba, *madame*, que é possível a um francês esquecê-la, mas um italiano, a julgar por mim mesmo, nunca teria esse poder.”

A força de sua paixão, que conseguira conquistar Teresa/Bellino em um momento crucial de sua vida, no início provocou risos em Henriette. (Ela o tratou como um menino apaixonado desde o começo, e é possível que ela fosse quase dez anos mais velha do que ele). Aquilo o enlouqueceu e, cheio de petulância, ele exigiu que ela decidisse imediatamente quem deveria escoltá-la até Parma. Mas ela continuou a provocá-lo: “Deixe-me, eu lhe imploro, porque jamais em minha vida imaginei que uma declaração de amor pudesse ser feita com tanta raiva. Você compreende o que significa dizer a uma mulher, em uma declaração de amor, coisa que deveria ser apenas ternura: ‘Senhora, ou um, ou outro. Escolha agora mesmo?’”

O amor se encontra muitas vezes entre o riso e a solidão. Henriette foi uma das poucas mulheres que Casanova permitiu que rissem dele, que conhecessem sua indigência essencial, e que participassem como iguais de uma ligação com ele. Ao ser forçado a declarar a necessidade que tinha dela — “Esteja certa de que eu a amo. Então, escolha. Decida” — , ele transmitiu para Henriette todo o poder daquela relação, o poder de iniciá-la e de terminá-la, o que evidentemente era parte do que o deixava irritado, e também excitado:

“Sempre esse mesmo tom!”, tornou a rir dele. “Sabia que você parece estar com raiva?”

A resposta final dela foi clara, ainda que um tanto ambígua: “Sim”, concordou ela. “Venha para Parma.”

Caso ele tivesse vontade, poderia juntar-se a ela. Ou não. De qualquer forma, ela iria partir. O húngaro seguiria seu próprio caminho. No dia seguinte, em uma hospedaria em Reggio, entre Bolonha e Piacenza, Casanova e Henriette tornaram-se amantes. A aparente facilidade com que os homens da época podiam trocar ou negociar favores com as mulheres — uma vez perdida sua respeitabilidade — parece chocante para as sensibilidades de hoje. Fosse tratando com uma escrava grega,

uma criada russa ou uma possível cortesã, Casanova deixava clara a condição de objeto das mulheres como algo próprio da época, da cultura e do sexo delas. Entretanto, ele "jurou que jamais lhe pediria nem ao menos para ela beijar-lhe as mãos caso não tivesse antes obtido o seu coração".

Ele era um libertino no ponto de transição para o romântico, e para ele o fascínio e a posição de Henriette não foram diminuídos pela situação embaraçosa que ela vivia, nem porque ela estava com outro homem. As mulheres mais atraentes para Casanova eram as fortes e não ortodoxas, embora muitas vezes demonstrassem uma vulnerabilidade que fazia brotar nele uma vontade de agradar e de proteger, quando não de explorar. Aparentemente, com Henriette, como com Teresa, sentiu ter encontrado uma alma gêmea em uma mulher cujos problemas se igualavam aos dele, e seu caso amoroso com ela, que em certo sentido marcou o final do primeiro ato de sua vida, iniciou-se a partir do sentimento que ambos compartilharam de que suas existências poderiam seguir em qualquer direção, talvez até juntos.

A cidade de Parma, onde Casanova e Henriette chegaram em 1749, também atravessava um ponto crucial de sua história. No ano anterior, pelo tratado de Aix-la-Chapelle, a cidade fora cedida a dom Felipe, o infante da Espanha. Entretanto este fizera, ao mesmo tempo, um casamento extremamente oportuno com a princesa Louise Elisabeth, filha do rei Luís XV, da França. À chegada de Casanova e Henriette, a cidade, que antes tinha sido italiana, agora se tornava cada vez mais francesa. Os lojistas ficaram felizes em poder atender um italiano na língua italiana (com toda a gentileza, Casanova comprou roupas para Henriette, que ainda estava vestida de soldado, e também "luvas, leques, brincos … tudo o que lhe agradasse", e contratou para ela um professor de italiano). A ópera, que frequentavam com assiduidade sob os nomes de *signor* Farussi e *madame* Anne d'Arci, sempre estava repleta de franceses e espanhóis a afirmarem o seu novo domínio social, para desânimo de alguns habitantes locais.

"O novo duque de Parma", escreveu um diplomata britânico, "desagradou a todos os seus novos súditos. Ele [se comporta] de maneira tão horrivelmente francesa, que eles não conseguem gostar dele." Isto torna absurda a insistência de Henriette em querer evitar os franceses:

quando Casanova a conheceu, ela estava se dirigindo para a mais francesa das cidades da Itália. Entretanto, ela se recusava a passar *rouge* na face quando iam à ópera, como qualquer mulher francesa da época fazia em público. Pedia para ficar em um camarote discreto, mal-iluminado, e acompanhar o programa sem a ajuda de uma vela. Os sinais que ela transmitia de si mesma eram confusos. Certa vez ela se ofereceu, a princípio timidamente, para tocar viola de gamba em um recital e aguentou um concerto inteiro sem ter ensaiado, gracejando depois que a superiora do convento onde ela estudara se preocupava por ela aprender um instrumento que exigia posturas tão pouco próprias de uma dama. Casanova, vencido por um misto de alívio, orgulho, adoração e assombro, lembrou ter saído sozinho depois do concerto e irrompido em lágrimas.

Pouco a pouco ela foi deixando escapar detalhes de seu passado, e durante três meses — descritos por Casanova como os mais felizes de sua vida — ele juntou algumas peças da criação e do provável futuro dela. Henriette tinha fugido de um marido injurioso e também, ao que parece, de seu sogro. Ela não admitiu, mas talvez tivesse deixado filhos pequenos na França — duas das três mulheres que poderiam ser "Henriette" eram mães. Ela tinha esperanças de conseguir algum tipo de reaproximação com o marido e a família dele, talvez a concessão da separação oficial ou do direito de ver os filhos sem causar novos escândalos para a família. E então tinha topado com aquele jovem aventureiro desenfreado, que compartilhava sua visão sobre o amor e a vida, mas com o qual, sendo realista, não poderia compartilhar o futuro. Talvez isso também tenha atraído Casanova: Henriette não tinha intenção de viver com ele para sempre.

Com ela, ele baixou a guarda. Reconheceu sem grandiloquências a precariedade de suas finanças e de seu futuro, "pois Henriette", admitiu, "não estava desempenhando um papel: ela *era* a personagem que representava", o que exigia dele o mesmo — e isso foi algo que raras vezes ele ofereceu, na vida ou no amor. Mesmo quando faziam sexo, para ele o prazer mais extraordinário em geral "parecia sempre estar acontecendo pela primeira vez".

Claro, é difícil saber o efeito de Henriette sobre ele, a não ser que por vários meses ele apenas pareceu querer assegurar a felicidade de sua

amante. Henriette floresceu sob os olhares daquele amante atencioso e assíduo. Ele estava sempre atento às necessidades dela, exercitando o próprio gosto nas roupas que ela deveria usar, aproveitando o reflexo de seu glorioso sucesso como musicista inteligente e linda, e ainda, naquela cidade dominada por tudo que fosse francês, como uma cultivada aristocrata provençal. Ela se preocupava com as despesas que ele tinha com ela, insinuando, para aquele homem que ela sentia ser menos versado no amor e no mundo do que ela própria, que a flor da felicidade deles já portava em si as sementes do seu provável fim. "Quem acha que é possível ser feliz a vida inteira não sabe o que fala", disse-lhe ela. "O prazer, para ser verdadeiro, tem de chegar ao fim."

Quem a reconheceu foi um certo monsieur Antoine-Blacas, da Provença, que talvez tivesse algum parentesco com Henriette e que integrava o séquito do novo duque de Parma. Foi à tarde, durante uma *garden-party* em Colorno, a residência ducal de verão nos arredores de Parma. Seguiu-se uma entrevista tortuosa e uma espera angustiante para Henriette e Casanova depois que ela e Blacas despacharam uma carta para a França, supostamente para a família dela. Demorou três semanas para a resposta chegar. Eles devem ter concordado com os termos propostos por ela, pois Henriette disse a Casanova que eles teriam de se separar:

> Sou eu, meu único amor, [escreveu ela], quem deve renunciar a ti. Não aumentes tua tristeza pensando na minha … vamos nos vangloriar por termos conseguido ser felizes durante três meses sem fim. Existem poucos mortais que podem dizer a mesma coisa. Então, jamais esqueçamos um do outro, e vamos sempre recordar nosso amor … e se o acaso fizer com que saibas quem sou, ajas como se não soubesse … Eu não sei quem és, mas sei que ninguém no mundo te conhece melhor do que eu … Desejo que ames novamente, e mesmo que possa encontrar outra Henriette. *Adieu.*

Casanova ficou enlouquecido. Trancou-se em seu quarto e entregou-se à sua dor. A família de Henriette enviara uma quantia substancial para ela, a qual poderia ser retirada em um banco suíço — mil luíses franceses, do Tronchin's de Genebra. Casanova concordou em acompanhá-la até a Suíça, através dos Alpes. De lá ele regressaria para a Itália, e ela para o sul da França. Foi uma viagem fria e desoladora.

No Hôtel des Balances, em Genebra, eles se separaram. “Nas últimas 24h, a única eloquência que podíamos manifestar eram… as lágrimas … Henriette não tinha esperanças ilusórias … ela me pediu que não procurasse por ela e que fingisse não conhecê-la caso viesse a encontrá-la [novamente]” Ela lhe enviou uma carta do primeiro posto de troca, em Châtillon, dizendo apenas “*Adieu*”, e deixou gravada, com o anel de diamante que ele comprara para ela em Parma, uma mensagem na janela do quarto. Em 1828 a inscrição ainda pôde ser mostrada a lorde Malmesbury: “*Tu oublieras aussi Henriette*” (Tu também esquecerás Henriette).

Parecia que ela tinha compreendido bem Casanova, mas neste último ponto ela se enganou. Ele nunca a esqueceu. Anos mais tarde, ele passou para o papel aquele caso amoroso, ao qual classificou como um dos mais memoráveis de sua vida e que se tornou um dos romances modernos mais emocionantes da literatura. Ele também lembrou da promessa de não revelar sua identidade, ou o passado em comum deles, caso viessem a se encontrar de novo, quando o acaso o levou, anos depois, à porta da casa dela, na Provença. “Quando penso no que me deixa feliz, nesta minha idade avançada, vejo que é a presença das minhas lembranças e concluo que a minha vida deve ter sido muito mais feliz do que infeliz … e me congratulo por isso … Não, eu não a esqueci, e é um bálsamo para minha alma toda vez que me recordo dela.”

FIM DO SEGUNDO ATO

INTERMEZZO

Casanova e o sexo no século XVIII

"Minha senhora, sou um libertino profissional."
GIACOMO CASANOVA

"Em se tratando de vício, a atuação deve ser
tão antiga quanto a humanidade."
GIACOMO CASANOVA

PRIMEIRO, AS MARCAS NO PÉ DA CAMA: vamos deixá-las para lá. Na *História da minha vida*, Casanova recorda ter tido experiências sexuais com muito mais do que 100 mulheres — algo entre 122 e 136, a depender de como se conta determinado grupo, e também das experiências consumadas pela metade — além de um punhado de homens. A história de sua vida sexual vai desde o dia em que perdeu a virgindade, aos 17 anos, e continua pelos outros 35 anos que abrangem suas memórias. Uma média de, digamos, quatro parceiras por ano. Embora ele tenha vivido mais 24 anos além disso, e não sem aventuras românticas, é razoável supor que a *História* dele seja uma visão panorâmica quase completa do seu período de plenitude sexual, durante o qual, pelos seus cálculos, "virou a cabeça" de centenas de mulheres por toda a Europa.

Algumas, entretanto, nunca foram mencionadas na *História da minha vida*, como aquelas com as quais dormiu após o "fim" da *História* ou a esposa legítima com quem se estabeleceu ao atingir a casa dos 50 anos. Mas se por um lado é justo dizer que essa lista incompleta provavelmente estivesse, na época, fora das normas, como também poderia estar hoje, por outro lado, uma série de fatores coloca o número de encontros sexuais da *História* em um contexto específico e novo. Além disso, de qualquer forma, não é, tampouco, a *quantidade* de relações que justifica o lugar que Casanova ocupa em uma história do sexo, mas sim a maneira como ele escreve sobre o assunto.

Alguns dos memorialistas e diaristas contemporâneos de Casanova, desde James Boswell e William Hickey até John Wilkes, parecem registrar ou referir-se a mais encontros sexuais do que o homem cujo nome tornou-se praticamente sinônimo de conquistas femininas em série. E lorde Byron alude a mais conquistas, em apenas alguns anos no Palazzo Mocenigo, em Veneza, do que Casanova em toda a sua vida. Casanova com certeza estava muito ativo sexualmente entre os seus vinte e trinta e poucos anos, mas, para um rapaz solteiro da época, quase constantemente em viagem e com sua reputação, sua vida sexual começa a nos parecer um tanto mais modesta. No sentido clássico do século XVIII, ele é um pobre exemplo de libertino, já que tinha tão pouco interesse na conquista ou na coerção. Não era um Valmont ou um Sade. É superado em mais de dez vezes por seu alter ego ficcional, dom Giovanni, com seu catálogo de 1.800 conquistas. Casanova não era levado pela compulsão ou pelo vício sexual. Na verdade, de forma alguma poderia ele registrar que sofria de algum complexo de "Casanova", tal como o termo é empregado hoje em dia. Em vez disso, ele se deleitava com o jogo do amor e da sedução, um esporte ou arte cuja moda não foi superada na geração anterior à Revolução Francesa. Ele descreve os seus casos de amor, e não suas conquistas de uma noite. Romanticamente, ele foi infatigável.

Por toda a sua vida, de tempos em tempos ele pagou por sexo. Mas o fez consideravelmente menos do que parece ter sido a norma da época para muitos homens das cidades. Tampouco ele se colocava entre os grandes atletas sexuais, alguns dos quais pôde encontrar e testemunhar, e também não se considerava belo, bem-dotado ou com uma libido anormal. Tinha consciência de que seu interesse singular pela espécie humana, em particular pelo sexo feminino, era considerado incomum e atraente, e até o final dos seus 30 anos ele se comportou, no amor e na vida, com a inquestionável convicção de que, para ele, qualquer coisa ou qualquer pessoa eram possíveis. Credo este que transubstancia sua própria realidade.

Personalidades como o rei prussiano Frederico o Grande e Madame Pompadour, ambos conhecedores da beleza masculina, testemunharam que ele era um homem atraente. Ainda assim, ele não se ajustava aos ideais de fascínio sexual de sua época, ou de qualquer outra. Tinha o

nariz grande, adunco e bulboso, olhos com pálpebras pesadas e grossas, sobrancelhas negras espessas e tez muito morena, todos esses detalhes considerados imperfeições pelo léxico dos ideais de beleza do século XVIII. Ele quase parecia a caricatura de um italiano: era muito alto para os padrões da época e muito musculoso para quem jamais trabalhou. Também há referências à grossura do pescoço e à proeminência do pomo de adão, o que sugere um homem muito sólido. Um homem másculo, apesar de todas as rendas com que se adornava. Apesar de corpulento, dizem que se movia como um dançarino, o que não surpreende, já que toda sua família era do teatro. No apogeu da juventude, costumava alardear que ele — ou qualquer homem — poderia conquistar qualquer mulher se ela fosse o objeto único de sua atenção integral. Concentrava-se inteiramente nos que o acompanhavam, por si só uma espécie de charme, e talvez uma experiência incomum para as mulheres do século XVIII.

Dito isso, ele teve consciência, enquanto escrevia perto do fim da vida, que suas jornadas sentimentais, românticas e sexuais foram pelo menos tão aventurosas quanto suas viagens, e com frequência dirigiu sua pena para questões do coração e do sexo. De todos os aspectos sensoriais de seus escritos, foi o romance o que mais o divertiu, confundiu e enervou. Suas memórias tornam-se vivas quando ele trata de seu objeto favorito: o sexo. Para meros números, para a pornografia ou o avesso do bom gosto, deve-se procurar em outras bandas, em Sade ou nos infatigáveis lordes Lincoln e Byron. É a sua visão geral e sem julgamentos da vida e de sua época, do sexo inclusive, que o torna merecedor de estudos no que diz respeito à história da sexualidade. Sem desculpas ou rubores, ele situou suas aventuras sexuais e românticas no mesmo plano que toda a sua odisseia intelectual, profissional e geográfica. Foi o primeiro grande escritor moderno a fazer isso.

Passou a maior parte da vida em cidades do exterior, como um estrangeiro exótico. Raras vezes demorou-se em algum lugar por mais de dois anos e passou apenas de seis a nove meses em seus destinos mais famosos: São Petersburgo, Roma e Londres. O contexto no qual se deve considerar sua promiscuidade, portanto, é o do caixeiro-viajante, em uma viagem por paisagens sempre variadas. Surgiram muitas obras novas sobre esse aspecto do século XVIII em uma relação de memórias

curtas compiladas por outros viajantes da época — na maioria rapazes solteiros, em trajetos conhecidos por Casanova. A era do *Grand Tour* viu não apenas a invenção do turismo, mas de uma espécie de turismo sexual. Passaram-se algumas décadas até que os trabalhos sobre o comportamento sexual do século XVIII, as aventuras dos *grand tourists* ou as outras memórias livres da época pudessem influenciar os estudos sobre Casanova.

Ao lado de Boswell, Hickey, do conde de Lincoln e sua Grande Viagem Sexual, para não mencionar homens que conheceu pessoalmente, como Andrea Memmo ou o príncipe de Ligne, a vida sexual de Casanova revela estar muito longe do monumental. Em vez disso, talvez seja até típica de certa espécie de homem urbano do século XVIII, sobretudo dos viajantes sem raízes que povoaram as capitais da Europa numa época em que o anonimato e a impostura eram possíveis, se não normais. Casanova sabia que De Ligne e Memmo acreditariam no que ele escreveu, pois, tanto no espírito quanto, muito provavelmente, nos detalhes, era tudo verdade. O que os chocou, divertiu, inspirou e excitou foi a maneira única pela qual Casanova insinuava que compreender as suas experiências sexuais era vital para compreendê-lo. Poucos escritores foram tão sinceros.

Até que ponto Casanova foi um típico representante de sua época? A pergunta se articula entre o homem e seu tempo. Se colocamos a vida sexual de Casanova em seu contexto, tornando-a um estudo de caso por sua singular importância, devido ao que ele escreveu a respeito, seria uma falsidade evitarmos a construção que ele faz de sua vida através dos casos amorosos, de sua abrangente narrativa do romance e de seu fascínio pelo sexo. O que é menos conhecido é que ele também relata seus temores e fracassos. Ficava preocupado de não poder decepcionar uma amante ou de não conseguir uma ereção. Tinha ejaculação precoce. Observou um declínio no seu interesse pelo sexo ao se aproximar dos 40 anos e listou as ocasiões em que declinou a oferta de uma parceira de cama. Sofreu pelo menos seis infecções ou surtos de gonorreia, possivelmente 11, que o levaram a longos períodos de abstinência. Sua *História* também sugere que, perto do fim da vida, ele sofria de sífilis. A comprida receita do dr. Peiper, venereologista alemão, quando Casanova voltou da Rússia, parece querer curar os incômodos resultados da vida de um viajante libertino: hemorroidas, cancros anais, e possivelmente

genitais, e verrugas.

Os riscos que ele e seus contemporâneos corriam podem chocar hoje, mas também falam de uma compulsão ligada à sua busca por mulheres, sua jogatina e suas viagens; um desejo de se arriscar e de se sentir punido. Os períodos de solidão forçada e de "vida limpa" que ele se impunha — nos quais tratava de sua uretrite gonorreica — coincidiram com seus primeiros períodos de escrita e autorreflexão. Mais tarde, sua depressão sifilítica também formou o modelo de suas tentativas literárias. Suas memórias sexuais, tal como a sua vida sexual, foram moldadas por um mundo mais vívido e perigoso do que o nosso, um mundo onde um machismo sexual exagerado se arriscava a uma punição radical: a doença, a mutilação genital, a impotência, a morte. Seus escritos procuravam um sentido, a história de uma vida emoldurada pela sensualidade, porém havia também o avanço de uma pessoa dissoluta na contemplação do perigo.

A paisagem sexual em que Casanova se movia também era diferente da nossa em outros aspectos. Principalmente nas atitudes com relação à sexualidade infantil e ao sexo praticado entre adultos e meninas. A privacidade das necessidades humanas era algo impossível nas cidades do século XVIII. As crianças ficavam todos os dias expostas à visão dos flertes entre os adultos, e até mesmo da sua atividade sexual — em Veneza, com toda a certeza. A esse respeito, Casanova via pouca diferença entre as vielas do Soho, em Londres, e a corte em Versalhes. Ele e seus contemporâneos também eram constantemente bombardeados por imagens de crianças erotizadas — "a grande e linda omelete de bebês" das pinturas de Fragonard e outras semelhantes, ridicularizado por Diderot. Havia mais carne infantil nua nas pinturas, afrescos, esculturas e artes decorativas do período do que em qualquer outra representação da corporeidade humana.

Isso tudo refletia uma atitude muito diferente da nossa. O neoclassicismo, em sua forma rococó, retornou a um aspecto da civilização antiga obcecado por Eros, e a imagens de *putti*, *amorini* e cupidos: o espírito anárquico do sexo representado por criancinhas travessas. Em suas memórias, Casanova tanto expressou os erros do que hoje seria tachado de pedofilia, como uma visão erótica que compartilhava com seus contemporâneos, e que incluía as meninas. É

difícil avaliar as idades de algumas dessas garotas e das mulheres com quem Casanova fez sexo. Entretanto, sem dúvida meninas recém-entradas na adolescência eram desejadas. E mais do que isso, constituíam um verdadeiro prêmio para o *connoisseur*. Isso estava de acordo com as atitudes da época: Casanova observa que as filhas da lady Harrington eram consideradas próprias para o mercado londrino de casamento em 1763, a de 13 anos inclusive.

Isso acontecia muito mais no *demi-monde* e no mercado do sexo, onde se atribuíam preços tão altos à quase virgindade e à virgindade verdadeira que certas senhoras de Londres e de Paris ficaram famosas pelos inúmeros truques usados para falsear himens intactos. Por um lado, algumas dessas jovens do campo nos *bagnios* da cidade devem ter sido vítimas das mais grosseiras formas de tráfico humano. Por outro, em termos que Casanova deve ter compreendido muito bem, uma "*education d'amour*" — as primeiras experiências sexuais de uma jovem — poderia conferir-lhes poder em uma época cuja economia sexual era bastante difícil.

Do ponto de vista de Casanova, o único aspecto que poderia redimi-lo daquilo que confessou a Feldkirchner ser uma "compulsão" por seduzir virgens (em carta que só recentemente veio à luz) talvez fosse acreditar que dessa forma as estaria salvando de um destino pior, tratando-as de maneira mais gentil do que a maioria, como parceiras sexuais no mesmo nível, e que a partir daí elas poderiam usar seu poder sobre os homens. Hoje em dia, é claro que Casanova teria sido considerado um criminoso.

Talvez seus atos incestuosos devam ser considerados em um contexto parecido. A Igreja não se preocupava em restringir o incesto como pecado grave, numa época em que tantas experiências sexuais precoces eram realizadas dentro do ambiente familiar e quando era lugar-comum, em todos os níveis da sociedade, o casamento entre primos e de sobrinhas com tios. Veneza, em particular, era tolerante com a questão da consanguinidade: o sistema de castas impunha um limitado reservatório de genes para as grandes famílias patrícias. A possibilidade de Casanova ter tido relações sexuais com pelo menos uma ou talvez duas jovens que imaginou serem suas filhas constitui uma das partes mais controversas de suas memórias. Os contextos, nesses casos, são específicos de Casanova, embora algo do contexto não o seja.

Ele concedeu, a si mesmo e aos leitores, a possibilidade de a história não ser totalmente verdade. Uma outra mudança de perspectiva dos espelhos venezianos sugere de forma mais chocante ainda ter existido uma cúmplice no ato. Mas isso também não surpreende, pois as jovens que poderiam ser suas filhas haviam crescido sem conhecê-lo, ou ele a elas. Isso é compreendido hoje como a clássica situação dos atos de incesto involuntário: quando, por exemplo, irmãos e irmãs são criados em separado ou sem se conhecerem e uma reunião deles desperta alguma chama compartilhada de personalidade e de familiaridade, um frisson perigoso intocado pela realidade da verdadeira vida familiar.

Casanova, antes de qualquer outra coisa, foi um veneziano, e isso nunca se manifestou tanto como em sua atitude em relação ao sexo. Em Veneza havia um conceito diferente de espaço pessoal. Talvez ela fosse a cidade mais densamente povoada do mundo na época. Em seu centro histórico ela ainda permanece, em termos arquitetônicos e geográficos, uma cidade que exige uma reordenação completa das ideias modernas relativas à privacidade e às relações interpessoais. Fazer amor, roncar, discutir e rir são coisas perfeitamente audíveis de um lado a outro dos pequenos canais e das *calles* ainda menores, mesmo com o acréscimo dos vidros e dos aparelhos de ar-condicionado. Na época, só as máscaras e as gôndolas cobertas, "como camas de casal flutuantes" podiam criar pequenos oásis de privacidade. Além de tudo, o fato de a primeira experiência sexual de Casanova ter sido com duas irmãs ajuda a explicar o motivo recorrente dos encontros sexuais que aos olhos modernos poderiam parecer um tanto públicos.

De Nanetta e Marta até a jovem grega com quem copulou à vista de Bellino e seu relacionamento duradouro com Caterina Capretti, M.M. e De Bernis, e depois o seu prazer voyeurístico e posterior participação no *ménage à trois* com a filha de sua senhoria romana e seu alfaiate bem-dotado, todos se destacam na sua odisseia sexual. Instintivamente, Casanova era um monógamo serial, embora tenha se deixado fascinar ou ludibriar várias vezes por experiências voltadas para um deleite mais comunitário do sexo. A intriga sexual se exaltava por meio do olhar voyeurístico, tema este repetido infinitamente na arte e também na pornografia e na literatura erótica do período. Como o jogo era meio clandestino, meio testemunhado, em uma tradição meio encenada,

Casanova se comportou dentro dos limites da literatura erótica do seu tempo, o que em parte tornou seus escritos suspeitos para muita gente.

O aspecto voyeurístico da vida sexual de Casanova e o registro do mesmo podem ser vistos sob essa luz veneziana, mas também refletem as preocupações literárias eróticas da época. Os romances libertinos que precederam as memórias sentimentais de Casanova também modelam a nossa compreensão deste aspecto da vida sexual dele. A pornografia ficcional, como *La putain errante*, *L'academie des dames* e *Venus dans le cloître*, antecipou algumas de suas experiências eróticas com freiras e meninas colegiais — prefiguração esta que, antes de qualquer coisa, é uma das funções do erotismo. Se algum tema caracteriza os escritos libertinos do período, este é o voyeurismo. E até onde se pode afirmar, Casanova refletia sobre tudo o que se escreveu e pensou como linguagem do desejo. Por toda parte nas histórias libertinas, as personagens se observam mutuamente por trás de véus e máscaras, de fechaduras ou de buracos de espionagem, nos jardins ou através de espelhos. Todos esses estilos podem ser encontrados nas narrativas sexuais de Casanova. E esse é o estilo da Veneza do século XVIII: semioculto, furtivo, um mundo de espelhos, grades e identidades parcialmente obscurecidas. Como escreveu um historiador da cultura, ele conferiu "um ar de teatralidade à questão [do sexo]. O sexo nos *livres philosophiques* era rococó".

Veneza também moldou a atitude de Casanova em relação às mulheres, e a delas com ele. Na Veneza do século XVIII, a moda e o culto do cicisbeísmo, ou *cavaliere servente*, vivia o seu auge. Os visitantes da cidade davam muito valor àquilo, porém Casanova mal menciona o fato, a não ser em Corfu, com o Exército veneziano. O *cicisbeo*, ou *cavaliere servente*, na tradição dos cavaleiros medievais, cortejava uma dama de mais idade, normalmente de alta posição social. Alguns consideravam isso como a proteção de sua honra, e dizia-se que as mulheres tratavam aqueles homens como a seus cabeleireiros: eles tinham acesso privilegiado aos seus *boudoirs*, aos mexericos e também a um pouco mais. Outros eram aceitos pelos maridos e pela sociedade veneziana como parceiros sexuais e românticos das mulheres envolvidas, situação esta de tal sofisticação que deixou impressionada lady Mary Wortley Montagu quando visitou Veneza em 1716, e de novo nos anos 1740.

Portanto, Casanova foi criado em uma cidade onde muitas mulheres

desfrutavam certa liberdade sexual, e por isso bem à frente de seu tempo. Essa era outra razão para se admirar o estilo veneziano, numa época que, de modo geral, deu maior ênfase à ideia da sexualidade feminina do que aquela que a sucedeu. E as mulheres de toda a Europa ficavam em alerta diante do risco sexual que cercava um viajante veneziano como Casanova, com todo o seu saber e experiência em questões de sexo: ele seria considerado mais cortês, galante e sexualmente eficiente do que seus pares.

As doenças venéreas eram o grande perigo nos caminhos da vida de um viajante como Casanova. Por isso, Casanova nos fornece detalhes inesperados da manufatura e da etiqueta dos preservativos da época, sempre ao estilo de seus companheiros viajantes, os *grand tourists*.

Todos parecem ter apreciado muito os preservativos fabricados na Inglaterra. Embora fossem bastante conhecidos no continente, sua importação para a Itália nessa época parece ter acontecido na esteira do interesse britânico pela combinação entre história da arte e sexo. As doenças venéreas eram o flagelo dos viajantes na Europa de Casanova, e os preservativos, o único recurso para os promíscuos. Como Casanova sabia perfeitamente, eles representavam um insulto para todo mundo, a não ser "as gastas adoradoras de Vênus", mas estavam se tornando, ao que parecia, um objeto digno de *connoisseurs*. Na verdade é possível que suas memórias tenham provocado uma mudança fundamental em relação a eles. Casanova considerava as camisas de vênus como algo mais do que uma profilaxia.

M.M., a freira de Murano, tinha o seu próprio suprimento de preservativos, que Casanova parece ter tentado roubar. Fabricados com tripa de carneiro, eram amarrados por fitinhas, em geral rosa, e podiam ser usados várias vezes. Alguns só se tornavam maleáveis quando umedecidos com água. Entretanto, parece que os de Casanova eram tão finamente elaborados que não precisavam de lubrificação. Se ele insinua certa reserva sobre "proporcionar felicidade … enrolado em uma pele morta", reconhece a utilidade deles na prevenção da gravidez e também das doenças venéreas. Descreve as camisinhas como o mais importante instrumento para deixar suas parceiras *relaxadas*: esses "preservativos que os ingleses inventaram para colocar o belo sexo longe do medo", "tão preciosos para uma freira que deseja sacrificar-se pelo amor", e de

importância vital para se evitar “aquela barriga fatal”.

Ele provocava risos nas amantes com seus eufemismos: “casaco de montaria inglês”, “profilático contra a ansiedade”, “casaco que proporciona paz ao coração”. Para M.M., ele compôs versos louvando-os. Com a sua segunda M.M., a freira grávida de Chambéry, ele conversou detalhadamente sobre as camisas de vênus, demonstrando que ele as via como elas são vistas hoje, não como propriedade exclusiva das *demi-mondaines* e dos profissionais do sexo, mas como parte do repertório de atenções para agradar às mulheres. “Tirei da minha valise uma pequena vestimenta, feita de uma pele muito fina e transparente, com cerca de 8 polegadas (*huit pouces*) de comprimento, com abertura de um lado só, como uma bolsa, e com uma fitinha de amarrar cor-de-rosa na parte aberta. Mostrei-a a ela, que a contemplou e riu, depois me disse que … estava curiosa.” Vale notar que não fica muito claro o uso que Casanova faz de medidas antigas ou novas — *pouces* pode significar polegares ou polegadas — , assim como a comodidade ou não do ajuste ao qual se destinava.

Exemplares de preservativos que sobreviveram mostram que eles tinham grande capacidade, mas também pode ter sido por isso mesmo que sobreviveram. A amante dele lhe colocou depois outra camisinha, desenrolada e sem nenhuma elasticidade. Daí seguiu-se uma conversa de modernidade espantosa a respeito dos prós e dos contras dos preservativos. Casanova declarou que “o meu amiguinho me dá menos prazer quando está vestido”, antes de escolherem um dos “mais bem-ajustados” e se lançarem ao ato com abandono. Luís XV também achava que as melhores camisas de vênus eram as inglesas, e mandava importá-las especialmente para ele.

Para muita gente, entretanto, como sugeriu a segunda M.M. de Casanova, a camisa-de-vênus continuou a ser algo chocante e degradante. Porém, Casanova estava à beira de uma mudança. O preservativo tinha sido ridicularizado no início do século como “a única defesa que nossos libertinos têm … e ainda assim, em razão de embotar a sensação, [os homens] reconhecem que muitas vezes eles oferecem o risco de fechar, em vez de engatar *cum hastis sic clypeatis* (com a espada assim embainhada)”. Em meados do século, ela foi considerada “cômoda, apesar de tudo, e particularmente adaptada à Terra da

Felicidade [a vagina]", além de ser motivo de grande assombro pelo fato de sua "substância extraordinariamente fina ser fabricada como uma peça inteiriça, *sem qualquer* costura". Mesmo assim, era algo que não deveria ser mostrado a uma dama. Os *grand tourists* levavam consigo preservativos de maior qualidade, exatamente como os que Casanova descrevia: "de diversos tamanhos, com 15, 16 ou 20cm de comprimento, e quatro a 15 de circunferência", porém os que Casanova parecia preferir, "de dimensões muito maiores, [são] muito raros de se encontrar".

Os *grand tourists* trouxeram para o sul, sobretudo como profilaxia contra doenças de fora, algo que, nas mãos de Casanova e de suas amantes, tornou-se uma chave para a libertação sexual. Na época, segundo *a História da minha vida*, isso foi tão vital quanto a pílula anticoncepcional nos anos 1960.

Nada de barrigão, nem de pirralho berrando
Feliz do homem que no bolso guarda
Seja com lacinho verde ou escarlate
Um preservativo bem-fabricado.

Foi um divisor de águas.

O registro de Casanova também é o único a abordar a atitude do século XVIII em relação à fertilidade — principalmente a questão de se evitar a gravidez indesejada, embora seja também informativo sobre a concepção nas raras ocasiões em que ele e sua parceira estavam desejando um filho. Ele se envolveu em um aborto malsucedido, assistiu a no mínimo dois partos e teve oito filhos de seu conhecimento, enquanto dava graças aos seus *redingotes d'Angleterre* por não ver com mais frequência reproduzido "o seu rosto por toda a Europa". Isso era singularmente cavalheiresco e também foi imitado, entre outros, pelos *grand tourists*, que consideravam o acidente da concepção uma inconveniência que provavelmente não haveria de recair sobre eles caso se mantivessem viajando.

As mulheres eram mais circunspectas, bem-informadas e práticas com relação aos riscos. Há na *História* uma morte e uma quase morte em

trabalho de parto, e nas duas vezes Casanova demonstrou extrema preocupação: tanto como cavalheiro galante quanto como aspirante a médico. Ele ficou tocado, intrigado e chocado diante do drama das mulheres. Sem qualquer ajuda, ele assistiu um parto em Paris, embora a mulher não estivesse grávida dele, e se expôs a grande perigo pessoal ao tentar interromper outro.

Os riscos para as mulheres, entretanto, assim como seu próprio risco de contrair doenças venéreas, falam de uma era diferente quanto à segurança, ao conforto e ao controle pessoais: a gravidez fazia parte do jogo. Em certa ocasião, convenceram Casanova a experimentar um caríssimo contraceptivo preferido por algumas mulheres, uma "bolinha de ouro … de cerca de 18mm de diâmetro" que se ajustava como uma tampa contraceptiva. Ele gostou da ideia, embora não do preço e da prática, escrevendo depois que aquele dispositivo impediu diversas posições sexuais, tanto para as *três* primas envolvidas na experiência de educação sexual quanto para ele, pois a bolinha sempre saía do lugar.

Está registrado, na *História da minha vida* e também nas notas de Casanova, que ele manteve relações sexuais com homens. Isso não faz parte de sua "lenda" e certamente compõe apenas uma pequena parte de suas experiências sexuais. É um detalhe revelador do homem, mas também é reveladora a forma como ele trata o material e sua relação literária com o que se chama hoje de bissexualidade. Ele se mostrou aberto, franco e extremamente minucioso ao detalhar suas experiências heterossexuais, porém dissimulado, circunspecto e oblíquo quando se tratava de sexo com outros homens. As notas encontradas depois de sua morte incluem passagens intencionais sobre um caso com um homem chamado "Camille" — o duque d'Elboeuf — , um notório homossexual, além da famosa menção à "pederastia com X., em Dunquerque". Aqui, os historiadores notaram que Casanova teve a necessidade de disfarçar o nome de alguém importante quando trabalhava clandestinamente para o governo francês. E como demonstram as memórias, ele frequentemente fazia sexo na companhia de outros homens, e também teve contatos homossexuais mais diretos, íntimos e exclusivos na Turquia, na Rússia e em outros lugares. Não era, entretanto, um campo no qual ele se sentia muito à vontade como escritor, e parece que não exerceu atração especial sobre ele.

Há uma corrente de pensamento segundo a qual a mania de Casanova por mulheres poderia indicar uma contrafobia, uma misoginia ou mesmo homossexualidade latente, como pode ter sido o caso com muitos outros mulherengos. Ao se conformar, até certo ponto, ao gênero de memórias libertinas e às expectativas que se tinha dele como "aventureiro", Casanova sentiu-se livre para entrar em detalhes sobre o comércio desumanizador do sexo e dos favores, parte evidente da economia teatral e da paisagem urbana do século XVIII. Mas não se sentia à vontade para expressar a totalidade de suas experiências. "Por que você rejeitou Ismail [na Turquia]", queixou-se De Ligne a respeito da aparente falta de sinceridade do amigo, "negligenciou Petronius e se regozijou por Bellino ser mulher?" De Ligne queria saber todos os detalhes. Mas Casanova permaneceu estranhamente reservado. Pouco mais foi deixado em suas notas, além das memórias acabadas. Casanova, que censurava tão pouco e que contava tantas coisas, puxou a cortina sobre uma zona da sexualidade que vinha sendo conquistada pela política, pelo moralismo e pela censura.

Em todos os demais aspectos, sua *História* fornece um dos relatos mais plenos, sem disfarces ou desculpas de uma vida sexual, seja de sua época ou de qualquer outra. Talvez ele achasse necessário abordar tantas coisas como uma maneira de se sentir mais vivo: muitas vezes as memórias parecem ter sido escritas em uma clave saudosista, mas seu autor era um homem já velho e solitário. Seja lá o que tenha feito Casanova dedicar tanta energia na busca de um estilo de amor segundo o gosto do século XVIII, isso não é necessariamente tão interessante quanto o seu testemunho da importância central do sexo e da sensualidade na construção da personalidade e na apreciação da vida.

Terceiro Ato

TERCEIRO ATO, CENA I

A ida para a França

1750



"Todo rapaz que viaja, que deseja conhecer a sociedade e não quer se sentir inferior [ou] excluído… deve iniciar-se na… maçonaria."
GIACOMO CASANOVA

NA SEQUÊNCIA DE SEU ROMPIMENTO com Henriette, Casanova caiu no que já tinha começado a aceitar como um hábito depois de algum caso amoroso. A depressão e a aversão por si mesmo levaram-no a uma recaída impensada, quase destinada, aparentemente, a convencê-lo de que, por princípio, ele não merecia o amor. E essa norma ele sempre haveria de repetir. Naquela ocasião, aceitou a proposta de uma atriz de Parma, no mesmo teatro onde passara tantas noites românticas com Henriette. "Considerei-me justamente punido", admitiu depois, ao se dar conta de que ela o infectara com uma doença venérea.

Desta vez, a cura teve de ser algo mais do que a habitual dieta de abstinência sexual e água com que ele já havia tratado a gonorreia com eficácia. O dr. Frémont, médico e dentista do duque de Parma, diagnosticou a *pox* (sífilis) e prescreveu seis semanas de quimioterapia com mercúrio. O tratamento severo, ineficiente e desnecessário deixou Casanova por uns tempos com a mente, o espírito e a libido enfraquecidos o suficiente, escreveu ele, para convencê-lo temporariamente de que dali em diante ele precisaria levar uma vida celibatária e religiosa. Mas não foi bem assim.

Ele então recebeu cartas de Bragadin, e traziam boas notícias: o nome de Casanova saíra da lista dos que desagradavam ao Sereno Príncipe, no Estado de Veneza, e ele podia regressar. Mas desta vez não ficaria muito

tempo no seio de sua família patrícia, nem no da Igreja.

Mesmo em pleno inverno, Veneza conservava seu fascínio. Havia os teatros e as cafeterias — Casanova estava ansioso para voltar a entrar em contato com a glória dos cafés da praça São Marcos. Mas também havia o jogo. Era uma característica da natureza restritiva da sociedade veneziana que um diplomata estrangeiro não pudesse ingressar na casa de família como a do senador Bragadin, em Santa Marina. Além disso, como os banqueiros do *ridotto* — o salão de jogos sancionado pelo Estado — eram oriundos apenas de famílias patrícias, os estrangeiros com alguma situação na cidade eram obrigados a evitá-los e iam jogar em pequenos apartamentos, conhecidos como "*casinos*". Além disso, havia um elemento furtivo nesses locais ilegais, evidenciado no único exemplo que sobreviveu: o Venier, cheio de passagens secretas, rotas de fuga, buracos de espionagem e telas por trás das quais ficava a orquestra, de modo que nenhum de seus instrumentistas pudesse assistir aos jogos — ou a qualquer outra coisa que ali se passasse.

Casanova investiu um dinheiro que ganhou no *terno* — a loteria veneziana — para se estabelecer como banqueiro em um pequeno cassino particular. Em pouco tempo, foi capaz de bancar mil *zecchini* com Bragadin e comprar de um patrício a quarta parte de uma banca de *faro* — a mesa particular dos nobres para o jogo do "*faro*", ou "faraó", jogo de cartas do século XVIII capaz de levar ao vício e à ruína — no *ridotto* oficial perto de San Marco. Esse dinheiro constituiu sua primeira pequena fortuna, e financiou sua visita a Paris no final daquele ano.

Naquele mês de fevereiro de 1750, seu amigo Antonio Balletti chegou a Veneza para se apresentar e ajudar a administrar a temporada do teatro San Moisè, um dos mais elegantes de Veneza, durante o Carnaval. Marina, a irmã de Teresa Lanti, o acompanhava, porém os dois não eram mais amantes. Antonio tinha planos para depois do Carnaval e convenceu Casanova a se juntar a ele. Mesmo na condição de herdeiro de um patrício como Bragadin e com bastante dinheiro no bolso para jogar, Casanova sentia grande atração pelo teatro, o que o fez aceitar o convite de viajar com atores. A mãe de Antonio, a atriz parisiense Sylvia Balletti, mandara dizer que a *Comédie Italienne* teria lugar central nas celebrações que estavam sendo preparadas para celebrar o nascimento do herdeiro do trono francês. (A delfina estava grávida do aguardado

neto de Luís XV.)

E assim Casanova, aos 25 anos de idade, de novo deixou Veneza, sem muitos propósitos na mente senão o de se deixar levar na esteira dos famosos e com poucas preocupações financeiras ou emocionais. Não tinha laços que o prendessem. Observara que seus irmãos, Francesco e Giovanni, estavam se afirmando no mercado artístico, porém não deixou de refletir que seus próprios talentos até ali não tinham tomado nenhum rumo definido. Estavam em 1o de junho de 1750. Aqueles eram os companheiros ideais de viagem: uma trupe teatral, um amigo com quase a mesma idade que ele, com o qual tinha uma afinidade mais sólida do que com seus irmãos. "Não poderia ter escolhido companhia mais agradável e capaz de me proporcionar incontáveis vantagens em Paris e um grande número de amizades brilhantes", escreveu. Em certo ponto, na companhia de Antonio Balletti e de seus dançarinos, Casanova conseguiu dispersar as nuvens que pairavam sobre ele desde a partida de Henriette e voltou a desempenhar o papel do jovem e mascarado aventureiro veneziano.

Seus conhecimentos teatrais logo se mostraram úteis. No Albergo San Marco, em Ferrara, ele assumiu um novo papel, muito ao estilo de uma *commedia dell'arte* melhorada. Cattinella, uma dançarina que o conhecia de relance e a quem ele conhecia de ouvir falar, apresentava-o a todo o mundo como seu primo, coisa que ele não era. "Acho que ela está querendo que eu interprete um papel", escreveu ele, "por causa de alguma peça que está tramando, e cujo desenlace será de sua autoria", e decidiu aceitar o jogo. Esse é um encontro notável nas memórias. Demonstra a facilidade que Casanova tinha para improvisar, mesmo antes de saber se iria obter qualquer lucro para si. Sem saber, ele se viu cúmplice de um golpe contra o senhorio do albergue, que estava esticando o crédito de Cattinella enquanto esta aguardava a chegada de sua "mãe" — que seria "tia" de Casanova. Galantemente, Casanova tentou até pagar a conta, mas depois que ela fugiu o pagamento dele por todos aqueles problemas — e seu impressionante desempenho — foi apenas uma vasculhada no quarto dela. Mas aquilo não pareceu preocupá-lo. Ele tinha gostado de participar daquele faz de conta.

Em seguida, em Turim, ele descreve um encontro especialmente grosseiro com a filha de uma lavadeira do seu alojamento. Lembra-se

dela por ser detentora de um recato e uma timidez inesperadas em uma profissão cujas representantes em geral eram motivo de chacota nas hospedarias. Talvez aquela timidez pudesse ser explicada, refletiu ele, por uma singular característica que ela demonstrou quando sucumbiu rapidamente aos seus avanços. Sem qualquer roupa de baixo ou nada melhor para lhe proteger, a cada investida dele ela soltava gazes, "como o baixo de uma orquestra, marcando o compasso em uma peça musical", e dessa forma ele não pôde não romper em gargalhadas, totalmente sem ação. "Fiquei ali, sentado na escada, por mais de um quarto de hora, antes de poder me livrar daquela comédia… que até hoje me faz rir toda vez que me lembro."

A descrição cômica e teatral de suas viagens prosseguiu em Lyon, onde ele conheceu Ancilla, cortesã e dançarina veneziana que pouco antes chegara de Londres, após uma bem-sucedida temporada no King's Theatre, em Haymar-ket. Os companheiros de teatro de Casanova, tão bem relacionados, quase certamente o introduziram no *salon* do tenente-geral da cidade, o idoso François de la Rochefoucauld, marquês de Rochebaron.

Rochebaron estava com 73 anos em 1750, mas foi imediatamente seduzido por aquele italiano de 25, por suas belas maneiras, seus amigos divertidos e sua facilidade para gastar, e patrocinou a sua iniciação na maçonaria. É possível que os companheiros de viagem de Casanova o tenham tornado aceitável a Rochebaron e aos maçons lioneses, mas seus conhecimentos da cabala, assunto de conversa muito frequente entre os atores venezianos, algo incomum na sociedade como um todo, também ajudaram. A Loja Lionesa dos Maçons, onde Casanova foi introduzido por Rochebaron, era uma loja de rito escocês, presumivelmente por sua conexão com o tutor de um cortesão jacobita exilado, o cavalheiro Andrew Ramsay, e conhecida como a Grande Loja Escocesa. Seu lema era *Amitié*, *Amis Choisis* (amizade, amigos escolhidos). Tinha laços evidentes com a rosacruz medieval, que, por sua vez, reconhecia o significado e o poder da cabala.

Casanova pouco escreve sobre isso, mas a importância de participar de outra fraternidade semifechada, porém internacional e muito mais bem-relacionada do que a trupe de atores, não pode ser superestimada. Na época, entretanto, ele se apressava para Paris e para inquietações mais

imediatas do que a da iluminação divina.

Casanova e Balletti chegaram a Paris no auge do verão de 1750. A mãe de Antonio, a estrela da *Comédie Italienne*, que ficava perto do Palais Royal, foi encontrá-los de carruagem em Fontainebleau com a irmãzinha de Antonio, Manon. Mas, em uma atitude arrogante, obrigou o filho a retornar a Paris junto dela, deixando Casanova seguir sozinho em sua lenta diligência. O consolo dele foi ser convidado para jantar naquela noite. Quando Antonio chegou a Paris, já elogiara bastante Casanova para que os Balletti enviassem um coche de aluguel para buscá-lo em seus alojamentos na rue Mauconseil.

TERCEIRO ATO, CENA II

A Paris de Madame Pompadour

1750



"No início de minha estada em Paris, parecia-me que eu me tornara
o mais culpado dos homens, pois eu não fazia nada além de pedir *pardon*…
Non não é uma palavra [parisiense]… desista dela ou prepare-se para sacar
a espada em Paris a todo instante. Diga '*pardon*'."
GIACOMO CASANOVA

A ERA DA LIBERTINAGEM rococó tinha o seu centro em Paris, e Casanova se viu bem-situado para desfrutar e aproveitar aquela nova atitude parisiense com relação à vida. "Paris", observou, "apesar de toda a sabedoria dos franceses, é e sempre será uma cidade onde os impostores farão sucesso… característica esta que é… proveniente da extrema influência da moda." A moda daqueles tempos pendia para a liberdade sexual e o cinismo da metrópole, e havia um monarca, uma corte e uma amante real que encorajavam as duas coisas. O jovem Crébillon recorda, em *Les engagements du coeur et de l'esprit* (1738), que "se você dissesse três vezes a uma mulher que ela era bonita, nada mais era necessário: da primeira vez ela apenas acreditava; na segunda, agradecia; e na terceira, recompensava-o". O herói dessa obra, que Casanova leu, era um jovem de 17 anos introduzido nas artimanhas do mundo por uma dama mais velha, a marquesa de Lursay, ao longo de várias centenas de páginas divertidas e de uma depravação moral estimulante, descrita na época como "fornecedora de uma educação *d'amour*".

Poucos dias após chegar a Paris, Casanova foi apresentado a diversas figuras locais fundamentais naquele verdadeiro parque de diversões parisiense. Prosper Crébillon — dramaturgo, pai do famoso romancista

— tornou-se seu professor de francês depois que eles se conheceram na casa dos Balletti. Os jardins do Palais Royal, com seus cafés, doces e mexericos, transformou-se no seu *salon* ao ar livre, e logo ele encontrou a marquesa de Lursay em pessoa, a glamourosa mãe do seu amigo, a atriz Sylvia Balletti.

Claude Pierre Patu, um advogado francês de 21 anos que ele conheceu em um dos cafés da moda, perto dos jardins do Palais Royal, foi dos primeiros a lhe lembrar que, ao ser acolhido pelos Balletti, pusera os pés em Paris da devida maneira. Todos naquela família eram famosos na boêmia parisiense, chamados nas ruas pelos nomes dos personagens da *commedia* que representavam. A mesa de jantar, da qual Casanova compartilhou todas as noites nos primeiros meses de sua estada em Paris, compunha-se por Antonio, seus pais — Sylvia e Mario — , uma tia mais velha, Flaminia, tão tagarela quanto cabeça-dura, e a irmãzinha de Antonio, Manon. Havia também uma turma sempre diversa de literatos parisienses: Marivaux — outro dramaturgo, cujas comédias, segundo a leal opinião de Casanova, "não fosse por Sylvia, jamais chegariam à posteridade" — e o mais velho, Prosper Jolyot Crébillon, que se impressionou com o novo amigo de Antonio, a ponto de se oferecer para ajudá-lo a melhorar seu francês, escrito e falado.

Três vezes por semana, na rue des Douze Portes, no Marais, Casanova assistia às aulas de Crébillon, que na época era um homem excêntrico de 76 anos. Este foi mais um exemplo da facilidade que Casanova tinha para se relacionar com todas as gerações e classes, e também de sua surpreendente atração pelos mais velhos. As aulas se realizavam em meio aos 20 gatos nada comportados do dramaturgo. E ficavam aqueles dois homens extremamente altos (Crébillon tinha oito centímetros a mais que Casanova) curvados sobre os versos franceses. Casanova atribui a Crébillon alguns dos melhores conselhos que recebeu como escritor: "Conte histórias divertidas sem rir, seja inteligente, respeite as regras da gramática", e que aquele *je ne sais quoi* da grande literatura era o mesmo que distinguia o amante do *castrato* — os testículos.

As descrições de Paris feitas por Casanova no meio do século XVIII, durante o glamouroso reinado de Luís XV e com Madame Pompadour em seu auge, permanecem como alguns dos mais belos exemplos de sua literatura de viagem. Ele teve a sorte de se encontrar lá naquela época,

na companhia que escolhera, mas mesmo assim a sua perspectiva da vida e dos costumes parisienses é tão estimulante quanto ingênua. Não será a última vez que ele se apresenta como o desajeitado estrangeiro querendo orientar-se na grande cidade. E para alguém que escolhera escrever em francês e seguir grande parte de sua posterior carreira na França, ou junto das elites de fala francesa, a experiência de aprender francês foi a gênese de outro Casanova.

Ele era um filho de Veneza, mas aspirava à cortesia de estilo francês. Perdeu o último vestígio de sua inocência moral com atrizes-cortesãs que riam abertamente de suas ideias clericais de correção. Onde os venezianos tinham máscaras e coisas não ditas, os parisienses seguiam abertamente seus próprios códigos morais. Uma atriz, Marie le Fel, explicou-lhe alegremente as feições diferentes dos seus filhos, contando que os pais deles eram três amantes seus. Casanova lembra de ter enrubescido. Coisas assim eram sabidas em Veneza, só que ninguém falava. "O senhor está na França, monsieur", explicou uma atriz já aposentada, "onde o povo sabe o que é a vida e tenta tirar o maior proveito disso." Esta era a filosofia que Casanova estava adotando nas questões do coração e do mundo. Paris, em 1750, era o cenário perfeito para a próxima cena da *commedia* de Casanova.

Os Balletti e Crébillon o levavam sempre ao teatro. Ele pôde assistir a famosas produções de *O misantropo* e *O avarento*, de Molière, assim como a *Le joueur* e *Le glorieux*, de Regnard e Destouches, respectivamente, em que estrelavam grandes nomes do palco parisiense, hoje há muito esquecidos, porém que estavam frescos na sua memória quando ele escreveu sobre o prazer provocado pelo desempenho e pela companhia deles nos bastidores. A comunidade italiana em Paris também começou a abrir-se para ele, em parte por ser filho de Zanetta Casanova. Sua moradia na rue Mauconseil ficava bem no centro da crescente comunidade de italianos em Paris, cujos pontos centrais eram o Hôtel de Bourgogne e o Théâtre Italien.

Carlino Bertinazzi, que atuou com a mãe de Casanova em São Petersburgo em 1736, estava em Paris e o convidou para sua mesa. Não o via desde os tempos em que era um colegial em Pádua. Carlo Veronese, que interpretara Pantaleone com a mãe de Casanova, também o convidou para jantar e o apresentou a suas filhas, as atrizes Anna

Maria e Giacoma Antonia. Ao que parece, foi por meio de Anna Maria, conhecida em Paris como Coralina, em razão da personagem interpretada por ela na *commedia dell'arte*, que Casanova conheceu Charles Grimaldi, príncipe de Mônaco, que era amante dela. Giacoma era amante do conde de Melfort, uma das companhias favoritas da princesa Bourbon, a duquesa de Chartres. O círculo de Casanova ampliou-se rapidamente. Assim como suas conexões no teatro, algumas das quais através de sua mãe, todos esses nobres eram maçons, e a duquesa era chefe das mulheres maçons. Não se sabe ao certo como ou se Casanova comunicou-lhe que era maçom. Mas parece que ela teve conhecimento do fato e do interesse dele pela cabala.

Em um dos poucos meandros indiscretos de Casanova, ele fala da atuação do príncipe de Mônaco como proxeneta da duquesa de Ruffec. Essa dama "idosa" (estava com 43 anos em 1750) foi apresentada a Casanova por Grimaldi. Assim que foram deixados sozinhos, a duquesa pediu que Casanova se sentasse a seu lado e foi logo tentando desabotoar-lhe a braguilha. Horrorizado com suas investidas, e talvez por Grimaldi ter afiançado que ele era uma pessoa muito fácil, Casanova disse que estava com uma doença venérea e foi logo banido dali. Essa foi a primeira de muitas histórias que, segundo ele, começaram a circular por Paris, nenhuma das quais o colocava sob uma luz muito favorável, embora constituíssem anedotas divertidas, tanto na época quanto hoje. Além de tudo, seu francês o desapontava, ainda que de uma forma que se ajustava bem àqueles tempos obscenos e frívolos. Ao perguntar a uma amiga como ela passara a noite, ele lhe perguntou, inadvertidamente, o que ela "descarregara" durante a noite; e ao tentar explicar a uma jovem o emprego correto da preposição italiana "*vi*", disse que o "*vi*" devia ir "*derrière*".[a] Em francês, "*vi*" ou "*vis*" era a gíria para pênis. Diziam que ele era companhia muito engraçada, aquele veneziano novo na cidade, um alpinista social, ligeiramente *gauche* e encantadoramente *faux-naïve*. Os boatos se espalharam. Novos convites se seguiram.

Em 7 de outubro de 1750, alguns meses após a chegada de Casanova, os Balletti tiveram de se transferir para Fontainebleau com os outros atores da corte para a temporada de caça. A corte estava instalada principalmente em Versalhes, mas a outra grande paixão de Luís XV, depois das mulheres, era *la chasse*. Todo dia de caçada era seguido por

uma apresentação musical ou teatral. Os Balletti convidaram Casanova para ficar com eles na casa que alugaram perto do palácio, o que lhe proporcionou uma visão ainda mais próxima do verdadeiro centro da vida francesa, e também da amante de Luís XV, Jeanne Antoinette Poisson, que na época era marquesa mas logo se tornaria duquesa, universalmente conhecida como Madame Pompadour.

Alguns dias depois de sua chegada, Casanova comprou ingressos para a apresentação de uma ópera de Lully, mas por obra do destino ou do acaso foi acomodado no *parquet*, na primeira fila, diretamente abaixo, porém dentro do campo visual, do camarote de La Pompadour. Ela perguntou quem era ele, talvez por ter notado sua altura e a cor de sua pele, ou talvez seu riso inconveniente em certas partes do recitativo de Lemaure, famosa cantora lírica francesa da época, que não se notabilizava muito por seu desempenho como atriz. Responderam-lhe que aquele jovem era um veneziano. Ela se curvou no camarote e perguntou-lhe se era verdade que ele vinha "lá de baixo".

— De onde?

— De Veneza — tornou ela.

— Veneza, madame, não fica *lá para baixo* — respondeu Casanova, com toda a coragem e cortesia. — Fica *para cima*.

Uma atitude arrogante e autoconfiante dessas na presença da rainha *de facto* da França já poderia ter firmado o nome de Casanova. Mas o que se passou logo em seguida foi uma troca de palavras bem mais engraçada, que se tornou, segundo Casanova, muito "celebrada". Foi mais um daqueles seus mal-entendidos involuntários por causa de expressões com duplo sentido. O duque de Richelieu, companheiro de camarote de La Pompadour, perguntou-lhe de qual das duas atrizes ele gostava mais. Casanova indicou a sua preferida. Richelieu comentou: "Mas ela tem as pernas feias", ao que retrucou o pretensioso veneziano: "Não posso vê-las." E prosseguiu: "Mas, de qualquer maneira, quando eu avalio a beleza de uma mulher, a primeira coisa que afasto são as pernas." Depois, afirmou ter empregado inadvertidamente o verbo francês "écarter" — que significa "pôr de lado" ou "afastar de um lado a outro", mas na verdadeira arena que eram os teatros da corte, aquilo foi o tipo de coisa suficiente para notabilizar qualquer jovem. E foi o que

aconteceu. Francesco Morosoni, o embaixador de Veneza, pediu para ser apresentado ao atrevido italiano de quem todos estavam falando. O mesmo fez o jacobita lorde Keith, que não o via desde 1745, mas que se recordou dele no mesmo instante, e com carinho.

Mais uma vez, o testemunho de Casanova é extremamente rico em detalhes e primeiras impressões: um jovem inocente no estrangeiro, num mundo tão longe da inocência como o da corte francesa. Ele nos fornece imagens das damas da corte, a quem a *etiquette* obrigava a usar saltos "de 15cm de altura" enquanto aguardavam pela rainha, e ainda assim tinham de correr com suas saias-balão, maquiladas como bonecas, quando o protocolo palaciano exigia a presença delas.

Nessa época, a cortesã veneziana Giulietta Preati — a *signora* Querini — fez uma inesperada aparição em Fontainebleau, tentando atrair a atenção de Luís XV, famoso por seu olhar sempre à procura de algo. Embora Madame Pompadour fosse, sem a menor dúvida, a *maâtresse en titre*, o longo tempo passado como objeto das afeições do rei, além de sua cama, implicava a disposição de apoiar aquele vasto harém de damas da corte e fazer vista grossa para o seu "*parc des cerfs*", onde meninas muito jovens eram recrutadas para o seu prazer. O rei declinou os avanços sutis de Giulietta. "Temos mulheres mais bonitas por aqui", segundo Casanova, teria sido seu cruel comentário para Richelieu. Nesse momento, porém, é possível que Casanova tenha refletido consigo que não eram os encantos práticos de uma cortesã profissional como Giulietta que impressionavam mais o rei, mas outra coisa mais coerente com sua preferência por mulheres muito jovens.

Logo Casanova retornou a Paris e à sua existência como jovem errante pela cidade, sempre sustentado pela mesada de Bragadin, pelo que ganhava com o baralho e pela generosidade dos amigos. Sua única justificativa para isso era que estava aprendendo francês e conquistando uma reputação na corte, porém nada disso, é claro, trazia-lhe dinheiro ou perspectivas mais definidas. Então, inesperadamente, sua história se cruzou tanto com uma intriga sexual da corte quanto com a história da arte, isso graças a Claude Patu, seu amigo libertino. Patu o introduziu nos prazeres dos bordéis parisienses e, pela primeira vez, a vida amorosa de Casanova — ou, mais precisamente, sua vida sexual — foi dominada por visitas a um deles: o Hôtel de la Roule, na Porte Chaillot.

Uma vez que ali havia exigências quanto ao vestuário e à expectativa de um comportamento cavalheiresco — esperava-se que os clientes fossem, durante o jantar, uma companhia divertida para as jovens escolhidas — , podia ser um hábito bastante caro. Mas, sem se envergonhar, Casanova prova o contrário. Décadas depois, ele recordou os preços: seis francos pelo café da manhã com sexo, 12 para jantar com sexo, um luís para fazer uma refeição e passar a noite. Sexo sem comida era um verdadeiro anátema.

As moças se vestiam todas da mesma forma, com camisolas de musselina branca, como vestais gregas, e ficavam afetadamente costurando enquanto os homens escolhiam o cardápio e suas companheiras de cama. Na sua primeira noite, Patu e Casanova pagaram pela companhia e os serviços de três prostitutas por uma longa noite de orgias, acompanhada por uma excelente refeição. Dali em diante, Casanova tornou-se "fiel" a uma das prostitutas, Gabrielle Siberre, conhecida como La Saint-Hilaire.

Em uma viagem à feira de Saint-Laurent, Patu enamorou-se de uma atriz flamenga de ascendência irlandesa, Victoire Morphy, ou Murphy, conhecida como La Morphy. Ela aceitou dois luíses de Patu para fazerem sexo na casa dela, na rue des Deux Portes Saint-Sauveur, nos arredores, e Casanova foi forçado a ficar com eles. Já era tarde e ele perguntou se não haveria uma cama para ele dormir, por aquela noite ou o tempo necessário para o amigo resolver seus assuntos. Ofereceram-lhe, por um *écu*, o colchão da pouco asseada irmã adolescente de La Morphy. A cama não agradou nada a Casanova, porém algo naquela menina o deixou intrigado, principalmente a vontade que ela manifestava de que a vissem nua, de ser tocada e até mesmo de que lhe lavassem o corpo. Entretanto, ela não permitia nada mais íntimo por menos de 25 luíses: a menina ainda era virgem, e sua irmã dissera que a taxa corrente em Paris por tal característica era muito mais alta do que aquela quantia.

No final das contas, por meio de Casanova, ela conseguiu o próprio Luís XV em pessoa. Depois de lhe dar um banho, Casanova achou que ela era de "uma beleza perfeita, com uma postura capaz de instilar a mais deliciosa paz na alma de quem a contemplasse". A verdade desse fato pode ser comprovada pelo que aconteceu depois. Casanova pagou ao artista sueco Gustaf Lundberg, da Escola de Boucher, para que a pintasse

nua, com as nádegas erguidas na direção do observador.

Foi feita uma cópia para Patu, a qual chegou até Versalhes e ao monsieur de Saint-Quentin, o procurador do rei. O rei desejou conhecer "O-Morphi", nome que Casanova lhe tinha dado, segundo um jogo de palavras em grego para "linda", ou "feminina". Depois disso, solicitaram que ela integrasse o *parc des cerfs* e sacrificasse a virgindade em nome de seu país, por uma taxa um pouco mais alta do que se cobrava em Paris. Espalhou-se o boato de que ela agradara especialmente ao rei quando, sentada em seu colo, "depois que a mão real se assegurou de que ela era mesmo virgem", observou que ele era muito parecido com o rosto que aparecia na moeda de seis francos. Louison O'Murphy, ou Morphy, estava então com 13 anos. Ela teve um filho do rei, um menino, que recebeu o título de conde d'Ayat, antes que uma indiscrição envolvendo a rainha a excluísse dos favores reais.

Essa história tem elementos comprováveis: a ligação entre Patu e as irmãs Morphy, e a pintura, que existe em várias formas, daquela sereia infantil cujo apelo não se restringiu apenas a Luís XV e a Casanova. Entretanto, Casanova exagerou a própria participação na elevação da então mais recente aquisição do harém de Luís XV. Embora ele possa de fato ter lhe dado um banho na casa onde ela vivia com a irmã — um ato de reverência, de *connoisseur* ou de invasão pessoal que ele tanto soube apreciar pela vida inteira — , ela também deve ter empregado outros meios para chegar ao estúdio de Boucher, de onde seria fácil pular os muros do *parc des cerfs*, com ou sem a ajuda e o testemunho de Giacomo Casanova.

Patu, entretanto, impressionou-se com o autocontrole e a capacidade de antevisão de seu companheiro, que se recusou a negociar para si próprio a virgindade de Louison Morphy.

A primeira estada parisiense de Casanova revela um jovem cada vez mais mundano e cínico, insinuando-se numa sociedade venal e sofisticada, adotando por algum tempo o libertinismo mercenário inspirado na corte de Luís XV e de La Pompadour. Não só ele lançou, em parte, a carreira de Louison Morphy, como também tentou fazer o mesmo por uma linda italiana que passara a residir perto de sua casa, na rue Mauconseil. Mais tarde, alguma parte dele iria se lamentar de, aos 25 anos, tendo encontrado juventude, beleza, necessidade e promessa

juntas na mesma jovem, não procurar tomá-la para si, mas antes, dar-lhe o seu apoio em apregoar seus predicados no mercado amoroso de Paris. “Se você é uma mulher virtuosa”, ele se lembra de ter dito à beldade italiana, “e está decidida a continuar sendo, prepare-se para viver na pobreza.” E lhe aconselhou a tornar sua inacessibilidade bem evidente, a fim de aumentar seu preço, e em seguida fazer o jogo da espera com aqueles imorais que frequentavam o Palais Royal.

Isso era algo cínico, mas não desprovido de boas intenções. Ele ficou chateado quando a bela italiana se entregou a um homem considerado por ele inferior a ela, ou inferior à parte que ele desempenhara em sua criação. A ideia do amor como um jogo, um jogo mercenário, fazia parte do espírito da época. Por isso mesmo, na Paris dos anos 1750, Casanova, o cronista do século XVIII, tornou-se escolado nos aspectos mais cínicos da libertinagem. Entretanto, as maquinações do mercado amoroso parisiense, que haviam colocado La Pompadour no Trianon e mademoiselle Siberre, do bordel do Hôtel de la Roule, entre os braços de Casanova, não faziam parte dos instintos ou das inclinações do veneziano. Ele usava bem as modas parisienses, porém sem se sentir muito confortável.

Passados muitos anos, seu remorso por ter vendido uma compatriota italiana, Antoinette Vesian, para uma união desastrosa e disparatada com o conde de Narbonne, ainda o deixava atormentado, menos por causa da moral tradicional do que pela participação dele na ruína da moça. Revelou-se depois que Narbonne não tinha dinheiro algum. Casanova e Antoinette sentaram-se, tristes, no leito dela, enquanto Antoinette considerava a possibilidade de se vender. Em uma longa conversa, não recordada de todo, Casanova mostra-se mais romântico do que permitia sua época, sua reputação ou sua necessidade de ajudar uma cortesã a negociar-se. “O prazer é o imediato gozo sensual; é uma completa satisfação que concedemos aos nossos sentidos em tudo o que eles desejam… o filósofo é aquele que não rejeita nenhum prazer que não produza dores maiores, e que conhece a maneira de criar esses prazeres.” E prossegue, dizendo que deveria ser evitado qualquer dever “para o qual não se encontre razão na natureza” — um argumento romântico, ao estilo de Rousseau. O emprego da filosofia, continua ele, “deveria ser o estudo da natureza”. Esses são axiomas dos tempos

revolucionários — da época de Voltaire e da destruição dos métodos venais de tempos mais antigos — , porém dificilmente seriam os conselhos que uma aspirante a cortesã poderia esperar de um libertino qualificado.

Embora a história dela tenha tido final feliz — o casamento com o marquês d'Etrehan e um camarote no teatro, do qual ele podia exibir sua conquista em um palco melhor do que o próprio palco — , há uma nota elegíaca na narração de Casanova que evidencia que o seu coração estava mais para o espírito romântico dos seus conselhos a Antoinette Vesian do que nas realidades mercenárias de um caso de amor rococó.

Aos poucos Casanova tomou consciência de que mais uma vez não conseguira, em Paris, tirar vantagem de uma ou duas cenas brilhantes de abertura, de algumas falas excelentes e, é claro, de um elenco de apoio bem-situado para lançá-lo no centro do palco. Seu francês melhorou. Mas sua pequena renda não era suficiente para as suas despesas, que incluíam idas regulares a bordéis com Patu, que trabalhava como advogado. No decorrer do ano de 1751, ele procurava com desespero por algo que justificasse sua existência parisiense.

A duquesa de Chartres, prima de Luís XV e figura de destaque na sociedade, vivia próxima ao círculo teatral e maçom de Casanova. O favorito da duquesa, o conde de Melfort, tinha uma amante que era filha de Carlo Veronese, o célebre astro que interpretava "Pantaleone" na *commedia* italiana. A duquesa era quase da mesma idade de Casanova, mas, curiosamente, já tivera muito mais amantes do que ele. Entretanto, sofria, dizia-se que em resultado disso, de uma doença de pele, que poderia não ser nada mais do que acne. Qualquer que fosse a causa, aquilo lhe dava mais tristeza do que o normal, pois sua presença era muito requisitada na corte e na sociedade. E nas ocasiões em que a sua pele de repente melhorava, ela era considerada de uma beleza espantosa, segundo a estética preferida na época e também pelos pintores.

Sem dúvida por intermédio de Veronese e de Melfort, ambos maçons, ela teve conhecimento dos rumores de que Casanova conhecia certos segredos das curas cabalísticas. Pediu para ter uma entrevista com ele nos aposentos que ela mantinha no Palais Royal. Casanova se apaixonou no mesmo instante: "Ela era uma criatura adorável, extremamente animada, sem preconceitos, alegre, sábia na conversação", qualidades

que exerciam grande apelo sobre ele. Em um comentário velado, ele pode também ter feito alusão às suspeitas de que ela era a maior libertina de Paris, uma "amante do prazer" — como de fato era — , "e preferia isso a uma vida longa: 'curto e doce' era uma expressão que sempre estava em seus lábios".

Ela lhe enviou várias perguntas escritas — a maneira correta de se consultar um oráculo cabalístico — que Casanova deveria responder também por escrito. Pelo menos uma dessas perguntas se referia ao tom de sua pele. Casanova sentiu pena dela, ou percebeu ali uma oportunidade para dar um primeiro passo: prescreveu-lhe uma rigorosa dieta, banhos diários em água doce e recomendou que ela evitasse as *pomades* (ou cosméticos). Também deixou claro que a cura não seria imediata. E a coisa funcionou. A confiança que ela sentia nele aumentou, e a dele por ela. Eles continuaram a se encontrar nos aposentos do Palais Royal. Ela lhe fez novas perguntas e dedicava sempre mais tempo às suas profecias. E ele começou a acreditar cada vez mais na profecia cabalística, que chegava até verdades "que eu não sabia conhecer".

Ela então lhe acenou com "um posto que proporcionaria uma renda de 25 mil libras". Aqui fica evidente que ele tinha perfeito conhecimento de ser uma grande fraude. Suspeitava que existiam certas verdades que podiam ser deduzidas da cabala, mas também sabia que estava falseando a diferença entre suposição e certeza. E não podia dizer a ela como a coisa tinha funcionado, pois ele próprio não sabia, e também porque, escreveu ele, "eu estava loucamente apaixonado por ela, embora achasse que aquela conquista estava além dos meus limites".

A vida amorosa de Casanova na Paris libertina do início dos anos 1750 foi relativamente pouco movimentada. Ele rejeitou as investidas da "velha" (43 anos) duquesa de Ruffec, resolveu que a duquesa de Chartres era demais para ele e deixou que O-Morphi e Antoinette Vesian fossem vender sua honra em outras bandas. É claro que ele pagou para fazer sexo com mademoiselle Siberre, "La Saint-Hilaire", na companhia de Patu, e que também, vez ou outra, compartilhou sua cama com a filha adolescente de sua senhoria. Segundo suas recordações, foi ela que veio até o quarto dele. Depois, ao depor no tribunal, jurou que foi "sempre que ela sentiu necessidade". "Do jeito como eu sou," refletiu, "jamais cometeria a deselegância de recusar minhas carícias a uma menina

que… vem até a minha cama para submeter-se a elas — sobretudo quando tem o consentimento da mãe."

Entretanto, Mimi — "uma verdadeira ambrosia de uns 15 ou 16 anos" — ficou grávida e madame Quinson moveu um processo contra o inquilino para que ele se casasse com sua filha ou pagasse os prejuízos. Casanova objetou que Mimi estava longe de ser uma novata, que ele poderia não ser o pai da criança e que o consentimento da mãe dela tinha sido evidente desde o início. Ele sentiu, talvez corretamente, que fora atraído para uma armadilha. Na citação inicial, diante do comissário do distrito, o caso tomou uma direção contrária a ele. Mas ao ser apresentado ao tenente-geral da polícia, Casanova foi isentado de qualquer transgressão e as custas do processo recaíram sobre a madame Quinson. Como um homem típico de seu tempo, com suas inclinações e sua desconcertante complexidade, ele generosamente pagou, por ambas as partes, as taxas do tribunal, embora jamais reconhecesse que a criança, um menino, fosse sua. Mesmo assim, ele devia saber ou desconfiar que era, e Mimi continuou a afirmar que ele era o pai. Foi Casanova quem "deu a permissão" para que o menino, provavelmente seu terceiro filho, fosse apresentado ao hospital militar beneficente, do outro lado do Hôtel Dieu "para o bem da nação". Nunca mais eles se encontraram.

No verão de 1752, Francesco Casanova, então com 24 anos, chegou a Paris. Seu irmão havia sugerido que o seu talento como pintor de batalhas poderia encontrar mercado na cidade, onde poucos artistas se dedicavam a este gênero, apesar do belicoso descontentamento do regime. Pode ser que Casanova tenha pago a viagem de Francesco, com esperanças de poder atuar como seu agente. Se foi isso que aconteceu, os dois acabaram se decepcionando: no *salon* do Louvre, um quadro de Francesco foi duramente criticado. Ele fugiu dali quase em lágrimas, mandou que um criado recolhesse a pintura e "a golpeou por 20 vezes com sua espada".

Foi Francesco quem sugeriu que ele e o irmão viajassem juntos para visitar a mãe em Dresden. Casanova não a via desde 1737, quando ainda era um menino magrinho de 12 anos que começava a aparecer como um precoce talento social. Zanetta estava bem-estabelecida na corte do Eleitor da Saxônia, era uma atriz celebrada e também respeitada pela

sociedade e a corte de Dresden. Talvez os irmãos pensassem que seria possível se beneficiar dos contatos dela. Ou quem sabe desejassem se afastar de certos embaraços recentes, sociais e artísticos, que tiveram em Paris. Talvez, com a prolongada falta de um verdadeiro amor, ou de uma vocação, Casanova sentisse a necessidade de consertar a negligência de Zanetta para com eles na infância. O mais provável, porém, é que apenas quisessem dinheiro.

Um relatório policial daquele período observa que Casanova não vivia mais entre a família Balletti — é possível que estivesse sendo mantido, em todos os sentidos, por Sylvia, a mãe de Antonio. Ele negou isso de maneira categórica, porém tinha encontrado uma nova família, de outro estofo, como um espelho da sua própria, com uma figura materna que o lançara em uma ascensão social bem-sucedida em Paris. Ele também faz menção à irmã mais nova de Antoine, cujas efusivas cartas para ele ainda lotam os arquivos de Praga. Mas em 1752, Manon Balletti tinha apenas 12 anos e acenou em despedida para ele e o irmão quando estes saíram da rue Mauconseil acompanhados pelo restante de seus amigos italianos.

Os Casanova partiram no outono, viajando através de Champagne, Metz e Frankfurt. Chegaram a Dresden em outubro. A mãe recebeu afetuosamente os dois filhos mais velhos e eles puderam renovar suas relações com a irmã, Maria Maddalena Antonia, então com 21 anos e recém-casada com Peter August, o harpista da corte.

Francesco se dedicou com seriedade ao estudo da arte e logo se mudou para Roma para aprofundar-se mais sob a orientação do célebre Raphael Mengs. Enquanto isso, o irmão mais velho escrevia uma peça, dizem todos que um tanto baseada em *La Thébaïde*, de Racine. É possível que ela tenha se originado nas aulas de tradução que Casanova tivera com Crébillon, em Paris. Aquela foi, na verdade, a segunda peça com o nome de Casanova ligado a ela representada em Dresden. A primeira foi uma tradução para o italiano do *Zoroastre* de Cahusac, encomendada pelo embaixador saxão quando Casanova ainda estava em Paris, também sob o incentivo de sua mãe. Tanto Zanetta quanto Maria se apresentaram nela, quase com certeza em fevereiro de 1752, e o seu sucesso pode ter sido em parte responsável pela ida de Casanova para a Saxônia.

Ele colocou outro título em sua nova versão de Racine, *La Moluccheide*,

e ultrapassou os limites da tradução ao reimaginá-la como uma comédia italiana, com dois arlequins e “repleta… de incongruências cômicas”. A peça foi apresentada como de sua autoria, não de Racine — a primeira obra pública de Casanova — , e foi recebida com entusiasmo pela corte aficionada por teatro, em particular o rei Augustus III, que o recompensou com dinheiro por seu trabalho.

Esse seu primeiro sucesso literário verdadeiro mereceu um registro escasso em suas memórias. A comédia, em que ele se mostrava excelente na conversação, não era onde punha suas maiores ambições como escritor. Este era o negócio da família, assim como a música, que igualmente não o interessava, segundo revelou mais tarde a Catarina a Grande. Talvez isso explique por que outro modesto triunfo tenha valido apenas uma referência rápida nas memórias: antes de sair de Paris, ele sugerira ao abade de Voisenon, um colega de Crébillon, experimentar sua capacidade em oratórios em verso, ao estilo veneziano, para um concerto nas Tulherias. Foram os primeiros oratórios apresentados na França, e assim o seu nome está ligado a uma importante nota de rodapé da história da música francesa. Casanova, contudo, decidiu que seu destino não estava nem na corte saxônica nem na música erudita e nas cenas teatrais. Ele então resolveu retornar a Veneza.

---

[a] Em português, *derrière* significa “atrás”, ou “traseiro”. (N.T.)

TERCEIRO ATO, CENA III

Luxúria nos claustros

1753-55



"Voltei a Veneza no ano de 1753, mais instruído, satisfeito comigo mesmo, frívolo, amante dos prazeres; feliz, resistente, vigoroso e zombeteiro… Jogava dia e noite, apostava grandes somas em dinheiro… não possuía nenhum. Não perturbava a paz. Passava longe da política e dos desentendimentos pessoais dos outros, e eram essas as virtudes que eu tinha… meus modos libertinos poderiam, na pior das hipóteses, fazer-me sentir culpado diante de mim mesmo, e nem sequer um remorso nublava a minha consciência. Sentia-me inteiramente feliz."
GIACOMO CASANOVA

"O dia vai terminando, a noite me envolve… ó Deuses, como anseio que tornes a gozar… que avances, que penetres em mim… Estou morrendo de amor."
Vénus dans le Cloâtre, ANON

O DIA DA ASCENSÃO, data em que Casanova chegou em casa, em 1753, era o mais importante do calendário veneziano. O lançamento do Bucentauro, a pantagruélica gôndola estatal construída para o casamento simbólico de Veneza com o mar, contava com a presença do doge e de todo o Senado, dos embaixadores e do núncio papal, todos remando naquele barco-teatro dourado, perigosamente carregado, até a beira do Lido, para que o doge pudesse lançar sobre as ondas um anel de ouro. Uma sequência de gôndolas acompanhava o barco desde a *piazetta* São Marcos para assistir à cerimônia.

Casanova lançou-se de volta à vida veneziana, e também ao próximo grande caso amoroso de sua vida. Depois de dois anos brincando de libertino parisiense, ele se viu mais uma vez, talvez ironicamente,

apaixonando-se por uma inocente virgem veneziana, impedindo as tentativas do irmão dela para vendê-la, e chegando até a propor casamento.

Ele reencontrou todos os seus livros e papéis, que deixara em seu quarto no Palazzo Bragadin no verão de 1750. O senador estava fora da cidade, para evitar as desordens das comemorações, e por isso Casanova foi fazer-lhe uma breve visita no interior. Quando retornava para Veneza no final do sábado anterior à cerimônia do Bucentauro — que tinha sido adiada devido ao mau tempo no dia da Ascensão — , sua vida tomou outro rumo inesperado. Como observou, se ele tivesse se despedido de Bragadin alguns segundos antes ou depois as coisas teriam se passado de forma bem diferente. No caminho para o canal de Brenta, um cabriolé tombou bem defronte da carruagem de Casanova. Ele ajudou os abalados ocupantes a se porem novamente de pé. Nenhum se machucara, apenas a dama ficara com as saias reviradas bem na cara de Casanova — uma visão que ele recordou com muita alegria décadas depois — e todos seguiram em frente. No dia seguinte, ele foi tomar café debaixo da *Procuratie*, na praça São Marcos, em um café hoje conhecido pelo nome do seu proprietário de então, o *signor* Florian. Casanova estava de máscara, assim como uma dama que passou por ele e lhe deu uma palmadinha no ombro. Depois, quando ele chegou à ponte Riva Sepolero, onde o gondoleiro de Bragadin o aguardava, a dama reapareceu e o censurou por não a ter reconhecido da véspera. Claro, agora ele estava tendo uma visão bem diferente dela.

Ele desconfiou que algum tipo de aventura estava se armando. Mas não foi capaz de identificar qual era a relação da dama com seu companheiro, um veneziano com uniforme alemão. Ambos aceitaram seu convite para o acompanharem até o Lido na sua impressionante gôndola senatorial. O homem revelou ser de uma família rica, mas que passava por uma fase de má sorte e estava cheio de dívidas. Deduziu-se que sua identidade — o "P.C." das memórias — era Pietro Antonio Capretta, de 32 anos, filho de Christoforo Capretta, comerciante veneziano. Casanova de fato tinha negócios financeiros com este desde 1748, porém em 1753 foi levado a ter um caso com a irmã mais jovem de Pietro, Caterina — "um prodígio", diz ele, "de natureza imaculada, que transborda candura e ingenuidade". No mesmo instante ele se sentiu

atraído por ela e chegou a deixar que Pietro o iludisse, fazendo-lhe empréstimos substanciais com os quais mal poderia arcar, só pela esperança de passar mais tempo com ela.

Durante a temporada do Carnaval de 1753, Casanova, agora um homem *soigné* de 28 anos, levou Caterina em seu primeiro passeio turístico por Veneza. Através dos olhos dela, ele pôde ver tudo como se fosse a primeira vez. Comprou um camarote no teatro San Samuele, onde em outros tempos havia tocado na orquestra, levou-a aos jardins de Giudecca, viu ao lado dela as monstruosas figuras iluminadas das lanternas mágicas do *teatro del mundo*. De modo inesperado, porém delicioso, aquele libertino parisiense experiente se viu apaixonado. Tentou proteger Caterina dos projetos do irmão para sua inocência. Pietro estava tão interessado em obter a aprovação de Casanova que comprou ingressos em um cassino para Caterina, Casanova, ele e sua amante, com a qual fez sexo na frente de sua angustiada irmã e de Casanova, presumivelmente na esperança de vender a este a virgindade da jovem.

A princípio Casanova acreditou que, como acontecera com a Vesian em Paris, ele não poderia proceder com Caterina "como um homem honesto nem como um libertino", pois sabia estar "incuravelmente" apaixonado por ela, sentia que não poderia proporcionar-lhe um casamento e não estava disposto a se aproveitar dela. Era uma situação complicada e imprevisível. Caterina forçou a solução ao mencionar o desejo de se casar logo no início da relação, fossem quais fossem os termos e admitindo abertamente que estava apaixonada por ele.

O Casanova mulherengo é reinventado na descrição de seu caso amoroso como um jovem apaixonado. Apostando corridas com ela nos jardins de Giudecca, comprando-lhe luvas, meias, ligas e fivelas no Rialto, tomando sorvetes no Fondamenta San Marco, "louco de amor e num estado de excitação [que achei] que não iria aguentar".

Estar apaixonado sempre o deixava perturbado. Ele se sentia atraído pela inocência e a juventude, e tinha profunda consciência da ironia do papel, ao que parece inevitável, que desempenhava na destruição daquilo mesmo que adorava. "Quanto mais inocente eu a achava", escreveu sobre Caterina, "menos podia me decidir a possuí-la." Casanova sabia perfeitamente quem ele era e do que necessitava. E também sabia

que estava certo. Sua “alma”, escreveu, “lutava entre o crime e a virtude para defendê-la de mim mesmo”.

Foi Caterina quem pôs fim à luta. Nos jardins de Giudecca, onde se podiam reservar quartos particulares e isolados, ela lhe disse que desejava ser sua esposa, “diante de Deus, em Sua presença. Não podemos ter testemunha mais verdadeira ou de maior valor do que nosso Criador”. Casanova não pôde mais resistir à “força instigante da natureza” e fez amor com ela nos jardins de Giudecca, chamando-a de sua “esposa”. Sabia o que estava fazendo e se arrependeu quase imediatamente depois. Fizeram amor durante a noite toda e por fim ele a levou, remando, pelo canal de Giudecca, ela com “círculos escuros sob os olhos, como se tivesse levado uma surra… depois de ter sustentado um combate que a transformou em uma [mulher]”.

Como era natural que acontecesse, o irmão corrompido dela descobriu o que se passara e depois tentou, sem sucesso, chantagear Casanova. Talvez naquele estágio Casanova tenha considerado a possibilidade de se casar com Caterina. Tramou o plano de engravidá-la, forçando assim os pais dela a lhe concederem sua mão, junto com um dote generoso. A intenção de ambos, diz Casanova, era chegarem juntos ao orgasmo, o que se acreditava assegurar a gravidez, e tentavam isso com grande assiduidade.

Na época em que Christoforo Capretta retornou a Veneza, no início do verão de 1753, Pietro estava na prisão por causa de suas dívidas e Caterina estava mesmo grávida. Casanova convenceu Bragadin a pleitear sua causa junto a Capretta, o que teria sido de grande efeito para um simples comerciante, mesmo rico como era. Entretanto, mesmo com todas as lisonjas por parte de um figurão, isso não alterava o fato de que Casanova era um joão-ninguém com poucas perspectivas e um passado duvidoso no teatro profissional. Capretta não só recusou a proposta como, sem conhecimento da gravidez de Caterina, mandou que sua irmã a levasse para o convento de Santa Maria degli Angeli, em Murano, onde, por volta de meados de junho, ela foi registrada como uma *educanda*.

Murano servia de depósito para órfãos rejeitados e moças desobedientes, como Caterina. Abrigava diversos conventos, e Santa Maria degli Angeli era um dos maiores e mais antigos, na ponta a sota-

vento do principal canal de Murano. Pouca coisa ainda permanece, além da igreja, de alguns muros dos jardins e diversas portinhas que conduziam ao cais, abaixo, que conservam certo ar de escapada furtiva. O pórtico da entrada é encimado por um arco onde se vê uma escultura em alto-relevo da Virgem Maria flertando com o Arcanjo Gabriel por detrás de um livro. A porta lateral era o local de encontro de Casanova em suas aventuras ilícitas posteriores com Caterina (ou "C.C.", como é chamada nas suas memórias), com Laura (uma irmã leiga que o ajudava a fazer contato com Caterina), e com uma freira mais velha, cuja identidade ainda é incerta, e que ele chamou de "M.M.".

No século XVIII, o *traghetto*, ou balsa, que realizava o trajeto entre Murano e as principais ilhas de Veneza, assim como as gôndolas de aluguel, costumavam ficar à espera de passageiros junto da calle de la Malvasia. As correntes de ferro que amarravam as embarcações mais pesadas ainda permanecem na ponte. Aquela era uma região de Veneza que Casanova viria a conhecer muito bem em sua procura por Caterina e nas intrigas em que se viu metido por esse motivo. A pequenina igreja de San Canzian, onde os viajantes podiam esperar e, na verdade, rezar para terem uma boa viagem, ficava perto dali. Foi onde Casanova conheceu Laura, a irmã leiga que atuava como correio para as tão mundanas e bem relacionadas freiras venezianas do convento de Santa Maria. Ela concordou em passar secretamente as cartas dele para Caterina quando saísse para fazer as compras, e também as de Caterina para ele.

Em pouco tempo ela iria fazer mais. Existem seis pilares ao redor de San Canzian, uma igreja veneziana construída segundo os padrões tradicionais, e uma série de confessionários à direita de quem entra. Nesses confessionários, Casanova podia trocar bilhetes, e mesmo passar comida e roupas, já que a gravidez de Caterina tornara-se a principal preocupação do jovem casal, e também das freiras, que se tornaram coniventes com o segredo.

Tudo isso poderia apresentar Casanova sob uma luz bastante diversa: um jovem em vias de ser pai, apaixonado, vivendo sozinho no Palazzo Bragadin, possível suicida — como ele próprio declarou — e com o casamento negado tanto pela geração mais velha quanto pelo tradicional cenário teatral dos muros do convento. Mas as coisas não eram tão simples assim, nem tão puras.

De volta à residência em San Samuele, Casanova foi visitar o antigo amante de sua mãe, Giuseppi Imer, o empresário teatral, e ali encontrou sua amiga de infância, Teresa Imer. Havia muito que ela saíra de Veneza e daquele medíocre negócio de ficar se exibindo da janela da casa da calle della Duca Sforza. Casara-se com um coreógrafo, Angelo Pompeati, e era cantora de ópera em Bayreuth. Tinha dado continuidade à carreira de cantora e de cortesã, ao estilo veneziano, e era sustentada tanto pelo marquês de Montpernis, que dirigia o teatro lírico de Bayreuth, quanto por Frederick von Hohenzollern, o príncipe governador, cunhado de Frederico o Grande. Nesse meio-tempo, ela teve dois filhos com Pompeati.

Sua vida amorosa já devia ser bastante complicada, mas na viagem de volta a Veneza, em 1753, ela dormiu com Casanova. Eles não se viam desde as suas trapalhadas de adolescentes no Palazzo Malipiero, em 1740. Aquela noite que passaram juntos resultou na concepção de um filho. Isso aconteceu no meio do tórrido caso amoroso de Casanova com Caterina, e assim aquelas duas jovens, desconhecidas uma da outra, ficaram grávidas dele em meados de 1753. O pai de Caterina estava certo ao afirmar que Casanova não era apropriado para o casamento, porém este levou muito tempo para se convencer disso e revelar toda a verdade para Caterina.

A gravidez de Caterina não correu bem, e no final de julho de 1753 ela sofreu um aborto. Nessa época, Casanova conseguiu se mudar para o convento por pouco tempo, ajudado por Laura, para assim poder ficar mais perto de Caterina. Também por intermédio de Laura, ele fez entrar secretamente na instituição grandes quantidades de tecidos absorventes, comprados no bairro judeu. Ficou consternado com o aborto, que provocou hemorragias, e Laura teve de levar para casa as roupas ensopadas de sangue. Caterina conseguiu se recuperar, ajudada pela freira mais velha, que, se dermos crédito a suas cartas para Casanova, era bissexual e também um tanto apaixonada por Caterina.

Casanova voltou para Veneza, mas nas principais festividades, e em alguns domingos, ia assistir à missa na igreja do convento, ele próprio remando na gôndola de Bragadin. Ali, por trás da grade, ele podia ser visto por Caterina, a quem sempre chamou de “sua esposinha”, e pelas freiras, embora não pudesse conversar com ela. Enviou-lhe um retrato

seu em miniatura, escondido por baixo de uma santa Catarina que adornava uma sineta.

Em novembro de 1753, as coisas no convento tomaram um rumo inesperado. No dia de Todos os Santos, Casanova estava lá de visita quando recebeu um bilhete, no exato momento em que saía para retornar a Veneza. “Uma carta branca selada com cera cor de aventurina [o vidro castanho-amarelado produzido em Murano].” Ela dizia:

> Uma religiosa que, nos últimos dois meses e meio, tem visto o senhor na igreja todos os dias de festas, gostaria que o senhor a conhecesse… ela não deseja obrigá-lo a falar com ela antes de vê-la, por isso vai dar-lhe o nome de uma dama que poderá acompanhá-lo até a sala de visitas [para ser apresentado a ela]. Então, se [o senhor quiser], esta mesma religiosa lhe dará o endereço de um cassino aqui em Murano, onde poderá encontrá-la sozinha, na primeira hora da noite, na data que o senhor indicar. O senhor poderá ficar e cear com ela ou então sair um quarto de hora depois, caso tenha compromissos.

Era um convite direto para uma intriga.

Devido ao que aconteceu em seguida, um caso de amor pleno com a religiosa, que se revelou a amiga mais velha de Caterina, “M.M.”, esta passagem das memórias costuma ser citada como uma possível fantasia. Mas o peso das evidências pende em favor de Casanova. Embora M.M., ao contrário de C.C., não tenha sido identificada de forma conclusiva, o caso, mais ou menos como Casanova o relata, é coerente hoje com o quadro mais amplo e conhecido da prática sexual em Veneza na época.

O retrato que Casanova faz de M.M. — uma mulher pela qual ele se sentiu muito atraído e que acabou com a probabilidade do seu casamento com Caterina — é de uma pessoa politicamente poderosa, longe da imagem que temos de mulheres enclausuradas em conventos. O posterior envolvimento de um diplomata francês na questão, um certo cardeal De Bernis, que alguns anos antes Casanova conhecera rapidamente em Paris, empresta credibilidade extra ao registro que ele faz da história. François Joachim de Pierre de Bernis era um renomado sensualista, muito favorecido pelo governo veneziano: os seus pecadilhos sexuais deixavam-no em débito com o governo, num grau superado apenas pelo igualmente libidinoso embaixador britânico John Murray. Sabia-se que vez ou outra os dois mantinham casos com mulheres que,

pelo menos em teoria, haviam tomado o hábito e eram ligadas a ordens religiosas.

Isso não era assim tão chocante ou irreligioso quanto de início poderia parecer. Os conventos de Veneza — que incluíam escolas, academias de música e hospitais de internação, assim como ordens contemplativas confinadas — eram muito diferentes do conceito moderno de convento. Embora o *signor* Capretta pudesse racionalmente esperar que a filha Caterina fosse mantida em segurança no Santa Maria, desejando poder entregar sua virgindade intacta ao comerciante a quem tencionava oferecê-la, a segurança neste caso era financeira, não religiosa. Ele pagava para que a mantivessem longe de Casanova e de outros homens. Muitas freiras ali tinham outras disposições e estilos de vida, especialmente as oriundas de famílias patrícias, que traziam dotes substanciais. Tinha-se duas dívidas com elas: uma da casa, que iria lucrar com a riqueza delas, e outra de suas famílias, que lhes tinham negado o casamento a fim de proteger linhagens de herança e contratos de casamento oligárquicos.

Algumas dessas religiosas, como as que Casanova encontrou fazendo apostas no *ridotto* ou mascaradas durante o *Carnivale*, às vezes estavam comprometidas com questões, todas conduzidas com extrema discrição, em favor das casas religiosas e das famílias envolvidas, sendo vistas com simpatia por todos, menos pelos ortodoxos. Aquelas mulheres eram, como rezava a expressão, em primeiro lugar venezianas; e em segundo, cristãs.

Casanova sempre ficava excitado, intelectual e sexualmente, diante de uma proposta vinda de uma mulher. Ele raciocinava que ter um romance com uma freira libertina seria “uma certa infidelidade” em relação a Caterina, se bem que neste caso, “mesmo que ela viesse a descobri-la, não poderia ofender-se, pois teria sido cometida apenas com o propósito de me manter vivo e assim me preservar para ela”.

Ele concordou em encontrar-se com M.M. na sala de visitas do convento, acompanhado por uma senhora aristocrata de mais idade, a condessa Segura. Naquele primeiro encontro, em novembro de 1753, eles não se falaram. M.M. conversou apenas com a condessa, enquanto Casanova só observava. “Ela era de uma beleza perfeita, alta, com a pele de tal brancura que beirava a palidez, e todo seu ar era de nobreza.”

Ficou acertado um encontro num cassino particular de Murano. Imediatamente Casanova se deu conta de estar tratando com uma freira que ou dispunha de meios independentes ou era sustentada por algum homem rico. M.M. serviu-lhe uma refeição, acompanhada de champanhe rosé *oeil de perdrix*, em pratos mantidos quentes sobre água fervente — detalhes culinários que talvez fossem importantes, já que se tornou evidente que o proprietário e os empregados do cassino de M.M. eram franceses. Quando Casanova percebeu, por acaso, que o perfume que ela usava só podia ser obtido na embaixada francesa, deduziu que o seu protetor não poderia ser outro senão o próprio embaixador da França, De Bernis. Naquela primeira noite, M.M. arrumou o aposento, colocando um sofá e alguns travesseiros num ângulo que deixou Casanova surpreso pela estranheza, e pediu-lhe que desatasse as "seis largas fitas" do seu corpete. Mas, apesar de todas as tentativas de manobrar a mão dela "até o lugar onde ela se teria convencido de que eu merecia a sua graça", eles não fizeram amor.

No dia seguinte, esse encontro ainda ficou mais intrigante por causa de um bilhete de Caterina que Casanova recebeu das mãos de Laura na sua volta para Veneza. Caterina tinha visto Casanova conversando com M.M. e queria que ele soubesse que M.M. fora sua guardiã especial no convento, tendo se envolvido na realização do aborto e de seu encobrimento. Embora o conhecimento desses fatos tenha feito Casanova sentir-se "pouco à vontade", de modo algum ele se desviou do propósito de sair atrás de um caso amoroso inteiramente baseado no sexo, ainda que, em teoria, estivesse comprometido com Caterina. Entusiasmado pela classe social de M.M. e por seu patrono, o embaixador da França, e também pela perspectiva de ter um romance clandestino com uma freira cortesã, ele começou a desempenhar o papel de patrício.

Alugou um cassino dispendioso para proporcionar entretenimento a M.M. O cassino pertencera a lorde Holderness, embaixador britânico até 1746, e era decorado com azulejos orientais eróticos, espelhos e uma "bandeja giratória por trás de uma cortina… de forma que os senhores e os criados não se vissem uns aos outros". Ficava a alguns metros do teatro San Moisè, desaparecido há muito tempo, perto da praça São Marcos.

Ele combinou de se encontrar com M.M. junto à famosa estátua

equestre de Bartolomeo Colleoni na Piazza dei Santi Giovanni e Paolo. Ela o deixou esperando "em deliciosa antecipação", sorrindo sob o escudo estampado com três peras do herói veneziano medieval, menos famoso por suas façanhas militares do que por sua anatomia singular: ele tinha três testículos. Ela chegou vestida de homem, o que excitou Casanova ainda mais. Os dois foram caminhando de braços dados, atravessaram a praça São Marcos em direção ao San Moisè e ao cassino alugado, e só ali, então, "retiraram as máscaras". Ela ficou muito impressionada, sobretudo com a multiplicidade dos espelhos que refletiam a expectativa dos amantes em todos os ângulos possíveis, sob a bruxuleante luz de velas. Também se impressionou com uma banheira e uma "privada inglesa", com os *boudoirs* e os anexos que se abriam para o salão octogonal central, todo espelhado. Depois da ceia cuidadosamente preparada — sorvetes, ostras, ponches e vinho da Borgonha — eles tiraram a roupa e fizeram amor pela noite toda. Embora M.M. "não me ensinasse nada que eu já não soubesse em relação ao desempenho físico… eu mostrei a ela… o que ela não pensava que tinha o direito de me pedir para fazer. Ensinei a ela que o mais leve constrangimento pode estragar o maior dos prazeres".

Depois da primeira noite que passaram juntos, Casanova se dedicou à sua atuação em seu primeiro romance hedonista de cunho exclusivamente sexual. M.M. pertencia a uma família patrícia, era rica por si mesma e mantida em grande estilo por De Bernis. Casanova achou ter encontrado uma plateia melhor para a sua sofisticada *mise-en-scène* do que as vendedoras de lojas, que ficavam impressionadas com laços de fita. Comprou roupas e joias para M.M. — com o dinheiro da mesada de Bragadin e os ganhos ocasionais com o baralho — e manteve o apartamento em San Moisè bem-abastecido de comida para o chef de lorde Holderness preparar. Em sua narrativa do caso, Casanova acrescenta detalhes a respeito das marés do inverno veneziano, da colocação e da retirada das máscaras antes e depois do Natal, do fechamento dos teatros durante a novena, composta de nove dias de orações pela graça de Nossa Senhora dos Mares, dos laços de fita azul que M.M. pendurava junto ao cais do cassino de Murano para anunciar sua presença a Casanova e ainda da série de ocasiões durante o Advento em que ele podia assistir à missa na igreja de Santa Maria e ficar

plenamente visível para as suas duas amantes.

No Natal, M.M. o presenteou com um novo lance naquele caso de luxúria. Ela confessara ao seu protetor, De Bernis, que era amante de Casanova (há poucas dúvidas quanto a ele ter pedido a ela, no início, que tivesse um amante). Depois, contou a Casanova que De Bernis ficaria muito feliz se o caso deles continuasse e ele pudesse espiá-los fazendo amor através de um orifício na parede do cassino de Murano. Outra imagem de Casanova fica mais evidente aqui: a do ator feliz e cúmplice participante de orgias voyeurísticas. Tudo foi planejado com a maior sofisticação. O apartamento tinha uma pequena biblioteca de livros eróticos, embora não fossem a maioria. No dia marcado, véspera do ano-novo, M.M. deixou Casanova esperando ali por várias horas, até que chegou. Estava vestida com o seu hábito de freira, porém logo o trocou por uma túnica muçulmana com bordados de ouro. Casanova observou que ela tinha uma coleção de preservativos no cassino, pois De Bernis queria que ela evitasse ficar grávida. Assim, é provável que ela e Casanova vinham praticando, antes dessa ocasião, o *coitus interruptus*. Ela apontou para os orifícios nas flores de gesso de uma das paredes e então eles começaram a fazer amor, Casanova apenas com um turbante oriental e mais nada. Colocou "um travesseiro sob as nádegas dela e um de seus joelhos voltado para fora, o que deve ter permitido uma visão extremamente voluptuosa para o nosso amigo oculto". E continuaram depois sobre o tapete persa, posicionando-se diante de um espelho: "Eu a ergui para poder devorar a sua câmara do amor…" e assim aconteceu por várias horas, descritas em diversos parágrafos. No dia seguinte, Casanova foi, escondido, encomendar outro retrato seu representando uma imagem religiosa, na verdade, a da Anunciação, que seria feito do lado de fora do convento. O pintor representou-o como Gabriel, e a Virgem como uma loura em êxtase.

Essas passagens das memórias que guardam íntima semelhança com os textos pornográficos dessa época têm sido questionadas nos detalhes de freiras e de voyeurismo. Existem, é claro, poucas evidências que confirmem a natureza precisa do caso amoroso de Casanova com C.C., que com certeza existiu, e com M.M., que não foi identificada de forma conclusiva.

De Bernis, contudo, é uma figura facilmente identificável, que anos

depois se tornou um grande personagem da Igreja. Alguns dos seus defensores mais tarde tentaram ironizar o esboço que Casanova fez de sua personalidade. Em 1753, ele estava perto dos 40 anos. Tinha sido educado como jesuíta e sua reputação era a de um religioso mundano e inteligente. Ele obteve o favorecimento político da corte francesa por intermédio de Madame Pompadour. Ele a conheceu quando ela ainda era simplesmente a Madame d'Étoiles, e foi aparentemente graças a ela — eles podem ter sido amantes — que conseguiu seus apartamentos no Louvre e a nomeação, em 1751, para ser embaixador da França em Veneza. Foi em Veneza, em 1755, que recebeu os votos sacerdotais plenos que o colocaram *en route* para uma carreira na hierarquia eclesiástica. Mas quando Casanova o conheceu, ele era apenas um abade.

Embora De Bernis tivesse espiado muito Casanova, a maior parte do tempo sem roupa, por todo o mês de janeiro de 1754, foi só a partir de 8 de fevereiro que M.M. permitiu que ambos se conhecessem. Casanova o reconheceu de sua estada em Paris: eles tinham sido apresentados por intermédio do conde-marechal Keith quatro dias antes que De Bernis partisse para Veneza.

Era bastante provável que as autoridades venezianas considerassem com simpatia o caso de um embaixador com uma freira do Santa Maria. Claro, era proibido que a comunidade diplomática tivesse qualquer contato com a classe dos patrícios (a sua própria classe), porém M.M. tinha tanto a arriscar quanto De Bernis ao manter a situação discretamente. O caso o deixou em débito com as autoridades venezianas. E De Bernis estava evidentemente envolvido com uma mulher que pertencia a uma ordem religiosa: ele deixa isso claro em uma carta de 1754, na qual se refere à sua "freira, que se evadiu dos muros do convento… Eu fui vê-la e ela virá jantar comigo em minha casa", enquanto o amigo posterior de Casanova, o príncipe de Ligne, que conhecia bem De Bernis, recorda "uma aventura que este teve com uma freira em Veneza".

Outras confirmações são fornecidas pelos casos amorosos de outro membro da comunidade diplomática, o embaixador britânico John Murray, descrito em 1757 por lady Mary Wortley Montagu como "uma pessoa escandalosa em todos os sentidos… sempre cercado de proxenetas". Ele chegou a Veneza no final daquele mesmo ano, quando

se poderia obter qualquer freira dali por “100 cequins” — embora não exista qualquer registro que confirme diretamente esta afirmação.

Durante o Carnaval de 1754, até o mês de maio, quando De Bernis foi chamado de volta à França, M.M. pôde desfrutar seus dois amantes. Para começar, ambos faziam tudo para não se encontrarem, embora soubessem da existência um do outro e de certa forma estivessem adorando aquele relacionamento triangular. Depois do encontro com De Bernis na véspera do ano-novo, este enviou a Casanova uma tabaqueira de ouro decorada com dois retratos de M.M. Em um deles ela usava o hábito de freira, no outro, aparecia nua junto de um cupido que sorria afetadamente, com uma aljava aos pés.

Talvez fosse inevitável que Caterina se visse arrastada para tudo aquilo. M.M., uma aventureira muito dedicada, parece ter sido amante de Caterina dentro dos muros do Santa Maria. Só temos a palavra de Casanova sobre isso, mas dificilmente ele poderia ter testemunhado o que se passou entre elas. Entretanto, quando Caterina reconheceu na Anunciação de M.M. um trabalho do mesmo artista que criara para ela a imagem secreta de Casanova, descobriu sua infidelidade e foi atraída para o círculo. Foi M.M. quem conseguiu isso. Com o acesso relativamente fácil às gôndolas e às permissões para sair do convento na qualidade de membro da classe patrícia, além da influência de De Bernis, M.M. conseguiu conduzi-la para fora do convento de Santa Maria, até o apartamento de Murano. Ali, Caterina esperou intrigada, enquanto De Bernis e M.M. a espiavam por trás das rosas de gesso.

Quando Casanova chegou, certo de encontrar M.M. — estava vestido de pierrô para o Carnaval — , ficou chocado e nada satisfeito ao ver Caterina ali. Percebeu que estava sendo objeto de algum complô, sentindo-se “vítima de uma brincadeira, enganado, colhido numa armadilha, zombado” pelas duas mulheres: tinha sido exposto como uma fraude. Se M.M. e De Bernis esperavam por mais um espetáculo de sexo, ficaram desapontados. A fria resignação de Caterina diante de sua substituição no afeto de Casanova por sua própria amante — parece que ela sugeriu que eles se mereciam — foi seguida por uma noite inteira de lágrimas, repreensões, súplicas e arrependimentos. Casanova deu-lhe a sua chave do cassino de Murano, pedindo-lhe que a entregasse a M.M. e afirmando que jamais voltaria a se encontrar com aquela mulher.

Do lado de fora, uma terrível tempestade açoitava a laguna, e muitos dos foliões do Carnaval, que estavam festejando em Murano, tiveram de enfrentar uma viagem arriscada de volta para Veneza. Casanova quase morreu afogado e ficou de cama no Palazzo Bragadin, com uma febre que durou vários dias.

No dia 8 de fevereiro, já recuperado, ele convidou M.M. e De Bernis para jantar em seu cassino em San Moisè. De Bernis afirmou solenemente não se recordar do jovem italiano em Paris, porém declarou que "a partir deste instante, não poderemos mais nos esquecer um do outro. Os mistérios que nos unem são de natureza a fazer de nós amigos íntimos". De acordo com esse pacto, De Bernis e M.M. decidiam tentar juntar novamente os dois jovens amantes. Ou foi isso que eles disseram. Desde o início eles podem ter nutrido ideias muito menos altruístas e românticas, pois o que começou a se manifestar ali foi, na verdade, um *ménage à quatre*. Casanova sentiu-se sem forças para impedir que a "sua esposinha" se mantivesse fora daquela roda devassa e sexualmente onívora em meio à qual ele vivia. Mas — em suas recordações dos fatos — hesitou por pouco tempo antes de concordar em apresentar Caterina a De Bernis e assim pôr em movimento uma série de orgias cada vez mais ultrajantes, para o deleite do embaixador voyeur.

Isso é material de pornografia até hoje, mas, é claro, dificilmente comprova a veracidade dos fatos. Casanova expõe os personagens e suas motivações para se envolverem em relações sexuais entre mais de duas pessoas: o amor em declínio, o hedonista sexual, a possível bissexual, o voyeur e, no centro disso tudo, o ator priápico um pouco confuso mas sempre animado desempenhado por ele próprio.

A primeira noite que passaram juntos, Casanova, M.M. e Caterina — De Bernis não estava lá — , começou com a luxuosa refeição de sempre e a leitura minuciosa dos clássicos da pornografia (como os encontros amorosos entre mulheres, de Meursius), e terminou em uma trinca que destruía "todas as coisas visíveis e palpáveis que a natureza nos concedeu, devorando livremente tudo que via e descobrindo que nós todos havíamo-nos tornado do mesmo sexo em todos os trios que realizávamos".

No dia seguinte, Casanova admitiu, como fazia com frequência, estar sentindo "certo remorso", embora tenha deixado no ar se a causa do

mesmo foram as novas libertinagens de Caterina, que ainda recentemente era virgem, ou o fato de terem desprezado o controle da concepção, quando tinham especiais razões para temer uma gravidez, ou talvez, assim ele escreveu, porque “nunca fui capaz de decidir se estava na verdade envergonhado ou simplesmente constrangido”.

Aquela era uma trama com a qual ele não estava bem-preparado para lidar, pensou. Seus recursos financeiros e emocionais não eram tão robustos quanto os de De Bernis ou de M.M. Ele fora arrastado para aquele mundo de excessos hedonísticos, com o sempre tolerante Bragadin a assumir parte das despesas com o cassino de Holderness, mas sem a menor intenção de ver Caterina se envolver também. Entretanto, já que De Bernis conspirara para reunir M.M., Caterina e Casanova num trio, e como ele se sabia devedor, o preço disso seria Caterina deitar-se com De Bernis. A isso ele tinha muito pouca vontade de assistir, ou de participar. Nada fez, entretanto, para impedir. No último instante, desligou-se do grupo, alegando um compromisso imprevisto no Palazzo Bragadin. M.M. escreveu-lhe mais tarde, com toda a suavidade, declarando que ele “dera um esplêndido presente” a seu amigo De Bernis e que a mente de Caterina estava agora “tão sem preconceitos quanto as nossas… Eu completei a educação dela para você”.

O fato de que o episódio, do fim de 1753 ao Carnaval de 1754, foi maquinado e patrocinado por De Bernis fica evidente pelos problemas que M.M., Casanova e Caterina enfrentaram quando De Bernis partiu temporariamente de Veneza na Quaresma de 1754. Tinham de subornar os jardineiros no Santa Maria para ajudar nas idas e vindas das mulheres. Caterina havia sido transferida para outra parte do convento quando todos temeram se tratar de outra gravidez (foi alarme falso) e Casanova chegou até a se vestir de gondoleiro para conduzir M.M. pelo lado mais abrigado de Murano. À medida que o romance com Caterina ia declinando, o relacionamento de Casanova com M.M. se intensificava, pelo menos em termos sexuais. Os atrativos de uma patrícia hedonista como M.M. superavam o potencial de felicidade futura com Caterina. No entanto, para se fazer justiça, parece que Caterina deixou Casanova em liberdade, com uma magnanimidade superior à sua idade e à sua posição. Parece que pouco depois disso ela se casou com um advogado e comerciante veneziano, exatamente como desejava o pai, e que anos

mais tarde ela ainda mantinha correspondência com Casanova, como aconteceu com tantos amores anteriores dele. O arquivo de Praga possui dois bilhetes, encontrados no estúdio de Casanova na ocasião de sua morte, aparentemente escritos por ela.

Por todo o restante de 1754, o romance com M.M. prosseguiu. Casanova jogava muitas vezes com o dinheiro dela. Quando De Bernis se deu conta de que ficaria muito mais tempo fora de Veneza do que tencionava a princípio — ele estava profundamente envolvido nas negociações entre a França e a Áustria, que vieram a culminar na Guerra dos Sete Anos (1756-63) — ele fechou o apartamento de Murano e demitiu todos os serventes. Casanova foi forçado a deixar o cassino de Holderness, e deve ter revelado a M.M. o precário estado de suas finanças. Ela lhe deu os seus diamantes, com os quais poderia apostar.

De Bernis estava certo ao se preocupar com o caso de Casanova com M.M. e todo o seu potencial para se transformar em um escândalo. Não por suas transgressões às leis da Igreja, mas sim às leis de classe. M.M., que quase com toda a certeza pertencia à prestigiada família Morosini e era uma herdeira patrícia bem-nascida, era constantemente vista em companhia de Casanova no *ridotto* e nos arredores de Veneza. Estava sempre usando máscara, mas em virtude de seus modos e vestuário, provavelmente devia ser reconhecida como integrante da elite veneziana.

No final do ano de 1754, o nome de Casanova começou a se destacar com frequência nos arquivos da Inquisição. Embora as acusações contra Casanova jamais tenham mencionado o nome de M.M. ou mesmo qualquer impropriedade cometida com mulheres de ordens religiosas, De Bernis agiu bem quando se afastou dele e de M. M.

Desde o seu retorno a Veneza em 1753, o círculo de Casanova incluía Andrea Memmo, respeitado filho de uma das mais antigas famílias de Veneza, jovem de um encanto acessível, de ascendência impecável e do qual se esperavam grandes coisas. Os Memmo estavam entre os fundadores de Veneza. Um Memmo foi doge já em 979, e ainda que a fortuna da família tivesse diminuído bastante, Andrea e seus irmãos, Bernardo e Lorenzo, eram príncipes ao modo deles. Eram espadachins venezianos, exatamente como Casanova sonhara tornar-se um dia, e tomaram aquele filho de atores como companheiro de farras pelas

cafeterias e *malvasie* (casas de vinho que vendiam a doce malvasia) do Campo San Stefano. Iam sempre ao *ridotto*, talvez na companhia da enigmática companheira mascarada de Casanova, M.M., jogavam cartas e eram críticos teatrais entusiásticos, discutindo sobre os novos estilos de comédia, a respeito dos quais Casanova, filho de uma *comedienne*, tinha motivos para ter opiniões próprias, e sobre as obras do abade Pietro Chiari.

Tudo isso poderia parecer bastante inocente, no espírito da gente rústica daquela cidade carnavalesca, porém justamente a escolha daqueles companheiros de farras, mais do que a nada ortodoxa vida sexual do alpinista social Casanova, colocou-o diretamente sob as vistas dos espiões do doge.

Veio a se saber que os *Inquisitori di Stato* — o triunvirato de patrícios que supervisionava a segurança interna de Veneza — estavam mantendo uma vigilância cerrada sobre quem quer que se associasse aos jovens pertencentes à elite veneziana (particularmente os Memmo), e consideravam Casanova, que já atraíra a atenção deles com suas brincadeiras teatralmente sediciosas, um jovem radical e perigoso. O grosso dossiê que compilaram sobre ele permanece no Archivio di Stato de Veneza. Giovanni Battista Manuzzi escreveu uma série de relatórios sobre tudo que Casanova e os irmãos Memmo faziam e diziam. Isso não foi nada bom. Manuzzi descreveu de maneira resumida o *arriviste* Casanova como "um homem com tendência ao exagero, que consegue viver à custa desta ou daquela pessoa graças ao poder de suas mentiras ou de sua habilidade para trapacear". Isto não estava muito longe da verdade, é claro. Outro espião observou que o relacionamento de Casanova com Bernardo Memmo era particularmente volúvel e que este "alternadamente o [Casanova] trata bem e outras vezes o insulta".

Esses relatórios formam uma parte das três peças separadas do quebra-cabeça Casanova. Confirmam tudo o que Casanova escreveu sobre aquele período. Enfatizam a sombria contracorrente da sociedade veneziana: a cidade do prazer era também um Estado policialesco, e embora a libertinagem estivesse longe de ser algo fora do comum, a falta de respeito demonstrada por Casanova pelas regras de classe da sociedade de Veneza o puseram em situação desfavorável diante do formidável sistema de informantes do Estado. O arquivo dos *Inquisitori*

também contém o dossiê dos “crimes” que acabariam por levar à completa derrocada de Casanova.

Certo número de fatores conspirou para colocar Casanova no lado errado da lei, ou, mais precisamente, no lado errado do sistema. Durante todo o ano de 1754 e início de 1755 ele usou de sua influência cabalística com Bragadin para dissuadir o velho senador de aceitar um casamento que queriam lhe impingir. Outro membro da família deu a entender que Casanova era responsável por tentar arruinar o casamento, o que poderia ser mesmo o caso, e por ter introduzido Bragadin na cabala, o que com toda a certeza era falso. Lucia Memmo, mãe dos irmãos Memmo, também era da opinião que Casanova, inferior por nascimento, também passava tempo demais no *palazzo* e no *ridotto*, que corrompia os filhos dela e os levava a perder dinheiro no jogo, assim como a se degradarem. Parece ter sido ela quem acrescentou novas maledicências ao currículo de Casanova, declarando que ele era maçom e ateu. Uma dessas coisas era verdadeira, e constituía apenas um crime relativo às leis de classe; a outra era possivelmente verdadeira: já o tinham ouvido compor versos obscenos, anticlericais e antirreligiosos como parte de sua rotina de *commedia*, durante as madrugadas, nas *malvasie*.

Ao mesmo tempo, Casanova tinha se envolvido em uma disputa literária. Muitas vezes, em debates públicos no café Campiello San Zulian, ele se colocara abertamente do lado do autor teatral Zorzi, zombando impiedosamente de todos os que viam poesia nas obras do abade Chiari. Infelizmente, um destes últimos era Antonio Condulmer, o “Inquisidor Vermelho” — indicado pelo próprio doge.

Foi apenas um show secundário o fato de, em meados de 1755, Casanova, que estava muito endividado, pegar emprestado algum dinheiro da neurótica condessa Lorenza Maddalena Bonafede. Posteriormente, ela enlouqueceu e corria nua pelo Campo San Pietro gritando o nome dele. Em Veneza, aquele nome estava começando a significar “problemas”, e a Inquisição achou que ele se encontrava perto demais da oligarquia. No retrato ficcional que fez de um jovem muito notório, ridículo à sua maneira e ególatra que fazia muitos torcerem o nariz, Chiari nos deixou uma imagem de Casanova na época:

Ele é um verdadeiro dândi, cheio de si, inflado como um balão de tanta vaidade, e faz muito barulho a troco de nada, feito um moinho d'água. Ele precisa sempre estar em atividade, por toda parte, cortejando todas as mulheres, agarrando qualquer chance de pôr as mãos em algum dinheiro ou de usar suas conquistas como escada para o sucesso social. Banca o alquimista com os miseráveis, poeta com as mulheres bonitas, político com gente importante, faz de tudo para todo mundo, embora para qualquer um com um grão de perspicácia ele seja apenas ridículo.

Nessa época, Casanova tinha um pequeno apartamento logo atrás das carnudas cariátides de Santa Maria dei Derelitti, onde hoje é a calle Luigi Torelli, embora muitas vezes ficasse no Palazzo Bragadin. Ele pode ter feito isso para manter sua privacidade — afinal, já estava com 28 anos — ou ter mais espaço para seus livros, uma vez que era um ávido colecionador. Ou por desejar uma liberdade maior para se associar a estrangeiros, estabelecendo-se longe da residência de um patrício. Também é igualmente provável que preferisse ficar próximo à Piazza San Giovanni e San Paolo, por seu acesso fácil a Murano, e ao seu ponto de encontro preferido com M.M., junto à estátua de Colleoni. De qualquer forma, foi para esse endereço que o chefe de polícia Matteo Varutti foi despachado para investigar uma denúncia de que Casanova possuía sal contrabandeado.

Casanova estivera perambulando pela *erbaria*, o mercado de ervas matinal, como fazem até hoje os venezianos acometidos de ressaca, desconsolado por mais uma noite perdendo o dinheiro de M.M. no jogo, quando ouviu falar sobre o fato. Foi queixar-se a Bragadin, lançando-se em um verdadeiro ataque de pretensa virtude, só para o homem mais velho avisá-lo de que aquilo era uma advertência clara. O chefe de polícia não teria sido enviado naquela missão se as coisas estivessem correndo normalmente. E os espiões podiam tê-lo informado que Casanova se encontrava em outro lugar. A mensagem era clara. O Conselho dos Três, do qual outrora Bragadin fizera parte, só podia querer dizer uma coisa: *saia de Veneza*.

Mas Casanova, empedernido e orgulhoso, recusou-se a seguir o conselho de Bragadin e voltou para San Giovanni e San Paolo. O velho senador e seu jovem protegido jamais voltariam a se ver.

Em 26 de julho de 1755, no dia seguinte à última entrevista de Casanova com Bragadin, quase 40 homens chegaram à sua residência e o

prenderam. O interesse da Inquisição era evidente. As estantes foram vasculhadas, e dezenas de livros confiscados, como duas obras fundamentais sobre a cabala — *Chave de Salomão* e *Livro do Zohar* — e mais alguns outros sobre astrologia, junto com suas traduções de Ariosto e Petrarca, assim como o livrinho de posturas eróticas de Aretino, famoso *inter alia* por ser suficientemente pequeno para caber na mão. Ordenaram-lhe que se vestisse, o que Casanova fez com toda a lentidão e minúcia que pôde. Vestiu a camisa mais cheia de babados, um belo casaco esportivo de *seda de algodão* e um chapéu elegante, com um laço de fita espanhola e uma grande pluma. Com exagerado *sangfroid*, ou uma tolice absoluta, ele decidiu interpretar aquela cena com a Inquisição como se não fosse nem ameaçadora nem trágica, mas simplesmente ridícula. Foi um erro fatal de avaliação.

TERCEIRO ATO, CENA IV

Prisão e fuga

1755



"Um homem trancado sozinho onde é impossível fazer seja lá o que for, em uma escuridão quase total, onde é impossível ver alguma coisa … ou… ficar de pé,… anseia pelo inferno, se acreditar nele, só para ter alguma companhia… [é a] solidão que leva os homens ao desespero."

GIACOMO CASANOVA, 1755

NAQUELE DIA 26 DE JULHO DE 1755, que começara de forma tão dramática para Casanova, as coisas foram de mal a pior. Levaram-no para a Prigioni Nuove, a nova prisão, situada nos longínquos extremos da ponte dos Suspiros. Foi planejada para meter medo, com sua arquitetura impenetrável e uma reputação misteriosa. Casanova atravessou o átrio de alvura ofuscante, sob cerca de uma centena de janelas gradeadas, e penetrou pelos corredores frios e úmidos de pedra calcária da Ístria. "Depois subimos certo número de degraus, que levavam a uma ponte fechada [a ponte dos Suspiros] que liga a prisão ao palácio do doge, no outro lado do canal."

Como suspeito da Inquisição, ele foi conduzido para uma parte do palácio muito mais temida do que a Prigioni Nuove ou Il Pozzi (Os Poços): os gabinetes inquisitoriais, no alto do palácio ducal, e sua prisão especial, "Il Piombi" (Os Chumbos), assim chamada porque ficava debaixo do telhado de chumbo do palácio. Geladas no inverno, as celas se transformavam em verdadeiros fornos no verão. "Passada a ponte, chegamos a um lance de escadas e depois a um corredor que levava a uma sala, e depois a outra [o Deputato alla Segreta e o escritório do Notaio Ducale]."

Casanova estava a apenas alguns metros do epicentro do dissimulado governo veneziano. Em um dos lados, naquele andar, havia as pinturas, os dourados e os afrescos que serviam de cenário para os assuntos oficiais dos senadores, do Tribunal e dos secretários. Por trás daquela fachada existia, e ainda existe, um verdadeiro labirinto de salas escuras e apertadas e de passagens secretas, onde a Inquisição realizava suas atividades sinistras.

No escritório do Notaio Ducale, Casanova foi identificado formalmente por Domenico Maria Cavalli, o secretário para a Inquisição, como o homem que Manuzzi vinha seguindo. Depois, ele foi passado para o carcereiro dos Piombi. Em seguida o levaram para a Sale dei Tre Capi, a sala onde o Conselho dos Três — que era composto por delegados inquisidores do Conselho dos Dez — se reunia somente à noite, sob os tetos pintados por Veronese. Estes pouco se modificaram nos séculos que se sucederam, exceto pelo fato de que em 1755 as paredes estavam decoradas com o presente dado pelo cardeal Domenico Grimani: o tríptico das visões infernais de Hieronimus Bosch. Foram estas as últimas imagens de "liberdade" que Casanova teve durante muitos meses.

Escoltaram-no na subida de escadas cada vez mais estreitas, enveredando por corredores ainda menores, até chegarem ao cavernoso espaço acima da Sala Del Maggior Consiglio (a Grande Sala do Conselho). Ali, sob vigas de pinho de 20m, suportando tanto o telhado quanto, por baixo, o teto pintado por Tintoretto com 2 mil metros quadrados de área, o carcereiro Lorenzo Basadonna remexeu os bolsos procurando uma chave. Ele conduziu Casanova por uma galeria lateral até chegarem a uma galeria com seis celas forradas de madeira, com uma área de aproximadamente 2,5m por 3m e apenas 1,5m de altura, sendo que a porta para se entrar ali tinha apenas 90cm de altura, menos da metade da porta do novo prisioneiro. Durante todo esse tempo, Casanova, como era costume com os suspeitos da Inquisição, de nada foi informado, nem das acusações contra ele nem da sentença que o Conselho dos Três aprovara: cinco anos de prisão. Seu crime ficou registrado como "uma questão de religião". Ele não foi a julgamento.

Casanova, "aturdido e em estado de choque", ouviu a porta bater atrás dele. Estava além da possibilidade de qualquer ajuda, fosse de sua família, de seus jovens amigos nobres ou mesmo de Bragadin, cuja

generosidade com ele, segundo os arquivos da Inquisição, tinha sido um dos motivos iniciais de o considerarem suspeito. A primeira cela em que ficou situava-se em cima da Sala degli Inquisitori, com uma visão muito ruim para a parte superior do pátio do palácio, através de uma vigia atravessada por seis barras de ferro e um corredor. Ele se deixou levar pelo desespero, depois pelo ódio:

> Percebi ter chegado a um lugar onde o falso parecia verdade, e a realidade, algum tipo de pesadelo em que a mente parece perder sua capacidade e uma imaginação distorcida nos faz vítimas de esperanças quiméricas ou de um desespero terrível. Tomei a decisão de manter minha inteligência, buscando toda a filosofia que eu tinha na alma, porém que jamais tivera ocasião para usar.

Havia um carcereiro "particular", que trazia mensagens, às vezes comida e até livros do mundo exterior. A primeira coisa que Lorenzo perguntou a Casanova foi o que ele desejava comer. Havia luz e ar, embora fosse muito frio no inverno e quase inimaginavelmente quente no verão. Mas a comida era entregue com regularidade e um mobiliário básico foi providenciado, assim como livros. Deram a Casanova uma obra de aperfeiçoamento, *A cidade mística de Deus*, de Maria de Agreda, que ele declarou ser a única coisa mais deprimente do que o lugar onde se encontrava. Os prisioneiros que estavam ali experimentavam a bizarra situação de viverem no mesmo palácio que o potentado e a poucos metros dos juízes que os haviam condenado.

Pouco a pouco, Casanova foi percebendo que o encarceramento não seria daquele tipo curto e traumático que ele experimentara no Forte Sant'Andrea. Sua mente febril começou a se voltar para ideias de fuga. Isso nunca tinha acontecido. Mas ele não estava atrás das muralhas de pedra com um metro de espessura de Il Pozzi, mas no interior do palácio, no pulsante coração da corrupção e da cobiça política venezianas. Certamente ele refletiu que, se conseguisse passar pelo chão ou pelo forro da cela — compostos apenas de madeira e uma liga de pedaços de mármore — , ou então pelo telhado de chumbo do palácio, ele poderia encontrar um jeito de sair daquele lugar.

Os dias se transformaram em semanas, as semanas, em meses, e o verão foi seguindo em direção ao inverno. Após nove meses completos

de prisão, um Casanova pálido e cheio de dores nas costas afinal obteve permissão para sair de sua cela apertada e fazer exercícios regulares. E ele os praticou não ao ar livre, como no pátio dos Pozzi, mas na semiescuridão de uma cripta de tijolos no canto medieval do palácio, por cima da *loggia* dos senadores. O telhado ali era sustentado por várias colunas de tijolo bizantino, e atrás de uma delas, em meio a pilhas de registros medievais de julgamentos, Casanova encontrou um espigão de ferro do tipo que sustentava a pesada pintura de Tintoretto presa ao teto. Havia centenas deles, e ele levou aquele secretamente para sua cela.

Um lado novo da personalidade de Casanova, e também de sua escrita, é revelado pelo fato de que todos aqueles meses de prisão raras vezes conseguiram ferir sua positividade ou a elegância de seu estilo ao registrá-los. Ele estava convencido de que conseguiria escapar. O salto instintivo da imaginação para o sucesso, que já o ajudara em suas conquistas sexuais e profissionais, agora o empurrava adiante, para uma improvável liberdade. Com a paciência e a perseverança nascidas também do longo confinamento solitário, trabalhou sem parar com o espigão nas tábuas do chão da cela. Por baixo delas, encontrou a habitual camada de pedaços de mármore e argamassa das construções venezianas. Durante várias semanas ele trabalhou ali com o espigão, usando também um pouco de vinagre (a liga usada na argamassa continha uma resina orgânica que até mesmo os ácidos fracos podiam corroer) que o obediente Lorenzo trazia para ele junto com a comida. Se ele sabia que estava bem em cima da Sala dos Inquisidores, isto não o afastou de seu plano de escapar, subornando, trapaceando, seduzindo ou simplesmente saindo a pé do palácio.

No final de agosto de 1756, Casanova já havia feito um buraco quase grande o bastante para escapar por ele. Ficava escondido de quem estava embaixo pelos ornamentos do teto e as pinturas de Tintoretto. Todos os dias ele escondia embaixo da cama os resultados do trabalho da noite anterior, o buraco cada vez maior, os detritos da argamassa e das lascas de pinho. Então, em 25 de agosto de 1756, sem nenhum aviso anterior, Lorenzo lhe informou que ele seria transferido para outra cela. Ironicamente, a intercessão de Bragadin obteve esse pequeno favor para Casanova, só que no pior momento possível. Ele teve apenas tempo para esconder o espigão de ferro na cadeira que, segundo pensou, o

acompanharia até a nova cela. É evidente que o buraco foi logo descoberto.

Quando lhe perguntaram onde ele conseguira os instrumentos para cavar aquele buraco, ele respondeu com frieza: “Vocês é que me forneceram.” Foi um golpe de gênio: Lorenzo, preocupado com seu emprego naquela atmosfera de suspeita e denúncia fácil, resolveu que seria mais seguro ele próprio tapar o buraco, à própria custa, porém passando a manter uma vigilância cerrada sobre Casanova. A cela para onde ele foi transferido ficava junto da sala dos guardas.

Essa nova cela, maior, ficava em cima da Sala dei Censori, no extremo leste do palácio. Se Casanova se esticasse, podia ver dali o Rio del Palazzo, a Prisão Pozzi e o que hoje é o Hotel Danieli. Ele ganhou um companheiro de cela, um autêntico espião chamado Soradaci, com quem ele não se deu muito bem. Além disso, ele iniciou uma amizade, baseada na troca de livros, com um prisioneiro cuja cela ficava agora bem perto da dele. No outro lado do corredor que, a partir da sala dos guardas, subia até penetrar no labirinto do palácio, estava confinado um padre renegado, Marino Balbi. A cela de Balbi ficava em cima da Sala della Bussola. Casanova e ele conseguiam se comunicar por bilhetes rabiscados nos livros que trocavam, e em pouco tempo ambos confessaram o desejo de fugir dali.

Depois da tentativa anterior de escavar uma saída, as paredes e o chão da cela de Casanova eram constantemente examinados. Mas não o teto. Ele observara que tinham permitido que Balbi guardasse em sua cela uma grande coleção de telas a óleo e de desenhos religiosos, que ele prendia pelas paredes e no teto, e refletiu que Balbi poderia escavar o forro até chegar ao espaço vazio por cima, que era comum a eles, e ocultar o seu trabalho por trás de um daqueles quadros. A prisão era mesmo bem bizarra. Casanova então passou para Balbi o espigão de ferro, escondido em uma Bíblia, que foi mandada por baixo de um prato de nhoque com molho de manteiga (ele não era daqueles que renunciam a um detalhe culinário). Em algumas semanas, Balbi conseguiu atravessar o teto de sua cela.

Dali, com pouca dificuldade, ele se espremeu pelo apertado espaço entre as vigas de pinho do forro e o telhado de chumbo do palácio. Na noite de 31 de outubro de 1756, Balbi irrompeu na cela de Casanova e

ambos subiram para o espaço vazio acima do teto e saíram à procura de um local mais fraco no telhado de chumbo. Nem Soradaci nem o companheiro de cela de Balbi puderam dar o alarme: à noite, os prisioneiros dos Piombi eram abandonados à própria sorte, sem qualquer atendimento. Assim, refletiu Casanova, eles teriam a noite inteira para trabalhar no plano de fuga. No dia 1º de novembro, dia de Todos os Santos, os inquisidores e quase todo o pessoal da Chancelaria e da Inquisição tinham de deixar o palácio. O governo veneziano cumpria à risca os calendários da Igreja.

Casanova abriu uma passagem no telhado puxando para trás uma das placas de chumbo. Era noite de lua cheia e ele receou que, ao passar pelo buraco, pudesse projetar sombras compridas lá embaixo. Os dois aguardaram o momento propício. Finalmente, as nuvens ou o deslocamento da Lua os levou a crer que não poderiam ser vistos. Casanova e Balbi então saíram para o telhado. Logo encontraram uma claraboia que os permitiu retornar ao palácio, exatamente como Casanova planejara. A *Histoire de ma fuite* (História da minha fuga), publicada em 1787, e a *História da minha vida*, que também aborda o episódio, relatam uma aventura vertiginosa, envolvendo cordas feitas com lençóis, uma escada muito bem-situada e um momento em que Casanova fica dependurado no teto, acima do Rio di Palazzo, a quase 30 metros de altura. Licença poética, recordações parciais de uma noite aterrorizante e um tanto de embelezamento podem ter lapidado o episódio até transformá-lo em uma recordação verdadeira. Até os seus inimigos admitiram que a narrativa do fato foi soberba. Mas seus contemporâneos acreditaram em cada palavra. Até os venezianos. Os danos que ele e Balbi produziram no palácio foram consertados, os prejuízos, anotados nas contas e guardados nos arquivos de Veneza.

Qualquer que tenha sido o percurso feito, eles se viram dentro do palácio na noite de 31 de outubro para 1o de novembro. Então se depararam com uma estreita escada de pedra e desceram mais um lance de degraus, que acabava em uma porta de vidro. “Eu a abri e vi que estava em uma câmara que reconheci [de quando fui preso].” Era um dos escritórios da Inquisição. Dali, os corredores se conectavam com o Atrio Quadrato, ou a Praça do Átrio, no topo da escadaria dourada do Palácio dos Doges. Os dignitários normalmente viravam à direita,

seguindo para os apartamentos do Estado e as câmaras do Conselho, e não para a esquerda, para os gabinetes da Inquisição.

Mas foi ali, enquanto chegava a madrugada do dia 1o de novembro de 1756, que Casanova e Balbi de repente se viram trancados. Ficaram paralisados, considerando todas as probabilidades, que devem ter sido na verdade muito sombrias naquele momento, e com pouca coisa a observar, exceto o retrato do doge Geralamo Priuli brandindo absurdamente a Espada da Justiça, pintado por Tintoretto. Ainda possuíam as roupas com as quais haviam sido presos e tinham tornado a vesti-las. E também cortaram o cabelo e a barba um do outro, da melhor forma que puderam, antes de saírem da cela de Casanova (Soradaci tinha sido barbeiro). E foi por isso que, quando um vigia noturno os avistou pela janela da Praça do Átrio, bem acima da Escadaria dos Gigantes do Palácio dos Doges, achou que ambos eram cortesãos que tinham ficado trancados ali durante a noite. Talvez isso acontecesse de vez em quando naquele edifício que era bizantino em todos os sentidos.

Ele os deixou sair. Casanova e o padre Balbi foram calmamente caminhando por sob as gigantescas nádegas de mármore de Netuno e Marte, por onde os doges costumavam passar após sua coroação, e desceram a Escadaria dos Gigantes até chegarem à praça São Marcos.

Ali Casanova gritou, alto o bastante para que todos os passantes pudessem ouvir, chamando uma gôndola para conduzi-los até Fusina. Uma vez contornada a Casa da Alfândega, junto ao Salute — a vista de Veneza famosa no mundo inteiro pelas obras de Canaletto — , ele modificou suas instruções: deveriam seguir em direção a Mestre, pois tão logo a fuga fosse descoberta iriam procurá-los em Fusina e no canal de Brenta. Enquanto os remos giravam em suas *forcolas* pelo canal de Giudecca, perto de Zattere, Casanova sentiu-se subitamente dominado pelo alívio e caiu em soluços enquanto a gôndola seguia adiante, em direção ao continente.

Depois, eles seguiram direto para Treviso. Tinham pouco dinheiro, arrecadado entre os outros prisioneiros, e Casanova deu todo ele para Balbi, quando decidiu que seria mais fácil evitar a captura caso viajassem em separado. Para completar o brilhantismo temerário dessa história, Casanova resolveu pedir abrigo em uma casa ali perto para passar a noite, e quando a mulher que veio abrir a porta lhe disse que ali

era a casa do chefe de polícia local, que estava fora caçando um tal de Casanova e um monge fugitivo, ele percebeu que havia encontrado o melhor lugar para se esconder. Casanova então dormiu durante 12 horas seguidas.

Após vestir-se rapidamente na manhã seguinte, seguiu seu caminho. Caminhava até nove horas por dia, dirigindo-se para o norte, para Brenta e as fronteiras dos territórios venezianos. Usou os recursos da maneira que aprendera com Stephano, o irmão franciscano, e viveu dos frutos da terra e da bondade dos camponeses, que o tomavam pelo pobre religioso que outrora ele fora.

Em uma semana, montado num burro emprestado por um estábulo onde havia passado a noite, ele atravessou a fronteira em La Scala, perto de Brenta. Ficaria quase 18 anos sem tornar a ver sua terra natal.

TERCEIRO ATO, CENA V

Comédie Française, Paris

1756-57



"Vou responder diretamente à sua última carta: você começa como o arauto de seu grande amor, e acredito em sua sinceridade. Sinto-me lisonjeada… porém quero que isto dure, dure até que possa vê-lo revoltar-se contra a vida mundana que leva… mas sei que os meus receios também o afligem."

MANON BALLETTI PARA CASANOVA, PARIS, 1757

A FUGA DE CASANOVA logo virou assunto de todas as conversas, tanto em Veneza como no exterior, sendo registrada por seus contemporâneos como "prodigiosa". Em Paris, ele se mostrava bastante aberto a respeito da questão. Rapidamente, o evento se transformou em uma anedota refinada, assim como na chave para se entender sua nova persona, a de um perigoso homem de ação, um filho injustiçado da Serena República. Ele permaneceu em Bolzano pelo tempo suficiente para recolher algum dinheiro enviado por Bragadin — que havia pouco tempo implorara perdão para ele, apenas para transformá-lo em um fora da lei — , e então seguiu pelos Alpes até Munique, Augsburgo, Estrasburgo e depois Paris. Chegou à capital francesa em 5 de janeiro de 1757 — em meio a um impressionante avanço do inverno para os padrões da época — , mesmo dia do audacioso atentado contra a vida de Luís XV, perpetrado por um homem chamado Damiens.

A execução do aspirante a regicida, que Casanova assistiu junto a milhares de parisienses, foi de uma barbárie que define muito bem aquela época, apesar de ter sido lembrado por Casanova em razão dos efeitos produzidos nas mulheres que o acompanhavam. Mas isso foi meses depois. Chegando a Paris, também sendo considerado um

criminoso, com a barba por fazer, sujo e sem um vintém, embora muito bem-relacionado, ele foi primeiro à rue du Petit Lion, perto da *Comédie Italienne*. Ali procurou pela família Balletti, e depois por seu companheiro de *amour*: De Bernis.

A prisão modificara Casanova de maneira irreversível. Ele estava entrando na faixa dos 30 anos e deixara para trás não só a juventude como, o que foi ainda mais importante, seu lar. Era um veneziano exilado pelo tempo que a Inquisição desejasse qualificá-lo assim, e seria razoável agora se assumir como um exilado nos próximos anos, por mais que apregoasse a própria inocência. Em 1757, em Paris, ele não fez nenhuma tentativa, como faria no futuro, de se insinuar no meio dos diplomatas venezianos. "Percebi que para fazer qualquer coisa eu teria de ativar todas as minhas faculdades, tanto físicas quanto morais, treinar um severo autocontrole e agir como um camaleão." Estava mais decidido do que nunca a ganhar mais dinheiro e a se tornar mais competente, forte, resistente e concentrado. Conseguiu abrir uma brecha na sociedade parisiense de meados daquele século: na política, nas finanças, nos teatros e nos *boudoirs*. Aqueles anos em Paris lançaram as bases de sua fama póstuma.

Ele não havia escrito a ninguém, mas as notícias sobre sua fuga tinham chegado até o amigo Antonio Balletti, que por isso lhe afirmou que estava esperando por ele. Conseguiram-lhe acomodações em uma casa ali perto, que pertencia ao peruqueiro da *Comédie Italienne*. Casanova ficou imediatamente abalado por duas mudanças-chave na família Balletti: a piora na saúde da matriarca, Sylvia, e o amadurecimento da beleza de Manon, a irmã mais jovem de Antonio. Mas por enquanto, pensou, havia preocupações mais prementes: tinha de se apresentar o mais rápido possível a De Bernis para lhe pedir ajuda, apoio e trabalho. De Bernis era-lhe devedor. Tinha diversos laços de cumplicidade com Casanova, tanto como companheiro maçom e parceiro de cama, amante de M.M. e de Caterina, quanto por ser o homem que inadvertidamente o lançara sob os olhares da Inquisição veneziana.

Casanova pegou uma carruagem de aluguel — tão desconfortável que a chamavam de "urinol" — para ir de Port Royal até Versalhes à procura dele, mas não o encontrou, já que a corte mergulhara em uma confusão total desde a tentativa de assassinato do rei. Ele foi ter com seu velho

amigo no Palais Bourbon, onde De Bernis exercia sua nova função de ministro do Exterior da França. O encontro deles foi a sós. De Bernis o recebeu afetuosamente, comprimindo 100 luíses em sua mão e prometendo-lhe toda ajuda possível.

A ascensão notória e imediata de Casanova na sociedade francesa ocorreu por intermédio de alguém muito bem-colocado para conseguir isso, e parece hoje que essa pessoa só pode ter sido o próprio De Bernis, que já ouvira falar de sua fuga por M.M. De Bernis disse que o estava aguardando. Esse era o assunto que dominava Paris. Casanova afirma que era parado com frequência quando andava pelas ruas e que às vezes era forçado a passar duas horas relatando os detalhes da história. Algumas pessoas, entre elas Madame Pompadour, já insistiam para que ele a escrevesse.

De Bernis mandou que ele se encontrasse com Jean de Boulogne, controlador-geral do rei e encarregado do Tesouro. Este sugeriu que Casanova procurasse Joseph de Paris-Duverney, um destacado financista. Era característico das finanças do governo no século XVIII que grande parte dos negócios fiscais fosse delegada para o setor privado, sobretudo na França, onde até o direito às taxas podia ser comprado pelos "coletores de impostos". Da mesma forma, era típico da carreira de Casanova o pensamento rápido diante de alguma nova oportunidade, baseando-se tanto em pesquisas quanto em sua própria capacidade inata. Quando Giovanni Calzabigi sugeriu a De Boulogne, na presença de Casanova, a criação de uma loteria, ele apanhou no ar aquela ideia, acrescentou-lhe certos cálculos matemáticos e foi contratado como diretor de uma loteria nacional francesa. Calzabigi era o administrador, e alguns dos custos iniciais de investimento foram bancados por De Paris-Duverney. Embora Casanova tenha construído a primeira das suas verdadeiras fortunas a partir desse projeto, o governo francês sentiu-se protegido. Caso o projeto falhasse, tudo passaria como uma obra de estrangeiros.

De Boulogne e De Paris-Duverney precisavam levantar dinheiro para financiar o projeto de Madame Pompadour para uma escola militar francesa para cadetes. Embora o envolvimento de Casanova na primeira loteria totalmente desenvolvida na França tenha sido em parte casual e em parte devido à sua facilidade com os números, tudo aconteceu

também por ele ter apresentado Calzabigi e seu irmão Ranieri a De Paris-Duverney. Ambos eram especuladores internacionais e artistas — Ranieri escrevera os *libretti* para *Orfeu e Eurídice* e *Alceste*, de Gluck — , e tinham muita coisa em comum com Casanova, aquele companheiro itinerante. Mas sentiam-se pouco à vontade socialmente: Ranieri sofria de um horrível eczema, e além disso seu francês não era nada bom. Quanto a Casanova, os anos passados na companhia de atrizes francesas e sibaritas de alta estirpe como De Bernis, além das aulas de francês com Crébillon, agora se mostravam úteis: ele podia deslumbrar os parisienses na língua e segundo o estilo deles.

Casanova começou a explicar as condições da sua loteria "genovesa" aos que desejavam comprar bilhetes. Com os Calzabigi, ele fixou a margem da casa de modo que ganhasse sempre um pouquinho a mais do que os vencedores. Havia 90 números e era possível apostar em até cinco. Se o apostador acertasse um, recebia o dinheiro de volta; três números certos, um *terne*, pagavam 8 *mil vezes* o valor apostado; quatro números certos, uma *quaderne*, pagavam 60 *mil vezes*, e uma *quine* criaria o primeiro milionário instantâneo da França. Foi um sucesso absoluto.

Casanova levou a cabo uma das mais notáveis reabilitações da história. Em poucos meses ele reinventara a si próprio, tornando-se figura de destaque no cenário social parisiense, e *en route* para criar uma das mais rápidas fortunas na França do século XVIII. Um veneziano que o conhecera antes descreveu-o dessa forma em uma carta enviada de Paris:

> [Casanova] tem uma carruagem com lacaios e veste-se de forma esplendorosa. Possui dois belíssimos anéis de diamante, dois relógios de bolso muito elegantes, tabaqueiras revestidas de ouro e usa sempre muitas rendas. Conseguiu, não sei como, ser acolhido pela melhor sociedade parisiense. Ele… tem participação em uma loteria de Paris e se gaba de que ela lhe proporciona enormes rendimentos… É muito cheio de si e de pomposidades tolas. Em uma palavra: insuportável. A não ser quando fala sobre sua fuga — o que faz de forma admirável.

Os anos de Casanova em Paris viriam a se destacar entre os mais glamourosos e com certeza os mais prósperos de sua vida. Recebia com a loteria mais de 120 mil francos por ano. No primeiro sorteio, seu ganho imediato foi de 4 mil francos, e como um dos cofundadores, ele

negociara para si o direito de abrir outros seis locais de venda, todos em Paris, embora no final a loteria tivesse postos de vendas em diversas cidades importantes. Dirigia pessoalmente o mais exclusivo deles, em acomodações suntuosas alugadas na rue Saint-Denis. O local tornou-se sede de seus negócios e de sua vida, um *salon* privilegiado onde ele vendia sonhos de fortuna, pronunciava suas previsões cabalísticas diletantes e seduzia a sociedade parisiense com seu encanto e suas histórias aventurescas. "Paris era, e continua a ser", escreveu ele, "uma cidade em que as pessoas julgam tudo pelas aparências. Não há outro lugar no mundo onde seja mais fácil impressionar as pessoas."

Suas lembranças de Paris, com Madame Pompadour no auge de sua influência, dos salões rococós do misterioso conde de Saint-Germain, dos teatros e das corridas, dos jogos sexuais e das apostas de uma sociedade ociosa podem ser vistos como uma dança da morte adornada por belas vestimentas. Um episódio em especial merece destaque, pois antecipa os horrores que se abateriam sobre Paris, e é tipicamente casanoviano em sua recriação absolutamente precisa da humanidade *in extremis*. O pretenso regicida e ex-soldado Robert François Damiens deveria ser executado no dia 1o de março de 1757 na Place de Grève. Existem diversas descrições e gravuras do acontecimento. Damiens levou quatro horas para morrer. Sua pele foi rasgada por tenazes em brasa, derramaram chumbo derretido sobre ele e o castraram. Seus sofrimentos só terminaram depois de o amarrarem a quatro cavalos, que partiram em diferentes direções, despedaçando-o completamente.

Casanova, que jamais gostou de violência, interessou-se, todavia, pelas reações da multidão, sobretudo da velha libertina Angélica Lambertini. Enquanto ela assistia, deixou que o conde Eduardo Tiretta, de Treviso, levantasse-lhe as saias por trás. O conde era conhecido de Casanova dos tempos de Veneza, e a quem toda Paris conhecia como "conde Seis Vezes", "*le compte six fois*", título que Angélica insistira que ele comprovasse diante do testemunho de Casanova quando este foi visitá-los para o café da manhã. Tiretta tinha feito amor com ela "apenas" cinco vezes na noite anterior — um número, deve-se observar, considerado na época absolutamente impossível, inclusive do ponto de vista médico.

Porém, Casanova se impressionou mais com outra qualidade de

Tiretta, tido como o gigolô predileto de Paris: seus dotes naturais. Durante a execução de Damiens, Casanova lembra que primeiro ele ejaculou e só depois penetrou Angélica, enquanto a tortura prosseguia. Esse é um momento de prosa sádica, pois mistura o horror e os elementos mais sombrios da sexualidade humana. A seu modo, contudo, é um momento de presciência à Grand Guignol.



Então, algo aconteceu a Casanova de maneira tão inesperada quanto fora de moda: ele e Manon Balletti se apaixonaram. E, o que é muito incomum na história dele, os sentimentos *dela* naquele romance ficaram preservados, pois ele guardou consigo, até morrer, mais de 40 cartas de amor que ela lhe escreveu. Manon foi sua vizinha durante os primeiros meses que ele passou em Paris, e quase todos os dias ele fazia as refeições com a família dela. Manon o cativou desde o primeiro jantar, e o retrato dela nessa idade (17 anos), pintado por Nattier, mostra bem o porquê. Ela era o modelo perfeito de beleza que se desejava na época: lábios rosados, tranquila, tão delicada quanto o botão de rosa preso ao seu colo, e com um olhar límpido, gentil e direto. Ela logo admitiu estar apaixonada por Casanova. Suas cartas de amor estão nos arquivos de Praga. Normalmente ela escrevia tarde da noite, assinando as cartas com beijos, como se eles já fossem amantes. Mostrava-se aberta, apaixonada e fascinada: “Oh, como eu gostaria que essa ausência terminasse… Creio que te amo.” Mas ele recuava, sabiamente, prometendo casar-se um dia, sabendo que aquilo que considerava estar mais próximo de uma família para ele — coisa que jamais tivera de fato — nunca o iria perdoar caso Manon se tornasse apenas mais uma de suas conquistas. As cartas dela lançam uma nova luz sobre um Casanova apaixonado: sua mão de menina narra o drama desde o seu deslumbramento inicial, passando por um enraivecimento crescente, até culminar no desespero resignado.

Manon, assim como Henriette, era uma musicista de talento, e Casanova sentia-se cativado por aquela jovem de educação refinada que gostava de fazer brincadeiras teatrais: ela montava peças de sua própria autoria, usando objetos de cena e vestuários tirados dos guardados da família, no quarto andar da casa na rue Petit Lion, e tendo como plateia,

entre outros, Casanova. Com aquela imaginação para aventuras românticas no palco, dificilmente ela teria deixado de se impressionar com aquele estrangeiro audacioso e tão querido por seu irmão e sua mãe, e cujo reaparecimento em sua vida não poderia ter sido mais bem encenado: em plena tempestade de inverno, após uma fuga da prisão e trazendo consigo perigos sexuais e românticos.

Mas ela já estava comprometida com outro. Sua família aceitara a proposta de casamento do músico Clément: era um bom partido, além de seguro e bem-intencionado. Entretanto, Manon estava completamente apaixonada por Casanova. “Se você ao menos soubesse quanto lutei para vencer a ternura que sinto por você,” escreveu ela, “mas não consegui.” Sabendo, por seu irmão, ou apenas percebendo ser muito grande a diferença entre eles, de idade e de experiência, ela foi bastante sábia ao reconhecer que o que sentia era uma espécie de adoração pela imagem de um herói, e também que estava experimentando algo intoxicante. “Gosto da sua presença mais do que a de qualquer outra pessoa… porém digo a mim mesma: ele é alegre, ele é inteligente, isso não me surpreende, mas no fim sinto-me mal quando percebo que o dia passou e não o vi… fico triste, sonhadora, acho que quando sonho é somente, e sempre, com você.” Sua dor ecoa pelos séculos, assim como sua posição sofisticada entre o deslumbramento, o decoro e o orgulho. Desde o início ela ficou desesperada ao saber que Casanova também a amava. “O que será de mim? Que tolo sou eu, de amar alguém que é indiferente a mim… mas então, às vezes eu pensava que você poderia me amar, mas que não ousava demonstrar qualquer sinal de seu amor devido às circunstâncias [seu noivado e sua família].”

Já se escreveu algumas vezes que Manon foi uma das “vítimas” mais patéticas de Casanova. Em suas cartas, porém, mesmo durante o início do romance, ela demonstra um sentimento frio a respeito de seu próprio valor e uma disposição serena de não se arriscar muito no amor. Sempre que declara seu deslumbramento por Casanova, que estava com 31 anos, em contraste com os seus 17, trazendo consigo um mundo de experiências e de cultura, ela afirma uma afinidade entre ambos. E pelo menos em um aspecto ela estava certa: para Manon, assim como para Casanova, estar apaixonada, ao menos em parte, era uma performance teatral na qual ela deveria ocupar sempre o centro do palco e ser

adorada. Isso estabeleceu seu romance em uma base pouco confortável, e não só porque estava presa à proposta de casamento que recebera.

Nos dramas que escrevia, ela era sempre resgatada e colocada sobre um pedestal. Sua adoração por Casanova a chocava, tanto quanto o deixava perturbado. “A amizade e a estima que eu sentia por sua família me impediam de abrigar qualquer pretensão de seduzi-la”, escreveu ele. “Eu não podia imaginar qual seria o resultado daquilo enquanto me sentia mais apaixonado por ela cada dia que passava.”

Aquele caso se tornou, no início, um romance epistolar, uma trama bem ao estilo do século XVIII. Madame Obert, criada dos Balletti, levava e trazia as cartas entre Casanova e Manon no começo da primavera de 1757. Nessa trama, Casanova se mostrava de uma retórica verdadeiramente teatral, o que Manon reconhecia, adorava, e estimulava: “Você começa por exagerar muito o seu amor por mim… mas [prefiro] acreditar que ele é sincero, na medida em que me lisonjeia, e que não desejo outra coisa senão vê-lo durar para sempre.” À sua maneira, ela era cuidadosa, calculista e decidida a não ser apenas mais uma das paixões passageiras de Casanova. “Quero que me ame sempre… nunca se esqueça de cuidar de meu coração”, escreveu ela, talvez ingenuamente, e “queime todas as nossas cartas”. Ele não atendeu a nenhum desses pedidos.

Embora Manon pudesse fazer Casanova se lembrar de Caterina e das tantas outras jovens por quem ele se sentira atraído, seus laços mais duradouros, no coração e na mente, tenderam sempre para mulheres mais velhas, mundanas, confiantes sexualmente e com experiência, como M.M. ou Henriette. Ele sabia e apreciava o aspecto de adoração ao herói, parte tão importante da atração inicial que Manon sentiu por ele: afinal, ele estava desfrutando seu primeiro período de fama verdadeira e, junto com esta, de certa prosperidade. Não era a melhor época para se apaixonar ou montar uma casa, mas gostava da ideia de Manon ser o par ideal para ele. E ela ainda tinha uma atração a mais em termos de matrimônio, ao estilo de Bellino: uma família numerosa na qual Casanova podia se encaixar rapidamente e que já o amava de antemão.

As cartas e seus breves momentos de privacidade — alguns beijos e pouco mais do que isso — continuaram por toda a primavera e o verão de 1757. Manon rompeu o compromisso com Clément sem explicar os

motivos à mãe. Ela e Casanova discutiram. Suas inseguranças começaram a vir à tona. Ela duvidava que Casanova pudesse amá-la e se culpava nas cartas que lhe escrevia, como se solicitasse seu encorajamento: “O seu amor diminuiu, mas não acho que seja um crime de sua parte, não, tenho milhares de defeitos, eu sei, e quanto mais alguém me conhece, mais os descobre.” Era o que parecia a Casanova: “Apaixonando-me a cada dia por Manon, mas sem jamais pensar em pedi-la em casamento, eu não tinha a menor ideia do que pretendia.”

As discussões se intensificaram. Ela sentia ciúmes quando Casanova passava algum tempo longe — muitas vezes absorvido pelos negócios da loteria — , e por volta de junho escreveu-lhe dizendo estar “desolada” e então propôs que os dois passassem para o papel uma lista com as questões que os incomodavam. Casanova riu em sua cara. Em julho, ele se sentiu atormentado e muitas vezes sombrio na presença dela, e ao que parece mostrando-se crítico em suas cartas. Mas só sobreviveram as respostas dela: “Sua carta, que estou lendo de novo, me faz ver todos os meus defeitos e eclipsa todos aqueles que imagino que você tem”, escreveu ela. Manon e Casanova sentiam que todo mundo achava que eles formavam um par harmonioso, mas eles não conseguiam chegar a bons termos.

Por que Casanova a fez esperar por tanto tempo? Em primeiro lugar, Sylvia estava à beira da morte. Casanova não tinha coragem para fazê-la perder ainda mais o ânimo, falando-lhe de um casamento que ela não iria aprovar (segundo a polícia parisiense, Casanova e Sylvia eram amantes, ou haviam sido), e também não queria abalar a rotina doméstica dos Balletti. Ele talvez tivesse esperanças de que as coisas com Manon se tornassem mais fáceis com o passar do tempo e que eles acabariam se casando. Certamente ela esperava por isso no decorrer daquele verão difícil.

Nesse meio-tempo, Casanova, homem de forte apetite sexual e pouco interessado pela fidelidade, vivia o auge de sua fama. Manon estava decidida a continuar virgem. Ela tinha certeza que ele ficava longe por muitas outras razões além dos negócios: estava tendo uma série de casos com o tipo de mulher que *au fond* eram mais do seu agrado, as que não nutriam veleidades de vê-lo como marido. “Você sai para se divertir por toda parte,” escreveu ela, “[só] não mantenha o meu coração

eternamente acorrentado.” De outras vezes ela tentava acirrar o ciúme dele jurando-lhe devoção: “Apesar de todas as más-línguas, boatos e calúnias, nada poderá levar meu coração para longe de você”, mas lembrando-lhe que tinha sido convidada por um certo monsieur St. Jean para um jantar *à deux*. Casanova se recusou a se deixar levar, e é por isso que mereceu as críticas que lhe foram feitas, em razão da sua pouca vontade, seja por covardia ou interesse próprio, de revelar logo para ela que aquilo não iria dar certo, deixando-a confusa e desesperada por quase um ano inteiro.

A situação se arrastava enquanto Casanova mantinha casos de maior ou menor duração, como com a atriz Giacoma Antonia Veronese, que trabalhava com os Balletti na *Comédie Italienne*; com uma herdeira holandesa, quando esteve na Holanda a negócios; com a esposa de um comerciante chamada madame Baret; sem falar num caso em Dunquerque, anotado para constituir um capítulo das *Memórias* que jamais foi escrito. Seu compromisso com Manon também não o restringiu, escreve ele, em seu interesse pelas “belezas mercenárias” de Paris. Na verdade, era um homem muito ocupado.

Em 16 de setembro de 1757, Sylvia Balletti morreu, com Casanova e Manon a seu lado. De forma inesperada, ela confiou a filha aos cuidados dele. Quando ela exalava o último suspiro, Casanova lhe declarou que iria se casar com Manon. Por isso, Manon continuou achando que algum dia aconteceria a união entre eles e prosseguiu com suas cartas, chamando-o de “*cher mari*”. Enquanto as providências a respeito do espólio de Sylvia eram tomadas, a família Balletti achou que Manon poderia ir para um convento, para o teatro — para a *Comédie Française*, que era mais clássica — ou aceitar um dos diversos casamentos propostos pela marquesa de Monconseil, amiga da família. Manon voltou a acreditar que Casanova seria seu salvador: “Lembre-se sempre de que você tem uma esposinha que o ama muito e espera a maior fidelidade de seu marido”, lembrou-lhe ela quando ele se encontrava a caminho de Dunquerque.

O que ele fez lá permanece um mistério. Talvez estivesse realizando sua primeira incursão na espionagem. É assim que ele apresenta o fato na *História da minha vida*. Acredita-se que tenha sido enviado por De Bernis para fazer um relatório sobre a frota francesa estacionada ali, pois

achava-se que o rei, que controlava a Marinha, não estava sendo inteiramente sincero com o Ministério do Exterior e o Tesouro quanto à prontidão de seus navios para uma guerra. É possível que houvesse mais coisas envolvidas. Em algum momento dessa fase, Casanova deve ter contemplado a ideia de se tornar súdito francês. De fato, ele pode ter adotado o que hoje se conhece como dupla nacionalidade para poder subir dentro do sistema e tornar-se um ator de menor monta na diplomacia, na espionagem e nas finanças internacionais da França. Por enquanto, o Casanova semiautônomo e desnacionalizado era útil a De Bernis para missões em Dunquerque, e mais tarde na Holanda, das quais o governo francês poderia se manter distante caso fosse necessário.

Seja lá no que estivesse envolvido, quando regressou a Paris ele estava substancialmente mais rico, com um "*honorarium*" de 12 mil francos do governo francês. Pouco depois disso, teve um encontro acidental, para não dizer cômico, a caminho de Paris, que, de maneira indireta, veio a aumentar ainda mais sua fortuna. Era maio de 1757 e Casanova retornava à cidade com a intenção de passar a noite na Barrière Blanche. Ainda fazia a corte a La Veronese, a atriz-cortesã conhecida como "Camilla". Ela tinha vários amantes, "rendendo-se aqui ao amor, ali ao dinheiro, ou então a ambos de uma só vez", como elegantemente Casanova define as cortesãs de Paris, "mulheres livres sob quase todos os aspectos".

Na viagem, ele dividia uma carruagem pequena com o jovem conde De la Tour d'Auvergne, e também com uma "dançarina" chamada Babet, que ia sentada no colo de ambos, aos solavancos, na total escuridão. Casanova procurou a mão dela e, depois de beijá-la, comprimiu-a entre suas pernas. A mão cedeu, mas bem "no momento crucial" De la Tour rompeu o silêncio: "Agradeço ao senhor, meu caro amigo, por esse aperto de mão italiano, tão cortês e inesperado", caindo logo a seguir em gargalhadas. Casanova levou algum tempo até se dar conta da brincadeira, à qual De la Tour fez questão de espalhar por toda a cidade. Mas os dois se tornaram bons amigos.

No inverno de 1757-58, De la Tour sofreu uma crise no nervo ciático. Casanova se ofereceu para tratar dele com o talismã de Salomão — a estrela de Davi. Puxando pela memória, ele observa que não tinha a menor fé naquilo. Seja lá qual fosse o montante de fé que investiu na

época, com De la Tour a “cura” funcionou. A recuperação foi imediata e ele logo começou a falar com os amigos sobre os inesperados poderes cabalísticos daquele moço rico, conhecido principalmente pelo passado de rebeldias e extravagâncias.

Quem atentou especialmente para o episódio foi a tia de De la Tour, a velha marquesa d’Urfé, uma adepta fervorosa da cabala e uma das mulheres mais ricas da França. Um dia depois da cura de De la Tour, ela convidou Casanova para ir até sua residência na cidade, no Quai des Théatins, e lá o recebeu “com toda a graça da velha corte nos tempos da regência”.

TERCEIRO ATO, CENA VI

“A máscara de um homem sem importância”: a marquesa d’Urfé e as experiências com a necromancia

1757-60



“A marquesa d’Urfé, que ainda vive à procura do pó que transforme chumbo em ouro, não tem outro objetivo além de descobrir o elixir da longa vida, e mal sai do seu laboratório… mas caiu nas garras de um italiano chamado Casanova, que a convenceu de que ela irá engravidar, aos 63 anos, pela ação das estrelas, dele próprio e de seus números cabalísticos, e que irá gerar a si própria como nada menos do que um ser imortal.”

RECORDAÇÕES DA MARQUESA CRÉQUY

A GUERRA DOS SETE ANOS quase levou a França à bancarrota. Essa crise financeira está por trás das aventuras de Casanova em meados do século, período em que o governo — particularmente a facção encabeçada pela Madame Pompadour e seus protegidos, como De Bernis — procurava meios cada vez mais engenhosos para gerar rendimentos. A loteria da qual Casanova era diretor e administrador do *salon* tinha sido criada para apoiar a academia militar de Pompadour. A viagem de Casanova a Dunquerque em fins de 1757 foi em parte para avaliar a capacidade da frota francesa, não só em termos militares, mas para o caso de ser necessário vendê-la. Agora, Casanova seria enviado em uma missão internacional ainda mais audaciosa e secreta para o governo francês. Era importante, outra vez, que essa missão fosse levada a cabo por um “estrangeiro”, mas que fosse leal a De Bernis e à Madame Pompadour.

Ele teria de ir a Amsterdã negociar quanto, em dinheiro vivo e ouro, poderia levantar contra títulos emitidos pelo governo, até um valor nominal de 20 milhões de francos.

Quem duvida das afirmações financeiras mais exuberantes da *História* de Casanova precisa ler com maior atenção essa passagem, apenas uma entre muitas outras, em que a confiança dos negociantes contemporâneos é reforçada pelo enfadonho registro financeiro, o que reitera os variados talentos de Casanova e sua confiabilidade fiscal. De acordo com sua narrativa ele estava em Amsterdã. Vendeu ações privadas no valor de 72 mil francos em 5 de dezembro de 1758. Fez acordos para vendas de títulos do governo francês com desconto de apenas 8% e realizou outro negócio particular, possivelmente baseado em uma predição cabalística: a do retorno de um navio dado como perdido — o que lhe rendeu muitos milhares de francos. Voltou a Paris não apenas com a perspectiva da aprovação oficial e de novas comissões, mas com sua fortuna pessoal aumentada.

Após regressar da Holanda, Casanova se sentiu suficientemente seguro para alugar duas novas propriedades, uma na rue Comtesse d'Artois, perto da rue Montorgueil, e outra nas promissoras vizinhanças das novas casas conhecidas como Petite Pologne, a noroeste de Paris, fora dos muros da cidade. Ali ele alugou um grande palácio chamado Cracovie en Bel Air. A casa, perto do local onde fica hoje a Gare Saint-Lazare, tinha dois jardins, estábulos, um bom celeiro e uma cozinheira excelente, madame de Saint-Jean, conhecida como "La Perle". Também ostentava vários banheiros e encanamento, sinal das mudanças nos hábitos de higiene pessoal. Casanova comprou duas carruagens e cinco garanhões velozes, conhecidos como *enragés*, puros-sangues do haras do próprio rei, famosos por sua velocidade e musculatura resistente. Agora, o maior prazer de Casanova em Paris, além de mulheres, comida e teatro, tornara-se o de "dirigir velozmente" pelas ruas bem-construídas da capital. Sua residência logo ficou malfalada pela sociedade parisiense devido ao jogo, à vida imoral e às noitadas, por seus *macaroni al sughillo* e *pilau ris in cagnon*: sabores exóticos do Carnaval de Veneza.

A estada de Casanova em Amsterdã trouxe-lhe mais do que apenas sucesso financeiro. Lá ele reencontrou a velha amiga Teresa Imer. Ela estava trabalhando como cantora e criava os dois filhos: um truculento

menino de 12 anos e uma menina de cinco, Sophie, filha de Casanova, fruto do breve relacionamento que tiveram em Veneza em 1753. Casanova disse que Teresa estava transformando aquelas crianças em dois monstrinhos, treinando-os apenas para gritar e agir com exagero. O menino parecia desagradá-lo particularmente, porém a pequena Sophie era a imagem do pai. Ele ofereceu a Teresa mil ducados para ela investir em seu novo empreendimento, um clube no Soho, com a condição de que Sophie pudesse ir com ele a Paris. Teresa pensou por alguns instantes e depois respondeu que não, mas lhe propôs que em vez disso ele levasse o menino. Giuseppi Pompeati precisava de uma figura paterna. E Giacomo Casanova, por motivos que logo ficariam evidentes, precisava de um filho.



Em 1734, aos 28 anos, Jeanne de Lascaris d'Urfé de la Rochefoucauld herdou todo o patrimônio dos d'Urfé, uma das famílias mais antigas e ricas da França. Ela vivera a vida, de maneira bastante incomum para a época, como uma mulher rica e independente, livre-pensadora de alma liberta, sem os grilhões da responsabilidade ou da vida doméstica. Sua renda anual era de 80 mil libras francesas, grande parte da qual gastava em livros — a coleção d'Urfé veio a constituir uma das pedras angulares da *Bibliothèque Nationale* — possuía diversas propriedades dentro e fora de Paris e uma coleção de *châteaux*. A política a entediava. Graças à sua riqueza e cultura, ela preferia a filosofia, a alquimia, a teosofia e a magia. A marquesa d'Urfé ultrapassara os limites de sua sociedade, frequentando um universo alternativo de ocultismo, muita arte, finanças, moda e alto padrão de vida. Ficou viúva jovem, deserdou a única filha sobrevivente e mandou-a para um asilo. Como Casanova veio a saber muito bem, ela não estava apenas à procura da pedra filosofal, de um elixir para a eterna juventude ou dos meios de se regenerar: também estava, como recurso alternativo, em busca de um herdeiro.

Ao ir à casa de madame d'Urfé pela primeira vez, Casanova encontrou um laboratório onde ela realizava suas experiências alquímicas, tentando produzir a quintessência — um pó de projeção, ou catalisador — que aceleraria a evolução supostamente "natural" da substância. Aquele *opus*

alchemicum, ou “grande obra”, era uma das principais metas da alquimia, representava uma região em que as fronteiras da química se misturavam com a busca pela pedra filosofal. Eram necessários recursos, determinação e paciência, coisas que a marquesa possuía em abundância.

Ela, no entanto, não era nenhuma eremita: mantinha um *salon* quase todas as noites para convidados que jantavam com ela para falar de paranormalidade e do que hoje seria considerado “ciência”, numa época em que não existia uma distinção clara entre as duas coisas. De acordo com a marquesa Créquy, suas noites eram “sufocadas pelos grasnidos de charlatões e gente berrando quando o assunto era as ciências ocultas”. Outros foram mais generosos em suas opiniões. O abade De Bernis era um frequentador regular, assim como a madame Bontemps, cartomante de Madame Pompadour. O conde de Cagliostro, químico e hipnotizador, era um *protégé*, e também Mesmer, que relacionava, de maneira equivocada, a eletricidade com o transe, mas que mesmo assim era um hipnotizador talentoso; e o esquisito conde de Saint-Germain, de idade e origens indeterminados, que declarava ter vivido várias centenas de anos e de gozar da atenção do rei.

Naquele mundo privilegiado porém um tanto desconexo penetrou Giacomo Casanova, já conhecido pelos ocultistas diletantes de Paris em razão de seu bem-sucedido tratamento da acne da duquesa de Chartres em 1750. Agora ele era uma figura muito mais intrigante: tinha escapado de uma prisão inexpugnável, criado uma fortuna com os números da loteria; e ainda se dizia que inúmeras mulheres da sociedade estavam sob o seu domínio, tais como a madame du Blot e a madame de Boufflers, camareiras reais com muito tempo e algum dinheiro nas mãos. A marquesa logo concluiu que todos haviam subestimado aquele italiano rico: acreditou que ele tinha poderes que só ela poderia liberar. Juntos, começaram uma das ligações mais bizarras da fantástica carreira dele: uma dependência aparentemente mútua da fé nas ciências ocultas, que Casanova disse mais tarde ser apenas da boca para fora, mas algo em que na época ele pode muito bem ter acreditado. A família dela declarava que Casanova era motivado por uma única razão: ele custava “milhões” a ela.

> A marquesa e o seu círculo social mais chegado, segundo Casanova, tinham planos quiméricos, e ao criar neles esperanças de sucesso, eu esperava ao mesmo tempo curá-los daquela loucura e acabar com suas ilusões. Iludia-os para que ficassem mais espertos, e não creio que eu mesmo seja culpado, pois o que me impelia não era a avareza. Eu simplesmente estava pagando pelos meus prazeres com o dinheiro que estava destinado à aquisição de posses que a natureza torna impossível de obter… Era dinheiro destinado a ser gasto em extravagâncias. Eu apenas modificava seu uso, fazendo-o pagar pelas minhas próprias extravagâncias.

Essa foi uma de suas autojustificativas mais sofisticadas, uma vez que sabia estar depenando uma mulher já idosa, vulnerável e extraordinariamente rica. A ilusão, se era isso mesmo que acontecia, perdurou por vários anos. Ele pedia joias para usar em suas próprias "experiências" e cristais para guiar as forças astrais. Traduzia textos latinos para ela, e passavam tantas horas trancados no laboratório que logo passaram a circular rumores de que eram amantes, o que não é impossível. Ela o enchia de presentes e de elogios, dizendo que ele era "um adepto genuíno, embora sob a máscara de uma pessoa sem importância", frase que se firmou na memória dele, ainda que não com o sentido que ela pretendia. Talvez a chave para o relacionamento de Casanova com a marquesa, e também com o ocultismo, tenha sido a atração que o arcano e o esotérico exerciam sobre um homem que precisava se elevar acima das classes e das regras da sociedade.

A marquesa preferiu acreditar que Casanova tinha gerado uma fortuna na loteria para disfarçar sua real identidade, a de um messias do oculto. Ele, pelo menos por um breve tempo, deve ter tido esperanças de que aquilo fosse verdade. Decifrou para ela alguns textos de Paracelso, o tipo de criptogramas cabalísticos com os quais já lidara no Palazzo Bragadin e com a duquesa de Chartres. Disse a d'Urfé que tinha um anjo da guarda e um oráculo chamado "Paralis" — nome que já usara antes — que o orientavam. Esse "segredo", compartilhado por ambos, "tornou-me o árbitro de sua alma,… de seu coração, de sua mente e de tudo que restou de seu bom senso". Casanova se tornou consultor em todos os aspectos da existência da mulher mais rica da França.

O segredo que, em troca, a marquesa revelou a Casanova foi que ela estava em busca da reencarnação, dogma central da ordem rosa-cruz, da qual ela era membro, mas que era considerada herética na católica

França. Ela acreditava que sua alma poderia se abrigar no corpo de um menino. Sacolejando de volta da Holanda para Paris, depois de seu encontro com Teresa, estava claro para Casanova, e talvez até para o menino de 12 anos sentado à sua frente, que grandes planos poderiam ser postos em prática caso a marquesa permanecesse convencida de seus poderes e intuições.

Não fica bem claro como ele pensava levar a cabo o plano. Entretanto, Giuseppi Pompeati passou a se chamar conde d'Aranda e se mudou para o palácio do Quai des Théatins como a mais nova experiência da marquesa. Compraram-lhe um pônei, ensinaram-lhe a cavalgar, deram-lhe roupas e joias e o inscreveram na maior academia de Paris para meninos: a Viard. Casanova convidou a marquesa e seu protegido para conhecerem sua nova casa na Petite Pologne, agindo como "padrinho" do garoto.

Giuseppi foi apenas um dos diversos projetos que ocuparam a marquesa, que atirava para todos os lados a fim de alcançar a vida eterna. Ela passou, por exemplo, a usar um enorme ímã em torno do pescoço, por conselho do conde de Saint-Germain, cujas profecias inescrupulosas fazem de Casanova um mero amador, na esperança de atrair um círculo de luz que a elevasse até o Sol. Gradativamente, os planos de Casanova para ela eclipsaram todos os demais.

Durante os anos de 1758 e 1759, a loteria não conseguiu fazer frente às despesas sempre maiores do extravagante estilo de vida de Casanova, de modo que ele se voltava cada vez mais para a marquesa em busca de apoio financeiro. O que começou pelo interesse mútuo pela cabala e pela necromancia acabou se transformando em uma verdadeira ação de sanguessuga, duradoura e sempre crescente, sobre os recursos da marquesa. Os detalhes dos truques e dos experimentos fraudulentos que ele executou, durante vários anos, ocupam muitos capítulos de suas memórias. Ao pensar neles retrospectivamente, ele se divertia com o ridículo, a ingenuidade e a fecundidade de sua própria imaginação e jogo de cena. Embora seja um dos relatos mais fabulosos da *História da minha vida*, a verdade essencial do que se passou entre a marquesa e Casanova raramente é questionada, uma vez que ela nos faz discernir a credulidade que reinava na época. E também ajuda a explicar a capacidade que Casanova tinha para viajar e tramar tantas coisas sem

qualquer meio visível de apoio. Ele voltou repetidas vezes ao Quai des Théatins entre 1758 e o início dos anos 1760, em cada ocasião com algum plano mais extraordinário, e mais caro, no qual a marquesa precisava investir.

A grande obra de Casanova com a marquesa foi a tentativa de transferir a alma dela para um menino recém-nascido, filho da união entre ele e uma virgem, concebido e nascido na presença dela. Dizia-se que os rosacrucianistas acreditavam nesse tipo de milagre. A marquesa não fugia à regra. Para isso, Casanova precisava de um cúmplice, uma pessoa disposta a, durante nove meses ou mais, desempenhar o papel de mãe substituta do *golem*, ou suporte da alma, da marquesa. Onde procurar tal "virgem"? Naturalmente, no teatro.

Foi em Bolonha, e através de sua velha paixão, Bellino — agora um soprano de sucesso — que ele conheceu uma dançarina chamada La Corticelli. Ela e sua mãe, Laura Gigli, foram recrutadas para fazer parte dos preparativos cada vez mais elaborados para a regeneração da marquesa. Em Praga, a dançarina recebeu uma mensagem de Casanova, pedindo-lhe que o encontrasse em Metz, de onde prosseguiriam até Pontcarré, perto de Paris. Lá ela seria apresentada à marquesa como a condessa Lascaris — família com antigos laços com os d'Urfé. No cenário gótico do velho castelo de Pontcarré, a "condessa virgem" iria conceber uma criança, depois do que a marquesa "redigiria um testamento na forma devida, deixando tudo o que possuía para a criança, cujo guardião seria eu [Casanova], até seu 13º aniversário".

Essa primeira parte da elaborada trapaça com a marquesa seguiu de acordo com os planos. Casanova "deflorou" a condessa virgem na presença da marquesa d'Urfé após a lua de abril. Seus textos cabalísticos tinham uma boa quantidade de coisas sobre fertilidade e ciclos lunares. Mas a moça não concebeu. Casanova justificou aquilo declarando que o misterioso oráculo, "Paralis", que falava com ele por meio de códigos algébricos, tinha lhe comunicado que a concepção seria impossível com a permanência no castelo do conde d'Aranda, o filho adolescente de Teresa Imer. Era tudo um absurdo: Casanova queria apenas que o menino fosse embora dali, o que aconteceu. Foi então que La Corticelli começou a não confiar mais na trama e quase fugiu com todas as joias, no valor de 60 mil francos, que a generosidade da marquesa derramara

sobre ela.

Casanova então decidiu que o grupo de “espiritualistas” deveria se deslocar para o sul, com as despesas pagas pela marquesa, evitando Paris e sua extensa família que, compreensivelmente, devia andar muito alarmada. *En route* para Aix, Casanova conseguiu que um espírito, chamado por ele de “Selenis” e que habitava a Lua, escrevesse para a marquesa na forma de uma carta flutuante, que surgiu enquanto eles tomavam banho juntos à luz do luar. A carta informava a ela que a regeneração deveria aguardar a estação seguinte, e que seria realizada em Marselha. Isso requeria uma nova investida em sua bolsa: mais 50 mil francos, para as despesas da viagem. Os boatos de que algo muito esquisito estava acontecendo na casa da marquesa, por obra do carismático veneziano, então, é claro, começaram a se espalhar.

Em seguida, La Corticelli deixou escapar a história para uma amiga da marquesa, a condessa de Saint-Gilles, conhecida dama da sociedade parisiense. Casanova foi então forçado a contratar um elenco de apoio, composto por dois padres falsos. Um era o seu irmão mais moço, Gaetano, um padre fracassado; o outro, também um religioso espúrio da imaginação de Casanova, a quem deu o título de “Querilinte da ordem rosa-cruz”. Na verdade, o papel foi interpretado por Giacomo Passano, pessoa de origem muito humilde. Todos se hospedaram em Marselha, no hotel mais caro da cidade, o Auberge des XIII Cantons, juntamente com a amante de Gaetano Casanova, uma dançarina chamada Marcolina, que logo se tornou também amante de Giacomo Casanova. Ali eles aguardaram o alinhamento das estrelas que favoreceria a nova tentativa de regeneração.

A inabalável fé da marquesa d’Urfé em Casanova e na reencarnação é algo desconcertante. Nesse meio-tempo, a comitiva começou a ficar impaciente e os potenciais lucros foram sendo diluídos. Casanova vendeu as joias que recebera da marquesa — escrínios com cristais dedicados a determinados planetas e com supostos poderes curativos. Passano ameaçou delatá-lo, como fizera antes La Corticelli, só que desta vez por meio de uma carta de oito páginas escrita para a marquesa, o que pelo menos deve ter plantado a desconfiança em sua mente. Casanova resolveu trazê-la de modo mais pleno para o ritual de regeneração. Ele desistiu do plano de fazer renascer a alma da marquesa nos corpos de

Giuseppi Imer ou do bebê nascido da “condessa virgem”. Em vez disso, informou à marquesa que “Paralis” lhe dissera que ele mesmo era quem deveria impregná-la com uma criança que portaria a alma dela. Essa pode ter sido uma trama desesperada, e até mesmo assassina. Nesta versão da reencarnação, a velha senhora teria de morrer no parto para que a alma pudesse migrar para a do ser imortal em seu ventre, concebido pelo “adepto” Casanova, que então ficaria como guardião da criança, e de sua fortuna. Mais uma vez, a marquesa d’Urfé concordou com o estratagema de Casanova.

Marcolina, como um “espírito”, deveria oficiar a cerimônia de concepção, na qual Casanova teria relações sexuais com a marquesa. A dançarina deveria atuar como uma sacerdotisa nua, dançando e girando, ajudando dessa forma Casanova a conservar seu ardor enquanto desempenhava o papel de garanhão sacerdotal. É uma leitura hilariante, irreligiosa e perturbadora. Por motivos bem conhecidos dele mesmo, Casanova afirmou que “Paralis” insistia que a concepção exigia três orgasmos, tarefa que ele se sentiu menos capaz de realizar “aos 38 anos, quando começava a ver que muitas vezes sofria o fatal infortúnio [de perder uma ereção]”. Ele conseguiu chegar a um orgasmo. Mas ao final de uma hora de tentativas de alcançar um segundo, ele “finalmente decidiu acabar com aquilo e fingiu os sinais que aparecem em tão agradável momento”, seguido pouco depois por outro orgasmo falso, “acompanhado por uma agonia e uma convulsão que terminaram em uma paralisia, que é o resultado necessário de semelhante agitação”. A marquesa, sem saber que participava do primeiro caso de orgasmo masculino fingido de toda a literatura, acreditou imediatamente que estava grávida, e depois chegou até a convencer seu médico.

Mas todo aquele episódio espiritualista bizarro estava chegando a um clímax frustrante. A marquesa de 63 anos não engravidou. “Paralis” falhara com ela. Passano a inundou de cartas falando mal de Casanova, além de se dar ao trabalho de escrever para Teresa Imer, em Londres, pedindo-lhe que ajudasse a denegrir o nome dele. Depois de anos de idas e vindas na questão de “Paralis” e da regeneração, o bom senso e o fracasso da magia negra puseram ponto final nas ambições regenerativas da marquesa d’Urfé, e também nas relações com seu “adepto”. Giacomo Casanova não detinha os poderes quase divinos que ela achou ter

pressentido nele. Não era um curador nem um adepto da alquimia, e também não possuía a receita da pedra filosofal. O que exatamente ele era, ela nunca concluiu, em parte porque ainda tinha afeto e admiração por ele, e em parte porque seus mundos começaram a se distanciar. Em vez de encontrar uma vida eterna mágica, ela depositou sua fé no futuro de um neto, um menino chamado Achille, nascido, da maneira tradicional, de sua filha rejeitada, a que ela finalmente levou para uma de suas residências em Paris, educando-a para herdar sua vasta fortuna. Embora seu neto tenha ficado ao lado de Thomas Paine como antimonarquista, ele foi guilhotinado. Foi a Revolução Francesa, e não os planos de regeneração ridículos, dissimulados e fraudulentos de Casanova, que acabou com os d'Urfé.

FIM DO TERCEIRO ATO

INTERMEZZO

Casanova e a cabala

"Aqueles que possuem esse tesouro, que chamam a si mesmos de adeptos, gozam de muitos outros pequenos privilégios por conhecerem a cabala. Segundo eles, a cabala significa que, ao penetrarem no segredo da palavra Deus, os cabalistas se tornam mestres de todos os espíritos elementares, e este conhecimento deve ser usado para orientar tudo o que desejem, dos gabinetes do poder para baixo."
GIACOMO CASANOVA

"As doutrinas da matemática têm tal afinidade com a magia que aqueles que possuem uma sem possuir a outra… trabalham em vão."
Segundo livro da filosofia oculta,
HEINRICH CORNELIUS AGRIPPA VON NETTESHEIM, 1651

QUE CASANOVA ACREDITAVA NA CABALA, isso não é segredo. Ele era franco, e até claro, em relação a seu fascínio por esse antigo núcleo de revelações, muito antes de passar seu relacionamento com a cabala, além de alguns pensamentos sobre o tema, para o papel na *História da minha vida*. Lorenzo da Ponte tinha plena consciência do profundo envolvimento de Casanova com a maçonaria, a rosa-cruz e a cabala quando escrevia sobre esses assuntos, usando as discussões como parte do material por trás do tratamento satírico que deu aos mesmos em *A flauta mágica*. A Inquisição em Veneza nos anos 1750 ficara suficientemente alarmada diante do interesse de Casanova pelos terrenos mais esotéricos do misticismo judaico-cristão, a ponto de colocar um de seus principais espiões para segui-lo e lhe confiscar os livros.

Biografias anteriores de Casanova tendem a mascarar seu interesse pela cabala pelo simples fato de que é muito difícil separar o que é crença e o que é trapaça (que pode mesmo ser o caso dele). Em geral

elas também se preocupam muito com as obras de álgebra mágico-matemática do século XVIII que produziram aquele tão improvável simpatizante do racionalismo iluminista da Idade da Razão, que por fim, é claro, foi superado por elas. É estranho, então, que 200 anos mais tarde se verifique um interesse renovado por essa fusão de gnosticismo, matemática egípcia, neoplatonismo, misticismo judaico e revelação pessoal. Talvez a cabala possa nos ensinar mais coisas sobre a felicidade com que Casanova viveu sua vida do que se imaginava. E ainda explicar os resultados positivos dos truques, profecias, diagnósticos e tentativas de reencarnação que ele realizou. Pode iluminar a paisagem singularmente estrangeira que às vezes o passado revela, enquanto traz uma dimensão inesperadamente espiritual para esse que foi o mais carnal dos homens da época.

A palavra cabala vem do termo hebraico que significa “recepção”, ou “doutrinas recebidas”, ou simplesmente “tradição”. Refere-se a uma tradição oral do misticismo relacionado ao judaísmo e é provável que venha dos tempos de Abraão. Uma das grandes frustrações dos historiadores é que a cabala não pode ser facilmente discutida em termos linguísticos. Suas características essenciais são abstratas, expressas por parábolas e imagens, poesia, signos e números. Seus ensinamentos, ou antes, suas revelações, podem datar já do século XII d.C. — pelo menos, foi quando surgiu o primeiro registro escrito. Hoje é amplamente admitido que, historicamente, ela data de muito antes, com raízes na história do judaísmo e dos Evangelhos cristãos. Para os adeptos, as “origens” da cabala são celestiais e, dessa forma, situam-se muito além da simples linha do tempo de um historiador.

Em seu nível mais básico, a chave da revelação cabalística é que o Criador não está separado do mundo em que vivemos ou de nós mesmos, mas se manifesta na Criação e na humanidade. Deus está em toda parte. Os meios pelos quais Ele pode se expressar, ou pelos quais podemos nos dirigir a Ele, podem ser abordados, entre outras maneiras, pela perfeição de números, letras e de equações baseadas nesses números — códigos criados para os eleitos. Em termos da revelação pessoal, o Deus dentro de nós e a importância de se atribuir um significado à autorrealização individual, ela estava em harmonia com muitos conceitos do Iluminismo. Mais especificamente, essa “álgebra” cabalística — os códigos que

revelaram novos significados nos textos — produziu um grande impacto sobre o século XVIII, tão crédulo em questões matemáticas e científicas. Até ser testada, uma hipótese não passa disso, e a cabala foi utilizada por muita gente, inclusive por Casanova, e considerada útil em questões que estão além do campo estritamente espiritual.

As diferenças entre o nome de alguma coisa e a própria coisa tornaram-se questões definidoras da cabala muito antes de Nietzsche preferir considerá-las ficções linguísticas. E disso emanou o singular fascínio pela tradição cabalística de decifrar as obras de Deus por meio da linguagem e da matemática, e de agregar significado espiritual na postulada relação de ambas. Discussões mais atuais a respeito da relação entre pensamento e linguagem têm total analogia com essa preocupação conceitual da cabala: se Deus se manifesta através do seu nome e se uma palavra pode ao mesmo tempo ser um veículo e uma essência do divino, então os crentes deverão se voltar para as imagens ao se dirigirem a Deus. A árvore cabalística — o mapa dos poderes divinos e humanos, muitas vezes personificada como um corpo de bruços — e o uso de imagens relacionadas à construção (maçonaria) e à matemática geométrica ocupam o lugar das palavras na cabala. Não surpreende descobrir que as obras visuais e literárias de William Blake, um contemporâneo de Casanova, estejam cheias de ideias e imagens da cabala, onde o lugar da oração como intercessão é substituído pelo valor transcendental da ideia-na-imagem.

A primeira e mais forte atração de Casanova pela cabala, quando ele ainda era jovem, foi como instrumento de profecia, adivinhação e prescrição de receitas; como um código para o sucesso e a felicidade em termos materialistas. Depois, veio a significar ainda mais. Ele se sentia especialmente fascinado pelas fórmulas cabalísticas que relacionavam as letras do alfabeto hebraico com seus supostos equivalentes numéricos. Os cabalistas pegavam uma frase ou uma palavra da Torá, depois se concentravam na questão, analisando letra por letra e contando os seus valores numéricos — cada letra equivale a um número. Esse sistema era conhecido pelos gregos como gematria, que consistia em chegar a um total, que seria reduzido a um único algarismo, e em seguida encontrar a letra ou a palavra que tivesse esse número. Assim seria revelado um novo significado oculto no interior da frase. Era esse, de forma resumida,

o código cabalístico, tão poderoso para Casanova e seus contemporâneos quanto fora para os gnósticos — a seita reprimida pela Igreja cristã dos primeiros tempos por suas aparentes heresias e competição com os ensinamentos do Cristo.

Os elementos da alquimia e da decifração de códigos foram as características da gematria que atraíram Casanova e seus contemporâneos. Entre estes, apenas alguns poucos, e talvez Casanova estivesse no meio deles, exploraram mais a fundo o que a cabala poderia oferecer em termos de iluminação pessoal. Hoje, para os cabalistas espiritualizados mais atentos seria um anátema misturar aquela cabala, que Casanova e seus contemporâneos usaram e abusaram, com as preocupações espirituais mais amplas da cabala. De qualquer modo, foi o primeiro passo dado por Casanova em direção à iluminação cabalística.

As 22 letras dos alfabetos grego e hebraico e as 21 letras do francês também se relacionavam com os planetas e os signos do zodíaco: D, ou *Daleth*, era a letra de Escorpião, com o número 4; enquanto A, ou *Ayin*, se relacionava a Marte, e seu número era 16. Para muita gente, esse verniz de misticismo zodiacal é um desvio das preocupações centrais da antiga cabala, mas representava tanto a força como o perigo de uma tradição oral: era vulnerável a adulterações, colocações equivocadas e incompreensões. A cabala significava, e ainda significa, muitas coisas. Entretanto, na mente e na prática de Casanova, como nas de muitos contemporâneos dele, não havia senhas separando os diferentes campos e intenções do conhecimento místico. Seria justo assumir que Casanova, talvez como muitos outros, tenha preenchido aquele hiato entre a esperança e o efeito, adotando em certos dias o pragmatismo e em outros, a fé. No fim das contas, para ele a cabala muitas vezes "funcionava".

Já antes de encontrar Bragadin, Casanova tinha conhecimento da pirâmide cabalística de letras e de números e por isso era amplamente reconhecido em Veneza. Uma vez que as 22 letras do alfabeto hebraico expressam letras e também quantidades, seria possível arranjar dois diferentes arcanos (do latim *arcanum*, ou segredo) com a forma de triângulos, o chamado "grande arcano" das figuras de um a nove. Vindos do Oriente via Constantinopla e Veneza, os arcanos passaram para a alquimia medieval europeia, de interesse vital para muitos "cientistas"

do século XVIII, penetrando no oculto e, por conseguinte, nos escritos dos rosacrucianistas. Agrippa von Nettesheim (1486-1535) abordou extensivamente a questão dos números, das pirâmides e de seu poder místico no tratado *De occulta philosophia* (1510), e não há dúvidas de que Casanova leu esta obra na coleção do dr. Gozzi, do padre Tosello, do senador Malipiero ou em alguma cópia comprada ilegalmente numa livraria perto da praça São Marcos.

Ele também parece ter lido a obra *De la cabella intellective, art majeur* (1700), que explica como construir uma pirâmide mágica, tal como ele a mencionou a Bragadin, e em seguida extrair dali a resposta para qualquer pergunta. Funcionou também com os alfabetos dos idiomas românicos modernos. Demorou algum tempo, é claro, e foi por isso que Casanova respondeu em versos — um impressionante talento para as mentes modernas, porém algo esperado de um cavalheiro oitocentista culto. Serviu, entretanto, para ofuscar os cálculos envolvidos que, como na astrologia moderna, poderiam demorar muito até parecerem pertinentes graças às sábias sugestões e à atenção às necessidades do ouvinte. Era um ponto central para a cabala que Deus estava presente nas letras e nos números, e o primeiro sistema de cifras usado para relacionar um com o outro foi um simples paralelo de equivalências, que funcionava da seguinte forma no alfabeto francês, assim como no hebraico e no grego:

a	b	c	d	e	f	g	h	ij	k	l	m	n	o	p	q	r	s	t	uv	x
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21

Ou, mais frequentemente, e como Casanova formulou, as vogais em primeiro lugar, em ordem numérica, seguidas das letras usadas nas línguas mais modernas:

a	e	i	o	u	yh	b	c	d	f	g	j	k	l	m	n	p	q	r	s	t	v	w	x	z
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25

Havia várias maneiras de se manipular essa suposta relação e a revelação divina que poderia conter. As letras em si mesmas podiam ter valor, e assim também o número de letras em determinada palavra, valor este traduzido novamente para uma letra. A geometria do oráculo

cabalístico dependia em grande parte do arranjo dos números deduzidos das cartas para formar uma pirâmide. Por exemplo:

Où est ma nouvelle clef dorée?

primeiro se torna:

2 3 2 8 4 5

e em seguida:

2
3 2
8 4 5

A pirâmide então tinha de ser extrapolada em seis fileiras, segundo a vontade do leitor do oráculo: os números podiam ser o resultado de somas, subtrações ou adições de números das primeiras fileiras, até chegar, por exemplo, a:

2
3 3
8 4 5
13 9 10 8

Esse "sistema" de números poderia ser usado para veicular uma mensagem divina ou, mais provavelmente, para um pensador ágil como Casanova, para produzir uma mensagem, assim como um tabuleiro ouija pode ser manobrado, alcançando-se os números desejados por meio dos modelos variáveis que sua pirâmide lhe permite. A resposta

"Dans votre tabatière"

poderia ser construída a partir de:

36 75 78

ou:

São combinações que qualquer menino esperto de nove anos pode resolver de modo simples. Só muito raramente as mulheres tinham algum acesso à matemática, e as de classe mais alta tinham ainda menos probabilidade de conseguir algum domínio sobre os números, como qualquer vendedora ambulante da época gostaria de ter. Casanova conservou por toda a vida um "*trésor cabbalistique*", sobretudo para adivinhar números de sorte e datas favoráveis para a loteria, porém formulados com precisão e fé na continuidade do significado entre as letras, os números, o tempo e o lugar. Já com mais idade, ele também formulou alguns sistemas de gematria cabalística, o que dá maior credibilidade à ideia de que, até certo ponto, Casanova tinha mesmo fé na cabala, embora na *História* exponha sua obra cabalística como o cínico *imprimatur* de um trapaceiro dirigido aos loucos. Ele descreve as consultas ao seu oráculo, para o bem da duquesa de Chartres ou da marquesa d'Urfé, como um disparate de palavras e números. O que mais nos intriga é saber até que ponto ele próprio acreditava naquilo.

A cabala é apresentada pela primeira vez na *História* quando Casanova fala dos patrícios Bragadin, Dandolo e Barbaro, que posteriormente o acolheram como convidado da casa e *protégé* da família. O relacionamento se tornou complexo, porém um dos primeiros pontos de acordo entre eles foi o interesse pela cabala, compartilhado por todos, além da crença que tinham aqueles homens de cultura, conhecedores do mundo, de que Casanova possuía poderes e intuições verdadeiros. O próprio Casanova se recusa a associar a complicada gematria da cabala com suas experiências prévias com a medicina popular e o oculto, mas são matizes diferentes de um mesmo motivo em sua narrativa: ele compreendia as pessoas e pode de fato ter tido o indefinível dom da cura — ou, vendo de forma mais cínica, ele se aproveitou das inseguranças intelectuais e emocionais das pessoas, com tanta disposição quanto a que empregava para realizar os anseios de certas mulheres. O que, do ponto de vista anticlerical da época, é exatamente o vazio em forma de Deus, preenchido inicialmente pela religião. Seus escritos e apontamentos inéditos pouco informam sobre o seu verdadeiro investimento filosófico na cabala, mas indicam claramente que ele tinha muita facilidade com os números, a linguagem e o povo, e também com a alquimia/química,

dom que utilizava como meio de ludibriar as pessoas.

Ao mesmo tempo, as origens de seu interesse e de sua possível crença na cabala já podiam estar profundamente enraizadas e pertencerem ao âmbito familiar, como acontece muitas vezes com a fé. Até hoje a imagística cruciforme da famosa Árvore Kircher da cabala (1652), a chamada Árvore da cabala Hermética, é usada nos trabalhos dos atores de *commedia*. Cada personagem típico do grupo dos arlequins recebe o seu próprio lugar — tanto em termos metafóricos como na realidade — em cima do palco, definido de acordo com a estrutura de poder dessa imagem em forma de árvore da cabala clássica. Criado por Marcia Farussi, uma curandeira popular, em uma numerosa família de atores de *commedia* na Veneza do século XVIII, quase com toda a certeza Casanova assimilou mantras e imagens presumivelmente cabalísticas quando ainda se alimentava do leite materno. Depois, optou por se apresentar como um mundano cínico, que ainda colocava sua maior crença no catecismo da Igreja Católica Romana, e que afetava um desligamento irônico da fé que lhe servira de inspiração para tantas aventuras e também para vários contemporâneos seus. Mas a verdade pode apontar para uma questão essencial a respeito do menino no interior do homem.

Não teria passado despercebido por Casanova que, para os cabalistas, "o ato sexual é o sacramento máximo". Alguns dos textos fundamentais da literatura cabalística sobre os mistérios do amor vêm, em traduções modernas, da Veneza dos séculos XVI e XVII. A cidade foi facilmente persuadida de que existiam várias formas de espiritualidade na expressão libertária do amor em todas as suas manifestações. A visão cabalística do amor, incluindo o amor sexual (Eros, além das definições cristãs usuais de caridade), tem um espírito vivificante, que fala da transcendência de Deus por todo o mundo, embora, é claro, seja um amor que precisa ser manifestado. Para a cabala, o ato de fazer amor realiza o pleno potencial linguístico, espiritual e físico da pessoa. O amor, a pessoa amante e a amada formam uma só pessoa, tanto no ato amoroso quanto em Deus, segundo um texto que Casanova provavelmente conheceu e que fala de uma "felicidade copulativa com Deus, que só não pode ser contínua… devido à fragilidade do corpo".

Além de apresentar a Casanova uma cosmologia alternativa, celebrando tanto o seu libertinismo quanto seu elitismo intelectual, a

cabala apresentava algo mais poderoso. Referia-se ao seu duradouro interesse pela alquimia, pela química, pela medicina e, por extensão, à criação ou à recriação da vida. O nome oculto de Deus deveria proporcionar a seu falante o poder contido nesse nome. A marquesa d'Urfé, como muitos outros, tentava evocar os espíritos e governá-los, além de assumir uma mistura entre segredos, códigos religiosos e outras coisas que seria tratada de forma "científica". Uma das consequências disso foi o surgimento, na época de Casanova, da lenda do Golem, um homúnculo criado por um cabalista — pelo que se diz, o rabino Loew, de Praga. "A criação do Golem foi uma experiência particularmente sublime sentida por um místico absorto nos mistérios das combinações alfabéticas descritas no Livro do Gênesis."

Em outras palavras, os segredos mencionados gematricamente podem mesmo conduzir à criação de uma nova vida, com todo o horror e a glória que sempre se seguem. O *Frankenstein* de Mary Shelley foi, na época, compreendido por alguns como uma referência ao Golem cabalístico. Para Casanova, a reencarnação, ou a criação de uma nova vida, manifestou-se na fantasmagoria paralela de fazer uma velha encarquilhada renascer num bebezinho por meio de um obscuro ritual composto por sexo, banhos, luar e relâmpagos.

A maçonaria de Casanova e o rosacrucianismo da marquesa d'Urfé ligaram-no a uma elite internacional de companheiros, de forma mais sólida do que mais tarde o seu assumido título de "*chevalier* de Seingalt" poderia fazer. Para ele, eram parte da mesma necessidade de um papel de liderança na sociedade, que, como filho bastardo de uma atriz de comédia de Veneza, ele dificilmente poderia aspirar sem estímulos desse tipo. O título em si, "Seingalt", ou "de Seingalt", foi-lhe atribuído segundo uma brincadeira baseada no amor dos cabalistas pelos anagramas: pode ter sido um anagrama para *genitale*.

O homem que escreveu que "Paraíso, em termos etimológicos, *significa* uma ideia ou um lugar de volúpias, sendo persa a origem do termo", e que registrava sonhos nos quais brincava com órgãos sexuais e cuja fama atual repousa em algo semelhante, pode ter inventado um título a partir do anagrama de seu título rosa-cruz "cabalístico": "Paralisée Galtinarde", porém também formando brincadeiras intertextuais com "*genitales*", ou "*des parties genitales*". Essas palavras podem formar, de maneira variada,

“Paralis de Seingalt”, “*paradis genitales*”, “*des parties genitales*”, e Paralis, seu título como adivinho, também joga com *paracelsus*, o sistema de representação simbólica da cabala, e com *paradis*, conceito comum à cabala, ao judaísmo, ao islã e à cristandade. A gematria acerta, mesmo quando a conexão anagramática falha. Mais especificamente, a conexão da cabala com a alquimia e a descoberta da pedra filosofal, que prometia muito mais do que a simples transmutação de qualquer metal em ouro, era aceita por todos os que tinham optado por estudar esse ramo agora tão ridicularizado da química.

Sozinho em seus aposentos, já idoso, Casanova retornou a muitos de seus prazeres perdidos, aqueles que não mais podia se proporcionar ou desfrutar, mas que podia recriar na lembrança, de forma que em suas memórias ele se voltou mais uma vez para as alegrias da matemática pura, a cabala e os números lotéricos. Dedicava muitas horas e incontáveis folhas de papel à geometria cúbica e à gematria. Ria ao escrever sobre suas tentativas de descobrir a pedra filosofal. Contudo, também atribuiu sua fé a uma fatalidade cabalística, carregando nas cores nos momentos de jogatinas de sua vida. A cabala, as disciplinas associadas a ela e sua ligação com a fé atávica e a autorrealização pessoal alimentaram o princípio de seu prazer de viver, delineando um caminho que ia da medicina popular tradicional à metafísica do Iluminismo. “Sinto-me infinitamente feliz”, escreveu ele, “quando vejo, em um quarto escuro, a luz entrar por uma janela que se abre para um vasto horizonte.” É a visão que se tem da biblioteca do castelo de Dux, e as palavras são da *História da minha vida*, que ele escreveu naquele mesmo lugar. No entanto, elas também fazem parte do *Livro do Zohar*, da cabala.

Quarto Ato

QUARTO ATO, CENA I

Conversas com Voltaire

1760-61



"Na quinta-feira, 7 de setembro, um pacote foi enviado pelo barco comercial do canal de Haia para Amsterdã, destino no qual ele não foi entregue. Contém um bilhete de loteria cujo número é 14934, sobre o qual recaiu um prêmio de 20 mil florins … duas apólices da conta da Companhia das Índias Orientais, uma no valor de 6 mil florins e 45 mil em bilhetes de anuidades francesas … Oferece-se recompensa de 100 ducados de prata, sem perguntas."

NOTÍCIA DE ACHADOS E PERDIDOS ESCRITA POR CASANOVA

Amsterdamse Courant

OS TRINTA E POUCOS ANOS de Casanova, passados principalmente em Paris e Amsterdã, foram típicos de seus anos itinerantes da meia-idade. O seu caso não consumado com Manon Balletti arrastou-se até o inverno de 1759-60. Ela morou brevemente sob o teto dele na Petite Pologne, ajudando a cuidar do irmãozinho Antonio, que sofrera um ferimento a bala em um acidente durante acrobacias no palco. Ela e Casanova se correspondiam constantemente em francês, mas ela se referia a ele como "Giacometto" ou "maridinho", até o dia em que se casou de verdade com o arquiteto real François Blondel, no verão de 1760. Casanova ficou desnorteado ao saber, segundo disse, da notícia em Amsterdã, no Natal de 1759. Mas na verdade ele deve ter sabido do fato mais tarde. Sylvia tinha morrido, Mario Balletti estava endividado e Antonio continuava doente. Na sua precária situação, Manon fez o que melhor poderia fazer, concluindo que Casanova jamais se casaria com ela. O rompimento final com Manon o desvencilhou ainda mais dos laços de família e parece ter sido um acontecimento crucial em meio a uma crise da meia-idade.

Gerou uma ânsia por viagens que não foi aplacada por mais de uma década.

Quando Manon se mudou para a tão admirada casa de Blondel na rue de la Harpe, Casanova saiu de Amsterdã e foi para Colônia, seguindo de lá para Stuttgart, Zurique, Baden, Lucerna, Friburgo, Berna e Genebra. Ganhou muito dinheiro. Como sempre, ele não deixa bem claro a maneira exata como isso se deu. Em um resumo de sua vida escrito em 1797, ele estimou ter sido milionário no final dos anos 1750. Enquanto viajava para a Holanda, parece que se impressionou muito com a possibilidade de lucrar com algum tipo de monopólio industrial: suas cartas para as autoridades venezianas desse período — ele estava começando a cortejá-las, com esperanças de obter um perdão — expressam sua disposição em dividir com as fábricas de Murano os segredos industriais de que se apropriara no norte da Europa. “Minhas pesquisas, minhas viagens e meus estudos me permitiram ser um mestre no segredo [do tingimento da seda] que estou oferecendo ao meu país. Posso oferecer um corante para o algodão verdadeiro, mais belo do que os do Oriente e que posso vender com um desconto de 50%.”

Mas a Holanda não ficou impressionada. O embaixador francês escreveu a Ducy de Choiseul, que sucedera a De Bernis como ministro do Exterior, que o seu *protégé* de Paris, Casanova, não havia convencido totalmente os holandeses: “Ele parecia o mais indiscreto possível em seus propósitos … foi para Amsterdã depois [de Haia] e perdeu muito dinheiro no jogo.” Mesmo assim, Casanova considerava a possibilidade de se estabelecer em Amsterdã, achando-a uma sede melhor para seus negócios financeiros. Ele começou um relacionamento com uma jovem holandesa, que segundo ele se chamava “Esther” e que parece ter pertencido à rica família judia Symons, ou à do mercador Thomas Hope. Mas Paris continuava a chamá-lo de volta, mesmo com a diminuição de sua fortuna com a loteria. Uma razão para isso parece ter sido a chegada à capital francesa de uma jovem que vinha de Veneza, e cuja dramática reentrada na vida de Casanova foi registrada por ele, assim como em uma série de cartas que só recentemente vieram a público.

Giustiniana Wynne era uma aventureira belíssima, meio inglesa, meio veneziana, de passado levemente ambíguo e que Casanova conhecera brevemente em Veneza por intermédio de seu amigo Andrea Memmo.

Depois da prisão de Casanova, ela e Memmo tinham se tornado amantes. O tórrido caso de amor entre eles ficou documentado em cartas um tanto explícitas. Algumas delas, que ainda existem, Memmo chegou a manchar com sangue e sêmen. A relação amorosa deles permanecia clandestina, pois Memmo era um jovem patrício, e Giustiniana, filha reconhecida de um estrangeiro, um baronete inglês, com uma cortesã veneziana.

Em razão do papel crucial de Lucia Memmo para impedir que os dois se casassem, tal como fizera ao facilitar o caminho de Casanova para Il Piombi, quando Giustiniana chegou a Paris, Casanova mostrou-se compreensivelmente acolhedor e simpático com ela. Mas quase em seguida, ela se viu arrastada para o centro de um complicado escândalo: estava grávida de Memmo. Sua mãe, porém, tão ágil para fazer planos, já conseguira um fulgurante parceiro para a bela filha: um fazendeiro rico e mais velho chamado Alexandre La Pouplinière. Giustiniana sabia que o casamento precisava se realizar logo para que a criança pudesse ser aprovada como herdeira. Caso contrário, uma solução mais drástica teria de ser encontrada.

Casanova se refere a essa história — da mulher que ele chamou de "*mlle*. XCV" — como um dos dramas que dominaram seus anos em Paris. Há muito tempo admite-se que ele tenha enfeitado bastante a história, mas recentemente ela foi confirmada pelas cartas que se perpetuaram na família Memmo e em outra, posta à venda em 1999. Nesta, Giustiniana transmite uma rara perspectiva feminina sobre Casanova e o preço a ser pago pela emancipação sexual. Por detalhar, do ponto de vista de uma jovem desesperada (não do de Casanova), alguns dos motivos pelos quais as mulheres recorriam a Casanova na adversidade, por fé em sua boa natureza e sociabilidade, ela merece ser citada extensamente. Foi escrita por Giustiniana no Hôtel de Hollande e enviada ao velho amigo de seu amante.

> Você deseja que eu fale, que eu lhe conte o motivo da minha tristeza. Bem, que seja. Estou disposta a fazê-lo. Estou colocando minha vida, minha reputação, todo o meu ser em suas mãos … Suplico-lhe que ajude esta alma infeliz, que não terá outro recurso senão buscar a própria morte caso não possa remediar a situação. Eis o que se passa, querido Casanova: estou grávida … Você pensa como filósofo, você é um homem honesto … salve-me, se ainda for possível e você souber de um meio. Todo o meu ser, tudo que possuo, será seu se me ajudar …

> Se eu retornar ao meu estado original, minha fortuna estará garantida … contanto que eu me livre desse fardo que me desonra. Queridíssimo Casanova, por favor, faça tudo para conseguir um cirurgião, um médico … que me tire da miséria, usando qualquer remédio que seja, inclusive a força, se necessário … Confio em você. Só tenho você neste mundo … Jamais tive alguém em quem pudesse confiar, e hoje você é o meu anjo da guarda. Procure as meninas do teatro, pergunte-lhes se alguma vez elas se viram na necessidade de se confessar da forma como desejo fazer … Salve-me. Confio em você.

A carta foi tão impressionante na época quanto é arrebatadora hoje. Solicitava uma providência que envolvia risco de morte e, é claro, era absolutamente ilegal: fazer um aborto. Embora depois Giustiniana prometesse seus diamantes para o cirurgião e sua pessoa para Casanova, aquilo foi um verdadeiro apelo à sua galanteria. Ele a observara quando ela chegou a Paris, quando ambos se reencontraram na ópera, depois que ele, agora um homem rico, voltara da Holanda. Ficou comovido e estimulado a agir, diante da inabalável confiança que ela depositava nele. E ela estava certa em seus instintos: ele não só se animou a ajudá-la, como até já sabia a quem procurar.

Fizeram um plano dramático e perigoso. Encontraram-se em um baile usando disfarces já previamente combinados (Casanova estava com uma máscara veneziana, com uma rosa pintada sob o olho esquerdo), em seguida se lançaram atrás de uma *vendeu-se* de abortivos orais, no Sena, depois do que regressaram ao baile, achando que ninguém perceberia a ausência deles. Mas estavam enganados em dois pontos. Primeiro, a boticária em questão, uma certa madame Reine Demay, sabia da precariedade de seu comércio e da possibilidade de chantagear os clientes ricos, e por isso não ficou calada. Em segundo lugar, a ausência deles foi notada, mas por outros motivos: presumiu-se que eles tinham se escondido para fazer amor. E demoraram muito tempo: Giustiniana tremia de frio, de fome, ou também pelos efeitos dos abortivos, e pediu que Casanova fizesse uma parada na Petite Pologne, onde, gentilmente, ele lhe preparou um omelete, abriu uma garrafa de champanhe e depois, de maneira menos gentil, fez-lhe propostas indecorosas.

De volta ao baile, ela dançou até a madrugada, com esperanças de perder o filho, mas os planos não deram certo e madame Demay foi até a casa do noivo de Giustiniana com esperanças de receber algum

pagamento por sua indiscrição.

Felizmente para Casanova e Giustiniana, o coletor de impostos não encontrou motivo algum para acreditar em quem afirmava a gravidez de sua noiva, que estaria tentando abortar. Ele sabia que sua família estava louca para denegrir o nome de Giustiniana e assim manter intacta a fortuna dele, que se apaixonara por ela. Contudo, ficou um pouco desconfiado. A pressão aumentou para que ela se livrasse do filho do homem a quem realmente amava. Nesse meio-tempo, preparou-se um relatório sobre "toda a questão Wynne" para o duque de Choiseul, o ministro das Relações Exteriores. Os Wynne eram residentes estrangeiros, e este fato, é evidente, também iria manchar o nome de Casanova, à medida que a gravidez de Giustiniana começasse a ficar evidente.

Giustiniana perguntou-lhe se ele não conheceria outro remédio, mais forte — parece que ela insinuava alguma forma mais invasiva de produzir o aborto, que também seria mais arriscada. Casanova procurou a marquesa d'Urfé para se aconselhar. Ela sabia exatamente o que fazer: consultar as obras de Paracelso. Em uma de suas obras de misticismo esotérico há, incrivelmente, uma relação de substâncias abortivas.

O *Aroma Philosophorum*, mais conhecido como "*aroph*", é mencionado de diversas formas nos escritos alquímicos e cabalísticos, incluindo os *Elementa Chemiae* de Herman Boerhaave, e era então amplamente acessível na Holanda, local onde Casanova vinha trabalhando. Os ingredientes fundamentais eram o açafrão, que se acreditava provocar a menstruação ou enfraquecer a camada interna do ventre, e a cervix. Em geral, misturava-se com mirra e mel. "A mulher que desejar esvaziar o seu ventre", leu Casanova, "deve passar uma dose desse opiato de maneira a estimular" sua abertura. Ele devia ser aplicado — e se lhe dermos crédito, Casanova riu muito ao ler essa passagem — na ponta de um cilindro, de tamanho apropriado, inserido "na vagina de forma a atingir o pedaço redondo de carne na parte superior daquela sua tal e tal coisa". Devia-se repetir essa aplicação três ou quatro vezes por dia durante uma semana.

Se por um lado suas questões com Giustiniana o mostraram em sua fase mais manipuladora, aproveitando-se da credulidade e do desespero da jovem, por outro o *aroph* era mesmo aceito por muitos como algo

eficaz, enquanto o açafrão e a mirra eram tradicionais produtos abortivos, mesmo se ingeridos de maneira menos intensa. Mas quando ele apresentou para Giustiniana, no Hôtel de Hollande, os resultados de suas pesquisas realizadas na biblioteca da marquesa, acrescentou seu próprio ingrediente, certificando-se de que ela compreendera bem a que "cilindro" ele se referia: o *aroph* só funcionava se aplicado com sêmen recém-ejaculado. Ele deu a ela todas as informações sobre isso, e já que o amigo que tinham em comum, Andrea Memmo, encontrava-se em Veneza, ele próprio poderia fornecer o equipamento e todos os ingredientes para o decorrer do tratamento. Giustiniana olhou-o de cima a baixo, sorriu secamente e em seguida também começou a rir. Mas não questionou a prescrição.

Embora tenha se sugerido que esta foi uma coerção muito cruel, ou ao menos oportunista, para conseguir fazer sexo com ela, nessa época a prescrição dos *aroph*s e outros unguentos com técnicas invasivas, inclusive o sexo com penetração, constituíam métodos comumente aceitos para se produzir um aborto. Giustiniana concordou em se encontrar com ele na mansarda do hotel, aproveitando o fato de a senhoria estar dormindo. Quando Casanova descobriu que a mansarda estava sendo usada por duas criadas para um assunto ilícito, ele as subornou para que mantivessem silêncio e descobriu outro aposento adjacente. Ali, ele e Giustiniana começaram a se comportar "como um cirurgião que se prepara para uma operação, e a paciente, que vai sofrê-la". Não era bem uma situação romântica:

> Nós dois nos concentramos em nossos papéis e os desempenhamos à perfeição … Sob a luz da vela que seguro com a mão esquerda, ela passa uma pequena coroa de *aroph* na cabeça do ser que deverá transmiti-lo para o orifício onde o amálgama deverá se realizar … Depois que se completou a inserção, [Giustiniana] soprou a vela.

Eles fizeram amor uma segunda vez, que Casanova recordou como "remédio de um quarto de hora", e pouco depois, de novo.

Do mesmo jeito que com os "remédios" anteriores, a aplicação alquímica para abortar também fracassou. Giustiniana logo se deu conta de que precisaria esconder não só a gravidez, mas o próprio nascimento da criança, tanto do noivo como da sociedade. Casanova, para se

justificar — jamais ficou claro se ele acreditava existir alguma legitimidade nas qualidades do *aroph* — , escreveu que obteve de Giustiniana, nas diversas noites de sexo determinado, a "promessa de não pensar mais em suicídio" e de confiar-se à ajuda dele. Fica claro pelas cartas e atitudes dela, e também pelas memórias dele, que foi isso o que aconteceu. Casanova ajudou-a a fugir, para grande alarme da família, do noivo, do seu amor em Veneza e da sociedade parisiense. "Não me lembro", escreveu a Andrea Memmo uma *socialite* da época, "de alguém ter sido tão falado assim."

Casanova então procurou a condessa du Rumain, companheira cabalista e amiga da marquesa d'Urfé. Tinha motivos para acreditar que ela haveria de conhecer algum convento discreto, onde damas poderiam desaparecer com o propósito de dar à luz. E estava certo. Ela indicou um em Conflans, e como parteira e acompanhante para a viagem, uma certa madame de Mérinville, que parece ter tido alguma relação com a madre superiora do convento, e que talvez tenha feito carreira com esse tipo de indicações. No dia 4 de abril de 1759, Giustiniana desapareceu.

A família suspeitou imediatamente de Casanova, e em poucos dias a mãe dela e o embaixador de Veneza, Erizzo, expediram um mandado judicial contra ele por planejar um sequestro. Madre Eustacia, do Convento de Conflans, enviou, em segredo, cartas de Giustiniana para sua família que garantiam a segurança dela. Precisava esconder-se por temer por sua vida, e os inimigos que ela fizera por ser noiva de La Pouplinière, o coletor de impostos. As cartas para Casanova relatavam seus agradecimentos e o conforto em que se encontrava, mas pedia livros. Entretanto, suas pretensões de leitura não constituíam as maiores prioridades de Casanova, já que as autoridades diplomáticas e civis começavam a fechar o cerco a seu redor. Ele tinha sido visto saindo com ela do baile de máscaras, e ainda havia a questão do contato com madame Demay, a conhecida aborteira. A curto prazo, ele foi salvo por seus amigos bem-colocados na sociedade — a condessa du Rumain visitou Antoine de Sartine, que em breve passaria a ocupar o cargo de chefe de polícia, e explicou, com toda a simplicidade, que a senhorita Wynne estava escondida para ter um filho ilegítimo, o que, destacou ela, provaria que nenhum aborto fora praticado. Enquanto isso, madame Demay pedia 100 luíses a Casanova para retirar seus depoimentos contra

ele e dizer que tinha apenas se confundido.

No final de maio, madre Eustacia mandou uma mensagem para Casanova e para a condessa du Rumain, dizendo que Giustiniana dera à luz um menino, e em seguida escreveu para a mãe de Giustiniana:

> 27 de maio de 1759
>
> *Mlle*. JUSTINIANA [sic]
>
> Wynne afinal abriu-se comigo ontem à noite. Ela me contou, madame, que a senhora no momento se encontra no Hôtel de Hollande … Se eu soubesse disso antes, teria lhe poupado tantas preocupações. Ela está conosco desde que aqui chegou, em 4 de abril. Eu tinha certeza de que alguém logo viria perguntar por ela, mas ninguém apareceu … ela não recebeu nenhuma carta.
>
> Irmã de Mérinville, abadessa de Conflans.

A abadessa comportara-se como uma verdadeira "rainha" da discrição, tal como a descreveu Casanova. Mas as coisas em Paris não estavam mais muito confortáveis. Exatamente naquele período, ele também perdeu seu poderoso aliado e patrono, De Bernis, que foi nomeado cardeal pelo novo papa veneziano, Clemente XIII. O rei da França então o exilou em Roma, já que ele também perdera os favores de Madame Pompadour.

Talvez em consequência disso Casanova tenha se lançado com mais assiduidade ao papel de *cavaliere servente* da marquesa d'Urfé, que um dia imaginou ampliar seus interesses cabalísticos para algo mais moderno e iluminado e propôs que fossem, ela e Casanova, a Montmorency para encontrarem Jean-Jacques Rousseau, o *philosophe* e escritor, que estava com 47 anos. Ele vivia atormentado por dívidas e fora forçado a aceitar a hospitalidade do marechal de Luxembourg em um castelo que este possuía. O retrato que Casanova faz dele é o de um escritor em declínio financeiro, forçado a copiar músicas levadas até ele por damas parisienses como a marquesa, para quem ele era um exemplo exótico da *avant-garde*: "As pessoas pagavam duas vezes mais a ele do que pagariam a qualquer outro copista, mas ele garantia que não haveria erros no trabalho, e dessa forma obtinha sua subsistência." Casanova ficou chocado com o contraste entre o renome internacional e a humilhação das condições de vida de Rousseau. Era o duro caminho

para a aclamação literária. Mas não era o que Casanova queria.

Um ano depois, de modo semelhante, Casanova teve um longo encontro com Voltaire, que então tinha mais de 60 anos e desfrutava grande fama e de um semi-isolamento na Suíça. Como Casanova observou, ele "não era, na época, alguém que se pudesse ignorar". Notório não só como interlocutor filosófico e político de czarinas russas e radicais franceses, dera novo lustro à sua fama um ano antes com a publicação de uma sátira pseudoanônima contra a Igreja, o Estado, a filosofia e as viagens picarescas: *Cândido*. O encontro nos arredores de Genebra produziu uma forte impressão em Casanova. Ele recorda uma tirada tipicamente voltariana, na qual gostaríamos de poder acreditar, porém pode estar mais relacionada ao elemento anedótico desse encontro do que à realidade. Voltaire nem se deu ao trabalho de mencionar qualquer visita do volúvel italiano. "Este", disse-lhe Casanova, "está sendo o dia mais feliz da minha vida. Há 20 anos, monsieur, tornei-me vosso discípulo." Ele estava com 35 anos e seguramente não lia Voltaire aos 15, quando vivia em Pádua.

"Espero que me honre com mais 20", replicou Voltaire, "e que depois pague meus soldos."

Era importante para Casanova apresentar-se em suas memórias como alguém que estava no mesmo patamar de Voltaire, ao menos no que se referia à sabedoria dos salões, mas mesmo assim, como o esboço que traçou de Rousseau, ele nos proporciona uma ótima visão daquele que encarnou o espírito filosófico da época, referindo-se também ao amor que Voltaire sentia pelos jardins e pelos ingleses.

Ele possuía um pequeno teatro ali perto, em Lausanne, e era um defensor entusiástico da ópera-bufa italiana. Ficou entusiasmado por poder conversar com Casanova sobre o teatro italiano e Veneza, e estava convicto de que o ex-pássaro engaiolado concordaria com sua opinião de que Veneza era exatamente o tipo de oligarquia infame que devia ser esmagada. Em vez disso, percebeu que para Casanova os venezianos estavam entre os homens mais livres do mundo. Talvez quisesse dizer em termos sexuais e políticos. Nessa época, sem dúvida Casanova já havia lido *Cândido*, publicado por toda a Europa em 1759. Aquela mistura vívida e escandalosa de consciência sexual, sátira filosófica, política e aventura absurda não pode ter deixado de atrair Casanova, que também

deve ter se impressionado com os paralelos entre a sua própria vida e a do jovem bastardo Cândido, lançado à deriva no mundo, confiando em pouco mais do que na própria inteligência em uma audaciosa aventura pelo mar.

As melhores sátiras, é claro, têm a realidade em seu coração. A crítica que se fez posteriormente aos escritos de Casanova, que os tachava de demasiadamente calcados nas aventuras picarescas de *Cândido* (enfrentando os perigos dos haréns, tribunais reais, prisões e doenças venéreas), é claramente injusta. É evidente que era possível viver uma vida daquelas. E Casanova foi prova disso.

Os dois homens conversaram por um longo tempo sobre literatura italiana, antiga e moderna, e depois Voltaire levou Casanova até o lado de fora para admirarem a vista do Mont Blanc. Pequenos detalhes comprovam a memória episódica de Casanova. Ele se lembra de uma imensa pilha de cartas e de Voltaire se vangloriar de manter correspondência com milhares de pessoas: ainda hoje existem mais de 20 mil de suas cartas. Depois, ele conta que a "sobrinha" de Voltaire (na verdade a amante dele, madame Denis) era a anfitriã mais assídua e que as conversas e discussões abordavam todos os assuntos possíveis, e em diversas línguas. O Château de Voltaire em Ferney, na Suíça, proporcionava-lhe uma minicorte, um Versalhes intelectual, onde Casanova sentiu-se imediatamente em casa, como um astro dos salões, erudito e namorador. Voltaire estava começando uma nova obra teatral, *Tancredo*, cuja estreia seria em 3 de setembro de 1760, em Paris. Parecia-se com sua obra anterior, *Zaïre*, e é provável que ele e Casanova — um conhecedor de comédia teatral — tenham discutido sobre ela. Alguns anos depois, Casanova deu à sua empregada russa o apelido de Zaïre, em memória daquele tempo passado com Voltaire.

O encontro dessas duas grandes figuras do século XVIII está detalhado não apenas nas memórias de Casanova, publicadas postumamente, mas em outras obras dele, *Confutazione*, *Scrutinio* e *À Leonard Snetlage*, todas contendo elementos de uma obra perdida sobre Voltaire. Casanova sabia ser um admirador, mas não um admirador humilde. Ele censurou Voltaire por seu desinteresse pela poesia de Mântua, em particular a de Merlina Coccai, e eles discutiram a respeito da monarquia, do oculto e da necessidade humana de ter fé. Muito depois ele atacou Voltaire por

sua política radical, mas ao encontrá-lo, foi seu anticlericalismo que alarmou Casanova, para quem a fé era uma parte instintiva da vida: "O senhor devia amar a humanidade", disse ele a Voltaire, "tal como ela é."

O encontro com Voltaire constitui mais do que simplesmente outra anedota célebre, embora talvez seja a mais famosa delas. Na mente de Casanova, ela reafirmou seu próprio potencial e sua ambição não realizados. Voltaire estava trabalhando no segundo volume da sua *História da Rússia sob o comando de Pedro o Grande*, e também na peça e na resposta à crítica a *Cândido*. Isso pode ter ajudado a plantar na cabeça de Casanova a semente de uma lucrativa viagem a São Petersburgo.

Mas outra coisa perturbou e inspirou Casanova na hospedaria Les Balances, onde estava instalado, em Genebra, onde hoje é a rue du Rhône. Fora ali que ele e Henriette tinham se separado, 13 anos antes. Não foi uma coincidência assim tão grande: afinal, aquela era a principal e melhor hospedaria para visitantes francófonos. Ele viu a frase riscada no vidro da janela do quarto, onde tinham feito amor pela última vez. "*Tu oublieras aussi Henriette*." Ficou de cabelo em pé ao ver aquilo, escreveu não só por se lembrar do amor perdido, mas por se dar conta de que ela estava certa: quando se comparou com o homem que havia sido, ele achou que o seu eu de 35 anos deixava muito a desejar. Isto foi o começo de uma crise nervosa que o pegou mais tarde em Londres e que em parte se originou da constatação de que sua força física e sexual estava em declínio: "O que me deixava horrorizado era saber que não tinha mais o mesmo vigor", e também ter a consciência de que agora lhe faltava a "delicadeza que antigamente possuía e os sentimentos exaltados que justificam os erros dos sentidos, a consideração. Uma certa probidade." O jovem ambicioso se tornara endurecido pela vida, o amor, o oportunismo e as oportunidades perdidas.

É muito mais fácil responder o que Casanova pensava ou sentia em Genebra, em 1760, do que revelar o que ele fazia ali. De meados de 1759 até o início de 1760, ele cada vez passava mais tempo longe de Paris. Para começar, havia suas atividades governamentais e financeiras em Amsterdã, além de seu florescente caso amoroso com "Esther", que se prolongou, de modo intermitente, por vários anos. Seus negócios comerciais nesse período têm sido questionados, numa tentativa de provar que ele vivia à custa da marquesa d'Urfé, mas hoje se sabe que

não foi este o caso. Nos últimos anos, surgiram novos indícios na Holanda que corroboraram detalhes antes questionados com relação ao tempo que ele passou ali. Por exemplo: ele diz a verdade ao escrever que ajudou a encontrar uma maleta perdida empregando métodos cabalísticos — há pouco tempo foi desenterrado um anúncio no *Amsterdamse Courant*, colocado por um certo Emanuel Symons, procurando por uma valise contendo dinheiro. Casanova tinha estreitas ligações com a família Symons, sendo um provável pretendente para Esther (como fica mais evidente por dois atos de cartório que também podem ser examinados atualmente em Amsterdã).

Mas nem tudo corria bem para Casanova naquelas ocasionais viagens de negócios para a Holanda. Para começar, o embaixador francês, conde d'Affray, descobriu que ele, apesar das aparências, era filho de uma simples atriz de comédia veneziana. Não via com bons olhos ter de lidar social ou financeiramente com alguém passando por cima das barreiras de classe, e embora não fosse segredo entre os *cognoscenti* que o passado de Casanova era muito suspeito, sua antiga reputação de queridinho da sociedade dos salões parisienses fizera com que o *establishment* francês esquecesse que ele era um italiano de baixa estirpe. D'Affray sentiu-se afrontado por ter de trabalhar a seu lado. Ao mesmo tempo, Casanova, sem saber, aceitou uma nota de câmbio falsa de um credor de jogo e teve de fugir dos tribunais de Amsterdã.

Casanova logo estaria se consolando nos braços de Mimi van Groote, a esposa do prefeito de Colônia, na primeira fase do que se transformou em uma longa viagem pela Europa Central. Os principados da Alemanha ofereceram uma acolhida especial ao alegre veneziano, tão culto e bem-vestido. Em Bonn, o príncipe eleitor gostava tanto de tudo que fosse veneziano que empregava gondoleiros e pajens italianos, além de falar o dialeto veneziano. Casanova era, então, o convidado ideal para o seu círculo.

O "cavaleiro de Seingalt", como agora ele se apresentava, tornou-se muito conhecido nas pequeninas cortes da Europa Central. Talvez simplesmente como uma figura social assídua, possivelmente envolvida em espionagens para os franceses e fazendo relatórios sobre mudanças de alianças entre os atores menores da Guerra dos Sete Anos (1756-63), ainda em andamento. O título fazia parte do jogo. Ele o outorgou a si

mesmo, talvez em reconhecimento por seus íntimos laços com o trono francês, ou talvez fosse apenas brincadeira. Mas isso realmente lhe concedeu uma aura de aristocrata cosmopolita. Se hoje isso tem um sabor mais de impostura, para um veneziano o título de "cavaleiro" nada mais era do que o reconhecimento da sua *verdadeira* condição. Como observou um visitante na Itália, "a maioria [dos venezianos] dá a si própria o título de *cavaliere*, o que na realidade não denota que sejam cavaleiros de fato, mas sim que esse título hoje é usado como a denominação *squire* na Inglaterra".

Em Soleure, em 1760, ele advertiu um amigo a não "ler, e nem mesmo tocar, nos meus papéis, pois sou depositário de segredos dos quais não tenho liberdade para dispor". E em Bonn, no mesmo ano, um adido militar australiano o descreveu como "um espião extremamente perigoso, capaz dos piores crimes … ligado a uma cadeia de espionagem e a autoridades holandesas voltadas para o mal".

Infelizmente, o fato de Casanova trabalhar, em meio expediente, como informante dos franceses ou de ter garantido algumas promissórias em dinheiro, uma espécie de investimento a ser usado no futuro, nada disso é mais do que uma probabilidade circunstancial. Esta parece ter sido a carreira de seu contemporâneo, o conde de Saint-Germain, e a rede que Casanova teceu à sua volta, como um aristocrata autofabricado, um franco-veneziano sem país e um adivinho ocultista, permitia-lhe manter uma existência caprichosa e sem rumo certo. Para alguns, isso basta para provar que Casanova tinha o apoio dos maçons para ser um viajante aliciador e espião, porém os recursos deles não eram tão vastos quanto os de Madame Pompadour, e a necessidade deles por um "enviado especial" também não era tão grande. A corte em Versalhes tinha muitos assuntos secretos para precisar de um diplomata com os talentos únicos de Casanova.

De Bonn, de Colônia e da corte do eleitor, Casanova seguiu, na primavera de 1760, para Württemberg, indo até a corte do seu duque, Charles Eugene, em Stuttgart. Depois foi para Zurique, passando pela abadia beneditina de Einsedeln, onde pensou em abandonar a vida errante, juntar-se àquela ordem de monges contemplativos e assim retomar os estudos acadêmicos e literários. Em vez disso, foi procurar a baronesa de Roll, que mais tarde causou grande impressão em James

Boswell, e decidiu que seria melhor acompanhá-la até Soleure do que se entregar a um pálido apelo da vida monástica.

Na primavera de 1760, Casanova andava para baixo. Naquele mês de abril, em Zurique, foi forçado a empenhar algumas de suas posses e bens pessoais para obter um empréstimo de apenas 80 luíses de ouro, numa época em que sua riqueza em Paris era avaliada em mais de 100 mil *écus* em prata, 600 mil *livres tournois*, ou muitos milhares de luíses. Ele prosseguiu até Berna, depois, Lausanne e Soleure. Como a Suíça não tinha uma capital para seus cantões, sua sociedade se espalhava pelos centros rivais. Ainda existe uma carta, que se encontra na Biblioteca de Berna, que lança certa luz sobre Casanova nesse estágio da jornada. Suas lembranças estão sempre cheias de escaramuças amorosas, sobretudo durante a corrida atrás da baronesa de Roll, e detalhes sobre os banhos públicos nudistas de Berna. Enquanto isso, os habitantes locais já o reconheciam como uma pessoa única, alguém que era fascinante e ao mesmo tempo ardiloso. A carta foi escrita pelo magistrado de Berna e endereçada a um acadêmico em Roche, Albert Haller, a quem Casanova desejava ser apresentado:

> Estivemos aqui [em Berna] com um estrangeiro chamado *chevalier* de Seingalt … que foi bastante recomendado [a nós] por uma eminente senhora de Paris. Ele partiu daqui anteontem com destino a Lausanne, e de lá pretende visitá-lo. Esse estrangeiro merece ser bem acolhido, e com certeza constitui uma curiosidade, pois é um enigma que não fomos capazes de resolver aqui, nem descobrir quem ele é. Ele não sabe tantas coisas quanto você, mas sabe muito. Fala sobre tudo com muito ardor, parecendo já ter visto e lido prodigiosamente. Dizem que conhece todas … as línguas … Todos os dias recebe pelo correio inúmeras cartas, todas as manhãs escreve … Ele fala francês como fazem os italianos, e teve sua primeira formação na Itália. Disse-me que é um homem livre, um cidadão do mundo … Seus interesses dominantes são a história natural e a química. Meu primo, Louis de Murault, que é muito apegado a ele … acha que ele é o conde de Saint-Germain. Ele me deu provas de seu conhecimento sobre a cabala, provas extraordinárias, se forem verdade, e fazem dele algo assim como um feiticeiro … em suma, é um personagem muito singular. Suas roupas e outros equipamentos não poderiam ser melhores.

Essa foi a impressão causada pelo *chevalier* de Seingalt, de 35 anos, para não citar sua fama anterior como fugitivo da lei ou a subsequente notoriedade como suposto libertino.

QUARTO ATO, CENA II

O cavaleiro de Seingalt

1761-63



"'Não tenho boa opinião dessas pessoas que dão muito valor
aos títulos', disse o imperador José II certo dia a Casanova
[o "*chevalier* de Seingalt"], e ele, Casanova, de quem cada palavra
era um pensamento, e cada pensamento, um livro, replicou:
'Então o que devemos pensar daqueles que os vendem?'"
PRÍNCIPE CHARLES DE LIGNE

CASANOVA VIAJOU QUASE ININTERRUPTAMENTE durante todo o início dos anos 1760. Enquanto a Europa encerrava a Guerra dos Sete Anos — que se supunha ser capaz de impedir as viagens de lazer — , o *chevalier* de Seingalt deteve-se, breve e alternadamente, em Aix-les-Bains, Grenoble, Avignon, Marselha, Menton, Mônaco, Nice, Gênova, Florença, Roma e Nápoles. Então, ao chegar ao norte de novo, ficou em Roma, Florença, Bolonha, Módena, Parma e Turim, onde conseguiu trabalho com o governo português, que o enviou ao Congresso de Paz, em Augsburg, em 1763. Ele foi para lá via Chambéry, Lyon, Paris, Chalons, Estrasburgo, Munique e novamente Paris, de onde prosseguiu para Aix-la-Chapelle. Dali foi para Besançon e Genebra, depois para Lyon, Turim, Milão, Gênova, Antibes, Avignon, Lyon e Paris, antes de afinal decidir, em 1763, estabelecer-se em Londres.

A casa de Paris foi fechada e sua vida se tornou cada vez mais a de um errante sem pátria. Tornou-se um cavalheiro da estrada, num estilo que talvez só o século XVIII pré-revolucionário pudesse sustentar.



Depois de sua prolongada visita a Voltaire, Casanova atravessou os Alpes para dirigir-se a Roma e Nápoles. Esta última cidade, que sempre fora gentil com ele no passado, era a grande atração, e de fato Casanova tinha razões para crer que ali ele tinha pelo menos dois filhos: a que teve com Anna Maria Monti-Vallati, e seu filho com "Bellino", ou Teresa Lanti. Ele se deteve em Aix-les-Bains, depois em Aix-en-Savoie, em julho de 1763, onde, enquanto se dedicava aos banhos, conheceu uma religiosa aristocrata que a princípio ele julgou se tratar de M.M. Não era. Mas nas memórias ele lhe dá o mesmo pseudônimo. Ela lembrava sua antiga amante, na aparência e no hábito, e, além disso, Casanova soube que ela era uma libertina razoável, que estava passando um período na "estação de águas" no sentido muitas vezes implícito no século XVIII: devido a uma gravidez clandestina.

Casanova cooperou com ela, ajudando-a a encontrar ópio para drogar a dama de companhia. Esse foi um tiro que saiu pela culatra, pois deram a ela uma dose excessiva, que provocou sua morte. Os dois, que foram amantes por um breve espaço de tempo, precisaram fugir, e Casanova, como sempre, misturou altruísmo e oportunismo para construir um caso a partir de um desastre iminente: "À luz do meu caráter, era impossível para mim abandoná-la, mas eu não tinha mérito algum agindo assim. Eu ficara enamorado por essa nova M.M. de olhos negros, estava decidido a fazer tudo por ela e a não permitir que ela retornasse ao convento no estado em que se encontrava." Mesmo assim, ela retornou e Casanova seguiu sua viagem para Grenoble.

Ele tinha uma carta de recomendação da marquesa d'Urfé, com quem ainda estava em bons termos, para uma certa mademoiselle Roman-Coupier. A história pode parecer uma digressão em meio às memórias, mas está inteiramente de acordo com os fatos de um drama que logo se encerrou em Paris. Casanova estabeleceu o horóscopo e os números cabalísticos da mademoiselle Roman-Coupier, decodificando seu nome, a data de nascimento etc., e previu que ela iria se tornar amante de Luís XV. Ele apresenta essa história como uma tentativa de sedução, porém ela, calcada na fé que ele lhe instilara, embora ele jamais tenha concretizado o objetivo de levá-la para a cama, prosseguiu até Paris e, por volta de maio de 1761, de fato tornou-se uma das muitas amantes de Luís XV. Ela lhe deu uma filha em janeiro de 1762. Foi a segunda vez

que Casanova deu sua contribuição para o *parc des cerfs*. Tudo isso poderia parecer uma fantasia *post-hoc*, a não ser pelos detalhes que Casanova fornece sobre a infelicidade da mademoiselle Roman-Coupier depois de sua elevação da provinciana Grenoble para o *boudoir* em Versalhes, com os mesmos termos que emergiram muito depois, nas memórias que ela própria escreveu.

De Grenoble, Casanova viajou a Avignon para ver os locais associados a Petrarca em Vaucluse, demorando-se mais na rota para o sul apenas com o propósito de se divertir sem gastar muito. O teatro da província lhe permitia um acesso fácil ao *demi-monde* de Avignon, pois era isso que era, e ali ele encontrou as atrizes Marguerite e Rosalie Astrodi, uma das quais ele já levara para a cama em Paris. A outra ele atraiu para uma sessão de sexo a três, onde curiosamente se destacava seu camareiro corcunda. Em Avignon, ele também conheceu um casal que se apresentava como "os Stuard", e que estava na mesma hospedaria que ele. Enquanto Casanova esvaziava a bolsa em busca de farras com gente de teatro, também a abria para os pobres Stuard, por quem se tomou de piedade por outros motivos menos carnais. Era um casal de fugitivos, possivelmente tinham sido casados com outras pessoas. A história deles faz um contraponto com a despreocupação e a amoralidade aparentes de Casanova. Durante aqueles meses, quando assistiu a um trabalho de parto escondido, à entrega de um bebê a um orfanato, ao assassinato acidental de uma freira e fez propostas indecorosas a duas atrizes prostitutas, para não mencionar o evento com o camareiro aleijado, Casanova foi levado às lágrimas diante dos apuros de uma mulher fugitiva e deu a ela a maior parte de seu dinheiro.

Ele seguiu viajando. Foi para Marselha, depois para Antibes, onde deixou a carruagem recém-comprada (três anos mais tarde iria buscá-la), para viajar de *felucca* pela costa italiana. Levava consigo uma criada, que conhecera em Marselha, Rosalie, a quem vestiu e fez se passar por sua dama de companhia. Desceram em Nice devido ao mau tempo, porém chegaram a Gênova no auge do verão. Ao desembarcarem, encontraram-se com um astro da *commedia* veneziana, que no mesmo instante reconheceu Casanova

> chegando a Antibes em uma esplêndida carruagem, na companhia de outra viajante [Rosalie].

> Gritti [o famoso Pantaleão] o viu e correu em sua direção com os braços abertos. O aventureiro assumiu um ar grave. Lançou-lhe um olhar severo e disse: "O senhor está enganado. Sou o *chevalier* de Saint-Galle." Gritti ficou espantado, mas antes que pudesse se recuperar da surpresa o pseudocavaleiro lhe deu uma piscadela, como a dizer: "Ouça, olhe, porém fique calado."

Era nesse estilo que Casanova costumava viajar. Logo o veneziano Luigi Gritti se apresentou a ele assim que se deu conta da importância de colaborar com a manutenção daquele título improvisado. Casanova ofereceu a ele sua tradução para o italiano da *Écossaise* de Voltaire, que Pietro Rossi, diretor de Gritti, propôs-se a produzir. Mais tarde naquele verão, o próprio Casanova subiu ao palco para uma leitura de uma obra sua, interpretando Murray, o personagem principal.

De Gênova ele partiu para Florença, Roma e Nápoles, passando por Livorno e Pisa naquele inverno. Ele queria chegar a Florença a tempo para o Natal. Ali, "Bellino", atuando no palco como Teresa Lanti, apresentou-o ao seu filho, Cesare Filippo, agora com 16 anos. Aquela família nada convencional tinha relações com o cônsul britânico, Horace Mann, que desde 1737 residia em Florença e era um novo admirador da obra literária de Casanova. De acordo com a longa tradição dos italianófilos ingleses, ele colecionava antiguidades e estudava o idioma italiano, tendo inclusive contribuído na tradução que Casanova fez para a *Ilíada*. Casanova nos deixou uma descrição dos jardins, dos quadros e do delicado estilo de vida de Mann.

A tendência de Casanova se deixar levar por seus ímpetos quase foi subvertida naquele momento por outro encontro casual, desta vez com um clérigo político que ele conhecera no Vaticano ainda em sua juventude: o abade português Da Gama, que lhe propôs trabalhar para os interesses portugueses no próximo Congresso de Augsburg, com o objetivo de reorganizar a Europa durante o encerramento da Guerra dos Sete Anos. Casanova estava mais uma vez sem dinheiro. Foi forçado a sair de Florença após um escândalo financeiro no qual se envolveu. Ainda existem registros policiais sobre o caso, embora Casanova talvez fosse inocente. Ele chegou a Roma para o Natal.

Fazia 15 anos que ele saíra de lá, mas ao retornar à Piazza di Spagna, encontrou-a quase inalterada. Hospedou-se na Villa de Londres, na parte

baixa das Escadarias Espanholas, por recomendação do irmão Giovanni, que, como Francesco, também era um artista e estudava em Roma sob a orientação de Raphael Mengs. Foi por meio de Giovanni que Casanova entrou em contato com uma Roma ligeiramente diferente. Ele passou algum tempo na companhia de Mengs, diretor da Academia de Pintura de Roma, e também com Johann Winckelmann, que dizem ter tido grande influência na criação do estilo hoje conhecido como neoclassicismo. Winckelmann era curador da grande coleção de antiguidades sob a supervisão do cardeal Alexander Albani, na Villa Albani. Casanova inspecionou pessoalmente a coleção, viu os trabalhos que estavam sendo realizados no teto, pintado por Mengs, e também a obra de seu irmão para os *Monumenti inediti* de Winckelmann.

Casanova, o bibliófilo cada vez mais dedicado, também saiu de seu roteiro para revisitar a Biblioteca do Vaticano, e ali presenteou o curador, o cardeal Passionei, com um livro valioso, o *Pandectorum liber unicus*, que ainda faz parte da coleção do Vaticano. Isso lhe proporcionou uma audiência com o novo papa, Clemente XIII, a quem fez rir, tal como fizera com seu antecessor, contando casos de padres menores. O papa e Casanova tinham se conhecido rapidamente em Pádua, e o *palazzo* da família de Clemente em Veneza, o Ca'Rezzonico, ficava, como ainda hoje, do lado oposto ao Malipiero e ao Campo San Samuele, onde Casanova brincava quando criança. Aparentemente, foi graças a seu presente para a biblioteca, e não por sua divertida companhia, que o papa conferiu a ele a ordem papal da Espora de Ouro. Não era a mais alta das honrarias, mas já era alguma coisa para o filho de uma atriz. Além disso, deu a Casanova o direito de usar o título de "*chevalier*", com o qual já vinha viajando por vários anos.

Enquanto estava em Roma, fez investigações na paróquia de Minerva a respeito da família Monti e de Cecilia e suas filhas, em particular Anna Maria Vallati. A mãe tinha morrido, e a família se dispersara, mas Anna Maria, agora viúva, segundo informações estava perto de Nápoles, um dos motivos de Casanova ter viajado para o sul.



Em Nápoles, como sempre, Casanova foi ao teatro. Seu relato é

historicamente preciso e comprovável: era a festa de gala pelo décimo aniversário do rei menino, Fernando IV de Nápoles, o primeiro no recém-unificado Reino das Duas Sicílias. Era 12 de janeiro de 1761 e estava sendo apresentado o espetáculo *Atillio Regolo*, de Metastasio. O duque de Matalone o apresentou à sua amante, que Casanova chama de Leonilda, uma amante apenas nominal, já que todo mundo sabia que o duque era impotente. Seu primeiro encontro com Leonilda foi, para Casanova, um verdadeiro *coup de foudre*, ao menos é assim que ele o apresenta em suas memórias. Talvez algo naquela situação única, frustrante e artificial que ela vivia o tenha atraído, mas ele concluiu com muita rapidez estar apaixonado por ela, e pediu que o duque a liberasse. Aqui há uma pista de que ele não estava negociando, como mais tarde escreveu, a mão de Leonilda em casamento, mas que pretendia substituir o duque como seu amante. A resposta que obteve foi que ele teria de pedir à mãe de Leonilda, que morava perto de Nápoles.

Quando eles se conheceram, tudo mudou: a mãe de Leonilda era Anna Maria Monti-Vallati, e a moça era a própria filha de Casanova, agora com 17 anos. Casanova deixou de lado quaisquer pretensões de negociar os favores de Leonilda, mas a atmosfera incestuosa da situação não recrudesceu. Anna Maria levou para a cama o seu antigo amante, que agora estava com 36 anos, mas fez isso na presença da filha deles, segundo Casanova. O que parece certo é que eles conversaram sobre o restabelecimento do caso amoroso e até falaram em se casar. Anna Maria continuou escrevendo para ele pelo resto da vida e ofereceu-lhe consolo e repouso nos anos que estavam por vir. Mas em 1761 ela disse que só aceitaria se casar se Casanova consentisse em se fixar em Nápoles.

Fixar-se jamais fez parte dos planos de Casanova. Ele deixou para a atordoada Leonilda — reunida ao pai, porém em circunstâncias extremamente perturbadoras — 5 mil ducados para um possível dote. Ela ainda era virgem, apesar de sua posição, e ele queria vê-la casada, ou pelo menos mais bem-colocada do que como amante de um homem impotente. Depois, pegou o *vetturino* para Roma, na Strada di Toledo, tal como fizera 18 anos antes, com a viagem de seis dias para Roma pela frente.

Desta vez, ele ficou apenas o suficiente para providenciar cartas de apresentação e recomendação com amigos, antigos e novos. Seu irmão

Giovanni deu-lhe um camafeu para que presenteasse o dr. Maty, do Museu Britânico, em Londres. Pode ter sido uma falsificação em ônix de um antigo Sostratus, que ainda faz parte da coleção. Ele estava com a intenção de tentar a sorte mais ao norte.

De Florença ele viajou para Bolonha, e de lá para Módena, Parma e Turim, onde permaneceu até maio de 1761. Ali, voltou a se corresponder com o abade da Gama para se inteirar da posição da delegação portuguesa em Augsburg. Foi esse o início do complexo relacionamento de Casanova com a política de Portugal, da Espanha, da Santa Sé e dos jesuítas — que logo viriam a ser expulsos da Europa, com a exceção da Rússia "iluminada". Da Gama estava trabalhando com o português marquês de Pombal, com quem mais tarde Casanova iria colidir em uma de suas viagens, e precisava de homens como Casanova na delegação que iria defender os direitos de Portugal: poliglotas, formados pela Igreja, experientes em política secular e mercenários.

Na viagem rumo ao Congresso da Paz, Casanova passou por Chambéry, onde mais uma vez ele encontrou M.M., a freira de Aix-les-Bains, e proporcionou-lhe um suntuoso jantar no convento — com uma metade da mesa no interior do claustro e a outra do lado de fora. Dali prosseguiu para Lyon, Paris e Munique. Em Turim, enquanto esperava instruções de da Gama, ele caiu no meio de um grupo local de libertinos e maçons, entre eles um certo conde Gian Giacomo Marcello Gamba della Perosa (nas memórias, de la Pérouse), que manteve correspondência com Casanova pelo resto da vida.

Em Paris, *en route* para Augsburg, Casanova convenceu a marquesa d'Urfé a lhe emitir uma letra de crédito no valor de 50 mil francos. E também providenciou a encomenda de caixas de rapé e relógios cravejados de joias para presentear os delegados do congresso. Disse-lhe que isto possibilitaria conseguir com lorde Stormont a libertação, pela Inquisição de Lisboa, de "Querilinte" — o rosa-cruz que ele próprio inventara. Ela concordou, mas Casanova só recebeu o dinheiro em espécie. As joias foram roubadas por um secretário contratado por ele.

Ele prosseguiu até Augsburg apenas para verificar que o proposto

congresso fora cancelado. As negociações entre Frederico o Grande e a Grã-Bretanha foram interrompidas e a guerra se arrastou por mais três anos. Foi um momento extremamente ruim também para Casanova. Ele podia não ter, de imediato, utilidade alguma para da Gama ou para o governo português, e de novo não estava se sentindo bem, pois a caminho do congresso, mais precisamente em Munique, contraíra outra doença venérea de uma dançarina chamada Renaud. Pode ter sido um magro consolo para ele saber que tanto aquela infecção quanto suas atividades políticas de nada valiam se não estivessem bem-relacionadas: Renaud era esposa do joalheiro Boehmer, arruinado pelo caso do colar de pérolas que tanto prejudicou a reputação da rainha francesa Maria Antonieta.

De volta a Metz, vindo de Paris, para apanhar La Corticelli, ele então seguiu para o castelo d'Urfé, em Pontcarré, e daí até Aix-la-Chapelle, dando continuidade ao demorado trabalho de "regeneração" da marquesa d'Urfé. Casanova estava em Aix-la-Chapelle no início de maio de 1762 com a sua tranquila turma de *curistas*, um dos quais, ao que parece, uma certa mademoiselle Lambert, ele seduziu enquanto esperava a chegada da marquesa. Então viajaram juntos até Besançon, antes de se separarem temporariamente, enquanto ele ia a Gênova apostar o dinheiro dela e dar prosseguimento a um caso amoroso iniciado antes, com "Hedwig", sobrinha de um pastor protestante, e sua prima Helen. Esse *ménage à trois* com essas mulheres, provavelmente Anne Marie Maya, que tinha então 31 anos, e sua prima não identificada, está entre as passagens mais eróticas das suas memórias, e por isso mesmo uma das mais discutidas. Infelizmente, o antigo e antipático editor Laforge perdeu a cópia original, e assim só temos a versão dele dos fatos.

Casanova regressou a Turim em setembro de 1762, via Lyon e Chambéry, e permaneceu lá durante todo o inverno de 1762-63, gastando o dinheiro da marquesa e o que pôde acumular nas mesas de jogo da cidade. Ficou amigo de lorde Hugh Percy, o barão Warkworth, filho do conde e da condessa (mais tarde duque e duquesa) de Northumberland. Percy, que estava fazendo o *Grand Tour*, porém se demorava mais em Turim do que poderiam justificar os tesouros artísticos da cidade, a fim de dividir os favores que uma dançarina chamada Agathe concedia também ao *chevalier* de Seingalt. Finalmente,

os dois homens negociaram a amante: Percy prometeu a Agathe 2 mil guinéus para que ela se afastasse de Casanova. Também deu a este um retrato seu em miniatura, emoldurado por diamantes, normalmente uma prova de amor, destinado à mãe de Percy como uma "carta de recomendação" de Casanova em Londres. Só um inglês, anotou Casanova com aprovação, tentaria um gesto tão grandiloquente, com seus floreios teatrais tão conhecidos e o desdém pelo dinheiro característico de um cavalheiro.

No começo de 1763 Casanova encontrava-se em Milão, que reconhecidamente produzia um Carnaval melhor que o de Turim. Ali ele também se divertiu com muita pompa. Comprou roupas para bailes de máscaras e ofereceu jantares dispendiosos. Passou algum tempo fora da cidade, no castelo da família Attendoli-Bolognini, perto da cidadezinha de San Angelo. Quando a irmã da castelã, Angela Gardini, que Casanova alternadamente chama de Clementine e de Hebe, apareceu, assim como Hedwig em Genebra, para compartilhar o seu amor pela literatura e a teologia, ele a presenteou com quase uma biblioteca inteira de livros, paga com seus lucros no jogo. Ao acompanhar as duas irmãs no Carnaval de Milão, comprou fantasias para todos, que mandou recortar completamente e de novo costurar com adereços mais luxuosos, a fim de deixar os habitantes tontos com sua riqueza. Sua recompensa, é claro, foi que prontamente Angela foi para a cama com ele, enquanto a irmã dormia, ou fingia dormir, ao lado.

Ele seguiu para Marselha, por ordem da marquesa d'Urfé e pelo chamado da necromancia, o que por sua vez o levou a Gênova, de barco, e novamente de volta a Antibes com seu grupo de conspiradores cada vez mais numeroso: o irmão Gaetano, a amante dos dois, Marcolina, e Passano, o secretário, que em breve se voltaria contra ele. No caminho de volta para a França, a travessia por mar ficou tão difícil que a *felucca* teve de parar em Menton, que então fazia parte do principado de Mônaco. Era um refúgio nada incomum, e a partir de lá Casanova seguiu viagem até Paris através de Aix-en-Provence.

Sua carruagem, entretanto, quebrou logo depois de passarem pelo posto de troca da *Croix d'Or*, perto de Aix, o que por pouco não o lançou de volta aos braços de "Henriette". Os estrangeiros costumavam se hospedar perto da estrada real, em um castelo da localidade — o *château*

da família Alberta ou Gueydan Margalet. “Henriette” tinha voltado para lá, para o seu difícil casamento e para seus filhos, depois do caso com Casanova em 1749. Desta vez eles não se viram. Assim que ouviu pronunciarem o nome dele, desesperada para evitar qualquer escândalo, ela enviou um bilhete por Marcolina ao “homem mais honesto que já conheci”, no qual o advertia que continuava precisando da discrição dele. Mas ela não precisava se preocupar: a consideração que Casanova tinha por ela era tamanha que ele queimara todas as cartas deles, exatamente como ela pedira. Quando a carruagem foi consertada, ele seguiu para Lyon e Paris.

Ao finalmente retornar à sua residência na rue du Bac, em Paris, em maio de 1763, após uma ausência de seis meses, um grande número de cartas o aguardava, nenhuma das quais muito bem-vinda. Enquanto sentava-se para as abrir, ainda em trajes de viagem, duas lhe chamaram a atenção. Ambas eram de Teresa Imer, de Londres, que agora assinava “Mrs. Cornelys”. Na primeira, ela solicitava educadamente a volta do filho Giuseppi para Londres. Na segunda, escrita por não ter obtido resposta à primeira, ela insistia para que Casanova o enviasse de imediato.

Havia muito que Casanova contemplava uma viagem à cidade que crescia com maior rapidez em toda a Europa. As cartas de Teresa lhe incutiram a determinação de fazer nova fortuna em Londres. Essa intenção, entretanto, não o impediu de continuar retirando somas substanciais em ordens bancárias da marquesa d’Urfé e de se encher de joias e roupas que ela lhe presenteava e que lhe permitiriam apresentar-se em Londres como um aristocrata.

Giuseppi, o “conde d’Aranda”, foi convencido, ou melhor, iludido, a também viajar.

QUARTO ATO, CENA III

Londres

1763



"Uma dama … sozinha poderá acomodar-se imediatamente em um primeiro andar aconchegante, mobiliado com extrema elegância … e que apresenta algumas vantagens peculiares. Fica agradavelmente situado em Pall Mall … pode ser ocupado agora mesmo e será entregue em condições muito razoáveis … mais por motivos de companhia do que propriamente pelo lucro. Favor informar-se do outro lado da rua, na Loja de Brinquedos do sr. Deard, em Pall Mall."
O ANÚNCIO DE CASANOVA À PROCURA DE UMA AMANTE, 5 DE JULHO DE1763

O ANÚNCIO DE CASANOVA em busca de um inquilino — o ideal seria uma mulher sozinha, capaz de ler nas entrelinhas — foi publicado na segunda página do *London Gazetteer and Daily Advertiser* de 5 de julho de 1763, junto com outros dirigidos a leitores mundanos, em meio a anúncios como os de "correias para amolar navalhas" ("certifique-se de que são mesmo 'Correias Cudworth'") e o da nova casa de banhos "Dog-&-Duck-Pleasure-Baths", com sua "maravilhosa tintura antivenérea". Evidentemente, o *Gazetteer* não era o tipo de leitura indicada para as filhas de um vigário de província. Por que motivo iria um italiano notável, rico e bem-relacionado, alugando uma dispendiosa casa em Pall Mall, colocar um anúncio à procura de inquilino?

Casanova era, antes de qualquer coisa, católico em sua abordagem do amor, da vida e da aventura. No decorrer de sua permanência de nove meses na maior e mais rica cidade da Europa, conduziu negócios com seu senhorio português e com uma família de aristocratas. Além disso, uma prostituta do Soho deixou seu coração partido. Quando foi embora,

estava milhares de libras mais pobre, tinha sido censurado pelos magistrados da Bow Street por provocar desordem e chegara até a pensar em suicídio, no parapeito da nova ponte de Westminster. Foi uma estada dramática.

Ele chegou à Inglaterra em um paquete particular de aluguel, vindo de Calais, em 11 de junho de 1763, acompanhado pelo duque de Bedford, embaixador que retornava de Versalhes e viajava como convidado. Ficou imediatamente cativado pelo país, por suas estradas, carruagens e seu povo, pois "todos se acham superiores aos demais". Londres era limpa, ordeira e, apesar de tudo o que ouvira dizer, aberta aos estrangeiros e aos que ali procuravam se estabelecer. Passadas apenas duas horas de sua chegada à cidade, encontrou uma mansão em Pall Mall já com governanta, embora na verdade tenha seguido as orientações do autor italiano Vincenzo Martinelli, a quem conheceu na cafeteria Prince of Orange, no Haymarket — um clube para a grande comunidade italiana do West End.

A mansão era "perfeita" em todos os sentidos, com banheiro em todos os quartos, muito admirados por ele. Não era ali, no entanto, que Casanova pensava em ficar. Por ter reunido o jovem conde d'Aranda com sua mãe, Teresa, que agora vivia como Mrs. Cornelys, na praça do Soho, ele presumiu que seria bem recebido, como um distinto hóspede da casa. Afinal, Teresa e ele tinham uma filha de dez anos, Sophie. Além disso, Casanova sem dúvida se saíra muito bem proporcionando a Giuseppi, então com 18 anos, uma educação parisiense refinada, um título de nobreza amplamente aceito, embora fictício, e, durante alguns anos, o interesse senil de uma das mulheres mais ricas da Europa. No entanto, embora tenha seguido direto para a residência situada na parte leste da praça do Soho (ficava no lado oposto ao da então embaixada de Veneza), não o receberam de braços abertos. Na verdade, Teresa o deixou esperando por tanto tempo que por fim ele saiu para perambular pelo Soho.

O que fazia Casanova em Londres, ou melhor, o que estava planejando? É possível encontrar pistas na versão manuscrita da *História da minha vida*, que, para um documento tão longo, não apresenta muitas rasuras. As que são visíveis são especialmente enganadoras. Quando ele narra a história de sua apresentação ao rei Jorge III e à rainha Charlotte

na corte, que aconteceu no palácio de Saint James no final daquele verão, diz ter sido anunciado pelo embaixador francês, "devido à minha naturalização". Esta passagem ele depois riscou. Não só ele estava usando um título francês, "*chevalier* de Seingalt", como de fato adquirira, por volta de 1763, um passaporte francês. Nas suas memórias, ele apagou isso. No final da vida, negou sua naturalização francesa, o que pode ter acontecido por causa do desgosto sentido por tudo que era francês depois dos excessos da Revolução, ou para proteger certos detalhes de seu passado que ainda tinha razões para negar: ele havia sido espião pago pelos franceses.

Existem outros detalhes específicos nos arquivos da Inquisição em Veneza, para onde Casanova começou a escrever de forma mais premente nesse período, na esperança de obter um perdão, baseando-se para isso em sua utilidade no exterior. Em uma carta enviada de Londres, datada de 1763, ele oferece segredos industriais — de novo a tintura da seda — que acredita ser de grande interesse para Veneza. Entretanto, é possível que ele também estivesse oferecendo o mesmo know-how, baseado nas novas tecnologias de Spitalfields,[a] aos franceses, de quem continuava a receber salário.

Mais tarde naquela noite ele retornou à praça do Soho, era uma segunda-feira, 13 de junho, para a casa onde deixara Giuseppi dormindo, a esperar pela mãe. Ali, Teresa Cornelys, *née* Imer, a mais importante *hostess* de Londres, afinal fez sua aparição.

Os anos não lhe tinham sido muito gentis em termos físicos: ela estava com 40 anos, e ficando corpulenta. Porém, Londres a viu juntar e arriscar várias fortunas naquele novo negócio de dirigir o que veio a se transformar em um clube fechado, que funcionava na sua luxuosa casa na praça do Soho. Havia uma verdadeira loucura pelos bailes de máscaras ao estilo veneziano, e pelos *ridotti*. Nos anos 1750, eles foram montados na Rotunda de Ranelagh Gardens e nos Vauxhall Gardens, mas esses lugares mostraram ser de acesso demasiado amplo para a alta sociedade londrina. Foi um golpe de gênio de Teresa, ao chegar a Londres alguns anos antes, inaugurar a Carlisle House Masquerades, que aparentemente eram festas "fechadas", realizadas na casa que ela alugara para esse fim na praça do Soho. A entrada era muito cara e estritamente controlada pelas damas da sociedade. A possibilidade de

alguém ter o ingresso negado era, como sempre, a maior atração, junto com o preço, que permitia uma generosa hospitalidade lá dentro. “Todo ano ofereço 12 jantares e 12 bailes para a nobreza”, enumerou Teresa para Casanova naquela primeira noite, e essa recordação dele é confirmada no *London Public Advertiser*. “As despesas”, prosseguiu ela, “são enormes.” Casanova estimou que ela devia ter uma renda de mais de 20 mil libras por ano.

Não se deve imaginar que o ambiente na Carlisle House fosse decadente, embora todo mundo ali usasse máscaras, ao estilo do Carnaval de Veneza. Teresa Cornelys podia ter vivido e amado por toda a Europa, e ter tido filhos com mais de um pai, mas para o mundo ela apresentava um comportamento muito respeitável. No fim, seus concertos por subscrição, que misturavam a nata da alta sociedade com suas amplas relações no mundo da música, produziram um impacto profundo na história musical de Londres. Ela possuía um conhecimento verdadeiramente enciclopédico da música italiana e alemã, e introduziu em Londres as obras de Johann Christian Bach. Chegou a tentar promover na Carlisle House um concerto para os “fenômenos infantis”, os filhos de Leopold Mozart: a pequena Maria-Anna e Wolfgang. Em termos modernos, ela era uma promoter e produtora, uma empresária do entretenimento, e com isso vieram o lucro e também o risco. Se antes ela era apenas a menina da casa ao lado em San Samuele, quando Casanova apareceu à sua porta no Soho, Teresa Cornelys havia se transformado em uma mulher de estilo, elegância e fortuna.

Ela o convidou para o último baile da temporada. Na verdade, a temporada já tinha terminado. Muitos aristocratas haviam deixado a cidade rumo a suas casas de campo, mas ela precisava esticar seu lucro ao máximo, antes dos meses sossegados do verão. Ela disse a Casanova que ele poderia se apresentar como tutor de seu filho e amigo dela, embora não fosse um aristocrata. Aquele foi mais um de uma série de pequenos insultos que, segundo Casanova, ele só suportou na esperança de ter permissão para passar algum tempo com a filha Sophie, “um prodígio” de dez anos. Era natural que Casanova e Teresa tivessem reservas um com o outro. Ao achar que Teresa iria apoiá-lo em sua *entrée* na sociedade londrina, descobriu que a situação dela era bem precária, tanto financeira quanto legalmente, e que estava enfrentando um

processo judicial dispendioso contra o “lorde Fermor”, a quem devia dinheiro pela mobília cara de seu “clube”.

Existem algumas dúvidas quanto à versão de Casanova para esses fatos, pois, embora Teresa Cornelys tivesse afinal entrado em choque com os credores enraivecidos, em 1763 ela gozava de relativo sucesso. Parece que ela teve outros motivos para lhe dar aquela acolhida tão fria. Não aprovava os modos parisienses de Giuseppi (parece ter sido uma mãe extremamente rigorosa) e proibiu Casanova de passar uma semana com a filha. Desconfiava, com razão, que ele queria ter acesso aos amigos dela, Teresa, na sociedade elegante do West End e da City, com o propósito de lançar outra loteria, e por isso não se sentia inclinada a ajudar.

Casanova retornou à Carlisle House no outro fim de semana, convidado para um jantar no qual sua filha estaria presente. Vestido com seus babados parisienses mais afetados, ele alugou uma liteira para ir até lá de sua casa, em Pall Mall, e seguiu acompanhado a pé por um criado contratado naquela semana, chamado Jarbe, que, por ser negro e trilingue, pegaria muito bem. O grupo causou boa impressão, como era de se esperar. Mas Teresa orientara a filha para que recebesse o *chevalier* de Seingalt com uma fria formalidade, e Casanova passou uma noite bastante complicada, tentando convencer a jovem de dez anos, inteiramente constrangida, a conversar com ele. Até certo ponto, Sophie se mostrou afável, mas só depois de uma série de críticas de seus pais. Este é um exemplo, entretanto, da consideração benevolente, embora excêntrica, que Casanova tinha com sua prole, e de sua vontade de demonstrar afeto por Sophie e de usá-la como instrumento em uma briguinha fora de hora com a ex-amante — a mãe dela. Ele guardou por toda a vida um bilhete da menina escrito em francês num papel cujas linhas ela mesma desenhara. Ali ela expressa um agradecimento formal por um presente que ele lhe deu, e também certa confusão por uma alegoria que não compreendera bem. Sophie foi sempre prudente e meticulosa, a vida inteira.

A narrativa de Casanova sobre Londres flui com a confiança tranquila de alguém que lembra de detalhes fundamentais e que sabe ter causado forte impressão em uma cidade tão famosa, tanto quanto a cidade causou nele. Assistiu a Garrick em Drury Lane, conheceu e conversou

com a rainha Charlotte, que falava francês bem, embora com quase toda a certeza não na data que ele menciona. Por meio de seus amigos, o dr. Maty, do Museu Britânico, e Vincenzo Martinelli, ele conheceu o dr. Johnson. Os dois discutiram sobre etimologia, possivelmente na Catedral de São Paulo, segundo uma fonte, e acerca da origem da palavra "comitê". Esse era o tipo de questão que vivia na mente do grande dicionarista, se não também na de Casanova. Ele andou para cima e para baixo tentando vender seus planos para uma loteria, e nos deixa nas memórias um testemunho único de tudo o que Londres pôde oferecer àquele elegante estrangeiro nos anos 1760: a comida, os mobiliários, a alta e a baixa cultura. Até que seu dinheiro foi todo embora.

A casa onde se instalou foi uma das mais luxuosas que ocupou fora de Paris. Além da governanta, que veio junto com o imóvel, e Jarbe, o "africano", havia também Clairmont, um *valet de chambre* trazido de Paris, uma criada, Fanny, e depois uma cozinheira francesa. Tudo isso lhe custou mais de 20 libras. Ele resolveu ir à Rotunda de Ranelagh, em Chelsea, onde a sociedade e o *demi-monde* se reuniam para concertos, danças e namoros. Aquilo era o verdadeiro "palácio encantado de um gênio". Foi uma noite sem novidades, a não ser por um incidente na volta para casa, cômico por provocar uma reflexão a respeito de Casanova, da época e dos ingleses.

Uma dama se ofereceu para levá-lo até Whitehall. Já era noite. Ele beijou suas mãos em agradecimento. Ela riu, então ele lhe beijou o colo, enquanto ela soltava risinhos, como ele recorda. Aí ele lhe deu "a maior prova de que a considero perfeitamente a meu gosto" e ela retrucou que eles voltariam a se encontrar. Quando isto aconteceu, na casa da lady Elizabeth Germain, na praça St. James, nº 16, Casanova ficou chocado ao ver que a mesma mão que ele pressionara sobre a sua "maior prova" agora se recusava a cumprimentá-lo. A dama, "da mais alta nobreza e reputação", redarguiu que embora se lembrasse perfeitamente dele, "aventuras assim não são motivo para as pessoas acharem que se conhecem". O esnobismo inglês foi um obstáculo inesperado ao progresso social e sexual de Casanova.

Seguindo o conselho de outro contato de Martinelli, Henry Herbert, conde de Pembroke, Casanova a princípio recorreu aos serviços profissionais de diversas damas de Covent Garden e St. James. Pembroke

recomendou-lhe uma série de cortesãs, e até sugeriu que ele deixasse alguns dos quartos superiores de sua casa para uma amante residente, coisa perfeitamente aceitável para os solteiros em Londres, segundo explicou. E insistiu para que Casanova fosse conhecer o escandaloso Shakespeare's Head, em Covent Garden, um *pub* e ao mesmo tempo um *bagnio*.[b] Ali se falava francês e se podia pedir moças, quartos particulares e cerveja. Casanova não gostou nem da cerveja nem das meninas. Por fim, também por intermédio de Pembroke, descobriu uma cortesã chamada miss Kennedy, cujo nome estava entre os das damas de Covent Garden listadas no Harry — o guia das prostitutas do West End — e cujo preço era muito menor do que os seis guinéus recomendados por Pembroke.

Segundo as memórias, havia várias semanas que Casanova não fazia sexo e então ele partiu para o ataque, no estilo que julgava ser o da cidade. Embora se saiba que ele descreveu o comércio sexual de Londres como o mais sofisticado da Europa, e uma verdadeira pechincha — "cama, banho, mulheres, uma magnífica devassidão!" — , após algum tempo aquilo perdeu toda a intensidade e ele foi procurar romances que o satisfizessem mais. Não antes, no entanto, de inspecionar os *bagnios* na companhia de Pembroke, os acessíveis encantos das depravadas irmãs Garrick, do bordel de Mrs. Welch, em Cleveland Road. Chegou inclusive a ser convidado para um encontro rápido com Kitty Fisher, a mais famosa cortesã de Londres, "coberta de diamantes, no valor de 500 mil francos", enquanto ela aguardava pela chegada de um duque real. Casanova recusou, não por causa do preço — disseram-lhe que ele poderia fazer sexo com ela por dez guinéus, enquanto o duque não aparecia — mas sim porque eles não tinham uma linguagem com a qual se comunicar, e o "amor sem linguagem é um negócio feio". Talvez ele se sentisse lisonjeado com aquela oferta tão barata. Deram-lhe a entender que naquela manhã Kitty "embolsara uma nota de mil guinéus … ou," como sabiamente ele coloca, "foi isso o que ela disse".

Um testemunho da aparente riqueza e do status de Casanova nesse período é o fato de seus conhecimentos londrinos não pertencerem apenas à sua roda habitual de *demi-mondaines*, estrelas da ópera, cabalistas e maçons, mas também às faixas da aristocracia com as quais ele se sentia à vontade: homens e mulheres da nobreza, de vida nada

convencional, como Pembroke, Bedford e, mais tarde, vários membros das famílias Hervey e Fitzroy-Stanhope — os condes de Bristol e Harrington, respectivamente. Lady Harrington, nascida Fitzroy, recebeu uma carta de recomendação de Casanova, enviada pelo veneziano Francesco Moroni. Ela o apresentou à condessa de Northumberland, a quem ele entregou o retrato em miniatura do seu filho Hugh Percy, lorde Warkworth, que conhecera em Turim no início daquele ano. Isso colocou Casanova bem no centro de um círculo que não conhecia limites.

Lady Hervey, que desde muito tempo era a esposa secreta do conde e com quem Casanova veio a ter um sólido relacionamento, fora antes a famosa miss Chudleigh, dama de honra da princesa de Gales, supostamente arruinada por seu casamento anterior com Hervey, mas que se tornara amante do duque de Kingston e favorita do rei por volta de 1763. Lady Hervey e Teresa Cornelys eram amigas antigas. Lady Harrington ficara célebre em sua juventude por "suas galanterias", pois, segundo Casanova, ela fora de tal modo promíscua e democrática em seus favores que a conheciam em Londres como a "Messalina dos Estábulos".

Suas filhas seguiram-lhe o exemplo: várias dormiram com Casanova. Em Northumberland House, ele caiu quase instantaneamente na agradável companhia de lady Rochford, cujos "inúmeros casos amorosos", segundo ele recorda, "proporcionavam todos os dias novos temas de conversas". Ele se tornou íntimo de praticamente todos os participantes do que mais tarde se tornou o "mais notório escândalo matrimonial [britânico]" do século XVIII, quando Elizabeth Chudleigh foi acusada de bigamia com o duque de Kingston por ter sido legalmente casada com Augustus Hervey, mais tarde conde de Bristol, que por sua vez dividia uma amante, Kitty Hunter, com Henry, conde de Pembroke, o amigo de Casanova. Ele havia, afinal, encontrado o seu verdadeiro ambiente: as classes superiores londrinas, dissolutas, ociosas e cultas de meados do século XVIII. Ou assim parecia.

Não foi como tutor do filho de Teresa que ele se apresentou no baile de Carlisle House, mas como o novo e sofisticado acompanhante de lady Harrington. Teresa desempenhava o seu papel de *hostess* da alta sociedade, e assim apresentou Casanova como o homem que havia cuidado de seu filho em Paris. Lady Harrington percebeu imediatamente

o frisson que havia entre a famosa Mrs. Cornelys e Casanova, e o provocou quando Sophie, que apresentava uma nítida semelhança com o pai, foi trazida para dizer boa-noite aos convidados. Ela e Casanova dançaram um minueto no salão — uma imagem sem dúvida estranha: um homem alto e moreno com uma jovem tímida de dez anos. Giuseppi, que agora se chamava Joseph Cornelys, era uma figura ainda mais estranha: não conseguia falar bem o inglês, sentia saudades de Paris e do *hôtel particulière* da marquesa d'Urfé. Passou a noite toda num canto do salão.

Casanova seguiu outro dos conselhos de Pembroke e publicou um anúncio procurando um "inquilino" para os quartos superiores de sua casa (ele se lembra como sendo no terceiro andar, mas de fato eram no primeiro). Ficava evidente, para qualquer pessoa que lesse o anúncio, que devia haver alguma outra situação não expressa naquela residência. A mulher que respondeu ao anúncio estava além da esperança imediata de respeitabilidade, pois penava devido a duas características nada vantajosas em Londres: ser uma noiva abandonada e uma portuguesa católica. Entretanto, ela chegou em uma liteira, falava diversas línguas, inclusive o italiano, e logo se ajeitou nos pequenos aposentos da casa de Pall Mall, pedindo que mandassem embora qualquer pessoa que viesse procurá-la. Começou então uma história que se desenvolveu bem ao estilo da *História da minha vida*, uma história de conveniência em que uma das partes, Casanova, convenceu-se que estava apaixonado. Ele representou um papel para Pauline, é assim que se refere a ela, bancando o *pater familias* de Pall Mall, com a pequena Sophie interpretando relutantemente o papel de filha. Certa vez, a menina foi enviada para pedir dinheiro a Casanova. Sophie passou algumas noites na casa, com Pauline e seu pai, os três nos papéis de mãe, pai e filha destinados a eles pelos demais moradores.

Pauline era nobre, educada e linda, mas também vulnerável, como Henriette. Tinha fugido de uma espécie de prisão domiciliar. Não parece provável que tenha se apaixonado por seu senhorio. Tampouco se entregou logo àquele jogo de namoro doméstico, até acontecer um oportuno acidente de carruagem, perto de Green Park, que pôs Casanova de cama por alguns dias, com Pauline de enfermeira e um escasso material de leitura — sua coleção de obras "filosóficas", isto é, eróticas.

Pairam algumas dúvidas sobre a descrição que Casanova faz da mulher de cabelos negros que morou com ele em Pall Mall, pois embora ele declare que a história dela seria familiar a qualquer um que conhecesse a sociedade de Lisboa, sua identidade já deixou muitos pesquisadores desnorteados. Ainda que, com quase toda a certeza, certos elementos de seu passado constituíssem uma invenção dela, ou de Casanova — como suas ligações com o marquês de Pombal e com uma princesa brasileira — , Casanova estabelece a sua história com verdades que podem ser comprovadas. A capela onde ela e a comunidade portuguesa assistiam à missa, perto da Golden Square, existe até hoje, e a noite em que, de acordo com o seu relato, ele a viu nua pela primeira vez, através das cortinas de musselina da cama, em Pall Mall, 24 de julho de 1763, foi realmente uma noite de lua cheia.

O caso prosseguiu até o início de agosto, quando ela retornou para Portugal atravessando a França. Nas memórias, a narrativa londrina entrelaça essa história com o interesse contínuo de Casanova em desempenhar o papel de pai de Sophie. Foi uma passagem infeliz na estranha trajetória de vida da moça. Ela foi usada como joguete nos diversos estratagemas de sua mãe e acabou como distribuidora de esmolas da realeza em Cheltenham. Em 1763, ela adoeceu ou sofreu uma depressão, que provocou uma séria perda de peso. Já se sugeriu que fosse anoréxica. Casanova interveio, conversou seriamente com Teresa, que acabou concordando em enviar “a nossa filha” para um internato para moças em Hammersmith.

Casanova e Teresa nunca mais se encontraram depois de 1763, mas ele viu o filho dela na Itália, seis anos depois. A vida de Teresa foi um verdadeiro jardim das delícias, no sentido do século XVIII, repleto de alegrias e espetáculos, dívidas e comportamento anormal. Por algum tempo, foi uma das mais ricas plebeias de Londres, mas terminou seus dias vendendo leite de burra em Knightsbridge, antes de uma curta passagem pela prisão de Fleet e de um túmulo de indigente. A história de Sophie foi relatada a Casanova anos mais tarde por um colega de escola. Mas eles também nunca mais se viram.

Ópera italiana, pintores judeus, criados africanos poliglotas, produção de bailes… Casanova desenha uma Londres diversificada e cosmopolita, e por isso não é de estranhar que acabasse se deparando com outros

imigrantes sem posses do continente que ele já conhecia. Uma dessas pessoas, Marie Anne Geneviève Augspurgher Boulainvilliers Charpillon, uma cortesã franco-suíça, por pouco não acabou com sua vida, mas certamente transformou-a para sempre. Se Londres foi o local da crise de meia-idade de Casanova, Marie Anne Charpillon foi seu agente catalisador.

Casanova a conhecera, a ela e sua família, em Paris, onde eram conhecidos como os Boulainvilliers. Marie Anne era de uma beleza tão estonteante, mesmo no início da adolescência, que um mulherengo como Casanova não podia deixar de notá-la — o que na verdade era a intenção dela. Ela, a mãe, as tias e a avó eram todas beldades profissionais. Décadas antes, a avó e as filhas tinham sido expulsas de Berna, na Suíça, por comportamento imoral. Os livros de registro de Holborn comprovam que, por volta de 1763, elas se estabeleceram como prostitutas na rua Denmark, na paróquia de St. Giles — na verdade, no Soho. Foi ali que Casanova reatou suas relações com a família. Marie Anne tinha apenas 18 anos, mas já havia sido sustentada pelo embaixador veneziano Morosini, que dera a Casanova uma carta de recomendação para ela quando ambos se encontraram em Lyon, escrita naquele estilo cortês e epistolar do comércio sexual do século XVIII.

Marie Anne Charpillon fazia o jogo do amor e do desejo com um olhar profissional e cínico. Pembroke advertiu Casanova contra ela: pagara-lhe para caminhar com ele por uma das aleias escuras de Vauxhall Gardens, expressamente projetadas para esse tipo de função, mas Marie Anne fugiu com o dinheiro e ainda riu dele. Isso mostrava a disposição dela para jogar pesado e sujo no negócio da família. Ela sabia quanto valia. Era jovem, tinha olhos negros, cabelos castanhos e abundantes, além dos atributos normalmente admirados na sua idade, e as mãos e os pés eram extremamente delicados. Se os seios eram pequenos, observou o especialista Casanova, eram entretanto muito bem formados, e ela tinha graça e nobreza, presumivelmente herdadas do marquês de Saint-Soire, seu pai natural. Já estava estabelecida como a primeira grande *horizontale* de Londres, a francesa dos sonhos, e dispunha de pouco tempo para Casanova.

Ela lhe comunicou que pretendia mesmo atormentá-lo, ganhar o seu amor para depois maltratá-lo. Seria isto um jogo amoroso, uma máscara

de dominadora que ela devia usar com um jogador como Casanova? É mais provável, porém, que ela já percebesse aquilo que ele próprio mal começava a notar, ou seja, que por debaixo da sua impressionante carapaça de autoconfiança algo mais vulnerável começava a emergir: o homem que reconhecia o ridículo de sua posição, sua autoexaltada fantasia, o absurdo da vaidade masculina e o esmorecimento do desejo. E ela sentia o poder de zombar da potência sexual dele no exato momento em que esta começava a se distanciar do apogeu. “Eu sabia”, declara ele de maneira melodramática, “que aos 38 anos eu já tinha começado a morrer.”

O drama se desenrolou como uma peça teatral. Ele a convidou para sua casa e começou a propor as condições. Uma vez que todos naquela vasta família eram europeus em trânsito, alguns dos membros deviam dinheiro a Casanova. As coisas se passaram com muita rapidez. La Charpillon deixou bem claro que esperava ficar instalada como sua amante numa bela casa em Chelsea, tal como acontecera quando Morosoni fora seu protetor, com direito a mesada e criados. Casanova concordou. A mãe de Charpillon, sua cafetina, redigiu o contrato, recebendo como sinal 100 guinéus de Casanova. Se isso pode parecer friamente comercial, não passa, entretanto, de uma recordação clara da forma como, em Londres, eram feitos os contratos entre os cavalheiros de posses e as cortesãs profissionais até meados do século XIX. Casanova conservou as cartas de Marie Anne, e elas ainda estão no arquivo de Praga. Com um tom surpreendentemente petulante e imaturo, não é pouco o que ela consegue: critica-o com frequência por seus modos e sua falta de consideração, mesmo depois de ter aceito seu dinheiro para ajudar “a mãe, a avó, as tias e um homem que ela diz ser seu pai”.

Entretanto, ela resolveu ignorar certos aspectos essenciais do contrato. Não queria fazer sexo com Casanova. Na verdade, ela o repeliu quando ele percebeu que ela mentia dizendo estar menstruada. A coisa ficou feia: ela bateu nele, gritou-lhe os piores insultos e ele a deixou com o nariz sangrando. Ela e a mãe ameaçaram-no com um processo judicial, insinuando que iriam acusá-lo de sodomia — um crime muito mais grave do que o espancamento e que, aparentemente, não constava do catálogo tão liberal de suas predileções sexuais.

Depois de alguns dias, as coisas começaram a fazer sentido. A família

Augspurgher-Charpillon queria que Casanova devolvesse as letras de câmbio que constituíam a prova de que elas lhe deviam mais de 4 mil libras francesas.

Marie Anne e Casanova trocaram cartas cheias de elogios mútuos e elaborados. As coisas pareciam ter se arranjado. Ela disse que eles poderiam ir para a cama juntos, caso ele desistisse das letras de câmbio. Ele concordou. Ela chorou de gratidão, e eles foram para a cama, porém mais uma vez ela se negou a entregar-se a ele. Para Casanova, aquela era uma experiência desconhecida. Era também uma infração no contrato, mas ele sabia que devia desempenhar o papel do noivo persuasivo, e não o do cliente honesto. E lhe deu novos presentes. Ela escreveu lindos bilhetes de agradecimento, num francês muito ruim.

Por fim, Casanova sentiu que tudo chegara a um ponto que ia além da simples brincadeira. Mas enquanto declarava a Pembroke e ao *chevalier* Ange Goudar, entre outros, que estava perdidamente apaixonado, parece mais provável que seu orgulho e sua vaidade estivessem feridos, assim como seu bolso. Agora ele desejava La Charpillon por motivos diferentes dos habituais.

Em uma *fête champêtre* que começou em Richmond, nos jardins de *Star and Garter*, com sua famosa vista sobre o Tâmisa, e ao que parece prosseguiu em Hampton Court Palace, no labirinto Tudor, La Charpillon continuou sua elaborada guerra para dobrar o orgulho de Casanova. Primeiro partiu para um "ataque amoroso em escala total", rolando com ele pela grama e permitindo-lhe uma visão completa de seu corpo, de forma que "tudo desse certeza [a ele] de que ela seria" sua. Mas de novo, no último instante, ela o rejeitou. Num momento de loucura, do qual se arrependeu na mesma hora, ele a ameaçou com seu canivete de bolso, mas logo se pôs de pé, apanhou o "chapéu e a bengala" e eles retornaram aos espaços abertos, mais públicos, assumindo ar de turistas perdidos.

Regressaram a Londres. Casanova exigiu a devolução das letras de câmbio. A família recusou, declarando que poderiam considerar a possibilidade de devolvê-las por Marie Anne só depois que Casanova aprendesse a "respeitá-la". Tomado de fúria, ele foi até a rua Denmark, invadiu o quarto e encontrou Marie Anne nua com o seu cabeleireiro, os dois — anotou ele, usando uma frase de Shakespeare — brincando de

“animal com duas costas”.

O que se passou em seguida fez Casanova ir parar no tribunal de magistrados da Bow Street. Ele destruiu a maior parte da mobília e todas as porcelanas decorativas. Mais uma vez se arrependeu, e até mesmo se ofereceu para pagar os danos. Em uma carta reveladora que se encontra no arquivo de Praga, ele se declara inocente, enquanto reflete sobre o próprio comportamento e o de Marie Anne: “Tenho demasiado respeito pelas boas maneiras e a moral, e me enganei com aquelas mulheres [a família Charpillon] de forma totalmente abjeta, acabando por denegrir o meu próprio nome com um crime tão terrível.”

Então Marie Anne adoeceu e ficou de cama, diagnosticada com o que se considerou uma “interrupção da menstruação” motivada pela tensão nervosa que colocava a sua vida em risco. Ela exigiu de Casanova dez libras para pagar ao médico e espalhou pelo Soho a notícia de que estava à morte em consequência da violência praticada por ele. Sua saúde se deteriorou com rapidez e, em poucos dias, Casanova ouviu dizer que Marie Anne estava desenganada. Essa novidade desencadeou um súbito período catastrófico e abnegado de depressão. Quase de imediato, recorda Casanova, ele pensou em se matar. “Naquele momento”, escreveu mais tarde, “senti como se uma mão gelada me agarrasse o coração.” Ele retornou a Pall Mall certo de ser o responsável pela morte precoce de uma mulher que, em um sentido bastante estranho, ele amava, e dedicou-se a pôr seus negócios em ordem. Escreveu uma carta ao cônsul veneziano em Londres para que encaminhasse a Bragadin os seus objetos pessoais. Estes — os diamantes, as tabaqueiras, as bolsas, o dinheiro, os “portfólios” — foram colocados num cofre, que só deveria ser aberto após sua morte.

Em seguida ele saiu, abrigado com seu sobretudo mais grosso, era novembro, comprou pesos de chumbo para os bolsos grandes e caminhou em direção ao Tâmisa. Planejava “fazer um buraco nele”, segundo a expressão popular em Londres. “Eu caminhava lentamente”, lembra, “devido ao peso imenso que carregava nos bolsos.” Foi até a ponte de Westminster com o mesmo tipo de conjecturas que o fizeram esperar lucros com uma loteria em Londres e ali ficou contemplando as águas cinzentas.

Estava prestes a se matar por uma depressão originada na rejeição

sexual e na culpa que sentia por sua raiva frustrada ter, aparentemente, causado a morte de uma jovem pela qual tivera um forte sentimento, ou quem sabe até amara. Claro, havia mais coisas envolvidas. Marie Anne não tinha sido a primeira mulher a rejeitá-lo. Nem mesmo a primeira cortesã profissional a fazê-lo: isso era parte do *cotillon* desordenado do amor e do desejo, no qual ambas as partes, de modo inesperado, podiam ir embora no último instante. Fazia parte da emoção, refletia uma sedução "real", não manchada pela troca comercial, e, como em um romance verdadeiro, de resultado imprevisível.

Casanova sentia-se mais vulnerável em Londres do que desejava admitir. Seu dinheiro estava acabando, e os negócios com as Charpillon não foram nada baratos. Ele não tinha o poder nem a influência para resolver a questão de forma satisfatória, como claramente Morosini conseguira antes dele. O preço pelos favores de Marie Anne era a capacidade de sustentar toda a família dela. Onde antes ele com frequência vencera todos os obstáculos por meio da energia positiva, do charme e da obstinação, agora Marie Anne Charpillon apresentava contra ele uma determinação implacável. Sentiu-se velho e mal interpretado. O horror que o tomava, segundo admitia, quando alguém simplesmente o olhava de alto a baixo, ou quando temia que seu "corcel" não empinasse à altura de sua "reputação", o pavor de ser rejeitado por uma mulher cujos favores procurava, o terror atávico do menino abandonado pela mãe, tudo isso por algum motivo o esmagava naquela cidade estrangeira, cuja língua ele não conseguia falar. Ele também podia estar sofrendo de um primeiro ataque da posterior depressão recorrente — sinal, talvez, de que poderia ter contraído, nos *bagnios* de Covent Garden, a temível sífilis, assim como a psicose depressiva que costumava acompanhá-la. Ele faz alusão ao "grande tratamento", ou cura pelo mercúrio, a que se submeteu na época, achando que talvez estivesse com sífilis no estágio inicial.

Sentindo o peso do chumbo nos bolsos, na ponte onde mais tarde Boswell iria copular com prostitutas, ele foi interrompido por um amigo. Era um playboy de 28 anos, filho de um membro desimportante do Parlamento e batizado com o extravagante nome de sir Wellbore Ellis Agar, amigo também de Pembroke. Com o tom familiar e afável dos britânicos rústicos, ele observou que Casanova parecia para baixo e

levou-o para tomar uma bebida. Embora Casanova declare que por vários dias seguidos tenha tornado a tentar se matar, a singular receita de sir Wellbore para aliviar um coração pesado colocou-o novamente na trilha para escrever as suas memórias, pelo que, no fim das contas, devemos lhe agradecer, como o fez o melancólico *chevalier* de Seingalt.

Sir Wellbore achou que sabia exatamente do que Casanova precisava: uma bebida, uma mulher, um bife e um pudim de Yorkshire. É característico do estilo de Casanova que os detalhes precisos de onde, em 1763, foram proporcionadas essas quatro coisas — no Cannon, situado na rua Cockspur, perto do local onde mais tarde ficaria a Trafalgar Square — devessem ser incluídos na narrativa de uma mente e um homem atormentados. Sir Wellbore não conseguiu tentar Casanova com a comida, mas só porque não havia uma sopa de entrada, e Casanova já estava habituado à ortodoxia francesa, segundo a qual sem a sopa uma refeição não podia ser saudável. Em vez disso, comeu ostras. Tampouco pôde Wellbore induzi-lo a sair da depressão por meio de duas dançarinas que se apresentaram nuas para ele, numa tentativa de melhorar o seu ânimo. Sir Wellbore pagou-as e fez sexo com as duas diante de uma banda de músicos cegos, contratada às pressas — esse tipo de orquestra discreta era, aparentemente, *de rigueur* nas orgias londrinas. Casanova achava-se deprimido demais para se excitar e ficou ainda pior por ter desapontado as moças e sua própria reputação. Mas a bebida o ajudou, de alguma forma, e também as ostras, e ele concordou em ir com sir Wellbore até a Rotunda de Ranelagh Gardens. Deixou as pistolas e os pesos de chumbo no Cannon e foi para Chelsea, dizendo que voltaria na manhã seguinte para apanhá-las e se matar. Mas nunca o fez. Na Rotunda, dançando em meio a uma multidão de admiradores, e com um vestido que ele lhe dera, ele viu Marie Anne. Ela fugiu correndo.

Embora ele levasse alguns dias para recuperar o *amour propre*, as coisas aconteceram muito depressa, com a ajuda e a interferência de sir Wellbore. Casanova expediu uma ordem judicial contra a família Charpillon para a devolução das letras de câmbio, que eram legitimamente suas. Foi feito um trato pelo qual a família lhe pagou 250 guinéus, com sir Wellbore atuando como intermediário. Ele acabou como protetor de Marie Anne, com a justificativa de que, embora desejasse pagar a Casanova o dinheiro dele, ao mesmo tempo pretendia

cuidar de toda a família dela, em troca de seus favores. Tudo teria chegado a bom termo não fosse o ódio da família por Casanova tê-las exposto à vergonha pública com os truques de Marie Anne. Foi isso que causou a prisão dele depois que elas narraram sob juramento o comportamento violento dele na rua Denmark.

O juiz sir John Fielding, cego, irmão do famoso Henry, primeiro se pronunciou contra Casanova, condenando-o a um período indefinido de prisão, sob a alegação de que mademoiselle Charpillon tivera motivos para temer pela própria vida. Entretanto, quando permitiram que Casanova falasse, em italiano, língua que Fielding aprendera na infância, ele foi libertado, com a condição de que dois cidadãos londrinos proprietários assinassem uma garantia de que nunca mais ele voltaria a atacar Marie Anne. Os registros do tribunal no dia 27 de novembro de 1763 são: John Pagus, alfaiate, e Lewis Chateauneu se prontificaram a assinar a garantia por Casanova e, após duas horas passadas em Newgate, ele foi posto em liberdade.

A única vingança que lhe restou foi comprar um papagaio, que deixou na Royal Exchange, depois de ensiná-lo a dizer: “Mademoiselle Charpillon é mais puta até do que a mãe.”

Marie Anne Charpillon seguiu em frente depois de Wellbore e se tornou amante de um dos maiores libertinos da Inglaterra, o fascinante e complexo John Wilkes. O melhor epitáfio para ela foi escrito por ele, já que conseguiu ter sucesso onde Casanova foi completamente derrotado: “Tendo me proposto a escrever artigos sobre coisas como, para usar a expressão de meu amigo lorde Rochester, chegar em casa e resolver os assuntos dos homens … devíamos saber antes de tudo que a ciência da mulher é, entre todas as ciências, a que para sempre será menos compreendida.”

Casanova tinha consciência apenas parcial de que se encontrava à beira de um colapso. Ele estivera pensando numa viagem a Portugal, em parte em busca de Pauline, ou mesmo em atravessar o Atlântico, mas a sífilis entrou em seu caminho. Curiosamente, ele descartou uma viagem à América pela seguinte razão: presumia-se, de maneira acertada, que essa doença tivera sua origem lá, e a crença era que ela atacava o corpo com mais eficiência a oeste dos Açores.

Não foram só a doença e a depressão que encerraram a permanência de Casanova em Londres. O tratamento com mercúrio era caro, mas o caso Charpillon tinha sido muito mais. Com o seu estilo de vida pródigo e os muitos presentes comprados para seu harém em Pall Mall, ele estava ficando sem dinheiro. Os planos para a loteria tinham fracassado, ou pelo menos não havia espaço para Casanova ganhar dinheiro, uma vez que já existiam outras loterias estabelecidas e administradas com eficiência. Ele poderia contribuir para a loteria, em 1763, como um fiador, porém nunca mais ficou em condições de trabalhar nos mais altos níveis da especulação lotérica, como sucedera na França. Escreveu a Bragadin pedindo ajuda, porém nesse meio-tempo aconteceu uma verdadeira catástrofe: ou ele foi ludibriado, ou foi cúmplice de um escândalo de letras de câmbio falsificadas que quase o mandou para as galés.

Saiu de Londres devendo, talvez, 520 libras em letras de câmbio sem valor, que ele podia ou não saber que eram falsas. Se tivesse a intenção de ficar, é provável que fosse inocente, pois a suspeita de sua cumplicidade teria arruinado todas as suas pretensões na cidade. Se, pelo contrário, já estivesse fugindo, é possível, sem dúvida, que desejasse deixar atrás de si um rastro de confusão.

Jarbe fez as malas do patrão e lhe disse que iria encontrá-lo no canal, para onde levaria sua preciosa carga de roupas, que no momento estavam sendo lavadas em Islington. Mas as camisas, as rendas e também Jarbe nunca mais apareceram. Casanova atravessou o canal num delírio de mercúrio com sífilis e, após vários dias sendo sangrado em todos os sentidos, desembarcou titubeante em Calais, doente, arruinado e sem saber o que fazer em seguida para esperar pelo dinheiro de Bragadin em Bruxelas.

---

[a] Bairro ao leste de Londres, conhecido pelo trabalho dos tecelões huguenotes refugiados. (N.T.)

[b] Casa de banhos.(N.T.)

QUARTO ATO, CENA IV

Frederico o Grande

1764



"Diminuir a idade é uma espécie de obrigação para os que trabalham com teatro, pois sabem que, independentemente do talento, o público se volta contra eles quando sabe que estão velhos."
GIACOMO CASANOVA, 1764

De bruxelas, onde recuperou a saúde e uma letra de câmbio enviada por Bragadin, Casanova viajou a Brunswick para visitar o príncipe. Lá, pôde respirar novamente e fazer planos para o futuro, esperando encontrar apoio ou trabalho como companheiro franco-maçom: ele e o príncipe de Brunswick tinham se conhecido na praça do Soho, possivelmente por intermédio de Teresa Cornelys, que um ano antes oferecera uma festa campestre, homenageando a chegada do príncipe a Londres. Mas seus planos não deram em nada. A maçonaria podia ser de muita utilidade para uma *entrée*, mas nada mais do que isso.

Em Paris, o amigo Balletti explicou à condessa du Rumain, uma cabalista, as dificuldades financeiras que Casanova vinha atravessando e ela então enviou dinheiro para Brunswick, com o qual ele pôde viajar sozinho para Berlim. Antes disso, entretanto, Casanova ficou alguns dias em Wolfenbüttel, na famosa biblioteca da cidade, estudando textos da *Ilíada*.

Depois prosseguiu para Berlim, com a perspectiva de uma entrevista com Frederico o Grande, da Prússia.

A Guerra dos Sete Anos, concluída em 1763, custara muito caro à Prússia, e Casanova estava entre os muitos que acreditavam poder lucrar

com sua reconstrução.

Em Berlim ele sabia que poderia se encontrar com o escocês lorde Keith, então a serviço da coroa da Prússia. Frederico recrutava seu Exército e seu *staff* administrativo sem se importar com a nacionalidade e segundo uma relação não muito ortodoxa de critérios. Acreditava ser tanto um grande avaliador de caráter quanto um meritocrata. Tinha fundado um regimento de homens extremamente altos e estava em vias de estabelecer uma escola para cadetes, que deveria contar com os melhores professores da Europa. Casanova se dispôs a convencê-lo das vantagens de um dos seus planos de loteria. Mas o lorde o convenceu a solicitar uma audiência real e simplesmente impressionar o imperador com a sua pessoa, da forma como Frederico mais gostava.

Não era tão difícil quanto se poderia pensar obter uma audiência com o grande vitorioso da Guerra dos Sete Anos. Depois de 1763, Frederico ficou famoso, sendo um dos monarcas que podiam se vangloriar com o termo "déspota esclarecido": correspondia-se com Voltaire enquanto reformava o Estado e o Exército, que se tornaram padrões de eficiência marcial. Também era amplamente considerado homossexual. Casanova, um entusiasta da política de Frederico e de suas proezas militares, escreveu um poema muito vulgar em sua homenagem, elogiando a tomada da Silésia e personificando o país como uma mulher desesperada para ser possuída pelo exuberante monarca. Quando Casanova mostrou o poema a um cardeal que o conhecia bem, este ficou dez minutos rindo da ideia.

Keith, marechal-intendente escocês exilado por suas simpatias jacobitas, era bem versado na maneira de manejar Frederico e disse a Casanova como se aproximar dele. Casanova vestiu-se de preto e encontrou-se com o rei nos jardins de Sanssouci, seu palácio de descanso, nos arredores de Potsdam. O rei apareceu sem escolta e, de maneira brusca, perguntou a Casanova o que ele pretendia. Frederico recebera sua carta solicitando uma audiência e parecia não dispor de muito tempo.

De todos os esboços de Casanova sobre as "celebridades" da época, o que ele faz de Frederico é particularmente imponente. Mais tarde, foi embelezado por minúcias que os escritores contemporâneos tendiam a deixar de fora, mas que a extraordinária memória de Casanova soube

reter. Por exemplo: toda noite Frederico dormia sem tirar o capacete de desfile, “o que devia ser muito estranho”.

Frederico, então com 52 anos e que “assombrara a Europa com suas ideias guerreiras e … com um ar de confiança que não podia ser contrariado”, encontrava-se no meio de uma série de reuniões de família e de cerimônias da corte relacionadas ao casamento arranjado entre uma princesa de Brunswick e o filho dele. Casanova testemunhou uma das raras aparições de Frederico na corte sem usar os paramentos militares. Foi na ópera com sua irmã, “vestindo um casaco de seda brilhante com tiras douradas, [quando] só as pessoas muito velhas podiam lembrar-se de vê-lo em público sem uniforme e botas”.

Seu estilo militar era imitado por todas as casas reais da Europa. Ele vestia seu uniforme quando Casanova o encontrou em Sanssouci. No início a conversa foi muito artificial. Quando Casanova manifestou sua admiração pelos jardins, Frederico retrucou que aquilo não era um pedaço de Versalhes, com o que o outro foi forçado a concordar. Quando o rei o tomou equivocadamente por um “especialista em hidráulica”, ele pensou que talvez pudesse se defender com seu pequeno conhecimento sobre fontes, numa estratégia para pedir emprego. Para Frederico, a loteria era um imposto sobre a estupidez: “Acho que é uma fraude e não quero saber disso, nem que tivesse provas materiais de que eu jamais poderia perder … a gente ignorante não pode arriscar o seu dinheiro, a não ser que seja levada a isso por uma confiança falaciosa.” Frederico era, com toda a certeza, esclarecido.

Casanova não perdeu as esperanças, e as preocupações de Frederico acabaram mostrando ser apenas pose. Foi criada uma loteria, mas não por Casanova, e sim por seu rival de Paris, Giovanni Calzabigi. No primeiro ano ele obteve lucro de 300 mil coroas, e depois a administrou por mais dois anos. Casanova lamenta com amargura que ainda assim Calzabigi tenha morrido arruinado e por nunca ter lhe agradecido por seu papel ao convencer Frederico da validade do plano. Lorde Keith o informou que ele causara boa impressão no rei, e que devia aguardar algum tipo de nomeação. Em razão do que havia sido falado nos jardins, isso não surpreendeu inteiramente Casanova, tampouco o agradou.

Ao sair de Sanssouci, Frederico tinha se voltado para ele, encarado-o de cima a baixo e dito, “depois de pensar um momento”: “O senhor é

uma bela figura de homem." Casanova fingiu ficar um pouco chocado. Pensou que seria levado mais a sério. Sua descrição posterior de Frederico como "um invertido … que não fazia segredo disso" talvez demonstrasse certa irritação pelo fato de o rei fazer esse tipo de comentário, quando o que Casanova esperava era um emprego. Frederico o Grande pode ou não ter sido um homossexual praticante. Voltaire fez comentários jocosos sobre ele e o embaixador britânico também observou suas "preferências antinaturais", mas Casanova certamente se equivocou ao se sentir insultado. O rei declarara apenas o que era verdade: Casanova era fisicamente imponente, mesmo quando estava com má sorte e magro devido à sua recente doença.

Cinco ou seis semanas depois, o rei propôs um trabalho a Casanova. A loteria fora para Calzabigi, mas Frederico fora informado, de forma acertada, que Casanova possuía muita leitura e era muito viajado. Ofereceu-lhe então um posto como professor na nova academia de cadetes oficiais. Parece que Casanova também se sentiu ofendido com isso: nas memórias, descreve os acampamentos como espartanos, os salários, ultrajantes, e o posto, irrelevante. Mas isso estava longe de ser verdade: a escola de cadetes deveria ser uma instituição exclusiva e protegida pelo rei; receberia 15 dos mais brilhantes jovens a cada ano, com cinco professores em diversas especialidades e idiomas, inclusive o enciclopédico *chevalier* de Seingalt, para dar polimento às maneiras deles e instruí-los em relações internacionais.

Casanova, ainda ferido por ter perdido a loteria para Calzabigi e cansado de postos oficiais que poderiam envolver muito trabalho duro, recusou. Existe um momento em toda carreira construída pelo próprio esforço ou pelos próprios devaneios no qual talvez seja mais difícil enfrentar a fria realidade financeira e profissional do que prosseguir com a esperança de que algum imenso ganho irá redimir todas as perdas e fracassos do passado. Casanova, o jogador, o perdulário, o internacionalista e diletante, viu-se diante de um momento desses e optou por seguir em frente.

Nesse mesmo período de sua vida, uma luz totalmente inesperada é lançada sobre Casanova. Ela parte de ninguém menos do que James Boswell, que viajava pela Alemanha e também recebia a hospitalidade de Frederico. Ele conheceu Casanova em uma hospedaria e o sentimento

de superioridade intelectual de Casanova, que nessa época se encontrava no auge, manifesta-se no seguinte comentário de Boswell: “Jantamos no Rufin’s, onde Neuhaus [Casanova, em alemão], um italiano, estava querendo brilhar como grande filósofo e por isso duvidava da própria existência e de tudo o mais.”

Enquanto Casanova permanecia em Berlim aguardando um favor de Frederico, a habitual cavalgada de internacionalistas também parece ter passado pela cidade. Uma dançarina chamada La Denis, que Casanova conhecera como Giovanna Corrini, chamou sua atenção: eles tinham se conhecido quando crianças, em Veneza. Ela agora diminuía dez anos de sua idade e pediu, desesperada, que Casanova fosse cúmplice na sua mentira (ela era só três anos mais nova do que ele, mas declarava estar na casa dos 20 anos). Era afilhada de Zanetta e tinha visto Casanova pela última vez quando este ainda era um abade todo desengonçado e ela, uma criança dançarina. Mais uma vez ele se viu participando de uma cena teatral pouco convencional, misturando-se com italianos itinerantes no teatro Charlottenburg Orangery, onde todo o grupo conhecia sua mãe e sua extensa família.

Pierre Aubry era um dançarino francês que Casanova conhecera em Veneza por intermédio dos Balletti. Estivera recentemente em Veneza, onde ficou famoso, dentro e fora dos palcos, por se tornar amante ao mesmo tempo da mulher e do marido de um casal de patrícios, sendo por isso expulso pela Inquisição. Seguiu então para São Petersburgo e lá se casou. Também em São Petersburgo conheceu Giuseppi dall’Oglio, um violoncelista veneziano famoso que obtivera favorecimentos junto às czarinas Anna Ivanovna e Elizabeth. Esse homem exerceu influência imediata sobre as viagens e a carreira de Casanova. Em São Petersburgo, Dall’Oglio também encontrara esposa, sucesso, glória e uma pequena fortuna na corte imperial. “Foram Dall’Oglio e sua mulher que me fizeram pensar em ir para a Rússia”, escreve Casanova, “caso o rei da Prússia não me concedesse o emprego que eu esperava. Eles garantiram que eu faria fortuna lá e me deram excelentes cartas de recomendação.”

Ele esperou várias semanas até decidir agir. Ele e La Denis reataram um namoro iniciado décadas antes nas coxias do teatro San Samuele, onde Casanova pagara a ela para vê-la nua. Em Berlim, ele teve muito mais do que isso da parte dela.

O barão Treyden, outro conhecimento de Berlim, ofereceu-se para escrever uma carta à sua irmã, a duquesa de Kurland, para que Casanova fosse recebido em Riga, a caminho do leste, e Casanova então escreveu ao sempre magnânimo Bragadin solicitando verbas para poder se instalar em São Petersburgo. Imaginando que faria muito dinheiro na nova cidade, quem sabe com uma nova loteria, deixou Berlim no final de 1764 acompanhado por um novo valete, que falava francês e a quem contratara com o propósito de causar boa impressão na Rússia. Chamava-se Franz Xaver Lambert, um geômetra aspirante que carregava "um monte de livros de matemática".

QUARTO ATO, CENA V

São Petersburgo

1765



"É claro que uma coisa que o senhor de fato tem é
melhor do que duas que apenas poderia ter."
CATARINA A GRANDE

"Na Rússia, só os homens expressamente enviados para lá são respeitados.
Os que vão por livre escolha não são estimados. Talvez isso esteja correto."
GIACOMO CASANOVA

EM 15 DE DEZEMBRO DE 1764, Casanova deixou Riga e seguiu para São Petersburgo. Essa época do ano era muito arriscada para se viajar, pois o tempo estava "terrível" e ele não pôde nem mesmo sair do seu *Schlafwagen* — uma espécie de cama gigantesca sobre rodas — durante as 60 horas que levou até a nova capital da Rússia. Tampouco lhe agradava seu companheiro de viagem, o jovem valete-matemático Lambert, que ficava tagarelando sem parar sobre geometria, deixando Casanova certo de que teria de se livrar dele assim que chegassem ao competitivo cenário social da imperial São Petersburgo. Nesse ponto das memórias, Casanova mente sobre uma data importante, pois declara que estava em Riga quando a czarina Catarina II (a Grande) esteve na cidade, história que devia ser muito comentada quando ele chegou lá. A avaliação que Casanova faz sobre a personalidade, o estilo e o intelecto dela nas quatro ocasiões em que eles realmente se encontraram — todas no final de 1765 em São Petersburgo — foi considerada pelo príncipe De Ligne, que a conheceu intimamente, um dos mais belos retratos das

memórias de Casanova, e entre os mais verdadeiros e claros que se escreveram sobre a famosa monarca. Assim, é muito estranho que Casanova a tenha apresentado, e por extensão seu relacionamento com ela, em Riga, que ela visitou não quando ele se encontrava lá, mas vários meses antes. Foi uma estratégia ousada de jornalismo, se bem que um tanto desonesta. Tudo o que ele declara é comprovável, mas não no momento em que ele poderia ter testemunhado os fatos.

Para os seus supostos leitores europeus, entretanto, Catarina II, que desfrutava o título de "imperatriz e autocratriz de todas as Rússias etcétera" era a própria Rússia em 1765, e tem um sentido narrativo e estilístico colocá-la inicialmente nos limites de seu império, quando sua imagem e seu impacto mal começavam a ser percebidos pelo viajante italiano e seu companheiro.

Casanova chegou a São Petersburgo em 21 de dezembro, durante o solstício de inverno, quando o Sol se erguia sobre o Neva apenas durante cinco horas e quinze minutos. Tudo sobre a Rússia era e permaneceu desconcertante para ele. Casanova contratou um valete cossaco que falava inglês e se hospedou no número 28 da Millionnaia, entre o que depois se tornaria o eremitério e os Jardins de Verão de Pedro o Grande. Era um local muito procurado pelos estrangeiros que pretendiam se instalar: central, sem ser pretensioso, já que era uma zona de antigos estábulos por detrás dos prédios que ficavam de frente para o Neva, ao norte, e da Nevski Prospekt, ao sul. Em seus aposentos, ficou confuso ao encontrar aquecedores insuficientes para lhes proporcionar calor. Ele teve de comprar mobília, pois não havia uma mesa para escrever. E embora tivesse achado que ficaria à vontade graças ao seu bom conhecimento do francês, ainda mais em uma região cheia de italianos, franceses e ingleses, descobriu que era o alemão a língua "conhecida por todos em Petersburgo … que eu entendia com dificuldade".

São Petersburgo, a então capital de um país com 28 milhões de habitantes, não vivera ainda o tempo de uma geração, e abrigava a maior parte do meio milhão de aristocratas russos, segundo estimativas. Sua "infância", como descreve Casanova, dava-lhe uma aparência de "ruínas construídas propositadamente". Como um veneziano, ele estava bem qualificado para comentar a pressa com que os prédios estavam sendo inadequadamente escorados sobre o terreno pantanoso, "uma

cidade que um homem apressado deve ter construído de forma precipitada". Mapas axonométricos do período mostram uma capital com ruas traçadas atabalhoadamente, fachadas de madeira e pontes sem qualquer firmeza em meio a palácios, igrejas, jardins simétricos e hortas. Era um porto muito movimentado, além de ser a mais nova capital da Europa, exportando as matérias- primas do império — ferro, couro, cânhamo e lonas de vela. De acordo com um embaixador, ela cheirava a peixarias e a ruibarbo.

Entretanto, ele logo se estabeleceu ali e procurou fazer contatos no teatro e entre os maçons, insinuando-se na sociedade por meio das muitas cartas de apresentação solicitadas desde que saíra de Londres. Uma sequência de delegações epistolares o levaram do coronel Piotr Ivanovich Melissino, um grego que estava no Exército russo e era ex-amante da *signora* Dall'Oglio, a um oficial da guarda de 26 anos, Stepan Zinoviov, a quem conheceu na casa de Melissino. Zinoviov era primo dos poderosos irmãos Orlov, todos envolvidos no golpe que conduzira Catarina para o trono em 1762, e um dos quais, Grigori, era o atual amante dela.

Zinoviov também era amigo do enviado britânico, sir George Macartney, "um belo jovem, dotado de grande inteligência" — tinha 28 anos — e que tivera a "impertinência inglesa" de engravidar uma das damas de companhia da czarina. Por esse mau comportamento, acabou chamado de volta a Londres e sua amante foi banida para um convento. Ela deixara a todos impressionados ao dançar em um baile da corte junto com uma certa mademoiselle Sievers, que soube se comportar de forma mais circunspecta e se casou com um príncipe muito mais jovem do que ela, Nikolai Putyatkin. Ela era amiga do castrato Putini, levado para São Petersburgo por Galuppi, o maestro do coro de Buranello, e que tinha conhecido a mãe de Casanova. Assim, o círculo de Casanova em São Petersburgo começou a se formar, e de uma maneira que lhe era peculiar: oficiais do Exército, expatriados da Itália e da Grécia e, naturalmente, o grupo local ligado ao teatro, composto na sua maioria de franceses e italianos. Ele reatou um contato de Praga, Giovanni Locatelli, empresário teatral milanês que fora para São Petersburgo administrar um restaurante de alta classe, o Locatelli's, na antiga residência imperial de Ekaterinhof. Ali, "cobrando um rublo por pessoa,

sem vinho", ele servia "excelentes refeições". Casanova também foi apresentado à cidade por seu banqueiro grego, Demetrio Papanelopulo, que o recebia para jantar todos os dias, ao que parece pelo prazer de sua companhia e também de seu cativante círculo social de boêmios de São Petersburgo que acabara de conhecer.

Casanova logo descobriu que as dançarinas italianas com quem fizera contato também tinham amigos influentes. Giovanna Mecour, de Ferrara, nascida Campi, dançava e se prostituía na cidade e o apresentou ao secretário de Estado de Catarina. Ivan Perfilievich Yelagin, cuja ilha onde morava leva hoje o seu nome, também era um importante maçom de São Petersburgo e possuía, em sua *dacha* palaciana, uma caverna para cerimônias cabalísticas secretas, escondida por trás de um pavilhão à beira-mar. Sem dúvida Casanova conhecia bem o assunto, já que se tornou amigo íntimo de Yelagin e, por intermédio deste e do conde Panin, que tinha a ambígua distinção de estar implicado nos assassinatos tanto de Pedro III quanto de Paulo II, respectivamente marido e filho de Catarina. Também é provável que tenha sido graças a Yelagin que Casanova soube que a princesa Dachova, a mão direita de Catarina durante o golpe e a mulher de maior erudição da Rússia, não era amante de Panin, como tantas vezes se afirmava, mas sim sua filha. Dachova e Casanova se conheceram logo depois da chegada dele, e foi através do pai/amante dela que por fim ele foi apresentado à czarina.

A primeira visão real que Casanova teve de Catarina a Grande foi num baile de máscaras realizado no Palácio de Inverno, poucas horas após sua chegada a São Petersburgo. Seu senhorio na Millionnaya lhe informara que naquela noite haveria um baile para 5 mil pessoas. O fato é citado pelo enviado britânico, Macartney, entre outros. Eles não se falaram. Na verdade, ela não estava se apresentando como monarca, mas sim como uma pessoa comum mascarada, vestida com simplicidade. Certa vez, com trajes masculinos, ela fez a corte a uma dama de companhia. Reinando há apenas dois anos quando Casanova chegou a São Petersburgo, Catarina estava sempre em busca da aprovação do público e da aristocracia, e mantinha esta última feliz, assim como a população bem-vestida da nova capital, oferecendo luxuosas festas a todos os que pudessem comparecer adequadamente vestidos.

Pouco tempo antes, gastara mais de 15 mil rublos com um baile de

máscaras no Parque Baum, quando, ainda antes de se tornar czarina, sua renda anual girava em torno de 30 mil. Os nobres e os visitantes sabiam bem como se comportar "*à la* veneziana". Havia regras ditando como as pessoas deviam se enfeitar e se vestir, e sobre as mesas postas viam-se "inúmeras pirâmides com doces e confeitos, além de carnes quentes e frias". O baile de máscaras mencionado por Casanova, realizado em 21 de dezembro de 1764, seria à moda veneziana, razão, talvez, de ele ter decidido ir. Mas recomendou ao seu chato companheiro que ficasse quieto. Casanova viajava com uma tradicional pelerine veneziana, estilo "dominó", mas foi preciso providenciar uma máscara, depois do que, então, ele caminhou algumas centenas de metros pela Millionnaya até chegar ao Palácio de Inverno.

"Percorro os salões … Vejo um grande número de pessoas dançando em diversas salas com orquestras … Vejo os bufês, onde todos que estão com fome ou sede comem e bebem … uma grande profusão de velas … e, como eu próprio já esperava, acho tudo magnífico." Aquela era uma corte cintilante, mesmo em um baile de máscaras. Muitos na época diziam que aquela eclipsava todas as demais cortes da Europa que Casanova conhecia. Os homens usavam trajes franceses e as mulheres adotavam o estilo de Versalhes, com penteados altos e muita maquilagem. Mas nada era tão espantoso quanto a abundância de pedras preciosas que adornava as roupas dos cortesãos. Claro, essa era uma característica da moda europeia nas cortes, porém na Rússia, onde as pedras eram retiradas das minas e vendidas no mercado aberto, os homens ultrapassavam as mulheres. Nos bailes de máscaras do Palácio de Inverno, os russos eram descritos como "cobertos de diamantes que reluziam por toda parte: nos botões, nas fivelas, ombreiras e até mesmo nos chapéus … enfeitados com várias fileiras de diamantes".

Havia comida e bebida em profusão: aos convidados "se ofereciam diversos tipos de vodca e os melhores vinhos tintos, além de café, chocolate, chá, orchata, limonada e outras bebidas", e as danças iam das oito da noite até as sete da manhã.

Algum tempo antes de sua chegada ao baile, Casanova ouvira dizer que a czarina estaria lá, de máscara e fantasia, acompanhada de seu amante Orlov. "Lá eu pude convencer-me disso", escreveu Casanova, "pois ouvi mais de uma centena de mascarados dizerem a mesma coisa

quando ela passava, todos fingindo não reconhecê-la.” A imperatriz usava uma fantasia deliberadamente simples, que os observadores comentaram “não valer dez copeques”. Ela pretendia escutar o que poderia ser algum comentário irrefletido sobre política e o seu governo, mas, é evidente, ninguém se deixava enganar: se ela não fosse reconhecida, bastavam a altura e a corpulência de Grigori Orlov para denunciá-los, e os cortesãos faziam muito bem em calar qualquer crítica que pudessem ter contra ambos.

A princesa, alemã de nascimento, que se casara com um membro da dinastia Romanov, usurpando depois o trono, é descrita na época por Casanova como “não muito bonita, [mas] quem quer que a examinasse tinha motivos para gostar, achando-a alta, bem-feita, delicada [e] acessível”. Esta era uma característica da qual Casanova pretendia tirar o máximo de proveito. Catarina comandava uma das nações mais autocráticas e repressoras da Europa, e ainda assim estava determinada a ser considerada esclarecida, modernizadora e aberta em seu governo — pelo menos na medida em que isso favorecia sua imagem no exterior. O projeto de São Petersburgo, iniciado por seu sogro, Pedro o Grande, continuou a todo o vapor com o objetivo de criar uma nova capital imperial, no estilo barroco e neoclássico da Europa Ocidental. Nesse meio-tempo, Catarina decidiu aliciar estrangeiros para seus negócios, a fim de divulgar no exterior a imagem de uma Rússia esclarecida. Casanova estava certo ao pensar que São Petersburgo poderia ser um local vantajoso para ele.

Além do mais, ele chegara à Rússia logo após uma das mais bem-sucedidas reinvenções dos bailes de máscaras venezianos em palcos internacionais. Catarina havia encarregado os irmãos Volkov, Fiódor e Grigori, fundadores do teatro clássico russo, de ignorarem o estilo russo, pelo qual recentemente haviam chegado à nobreza, e criarem, em vez disso, uma *stravaganza* galante homenageando o novo reinado dela, ao estilo das mascaradas venezianas. A obra recebeu o título de *Em celebração a Minerva*, mas era tão exagerada que Fiódor literalmente morreu de tanto trabalhar nela. A moda, entretanto, pegou, o que explica a facilidade com que Casanova conseguiu uma máscara em tão pouco tempo, assim como a familiaridade da sociedade de São Petersburgo com as diferentes fantasias dos bailes de máscaras.

Casanova reconheceu na mesma hora outro verdadeiro veneziano no meio da multidão por sua fantasia autêntica, com a máscara em forma de bico. Descobriu que ele era de Treviso. Também esbarrou em uma parisiense, a quem vira pela última vez entre lençóis no final dos anos 1750. Ela estava se dedicando a um comércio paralelo na Rússia, como "atriz", sob o nome de La Langlade. Eles reataram o caso, mas sem muito entusiasmo, pois sabiam que ele "agora estava sem dinheiro", e La Langlade era uma amante profissional. Mas foi por intermédio dela que Casanova se viu envolvido com o *demi-monde* francês de São Petersburgo.

O baile do Palácio de Inverno foi uma introdução perfeita à cidade de São Petersburgo, no sentido em que anunciou todas as tramas e aventuras que Casanova estava procurando, além da emoção de estar em um regime novo e volátil, no qual as reputações e as carreiras estavam sendo forjadas, sobretudo entre a comunidade de estrangeiros, e onde Casanova logo construiu uma rede de amigos talentosos e bem-colocados, além de outros de má reputação, que logo o levariam para o tipo de problema que ele gostava.

Para começar, na Rússia Casanova não teve nenhuma amante. Logo depois de chegar, contudo, conheceu duas mulheres que, de diversas maneiras, iriam dominar a experiência sexual dele lá. Uma delas, mademoiselle La Rivière, apareceu em sua porta com o amante dela, um francês chamado Crèvecoeur. A outra, uma camponesa russa, revelou ter a figura "da Psiquê que eu vi na Villa Borghese [em Roma]" quando o levou ao *bagnio* russo, que ela frequentava todos os sábados. Ali, "tanto os homens quanto as mulheres ficavam completamente nus". Ele resolveu levá-la consigo para realizar sua própria versão do clássico mito de Pigmalião, ensinando-lhe italiano e fazendo-a passar por membro de sua família, no que foi bem-sucedido. Quando ele partiu, ela se tornou amante do principal arquiteto de Catarina, Antonio Rinaldi, que trabalhava em monumentos que até hoje dominam a paisagem de São Petersburgo: a catedral de Santo Isaac e os palácios de mármore, Gatchina e Oranienbaum.

Casanova conheceu essa jovem russa no parque em torno do Palácio de Ekaterinhof. Ele estava ali com um pequeno grupo de novos amigos, a quem generosamente convidara para jantar no Locatelli's. Zinoviov era o

único russo do grupo, o restante era uma mistura de cantores italianos, músicos e uma cortesã francesa, La Protée, que Casanova estava assediando. Zinoviov, talvez achando-se deslocado, saiu pelo parque, um dos muitos usados nas caçadas imperiais, cheio de animais de caça. Casanova resolveu acompanhá-lo. Foi Zinoviov quem lhe explicou que a camponesa que encontraram no bosque era uma serva, e que ele poderia "comprá-la" para seu serviço se negociasse com o pai dela. Casanova ficou perturbado ao ouvir isso: afirmou que jamais iria para a cama com a moça, a menos que ela o desejasse, mas ficou intrigado o suficiente para fazer um trato. Ele e Zinoviov retornaram no dia seguinte e Casanova considerou a possibilidade de contratar uma governanta-amante pelo preço de uma peruca. Passou a chamar a jovem de Zaïre, em homenagem à heroína homônima da peça que discutira com Voltaire. Ela se tornou sua *protégée*, alguém a quem ele vestia, aconselhava sobre as maneiras de se comportar em sociedade e ensinava a língua italiana e a educação francesa. Ela também se tornou sua amante, depois que ele se certificou de sua virgindade na presença dos pais dela.

Zaïre mudou-se para os aposentos na Millionnaya, e Lambert, o matemático, foi embora. Aos poucos, Casanova lhe ensinou italiano, o comportamento básico à mesa e a vestiu de acordo com a moda francesa. Em troca, ela lhe ensinou um pouco de russo. Ela também o levou aos banhos a vapor, inaugurados em 1763, na rua Malaya Morskaya, para "suar e tratar os fluxos", que os deixaram tão impressionado e chocado pela tranquila mistura dos sexos. Desenvolveu-se uma relação entre eles, o que parece possível, apesar da narrativa unilateral. O temperamento dela era violento e em várias ocasiões ela lançou objetos pesados contra Casanova. Também podia ser petulante e ciumenta, porém a força do caráter sempre foi algo que atraiu Casanova e aquele casal nada plausível tornou-se uma imagem comum na Millionnaya: o italiano alto e urbano com sua bonequinha russa.

O equilíbrio da casa foi abalado pelos atores que vieram se juntar ao grupo de Casanova em São Petersburgo: dois oportunistas franceses decididos a fazer fortuna na cidade. Seus nomes verdadeiros nunca foram determinados, porém Casanova lembra deles como monsieur Crèvecoeur e mademoiselle La Rivière.

Eles traziam cartas de apresentação do príncipe Charles Ernst, de Riga, que impressionaram Casanova, mas chegaram à capital russa sem mais nada que os recomendasse. Sem dinheiro, ofertas de emprego ou planos, a não ser os de se aproveitarem de todas as diversões gratuitas e de "oferecerem [seus] charmes por dinheiro". Casanova lhes afirmou que naquelas condições ele não poderia apresentá-los, mas viu La Rivière aplicar, em sua casa, seus primeiros truques com um alemão bissexual que ele conhecia, chamado Baumbach, e que aparecera por lá. Zaïre não se impressionou tanto assim com "os modos dos franceses", mas disse que, se todos quisessem formar um grupo para beber cerveja em uma taverna em Krasni-Kabak, ela também gostaria de ir. Casanova concordou. Fez isso, segundo conta, porque "temia as consequências" do mau humor, das lágrimas e das crises de Zaïre caso não a deixassem ir, e assim ele, os dois aventureiros franceses, a camponesa russa e o alemão formaram um grupo. A noite foi alegre, animada e embriagada. Zaïre se viu tratada como uma igual, o que agradou a ela e a Casanova. Eles jogaram amigavelmente. Crèvecoeur deixou que Baumbach flertasse abertamente com La Rivière, que viajava como sua amante, mas que aparentemente seria de qualquer um que lhe pagasse um dos famosos *waffles* da Krasni-Kabak, e Zaïre pôde testemunhar a surpreendente imoralidade dos viajantes franceses, cujos modos lhe haviam ensinado a respeitar.

Na noite seguinte, Casanova resolveu que Zaïre ficaria em casa. Diz que fez isso por saber que Baumbach tinha organizado uma festa com vários oficiais russos, e queria evitar a proximidade dela com outros russos, que falavam uma língua que ele não compreendia. À luz do que aconteceu depois, entretanto, ele pode ter percebido que o convite de Baumbach implicava uma compreensão maior das tradições machistas e culturais dos russos, pois a noite parecia destinada a se transformar em uma orgia. Os irmãos Lunin, oficiais do prestigiado regimento Preobrazhensky, chegaram primeiro na festa. Eles vieram a se tornar muito famosos no Exército russo, mas quando Casanova os conheceu, o mais velho, Aleksandr, tinha 20 anos, e Piotr Mikhailovitch, apenas 17. Em 1765, Piotr era "louro e lindo como uma garota". Casanova conta que "o secretário de Estado Teplov já fora apaixonado por ele" e que, "como jovem inteligente que era, não só desafiara os preconceitos, como

deliberadamente se dedicara a conseguir o afeto e a estima de todos os homens de posição".

Segundo Casanova, Piotr já percebera que Baumbach era bissexual, presumindo que também Casanova o fosse. Decidiu que aquele italiano tão bem-relacionado seria valioso para seu alpinismo sexual e social e insistiu para se sentar a seu lado. Num episódio que lembra a sua antiga atração por Bellino/Teresa, Casanova começou a achar, ou quis acreditar, que Piotr Lunin era na verdade uma jovem vestida de soldado. Sentiu-se atraído por ele e expressou a desconfiança de que aquele menino na verdade fosse uma menina. Piotr Lunin então desabotoou a braguilha para lhe mostrar que não era e "colocou-se em uma posição para fazer felizes a si mesmo e a mim". La Rivière os declarou "uns merdas" e eles responderam que ela era uma "puta".

Quando o mais velho dos Lunin e Baumbach voltaram de um passeio, tinham recrutado mais dois oficiais, ou então se encontraram com outros rapazes do regimento, em algum arranjo combinado previamente. Todos os quatro fizeram sexo com La Rivière durante aquela longa bacanal regada a vodca. Casanova e Piotr, enquanto isso, observavam tudo "como dois velhos virtuosos que assistem às extravagâncias da juventude sem freios". Crèvecoeur, nesse meio-tempo, sumira dali. Foi uma noite totalmente atípica para Casanova, não só pelos excessos daquela orgia anônima (dois oficiais russos sequer são citados nominalmente), como pelo voyeurismo passivo de Casanova e, naquela noite, uma implícita preferência pelos pecados homossexuais "contra a natureza", a dele mesmo ou a de Deus.

Quando ele voltou para casa, Zaïre estava furiosa de ciúmes. Declarou que adivinhara sua infidelidade por meio de cartas astrológicas, mas é muito provável que ela tivesse ouvido mexericos de outros russos sobre o que devia estar acontecendo com aquela gangue de bêbados, um *bagnio* e La Rivière. Casanova esquivou-se das coisas que ela lhe atirou, foi para a cama e na manhã seguinte resolveu abrandar a cólera da jovem, ou o próprio sentimento de culpa, levando-a para Moscou. "Quem não viu Moscou", afirma ele, "não pode dizer que conheceu a Rússia." Foi uma viagem muito dispendiosa para um homem que vivia de créditos venezianos e franceses cada vez mais reduzidos: 80 rublos pela viagem de seis dias e sete noites. Havia 72 postos de troca de cavalos, cobrindo

um total, segundo seus cálculos, de 500 milhas italianas.

Eles partiram no início do verão e, segundo a referência de Casanova, no início das noites brancas de São Petersburgo, quando o final de cada dia era marcado por um tiro de canhão disparado da Fortaleza de Pedro e Paulo, uma vez que o Sol nunca se punha. Chegaram a Novgorod em 48 horas, e a Moscou no fim da semana.

Ali, Casanova providenciou alojamento e contratou um criado que falava francês, e em seguida saiu para entregar a meia dúzia de cartas de apresentação que trouxera e que deveriam lhe abrir as portas de Moscou. Como sempre, isso aconteceu. Ele estava ali como turista: Moscou não era mais a capital, e sim um misterioso retorno à antiga Moscovo, com sinos e incensos, supersticiosa e atrasada. Casanova então observou a comida (farta porém insossa), as mulheres (mais belas do que as de São Petersburgo e mais namoradeiras) e as "manufaturas, os velhos monumentos, as coleções de história natural, as bibliotecas … e o famoso sino [do Kremlin]". Levou consigo Zaïre por toda parte, feliz por poder apresentá-la como sua filha, mas dentro de uma semana já tinha decidido retornar a São Petersburgo e se concentrar em uma próxima audiência com a imperatriz, na esperança de poder obter lucros por intermédio dela.

Ele acreditava que, por ser um erudito italiano bem-relacionado e autodidata, iria sobressair entre os russos em sua capital de temática franco-italiana. Mas se enganou: "Na Rússia, só os homens expressamente enviados para lá são respeitados. Os que vão por livre escolha não são estimados. Talvez isso esteja correto." Nesse meio-tempo, certificou-se de visitar os locais dos grandes projetos de novas construções ao redor de São Petersburgo, os palácios imperiais em Tsarkoye-Selo, Peterhof e Oranienbaum, e a imponente base naval de Kronstadt, enquanto esperava pela convocação ao Palácio de Inverno, que nunca veio.

No final, foi o conde Panin, o misterioso amigo da princesa Dachova, quem concretizou a apresentação, usando o simples expediente de fazer Casanova perambular pelos Jardins de Verão, por onde a imperatriz costumava passear nas manhãs temperadas. Os jardins, à margem do Neva, tinham sido projetados por Pedro o Grande para fazerem o monarca ter acesso a um cenário apropriado e estimular o discurso

metropolitano ao estilo europeu, um salão ao ar livre, onde príncipes, nobres e pessoas abastadas podiam se misturar tranquilamente, "sobretudo à noite, depois das refeições, e mesmo até a meia-noite". Em 1765, o conde Panin disse a Casanova que sua melhor oportunidade de ser apresentado à czarina seria aguardar em meio às estátuas italianas e às grutas. Parece que ele teve muito tempo para fazer isso, o suficiente para notar que muitos mármores, cerca de metade dos quais ainda existe, eram rotulados de forma equivocada e muito engraçada, fosse por ignorância ou por uma brincadeira russa com a pretensão clássica: o nome "Sappho" estava sobre a figura de um velho particularmente contorcido.

Casanova então viu o séquito real se aproximando, provavelmente sobre o cascalho da aleia principal dos jardins, um longo passeio com três pistas. Gregori Orlov vinha à frente, e duas damas atrás, uma delas possivelmente a princesa Dachova. O conde Panin estava à direita da imperatriz, e assim, com certeza, ele apontou para o alto italiano, em meio à multidão de cortesãos, e Catarina encetou com ele uma curta conversa sobre a Rússia. Como Casanova observou depois, ela era não exatamente bonita, porém charmosa, relativamente baixa, firme, com olhar penetrante e atitude imperial, correspondia em tudo à impressionante autocrata de que Voltaire lhe falara. Conversaram em francês. O dela era excelente, talvez ainda melhor do que o dele, embora as cartas que ela escrevia fossem corrigidas antes de serem enviadas, sobretudo quando eram para Voltaire.

Segundo Casanova, eles conversaram durante uma hora. Isso não é provável, dadas as responsabilidades e a energia de Catarina. Quando ela disse que não o tinha visto em suas regulares *soirées* musicais, ou *courtgags*, Casanova lembrou que ela era conhecida por se entediar com a música: certa vez, ao ouvir um quarteto de Haydn, Catarina acenou para um cortesão e disse: "Quando alguém toca sozinho, sei quando se deve aplaudir, mas fico totalmente perdida com um quarteto … Por favor, olhe para mim quando a interpretação dos músicos ou a obra do compositor merecerem uma apreciação." A imperatriz dizia sempre que a música lhe produzia a mesma impressão que os ruídos na rua. Ao explicar sua ausência nas noites musicais, ele compartilhou com a imperatriz sua pena de sentir pouco prazer nos concertos. Ela sorriu.

Dali em diante, Casanova ia todas as manhãs aos jardins na esperança de vê-la de novo. Era o caminho mais rápido para conseguir um posto na imperial São Petersburgo, embora ele não estivesse certo de qual função poderia servir-lhe. Casanova foi ficando cada vez menos entusiasmado a permanecer na Rússia à medida que as semanas se arrastavam e se transformavam em meses. Na segunda vez em que a viu, entretanto, Catarina fez um sinal a um dos guardas para trazê-lo até ela. Eles conversaram sobre Veneza, que Catarina jamais visitara, mas que desejava incluir na viagem que breve iria empreender, semi-incógnita, sob a identidade de "condessa do Norte". Isso levou a uma conversa a respeito das diferenças entre os calendários russo e veneziano.

Casanova aferrou-se àquilo. Conhecia bastante astrologia e sabia determinar datas graças aos anos passados em Paris adivinhando datas e locais favoráveis para os aristocratas supersticiosos de Versalhes, que confiavam nos conhecimentos que ele tinha da cabala. Dessa forma, estava mais bem qualificado do que a maioria para falar do novo calendário gregoriano, que, no início do século XVIII, havia reorganizado as datas na maior parte da Europa Ocidental de acordo com o novo conhecimento sobre a verdadeira duração de um ano: pouco mais de 365 dias. Isso foi feito com a retirada de 11 dias do calendário e a instauração do sistema de anos bissextos. Este fato, contudo, provocou revoltas entre os supersticiosos, os que observavam os dias santos e aqueles que achavam que os seus destinos eram predeterminados e que por isso se viram privados de 11 dias de vida. (Um dos manuscritos que Casanova deixou ao morrer, junto com as memórias, tinha o título de "*Rêveries sur la mesure moyenne de notre [temps] selon la réformation grégorienne*", escrito cerca de 30 anos depois dessa conversa com Catarina. Até poucos anos antes de sua morte, ele ainda rabiscava seus cálculos aritméticos sobre calendários e anos bissextos.)

Ele lembrou a Catarina que Pedro o Grande, sogro dela, tivera a intenção de adotar o calendário gregoriano, em vez do juliano, quando os russos abandonaram o calendário ortodoxo oriental, e que só fora convencido a não fazer isso porque o fato provocara tumultos até mesmo na Inglaterra protestante. Quando Catarina retrucou que o czar nem sempre fora sábio em todos os assuntos, de novo ele percebeu o momento certo para adular a realeza, declarando que em sua opinião ele

fora um gênio entre os homens. Foi Catarina quem encerrou a conversa, com a intenção de prossegui-la depois que pudesse informar-se melhor dos detalhes. Ela claramente estava pensando em obter o conselho de Casanova como mais um meio de colocar sua marca no país que governava. Para ela, entretanto, era muito delicado o equilíbrio entre as ideias ocidentais modernizadoras e a intransigência da poderosa Igreja ortodoxa russa, equilíbrio este que só poderia ser manipulado com muito engenho. No final, abandonou essa questão da modernidade por medo de uma possível reação religiosa violenta, especialmente pelo fato de o calendário russo mal ter completado ainda uma geração. Assim, o sonho que Casanova alimentava de vir a receber uma pensão da corte russa como autor do calendário do país não se concretizou.

Foi dez dias mais tarde, e mais uma vez nos Jardins de Verão, que de novo ele se encontrou com a imperatriz. Nesse meio-tempo, ele se instruíra muito bem sobre as consequências da mudança da Páscoa, do equinócio e da "intercalação de dias pelos judeus, que se diz ser perfeita". A Páscoa, assim como no Ocidente, devia ser determinada pelas fases da Lua, e as datas, modificadas de acordo com o movimento da Terra, mas nada disso poderia abalar a fé dos camponeses ou da oligarquia nos velhos modos dos tempos de Catarina. "Ela teve o prazer de me ver surpreso, ou de fazer com que eu ficasse surpreso", escreve Casanova, que ficou "certo de que ela havia estudado bem o assunto a fim de me deixar desnorteado".

Uma atitude típica de Catarina. Para ela, um italiano itinerante como Casanova, que ela sabia ter se encontrado recentemente com Frederico o Grande e Voltaire, era menos útil em São Petersburgo do que fora de lá. Ela esperava, e estava correta ao pensar assim, que ele viria a falar e escrever sobre o encontro deles, polindo ainda mais sua imagem de monarca esclarecida e culta, assim como de alguém que conhecia plenamente a Rússia. As memórias dele contêm mais de dez páginas de conversas, principalmente sobre o estudo dos calendários, mas que abordam desde o registro do tempo em Veneza até o que pensavam ambos a respeito da morte. Seria possível ele se lembrar de tantos detalhes 30 anos depois? Talvez sim. Parece, por exemplo, tal como acontece com seus minuciosos e comprováveis detalhes sobre o clima e os custos das viagens, que ele tomava notas para o que um dia

provavelmente poderia se tornar uma memória pessoal, e ele sabia que Catarina teria uma aparição rápida porém destacada — "essa grande dama, capaz de reinar por 35 anos sem nunca ter cometido um só erro mais grave, e sem jamais se afastar da moderação".

No final do verão de 1765, Casanova estava planejando sua partida de São Petersburgo. Era claro que não haveria nenhuma nomeação na corte, e ele também pode ter ficado ansioso para não enfrentar outro inverno russo. Conheceu uma atriz francesa, La Valville, que atuara para a imperatriz na comédia *Les Folies amoureuses*, de J.F. Regnard. Ela pediu que Casanova lhe ajudasse a obter permissão para se ausentar da corte, exigência necessária para uma atriz contratada pela realeza, sugerindo que ambos viajassem juntos para o Ocidente. Casanova reconheceu que ali estava um espírito semelhante ao seu, e por isso escreveu-lhe: "Desejo, madame, estabelecer uma ligação com a senhora … tendo de partir para Varsóvia no mês que vem, ofereço-lhe um lugar em minha carruagem-dormitório que lhe custará apenas o inconveniente de me deixar deitar a seu lado. Sei como poderei obter um passaporte para a senhora." La Valville aceitou no mesmo instante.

Era preciso, para estrangeiros como o *chevalier* de Seingalt e a atriz La Valville, anunciar na *Gazeta de São Petersburgo* a intenção de deixar a cidade. Era isso que permitia crédito fácil na cidade, já que seria impossível fugir dos débitos e fazer a travessia por mar, via Kronstadt, ou por terra, pelos portões da cidade, sem uma sanção oficial. Mesmo assim, é impossível identificar La Valville com toda a certeza, consequência do número relativamente grande de estrangeiros que entravam e saíam da cidade em busca de seus diversos negócios.

Com todas as providências tomadas, os certificados para a polícia e os passaportes já em mãos (o conde Alexander Galitzin dera a Casanova um passaporte com o nome de "Graf Jacob Casanov de Farussi", datado de 1º de setembro de 1765), ele contratou um cozinheiro armênio para a viagem e comprou uma *Schlafwagen*, a qual equipou com colchões e mantas. La Valville riu ao ver aquilo, "pois na realidade estávamos em uma cama". Ele deixou Zaïre aos cuidados do arquiteto Rinaldi. Tinha decidido tentar a sorte na Polônia e conseguiu que o dinheiro de Bragadin lhe fosse encaminhado por Papanelopulo, e que diversos petersburgueses escrevessem para ele brilhantes cartas de apresentação

aos “grandes” de Varsóvia. Ele chegou lá no dia 10 de outubro de 1765.

QUARTO ATO, CENA VI

Duelos poloneses

1765-66



5 de março de 1776, 5h
"Ontem à noite, no teatro, o senhor me insultou gravemente,
sem ter o direito ou qualquer justificativa para se comportar
dessa forma. Sendo assim, posso e irei satisfazê-lo."
CASANOVA DESAFIA O CONDE BRANICKI PARA UM DUELO

"É bom para um veneziano ver Casanova transformado em herói;
assim como uma lagarta subitamente transformada em borboleta."
MELCHIORE CESAROTTI

CASANOVA FOI BEM-RECEBIDO na Polônia: suas cartas de apresentação ao príncipe Adam Czartoryski e ao ministro anglicano em Varsóvia garantiram isso. Mais uma vez ele procurou e conseguiu uma audiência com o monarca, o rei Stanislas Poniatowski, ex-amante de Catarina a Grande. Em 1765, a Polônia era praticamente um Estado vassalo da Rússia, dependente, para a segurança de suas fronteiras e de sua coroa, de um ou outro de seus vizinhos, e correndo o perigo constante da divisão e da destruição que mais tarde seria a sua ruína, no final do século XVIII. A política fascinava Casanova a ponto de ele desejar entender a estrutura de mudança de poder na Europa, com esperanças de reverter esse conhecimento em seu proveito. Ele prosseguiu numa espécie de turnê pela Polônia em busca de fatos, ficando hospedado nas casas dos muitos nobres a quem se dirigiam as cartas de apresentação que lhe foram concedidas em São Petersburgo e Dresden. A condessa Catarina

Kossakowska ofereceu-lhe hospitalidade em Leopold (Lemberg), assim como o conde Wenceslas Rzewuski e o conde Franciszewski Potocki, em Christianpol — nomes já esquecidos, a não ser por serem mencionados ou alvo de agradecimentos na *Istoria delle turbolenze della Polonia*, publicada em 1774.

Casanova fez rápidos progressos na corte e no teatro polonês. Ele tinha sonhos, como antes, de enriquecer com a loteria, mas parece que primeiro fez fortuna nas mesas de jogo. O rei, que ansiava por notícias da corte de São Petersburgo, concedeu-lhe seu tempo, porém não um trabalho. Casanova passava as manhãs estudando na biblioteca de um certo monsieur Zaluski, e fazia as refeições na casa do príncipe russo Palatine. Assim, raciocinava ele, ao mesmo tempo economizava e aprendia muito. Isso também era um sinal de que, à medida que suas energias e riqueza declinavam, mais e mais ele se voltava para seus interesses bibliófilos e literários, em parte com esperanças de chegar à fama literária, mas também por pura satisfação pessoal. "Leio", escreve ele, "documentos autênticos a respeito de todas as intrigas e complôs secretos com o propósito de derrubar todo o sistema da Polônia."

Cinco meses depois de chegar a Varsóvia, aconteceu algo, entretanto, que por pouco não arruinou sua fortuna na Polônia, embora, ironicamente, tenha lhe garantido fama literária duradoura. No dia 4 de março, ele jantava na corte com o rei e outras pessoas e foi convidado a assistir no teatro a duas grandes divas do balé de Varsóvia, que deveriam se apresentar na mesma produção. Ambas eram, é evidente, conhecidas de Casanova, pois eram italianas, e uma delas, Anna Binetti, talvez tenha ido para a cama com ele em Londres. Agora ela tinha um amante polonês, o conde Xavier Branicki, que era seu protetor. Casanova conhecia bem as regras da corte para tais situações e, após a apresentação, foi prestar suas homenagens às duas dançarinas, apenas para descobrir que Binetti estava furiosa por não ter sido visitada antes da outra. Ela fez Branicki procurar briga com seu velho amigo veneziano e então ele acusou Casanova de ser um "covarde", ao que Casanova apenas retrucou que aquele termo era "forte demais". Quando ele se virou para sair, Branicki o chamou publicamente de "poltrão veneziano". Isso foi demais para Casanova. Ele respondeu ao aristocrata que um poltrão veneziano podia muito bem matar um polonês — desafiando-o

dessa forma para um duelo.

Isso representou uma inesperada reviravolta nos acontecimentos. Embora Casanova já tivesse duelado antes, nunca havia sido algo frequente em sua vida tão cheia de perigos. Ele tinha certa habilidade com o uso da espada, mas era mais inclinado a nutrir ressentimentos profundos do que a resolvê-los pela violência. Desde o conde Celi, em 1749, que ele não era chamado a usar uma arma. E o mundo mudara muito desde então: Branicki agora queria lutar com pistolas. Mais uma vez, Casanova não consegue se lembrar de onde e quando aprendeu a atirar, apenas menciona que em Londres costumava portar pistolas e que em Paris as manejara nos anos 1750. Mas devia saber que estava arriscando a vida e a reputação, além de transgredir a lei ao lutar contra um nobre polonês, algo tão chocante que a notícia chegou a Londres.

Os dois homens se encontraram na hora combinada e ambos acabaram feridos: Branicki com um estilhaço no estômago, e Casanova com outro, no braço esquerdo. Evidentemente, a coisa poderia ter sido muito pior. Casanova foi se refugiar em um monastério fora de Varsóvia e a história logo chegou ao rei. O conde August Moszynski, ministro do Exterior, foi encarregado de investigar o "aristocrata" estrangeiro que infringira as severas leis de Varsóvia contra duelos, e o seu relatório sobrevive até hoje. O mais grave dos crimes do *chevalier* de Seingalt era, é claro, não ser um cavaleiro, mas sim filho de uma atriz. Esse acontecimento o prejudicou muito ao se tornar público, não tanto por sua posição na sociedade, onde de qualquer forma ele sempre se movia com um grupo ligado ao teatro, mas sim em suas esperanças de ser tratado seriamente pelo governo. No relatório, ele é descrito como intriguista e jogador.

Casanova estava cada vez mais afundado em dívidas. Esperava chegarem fundos de Veneza, parte dos quais viajavam via São Petersburgo. Ele economizou o que pôde, porém ainda mantinha, segundo conta, dois criados, além de precisar vestir-se bem para se apresentar na corte. Entretanto, logo ficou claro, sobretudo depois do duelo, que ele não seria capaz de persuadir o rei Stanislas a patrocinar uma loteria. No final, no entanto, o companheiro maçom encarregado de investigá-lo, Moszynski, só pôde sentir simpatia por aquele homem que agira de forma honrada e segundo os códigos dos tempos ao se ver forçado a um duelo, e que por outro lado sobrevivia do seu saber.

Moszynski chegou até a emprestar-lhe mil ducados, dinheiro que nunca mais viu: “Para o sr. Casanova. O senhor é um homem de palavra. Descobri isso. Que um melhor destino possa aguardá-lo nos países aos quais se dirige, e lembre-se de que tem em mim um amigo. A. Moszynski.” Esse bilhete foi encontrado depois da morte de Casanova, junto de outro, que estava preso a ele: “Tendo recebido mil ducados do rei da Polônia quando ele me ordenou que saísse de Varsóvia [por causa do duelo], enviei ao ministro dele as notas dos meus credores. Ele me escreveu esta carta e eu parti no mesmo dia, 8 de junho [na realidade, julho] de 1766.”

O duelo na Polônia foi um divisor de águas na vida de Casanova. Trouxe-lhe muitos aplausos e notoriedade, assim como a fama, não totalmente bem-vinda, de ser uma presença perigosa e instável em qualquer cidade. Nos anos seguintes, ele e Branicki vieram a se tornar grandes amigos. Casanova inclusive lhe dedicou sua obra de 1782 — *Ne amori ne donne*. Ao transformar a história do duelo, do qual ele acabou por sentir bastante orgulho, em um de seus casos preferidos, Casanova teve a certeza de que um dia iria publicá-la.

Por algum tempo, ele se viu tratado como uma celebridade. Como um personagem literário que também realizara certos ideais quixotescos da época, ele virou a cabeça das pessoas, e este não foi o caso apenas na Polônia. Nessa época, ele era descrito como “um homem conhecido no mundo das letras, homem de conhecimento profundo”. O que era exatamente a maneira como ele sempre quis ser considerado, ao menos fora da alcova, é claro. Infelizmente, porém, ele ainda não tinha qualquer fonte verdadeira de renda, e menos ainda alguma ideia de para onde estava se dirigindo na vida. Mas assumira o papel de um aristocrata do Velho Mundo em um jogo que ele não deveria jogar, e se manteve firme, deixando muita gente impressionada enquanto a história se espalhava pelos salões da Europa.

Mas então Casanova foi cruelmente exposto como o simples filho de uma atriz, mas havia conquistado uma espécie de nobreza de criação própria, algo representativo do espírito da época. As correntes subterrâneas do ressentimento, que iriam varrer a velha ordem — e das quais, deve-se observar, ele ainda lutava para tirar proveito — já estavam em movimento. O abade Tartuffi, um clérigo italiano que vivia

em Varsóvia naquela mesma época, considerou Casanova uma espécie de herói, mas não por muito tempo. Como escreveu ao poeta de Pádua, Melchiore Cesarotti:

> É uma pena que o ilustre Casanova, antes um herói e um nobre da ficção, e acima de tudo um pretenso sábio, não tenha tido a capacidade de sustentar seu grande papel … pouco depois do seu brilhante feito, algumas infelizes histórias do passado, muito bem confirmadas, fizeram desaparecer seus louros. O assombro foi substituído pelo desprezo … Ali está, por causa disso, a nossa gloriosa borboleta, transformada subitamente em lagarta.

FIM DO QUARTO ATO

INTERMEZZO

Casanova — escritor gastronômico

"Ele carrega consigo [o tempo todo] três pequenas folhas de papel,
o que lhe permite escrever confortavelmente sempre que deseja."
OBSERVAÇÕES DA INQUISIÇÃO VENEZIANA SOBRE O ESCRITOR CASANOVA

"Sou insaciável … sempre perguntando, curioso, questionador, intolerável."
GIACOMO CASANOVA PARA CRÉBILLON

CASANOVA FOI UM ESCRITOR de extrema originalidade, tanto no sentido histórico quanto no literário. Não existe nesse período nada comparável à *História da minha vida*, e em alguns aspectos ela é mesmo ímpar: uma obra de singularidade vibrante em virtude das experiências únicas e da franqueza que o autor manifesta sem qualquer afetação. Um aspecto particularmente revigorante da obra é a gastronomia: um exemplo de sua abrangente abordagem da história social, assim como, claro, de uma simples declaração de seus interesses pessoais. Ele adorava comer. Quando ficou mais velho, os amigos observavam com preocupação seu apetite gargantuesco nas ocasiões cada vez mais raras em que se podia obter comida de boa qualidade. Foi um dos últimos prazeres sensuais que lhe restaram quando sua saúde começou a declinar.

Mas o interesse pela comida proporcionou a Casanova um lugar na história da gastronomia. Ele é fonte inestimável de informações sobre o que se comia por toda a Europa, numa época em que pouca gente se dava ao trabalho de registrar esse tipo de coisa. Se o seu guia gastronômico foi frequentemente interrompido pelas intrigas românticas, a comida, por outro lado, sempre teve um colorido muito vívido em sua memória. Há uma triste anotação, feita no final de sua vida, que sobreviveu no castelo de Dux. Ela traz uma receita de biscoitos venezianos, talvez de Burano. Ele costumava dizer que esses biscoitos

faziam bem à digestão. Na verdade, aquilo era um alimento para a alma de um homem já velho: "… são esses os biscoitos que sinto tanta vontade de comer", escreveu ele, "molhados no vinho, para fortificar o estômago … são compostos de um pouco de fermento, uma gema de ovo e muito açúcar …"

Como o Dom Giovanni do libreto de Da Ponte, Casanova mal diferenciava o amor pela comida e pelas mulheres. Usava a linguagem do amor e do sexo para descrever a comida e vice-versa. "Para os homens, fazer sexo é como comer, e comer é como fazer sexo: é nutrição … e da mesma forma como sempre existe um prazer diferente quando se experimenta diversos molhos [*ragoûts*], o mesmo acontece com o jogo do amor/orgasmo [*la jouissance amoureuse*]. Embora o efeito possa ser o mesmo no início, aprende-se que toda mulher é uma experiência única." "O sentido do olfato", Casanova adorava dizer também, "desempenha um papel nada pequeno nos prazeres de Vênus." Talvez tenha sido essa ânsia de provar todos os prazeres da vida, e sua confiança desinibida de recordá-los em prosa, que o tornou um escritor gastronômico de primeira linha. Em cada hospedaria, capital, salão de baile ou *ridotto*, em suas memórias ele recorda tudo o que colocou na boca, da omelete com que foi recebido ao ver Roma pela primeira vez até os sorvetes parisienses, a cerveja londrina, as ostras de Nápoles, importadas do Arsenale Veneziano, e os confeitos de Corfu. Ele jamais se lançou na estrada sem pensar no estômago, e chegou a sugerir levar um coelho assado para petiscar durante a viagem.

Isso comprova, em primeiro lugar, a existência de um minucioso registro escrito, um diário do consumo e do apetite, anterior à *História*, e que se perdeu. Por outro lado, também pode demonstrar uma memória singularmente sensitiva e sensual, e a parcimônia dos sabores que lhe são oferecidos na velhice. Casanova estava revivendo os paladares e os cheiros de seu passado. A *História da minha vida* registra mais de 200 refeições, pelo menos 20 diferentes vinhos de toda a Europa e muitas dezenas de pratos e outros segredos perdidos da gastronomia. Fala da possibilidade de se conseguir macarrão na Paris de Luís XV, polenta na Boêmia e nhoque nas prisões venezianas, do preço de 100 ostras em Roma e da vodca e da orchata no Palácio de Inverno de Catarina a Grande.

Na juventude, Casanova viveu a última grande era da culinária veneziana, o último desabrochar de uma mistura única de influências culturais: o fulcro das rotas originais das especiarias. Casanova salpicava as massas — provavelmente mais como o espaguete, embora também gostasse de macarrão — com canela e açúcar, como era normal no final da Idade Média, hábito há muito esquecido, mesmo nas ilhas mais remotas e intocadas da laguna, e que não foi mais visto em parte alguma da Europa.

Em sua primeira visita à França, aos 25 anos, ficou chocado não pela residência real semipública do Palais Royal, que ainda não era o ponto repleto de restaurantes (como se tornaria mais para o final do século), mas sim por sua abundância de possíveis escolhas para um bebedor de discernimento: a *ratafia*, um licor de frutas, a orchata, licor estimulante feito de cevada e amêndoas, também popular na Londres dos tempos de Jorge, e a *bavaroise*, um chá doce engrossado com gema de ovo, leite e *kirsch*. Tudo isso lhe era oferecido, além do café, "*au lait*", embora só o servissem de manhã, e *jamais* depois da refeição. Seu amigo francês Patu também o levou até a tabacaria Civette, do outro lado do que depois se tornou o Café de la Régence. Nesse ponto suas memórias se tornam quase um guia moderno das delícias do café-soçaite parisiense — ele registra até mesmo as cadeiras de bambu —, com a informação adicional de que o seu amigo francês conhecia pelo nome não só os cafés e seus pratos característicos, mas as "delicadas" damas do Palais Royal, que faziam seu comércio nos quartos de cima.

Em Londres, Casanova na mesma hora ficou muito impressionado com os produtos britânicos e com a forma como os chefs os tratavam. Concluiu que os britânicos cozinhavam a carne simplesmente por disporem dela em grande abundância, e os estalajadeiros londrinos se concentravam no prato principal de carne e deixavam os outros de lado. As refeições inglesas eram como a eternidade, queixava-se ele: não tinham "começo nem fim". Seu paladar cultivado na França sentia falta da sopa, que as tavernas de Londres dos anos 1760 consideravam uma extravagância parisiense insossa.

Casanova contratou um chef francês em Pall Mall e fez muitas refeições em casa. Entretanto, elogiava o simples pão com manteiga, o chá e a limonada na rotunda de Ranelagh Gardens. Observou que os

bagnios de Londres — os bordéis de St. James que prefiguraram os clubes para cavalheiros do final do século — serviam uma comida excelente como parte do comércio sexual, com tudo incluído. Inevitavelmente, ele admirava a comida italiana mais do que qualquer outra, sobretudo a culinária napolitana. "Tudo [ali] é delicioso; as verduras, todos os laticínios, a carne vermelha, a vitela, até mesmo a farinha de trigo de Sorrento, que dá o sabor característico a todas as massas … os sorvetes com limão, com chocolate, com café, e os mais deliciosos queijos que se possa imaginar."

Em seus escritos, Casanova relaciona constantemente o sexo, a comida e os cheiros: "Sempre achei que a pessoa pela qual estava apaixonado cheirava bem … e quanto mais ela suasse, mais doce eu a achava", observa ele, e continua na mesma frase dizendo que em sua opinião os queijos só atingem a perfeição "quando as pequenas criaturas que habitam neles se tornam visíveis". Era uma época diversa com relação aos odores, fossem estes ricos ou repulsivos, muito mais vívida do que a nossa. As passagens mais eróticas da *História* são recheadas de descrições sobre comidas. A sedução da freira M.M. por Casanova, ou a dele por ela, tem mais detalhes acerca do que eles comem do que de seus atos sexuais.

> Comentei com ela sobre todos os pratos e achei tudo excelente: a caça, o esturjão, as trufas, as ostras e os vinhos — perfeitos. Só reprovei [o cozinheiro] por ter esquecido de colocar um prato com ovos cozidos, anchovas e vinagres aromáticos para que fizéssemos uma salada … Também disse que desejava laranjas-amargas para dar sabor ao ponche, e que queria rum, e não arak.

E isso numa noite em que sabia que iria fazer amor com uma mulher voluptuosa e bastante experiente. Em outra ocasião, colocou fios de cabelo de uma amante nos doces que eles iriam comer ao fazerem amor, e descobriu um doceiro judeu que fazia confeitos cristalizados de "açúcar misturado a essências de ambergris, angélica, baunilha, alquermes e styrax", além de cabelo pulverizado. Poucos amantes devem ter ido tão longe ao criar a receita de um romance. Depois, pôs tudo na boca e disse que morreria se ela não o beijasse. O ato de comer fazia parte da mise-en-scène da sedução, e de suas recordações dela.

A respeito dos afrodisíacos, ele se mostra surpreendentemente impreciso. Compartilhava a usual confiança da época no chocolate — uma de suas bebidas prediletas —, no café e no champanhe. Pode ter se originado nele a fama das ostras como afrodisíacas. Ele dá uma espécie de receita para se levar muito tempo fazendo amor, e adverte uma amante que estava à beira de explodir de tanto desejo por ter tomado "uma taça de chocolate com as claras de seis ovos … em uma salada preparada com óleo de Lucca e Vinagre dos Quatro Ladrões". Ele acreditava que essas claras de ovo lhe permitiriam ejacular cinco ou seis vezes. Para aliviar seu desconforto e testar a eficácia do afrodisíaco, sua submissa musa se ofereceu para aliviá-lo da primeira "clara de ovo" por meio de uma competente assistência manual. Sua famosa opinião, expressa durante o mesmo caso amoroso, de que não há melhor molho para uma ostra do que a saliva da mulher amada, foi repetida várias vezes em outras seduções, e também usada como elemento de seus jogos sexuais educativos com mulheres mais jovens. "Não existe jogo mais lascivo e sensual … é uma coisa engraçada, mas a comédia não faz mal a ninguém." E elas riam, comiam, beijavam-no e caíam em seus braços. O jogo, explicava ele, consistia em passar mariscos vivos de uma boca para outra, e depois comê-los sobre os seios e outras partes do corpo. Não se deve tentar fazer isso nos restaurantes.

Ele recorda quando a primeira M.M., possivelmente a sua amante mais aventureira e obcecada por comida, saboreava um prato feito pelo cozinheiro francês que trabalhava para De Bernis. Para agradá-la, Casanova resolveu aprender a prepará-lo. "O cozinheiro, cujo nome era Du Rosier, ficou meu amigo … o prato se chamava *La françiade*", explicou. Lamentavelmente, Casanova não nos revelou a receita. Com a mesma veia humorística, ele assinala a preferência da rainha de Luís XV por *fricassée* de galinha — numa época em que a família real francesa era forçada a comer em público, com os figurões de Versalhes reduzidos a servir à mesa. Mas não explica o que havia de tão especial naquilo.

Casanova sabia cozinhar? Pelas evidências escritas de próprio punho, muito mal, e apenas coisas simples. Ele era alguém mais para dirigir um chef do que propriamente ser um. É certo que fez, certa vez, uma omelete para Giustiniana, porém era mais provável ele dar instruções a um estalajadeiro ou a um chef sobre o que desejava comer: cozinhar era

algo impossível para um *chevalier*. Ele ensinou uma italiana a preparar um "*blancpudding*" inglês — possivelmente um pudim de amêndoas com rum, ou talvez alguma forma de "pudim branco" de carne — para a jovem Betty, de Hammersmith, receita que deve ter obtido em Londres, em 1763.

Ele acreditava no poder de uma mesa posta antes de alguma sedução importante já planejada, e fez isso muitas vezes, recordando depois os detalhes do que foi consumido como parte da excitação prévia em sua imaginação. Entretanto, entre os seus papéis ele deixou uma coleção de receitas recolhidas em suas viagens. Seguindo o estilo da época, ele mistura prescrições médicas, conselhos de viagens, astrologia e química com comidas, inclusive dando instruções de como se limpar quadros e uma receita para branquear os dentes. Esse item, ao lado do lembrete para se ter sempre um "fogareiro de viagem, temperos italianos e uma panela", era pré-requisito para pegar a estrada, e dá a Casanova, o eterno viajante amoroso, uma surpreendente imagem de um novo homem, seguro de si.

Sua posição pouco reconhecida como um importante gourmet, e também como uma das fontes mais ricas do século XVIII como historiador social da culinária contradiz outras verdades importantes. Ao emoldurar quase todos os seus encontros eróticos, e muitos outros meramente sociais, no contexto da comida, Casanova se revela um delicado sensualista, com uma necessidade de reafirmar a própria existência, e a memória da mesma, no reino dos sabores. Sua aparente compulsão sexual pode ser explicada, então, menos pelo apetite e pela oportunidade do que por uma personalidade voraz, que encontrava alívio apenas na sensualidade sociável.

Quinto Ato

QUINTO ATO, CENA I

Il traviato, o errante

1766-70



"São esses os mais belos momentos na história da minha vida;
esses reencontros felizes, inesperados, imprevisíveis e puramente
casuais … e por isso mesmo ainda mais preciosos."
GIACOMO CASANOVA

CASANOVA SEGUIU DE VARSÓVIA a Dresden para ver a mãe, e em seguida para Viena e Augsburg. Ali, tinha a intenção de pressionar o eleitor de Mannheim para conseguir um posto, por intermédio de um amigo que conhecera em Paris em 1757, o conde Maximilian Lamberg, cujas diversas cartas enviadas a Casanova no ano seguinte ainda sobrevivem no arquivo de Praga. Seria cada vez mais característico de Casanova confiar menos nas mulheres aristocratas importantes e na cabala do que em homens como Lamberg, entusiastas da literatura e também maçons. Mas os seus últimos anos errantes seguiram a tradição quase que operística da pessoa que se perdeu no caminho: um viajante e também uma alma perdida, ou seja, um *traviato*.

Ele seguiu viagem para Colônia, Aix-la-Chapelle e Spa, estação de águas onde se tratou de agosto a setembro de 1767. O próprio relato sobre a estação de águas rivaliza com os suvenires que guardou de lá, ao que parece por motivos nostálgicos, e que ainda se encontram no arquivo de Praga: cartões de lojistas, listas de nomes da sociedade local e cartões de visita. Nos anos 1760, mais de 2 mil curistas visitavam Spa anualmente, mais para beber as águas do que para os banhos. Iam lá para jogar, relacionar-se socialmente e tratar da saúde. Também era comum que fizessem o mesmo em Baden-Baden, Aix-les-Bains, Karlsbad,

Teplice e Bath. Parte dos lucros do jogo ia para o príncipe-bispo de Liège, cuja jurisdição abrangia a cidade. Casanova conhecia muitos daqueles jogadores e dos viajantes a passeio, aquela multidão inconstante que adejava entre Paris, Dresden, Roma e Spa.

Um antigo conhecido seu, o marquês della Croce, estava lá, não mais acompanhado da mademoiselle Crosin, a quem certa vez Casanova acompanhara até Marselha e depois ainda mais longe, ao sul, porém de outra jovem amante, Charlotte Lamotte. Croce perdeu todo o dinheiro que tinha e até mesmo as joias de Charlotte nas mesas de jogo, abandonando-a depois, sem um tostão e grávida, aos cuidados de um homem que ele sabia gostar de ajudar mulheres aflitas. Casanova levou-a de volta a Paris para ter o filho. Croce tinha razão ao achar que Casanova cuidaria dela: ele atuou como enfermeiro no decorrer de toda a internação e estava ao lado de seu leito quando ela morreu por causa do parto.

Depois do funeral, ao qual assistiu sozinho, Casanova recebeu más notícias de Veneza. Bragadin havia morrido. Seu amigo Dandolo atendeu ao pedido de mil *écus*. Porém, chegava ao fim o longo apoio financeiro a Casanova.

E a situação piorou ainda mais. Talvez por influência da família da marquesa d'Urfé, mas provavelmente também por exigência dos credores, Casanova recebeu uma *lettre de cachet* assinada por Luís XV, o que significava seu banimento temporário da França, que fora seu lar por uma década. Deram-lhe 48 horas para sair de Paris.

O duque de Choiseul, amigo de De Bernis e seu parceiro de longo tempo em questões financeiras, conseguiu que Casanova atravessasse os Pireneus para a Espanha munido de cartas de apresentação da princesa Lubomirska e do marquês de Caraccioli a vários ministros do governo espanhol.

Casanova viajou via Bordeaux e atravessou os Pireneus montado em uma mula até chegar a Pamplona. Dispunha de dinheiro suficiente para levar consigo grande quantidade de livros, que depois tanto lamentou ao serem confiscados na fronteira. Chegou a Madri pela porta de Alcala e se

instalou na calle de la Cruz. Quase imediatamente se dirigiu ao chefe do governo espanhol, o conde d'Aranda, que não nutria maus sentimentos para com ele, embora fosse legitimamente o dono do título que o seu tutelado, Joseph Cornelys, usara. Apesar da falta de credenciais, de uma profissão, de dinheiro ou de origem, ainda assim Casanova se ofereceu para um emprego no mais alto escalão do governo espanhol. Foi, compreensivelmente, admoestado pelo primeiro-ministro, que o mandou, antes de qualquer coisa, dirigir-se à embaixada veneziana. Por esses mesmos argumentos razoáveis, ele se viu rejeitado pelo duque de Lossada.

Casanova então procurou um certo Gaspar Soderini, secretário do embaixador de Veneza, Mocenigo, que também se declarou abismado diante de seu descaramento — ele não era um fugitivo da justiça veneziana? — e riu na sua cara. Casanova destacou friamente que não estava pedindo para o apresentarem ao representante da *Inquisição* veneziana, mas sim ao representante do *Estado* veneziano, com o qual não tinha nenhuma desavença. Dandolo, que trabalhava a seu favor em Veneza, conseguiu-lhe, semanas depois, um reconhecimento de que Veneza não tinha novos problemas com ele, mesmo que a Inquisição os tivesse, e que ele deveria receber toda a consideração enquanto se encontrasse na Espanha.

E assim teve início a permanência de Casanova na Espanha e seu ingresso na vida social de Madri, tão exótica por sua mistura de pessoas sensualistas e reprimidas. O Santo Ofício, ou Inquisição, impregnava todos os aspectos da vida. Havia um florescente cenário teatral, porém a parte de baixo dos camarotes tinha sido removida para que os espiões da Inquisição pudessem manter seus olhos sobre as pernas de todo mundo. Havia uma profusão de músicas e de óperas, contudo os atores e a orquestra eram obrigados a cair de joelhos caso se ouvisse o grito "*Dios!*", o que significava que uma procissão estava passando lá fora. E as mulheres espanholas, segundo Casanova, costumavam cobrir com seus véus as imagens religiosas de seus quartos antes de o levarem para a cama.

Em 17 de janeiro de 1768, dia de santo Antônio, Casanova assistiu à missa na Igreja da Soledad, na rua Fuencarral, e depois acompanhou uma moça desde o confessionário até a casa dela para pedir ao seu pai,

que era sapateiro, permissão para levá-la a um baile. Aquele era o dia ideal para se fazer tudo em Madri, explica ele na *História.* O nome da moça era *doña* Ignazia, que se tornou objeto de suas atenções durante a estada na Espanha. Ela e o pai negociaram suas condições como cortesã por intermédio do pajem espanhol de Casanova. Entretanto, *doña* Ignazia era uma católica devota, que parecia não fazer muita ideia, pelo menos no início, do que o pai e o veneziano lhe estavam solicitando. Primeiro, ela concordou em dançar o fandango, uma novidade para Casanova, "de uma forma tão voluptuosa", escreve ele, "que ela não me poderia ter prometido nada mais eloquente em palavras". Mas por muito tempo não passou disso. Ela e Casanova desenvolveram uma grande afeição mútua, mas aquele foi um caso amoroso arduamente disputado, e que jamais, na maneira de pensar dele, foi consumado de maneira adequada.

À espera de um favor real, depois de ter cortejado as boas graças diplomáticas, inevitavelmente Casanova se viu envolto em dificuldades financeiras. Como sempre, estava vivendo acima de suas possibilidades, numa tentativa cada vez mais irracional de persuadir os poderosos de que merecia se juntar a eles. Além disso, veio a se descobrir que ele tinha pistolas escondidas consigo, o que era contra a lei em Madri. Ele fugiu para a casa do pintor da corte, Raphael Mengs, amigo de seu irmão, que ele conhecera em Roma sete anos antes, mas foi preso em 20 de fevereiro de 1768.

Casanova passou apenas dois dias na prisão de Buen Retiro, mas ficou muito abalado, tanto por suas lembranças da prisão dos chumbos em Veneza como pela ausência de qualquer acusação real contra ele. O governo espanhol desculpou-se e lhe deu uma compensação financeira, mas ele adoeceu. Dizia que estava com febre, porém pode ter sido um novo ataque da infecção sifilítica contraída em Londres ou em algum outro lugar. Ele deixou de comparecer à missa no domingo de Páscoa, acamado e muito adoentado na casa de Mengs para aceitar um convite para se juntar à corte e ao corpo diplomático em Aranjuez. Por isso, seu nome ficou registrado pela Inquisição como um provável ateu e Mengs foi forçado a pedir que Casanova deixasse sua casa.

Casanova ficou furioso. Não com a Inquisição, mas com Mengs. Levantou-se da cama e seguiu para a Igreja de Aranjuez, onde confessou publicamente seus pecados e se proclamou católico. Jamais perdoou o

pintor, porém mais tarde, de volta a Roma, Mengs explicou que ele também estivera sob a vigilância da Inquisição espanhola, que suspeitava que ele fosse protestante.

O embaixador Mocenigo ofereceu cartas de apresentação e convites a Casanova. Ele fazia suas refeições na embaixada de Veneza, e ali conseguiu convencer Pablo Olivades de que poderia ser o homem certo para ajudar o governo espanhol em seu plano de colonizar Sierra Morena, na Espanha, com católicos suíços e alemães. Ele acabou flanando pela Espanha, com perspectivas de poder fazer parte desse esquema, mas isso não deu em nada. Seu ímpeto empreendedor parecia cada vez mais estimulado com o passar dos anos, porém cada vez menos chegava à realização. Ele continuava a declarar seu conhecimento técnico da indústria da seda, embora seu negócio em Paris tivesse fracassado, e os venezianos, assim como os russos, zombassem de suas ideias sobre tinturas e plantações de amora. Ele propôs uma fábrica de tabaco em Madri e abriu uma fábrica de sabão em Varsóvia, mas não conseguiu nenhum apoio de capital. Casanova procurava impressionar as pessoas, e só às vezes isso é um ingrediente no sucesso dos negócios.

Durante toda essa fase, ele nunca deixou de ter contato com seus companheiros literatos e suas ambições, o que lhe tomava muito tempo e energia. Ele e o mestre do coro da corte em Madri colaboraram nas ideias para uma nova ópera com um libreto italiano que Casanova acabou por escrever. Mas ele saiu de Madri sob uma nuvem de mexericos e indiscrições. Deixara escapar que um jovem aliciador de prostitutos para o embaixador veneziano, conde Manuzzi, era na verdade filho de um espião da Inquisição, Giovanni Manuzzi, que tanto o perseguira. Assim, atraiu o eterno opróbrio de Manuzzi filho por essa indiscrição hipócrita e desnecessária, e que tampouco era o que ele pretendia, e partiu para Valência, depois para Barcelona, em fins de 1768.

Lá ele se meteu em problemas ainda mais graves. Atacado por dois homens, que podem ter sido contratados para roubá-lo ou mesmo matá-lo, ele desembainhou a espada e matou um deles. Foi preso por 42 dias, durante os quais parece que muitas cartas circularam, muitas das quais só recentemente vieram a público, tramando rotulá-lo como mentiroso, embusteiro e ladrão. Em grande parte, essa campanha de difamação

tinha sido orquestrada por Giacomo Passano, seu antigo sócio-conspirador e secretário no prolongado caso d'Urfé. Passano escrevera a Teresa Cornelys, em Londres, ao marquês della Pietra, em Gênova, ao conde Ricla, capitão-geral da Catalunha, em Barcelona, e a Joseph Bono, amigo de Casanova em Lyon, quer fosse para denegrir seu nome, quer, no caso de Pietra, para persuadi-los a abrir um processo judicial contra Casanova. O ódio de Passano chegara ao extremo, e Casanova sabia que em parte era culpado. As múltiplas acusações de pôr em circulação letras de câmbio sem valor e de não honrar dívidas de jogo foram muito prejudiciais para um jogador itinerante como ele, e provavelmente não eram verdade. Embora ele tivesse passado muitos anos devendo dinheiro, não seria louco o bastante para faltar aos compromissos de jogo, naquele pequeno mundo de viajantes que percorriam a Europa.

Passano era movido por sua amarga aversão por Casanova, e por se sentir ludibriado naquele tão lucrativo caso d'Urfé. E nisto ele estava certo. Casanova ganhou muitos milhares de libras francesas com os bens da marquesa d'Urfé, enquanto seus parceiros conspiradores receberam apenas o bastante para atender a despesas menores. Durante alguns meses, ele tentou sair da Espanha. Mas para isso precisava de um passaporte expedido pelo novo embaixador veneziano, Querini, e pelas autoridades espanholas, que agiam dessa maneira, como na Rússia, para impedir que os estrangeiros saíssem do país deixando dívidas substanciais. O crime dele foi considerado justificável, como legítima defesa (uma das teorias era que os atacantes seriam pagos por autoridades espanholas ou de Barcelona, e não por Passano), e Casanova por fim recebeu os documentos de que necessitava para deixar a Espanha.

Nesses papéis, entretanto, não havia qualquer menção a seus títulos, supostos reais e, no caso dos de Veneza, sequer ao título de monsieur. Sem raízes, sem país, sem status, ele viajou para Perpignan, Narbonne, Béziers e Montpellier, onde encontrou uma antiga amante, mademoiselle Blasin, agora feliz no casamento, e prosseguiu para o santuário da residência literária do marquês d'Argens, em Aix-en-Provence, onde passou quatro meses se recuperando.

Nos primeiros meses de 1769, ele parece ter sofrido um segundo grande esgotamento, semelhante ao de Londres. Hospedou-se em uma

estalagem na rue Quatre Dauphins. Lá, vez por outra recebia a visita de d'Argens, que lhe emprestava livros, e podia observar as idas e vindas dos clérigos que seguiam para o conclave papal: seu velho conhecido Clemente XIII morrera em 2 de fevereiro, e diversos cardeais passavam por ali a caminho do Vaticano. O mal-estar de Casanova pode ter sido fruto da exaustão ou de outra recorrência da sífilis, que aos poucos ia tomando conta de seus órgãos. Ele se refere a esse período como a sua "grande doença", e ao tratamento com mercúrio como o "grande remédio". Pode também ter sido uma febre, ou uma pleurisia, como ele escreve.

Durante seus delírios ocasionais, ele era assistido por uma enfermeira. Presumiu que ela fora chamada pelo estalajadeiro, porém revelou-se depois que fora Henriette quem a mandara. Naquela cidade pequena, eles tinham consciência da presença um do outro. "Eu pensava constantemente em Henriette, já sabendo qual era seu nome verdadeiro, e sempre esperava vê-la em alguma reunião na cidade, quando poderia desempenhar para ela qualquer papel que ela esperasse de mim."

Nesse meio-tempo, ele se estabeleceu no mundo confortável da pequena hospedaria de Aix. D'Argens visitava-o à medida que ele ia se recuperando. Antigo diretor da Academia de Ciências de Berlim, e muito conhecido pela família de Frederico o Grande, ele dava conselhos a Casanova sobre sinecuras acadêmicas e sobre a arte de escrever.

Foi só quando já estava para trocar Aix por Marselha que Casanova decidiu visitar Henriette. Deteve-se na Croix d'Or, na estrada de Aix para Marselha, e pediu ao cocheiro que retornasse até o castelo onde, em 1763, ele se hospedara após romper, ali perto, com Marcolina. Bateu na porta. Quem abriu foi a mesma mulher que o atendera como enfermeira em Aix: a governanta de Henriette. Ela disse que, por coincidência, a patroa estava em Aix, na sua residência da cidade. Casanova então concluiu que ela poderia tê-lo encontrado facilmente, se quisesse. Por orgulho ou por discrição, decidiu não ir atrás dela. Escreveu-lhe uma carta, que deixou com a governanta, com um endereço em Marselha para onde ela poderia responder. Quando ela o fez, revelou-lhe que eles haviam estado no mesmo grupo de pessoas, em Aix, mas Casanova, passados 20 anos desde a última vez em que tinham feito amor, não a reconhecera:

> Nada, meu querido e velho amigo, é mais próprio das páginas de um romance do que o fato de por pouco não nos termos encontrado, seis anos atrás, em minha casa, e agora [isto], após 22 anos. Nós dois envelhecemos. Você acredita que, embora eu ainda o ame, tenha ficado muito feliz por você não me ter reconhecido? Não que eu tenha ficado feia, mas ganhar peso modificou a minha expressão, sei disso. Sou agora uma viúva feliz e rica o bastante para poder ajudá-lo [se precisar]. Não volte a Aix … pois seu retorno poderia levar a mexericos … Se quiser escrever, farei tudo para responder com regularidade … Prometo [isto] agora, que você me deu provas tão fortes da sua discrição … Adeus.

Por várias décadas, diz Casanova, eles trocaram cartas, nenhuma das quais sobrevive hoje no arquivo de Praga. Para proteger o nome e a reputação de Henriette, talvez ele tenha destruído todas as cartas dela antes de morrer. Pelo menos com Henriette Casanova foi, como ela declarou, "o mais honrado dos homens". Ou quem sabe essas cartas jamais existiram.

Por volta dessa época, depois de passar 14 anos no exílio, Casanova começou a pensar em retornar para Veneza. Segundo os arquivos da Inquisição, ele vinha tentando obter a aprovação oficial de Veneza desde o final dos anos 1750. Sua espionagem industrial não deixara as autoridades impressionadas, e por isso ele resolveu fundir suas ambições literárias com as políticas e redigiu um texto polêmico. Tinha começado a escrever sobre a história política moderna da Polônia, e também a fazer uma tradução da *Ilíada*, mas pôs ambas as coisas de lado em favor de um tratado sobre o governo veneziano, muito satirizado na época, estruturado como uma resposta à *Histoire du gouvernement de Venise*, de 1676, de Amelot de la Houssaie. Parece que começara a pensar nisso ainda enquanto estava preso na Espanha, e que discutira o projeto com d'Argens, em Aix, e frequentemente, por carta, com um correspondente regular, Gariba de la Perouse, que propôs uma subscrição adiantada para 50 exemplares. Ele solicitou mais subscrições — que eram o caminho usual para a publicação — e conseguiu algumas na casa de sir William Lynch, o cônsul britânico em Turim, quando lá chegou no outono de 1769, passando por Antibes, Nice e o Piemonte. Quando chegou o momento de decidir onde imprimir a *Confutazione*, como ficou conhecida a obra, Casanova e seus patrocinadores se instalaram em Lugano, "onde se faziam boas impressões e nenhuma censura".

As memórias — quase pela própria caligrafia — mostram que o ânimo de Casanova ficou bem mais elevado com a perspectiva daquela publicação. Era uma obra ambiciosa, e ele se interessou por tudo, desde o papel até o tipo de fonte. Publicada em três volumes, acabou vendendo toda a primeira impressão. "Meu propósito ao imprimir este trabalho", declarou categoricamente Casanova, "foi o de obter o perdão dos inquisidores do Estado veneziano. Depois de viajar de um extremo ao outro da Europa, fiquei tão arrasado pela vontade de retornar a meu país natal que me parecia que eu não poderia mais viver em nenhum outro lugar." Embora, ponto por ponto, ele expresse opinião favorável ao estilo de governo veneziano, enquanto Amelot o descrevera como medieval e obscurantista, essa ironia não pode ter lhe escapado. Enviou uma cópia do livro a Veneza em dezembro de 1769 pelo *sig nor* Berlendis, ministro veneziano em Turim. O *establishment* político veneziano não deu qualquer resposta.

Casanova então foi forçado a procurar perspectivas financeiras mais imediatas. Conseguiu com Lynch, o cônsul britânico, uma carta de recomendação para sir John Dick, cônsul da Grã-Bretanha em Livorno, e em janeiro de 1770 partiu para esta cidade na esperança de trabalhar com o conde Aléxis Orlov. Orlov, amigo de Casanova desde os tempos de São Petersburgo e irmão do ex-amante de Catarina a Grande, o príncipe Orlov, encontrava-se ali para reunir uma frota russa que deveria atacar os otomanos no mar Negro. Orlov lembrou-se do veneziano intelectual e aventureiro dos Jardins de Verão de São Petersburgo. Ofereceu-se para levar Casanova em sua frota, sem pagar, como escritor e observador. Casanova declinou o convite. Não podia mais se permitir aventuras pelo simples prazer. E ainda não obtivera resposta de Veneza.

Viajou então para Florença, onde sua presença na cidade foi registrada pela *Gazette*. Ele exigiu uma correção do editor por ter declarado que ele era um nobre veneziano, o que evidencia seu desespero pelo favorecimento no palácio do doge: "Descrevemos na última edição da *Gazzetta* [um certo] *sig*. Giacomo Casanova di S. Gallo [*sic*] como um nobre veneziano. Declaramos que a pessoa mencionada veio pessoalmente nos dizer que é veneziano, porém não nobre, declarando que jamais atribuiu tal qualidade a si próprio."

Ele continuou viajando por Pisa, Parma, Bolonha e Siena, ao que

parece tendo Roma como destino final. Passou várias semanas em Siena, onde, como cada vez mais era seu costume, procurou as bibliotecas e os arquivos locais, trabalhando brevemente com o abade Chiachieri, bibliotecário da Universidade de Siena. Passou algum tempo com Tabarrini, um anatomista com quem trocou livros, e também com a marquesa Chigi, que era uma intelectual, e com um certo conde Piccolomini, famoso por ficar sem falar durante seis meses do ano, a fim de libertar a mente para poder escrever. E divertiu-se com duas irmãs famosas pela capacidade de improvisarem versos clássicos. O intelecto das mulheres passou a ser o que mais o atraía, muito mais do que quaisquer atributos físicos, porém ao mesmo tempo ele observa tristemente que já estava há muito tempo sem ter uma amante.

Henriette não foi a única pessoa a observar que Casanova, agora com quarenta e poucos anos, envelhecera. O conde de La Perouse, em Turim, e o *chevalier* Raiberti disseram-lhe também a mesma coisa, assim como a mademoiselle Crosin em Marselha. Ele fora um homem extremamente vaidoso, um dândi de sua época, e aquilo o feriu. Sua pele, que durante toda a vida as pessoas comentavam ser escura para a moda da época, estava ficando enrugada, e ele não tinha mais o mesmo vigor — tanto sexual quanto de outros tipos — que havia caracterizado sua juventude, e o declínio do primeiro, seu único alívio nos tempos mais difíceis, transformou-se em um grande peso psicológico com o passar dos anos.

Na estrada para Roma no início do verão de 1770 isso iria se modificar por pouco tempo. Como ele comenta, viajar em um veículo pequeno pelas estradas europeias era um caminho rápido para aventuras de toda espécie. A jovem que viajava no mesmo veículo que ele era inglesa. Por coincidência, ela frequentara a mesma escola que a filha dele, Sophie Cornelys, em Hammersmith. Assim, ele pôde ter notícias de Sophie, deixando sutilmente de explicar o motivo de desejar obtê-las. Betty, a inglesa, não era esposa do homem com quem estava viajando, o que Casanova logo pôde perceber, fazendo-lhe então a corte durante todo o percurso até Roma. Eles tinham em comum a amizade de Sophie, de quem Betty gostava muito nos tempos de escola. Casanova declarou ter um parentesco distante com ela, dizendo que a semelhança entre eles era apenas uma casualidade. Também a favor de Casanova, havia o mau comportamento do namorado de Betty, d'Étoiles, que deixava um rastro

de destruição por onde passava. Ele seguia cavalgando na frente, supostamente para lhes garantir refeições e acomodações, mas na verdade entrava sempre em luta corporal com os empregados das estalagens. Quando Betty confessou que ele também era violento com ela, Casanova se deu conta da verdade, porém ainda precisava convencer a jovem de que d'Étoiles não valia nada. Assim, propôs a ele uma aposta, segundo a qual d'Étoiles jamais conseguiria fazer Betty dormir com Casanova. D'Étoiles aceitou e em seguida tentou convencer Betty a dormir com Casanova. Betty sentiu-se insultada e foi para o quarto de Casanova com 0 orgulho ferido. Na manhã seguinte, d'Étoiles partira em segredo, carregando a valiosa pasta de Casanova cheia de documentos e letras de câmbio.

Mais tarde Casanova conseguiu dormir com a jovem, porém o caso deles, embora satisfatório, ensinou-lhe novas lições sobre a arte de amar nas estradas. Foi forçado a aceitar, com tristeza, o papel de pai de Betty em público, por medo de que pensassem que ele era um gigolô. Casanova não se refere de forma direta ao nítido abismo de gerações e à associação que fez dela com sua filha. Mas Betty descreveu-lhe o seu antigo protetor em Livorno como "velho, como você", o que ele recorda com uma pontada. Ele também observou que a única noite que dormiram juntos lembrou-o de sua singular paixão por não fazer sexo *per se* — ele tivera breves encontros, naquele mesmo ano —, mas sim por verdadeiros *casos amorosos*. Desde Ignazia, na Espanha, seu coração e sua mente não se comprometiam ao mesmo tempo em que sua libido.

Casanova conseguiu reaver sua preciosa pasta, e Betty, o seu baronete inglês, sir B. Miller, que a perdoou por sua indiscrição com Casanova, e os três viajaram juntos para Roma. Miller e Casanova tinham um amigo comum, lorde Baltimore, que Casanova não via desde 1763 em Londres. Baltimore encontrava-se em Roma, a caminho de Nápoles, quando Miller, Betty e Casanova ali chegaram. Casanova, sempre feliz em aceitar um convite e sempre feliz de ir a Nápoles, concordou em viajar para o sul com os três britânicos, embora seu caso com Betty já tivesse terminado e, o que não era nada comum, ele não fosse capaz de dominar a conversação: apesar do ano inteiro passado em Londres, ele jamais se deu ao trabalho de aprender inglês.

QUINTO ATO, CENA II

Cavaleiro papal

e comedor de ostras

1770-74



"Eu disse que sentiria muita pena se tivesse de reprimir meus desejos … na verdade, eu os cultivo … Emilia disse que não havia nada mais maravilhoso do que um pecado, porque seu sabor era tão delicioso … E o nosso senhor papa não proíbe?"
GIACOMO CASANOVA, SOBRE AS OSTRAS, 1770

A SOCIEDADE NAPOLITANA SEMPRE fora bondosa com Casanova, e nunca tanto quanto naquele verão de 1770. Metade da população de todos os salões a que compareceu parecia já tê-lo encontrado em alguma parte da Europa. O abade Da Gama estava ali, procedente de Turim, e também Agathe, antiga amante de lorde Hugh Percy, agora casada com um advogado napolitano. Outro que se encontrava lá era Ange Goudar, seu amigo por algum tempo em Londres e que depois apresentara lorde Baltimore a Charpillon. Ele desfrutara os favores recusados a Casanova, os quais, até 1770, tinham sido gozados por John Wilkes.

Goudar havia se casado com Sarah, uma garçonete irlandesa a quem conheceu em Londres e que agora se passava por um refinado prodígio musical. Nisso, ela e Casanova tinham algo em comum, e eles se tornaram amigos. Casanova jogou um pouco com Goudar, "que sustentava a si e à esposa com o jogo". Parece que Casanova ganhou e pôde pagar 20 ducados napolitanos — ou 80 francos franceses — a uma estudante de canto chamada Agathe Carrara, conhecida como La Callimena, e sua tia. Um gesto típico dele.

Nesse meio-tempo, por intermédio de muitos amigos de Londres que agora se encontravam em Nápoles, ele fez, ainda que brevemente, parte do grupo de expatriados britânicos. Jantava com frequência na elegante mesa de sir William Hamilton, que ainda não estava casado com a famosa Emma, cujas *soirées* incluíam amigos antigos de Casanova, entre eles Elizabeth Chudleigh, a antiga lady Hervey, agora duquesa de Kingston. Eles foram convidados para ir à propriedade do rei de Nápoles, no pé do Vesúvio, por Michele Imperiali, príncipe de Montena e Fancaville, que os recebeu magnificamente, com todas as formalidades usuais, acrescentando-se o espetáculo de um bando de pajens nadando inteiramente nus para o deleite dos convidados. Disseram que a duquesa de Kingston ficou muito impressionada. Para mostrar-se superior, ao ser desafiado Casanova também nadou naquela piscina. “Aquilo quase me matou”, escreveu mais tarde.

O restante da fortuna de Casanova — ou melhor, da marquesa d’Urfé — foi dissipado em Nápoles e arredores, sobretudo com Agathe Carrara e sua família. Diferente das “dançarinas” e “cantoras” anteriores de Casanova, ela parece ter possuído um talento real, o que Casanova adorava promover, embora isso tivesse custado a ela a virgindade e a ele saldar todos os débitos da família. Esse era um clássico arranjo daqueles tempos entre uma artista e um patrocinador rico da aristocracia. Exceto pelo fato de que Casanova não era aristocrata nem rico. Mas Casanova recebeu de volta as joias que certa vez dera de presente a outra Agathe, a antiga amante de lorde Hugh Percy, depois *signora* Orcivolo. Esta percebeu a difícil situação financeira de Casanova e parece ter convencido o marido de que Casanova era padrinho dela. Com essas joias, cujo valor chegava a 15 mil libras francesas em dinheiro vivo, Casanova começou a planejar uma viagem para o norte, até Roma. Mas não antes de visitar sua amada Anna Maria e a filha deles, Leonilda.

Desde a última vez em que as tinha visto, e que tentara conquistar a moça antes de saber que ela era sua filha, Leonilda havia prosperado. Casara-se com um marquês, e ela e a mãe viviam com certo luxo em uma grande propriedade campestre, que a Casanova lembrou os jardins de Frascati, onde Leonilda fora concebida. Quando Anna Maria descobriu que ele se encontrava em Nápoles, convidou-o a visitar a filha deles e seu marido.

Pela segunda vez em sua curta existência — tinha apenas 20 anos — Leonilda se relacionava com um homem praticamente impotente. O velho marquês de C. — como Casanova foi forçado a chamá-lo, pois Anna Maria, Leonilda e o filho que Leonilda teve depois, outro marquês de C., ainda viviam quando ele escrevia, no final dos anos 1780 — sofria de gota. Ele não conseguia ficar de pé quando sua jovem esposa o apresentou ao *chevalier* de Seingalt. Leonilda, observou Casanova, havia crescido vários centímetros, porém não perdera nada de sua impetuosidade infantil, e correu a atirar-se nos braços do pai. O marquês o beijou na boca, o que o deixou surpreso porque, segundo conta, a maçonaria não era comum naquela parte da Itália, na nobreza daquela geração.

Casanova e Anna Maria reafirmaram sua amizade e discutiram suas preocupações com a filha. Embora Leonilda estivesse bem-casada e Anna Maria tirasse vantagens disso, ela temia que a filha fosse infeliz, pois desejava um filho e um amante. O velho marquês era um amante ocasional e nervoso, e dessa forma talvez pudesse ser persuadido a acreditar que o filho era seu. Anna Maria e Casanova devem ter se lembrado de certa jovem em Frascati que vivia sob as mesmas circunstâncias.

A mãe, a filha e Casanova foram passear nos jardins. Estava um dia quente, porém havia árvores que faziam sombra e uma fonte de água fria que refrescava a casa. Era de fato muito parecido com os Jardins Aldobrandim, em Frascati. Ao que parece, os três foram cúmplices no que aconteceu em seguida.

> Descemos até uma gruta onde, tão logo nos vimos a sós, nos entregamos ao prazer de chamar um ao outro de “pai” e “filha”, o que nos deu o direito a alegrias que, apesar de não serem perfeitas, eram no entanto pecaminosas … [Anna Maria] nos advertiu que devíamos nos controlar e … não nos deixar levar a consumar nosso mútuo crime, porém, ao dizer isso, nos encaminhamos para outra parte do jardim … mas suas palavras, depois que ela saiu, provocaram o efeito contrário … Decididos a consumar o nosso assim chamado crime, chegamos tão perto dele que um movimento quase involuntário nos forçou a realizá-lo … por completo … Permanecemos imóveis, olhando um para o outro sem mudar de posição, ambos sérios e silenciosos, perdidos em pensamentos, pasmos, como comentamos depois um com o outro, por não nos sentirmos nem culpados nem atormentados pelo remorso.

Esse é um dos episódios mais assombrosos das memórias, e uma confissão quase exemplar de incesto. É expressa em um cenário contextual específico — a necessidade que Leonilda sentia de ter um filho e o interesse de Anna Maria em encontrar para a filha um amante que fosse o mais discreto possível — e sem dúvida abrandada pelos valores da época, tais como a falta de seriedade em relação ao incesto em certos círculos eclesiásticos e a falta de privacidade na vida familiar. Contudo, continuava sendo um incesto. Na triste trajetória decadente da segunda metade da vida de Casanova, seu caso com Leonilda coloca-se como um momento breve de felicidade erótica, talvez colorida pelo desejo de recuperar a juventude dele e de Anna Maria e de explorar todos os limites da intimidade e do sabor.

O que se iniciou como simplesmente chocante, logo se tornou farsesco. Casanova, com sua confiança sexual reacendida da forma menos ortodoxa possível, começou um namoro sério com a criada de Anna Maria, Anastásia. Foi uma cortina de fumaça. Todos ali, inclusive o velho marquês, caçoavam dos dois, sobretudo depois que Anastásia confessou a Leonilda que seu hóspede de meia-idade a estava assediando. “O apetite”, observa Casanova, “aumenta com a comida”, e ele se viu fazendo a felicidade de Anastásia à noite, e de dia encontrando-se com Leonilda “só mais duas ou três vezes” no jardim. Ele estava de volta a si mesmo, e todos, por um breve tempo, ficaram contentes. Mas, naturalmente, aquilo não podia durar muito. O velho marquês soube que a fortuna de Casanova se esvaíra quase completamente, que ele era pai de Leonilda (o duque de Matalona revelara-lhe o caso) e que anos antes dera um dote a Leonilda por intermédio de Anna Maria. Ele ofereceu a Casanova o dinheiro de volta, todos os 5 mil ducados, e Casanova aceitou. Era o sinal de que deveria partir.

Viajou de volta a Roma, via Monte Cassino, no calor intenso de setembro de 1770. Estava com dinheiro no bolso e com o caminhar mais lépido, embora tenha sido obrigado a abandonar duas mulheres que amava.

Algumas semanas depois, Leonilda descobriu que estava grávida.



Depois de se instalar em uma casa em Roma, do outro lado da Piazza di Spagna, onde tinha morado em 1745 e passado algum tempo em 1760, "num bonito apartamento com vista para a embaixada da Espanha", Casanova partiu imediatamente para a conquista da sociedade local. Estava de volta, e em boa forma. Conseguiu seduzir a filha da senhoria, Margherita Poletti, de forma rara e incomum: comprou para ela um olho artificial de um oculista britânico, John Taylor, estabelecido em Roma e que trabalhara para Jorge III. Em conversas durante a madrugada no quarto de Casanova, Margherita confessou-lhe ter perdido a virgindade com um jovem alfaiate que morava ali perto, e na presença de outra adolescente. Essa história era muito familiar a Casanova, que teve suas primeiras experiências sexuais em circunstâncias parecidas. Ele combinou então um encontro com Margherita, sua amiga Virginia Buonaccorsi e o sedutor, Marcuccio. Ele gostou daquela trama, sentindo cada vez mais o prazer de observar. Aos 45 anos, viu-se enredado em um promíscuo *ménage à quatre*, que achou muito excitante, em grande parte graças a Marcuccio, e mais, talvez, por suas recordações de C.C. e M.M., Nanetta e Marta, do que propriamente por qualquer participação sua: "Amando as duas", escreve ele, "e sentindo um grande afeto pelo rapaz, muitas vezes arranjei as coisas só para ter o prazer de vê-lo desempenhar suas façanhas amorosas."

Mas o seu olhar continuava o de um *connoisseur* e, indiscutivelmente, o de um pervertido. Necessitava de um estímulo extra para recuperar aquilo que antigamente costumava chegar com tanta facilidade: "Fiquei muito contente ao perceber que, em vez de sentir ciúmes do gozo e da capacidade [de Marcuccio], ele era tão generosamente dotado pela natureza que, quando vi o objeto, senti sua benéfica influência a ponto de [finalmente] participar daquela celebração, com um aumento no prazer proporcionado pela visão daquele jovem … mais belo do que Antinous."

Por volta dessa época, De Bernis retornou à vida de Casanova. Embora os dois tivessem tido contato em Paris no final dos anos 1750, nos tempos de Madame Pompadour, Roma agora iria permitir o renascimento da amizade e da cumplicidade transgressoras que datavam de Veneza e remontavam a M.M. O cardeal De Bernis tinha se tornado uma figura importante na Igreja e desfrutava abertamente os favores de

uma amante, uma conhecida dama da sociedade romana, a *principessa* Santa Croce.

O retrato que Casanova traça da alta sociedade romana nesse período é semelhante ao de outros viajantes. Uma amiga de Santa Croce, a princesa Borghese Agnese Colonna, tornara-se uma verdadeira atração turística em seu fabuloso *palazzo*: o cônsul britânico em Turim, amigo de Casanova, enviava-lhe jovens aristocratas ingleses para serem "revigorados" por ela. Lorde Chesterfield costumava fazer um trocadilho, dizendo que "Nada veste melhor um rapaz do que ter estado entre os pilares de Colonna". Casanova pediu ajuda a De Bernis para obter uma licença para duas jovens noviças saírem de um convento. Ele as conhecera por intermédio de Marcuccio, que, embora estivesse dormindo com a filha da senhoria e com sua amiga, estava apaixonado por outra jovem. O nome dela era Emilia e ela tinha sido internada no Istituto di Santa Caterina de' Funari, próximo à Porta San Paolo. Sua irmã Armellina também se encontrava lá. Marcuccio e Casanova foram visitá-las e Casanova gostou de Armellina, e também da perspectiva de ajudar aquelas jovens a escaparem às regras do convento. De Bernis supervisionou o caso. Foi como nos velhos tempos.

As histórias que Casanova conta sobre Roma em 1770 compõem uma rica tapeçaria da corrupção da Igreja, da política dos jesuítas e da eterna cantilena sexual que sempre lhe pareceu mais orgiástica em Roma. Mais tarde ele se viu envolvido em uma discussão política com autoridades eclesiásticas sobre a necessidade de se relaxarem as regras de visita aos conventos, de modo que as moças pudessem encontrar possíveis matrimônios, em vez de terem de optar entre o véu e a prostituição. Passou grande parte de seu tempo nisso, e também gastando um dinheiro que não tinha com seus novos e jovens amigos. Levava-os frequentemente ao teatro e ensinava-lhes aquele jogo veneziano em que os amantes passam ostras de uma boca à outra. A descrição da cena por um Casanova mais velho ocupou várias páginas. Ele também se sentia feliz em poder satisfazer, junto com Marcuccio, a curiosidade das jovens sobre as diferenças físicas entre o corpo masculino e o feminino, assim como os respectivos propósitos, e também por relatar tudo aquilo diante da apreciativa atenção do cardeal De Bernis e de sua amante real. Assim era a Roma dos tempos de Casanova: os cafés do Condotti, as tavernas de

ostras da Escadaria Espanhola e o leito de meninas com idade para serem suas filhas.

Ele foi apresentado a duas outras meninas ainda mais jovens, e ambas parentas suas. Uma delas, Guglielmina, era filha de seu irmão Giovanni, dos tempos que este passara em Roma estudando pintura com Mengs. Ele não se casara com a mãe dela. A outra menina fora batizada como Giacomina, e era sua própria filha com Mariuccia, com quem tivera um breve relacionamento em 1761.

Mariuccia tinha se casado com um fabricante de perucas, casamento orquestrado por Casanova após o breve caso que ambos tiveram, mas sem dúvida alguma Giacomina, a primeira filha do casal, era dele. Ela agora estava com quase dez anos e conhecia sua prima, Guglielmina, porque a antiga amante de Giovanni agora era sua professora de música. Mariuccia ficou louca para promover uma reunião familiar nada convencional e levou Casanova para conhecer as meninas. Elas estavam dormindo juntas no quarto e Mariuccia mostrou a ele os seus corpos nus. Em seguida os dois fizeram amor, uma cena que é perturbadora e perigosamente premonitória. Quanto mais velho ele ficava, admite Casanova com franqueza, mais sentia atração por garotinhas. Desta vez, ele teve a sensibilidade, ou a decência, de refrear um contato com Giacomina, porém com a sobrinha ele não se mostrou tão reservado.

Continuou a ter contato com as famílias das duas meninas. Levou-as para passear por Roma e comprou-lhes uma porção de bilhetes de loteria, após adivinhar alguns números vencedores — um raro exemplo nas memórias de que seu interesse pela cabala não esmorecera. Conseguiu ganhar muito dinheiro, o equivalente a cerca de 6 mil libras esterlinas, para o marido de Mariuccia; quase metade disso para uma das tias de Guglielmina; e mais ou menos 20 mil para si mesmo.

Pouco a pouco ele foi se convencendo de estar apaixonado pela sobrinha, Guglielmina, e ela por ele. Por um lado, ela estava em uma idade que sempre costumava atraí-lo, e por outro, ele contava com a cumplicidade da mãe dela naquela ligação cada vez mais forte. Ele chegou a pensar em escrever a Giovanni, em Dresden, para congratulá-lo pela filha, o que atesta a pouca importância que então se dava a relações românticas entre tios e sobrinhas. O que nos deixa chocados hoje, como a Casanova também, foi o interesse francamente sexual que sua filhinha

nutriu por ele. Nada aconteceu entre eles no sentido físico, e a mãe dela sabia de tudo o que se passava. Mas Casanova e Guglielmina fizeram amor diversas vezes tendo Giacomina a seu lado, na cama, demonstrando muito interesse no procedimento. Seu pai lhe disse que ela podia ver e fazer perguntas, mas não tocar.

Casanova passou dez meses em Roma, de setembro de 1770 a julho de 1771. Sua temporada ali coincidiu com a queda da ordem dos jesuítas da Europa. O papa Clemente XIV fora eleito com apoio francês e espanhol, num entendimento de que iria tomar uma atitude contra a ordem dos ricos e poderosos. A bula papal que a baniria ainda tardaria alguns anos, mas Casanova sabia da tempestade que se armava e, como Cavaleiro Papal da Espora Dourada, esperava-se que ele pudesse opinar sobre a questão. De Bernis estava intimamente envolvido com o campo antijesuíta, mas mesmo assim obteve credenciais para que Casanova pudesse frequentar a biblioteca dos jesuítas em Roma, onde ele prosseguia com sua tradução da *Ilíada*. Passava os dias ali, um cavaleiro papal no meio de jesuítas, enquanto as noites eram consumidas entre as duas refugiadas do convento e sua sobrinha. A Academia dos Árcades de Roma lhe conferiu muitas honrarias, e o seu discurso ali sobre o *Scribendi recte sapere est principium et finis*, de Horácio, foi, segundo um jornal, "muito aplaudido".

Mas de novo sentia-se sem uma direção. Ficara por algum tempo como hóspede no Palazzo Santa Croce, com a princesa e o cardeal, divertira-se com meninas demasiadamente jovens para ele, porém no final passava cada vez mais tempo com Margherita, a filha da senhoria da Piazza di Spagna: "Só ela sabe me fazer rir." E ele começava a pensar no futuro. Tinha planejado passar seis meses em Roma, "em total tranquilidade", escrevendo, conservando sua humildade e a respeitabilidade de seu nome. Mas não conseguiu. "Pensei", escreve ele, "que tinha envelhecido. Quarenta e seis anos me pareciam muita idade … Refleti seriamente sobre mim mesmo e me convenci de que deveria procurar um retiro digno."

Saiu de Roma na surdina. Com algum dinheiro que ganhara, algumas joias e uma carruagem que depois poderia vender, ele se dirigiu para Florença, para ali viver e escrever com tranquilidade, na esperança de afinal obter o perdão de Veneza e então retornar para lá. Quando chegou

a Trieste, parece que sua presença ali deu motivos para mais um relatório da Inquisição veneziana. Estavam mantendo uma vigilância cerrada sobre ele: “É um homem de alta estatura, de bom aspecto, vigoroso, muito moreno de pele e com olhar vivaz. Usa peruca curta, de coloração castanha. Pelo que ouvi dizer, tem um caráter franco e irônico. E acima de tudo, tem o dom pleno da fala, sendo, por isso mesmo, sábio e culto.”

Ele canalizou suas energias escrevendo. Terminou sua história da Polônia, ou de seus distúrbios mais recentes, baseada nos estudos feitos entre 1765 e 1766. A sua *Istoria della turbolenza della Polonia* — em italiano, e não em francês, como preferia —, destinada de forma tão clara ao consumo veneziano, foi finalmente publicada em Gorizia em 1774. Escreveu também uma comédia teatral, *La forza della vera amicizie*, apresentada em Trieste em julho de 1773. Escreveu poemas, libretos, cantatas e centenas de cartas pleiteando, cada vez com maior assiduidade e esperanças de sucesso, que lhe permitissem regressar à sua terra.

Em setembro de 1774, recebeu uma carta com o selo do leão de Veneza. Quase 19 anos depois de sua fuga da Prisão dos Chumbos, ele recebia o perdão e a permissão de retornar.

Por mais que quisesse acreditar que essa tardia clemência resultara de seus esforços literários e de sua posição, foram outros talentos que lhe garantiram a anistia. Durante muitos meses de sua permanência em Trieste, ele esteve empregado pelas autoridades venezianas para missões diplomáticas secretas. Preso e exilado pela Inquisição veneziana por crimes que ela nunca explicou, ele encontrou o caminho de volta ao se transformar em uma espécie de inquisidor de menor escalão. Ele não passava de um pragmático: “Não me senti mal por estar empregado naquele mesmo tribunal [a Inquisição] que me privara de minha liberdade e cujo poder eu havia desafiado. A mim, isso me pareceu um triunfo, e me senti honrado em poder ser-lhe útil de todas as maneiras que não violassem as leis naturais ou as dos homens.”

QUINTO ATO, CENA III

Veneza revisitada

1774-82



"Casanova? O que o senhor quer saber? Ele bebe,
come, ri e conta histórias extraordinárias."
DESCRIÇÃO DE CASANOVA, PRÍNCIPE BELLOSELKI

A *História da minha vida* *TERMINA* em 1774, quando Casanova tinha 49 anos. Lá pela metade da última página, ele descreve em frases mal-acabadas e de modo um tanto desordenado um caso sem maiores consequências com uma atriz em Trieste. A narrativa parece ter sido interrompida no meio do pensamento, por sua morte, como algumas vezes já foi declarado. Não fica evidente se ele tinha ou não a intenção de prosseguir após seu retorno a Veneza, em 1774. A partir dali, diz ele, os anos se tornaram cada vez mais deprimentes, e não algo divertido para se recordar, e o dramaturgo que existia nele talvez gostasse da simetria daquele regresso ao porto. Mas a vida real não foi tão bem-estruturada assim.

Sua recepção em Veneza no dia 14 de setembro de 1774 foi calorosa. Segundo escreveu a um amigo, foi "o dia mais feliz da minha vida". Dandolo ainda vivia. Casanova pôde ver Marcolina, Angela Toselli, madame Manzoni, Cristina e seu marido, cujo casamento ele ajudara a providenciar décadas antes. Emprestaram-lhe dinheiro. Ele se encontrou com Caterina Capretta, com quem havia corrido nu pelos jardins de Giudecca e que agora era uma respeitável matrona. Sua amizade com Andrea Memmo também continuava intacta, embora Memmo fosse um patrício importante. Fica-se com a impressão de que Casanova o deixou levemente constrangido. Giustiniana Wynne há muito pertencia a seu

passado.

O antigo embaixador, agora procurador, Lorenzo Morosini e o senador Pietro Zaguri durante muito tempo haviam pressionado em favor de Casanova. Os dois tinham sido recém-nomeados para o Conselho dos Dez, portanto ele ainda contava com amigos em altos postos. Mas, acima de tudo, eles eram venezianos que podiam compreender o mundo mais amplo da Europa, onde o exílio de Casanova era apenas mais um exemplo do atraso bizantino de Veneza.

Achou que a cidade mudara muito. A Inquisição ainda mantinha seu domínio, mas havia um crescente descontentamento na classe média. Mais especificamente, existia uma cultura editorial tumultuosa, política e competitiva, da qual Casanova iria tirar proveito e, por fim, sofrer.

Ele foi se instalar em uma pequena casa na calle de la Balote, perto de San Marco, e ali se lançou à composição do que pensava ser sua obra-prima, uma tradução moderna da *Ilíada*. O primeiro volume foi publicado em 1775, o segundo em 1776, e um terceiro em 1778, mas depois disso a edição foi abandonada por falta de subscrições. A literatura clássica de valor não estava mais na moda em Veneza, e os seus 339 assinantes eram todos do seu grupo de amigos internacionais, não dos locais, que poderiam tê-lo apoiado no estilo que ele desejava adotar em Veneza.

Em 1776, ele aceitou um posto na Inquisição, novamente na clandestinidade, como integrante da rede de informantes da mesma. Esta nova tarefa era bem diferente da espionagem estrangeira: pediram-lhe que se transformasse em uma espécie de guarda-caça, numa cruel reviravolta nas regras desse esporte, e que trabalhasse da mesma forma que Manuzzi 20 anos antes. Os arquivos de Casanova sob o pseudônimo de Antonio Pratolini, com sua inconfundível e bela caligrafia, foram preservados. A Inquisição lhe pagava um salário mensal de 15 ducados pela ignominiosa tarefa de espionar seus concidadãos enquanto cuidavam de seus negócios. Mas aquilo lhe proporcionava uma renda regular, que se somava à pequena soma que Dandolo continuava a lhe dar. Ele procurou aumentar esse estipêndio aderindo ao jornalismo veneziano. Começou a publicar em janeiro de 1780 uma revista literária mensal, a *Opuscoli Miscellanei*, com uma variedade de artigos, todos de sua própria autoria. Durou apenas alguns meses. Em seguida, ele

retornou ao negócio da família, como produtor teatral, atividade na qual obtivera algum sucesso no passado. Alugou o teatro Sant'Angelo, contratou uma pequena companhia francesa de atores e uma estrela mais cara. Também fundou uma revista semanal de crítica teatral para fazer propaganda dos trabalhos no Sant'Angelo. Chamava-se *Le Messager de Thalie*, que também teve vida curta.

Para seus padrões, sua vida tornou-se muito sossegada e burguesa. No verão de 1779, conheceu uma costureira, Francesca Buschini, e eles se mudaram, numa espécie de casamento consensual, juntos com a mãe e o irmão dela, para uma casinha na calle Barberio della Tolle, nº 6673, que sobrevive até hoje, com vista para o Ginásio Vivaldi, em uma região que à época não passava de um estaleiro naval. Sabemos pouco sobre a vida deles juntos, a não ser que, por sete anos depois que ele a deixou, ela lhe escreveu cartas ternas, cheias de fofocas e preocupações. Ela deve tê-lo amado e compreendido, sentindo que podia oferecer-lhe a vida doméstica afetuosa que ele nunca conhecera de verdade, e da qual achava que Casanova precisava. Viveram juntos por vários anos como um casal veneziano respeitável.

Ele fez novos amigos, entre os quais um escritor bastante promissor, com quem tinha muito em comum. Lorenzo da Ponte, judeu convertido ao cristianismo, era secretário do senador Zaguri, que havia pressionado pelo retorno de Casanova a Veneza, e assim eles se cruzavam no Palazzo Zaguri e nos apinhados teatros venezianos. Da Ponte era um nome frequente na lista dos que, entre xícaras de café e taças de malvasia, discutiam com Casanova: "[Nós nos encontrávamos] às vezes no palácio de Zaguri e outras vezes no de Memmo", recorda Da Ponte, "ambos os quais amavam o que era bom em Casanova e perdoavam o que não, e me ensinaram a agir do mesmo modo. E ainda agora … eu não sei para que lado a balança pendia." Em alguns aspectos, Casanova havia encontrado o "retiro" que estivera procurando, com velhos e novos amigos de pensamento semelhante, discutindo sobre livros, teatro, suas vidas e seus amores. Mas a glória literária, para não mencionar a segurança financeira, ainda parecia evitá-lo.

Para os padrões do século XVIII, ele estava ficando mesmo velho e sua vida agora começava a ser pontuada pelas mortes de seus conhecidos. Sua mãe morreu em Dresden, em 1870, aos 68 anos, e Manon Balletti

faleceu no mesmo ano, com apenas 36. Dezenas de cartas de amor dela viajaram com Casanova quando ele deixou Veneza alguns anos mais tarde. Talvez ela estivesse certa ao acreditar que só poderia manter o coração de Casanova se não lhe cedesse nada mais. E Bettina Gozzi, que pela primeira vez lhe ensinara as coisas do desejo, se não também do amor, morreu em seus braços.

Casanova estava se tornando um homem ressentido. No mínimo, sentia que Veneza, e também o mundo mais amplo da literatura francesa, deviam-lhe reconhecimento, embora a maior parte de sua obra ainda fosse inédita. Mas na cultura jornalística opositora da Veneza de fins do século XVIII, ele tinha uma válvula de escape para seu talento para destilar fel. Diariamente eram vendidos panfletos polêmicos e agressivos, e as discussões invariavelmente centravam-se em torno de facções particulares, em geral encabeçadas por algum patrício ou um escritor famoso da localidade. Casanova foi seduzido, de maneira voluntária, a participar das controvérsias.

Enquanto se submetia a um tratamento de águas em Abano, perto de Pádua, no verão de 1779, começou a trabalhar num artigo destinado a chocar — um ataque direto a Voltaire: *Scrutinio del libro 'Eloges de M. de Voltaire' par differens auteurs*, publicado em Veneza em 1779. Casanova, junto com os demais escritores que ele envolvera no projeto, foi celebrado, por um breve tempo, da forma como sempre havia aspirado. Pode ter sido a sua reputação de "homem inconsequente", de nômade internacional e jogador que impediram os venezianos de o levarem a sério, como ele desejava e merecia, ou o inevitável fato de ser filho de uma atriz comediante. Sua frustração por se ver excluído foi um grande fardo para um homem que jamais pôde fazer as pazes com seu passado, sua reputação ou com a suspeita de alguma afronta, mesmo pequena.

Em maio de 1782, quando jantava com o patrício Carlo Grimani no magnífico Palazzo Grimani di Santa Maria Formossa, ele encetou um diálogo com um certo Carletti, a quem Carlo Spinola devia dinheiro. Carlo Spinola era um diplomata genovês para quem Casanova realizava trabalhos menores como secretário. Carletti pediu que Casanova falasse com seu patrão sobre a dívida. Casanova respondeu que o faria, porém com relutância, "forçado … pelo estado atual dos meus negócios". Grimani foi testemunha de que Casanova receberia uma percentagem do

dinheiro — de fato, como se fosse um cobrador da dívida. Ele foi até Spinola, conseguiu que este assinasse um termo de intenção de pagar e voltou.

Carletti recusou-se então pagar a Casanova, a não ser a percentagem dos pagamentos periódicos que Spinola concordara em fazer. Grimani ficou calado. Casanova contra-argumentou, acusando Carletti de não cumprir com sua palavra. Carletti cobriu-o de insultos. Nesse ponto, Grimani entrou na discussão. Disse a Casanova que ele estava errado e que devia ficar sentado. Ele obedeceu, enquanto Carletti continuava a ofendê-lo.

Casanova se enfureceu com Grimani, que fora testemunha do acordo e estava em condições de ajudar, mas sentou-se, furioso. “O secretário de Spinola virou motivo da risada geral”, era o que se dizia por toda Veneza. Isso, não tanto pelo que ele fizera. A opinião estava dividida a respeito das respectivas violações de honra envolvidas no complicado acordo da dívida. Mas ao aceitar aquela torrente de insultos, Casanova minara toda a glória que alcançara por se bater em duelos com aristocratas. Tinha sido exposto como tolo e oportunista. Como comentou Da Ponte sobre ele, a coisa que “esse homem tão singular” mais odiava era parecer “estar errado”.

O que Casanova fez em seguida coloca a questão em outra base. Usando seus contatos jornalísticos, escreveu e publicou uma sátira ferina sobre o caso, do tipo que costumava passar de mão em mão todos os dias no café Florian. A confusão fora suficientemente pública, e também os participantes famosos o bastante em Veneza, para que suas máscaras como figuras clássicas não enganassem ninguém. Uma lista de personagens que acompanhava o texto tornava ainda mais claro o objetivo. Em seu *Ne amori ne donne,* Carletti foi retratado como um cachorro louco, “cujo dono era um certo Alcide, filho bastardo de um aristocrata”, ou seja, Grimani. Isso era uma referência a uma antiga mancha no passado de Grimani, e que a poucos poderia passar despercebida. Na história, Casanova, que retratou a si mesmo como Econeon, um observador inocente, descreve sua relação incomum com a família de Alcide/Grimani: Econeon é apresentado como filho ilegítimo do próprio pai de Alcide com uma atriz.

Enquanto sua mãe vivia, Casanova deve ter evitado declarar isso

abertamente, mas a verdade não tinha nada de nobre. Ele e Grimani eram meio-irmãos, e Casanova tinha um complicado direito à nobreza: *ele* era filho do suposto pai de Grimani, Michele, mas estava do lado errado da estrada só porque sua mãe era uma atriz. Mas Carlo Grimani, que nascera num *palazzo*, e cuja mãe tinha sido uma adúltera, não era absolutamente filho de Michele. No que diz respeito ao sexo e aos segredos e mentiras pelas quais somos procriados, havia entre eles uma igualdade que Casanova compreendia bem. Quem sabia quem era o verdadeiro pai de Carlo Grimani? Como ele se atrevia a sabotar o verdadeiro filho de Michele? Aquilo caiu como uma bomba.

Lorenzo Morosini aconselhou Casanova a sair da cidade, pelo menos temporariamente. Os Grimani ainda eram a família mais rica e poderosa de Veneza, e o que sempre alarmara as autoridades venezianas sobre Giacomo Casanova — o desrespeito pelos limites de classe — ainda deixava muitas mentes inflamadas. Casanova se arrependeu de sua precipitação, mandando cartas de desculpas a seu meio-irmão Carlo e também inventando uma genealogia de dez páginas de Gaetano Casanova para reescrever a confissão sobre o caso de sua mãe com Michele Grimani. Mas de nada adiantou. Ele implorou para permanecer em Veneza ao menos pelo tempo necessário para escrever a seu irmão Francesco em Paris ou para Giovanni, agora diretor da Academia de Artes de Dresden, mas não conseguiu. Fugiu para Trieste, temendo a prisão ou a expulsão oficial. “Estou com 58 anos”, escreveu a Morosini, “o inverno está chegando … e quando penso em me tornar novamente um aventureiro das estradas, começo a rir de mim mesmo ao me olhar no espelho.”

Mas a estrada era inevitável.

Ele se despediu de Francesca no dia 17 de janeiro de 1783. Pôde retornar por um breve período em 16 de junho do mesmo ano para apanhar alguns pertences — cartas, livros, algumas roupas —, mas nem chegou a pôr os pés em um *fondamenta* veneziano (o cais do canal) por medo de ser preso. Jamais voltaria a ver Francesca ou Veneza.

QUINTO ATO, CENA IV

Don Giovanni

1783-87



"O amor é como um alimento. Preciso das
mulheres, assim como preciso de pão."
Don Giovanni, LORENZO DA PONTE, 1787

"Ah, sexo sedutor! Fonte de sofrimento! Deixe que um pobre inocente
siga em paz. Não sou nenhum revolucionário, jamais iria ofendê-la."
Don Giovanni, GIACOMO CASANOVA, 1787

DE VENEZA ATÉ TRIESTE, e depois a Viena, Bolzano e Innsbruck, Augsburg, Frankfurt, Aix-la-Chapelle, Spa, Haia, Rotterdam e Antuérpia, até chegar a Paris por volta de 20 de setembro de 1783 — e velho demais para esse tipo de coisa.

Em Paris, encontrou refúgio com Francesco, que pintava, para Luís XVI, cenas épicas de batalhas no Louvre e em Fontainebleau. Ali foi apresentado a Benjamin Franklin, representante diplomático da nova nação americana. Casanova guardou uma lembrança desse encontro em 23 de novembro de 1783 e dos assuntos que ambos discutiram: a recente subida do balão de Montgolfier e a possibilidade de se dirigir um voo. "Isso ainda está em sua infância", advertiu Franklin à Academia de Ciências de Paris, com Casanova na plateia, "e assim, é preciso esperar para ver." Casanova era mais do que um simples membro da audiência, pois havia sido convidado pelo "celebrado norte-americano Franklin", em consequência, ao que parece, de um encontro anterior e de uma conversa sobre ciência. Mais tarde, Casanova usou algumas dessas ideias

em seu romance de ficção científica, *Icosaméron*, e no ano seguinte já estava pensando na experiência prática de uma viagem de balão em Viena. Mas concluiu que já estava muito velho para isso.

Ele precisava de um passaporte de Veneza para sair da França, e este chegou em novembro a Fontainebleau. Ele e Francesco viajaram juntos de Paris para Dresden, para visitarem o irmão e sua família, e de lá seguiram para Viena. Depois dos anos passados no estúdio de Simonetti, e mais tarde em Paris, Francesco encontrara um patrocinador aristocrático duradouro na pessoa do príncipe Kaunitz. É bem provável que este tenha sido o verdadeiro motivo de sua viagem. Para seu irmão mais velho, como sempre, o objetivo era menos definido. Casanova teve uma breve recaída em suas travessuras, tendo aberto sorrateiramente um malote diplomático que seguia de Viena para Veneza e colocado ali a informação de que a República seria abalada por um terremoto em determinada data prefigurada pela cabala. Houve pânico em Veneza, mas por pouco tempo. Além disso, Casanova não pôde presenciar nem desfrutar essa brincadeira. Francesco ficou em Viena, pintando para Kaunitz, e Casanova retornou a Dresden, depois para Berlim e Praga. Lá foi convidado para trabalhar em Viena, e em 1784 Sebastian Foscarini o contratou como seu secretário. Foi uma espécie de retrocesso.

Outro renegado veneziano também estava em Viena nesse período: Lorenzo da Ponte. Ele e Casanova se entendiam muito bem. Ambos tinham múltiplas profissões, após um começo pouco ortodoxo em Veneza, e tinham decidido viver a vida sem limitações. Na juventude, foram libertinos notórios e entusiasmados, a despeito de suas carreiras eclesiásticas, mas foi o amor pelo teatro que os uniu no final dos anos 1780. O ponto máximo nessa intrigante relação foi a colaboração dos dois na obra-prima de Lorenzo da Ponte, o libreto para *Don Giovanni*, de Mozart. Os nomes dom Giovanni e Casanova se tornaram quase que intercambiáveis na imaginação ocidental. A conexão intelectual, assim como a provável contribuição de Casanova nas conversas pelo passeio público de Graben, em Viena, é uma história que também se desenrolou em Praga e em suas comunidades italianas ligadas ao teatro.

Fica difícil enfatizar de maneira adequada a grande aceitação da ópera italiana nessa época. Aquilo fazia com que Casanova se sentisse em casa em quase todas as cidades que visitou. Depois do grande sucesso de *As*

bodas de Fígaro, de Mozart, no início de 1787 em Praga, era inevitável que pedissem a ele que escrevesse novas obras para a plateia da capital da Boêmia, e de seu novo teatro Nostitz, mais tarde teatro "das Nações". E tal como Casanova e a corte dos Habsburgo e suas embaixadas, que viviam o tempo todo entre Viena e Praga, ele veio a conhecer os profissionais de teatro das duas capitais. Um de seus amigos, Pasquale Bondini, diretor do Teatro Nacional Graflich Nostitzches, de Praga, encomendou a Mozart uma nova ópera para o final de 1787.

Não se sabe muita coisa sobre o desenvolvimento posterior dessa encomenda, *Don Giovanni*, a não ser que Mozart e Da Ponte não conseguiram cumprir os prazos para o planejamento da obra. A data para a estreia em Praga estava programada para coincidir com as festividades do casamento do príncipe Anton Clemens, da Saxônia. Enquanto o casal seguia para o sul via Teplice, vindo de Dresden, Mozart e Da Ponte submetiam às pressas o primeiro libreto aos censores da corte de Praga. Faltavam ao texto cenas fundamentais. E os momentos finais do baile de dom Giovanni, em que todos os presentes clamavam por "*Liberta*", parece não terem sido submetidos aos censores, além de outras cenas acrescentadas mais tarde. Entre estas, algumas, ao que tudo indica, foram inspiradas e "melhoradas" pelo velho *roué* Da Ponte, que sabia que elas poderiam emprestar novo vigor à história do dissoluto que acaba punido. Só perto de outubro, segundo a última pesquisa de marca-d'água no manuscrito de Mozart, e em Praga, é que *Don Giovanni* chegou à forma pela qual é hoje amplamente conhecida. Posteriormente, outras árias foram acrescentadas. Contudo, a apenas alguns dias da estreia, a ópera ainda não tinha sua abertura extasiante nem meia dúzia de cenas menores, hoje tidas como integrantes da obra, tampouco um *finale* ou um desfecho feliz.

Nesse momento, Da Ponte retornou a Praga e foi obrigado a modificar o libreto, arriscando-se à censura da corte pelo tratamento corajoso que a companhia e Mozart deram a vários aspectos do drama. Foi no meio dessa confusão que Casanova fez sua entrada. Seu envolvimento com *Don Giovanni* é ilusoriamente documentado com base em duas páginas de anotações preservadas no arquivo de Praga, e segundo as quais ele parece ter feito correções ao libreto de Da Ponte e às falas de Leporello e de dom Giovanni no segundo ato, e também em uma história narrada

por um músico de Praga chamado A. Meissner. Mas diversos fatos estão claros: Da Ponte *não estava* em Praga durante os acréscimos de último minuto à ópera, mas Casanova estava. Ele conhecia bem a companhia e também conhecia Mozart um pouco, e pode ter se introduzido nessa brecha.

Casanova se intrometeu sem convite em uma reunião da companhia italiana de ópera que trabalhava no teatro Nostitz. A companhia incluía vários venezianos, muitos conhecidos de Casanova, e estava ensaiando, ou tentando ensaiar, a ópera preparada sem qualquer planejamento e que chegava aos pedaços do estúdio de Mozart. Exasperados, segundo Meissner, eles no fim trancaram Mozart num quarto e disseram que ele não poderia sair dali antes de completar *Don Giovanni*. À custa de muita retórica, encanto e talvez da experiência no trato com atores profissionais, Casanova convenceu o rebelde elenco de que Mozart iria terminar a ópera, e que deveriam permitir que ele saísse daquele confinamento solitário forçado. Mozart, devidamente grato, escreveu a abertura naquela mesma noite, reproduzindo nos momentos iniciais da ópera os sinistros acordes da cena XV do terceiro ato.

Mesmo assim, a estreia precisou ser adiada: na noite marcada, o administrador do teatro decidiu que a nova ópera de Mozart não estava pronta para o público e a companhia então encenou em seu lugar a tão admirada *As bodas de Fígaro*. *Don Giovanni*, com Casanova sentado em grande expectativa num camarote lateral do teatro Nostitz, finalmente foi apresentada à plateia no dia 29 de outubro. As plateias de Praga e depois de Viena adoraram a obra. Goethe estava entre os muitos que registraram seu encanto: “Foi apresentada todas as noites durante quatro semanas, e a cidade inteira ficou tão excitada que o mais simples lojista precisava se empoleirar nos bancos ou em um camarote com toda a sua numerosa família, e ninguém podia suportar a ideia de perder a cena de Don Juan ardendo no inferno.”

Negligenciadas por quase dois séculos, as evidências encontradas no arquivo de Praga sustentam a versão de Meissner de que Casanova de fato trabalhou em *Don Giovanni* com ou para Da Ponte e a companhia de ópera italiana, ou apenas por diversão. Mesmo que esta última possibilidade tenha sido a verdadeira, o estrito interesse e o conhecimento que ele tinha do texto recém-encenado argumentam a

favor da possibilidade de ele ter participado de sua criação. Nos arquivos de Praga existem duas variantes da cena X do segundo ato, na qual dom Giovanni e seu criado Leporello são surpreendidos com roupas e identidades trocadas, na caligrafia inconfundível de Casanova. O diálogo é escrito num dispendioso papel *in-quarto*. São mais do que simples anotações. São, na verdade, uma proposta, ou parte de um projeto mais longo.

Para que serviriam aquelas páginas escritas de forma tão elegante? Teria Da Ponte lido elas, ou apenas os membros da companhia, que lutavam para harmonizar as partes de um trabalho em andamento na ausência do libretista original e cujo compositor estava tão sobrecarregado e sem ânimo? Qual proporção de *Don Giovanni* foi criação de Casanova? Em termos simplesmente textuais, muito pouco. Nas notas de Casanova que sobreviveram, existe apenas uma ligação circunstancial com o libreto tal como hoje é encenado e não se sabe se Da Ponte incorporou ou não as sugestões na obra apresentada pela primeira vez no Nostitz. Possivelmente, ele retrabalhou a cena com suas próprias palavras para produções posteriores, desprezando o "original" de Casanova. Ou talvez Casanova guardasse as notas porque elas jamais foram incorporadas ao texto.

Entretanto, sabemos, de fato, que Casanova assistiu à estreia no Nostitz em 1787. Para nossa frustração, ele não escreveu nada a respeito, além das anotações sobre o libreto. Teria se ofendido porque suas ideias não foram incluídas no final? Estaria enciumado pela estima dedicada ao amigo e ocasional adversário, cujos casos que Casanova contava poderia achar que eram "suas histórias"? Por volta da mesma época, ele começou a conceber o seu próprio "catálogo de canções". Este jamais chegaria a nada tão hiperbólico quanto as 1.800 conquistas de dom Giovanni, mas nele não haveria vergonha ou arrependimento, e, a seu modo, iria fazer frente à grande obra de Da Ponte/Mozart a que assistira no Nostitz.

QUINTO ATO, CENA V

O castelo de Dux

1787-98



"O senhor avaliou esse homem extraordinário? … Conheço poucas pessoas
que poderiam rivalizar com ele em conhecimento, inteligência e imaginação."
CONDE LAMBERG PARA J.F. OPIZ, SOBRE CASANOVA, 1785

"Existe outro, completamente original [em Dux], o irmão do
pintor Casanova de Viena, homem de letras; poeta, filósofo,
astrólogo, adivinho e mágico — e meio louco."
CONDE CLARY, SOBRE CASANOVA, 1787

NA FUNÇÃO DE SECRETÁRIO do embaixador de Veneza em Viena, Casanova compareceu, por volta de fevereiro de 1784, a um jantar ao qual estava presente o conde Joseph Charles de Waldstein, chefe de uma família ilustre de Praga, com propriedades por todo o norte da Boêmia. Ele ainda estava na casa dos 20 anos, era solteiro, para a tristeza da mãe, ocupava o cargo de tesoureiro do imperador Joseph II e era proprietário dos domínios de Dux, ou Duchov, no nordeste da Boêmia. Dux ficava perto das concorridas fontes termais de Teplice, e não era longe de Dresden, de modo que provavelmente Casanova já conhecia o local. Ele podia não saber que o castelo dispunha de uma biblioteca que o conde se vangloriava de possuir 40 mil volumes, ou 12 mil, segundo o irmão de Waldstein, "a maioria dos quais eu lançaria na fogueira". De qualquer forma, era uma coleção que em 1784 precisava de um bibliotecário.

Casanova sempre se relacionou bem com aristocratas jovens e arrogantes, e Waldstein era um desses. Tinham em comum apenas as

amplas preferências literárias e algum conhecimento específico sobre a cabala. Waldstein mencionou as clavículas de Salomão na primeira vez em que se encontraram, e naquela noite, mais tarde, de seu modo franco, voltou-se para o cabalista veneziano e disse: “Então, venha para a Boêmia comigo. Parto amanhã.”

O convite não foi aceito de imediato, mas quando Foscarini morreu, em 23 de abril de 1785, Casanova ficou desempregado e sem casa. Mais uma vez. Viajou então para Karlsbad para visitar sua velha amiga, a princesa Lubomirska. Lá ele se submeteu ao tratamento de águas, depois foi para Teplice e Dux. Ele aceitou a oferta de Waldstein e se tornou bibliotecário do castelo, com um salário anual de mil florins, que na época correspondiam a 100 libras esterlinas. Era um estipêndio respeitável, ainda mais por incluir refeições com a família, a condição de convidado e viagens regulares a Teplice, que ficava nas proximidades. Embora ele estivesse frequentemente em Praga — supervisionando a publicação de seu romance *Icosaméron* e as estreias de *Don Giovanni* e da *Clemenza di Tito* — e ainda com mais assiduidade em Teplice, ele viveu mais tempo na cidadezinha da Boêmia do que em qualquer outro lugar. A mudança para Dux haveria de ser a última de sua vida.

Seu anfitrião, o conde Waldstein, ausentava-se bastante de Dux. Sem dúvida Casanova sentia inveja da grande impressão que o jovem causava pelas fronteiras da Europa: tentando salvar a família real francesa e sendo louvado em Londres por sua valentia e bravura. Waldstein pode muito bem ter sido um dos modelos para o Pimpinella Escarlate. Mas a propriedade de sua família e o bibliotecário do castelo, entretanto, ele negligenciava.

Os aposentos destinados a Casanova se abriam para o pátio principal e para a praça central de Dux, que na época era, e é até hoje, uma soturna cidadezinha provinciana. O castelo tinha algumas partes relativamente recentes, construídas num clássico estilo barroco italiano, de maneira a se assemelhar a uma instituição eclesiástica, e também a um quartel. Era administrado como este último, e como casa de caça para o conde falante e esportivo. Havia 120 cavalos em seus estábulos. Na época, a região era uma grande floresta de caça conhecida por seu clima impiedoso, os invernos longos e nevados, e a atmosfera pesada com o cheiro do carvão minerado na superfície. O obelisco barroco junto aos

portões do castelo elevava-se sinistramente das fogueiras do inferno esculpidas na pedra. Quando Casanova pensou na queda de dom Giovanni pelo alçapão do palco do teatro Nostitz, pode ter imaginado que ele estava sofrendo de sua própria versão do "*dissoluto punito*" — a punição de um inferno provinciano — por ter vivido prodigamente e bem demais.

Ele não era o único morador infeliz daquele castelo, ou o único em situação indefinida. O tesoureiro, um alemão chamado ora George Feldkirchner, ora Faulkircher, considerava-se mais importante do que o bibliotecário italiano empobrecido e tornava ainda mais infeliz a vida de Casanova. Outro funcionário, Karl Viderol, ou Wiederholt, também desprezava as pretensões de Casanova à aristocracia e à fama literária, mas o fato é que Viderol não sabia ler. O castelo de Dux foi descrito pelos visitantes como uma comunidade de "verdadeiros excêntricos". "Havia um cavalariço judeu, cocheiros franceses, cavalos ingleses — era impossível saber em que país se estava", o que se ajustava perfeitamente a Casanova. Havia um pavilhão, ou *hôpital*, com afrescos barrocos no jardim, onde se chegava atravessando jardins e mais um *English garden* de 900 metros, no qual os cavalos corriam.

Mas o bibliotecário só poderia mesmo se relacionar superficialmente com um estabelecimento destinado a corridas e à caça. O barulho e o cheiro dos cavalos dominavam tudo. As refeições, na ausência de Waldstein, eram feitas na companhia desagradável de Viderol e Feldkirchner, e o cozinheiro era um tipo recalcitrante, sem o menor talento. Comer era a única alegria sensorial que restara a Casanova, mas o prazer que ele podia encontrar à mesa em Dux era muito escasso.

Uma vantagem de Dux, entretanto, ao menos do ponto de vista de Casanova, era a proximidade de Teplice, que por algum tempo foi o epicentro de viajantes em busca de prazer e de cura em um continente assolado pela guerra. Em 1787, Johann Nepumuk Clary-Aldringen herdou a posição de príncipe, junto com o grande castelo de Teplice, um verdadeiro palácio que ainda domina a paisagem da cidadezinha. Ele se casara com a princesa belga Christine de Ligne, que, como o pai, o príncipe Charles Joseph de Ligne, era refugiada da Revolução Francesa na época em que Casanova fez amizade com eles em Teplice. De Ligne tinha relações com Waldstein por intermédio de sua esposa, e conhecia

Casanova de Viena e Praga. Depois que o Château de Beloeil, de De Ligne, foi confiscado pelos revolucionários, ele passava cada vez mais tempo na casa da filha, em Teplice, durante o final dos anos 1780 e nos anos 1790, em um grande conjunto de aposentos que davam para a praça da cidade. Ele se sentiu feliz por encontrar aquele refugiado menor da alta sociedade pré-revolucionária, e Casanova voltou a ser, junto ao príncipe De Ligne, o *chevalier* de Seingalt. Foi sua última atuação feliz.

A revolução e as atrocidades do terror os deixaram assombrados. Muitos amigos e antigas amantes de Casanova foram guilhotinados, assim como os amigos e familiares de De Ligne. A família falante, inteligente, rica e sofisticada de Clary- De Ligne praticamente adotou o bibliotecário no *château* e ele se tornou presença constante nos eventos em Teplice e no pequeno teatro do castelo. “Ponha a sua peruca, vamos para Teplice. Todos os Clary e De Ligne vão adorar revê-lo”, ordenava De Ligne com sua habitual maneira de ser amigo, tão animada e amorosa. “*Mon cher* Casanova”, como De Ligne se referia a Casanova, “você jamais será velho. Não com esse coração, esse gênio e esse estômago … Venha ver-nos, nós nunca paramos de falar sobre você … As pulgas daqui estão pulando de alegria com essa perspectiva.”

Foi para De Ligne — escritor, grande amante das mulheres e conhecedor das cortes e dos costumes da Europa, de Versalhes a São Petersburgo — que pela primeira vez Casanova mostrou os esboços iniciais de suas memórias. Segundo De Ligne, era impossível ler um só capítulo sem sentir inveja, divertimento, assombro ou sem ter uma ereção. Ficou tão fascinado pelo texto quanto era por Casanova. Foi um comentarista perfeito. Com uma vida semelhante, opinou, por exemplo, que os textos sobre a czarina Catarina II da Rússia e Frederico o Grande da Prússia eram os mais claros e verdadeiros de todos os que já vira. As declarações de De Ligne sobre a credibilidade essencial das memórias, como viajante do mundo e companheiro de velhice, fazem dele talvez a mais importante testemunha de defesa de Casanova. Eles caíram um nos braços do outro, como se dizia, como refugiados de uma época perdida, sabendo que o mundo lá fora estava “caminhando em direção ao diabo”.

De Ligne deixou um triste retrato de seu amigo em Dux, cuja infelicidade, contudo, ele sentia ser autoinfligida:

> Não passava um dia sequer que ele não tivesse uma briga, por causa do café, do leite ou do prato de *maccaroni* que pedira com insistência. O cozinheiro não sabia fazer polenta, o cavalariço lhe mandara um cocheiro ruim para ele vir me visitar, os cachorros tinham latido a noite inteira. Um número maior de convidados do que Waldstein esperava o forçara a comer em uma mesa pequena. Uma corneta de caça o havia incomodado com suas notas agudas e desafinadas. O padre o havia aborrecido tentando convertê-lo … O conde não lhe tinha dado bom-dia antes dos outros … O conde havia tomado emprestado um livro sem lhe comunicar … Ele ficava zangado, e as pessoas riam. Ele mostrava os seus poemas em francês, e as pessoas riam. Gesticulava ao recitar seus poemas em italiano, e as pessoas riam. Ele se curvava ao entrar, tal como lhe ensinara Marcel — o famoso professor de dança — 60 anos atrás, e as pessoas riam. Num baile no castelo, ele executou o solene passo do minueto, e as pessoas riram. Tinha se vestido com seu … [velho] conjunto de seda, bordado a ouro … com ligas e meias de seda presas por fivelas brilhantes, e todos riram. E ele os chamava de "ralé".

Em algumas raras ocasiões, Casanova se aventurou além de Teplice. Passou algum tempo em Praga em 1787, e outra vez em 1797, para a coroação do novo imperador dos Habsburgo, Leopoldo II. Foi uma oportunidade para rever velhas amizades. Foi ali, no teatro, e em outra ocasião numa recepção na embaixada, que ele veio a se encontrar com um jovem italiano, membro do séquito do rei de Nápoles. Era o marquês de C., filho de Leonilda, e por isso mesmo, sem a menor dúvida, neto de Casanova. Estava com 21 anos. Casanova observou a grande semelhança dele com o falecido marquês, o marido da mãe do jovem, preferindo ignorar a possibilidade de aquele rapaz ser também seu filho, além de neto, fruto do encontro incestuoso com Leonilda em 1770. Era um jovem, segundo as observações de Casanova, com uma sabedoria acima de sua idade.

Durante esses anos, Casanova escreveu de maneira compulsiva. Passava horas na esperança de receber algum prêmio financeiro e de convencer os governantes de suas proezas com a administração de loterias. Pensou em escrever novamente sobre Voltaire, sobre a Rússia… e rabiscou dezenas de cartas, que entretanto destinavam-se menos a distantes homens de letras europeus do que a amigos da região e às mulheres jovens que vieram a dominar seus últimos anos: Cecile de Roggendorff e Elise von der Recke.

Contudo, há um mundo de detalhes da vida que Casanova

compartilhava nos castelos de Teplice e de Dux que chegam até nós por intermédio do vibrante neto de De Ligne, o príncipe Charles Clary, mais conhecido como Lolo. Ele escreveu um extenso diário e muitas cartas nas quais falava sobre o homem chamado por ele de “Cas”, e da crescente amizade dele com o seu “pecaminoso” avô, o príncipe De Ligne, e com Elise von der Recke, uma divorciada cheia de ânimo que se tornou grande amiga dos dois velhos libertinos. Como escreveu Lolo, então com 18 anos, os dois eram muito engraçados quando não estavam falando sobre os velhos tempos e as próprias almas, cheios de reminiscências dos tempos passados. “Será que já falei a respeito da dor das recordações?”, escreveu De Ligne. “Sobre o sino para o jantar, aqui no castelo? Ai, meu Deus, meu Deus, meu Deus! … O que é a vida? Quantos são os verdadeiros momentos de felicidade? E como são curtos!” Todos os anos, por alguns momentos Casanova e ele podiam pelo menos desfrutar o alívio que encontravam um no outro, entregues às lembranças no pequeno balneário de Teplice, com seus salões cosmopolitas e o pequeno teatro em seu castelo.

As notas de Casanova acerca de Dux incluem um número de bilhetes para outros membros daquela residência: instruções de como fazer sabão para roupa, de como preparar polenta e biscoitos de Burano, queixas sobre a lenha e, frequentemente, sobre Feldkirchner, seu colega pensionista. Ele também escreveu dezenas de cartas a este último, cheias de censuras, rancor e ironia. Algumas nem foram enviadas, se é que alguma o foi. Uma delas, garatujada nas costas de suas notas sobre reformas do calendário, devolvia a Feldkirchner uma oferta de café. “Eu não gostaria”, diz Casanova, “de desequilibrar o seu sistema econômico”. Aquele não era mesmo um retiro feliz.

No entanto, ele não era apenas rancoroso: a depressão também o perseguia. À medida que sua vida ia se estreitando naqueles quartos acima do pátio do castelo, eram Elise e Cecile que lhe conferiam um brilho, mas apenas o suficiente para ele refletir como sua situação se reduzira, e como estava “frágil” sua capacidade de se “deleitar com os prazeres”. Parece que Elisa conversou com ele acerca de sua depressão, pois ele lhe legou um pequeno e triste tratado sobre eutanásia. Aquele caminho não era para ele.

Pouca coisa que ele escreveu ali foi publicada, pois isso requeria

subscrições de parte do seu círculo de amigos, eternamente explorados e cada vez mais reduzidos. *Soliloque d'un penseur*, um trabalho filosófico, foi publicado em 1786, seguido pela *Histoire de ma fuite*, em 1787, narrativa já bem conhecida por toda a Europa, descrita com lucidez e apenas algumas lacunas factuais. Ele então se concentrou no *Icosaméron*, o romance de ficção científica passado na Inglaterra e que seria publicado em Praga em 1788. Abrangia cinco volumes e sua leitura era difícil, mesmo para os padrões da época. Casanova era cada vez mais amaldiçoado pela prolixidade, tanto na vida quanto em seus escritos. À medida que os visitantes escasseavam em Dux, suas cartas ficavam mais longas e a prosa e os trabalhos matemáticos, mais volumosos. Apesar disso, três panfletos sobre cálculos para a duplicação dos cubos — que ocupavam os matemáticos desde o Egito, passando por Descartes e Newton — foram publicados em Dresden em 1790, diante de uma aclamação cada vez mais escassa e acadêmica, com o título de *Solution du problème déliaque*. Mas ele nem conseguiu o prêmio universitário que buscava, como tampouco "solucionou" o problema. Este trabalho e a fantasia de *Icosaméron* eram as obras que, segundo ele escreveu cheio de confiança, garantiriam sua imortalidade, e que também fariam os criados de Dux pararem de rir dele.

A decepção que Casanova sentiu diante da ausência de resposta crítica, particularmente ao romance, pode tê-lo levado a escrever suas extensas memórias, embora não se deva presumir que ele estivesse buscando a imortalidade que elas lhe trouxeram, ou mesmo que a princípio considerasse a sua publicação na íntegra. O que começou como um prolongamento de ensaios autobiográficos anteriores — a sua *Histoire de ma fuite* e o relato do seu duelo com o conde Branicki — transformou-se em uma grande autobiografia, de extensão impublicável. Ele ficou viciado na escrita, como outrora fora viciado em aventuras, viagens e sexo.

Nos seus anos de declínio, a sua escrita alarmava não só os criados analfabetos de Dux, mas seus amigos. Ao morrer, em 1798, ele deixou 1.703 cartas, 50 esboços de diálogos, 150 bilhetes, 67 artigos publicados, 390 poemas, quase 500 páginas de escritos não categorizados, mais de 3 mil páginas manuscritas de diversos trabalhos em andamento, além das memórias que ocuparam cerca de 4 mil páginas in-fólio, e que existiram

antes em muitas versões copiadas a mão. Sua energia, mesmo depois de redirecionada, era de tirar o fôlego. Mas sua ambição, como tantas vezes aconteceu na vida dele, superou seu talento. O *Icosaméron* e as demais obras fracassaram, o que fez com que ele ficasse um pouco mais ridículo em seu orgulho e vaidade. Parece que não procurou um editor para as memórias, porém jamais perdeu as esperanças de conseguir a glória literária. Sua última obra, *À Leonard Snetlage*, uma resposta a um lexicógrafo, e que continha outras recordações pessoais — sobre Samuel Johnson e Frederico o Grande, por exemplo —, aludia à sua obra-prima em andamento e inédita. *Snetlage* foi publicada pouco antes de sua morte.

Com o passar dos anos, Casanova ficou desesperadamente infeliz em Dux. Ameaçou sair dali diversas vezes. Ia a Teplice sempre que encontrava algum pretexto e ficava em Oberleutensdorf, outra residência de Waldstein, quando não podia suportar mais as pessoas em Dux. Em certa ocasião, levou uma surra na rua, perto do mercado. Outra vez, atiçaram um lobo treinado contra o seu cachorrinho. Era uma cidadezinha malvada na ausência do conde e de seu séquito, e Casanova irritava a todos.

Apesar disso, sempre que Waldstein se encontrava por ali, ele se sentia na obrigação de se mostrar por todo o castelo, no qual o conde o aceitava, a ele e aos seus modos, com serenidade e bom humor, "cultivando a vaidade de Casanova, dizendo-lhe que se sentia honrado por ter como convidado alguém tão famoso e extraordinário".

No final de novembro de 1797, Casanova começou a pensar em fazer uma visita derradeira a Veneza "para dar o último adeus ao meu desafortunado país", embora não fique claro se ele estaria prevendo a própria morte ou a da República. Ele escreveu a Waldstein pedindo-lhe permissão para deixar a biblioteca e fazer uma viagem que o manteria longe do castelo por alguns meses. Waldstein respondeu que aprovava o seu "zelo, de todo o coração", pois tinha pleno conhecimento, mesmo que Casanova não o tivesse, de que os seus dias como viajante estavam no fim.

Em 22 de fevereiro de 1798, sua jovem amiga Cecile de Roggendorff enviou-lhe de Viena uma receita de compressa de linhaça para sua "doença obstinada": uma infecção na bexiga, embora ele possivelmente

estivesse sofrendo da próstata, que afinal se infeccionou. Cecile enfatizou a "extrema preocupação" dele. Casanova jamais faz uma alusão direta a isso, mas provavelmente era a sífilis, da qual sofria desde pelo menos 1763, provocando seu inevitável impacto sobre todo o corpo. Suas queixas de uma inflamação artrítica e do frio em Dux, sua irritabilidade e depressão podem ter sido sintomas disso. Assim como aquela energia obsessiva e a irritação contra o mundo. Mas talvez fossem apenas sintomas da idade avançada.

Casanova sobreviveu ao seu aniversário de 73 anos e a toda a primavera de 1798 com sua grande estrutura definhando gradativamente, tomando apenas sopa — na qual continuava a ter fé — feita de caranguejo, que deve ter sido difícil de chegar até lá através das montanhas da Boêmia, ou de lagostins de água doce da montanha, que chegavam com a estação, enquanto ele morria.

A morte do velho bibliotecário veio de forma inesperada no *château*. Casanova continuava, como sempre, rabugento, amargo e exigente. Sua cachorrinha Finette, uma galgo que a princesa Lobkowitz lhe dera de presente (a última de outras três, e que ele mimava especialmente), estava a seu lado. Ele estava em sua poltrona que ainda hoje permanece no castelo: grande e com abas laterais, um verdadeiro trono de salão que estivera na moda no início daquele século. E foi ali que ele morreu, sob a luz clara da tarde, que vinha do pátio da frente e banhava os aposentos que haviam sido seu porto seguro e sua prisão.

"Vivi como um filósofo, mas morri como um cristão." De Ligne cita essas palavras como sendo as últimas pronunciadas por Casanova, porém parece mais provável que esse fosse algum mantra que De Ligne ouvira Casanova explicar regularmente durante os jantares em Teplice. Para eles, "filósofo" também significava livre-pensador, libertino do Iluminismo, homem do mundo; *livres philosophiques* era seu eufemismo para os livros eróticos. Era uma brincadeira deles. Ele morreu clamando seu desdém pelo moralismo, como dom Giovanni. Foi em frente com um sorriso irônico e uma anedota, enquanto abaixavam as cortinas. Na cidadezinha cinzenta de Dux, onde fora ridicularizado e espancado nas ruas, ele já sabia qual seria o destino do *dissoluto punito*. No entanto, como sempre fora um excelente médico para si mesmo, procurou um tratamento para seu último longo exílio e, felizmente, o único que

encontrou foi escrever.

No ano anterior, Veneza tinha sido arrasada pelo cônsul Bonaparte e aquela república milenar deixou de existir.

As memórias não publicadas do velho veneziano estavam a seu lado.

Era 4 de junho de 1798.

FIM DO QUINTO ATO

A história da História da minha vida

"Todo homem é ao mesmo tempo três pessoas: como vê a si mesmo, como os outros o veem, e quem ele realmente é."

CARLO GOLDONI

O CORPO DO VELHO VENEZIANO foi levado até o cemitério de Santa Bárbara, situado entre as velhas muralhas e o lago, depois de atravessar a praça da cidade e descer pela pequena rua do mercado. Embora De Ligne dissesse que Casanova morreu em seus braços, tal fato não é possível. Carlo Angiolini, sobrinho por afinidade de Casanova que trabalhava nas coxias da ópera italiana em Dresden, estava presente no castelo e tomou todas as providências para o enterro. Casanova foi enterrado em um túmulo que desde então se perdeu. O cemitério foi todo escavado, e sua paisagem, redesenhada nos anos 1920, quando se encontrou uma tumba com nomes e datas referentes a Casanova, mas ao que parece os ossos tinham sido removidos dali. Não se sabe onde jazem seus restos mortais.

Dux logo se esqueceu daquele truculento bibliotecário italiano, e as cartas, os bilhetes, livros e objetos pessoais que ele deixara em seu quarto e na biblioteca permaneceram em sua maioria intocados, no meio das vastas estantes de Waldstein, durante as duas gerações seguintes. Posteriormente, aquilo compôs um grande tesouro que caiu nas mãos do Estado tcheco moderno. Eram os documentos que Waldstein concordara em comprar de Casanova. Foram transferidos no início do século XX para outro castelo de Waldstein, o Mnichovo Hradiště, onde se conservam os livros de Casanova. Algumas cartas da coleção, que agora estão fora de Praga, ainda se encontram em processo de catalogação. As memórias, entretanto, enveredaram por um caminho diverso e lento até a posteridade.

Carlo Angiolini levou consigo aquela pesada herança de volta a Dresden, depois dos funerais, e aparentemente acabou por esquecer-se dela. Se a mostrou a Manon, a sobrinha de Casanova, ninguém sabe. Mas Angiolini com certeza ignorava a magnitude daquela dádiva. A escolha dele como agente literário foi muito estranha e, como se comprovou depois, muito infeliz.

A história da publicação, ou seja, de sua lenta "revelação" entre 1822 e os dias atuais, é a história de como se criou a lenda de Casanova, e em seguida da reavaliação gradual de sua obra, do século XIX ao XXI. Essa vida literária separada de Casanova teve início em 1820, passados 22 anos completos da morte dele, quando os editores Brockhaus, de Leipzig, receberam um manuscrito em francês com o título de *Histoire de ma vie jusqu'à 1797*, escrito pelo "muito famoso" Casanova. Os editores podem, inicialmente, ter tido a impressão de que aquelas memórias fossem obra de um dos irmãos artistas de Casanova, Francesco ou Giovanni, que tinham feito por merecer, na época, fama internacional muito maior do que a do irmão mais velho. Brockhaus concordou com as condições e uma versão alemã abreviada e mal traduzida foi lançada entre 1822 e 1828. Ninguém pensou em questionar a autenticidade do que estava escrito ali.

A primeira versão francesa, pirateada, retraduzida do alemão nos dias que precederam o advento do direito autoral, saiu logo em seguida. Isso convenceu Brockhaus a publicar uma versão francesa baseada no original, e a editora indicou um certo Jean Laforgue para realizá-la. Entretanto, Laforgue se deu ao trabalho de reescrever passagens inteiras, acrescentando ainda um sabor deselegante e às vezes obsceno, coisa que não era absolutamente do estilo de Casanova. Essa prática também foi seguida por outro editor, Philippe Busoni, que completou uma quarta edição das memórias a partir de um texto original diferente, que tinha sido "perdido". Tal como aconteceu com a historiografia das peças de Shakespeare, revelou-se a existência de vários originais percebidos em traduções ou edições posteriores. Por exemplo, Casanova tinha escrito outras cópias, com pequenas diferenças entre si, para amigos ou apenas para se divertir. "Mande-me depressa", escreve o príncipe De Ligne, "o

terceiro volume das suas memórias. O conde de Salmour … devorou os anteriores, e está louco por mais." Essas cópias foram enviadas aos amigos durante a vida de Casanova. Outras, mais tarde, foram para Laforgue. Nenhuma destas jamais foi vista novamente.

Só um dos originais foi preservado. Sobreviveu até mesmo aos bombardeios a Dresden durante a Segunda Guerra Mundial. Depois da guerra, ele foi transferido de caminhão para Wiesbaden, onde ninguém menos do que Winston Churchill logo quis saber se aquilo fazia parte dos tesouros sobreviventes da refinada capital da Saxônia. Esse original permanece até hoje nas arcadas subterrâneas de Wiesbaden. Não está disponível aos estudiosos e só pode ser analisado em fac-símile, na forma de uma única cópia mantida no arquivo do castelo de Dux. Entretanto, essas diversas versões, traduções e retraduções, que passaram a domínio público durante o século XIX, logo começaram a manchar a reputação de Casanova, tanto quanto seu estilo literário. Erros que dizem respeito a datas, fatos, lugares e pessoas foram aumentados na reestruturação da obra e o próprio autor foi obscurecido. Nascia ali o Casanova fanfarrão e ocioso, um memorialista pouco confiável.

Por todo o século XX, a fama de Casanova como fantasista erótico, trapaceiro e dissimulador serial foi alimentada por suas representações no teatro e no cinema, e com frequência a reação às obras inspiradas mais diretamente nas memórias tem sido muito severa. Sobretudo a imprensa inglesa mostrou-se notavelmente fria diante da fecunda pesquisa realizada por J. Rives Childs depois que o texto completo da *História da minha vida* afinal se tornou disponível nos anos 1960. "O resultado é impressionante, embora o assunto seja trivial", desdenhou o *Times Literary Supplement*. "A minha antipatia por Casanova", escreveu Harold Nicolson no *Observer*, "não diminuiu com essa exaustiva hagiografia." Por outras partes do mundo, seu nome foi muito mais bem-digerido como historiador, escritor e pensador. Mas apesar de gerar todo um trabalho acadêmico internacional a partir do final da Segunda Guerra Mundial, quando se procurou reexaminar sua vida e suas obras, a antiga reputação de playboy irrelevante e mentiroso persistiu com tenacidade no mundo de língua inglesa.

Um dos motivos, aliás bastante justificável, pelos quais as pessoas se colocam contra Casanova é por ele ter levado uma vida tão alegre e ao

mesmo tempo tão sem moral. As pessoas que costumam registrar os próprios atos em memórias ou diários costumam experimentar um prazer triplo: primeiro, ao vivenciarem o fato, depois, quando o relatam pela escrita, e em seguida, ao lerem o que escreveram. E graças a tal relação, Casanova foi um homem de muitas alegrias. Ele levou, no cômputo geral, uma vida muito feliz, cheia de incidentes e risos, de aventuras e do sempre mutável *chiaroscuro* do século XVIII. Ele é desprezado principalmente pelos que acham que fazer história é descrever apenas a crônica dos desastres e da infelicidade, ou então os feitos dos grandes ou dos santos. Nesses assuntos, Casanova tinha pouco a dizer.

A outra razão para escrever memórias, a de estabelecer um registro para a posteridade, pode jamais ter estado nas pretensões de Casanova. Mesmo assim, a posteridade *está começando* a aceitá-lo, na medida em que suas obras, ou sua *grande* obra, *História da minha vida*, começa a ocupar seu lugar merecido na criação do agora. Isso tem tido muito a ver com a revisão mais ampla do pensamento acerca daquele período: os trabalhos sobre os *grand tourists*, o pensamento iluminista e o libertinismo. Também tem a ver com as novas evidências *per se* a respeito de Casanova. O século XVIII, do qual Cupido foi seu emblema onipresente, e Casanova, seu maior comentarista social, fez abertamente com que o amor e o sexo se tornassem algo elegante. Foi o início da afirmação da sexualidade na consciência europeia, que constitui uma das tonalidades mais atraentes do pensamento ocidental moderno.

A vida amorosa de Casanova, apresentada em detalhes íntimos, embora raras vezes explícitos, pode agora ocupar seu posto como um dos documentos-chave da época, no nascimento das ideias contemporâneas de como registrar uma vida amorosa, de como registrar uma vida inteira e, por isso mesmo, o *motivo pelo qual* se deve optar por fazê-lo. Essa capacidade única que Casanova teve de ao mesmo tempo viver e enunciar as novas liberdades sexuais — sua invenção do sexo para o mundo moderno — ecoa por gerações, por meio da emancipação, tanto política quanto feminista, do século XIX e da revolução sexual do século XX. É o outro lado de sua vida literária póstuma, aquela pela qual certa vez ele foi ridicularizado, mas que agora nos parece profética.

Neste novo testamento para o mundo moderno, Giacomo Casanova se

lança como messias e ator principal, amante, deus do sexo, protagonista absoluto, e também como bode expiatório, comediante, embusteiro, trapaceiro e ingênuo. As cicatrizes psicológicas que parecem tê-lo obrigado a tratar qualquer encontro humano, sobretudo seus relacionamentos sexuais, como uma performance, e em seguida como a recriação de um universo sensual, uma redramatização na memória, é ao mesmo tempo audaciosa, comovente e, à sua maneira, inspiradora. Sua modernidade atinge o auge do vigor na capacidade de rir de si próprio e de dissecar algumas diferenças entre o que ele foi e o que parecia ser. Como biógrafo, ou autobiógrafo, não se poderia aspirar chegar mais alto.

A vida de Casanova, e seu registro dela, também são um testamento legado às alegrias da vida, escrito com a expectativa de todos os venezianos de que o mar está inexoravelmente subindo. Também é sobre o século que precedeu a Revolução Francesa. Ele a escreveu quando já estava em idade avançada, queixando-se, junto com o príncipe De Ligne, de que o mundo inteiro tinha "ido para o inferno". Sua obra e sua vida estão carregadas das sombras do desastre ameaçador, rasgadas pela corrente submersa da maré do prazer, tão segura quanto perigosa. Isso era parte daquilo que fazia com que aquele período, assim como Veneza, fossem tão dramáticos: o sentimento de um colapso iminente. E talvez fosse o motivo pelo qual Casanova cavalgava a galope cada dia de sua vida.

Isso também é muito atual, e de forma alarmante. A dança de Veneza com a morte era, e continua a ser, hipnótica. A cidade da ópera-bufa e da *commedia dell'arte* sabia que o riso e a felicidade poderiam romper todas as barreiras, criar a partir do nada, fazer do amor um jogo e da vida uma peça teatral. Mas a cidade não se contentava naqueles tempos, ou mesmo agora, em simplesmente fantasiar o Velho Mundo agonizante para o Carnaval. E embora a existência de Casanova e de sua *História* nos levem até as intimidades felizes da natureza humana e a uma profunda percepção daqueles tempos, ele também se oferece, mais uma vez, como a voz de uma época que conversa com a nossa. O estilo dele é o de um homem em um banco de areia, rindo das marés. Talvez hoje sejamos todos venezianos.

Agradecimentos

A história da vida de Casanova e as evidências sobre ela se espalham por toda a Europa. Por isso mesmo, o acesso e a escolha do material que dá forma a este livro foi, em parte, uma verdadeira aventura picaresca atrás das pegadas do próprio Casanova, e em parte uma questão de interesse pessoal e de ser necessário fazer uma seleção: há lugares demais para visitar e aventuras demais para escolher. Entretanto, consegui, por sorte, ter acesso a muitos arquivos por toda a Europa. Por conseguinte, bem ao espírito de Casanova, este livro foi composto principalmente "na estrada", desde os grandes trechos escritos em San Maurizio, em Veneza, à distância de apenas uma pedrada do local onde Casanova nasceu, até o arquivo do castelo de Dux, onde o próprio Casanova escreveu e morreu, passando por Rússia, França, Itália, Alemanha, Holanda e Reino Unido. Minhas viagens, e por isso mesmo meus agradecimentos, foram em grande parte determinados pelos arquivos e bibliotecas onde se encontram hoje os registros das extraordinárias aventuras de Casanova. E como ele próprio foi bibliotecário, creio que desejaria agradecer primeiro a todos eles.

Arquivos e bibliotecas

À equipe do Archivio di Stato di Venezia dei Frari, à Biblioteca Museo Correr, San Marco, à Biblioteca Fondazione Scientifica Querini Stampalia e ao Archivio di Casa Goldoni e ao Palazzo Mocenigo, em Veneza, à Biblioteca do Vaticano, à Bibliothèque Nationale de Paris, ao RGADA (Arquivo Estatal Russo de Documentos Antigos), ao arquivo de Moscou e de Bakhrushin, em Moscou, ao RGIA (Arquivo Histórico Estatal Russo) em São Petersburgo, à Biblioteca e Sala de Impressão do Hermitage, em São Petersburgo, e ao arquivo do Teatro Alexandrinski de São Petersburgo.

Marie Tarantová, Martin Sovák e a equipe do Arquivo Estatal Tcheco de Praga, que possui a maior parte do que Casanova deixou ao morrer,

foram de grande utilidade; assim como a equipe do castelo e do museu em Dux, particularmente Jiří Wolf, Petra Kofranňová e Jiří Bureš. Sem eles este livro não teria sido possível. De volta a Londres, a equipe da British Library, especialmente as Salas de Livros Raros e Manuscritos, a London Library e o Wellcome Institute merecem um agradecimento especial, como também a equipe do duque Humphrey, na Bodleian Library Oxford e na Newcastle Literary and Philosophical Society.

Viagens

As extensas viagens necessárias à pesquisa e à escrita deste livro só foram possíveis graças ao generoso apoio de Christine Walker, da editoria de viagens do *Sunday Times*, e de Michael Batterberry, da *Food Arts Magazine*, de Nova York, que acolheram bem a ideia de artigos sobre viagens e culinária baseados nas obras desse antigo escritor de viagens, Casanova. Sem a colaboração deles, e também a de David Wickers, do *Sunday Times*, a incomum profusão de arquivos consultados teria ficado acima das minhas possibilidades.

Por uma ajuda semelhante, para encontrar um local isolado para poder escrever, devo agradecer a Blanche e Andrew Sibbald, Jeremy Irons e Sinead Cusack, a Rob, Suzie e todos na Hill Close House e no Kilcoe Castle, respectivamente, além de Lee Hall, Max Roberts, Bev Robertson e a todo o elenco e equipe técnica da peça *The Pitmen Painters*, em Newcastle, e Rina e Takis Anoussis, The Ideas Foundry, aos teatros 59e59, a Ryan Early, Simon Green e todos os envolvidos no *Beau Brummell* de Ron Hutchinson, em Nova York, e ao elenco e à equipe técnica do filme *Admiral Kolchak*, na Rússia.

Veneza

Meu anfitrião e amigo Jeremy Magorian e meu amigo e tradutor Maximilian Tedeschi merecem meus primeiros agradecimentos por abrirem Veneza e seus arquivos para mim, juntamente com Michelle Lovric e John Berendt, Craig Raine, Annie la Gravanese, Robin Skye, Rose e Peter Lauritzen, Francesco e Jane da Mosto, Ludovico di Luigi,

Frank Billaud e a Aliança Francesa de Veneza, Cat Bauer, Dale Wesson, Mark Ashurst e Sara Yellich, Federica Centulani, dos arquivos do Museo Correr e do Museo Mocenigo, Alessandra Bonetti Rubelli, do Guggenheim, Joyce Fieldsend, do Gran Teatro La Fenice, por seus conselhos sobre *Don Giovanni,* e Anna Barnabo, do Palazzo Malipiero.

Roma

A Sita de Vesci, príncipe Oddone Collona, ao Caccia Club, Italian Journeys e à equipe do Hotel Bernini Bristol. Andrea di Robillant, por suas orientações com as cartas de seu antepassado Andrea Memmo e Giustiniana Wynne. Ao prefeito e à equipe de turismo em Frascati.

Praga

A toda a equipe dos Arquivos Estatais de Praga, Toma Staněk, do Teatro das Nações e todos os envolvidos com a produção de *Don Giovanni* em 2007, e a Katerina Palitova e toda a equipe do Mandarin Oriental Hotel, e também a Jacqueline Himan ACR, do Textile Restoration Studio, pelo material do teatro da Boêmia.

Duchcov

A Jiří Wolf, Petra Kofranňová, Jiří Bureš, Anna Šejvlová, Pavel Koukal e ao diretor e à equipe do castelo e do museu de Dux e do arquivo Casanova. À Pensione Casanova. Mirka Higgins, pela tradução.

São Petersburgo

Meu amigo Tobin Auber, Irina Kutova, Galya Stolyazova e a equipe do *St. Petersburg Times* me ajudaram mais do que poderiam imaginar, assim como a hospitalidade e as intuições de Dimitri Ozerkov, do Hermitage, Yelena Fedorova e Yevgenia Syzdaleva, do arquivo do Teatro de São Petersburgo, George Walden, Mario Corti — que gentilmente me enviaram detalhes sobre a teoria do significado anagramático de

“Seingalt” — e a equipe do Astoria Hotel.

Moscou

A Galina Stepanova, minha assistente de pesquisa, à equipe de produção de *Admiral Kolchak*, e também Constantin Habensky, Olga Kharichkina, Andrés Kravchuk, Varvara Kas’kova, Nicolai Mironov e Evklid Kyurdzidis.

Amsterdã, Utrecht e Dresden

Sou especialmente grato a Marco Leeflang, não só pelo convite para levar de volta ao castelo de Dux, vindo de Utrecht via Dresden, os últimos verbetes do catálogo do arquivo de Dux, e por tudo o que aprendi *en route*, como também por sua permissão de citar sua descoberta no *Amsterdamse Courant* de 16 de setembro de 1758. Deve-se também reconhecer que qualquer casanovista que consulte o arquivo em Dux é imensamente devedor a Marco por seu trabalho infatigável e inestimável de catalogação do corpo integral da literatura que lá se encontra e, por extensão, da rápida referência e acesso aos originais mantidos em Praga.

Mônaco e Menton

A Diana e Max Tedeschi e à equipe da Bibliothèque Louis Notari e dos arquivos do palácio de Mônaco.

Croácia

A Sasha Damianovski, pelas notas sobre uma terra distante e pela constante ajuda e encorajamento.

Provença

A Lindsay Clay, Matthew White e à equipe do Hotel e do Restaurant du Parc, em Lorgues.

Casanovistas

O grupo internacional de escritores, acadêmicos e arquivistas com especial interesse em Casanova foi quase invariavelmente acolhedor, protetor, estimulante e útil à questão. Em várias ocasiões de leitura dos primeiros esboços deste material, proporcionaram correções e orientação. Gostaria de agradecer particularmente a Marco e Janna Leeflang, Helmut Watzlawick, Tom Vitelli, Furio Luccichenti, Anthony Badalamenti, Marie-Françoise Luna, Gianluca Simeoni, Sandro Pasqual e Alan Hooker. Com igual disposição de espírito, devo declarar aqui que, como qualquer escritor que tem Casanova como tema, o meu trabalho construiu-se sobre fundações construídas por diversas gerações de grandes historiadores e arquivistas. Bernhard Marr, de Dux, e na sua esteira J. Rives Childs, Guy Endore, Charles Samaran, Lydia Flem, Derek Parker, Judith Summers, John Masters e em particular Jeremy Black, todos eles, de diferentes modos, contribuíram minuciosamente para a composição deste livro. Os erros, é evidente, são meus.



Também devo agradecimentos infinitos pelos conselhos e apoio de Ivan Mulcahy, um estimado amigo e agente, e também a meu editor e amigo na Hodder, Rupert Lancaster, e a Joel George Fotinos, Ken Siman, Kat Kimbal e Sarah Litt, da Tarcher-Penguin USA. A Hugo Wilkinson, Laura Macaulay, Josine Meijer e, mais uma vez, à inestimável e minuciosa atenção de Hazel Orme, por ter reunido num só lugar este livro e suas imagens. Minha querida amiga Erica Wagner; Charlie Viney, Jonathan Conway e Janie Jenkins, da Mike Leigh Associates; Carl Raymond, Julie Peakman, Natasha McEnroe, Hallie Rubenhold, Kate Chisholm, Kate Williams, Simon Chaplin, do Hunterian Institute; Fiona Ritchie, Freya Johnson e todos os envolvidos com a Dr. Johnson Conference, no Pembroke College, Oxford, em 2007; Isabel Pollen, Selina Cadell, Victor Wynd e David Piper, da Last Tuesday Society, também merecem

agradecimentos especiais. Por aconselhamento médico e psiquiátrico sobre Casanova e outros, dr. Larry Dumont, dra. Kate Gurney e sr. Andrew Kelly; porém, sobretudo a minuciosa e inestimável contribuição psicológica, a amizade, os conselhos e o encorajamento da dra. Victoria Kortes-Papp.



Por mais invejável que seja a odisseia de Casanova, devo declarar, como contraponto, que grande parte deste livro foi escrita em Hackney, norte de Londres, não mais perto de Veneza do que o Venezia Café em Stoke Newington, brincando de casinha com duas crianças. O apoio dos amigos e da família foi mais importante que em geral, e gostaria de agradecer muito pelo cuidado com as crianças e também por ajudarem na construção de um lar: a meus pais e meus irmãos, a Rachelle Albicy, Julia Mankin e Liam O'Flaherty.

Mas aqueles que de fato se doaram totalmente, ou melhor, que abriram mão de mim enquanto eu saía em busca de Giacomo Casanova, foram meu filho Oscar, minha esposa Claire e nossa filhinha Cecelia. Por causa deste livro, quase não consegui assistir à sua gestação, a seu nascimento e a seus primeiros passos. Mas o fato de eu ter conseguido fazer isso é o que me faz, eu sei disso, um homem com mais sorte do que Casanova.

NOTAS SOBRE AS FONTES

Os dados bibliográficos completos, específicos para cada obra citada, encontram-se na Bibliografia.

Foram usadas as seguintes abreviaturas:

ASV	Archivio di Stato, Venezia
BM	British Museum
Casanova, *HV*	Fac-símiles de Dux (Casanova, Giacomo; *Histoire de ma vie*, Dux fasc-símile MS)
Casanova, *HL*	Trask (Casanova, Giacomo; *History of my Life*, trad. Trask, Willard, R.)
Casanova, *HV*	Bouquins (Casanova, Giacomo, *Histoire de ma vie*, Bouquins, Robert Laffort, ed.)
DVM	Arquivo do Museu do Castelo de Duchcov, CR
PSA	Arquivo Nacional de Praga

PRELÚDIO O *Teatro del Mundo* (p.9-12)

p.9, "No primeiro minuto do meu sonho … estonteante conjunto de luzes": PSA, UI/I XV, Casanova, *Songe d'un quart d'heure, 'Rêve Dieu et moi'*, première minute.

p.9, "*porcheria tedescha*": Roubinek, O., Cerny, J., Jerie, P., e Kral, J. (orgs.), *The Theatre of the Estates*, p.9.

p.10, "varas de linho vermelho da Boêmia": uma vara de tecido tem,

aproximadamente, uma jarda ou um metro de comprimento. O comprimento real da vara variava de 45 polegadas (114cm), na Inglaterra, a 54 na França (137cm) e, ao que parece, 27 (68,5cm) em Praga.

p.10, "Antonio Salieri, … pelo proscênio": Petran, Josef, *Kalendář — aneb Čtení o Velkém plese korunovačním v pražkém Nosticověd divadle 12.* září 1791 v časech frankouské revoluce, p.13ff.

p.11, *"mondi nuovi*: novos mundos": cf. Coleção Correr, Veneza; e também Urban, L., Romanelli, G., Gandolfi, F. (orgs), *Vénise en Fêtes*, p.89ff.

p.11, "olhos e narizes … me são tão familiares": PSA, UI/I XV.

INTRODUÇÃO ***A ópera-bufa chamada Veneza*** **(p.13-26)**

p.13, "As memórias de Casanova … uma época": Rives Childs, J., *Casanova: A New Perspective*, p.2.

p.14, "O único remédio": Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.9.

p.15, "notoriamente não confiável": *Casanova*, estrelando Heath Ledger: *New York Times*, 26 jun 2004.

p.16, "Talvez ele tenha escrito demais": "*Casanova disse tutto, forse troppo e qualche volte it non vero*", *Lettre a Pananti*, Lorenzo da Ponte, in Samaran, *Jacques Casanova, vénitien*, p.viii.

p.17, "Tenha coragem de se libertar": Grayling, A.C., "The Age of Reason", p.43.

p.17-8, "O senhor conta a sua história … estranho e novo": Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.133.

p.18, "A própria essência … o seu espírito": Ozerkov, D., Padiyar, S., e Alexandrian, S., *The Triumph of Eros, Art and Seduction*, p.36.

p.19, "John Wilkes … Betsy Green": Pottle, F., e Brady, F. (orgs.), *Boswell on the Grand Tour*, p.58n.

p.20, "profilaxia contra a melancolia": Casanova, in Kihli-Sagols,

Didier, *La Comédie Médicale de Giacomo Casanova*, p.129.

p.20, “de se ‘defender contra as enfermidades de sua saúde debilitada e de outros males da vida — por meio da alegria’”: Laurence Sterne, in Porter, R., *Flesh in the Age of Reason*, p.287.

p.20, “no meio do mar, … a não ser pela arte”: Andrieux, M., *Venise*, 1972, p.xxx.

p.22-3, “O ar se enchia … o seu trabalho”: Molmenti, in Lowe, Alfonso, *La Serenissima. The Last Flowering of the Venetian Republic*, p.31.

p.23, “O gueto … sua mercadoria”: Molmenti, P., *Storia di Venezia nella vita privata dalle origini alla caduta della reppublica*, vol.III, p.206ff.

p.24, “os textos … passaram a não vir mais de Deus”: Porter, R., *Flesh in the Age of Reason*, p.285.

p.25, “O que se exigia de mim … é *fascinar*”: Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.108.

p.25, “papel … puxar as cortinas”: Rives, Childs, J., *Casanova Gleanings*, vol.XIX, p.17.

p.25, “medo de ser vaiado”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.35.

PRIMEIRO ATO, CENA I ***A calle della Commedia*** **(p.29-34)**

p.29, “Um homem nascido em Veneza”: Casanova, G., *O Duelo* (1780), trad. de Tim Parks, 2000, p.3.

p.29, “quatro dias depois da Páscoa”: Casanova nasceu em 2 de abril e foi batizado no dia 5 de abril. Em 1725, a Páscoa caiu no dia 1º de abril. Os registros de batismos da paróquia de San Samuele encontram-se agora em San Stefano e publicados in *Memorie storiche degli ultimi cinquanta anni della repubblica di Venezia*, Veneza, 1854.

p.29, “ser filho de Michele Grimani”: Casanova, G., *Ne Amori ne donne*; GC menciona ser filho de Michele Grimani; ver também

Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.326n.

p.30, “calle della Commedia”: hoje, calle Malipiero.

p.30, “A casa da calle”: a calle della Commedia é hoje a calle Malipiero, que passa por trás do Palazzo Malipiero, vindo da igreja de San Samuele. O teatro ocupava o local da grande escola, no outro extremo da rua. A placa comemorativa do nascimento de Casanova em 1725 informa corretamente que a verdadeira casa é desconhecida, embora se suponha ter sido ou a do número 3.082 ou 3.083, baseando-se no antigo sistema de numeração, e segundo descrições posteriores de festas ali.

p.31, “numa zona ainda conhecida”: as marcas gravadas dos sapateiros ficam ainda mais evidentes nas esquinas da Salizada San Samuele e da Crosera della Bottegue. Ver também Traverso, O., *The Church of San Samuele, Venice*, p.17.

p.31, “abominação”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.43.

p.31, “sua primeira recordação … Rainha da Noite”: Ibid., p.44-5.

p.31, “vegetativa … incapaz de pensamentos”: Ibid., p.29.

p.31, “famosa desde essa época por seus trabalhos com vidro”: Nugent, T., *Grand Tour*, vol.III, p.110.

p.32, “Veneza em miniatura”: Goethe, *Travels in Italy*, p.295.

p.33, “400g de sangue por semana”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.48.

p.33, “como a Arca de Noé”: Burney, Charles, *Music, Men and Manners*, p.85-6.

p.33, “um gênio sublime e poeta de estilo extremamente sensual”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.49.

p.34, “Sempre raciocine com lógica”: Ibid., p.50.

p.34, “Livrou-se de mim”: Ibid., p.51.

PRIMEIRO ATO, CENA II ***Na escola em Pádua*** **(p.35-40)**

p.35, “Era o aplauso … felicidade”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.62.

p.35, “gorducho, modesto, tinha modos cerimoniosos”: Ibid., p.58.

p.35, “*Satyra sotadica de Arcanis Amoris et Venus*”: O título era *Aloysea Sigeia,* mencionada por GC simplesmente como *Meursius*, ibid., p.63. Publicada primeiramente em Lyon, em 1660, a obra era atribuída a Luisa Sigeia, mas na verdade era de Nicolas Chorier, 1609-92, traduzida para o francês em 1730 como *L’Academie des dames de Meursius*, que parece ter sido a que o doutor possuía em sua coleção, ou que GC estava traduzindo do francês. Na Itália, naquela época, era mais comumente encontrada como *Dialogues de Luisa Sigeia.*

p.36, “maravilhosamente linda … desconfortável”: Ibid., p.58.

p.37, “*Discite grammatici* … me colocou no pináculo da felicidade”: Ibid., p.60-2.

p.38, “me calçava as meias … eu a havia desonrado”: Ibid., p.96.

p.39, “Assim que me levantar da mesa … outras vezes”: Ibid., p.69.

p.39, “primeiro amor”: Ibid., p.52.

p.40, “ele não era particularmente inteligente”: Ibid., p.91.

PRIMEIRO ATO, CENA III ***Torno-me um pregador*** **(p.41-6)**

p.41, “Era belo … 20 amantes”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.97.

p.41, “Ele acaba de chegar de Pádua”: Ibid., p.96.

p.41, “1,85m”: Existem controvérsias a respeito da altura de GC, devido a uma falha de tradução. “Crébillon [o dramaturgo francês] era um Colosso. Tinha seis pés [1,86m] de altura, mais alto que eu três polegadas [7,5cm]”, o que levou alguns documentos a estabelecerem a altura de GC em cinco pés e nove polegadas [1,74m]. O antigo pé mencionado na *Histoire de ma vie* era um décimo mais longo que o atual. Cf. Endore, Guy L., *Casanova, His Known and Unknown Life*, p.XXIV.

p.41, “o seu ‘maior consolo’”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.96.

p.42, “homens de sabedoria … viver intensamente”: Ibid., p.97.

p.44, “tão grande que cheguei às lágrimas”: Ibid., p.103.

p.45, “Que me diz? … coisas chocantes”: Ibid., p.104-5.

p.45, “quase 50 *zecchini* … quando eu estava com uma enorme necessidade de dinheiro, … pregador”: Ibid., p.107.

p.46, “um murmúrio baixo”: Ibid., p.109.

PRIMEIRO ATO, CENA IV ***Entram Lucia, Nanetta e Marta*** **(p.47-55)**

p.47, “Elas disseram … juntas na cama”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.139.

p.47, “rochas gêmeas eminentemente formadas”: Ibid., p.121.

p.47, “as irmãs Savorgnan, Nanetta e Marta”: Casanova não informa o segundo nome delas. Rives Childs, J., *Casanova Gleanings*, vol.III, p.17.

p.47, “perfeito dragão da virtude”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.107.

p.48, “exasperada além da conta”: Ibid., p.114.

p.48, “tendo, eu próprio, um tipo de virgindade”: Ibid., p.114.

p.48, “mosquitos devoradores”: [ago 11 /12 1770] Burney, Charles, *Music, Men and Manners*, p.78.

p.48, “cheios de … África”: Rose, William Stuart, *Letters from Italy*, vol.I, p.296-7.

p.49, “Incapaz de resistir por mais tempo”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.119.

p.49-50, “Eu me orgulhei e me envaideci … seus infortúnios”: Ibid., p.149-50.

p.50, “Um medo que … alegrar plenamente”: Ibid., p.123.

p.50, “amigas íntimas … todos os segredos dela”: Ibid., p.123.

p.51, “*utroque jure*”: Grau de doutor na lei civil e canônica. GC foi

matriculado na Universidade de Pádua aos 12 anos, em 28 de novembro de 1737, para obter a láurea. Os estudos tinham de prosseguir por quatro anos consecutivos. Casanova, como muitos estudantes de direito, passava parte do tempo em Veneza e parte em Pádua, forçado a retornar a Pádua, à casa do dr. Gozzi, para cumprir suas obrigações para a graduação. Ibid., p.135 e 329n.

p.52, “Ficaram de costas para mim … em pelejas cada vez mais variadas”: Ibid., p.141-2.

p.53, “fazendo amor seguidamente”: Ibid., vol.2, p.60.

p.53, “esse amor … egoísmo”: Casanova, *HV*, Bouquins, vol.I, p.134.

p.54, “Giulietta Preati”: Giulia Ursala Preati, 1724-c.90, também conhecida como La Cavamacchie, condessa Preati, *signora* Querini, *signora* Uccelli.

p.54, “ópera de Metast a sio”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.110.

p.55, “dos charmes dela sobre mim”: Ibid., p.153.

p.55, “manchada dos notórios”: Já foi sugerido que Casanova, quando jovem e talvez durante toda sua vida sexual adulta, “sofria” de excessiva descarga de sêmen durante a excitação e antes do orgasmo, como também de ejaculação precoce.

p.55, “a mais completa vitória … espadachim”: Ibid., p.153.

p.55, “O senhor sabe muito bem *por quê*”: Ibid., p.155.

PRIMEIRO ATO, CENA V ***Seminarista nunca mais*** **(p.56-60)**

p.56, “Por fim, abandonei a Igreja”: Casanova, Giacomo, *Histoire de ma fuite des prisons*, p.I.

p.56, “Bernardo de Bernardis”: 1699-1758, tornado bispo de Martorano em 16 de maio de 1743. Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.156-7 e 334n.

p.56, “eu afinal puder vê-lo bispo!”: Ibid., p.158.

p.56, “grandes e substanciais”: Ibid.

p.57, “ridículo”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.164-5.

p.57, “até o pênis sangrar”: Ibid., p.166.

p.57, “a caminho do papado”: Ibid., p.162.

p.58, “belo seminarista de 15 anos”: Ibid., p.168.

p.58, “nenhum seminarista fosse para a cama com outro”: Ibid., p.170.

p.58, “preocupação … em abstinência”: Ibid., p.174.

p.59, “o doge … o matrimônio do mar”: Ibid., p.175.

p.60, “*medicina spagirica*”: composto alquímico da época de Paracelso (1493-1541), usado no tratamento das doenças venéreas. Possivelmente, as infecções de Casanova seriam repetidos surtos de gonorreia, que então era considerada, erradamente, uma variante da sífilis, e muitas vezes tratada também pela quimioterapia com mercúrio, com que Casanova se medicou na fase posterior da sua vida.

p.60, “sem nada a lamentar”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.201.

INTERMEZZO ***Casanova e as viagens no século XVIII*** **(p.61-6)**

p.61, “Sinto prazer … enquanto viajo”: Casanova, *HL*, Trask, vol.6, p.225.

p.61, “Foi minha quarta aventura sexual”: Casanova, *HV*, Dux fac-s., vol.II, p.003344.

p.61, “um fogareiro e um urinol”: PSA, Ui6 k/2 nota de Casanova, 1793.

p.62, “64.060 quilômetros”: Günther, P., *The Casanova Tour*, p.2.

p.62, “Em 1770, Charles Burney … cinco pessoas de cada lado”: Burney, Charles, *Music, Men and Manners*, p.23.

p.63, “que nem vale a pena mencionar”: Ibid., p.24.

p.64, “poema libertino”: Poema a Valville, PSA, Ui6c/13.

p.65, “as 27 moedas diferentes e os 471 itens”: Günther, *The Casanova Tour*, p.25.

p.65, “Todo viajante deveria”: Hoare, R.C., *Hints to Travellers in Italy*, p.V.

SEGUNDO ATO, CENA I ***A estrada para Roma e Nápoles*** **(p.69-80)**

p.69, “O homem adequado para fazer … em Londres”: Casanova, *Histoire de ma vie*, Leppman, W., *J. J. Winckelmann*, p.145-6.

p.69, “vinho tinto de Friuli”: Casanova informa a respeito do nome do vinho: Refosco. Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.207.

p.70, “de uns 12 a 15cm de largura”: Ibid., p.214.

p.71, “mas a estrada é muito ruim”: Nugent, T., *A Grand Tour*, vol.III, p.196-7.

p.71, “esquisito e imundo”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.259.

p.71, “250km de Ancona …”: Nugent, *Grand Tour*, vol.III, p.185.

p.71, “nu e embriagado, … policial dos Estados papais”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.224.

p.72, “sem amor … algo muito desprezível”: Ibid., p.227.

p.72, “San Francesco”: Casanova declara que foi ao mosteiro minimita em Monte Magnanopoli, uma região do monte Quirinal, porém o mosteiro minimita era o de San Francesco di Paola. Ibid, p.342n.

p.73, “pobre presente que me dera”: Ibid., p.238.

p.73, “dormia sempre vestido com meus calções”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I., p.240.

p.73, “a lava do Vesúvio”: Burney, Charles, *Music, Men and Manners*, p.124.

p.73, “rainha Maria Amália”: Maria Amália Walburga, rainha de Nápoles a partir de 1729.

p.74, “o que me faz ficar aflito … os casos alheios”: Rives Childs, J., *Casanova: a New Perspective*, p.31.

p.74, “Anna Maria d’Antoni”: Ibid.

p.76, “fétidos pântanos pontinos … a malária”: Hoare, R.C., *Hints to Travellers in Italy*, p.33.

p.77, “o único homem em Roma”: Casanova, *HL*, Trask, vol.I, p.258.

p.77, “Em Roma … pretende ser abade”: Ibid., p.265.

p.78, “Frente a frente … Obrigado, meu amor”: Ibid., p.280.

p.78, “Pobre de quem … em perfeita harmonia”: Ibid., p.271.

p.78, “Pobre de ti … jamais vais te curar de mim”: Ibid., p.276.

p.79, “Bento XIV … gostava de uma anedota”: Ibid., p.285.

p.79, “Roma é muito pequena”: Ibid., p.284.

p.80, “vão lhe conseguir trabalho”: Ibid., p.317.

SEGUNDO ATO, CENA II ***Amor e travesti*** **(p.81-9)**

p.81, “A palavra *Pessoa* … um *Ator*”: Hobbes, in Porter, R., *Flesh in the Age of Reason.*

p.82, “toda a verve do teatro, uma bela brincadeira”: Casanova, *HL*, Trask, vol.2, p.6.

p.82, “encantadoramente belo”: Ibid., p.5.

p.82, “Foi um êxtase! Arrebatamento!”: Burney, Charles, *Music, Men and Manners*, p.205-8.

p.84, “não opôs resistência aos desejos”: Casanova, *HL*, Trask, vol.2, p.5.

p.84, “*première actrice*”: Casanova, Giacomo, *Examen des études de la Nature*, p.57.

p.84, “trufas brancas, mariscos, … Ximenes”: Casanova, *HL*, Trask, vol.2, p.15.

p.84-5, “todos nós, os *castrati* … deformidade”: Ibid., p.6.

p.85, “consentir com as infâmias”: Ibid., p.17.

p.85, “gigantesco clitóris”: Ibid., p.18.

p.85, “fazer dela … na mesma situação”: Ibid., p.32.

p.85-6, “Artemisia Lanti, ou mesmo Angiola Calori”: Summers, Judith, *Casanova’s Women*, p.120-2.

p.86, “o meu próprio senhor … o homem que sou”: Ibid., p.32.

p.86-7, “Nem as mulheres nem os homens … quando vestida de homem”: Casanova, *Examen des Études*, p.57.

p.87, “calendário operístico de Rimini … 1745”: Rives Childs, J., *Casanova, a New Perspective*, p.25.

p.87, “evidências confirmadoras”: Ibid., p.23-6.

p.87-8, “Caso compartilhasse a sua sorte … silenciou o meu coração”: Casanova, *HV*, Bouquins, vol.I, p.85.

p.89, “Casanova … Não é da sua conta”: Casanova, *HL*, Trask, vol.2, p.46-7.

SEGUNDO ATO, CENA III ***Contos do serralho, Constantinopla*** **(p.90-8)**

p.90, “Jamais em minha vida … minha natureza”: Casanova, *HL*, Trask, vol.2, p.94ff.

p.90, “guarnição de 200 eslavos”: Ibid., p.60.

p.91, “O senhor passou … um novo impulso”: Ibid., p.63.

p.91, “marechal-intendente da Escócia, lorde Keith”: Ibid., p.100 e 314n.

p.92, “se espalhasse por 56km”: Pitton de Tournefort, Joseph, *A Voyage into the Levant*, vol.I, p.348.

p.92, “a sua situação [sendo] a mais agradável”: Ibid., p.348.

p.92, “o Seraglio”, com seu teto dourado”: Ibid., p.351 e 362.

p.92, “não conhecia o Corão”: Casanova, *HL*, Trask, vol.2, p.70.

p.93, “Sou um homem completo … nos absolver”: Ibid., p.84.

p.94, “não pertencia àquele credo”: Ibid., p.83.

p.94, “pesquisas mais recentes sobre as práticas sexuais otomanas”: Ze’evi, Dror, *Producing Desire*; ver o capítulo “The view from without — Otoman sexuality in Travel Accounts”, p.149ff.

p.95, “em sua maioria ciganas”: Pick, C. (org.), *Embassy to Constantinople*, p.115.

p.95, “inteira liberdade de seguir suas inclinações”: Ibid., p.111.

p.95, “Podemos facilmente imaginar”: Ibid., p.111.

p.96, “Um escritor francês”: Pitton de Tournefort, Joseph, *A Voyage into the Levant*, vol.2, p.47ff.

p.96, “Tal como ele … em minha natureza”: Casanova, *HL*, Trask, vol.2, p.94ff.

p.97, “Wortley Montagu … barão de Tott”: Ze’evi, *Producing Desire*, p.153ff.

p.98, “25 de novembro”: De acordo com a sua cronologia para esses anos, J. Rives Childs data o retorno de Casanova a Veneza em março de 1746. Rives Childs, J., *Casanova*, p.40.

SEGUNDO ATO, CENA IV ***Palazzo Bragadin*** **(p.99-110)**

p.99, “Sentia-me … Deixei minha ambição dormir”: Casanova, *HL*, Trask, vol.2, p.182-5.

p.100, “duas comédias musicais … de Bertoni”: Weil, Taddeo, *Teatri Musicali Veneziani dell Settecento*, Veneza, 1897, em 1746.

p.100, “Depois da perda do hábito … respeito pela religião”: ASV, Inquisitori di Stato, Manuzzi Gio Battista, busta 612, de 22 de março de 1755 (passagem traduzida pelo autor, com o doutor Maximilian Tedeschi).

p.100, “o memorial de guerra … Campo Sant’Angelo”: Era um

monumento de mármore em forma de mesa, que pode ser nitidamente visto no quadro *Perseguição ao urso no Campo Sant'Angelo*, de Gabriele Bella, c.1780. Evidentemente, o monumento foi consertado depois, ou restaurado. Hoje não existe mais. Busetto, G., *Pietro Longhi, Gabriele Bella, Scene di vita veneziana*, p.204 e oposta.

p.102, "A íntima afeição": Casanova, G., *Histoire de ma fuite* (passagem traduzida pelo autor), p.5.

p.102, "Um estudioso de Casanova": Masters, John, *Casanova*, p.255ff.

p.103, "A associação com Bragadin … vendiam os seus": Ibid., p.226.

p.103, "a afeição e a estima dos homens de posição": Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.119.

p.103, "Em algumas das pessoas que ele conhece … em todos os sentidos": "*Che lui ha molte conoscenze co'forestieri e con il fior della gioventà Che practica in case di moltissime figlie, maritate e signore e donne d'altro genere Che lui procura divertirsi in ogni guisa*", ASV, Inquisitori di Stato, Manuzzi, Gio Battista, busta 612, 17 de julho 1755 (itálicos do autor).

p.103, "[Casanova] está tentando subir socialmente": Ibid.

p.104, "calle Bernardo, *antes* do 'ataque cardíaco'": Existem diversas calles Bernardo em Veneza, porém a ponte mencionada por Casanova parece ficar ao norte do Palazzo Soranzo. Ele pode estar confundindo as lembranças, e os venezianos costumam mesmo se perder em Veneza. Também é possível, num tão grande ajuntamento de gôndolas, que elas estivessem à espera por toda aquela área, em locais combinados. Sou grato a John Masters por ter começado a levantar suspeitas sobre o comporta mento de Casanova ali, e a Max Tedeschi pelo longo passeio através dos canais dos fundos de San Paolo.

p.104, "os três eram de meia-idade": em 1746, Matteo Bragadin tinha 57 anos, Marco Dandola, 42, e Marco Barbaro, 58.

p.104, "Tive a atitude mais honrosa … melhor que eu": Casanova,

HL, Trask, vol.2, p.199.

p.105, “O magnânimo Bragadin … não viveu para ver isso acontecer”: Casanova, G., *Histoire de ma fuite* (tradução do autor), p.5.

p.106, “embora distante … do dr. Gozzi”: Gozzi tinha trocado Pádua por uma paróquia rural perto de Chioggia, e sua irmã Bettina, cujo casamento não dera certo, morava com ele ali.

p.108, “Obrigado … por meio das inúmeras relações”: ASV, Inquisitori di Stato, Manuzzi, Gio Battista, busta 612, 22 de março de 1755.

p.108, “deixou Veneza em janeiro de 1748”: Casanova registra o fato em 1748. J. Rives Childs tem certeza de que deve ter sido em 1749. Rives Childs, J., *Casanova, a New Perspective*, p.42 e 294.

p.108, “Ninguém prestava atenção em mim”: Casanova, *HL*, Trask, vol.2, p.276.

p.108, “e o senhor pode acreditar nele, pois ele é meu gigolô”: Ibid., p.276-7.

p.109, “bem construído para o amor e … alto e belo”: Ibid., p.284ff.

SEGUNDO ATO, CENA V ***Tu também esquecerás Henriette*** **(p.111-7)**

p.111, “Quem acredita … a extensão da minha felicidade”: Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.49-50.

p.111, “O ardor com que … ser tratado de tal maneira”: Ibid., p.15.

p.113, “Não só sinto … nunca teria esse poder”: Ibid., p.35.

p.114, “quase dez anos mais velha do que ele”: Se Henriette era Jeanne-Marie d’Albert de St. Hippolyte, estava com 30 e poucos anos em 1749. Summers, Judith, *Casanova’s Women*, p.161ff.

p.114, “Deixe-me rir … agora mesmo”: Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.36.

p.114, “Esteja certa de que eu a amo … irritado”: Ibid., p.37.

p.114, “jurou que jamais lhe pediria … obtido o seu coração”: Ibid., p.38.

p.115, “luvas, leques, brincos”: Ibid., p.49.

p.115, “O novo duque de Parma … todos os seus novos súditos”: Doran, John, *“Mann” and Manners at the court of Florence* 1740-1786, vol.I, p.293.

p.116, “pois Henriette” … não estava desempenhando”: Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.52.

p.116, “parecia sempre estar acontecendo pela primeira vez”: Ibid., p.53.

p.116, “Quem acha que é possível … ao fim”: Ibid., p.59.

p.116-7, “Sou eu, meu único amor … *Adieu*”: Ibid., p.78.

p.117, “Nas últimas 24h … viesse a encontrá-la [novamente]”: Ibid., p.76.

p.117, “Quando penso … toda vez que me recordo dela”: Ibid., p.77.

INTERMEZZO ***Casanova e o sexo no século XVIII*** **(p.119-30)**

p.119, “Minha senhora, sou um libertino”: Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.5.

p.119, “Em se tratando de vício”: “*Sur la dissimulation … En qualité de vide la dissimulation doit être aussi ancienne que l’homme”*, PSA, Marr Ui6k/59.

p.120, “Alguns dos memorialistas … do que Casanova em toda a sua vida”: Byron, para o conde Giuseppino Albrizzi, em 5 de janeiro de 1819, “e duas vezes mais, além disso” = 90 + 30, “também cerca de 200”. Ver MacCarthy, F., *Byron*, pp. 340ff; e Sainsbury, J., *John Wilkes*, pp.81ff; Ober, W.B., *Boswell’s Clap and Other Essays*, p.1-39 e p.40-2n.

p.121, “nos infatigáveis lordes Lincoln …”: Segundo se dizia, Henry Fiennes-Clinton, 1720-94, o *Earl* de Lincoln, dormira com centenas

de mulheres por toda a Europa. Uma ode ao seu *Grand Tour* dizia: "*Quatro vezes a cada noite, com alguma Bela amorosa/ ele copula por todo o ciclo do ano/ buscando esse curso de alegria./ Sobre feitos como esses, que os Anais falam/ São vinte e oito vezes por semana,/ E, por Deus, é um feito glorioso*" etc. Hanbury Williams, *Letters*, NRA 22338, Lewis Walpole Library, vol.69, p.80-1.

p.123, "a grande e linda omelete de bebês": Padiyar, Satish, citando Diderot em 1767, in Ozerkov, D., Padiyar, S., et al., *The Triumph of Eros*, p.21.

p.123, "Do ponto de vista de Casanova": Coleção particular, Brockhaus (não catalogada como de fevereiro de 2006, para DCM [Marr], pertencente a Leeflang, M.).

p.125, "um ar de teatralidade": Darnton, Robert, *Thee Forbidden Best-sellers of Pre-Revolutionary France*, p.72-3.

p.127, "proporcionar felicidade … enrolado em uma pele morta": Kihli-Sagols, Didier, *La Comédie médicale de Giacomo Casanova*, p.126ff.

p.127, "aquela barriga fatal": Ibid.

p.127, "casaco de montaria inglês … paz ao coração": Ibid.

p.127, "Tirei da minha valise": Uma *pouce*, ou um polegar, é às vezes tida como uma medida um décimo mais longa que a moderna polegada imperial, e assim o preservativo em questão media cerca de nove polegadas [22,86cm]. Ver também Hunterian Institute Collection, Royal College of Surgeons, Londres.

p.127, "desenrolada e sem nenhuma elasticidade … com abandono": Casanova, *HL*, Trask, vol.7, p.12ff.

p.127-8, "a única defesa … (com a espada assim embainhada)": Taylor, G. Rattray, *Sex in History*, p.187.

p.128, "substância extraordinariamente fina": Mudge, Bradford K. (org.), *When Flesh Becomes Word*, p.264.

p.128, "de diversos tamanhos … de se encontrar": Ibid., p.276.

p.128, "Nada de barrigão … Um preservativo bem fabricado": Ibid.,

p.318n.

p.129, “bolinha de ouro … sempre saía do lugar”: Kihli-Sagols, *La Comédie Medicale*, p.126ff.

p.130, “Por que você … Bellino ser mulher?”: De Ligne, *Fragment sur Casanova, suivi de lettres à Casanova*, p.68.

TERCEIRO ATO, CENA I *A ida para a França* (p.133-6)

p.133, “Todo rapaz que viaja … maçonaria”: Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.116.

p.135-6, “Em seguida, em Turim, … toda vez que me lembro”: Ibid., p.113.

TERCEIRO ATO, CENA II *A Paris de Madame Pompadour* (p.137-49)

p.137, “No início de minha estada”: Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.119.

p.137, “Paris … influência da moda”: Ibid., p.203.

p.137, “fornecedora de uma educação *d’amour*”: Ozerkov, D., Padiyar, S., e Alexandrian, S., *The Triumph of Eros*, p.35.

p.138, “não fosse por Sylvia”: Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.134-5.

p.139, “O senhor está na França, monsieur … tirar o maior proveito disso”: Ibid., p.143-4.

p.141, “Mas ela tem as pernas feias”: Ibid., p.154-5.

p.141, “o jacobita lorde Keith”: Ibid., p.155, e n. NB: Uma das provas da visita, ou das visitas, de Casanova à Turquia no início da sua vida é a sua correta verificação da presença de lorde Keith lá também, embora, como já foi observado, ele possa ter descoberto detalhes sobre a vida no Oriente em outros lugares, inclusive com Keith em Paris, em 1750.

p.143, “uma beleza perfeita … quem a contemplasse”: Ibid., p.199.

p.145, “O prazer é o imediato … esses prazeres”: Ibid., p.195.

p.146, “Ela era uma criatura adorável … na conversação”: Ibid., p.208.

p.146, “amante do prazer … em seus lábios”: Ibid., p.208.

p.146, “Eu estava loucamente apaixonado … além dos meus limites”: Ibid., p.213.

p.147, “sempre que ela sentiu necessidade … para o bem da nação”: Ibid., p.175-7.

p.127, “a golpeou por 20 vezes com sua espada”: Ibid., p.215.

p.149, “Foram os primeiros oratórios apresentados”: Os oratórios do *abbé* não estrearam antes das últimas vindas de Casanova a Paris, em 14 de março de 1758; Rives Childs, J., *Casanova: a New Perspective*, p.49ff.

TERCEIRO ATO, CENA III ***Luxúria nos claustros*** **(p.150-67)**

p.150, “Voltei a Veneza … inteiramente feliz”: Casanova, G., *Histoire de ma fuite*, p.2.

p.150, “O dia vai terminando … Estou morrendo de amor”: Anon, “Abbé du Prat”, atrib. Jean Barrin ou François de Cavigny de la Bretonnière, *Venus dans le cloître ou la religieuse en chemise.*

p.151, “Pietro Antonio Capretta”: Rives Childs, J., *Casanova: a New Perspective*, p.64.

p.152, “como um homem honesto e nem como um libertino”: Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.243ff.

p.152, “louco de amor … que não iria aguentar”: Ibid., p.250.

p.152, “Quanto mais inocente … a possuí-la”: Ibid., p.257.

p.152-3, “círculos escuros … em uma [mulher]”: Casanova, *HV*, Bouquins, vol.1, p.679.

p.155, “Uma carta branca … caso tenha compromissos”: Casanova, *HL*, Trask, 4, p.11-2.

p.156, “um tipo de infidelidade”: Ibid., p.19.

p.156, “uma certa infidelidade”: Ibid., p.19.

p.157, “seis largas fitas … eu merecia a sua graça”: Ibid., p.44.

p.159, “Véspera de ano-novo … câmara do amor”: Ibid. p.69-70.

p.160, “E De Bernis … jantar comigo em minha casa”: De Bernis para a condessa des Alleurs, Constantinopla, 1º de setembro de 1754, in Monglond, A., *Revue d’histoire diplomatique*, 1938, p.22-4.

p.160, “uma aventura que este teve com uma freira”: De Ligne, *Letters and Papers*, vol.I, Nova York, 1899, p.146.

p.162, “destruía … que realizávamos”: Casanova, *HL*, Trask, vol.4, p.120.

p.163, “dera um esplêndido presente”: Ibid., p.122.

p.163, “dois bilhetes, encontrados”: PSA, U8 214.

p.165, “um homem com tendência … para trapacear”: ASV Appunti sulo Manuzzi, Giovan Battista, 1750-9, ASV Inquisitori di Stato referta, 22 marzo 1755, passagem traduzida pelo autor.

p.166, “Ele é um verdadeiro dândi … seja apenas ridículo”: A heroína do Abate Pietro Chiari em *La commediante* in *fortuna*, romance sobre “Casanova”; in Andrieux, Maurice, *Venise au temps de Casanova*, 1972, p.218.

TERCEIRO ATO, CENA IV ***Prisão e fuga*** **(p.168-74)**

p.168, “Um homem trancado … leva os homens ao desespero”: Casanova, *HV*, Bouquins, vol.1 (passagem traduzida pelo autor), p.868.

p.169, “uma questão de religião”: ASV Inquisitori di Stato, Casanova, G., *condamnate anni 5* per co di religione 1756, 29 settembre.

TERCEIRO ATO, CENA V ***Comédie Française, Paris*** **(p.175-85)**

p.175, “Vou responder diretamente… o afligem”: PSA, Balletti para Casanova, 1757, U8/139.

p.176, “Percebi que para fazer qualquer coisa … um camaleão”: Casanova, *HL*, Trask, vol.5, p.19.

p.178, “[Casanova] tem uma carruagem … quando fala sobre sua fuga — o que faz de forma admirável”: Giustiniana Wynne para Andrea Memmo, em coleção particular, citado de Di Robillant, *Andrea, A Venetian Affair*, p.169.

p.179, “considerado na época absolutamente impossível, inclusive do ponto de vista médico”: Em outra parte, Casanova declara que saía sangue em seu sêmen caso tentasse mais de cinco orgasmos numa noite. Esse era um temor muito difundido; ver também *The Pleasures of Conjugal Love*, Londres, 1740, em *Venus Unmasked*, 1967, p.57ss.

p.180, “assinando as cartas com beijos”: PSA, Manon para Casanova, 1757?, U8/158.

p.180, “Oh, como eu gostaria que essa ausência”: PSA, Manon para Casanova em Amsterdã, 1760, U8/ 126.

p.180, “Se ao menos você soubesse … não consegui”: PSA, U8/145.

p.180, “Gosto da sua presença … e sempre, com você”: PSA, Manon para Casanova, U8/139.

p.181, “Quero que me ame sempre … queime todas as nossas cartas”: PSA, U8 139 e U8/161.

p.182, “O seu amor diminuiu … mais os descobre”: PSA U8/150.

p.182, “Apaixonando-me a cada dia por Manon … do que pretendia”: Casanova, *HL*, Trask, vol.4, p.83.

p.183, “Você sai para se divertir … jantar *à deux*”: PSA, Marr, U8/128.

p.183, “*cher mari*”: PSA, Marr, “*adieu, cher mari*”, U8 127.

p.184, “rendendo-se aqui ao amor … a ambos de uma só vez”: Casanova, *HL*, Trask, vol.4, p 99.

p.185, “com toda a graça … da regência”: Ibid., p.108.

TERCEIRO ATO, CENA VI *“A máscara de um homem sem importância”:A marquesa D’Urfé e as experiências com a necromancia* (p.186-94)

p.186, “A marquesa D’Urfé … um ser imortal”: *Souvenirs de la Marquise Créquy*, vol.3, capítulo I.

p.190, “um adepto genuíno, sob a máscara”: Casanova, *HV*, Bouquins, vol.II, p.95.

p.191-2, “condessa virgem … 13º aniversário”: Ibid., p.731-2.

p.193, “aos 38 anos … o fatal infortúnio”: Ibid., p.42.

p.194, “Teresa Imer, em Londres”: DCM, Marr, 40/130.

INTERMEZZO *Casanova e a cabala* (p.195-203)

p.195, “Aqueles que possuem esse … para baixo”: PSA, U22.IS 41.

p.195, “As doutrinas da matemática … em vão”: Agrippa, Henry Cornelius, de Nettesheim, *Three Books of Occult Philosophy*, Londres, 1651, p.167.

p.195, “principais espiões para segui-lo”: ASV, Appunti sul Giovan’Battista Manuzzi 1750-9, busta 612-4, especialmente 612, 17 de julho de 1755.

p.196, “venha dos tempos de Abraão”: Segundo a tradição, “Melquizedeque o Rei da Honestidade e de Salem … iniciou Abraão no conhecimento do ensinamento esotérico, que se refere ao homem, ao Universo e a Deus”: Halevi, Z’ev ben Shimon, *Kabbalah*, 1978, p.32.

p,198, “Casanova leu esta obra”: Casanova, *HL*, Trask, vols.1-2, p.320, n.18.

p.199, “e como Casanova formulou”: PSA, U20/5c.

p.200, “*trésor cabbalistique*”: PSA, U33/a.

p.200, “Já com mais idade, ele também formulou”: PSA, U20/5a.b.c.d.

p.201, “famosa Árvore Kircher”: A Árvore Kircher, na descrição da Árvore da Vida de Athanasius Kircher, 1652, baseia-se na versão de 1625 de Philippe d’Aquin. Esta é ainda a mais comum disposição da Árvore na cabala hermética.

p.202, “o ato sexual é o sacramento máximo”: Waite, A.E., *The Holy Kabbalah*, p.IX.

p.202, “da Veneza dos séculos XVI e XVII”: de Leo, o Hebreu; publicada em Roma e reimpressa em Veneza em 1541; traduzida para o latim e impressa em Viena, em 1564, e como *Artis Cabalisticae Scriptores*, em Basileia, em 1587; veja ibid., p.431.

p.202, “felicidade copulativa … fragilidade do corpo”: Leo, o Hebreu; veja ibid., p.431.

p.202, “A criação do Golem … Livro do Gênesis”: Scholem, G., *Major Trends in Jewish Mysticism*, p.49.

p.203, “Paraíso, em termos etimológicos, *significa* … persa”: PSA, UI 6/iI6 1786/1787.

p.203, “registrava sonhos nos quais brincava com órgãos sexuais”: PSA, UI.

p.203, “pode ter sido um anagrama para *genitale* … também joga com *paracelsus*: Sou devedor por esta teoria ao trabalho do casanovista russo-italiano Mario Corti, *Ruskii Telegraf*, Moscou, 16 de março de 1998.

p.203, “se voltou mais uma vez para as alegrias da matemática pura”: PSA, U16K/II, U33 I varia, U20/2,U20/5, U31/15, U33/, U20/5.a.b.c.d.

p.203, “Sinto-me infinitamente feliz”: Casanova, *HL*, Trask, vol.2, p.14-5.

p.203, “*Livro do Zohar*, da cabala”: Veja Waite, A.E., *The Holy Kabbalah*, p.428ss.

QUARTO ATO, CENA I ***Conversas com Voltaire*** **(p.207-19)**

p.207, “Na quinta feira, 7 de setembro … sem perguntas”: Um pacote com a marca ESBZ (Emanuel Symons Benjamin Zoon), *Amsterdamse Courant*, sábado, 16 de setembro de 1758, no Stadsarchief, Amsterdã: sou agradecido aqui às pesquisas arquivísticas de Marco Leeflang em 2007.

p.208, “estimou ter sido milionário”: Rives Childs, J., *Casanova, a New Perspective*, p.99.

p.208, “Minhas pesquisas, minhas viagens … com um desconto de 50%”: ASV, Inquisitori di Stato, Casanova, Giacomo, busta 565 I, Londres, junho de 1763 (passagem traduzida pelo autor com o doutor Maximilian Tedeschi).

p.208, “Ele parecia o mais indiscreto possível”: Baschet, A., *Archives des Affaires Étrangères, série Hollande*, 1759, p.22.

p.209-10, “Você deseja que eu fale, … Confio em você”: carta vendida em leilão em Paris, na Maison Drouot, em 12 de outubro de 1999. Citada com permissão do atual proprietário, que deseja permanecer anônimo, in di Robillant, Andrea, *A Venetian Affair*, p.185.

p.212, “como um cirurgião … soprou a vela”: Casanova, *HL*, Trask, vol.5, p.206.

p.212, “Não me lembro … ter sido tão falado assim”: carta anônima a Andrea Memmo, 10 de julho de 1759, coleção James Rives Childs, citado por Di Robillant em *A Venetian Affair*, p.195 e 297n.

p.213, “27 de maio de 1759 … abadessa de Conflans”: Alexandre Fortier, tabelião que ficava na esquina da rue de Richelieu com a rue Neuve des Petits Champs, Archives Nationales, Minutier Centrale, Étude XXXI, citado em Marr, Bernhard, *Pour le Dossier de Miss XCV*, (DCM), p.24.

p.213, “rainha”: Casanova, *HL*, Trask, vol.5, p.215.

p.214, “papa veneziano”: Ibid., p.221. Carlo Rezzonico, cujo palácio em Veneza é hoje o museu do século XVIII da cidade, foi eleito

papa como Clemente XIII, em 1758. Ele morreu em 1796. De Bernis foi feito cardeal em 1758, e saiu da França nesse mesmo ano. Permaneceu como embaixador francês em Roma, de 1769 a 1791.

p.214, “As pessoas pagavam … obtinha sua subsistência”: Ibid., p.223.

p.214, “não era, na época, alguém”: PSA, “Sur Voltaire”, U31/37.

p.214, “Espero que me honre com mais 20”: Casanova, *HL*, Trask, vol.6, p.225.

p.214-5, “ao menos no que se referia à sabedoria dos salões”: carta de Voltaire, julho de 1760; v eja ibid., p.311, n.39.

p.216, “O senhor devia … tal como ela é”: Rives Childs, J., *Casanova, a New Perspective*, p.124ss.

p.216, “O encontro com Voltaire … a mais famosa delas”: Zottoli sobre Voltaire, e Maynial sobre Voltaire e Casanova, em ibid., p.127.

p.216, “O que me deixava horrorizado era saber que não tinha mais o mesmo vigor”: Casanova, *HL*, Trask, vol.6, p.220.

p.217, “como fica mais evidente por dois atos de cartório”: sou devedor ao renomado casanovista Marco Leeflang por suas pesquisas nos arquivos de Amsterdã e pela referência ao *Amsterdamse Courant* de 16 de setembro de 1758 e sobre atos de cartório.

p.218, “a maioria [dos venezianos]”: Rose, Aldo (org.); *Letters from the North of Italy*, vol.2, p.113 e n.

p.218, “ler, e nem mesmo tocar … autoridades holandesas”: Rives Childs, J., *Casanova*, p.111ss.

p.219, “Estivemos aqui [em Berna] … roupas e outros equipamentos”: Ibid., p.120.

QUARTO ATO, CENA II ***O cavaleiro de Seingalt*** **(p.220-8)**

p.220, “Não tenho boa opinião dessas pessoas que dão muito valor”: De Ligne, Charles, *Lettres et Pensées du Marechal Prince de Ligne*, p.287.

p.222, “chegando a Antibes … porém fique calado”: Piazza, Antonio, sobre Luigi Gritti, na *Gazzetta Urbana Veneta*, 31 de maio de 1788.

p.228, “homem mais honesto que já conheci”: Casanova, *HL*, Dux fac-s., vol.8, p.002486.

QUARTO ATO, CENA III *Londres* (p.229-45)

p.229, “Uma dama … sozinha … Pall Mall”: *Gazeteer and London Daily Advertiser*, 5 de julho de 1763, nº 10.705, p.2; BML MSS, Burney, 519b.

p.230, “todos se acham superiores aos demais”: Casanova, *HL*, Trask., vol.9, p.161.

p.231, “Em uma carta enviada de Londres, datada de 1763”: “Minhas pesquisas, minhas viagens, meus estudos me permitiram dominar o segredo [do tingimento da seda], o qual agora ofereço ao meu país. Posso fornecer a tintura para o verdadeiro algodão, mais linda que a do Oriente, com um desconto de 50% …” ASV Inquisitori di Stato, Casanova Giacomo, busta 565 I, Londres, junho de 1763 (passagem traduzida pelo autor, com o doutor Maximilian Tedeschi).

p.231, “Todo ano ofereço 12 jantares”: Bleakley, Horace, *Casanova* in *England*, p.30.

p.231, “*London Public Advertiser*”: BM, Add, Man. N.R. Burney, 5465-18632. *Public Advertiser (Londres)*, 1728-1794, 18 de maio e 1º de dezembro de 1763.

p.231, “As despesas … são enormes”: Casanova, *HL*, Trask, vol.9, p.171.

p.232, “lorde Fermor”: Casanova parece ter misturado datas e números, e poderia estar aludindo ao antigo amante de Teresa, John Fermor. Veja Summers, J., *Empress of Pleasure*, p.76ss.

p.233, “por uma alegoria que não compreendera bem”: PSA, U4/83, 16 de fevereiro de 1764.

p.234, “da mais alta nobreza e reputação … acharem que se conhecem”: Casanova, *HL*, Trask, vol.9, p.191.

p.235, “irmãs Garrick”: nada a ver com o famoso ator, porém ambas mencionadas em “The Meretriciade”, de 1761, e em “The Courtesan”, de 1765 — listas de cortesãs da época.

p.237, “foi realmente uma noite de lua cheia”: Bleakley, *Casanova in England*, p.99.

p.239, “a mãe, a avó, as tias e … pai”: PSA, Charpillon para Casanova, U8/55, e Casanova UI6i/8, 1763.

p.240, “mais de 4 mil libras francesas”: PSA, U16 i/8, 1763.

p.240, “bilhetes … num francês muito ruim”: PSA, U8/210.

p.240, “no labirinto Tudor”: Casanova, *HL*, Trask, vol.9, p.311.

p.240, “tudo desse certeza [a ele] de que ela seria”: Ibid., p.312.

p.240, “animal com duas costas”: Ibid., p.313 — *Otelo*, Ato I, Cena I.

p.241, “Tenho demasiado respeito … um crime tão terrível”: PSA, U16 i/8, Casanova, 1763, Londres.

p.242, “grande tratamento”: Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.21.

p.244, “Tendo me proposto escrever … menos compreendida”: Wilkes, J., *An Essay on Woman*, p.5.

QUARTO ATO, CENA IV ***Frederico o Grande*** **(p.246-50)**

p.246, “Diminuir a idade … que estão velhos”: Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.74.

p.247, “o que devia ser muito estranho”: Ibid., p.79.

p.247, “assombrara a Europa … não podia ser contrariado”: James Boswell, citado por MacDonogh, Giles, *Frederick the Great*, p.331.

p.248, “especialista em hidráulica”: Casanova, *HL*, Trask, vol.10,

p.69.

p.248, “Acho que é uma fraude … uma confiança falaciosa”: Ibid., p.69-70.

p.248, “preferências antinaturais”: Fraser, David, *Frederick the Great, King of Prussia*, p.41.

p.249, “jantamos no Rufin’s … e de tudo o mais”: James Boswell, *Travels*, 1º de setembro de 1764, em Pottle, F., e Brady, F., *Boswell on the Grand Tour*, p.76.

p.250, “um monte de livros de matemática”: Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.80.

QUARTO ATO, CENA V ***São Petersburgo*** **(p.251-64)**

p.251, “É claro que uma coisa … poderia ter”: “*Un tiens vaut toujours mieux que deux tu auras*”, Catarina a Grande, *Le Tracassier*, 1768.

p.251, “Na Rússia, só os homens … isso esteja correto”: Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.138.

p.252, “vários meses antes”: Ibid., p.345n.

p.252, “imperatriz e autocratrix … etcétera”: Macartney, George, Earl, *An Account of Russia addressed to the King*, p.87.

p.252, “número 28 da Millionnaya”: É possível que o sistema de numeração tenha sido modificado. “28” parece ser uma tradição em São Petersburgo. Casanova escreveu apenas que tinha sua moradia no lado “oposto” ao novo “templo” que estava sendo construído em Morskaya. Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.131. Nos anos 1740, a rua recebeu o seu atual nome segundo o apelido dado ao palácio do príncipe A.M. Cherkassky (edifício 19), que desde 1743 veio a ser conhecido como Casa do Milhão de Sheremetiev, e daí a rua do Milhão, onde a mesma se situava.

p.252, “conhecida por todos … com dificuldade”: Ibid., p.101.

p.252, “meio milhão de aristocratas russos”: As estimativas de Macartney baseiam-se no que lhe informaram na Rússia, e neste

ponto, como em quase tudo o que ele declara, é possível que se engane sobre as coisas além da sua experiência imediata de São Petersburgo e de Moscou. Macartney, George, Earl: *An Account of Russia addressed to the King*, p.8.

p.252, "uma cidade que um homem apressado … de forma precipitada": Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.126.

p.252, "as peixarias e a ruibarbo": o ruibarbo era uma importante exportação, totalizando 21 mil rublos em 1763, como também a gelatina de peixe, usada na maioria das receitas de sobremesas no século XVIII, e o sexto maior item de exportação de São Petersburgo para a Grã-Bretanha: Apêndice à Nota C da p. 227, D'Arcy Collier, Adelaide A. (org.), *The Despatches of John, Second Earl of Buckinghamshire, Russia*, 1762-1765, p.255-6.

p.253, "um belo jovem, … impertinência inglesa": Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.107.

p.253, "o Locatelli's … um rublo por pessoa, sem vinho": Ibid., p.108.

p.253, "enviado britânico, sir George Macartney": Robins, E., *Our First Ambassador* in *China*, Londres, p.21.

p.254, "Certa vez, com trajes masculinos, ela fez a corte": Princesa Dolgorukiy, *Keller E.E. Prazdnítchnaia kultura Peterburga: Otcherki istorii. SPb.*, 2001, p.90-4, 126-7.

p.254, "sobre as mesas … além de carnes quentes e frias": Ibid.

p.255, "enfeitados com várias fileiras de diamantes": Piliáiev, M., *Staryi Petrburg*, Moscou, 1991, trad. de Irina Kutova, p.194.

p.255, "pude convencer-me disso … não reconhecê-la": Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.101.

p.255, "não valer dez copeques": Ibid., p.101.

p.256, "*Em celebração a Minerva*": Moscou, arquivo Bakhrushkin, mascarada da corte em 1763, escrita em homenagem a Catarina II por Feodor Volkov.

p.258, "em uma taverna em Krasni-Kabak": Uma taverna localizada na sétima *versta* da estrada Petergófskaia. O nome dela vinha da

estrada Krasnénkaia, e situava-se no edifício construído para o czar Pedro I no início do século XVIII como ponto de repouso no caminho para Peterhof. Era disposta "segundo o modelo das casas públicas alemãs, para se vender vodca e tabaco". Piliáiev M.I. *Zabítoie próshloie ocrestnostei Peterburga.* SPb., 1996, c.115-19.

p.258, "do mau humor, das lágrimas e das crises": Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.118.

p.259, "uns merdas … puta": Casanova escreve "b …" para *bougres* e "p …" para *putain*.

p.259, "pecados homossexuais contra a natureza": Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.120.

p.260, "500 milhas italianas": Uma milha italiana do século XVIII correspondia a 1,86km.

p.260, "Ele estava ali como turista … e o famoso sino [do Kremlin]": Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.130.

p.260, "sobretudo à noite … meia-noite": Matveeva, Andreja Zapiski, *Ruskij diplomat vo Francii*, p.67-8.

p.261, "sobretudo quando eram para Voltaire": Piliáiev, M., *Staryi Petrburg*, Moscou, 1991, p.190.

p.261, "a música lhe produzia a mesma impressão que os ruídos na rua": Ibid., p.190-1.

p.262, "*Rêveries sur la mesure moyenne … grégorienne*": Ainda pertencente a Brockhaus e não publicada.

p.262, "Até poucos anos antes de sua morte": PSA U9 /63.

p.263, "essa grande dama, … da moderação": Casanova, *HL*, Trask, vol.10, p.149.

p.263, "Desejo, madame, estabelecer uma ligação": Ibid., p.150.

QUARTO ATO, CENA VI ***Duelos poloneses*** **(p.265-8)**

p.265, "Ontem à noite … satisfazê-lo": Casanova, *HV*, Dux fac-s.,

vol.10, p.002953.

p.265, “É bom para um veneziano … em borboleta”: Rives Childs, J., *Casanova, a New Perspective*, p.212.

p.265, “condessa Catarina … Christianpol”: Rives Childs, J., *Casanova Gleanings*, vol.VIII, p.16-21.

p.266, “*Istoria delle turbolenze della Polonia*”: Casanova, G., *Istoria delle turbolenze della Polonia*.

p.266, “Leio … o sistema da Polônia”: Casanova, *HL*,Trask, vol.10, p.164.

p.266, “poltrão veneziano”: Giacomo, *O duelo*, tradução de Parks, Tim (do italiano *Il duello*, 1780), Hesperus, Londres, 2003, p.10.

p.267, “chegou a Londres”: *London Public Advertiser*, 3 de setembro de 1766.

p.267, “Para o sr. Casanova … A. Moszynski”: PSA, U II/C5.

p.267, “Tendo recebido … 1766”: DCM, Marr, 40-12.

p.268, “um homem conhecido … profundo”: Lamberg, Maximilian, *Memorial d’un mondain*, p.4.

p.268, “É uma pena que … transformada subitamente em lagarta”: Massi, E., *La vita, i tempi, gli amici di Francesco Albergati*, p.197.

INTERMEZZO *Casanova, escritor gastronômico* (p.269-74)

p.269, “Ele carrega consigo … que deseja”: ASV, Inquisitori di Stato, Manuzzi, Gio Battista, busta 612, 21 de julho de 1755 (passagem traduzida pelo autor, com o doutor Maximilian Tedeschi).

p.269, “Sou insaciável… intolerável”: Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.134.

p.269-70, “são esses os biscoitos … e muito açúcar”: PSA, UI6k/I8.

p.270, “Para os homens … experiência única”: “*En mangeant les différents ragoûts il [l’homme] a toujours senti un plaisir différent. Il en est de même dans la jouissance amoureuse. Chaque femme est un*

ragoût différent de l'autre. Le fait est le même, mais on ne le voit bien qu'après …" PSA, UI6k/63.

p.270, "O sentido do olfato … de Vênus": Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.114.

p.270, "um coelho assado para petiscar": lepre arrosto, pSA, Ui6/k2.

p.270, "com canela e açúcar": Krondl, Michael, *The Taste of Conquest; the Rise and Fall of Three great Cities of Spice*, p.32.

p.271, "a *ratafia*… e *kirsch*": Casanova, *HL*, Trask, vol.3, p.128.

p.271, "registra até mesmo as cadeiras de bambu": Ibid., p.127.

p.271, "Tudo [ali] é delicioso… imaginar": Ibid., vol.II, p.284.

p.271-2, "Sempre achei que … se tornam visíveis": Wilson, Frances (org.), *Adventures of Casanova*, p.XIII.

p.272, "Comentei com ela… rum, e não *arak*": Casanova, *HL*, Trask, vol.4, p.60.

p.272, "uma taça de chocolate… Quatro Ladrões": Ibid., p.66.

p.272-3, "Não existe jogo mais lascivo… não faz mal a ninguém": Ibid., p.68.

p.273, "O cozinheiro … *La françiade*": *À Leonard Snetlage*, p.82-3.

p.273, "prescrições médicas… branquear os dentes": PSA, UI6d/2a.b. [*recettes*].

QUINTO ATO, CENA I ***Il traviato, o errante*** **(p.277-86)**

p.277, "São esses os mais belos… mais preciosos": Casanova, *HV*, Dux fac-s., vol.II, p.003312.

p.277, "no arquivo de Praga": previstos para serem publicados pela primeira vez na língua original em 2008, edição de Marie-Françoise Luna.

p.282, "em uma estalagem na rue Quatre Dauphins": Casanova menciona a Estalagem Quatro Delfins, porém Shakespeare, entre

outros, comete o mesmo deslize. Hoje a rua se chama rue du Quatre Settembre.

p.282, “Eu pensava constantemente… que ela esperasse de mim”: Casanova, *HV*, Dux fac-s., vol.II, p.003301.

p.283, “Nada, meu querido … Adeus.”: Casanova, *HV*, Dux fac-s., vol.II, p.003306ss.

p.283, “22 anos”: 20 anos. Henriette se equivoca, e a carta parece não ter sido corrigida por Casanova.

p.284, “onde se faziam boas impressões”: Casanova, *HL*, Trask, vol.II, p.184.

p.284, “Meu propósito ao imprimir … em nenhum outro lugar”: Casanova, *HV*, Dux fac-s., vol.II, p.003332.

p.284, “Enviou uma cópia do livro a Veneza em dezembro de 1769”: ASV, ma opera *Confutazione d’amelot* lett. Torino, 1769 27 genio 171.

p.285, “Descrevemos na última edição da *Gazzetta* … a si próprio”: Rives Childs, J., *Casanova a New Perspective*, p.242.

QUINTO ATO, CENA II ***Cavaleiro papal e comedor de ostras*** **(p.287-94)**

p.287, “Eu disse que sentiria … não proíbe?”: Casanova, *HV*, Dux fac-s., vol.12, p.003506-7.

p.287, “que sustentava … com o jogo”: Casanova, *HL*, Trask, vol.II, p.263.

p.287, “20 ducados napolitanos — ou 80 francos”: Ibid., p.274.

p.289, “Descemos até uma gruta … atormentados pelo remorso”: Casanova, *HV*, Dux fac-s., vol.II, p.003435ss.

p.290, “num bonito apartamento com vista para a embaixada da Espanha”: Ibid., vol.12, p.003453.

p.291, “Amando as duas … mais belo do que Antinous”: Casanova, *HL*, Trask, vol.12, p.19-20.

p.291, “revigorados … entre os pilares de Colonna”: Black, Jeremy, *The Grand Tour in the Eighteen Century*, p.211.

p.294, “em total tranquilidade … um retiro digno”: Casanova, *HV*, Dux fac-s., vol.12, p.003453.

p.294, “É um homem …sábio e culto”: ASV, *Relazion Del Segretario*, busta 208, 1715-82.

QUINTO ATO, CENA III ***Veneza revisitada*** **(p.295-300)**

p.295, “Casanova? …e conta histórias extraordinárias”: Retrato de Casanova, in Kihli-Sagols, Didier, *La Comédie Médicale de Giacomo Casanova*, p.7.

p.295, “um tanto desordenado …com uma atriz em Trieste”: Casanova, *HV*, Dux fac-s., vol.12, p.0093670.

p.295, “após seu retorno a Veneza, em 1774”: O original de Brockhaus, entretanto, traz nitidamente escrito na primeira página “*Histoire de ma vie … à 1797*”. Ibid., vol.1, p.000001.

p.295, “o dia mais feliz da minha vida”: PSA, U21/1, Casanova para Cecile Roggendorf, 1797.

p.296, “sob o pseudônimo de Antonio Pratolini”: ASV, busta Pratolini, 1775.

p.297, “por sete anos …lhe escreveu”: PSA, U8, cartas Bruschini, 1779-87.

p.299, “esse homem tão singular …estar errado”: memórias de Da Ponte, citado em Rives Childs, J., *Casanova, a New Perspective*, p.283.

QUINTO ATO, CENA IV ***Don Giovanni*** **(p.301-5)**

p.303, “Só perto de outubro …um desfecho feliz”: Plath, Wolfgang, e Rehm, Wolfgang, *Il dissoluto punito ossia it Don Giovanni*, prefácio, p.I.

p.303, “Seu envolvimento com *Don Giovanni*”: PSA, UI6h/31.

p.303, “em uma história narrada por um músico de Praga”: ver Meissner, A., citando seu avô, G.A. Meissner (1753-1807), em *Rococobilder*, p.XXX.

p.304, “Foi apresentada todas as noites, …ardendo no inferno”: Ginger, A., Hobbs, J., e Lewis, H. (orgs.), *Representation of Don Juan*, p.61.

p.304, “duas variantes …do segundo ato …um projeto mais longo”: PSA, UI6H/31.

QUINTO ATO, CENA V ***O castelo de Dux*** **(p.306-14)**

p.306, “Existe outro …e meio louco”: DCM, Marr, 2 de julho de 1787, U 40-131.

p.306, “e a maioria dos quais eu lançaria na fogueira”: DCM, Franz Adams Waldstein, Marr, 40/137.

p.308, “Viderol não sabia ler”: PSA, U39-I.

p.308, “verdadeiros excêntricos”: DCM, Marr, 40-131.

p.308, “Havia um cavalariço judeu …em que país se estava”: DCM, Marr, 40-131.

p.309, “Ponha a sua peruca, …vão adorar revê-lo”: PSA, U2-103.

p.309, “*Mon cher* Casanova …com essa perspectiva”: PSA, U2/103.

p.309, “Eles caíram um nos braços do outro …caminhando em direção ao diabo”: De Ligne, *Fragment sur Casanova, suivi de Lettres à Casanova*, p.52.

p.309-10, “Não passava um dia sequer …‘ralé’”: Ibid., p.71ss.

p.310, “escreveu um extenso diário”: Clary-Aldringen, príncipe Charles Joseph (Lolo), *Le Journal*, 1795-8.

p.310, “os velhos tempos e as próprias almas”: DCM, *Nouvelles Annales Prince de Ligne*, p.133ss.

p.310, “reminiscências dos tempos passados”: Clary, vendredi, 31 juillet 1795, p.43.

p.310, “E como são curtos!”: De Ligne, Fragments I, 15, citado por Mansell, Philip, *Prince of Europe*, p.196-7.

p.311, “frágil …deleitar nos prazeres”: PSA, U31/35.

p.312, “1.703 cartas …mais de três mil páginas manuscritas”: DCM, Leeflang, M., *Dux Ionnaire*, vol.I, 2005, p.108.

p.312, “cultivando a vaidade …extraordinário”: Lolo Clary, 1795, DCM, Leeflang, M., *Dossier de Dux*, p.6.

p.313, “zelo, de todo o coração”: DCM, Leeflang, M., *Les Archives de Dux*, Marr, 14M36 e nota.

p.313, “doença obstinada …extrema preocupação”: PSA, U8/67.

p.313, “Vivi como um filósofo, mas morri como um cristão”: Neyremand, M., *Séjour en Alsace de quelques hommes célèbres*, p.96.

p.314, “um excelente médico …escrever”: *Toujours excellent médecin de soi-même, il cherche une thérapie contre ces maladies et à notre grand plaisir il la trouve dans l’écriture de ses mémoires*, Watzlawick, Helmut, in Olschki, *tra Venezia e l’Europe*, 1999, p.343.

OS APLAUSOS FINAIS ***A história da História da minha vida*** **(p.315-9)**

p.315, “sobrinho…de Casanova …o enterro”: DCM, Marr, 40/42.

p.315, “ainda se encontram em processo de catalogação”: A última das cartas Casanova/Feldkircher, catalogada por Marco Leeflang para DCM, 2007.

p.316, “muito famoso”: Endore, Guy L., *Casanova, His Known and Unknown Life*, p.XII.

p.316, “o príncipe De Ligne”: Ibid., p.XVII.

p.317, “Winston Churchill”: Rives Childs, J., *Casanova Gleanings*, vol.XIX, p.5.

p.317, “*Times Literary Supplement* … *Observer*”: Ibid., vol.VI, p.42.

Bibliografia

As principais fontes para esta bibliografia incluem três impressões da *Histoire de ma vie*, de Casanova, as três baseadas no original que se encontra no banco Brockhaus, em Wiesbaden: uma delas é um fac-símile do original que se encontra agora no museu e arquivo do castelo de Duchcov (Dux). Desejo expressar minha gratidão aos funcionários do banco Brockhaus e ao Museu Duchcov por me permitirem fazer citações do original, e à Universidade Johns Hopkins por me permitir fazer citações da tradução e edição de Willard Trask, de 1967, republicada em 1997 em brochura. Na maioria das vezes, as traduções das passagens são minhas, a partir do fac-símile de Duchcov [Casanova *HV* Dux facs.], por exemplo, ou da edição francesa completa da Bouquins, Plon (1960) [Casanova, *HV* Bouquins], creditadas desta forma aqui. Ou então, são da edição em língua inglesa de Trask (1967) — [Casanova *HL* Trask].

Casanova, Giacomo (Jacques Casanova, *Chevalier* de Seingalt), *Histoire de ma vie jusqu'à 1774*, 12 volumes, manuscrito em fac-símile do original da Brockhaus, arquivos de Duchcov (ver *abaixo*) [Casanova *HV* Dux facs.].

Giacomo Casanova, *Chevalier* de Seingalt, Trask, Willard R., trad., *History of my Life*, Baltimore e Londres, 1967, republicada em 1997 [Casanova *HL* Trask].

Casanova, Jacques, Chevalier de Seingalt, Bouquins, Laffont, Robert (org.), *Histoire de ma vie, suivie de textes inédits*, Plon, Paris, 1960 [Casanova *HV* Bouquins].

Outras obras citadas de Casanova

Casanova, Giacomo (Jacques Casanova, Chevalier de Seingalt).

____. (trad.) Cahusac, *Zoroastro*, Dresden, 1752.

____. *Les Thessaliennes ou Arlequin au sabbat*, Praga, 1752.

____. *La Moluccheide*, uma comédia, Dresden, 1753.

____. *Confutazione della Storia Del Governo Vêneto d'Amelot de la Houssaye*, Amsterdã e Lugano, 1769.

____. *Lana Caprina, o Epistola di un licantropo*, Bolonha, 1771.

____. *Istoria delle turbolenze della Polonia*, Gorizia, 1774.

____. *Dell'Iliade di Omero, tradotto in ottavo rima*, Veneza, 1775-8.

____. *Opuscoli miscellanei*, Veneza, 1770.

____. *Scrutino del libro; 'Éloges de M. De Voltaire' par différents Auteurs*, Veneza, 1779.

____. *Lettere della Nobil Donna Silvia Belegno*, Veneza, 1780.

____. *Le Messager de Thalie*, Veneza, outubro de 1780 a janeiro de 1781.

____. *Di Aneddoti Viniziani e Amorosi Del Secolo Decimoquarto*, Veneza, 1782.

____. *Ne Amori ne donne ovvero la stalla ripulita*, Veneza, 1782.

____. *Lettre historico-critique sur un fait connu, dependant d'une cause peu connue*, Hamburgo, 1784.

____. *Exposition raisonnée de la différence qui subsiste entre les deux républiques de Venise et d'Hollande*, 1785.

____. *Histoire de ma fuite des prisons de la République de Venise qu'on appelle les plombs, écrit à Dux en Bohème en 1787.*

____. *À Leonard Snetlage*, Genebra, 1797.

____. *Examen des Études de la Nature*, Leeflang, Marco (org.), Utrecht, 1985.

____. *The Duel*, trad. Nichols, J.G., Hesperus, Londres, 2003.

Manuscritos e Material de Arquivo

STÁTNÍ OBLASTNÍ ARCHIV V, ARQUIVOS ESTATAIS DE PRAGA (PSA)

A Coleção Marr e seu sistema de referência proporcionam tudo o que, no início do século XX, Bernhard Marr de Duchcov catalogou dos quase 3 mil itens em 9 mil páginas deixadas no castelo em 1798, então propriedade do espólio Waldstein. A coleção se encontra hoje nos Arquivos Estatais de Praga. As referências são do próprio Marr, relacionadas a documentos que incluem

cartas e também versos em diversas línguas escritos por Casanova, além de peças, diálogos, conselhos, memorandos, aforismos, códigos, problemas matemáticos — em particular de geometria e sobre a duplicação do volume cúbico — e químicos, tratados políticos e muitos volumes de diálogos entre um teólogo e um filósofo, juntamente com uma "miscelânea" que reúne listas de lavanderia, receitas e passaportes. O autor desse material é Casanova, a menos que se prove que não.

UI.I *Della filosofia e de filosofi* 1780 ?; UI.4 *revê dieu et moi*, 1792; U2.18 1780; U2.98 de Ligne, 1794; U2.102 de Ligne, *poème, 'Pourquoi parler sans Cesse de la Mort?'* 1794 ?; U2.135 de Ligne, lettre, 1994 ?; U4.9 *récipe pour faire la lessive*, sem data; U4.13 Casanova para Orlov, 1765; U4.59 endereço de Casanova em Londres, 1764 ?; U4.82 Sophie Cornelys para Casanova, Londres 1764; U5.13 *passeport*, Rússia, 1765; U6.17 *Anglais et Venetien* 1791 ?; U7.8 *Tetide et Peleo*, atto primo sc.1-5, Casanova, 17??; U7.9 *Ulisse et Circe*, *ballet pantomime*, Casanova, 17??; U8.41 Wilkes para Casanova, 1757; U8.55 Charpillon para Casanova, 1763; U8.67 receita, Semina Lini, 1798; U8.126-U8.161 Manon Balletti para Casanova, 1757-60; U8.162-U8.200 Francesca Buschini para Casanova, 1779-87; U8.209, Londres, 1763; U8.210 Charpillon para Casanova, Londres 1764 ?; U8.211 Manon Balletti para Casanova, Paris, 1757; U8.214 Caterina Capretta Marsili para Casanova, 1779?; U9.35 *L'Affaire 'Ne Amori ne donne'*,1782?; U9.46 Notas para as *mémoires*, 1791?; U9.48 '*Sur les Paradoxes de J.-J. Rousseau'*,1769; U9.63 Notas *sur la réformation du calendrier*, 1792; U10D.I-U10D.18 Lorenzo da Ponte para Casanova, 1792-95; U12.59 Dr. Peipers para Casanova, prescrição, 1766; UI6a.27 *poème sur l'Angleterre*, 1764; UI6a.66 *poème: 'Noblesse est un zéro'*, 1796?; UI6b.22 'In Praise of the French Language', 17??; UI6c.12 miscelânea, listas de lavanderia, 1792?; UI6.c.13 *poème: 'La Belle* Valville', 1765?; UI6c.29 *poème: 'Les Cinq Doigts'*, 17??; UI6c.36 *poème:* 'Praga', 1788?; UI6d.2 varia, *'Recettes'*, 17??; UI6h.31 *Don Giovanni*, fragmento, 1787; UI6i.5 memorando, lista de amigos a pedir ajuda, 1792?; UI6i.8, *sur l'affairee Charpillon*, 1763; UI6i.16 *Le mot Paradisum*, 1787; UI6i.31 Oração para entender, 17??; UI6i.33 *poème, 'À Sophie' 1792?*; UI6i.34 Sobre a vergonha, a modéstia, 17??; UI6i *'Orgueil et Sottise'*, 1791; UI6k.2 varia, Lista de

objetos necessários às viagens, 1793?; UI6k.18 '*C'est des biscuits que je veux manger'*, 1798; UI6k.26 sobre a Paixão, 1789?; UI6k.41 Nota *pour les mémoires*, 1793; UI6k.59 sobre a dissimulação, 17??; UI6k.63 Sobre o sexo feminino, 17??; UI7a.12 *poème, 'Le Langage des soupirs'*, 1790; UI7a.42 *Introduction pour les Mémoires*, 1791?; UI7a.54 Nota *pour les mémoires, surtout Vol.* 4., 1789?; UI7a.55-Ui7a.68 *Duplication du cube et problèmes géometriques*, 1789-90; Ui8.29 Carta sobre a República, 1793?; UI9.4 '*Si l'homme ne parloit pas, penseroit-il?*, 1790? U20.2 proposta para uma loteria em Veneza, 1782?; U20.5 '*Loterie grammaticale*', 17??; U20.8 Sobre Jesus Cristo e a Mentira, 17??; U21.1 *Précis de ma vie*, 1797; U21.4 *Histoire de mon éxistence*, 1791; U21.9 Sobre Amoras e a produção de seda na Rússia, 1765?; U25.1-U25.8 *Dell'Iliade d'Omero*, Cantos 1-18, 1765?; U29.1 '*Songe d'un quart d'heure, Dieu et moi*', 17??; U30.19 *'Pouvons nous être mécontent*', 1789; U31.35 Suicídio, *courte réflexion d'un philosophe*, 1793; U31.37 '*Sur Voltaire*', 1794; U33.I *Trésor Cabalistique (nombres heureux)*, 1757; U33.2 Declaração alfandegária para o conde Farussi, 1764; U36.20 *Avis aux amateurs de l'histoire*, 1784.

CASTELO DE DUCHCOV, REPÚBLICA TCHECA,

INCLUSIVE FAC-SÍMILES DE MANUSCRITOS (DCM)

Casanova, Jacques, *Chevalier* de Seingalt, *Histoire de ma vie à 1797* (fac-símile do original de Brockhaus).

De la Houssaie, Amelot, *Histoire du Gouvernement de Venise*, Paris, 1685?

Casanova, G., *Esposizione Ragionata della Contestazione, che susiste tra'le due republiche di Venezia e di Olanda*, 1785.

Rives Childs, J. (org.), *Casanova Gleanings*, 21 volumes, Paris e Genebra, 1958-78.

Marr, Bernhard, *Pour le dossier de Miss XCV*.

Marr 40 I-300, *Casanova archives extérieures à Dux* (reunião de referências e cartas, fac-símiles e cópias de Casanova que não se encontram no Arquivo Nacional de Praga ou na coleção Dux).

Leeflang, M., *Dux Ionnaire*, vols.1 e 2, Utrecht, 2005.

Dossier de Dux (documents concernant Dux et Casanova, Utrecht, 1998.

Les Archives de Dux, Utrecht, 2002.

Archivio Di Stato Di Frari, Venezia-Frari,

Arquivos do Estado, Veneza (ASV)

Letter e riferte dei confidante ex. 137 199 bb 542-662.

Inquisitori di Stato ex. 197, Tome I-III.

Appunti sul Giovan' Battista Manuzzi, 1750-59.

Inquisitori di Stato referta del 22 marzo 1755.

Documentos da Inquisição sobre Giacomo Casanova, 11 novembre 1754 — 24 iuglio 1755 referta Casanova, Giacomo: 1773 29 genio e seg 181
1771 30 genio 159
1763-1782 565 confid riferte; Veneza, Londres, Trieste
1756, 31 Iuglio — 1 Octobre, 962 V polizza di speca sel mantimento
1756, 29 settembre, condamnato anni 5 per co di religione
1769 27 genio 171 ma opera '*Confutazione d'amelot*' lett. Torino
1774 3 settembre salvo condotte
1766-1768 922 Memmo, Nob. Andrea correspondanza col duca di Würtenberg *Memorie storiche degli ultimi cinguenta anni della repubblica di Venezia*, Veneza, 1854

Biblioteca Museo Correr, Venezia-Correr Museum, Veneza

Gli Abiti de Veneziani di quasi ogni eta con diligenza racolti e dipinti nel secolo XVIII, di Grevembroch.

Archivio Giustinian Recanti, Veneza

Prospetto schematico dei palchi del teatro di San Samuele.

Archivio Casa Goldoni, Biblioteca Venezia-Goldoni, Veneza

Catalogo Drammi per musica, Veneza, 1883.

Teatro San Samuele, Volume primo e secondo 163-4 1710-29, vols.V e VI 167-8; 1742-51.

São Petersburgo, Rossijskij Gosudarstvennyj Istoricheskij

Arxiv (RGIA) — Arquivo Estatal Russo

Matveeva, Andreja Zapiski, Russkij diplomat vo Francii, 1705-6.

Planos Axonométricos de São Petersburgo, 1765-1773, F2/4, 146, L, M52.

*Sankt Peterburgskie Vedomosti (*A Gazeta de São Petersburgo*), 1728-1765 Primechaniya k Vedomostyam (Notas de rodapé da* Gazette*)* 1728-42.

Moscou, Rossijskij Gosudarstrennyj Arxiv Drevnix Aktov (RGADA) — Arquivo Estatal Russo de Documentos Antigos

*Sankt Peterburgskie Vedomosti (*A Gazeta de São Petersburgo*) 1728-65 Primechaniya K Vedomostyam (Notas de rodapé da* Gazeta), de 1728 a 1742.

Russlili Telegraf.

Moscou, Arquivo Teatral Bakhrushin

Novikov, N., artigo manuscrito, 'A experiência de um dicionarista de história sobre escritores na Rússia', sobre Volkov, Feodor, 1729-63.

Volkov, Feodor, *Celebração a Minerva*, mascarada da corte, em homenagem a Catarina II, 1763.

Kew, Escritório de Registros Públicos

Cartas de Sarah Bentham, d. 1809, PRO 30/9/43.

BODLEIAN LIBRARY, OXFORD

Ms. Add. A 366 fol. 60, Dodwell Tracy Letters.

Ms. Eng. Misc. d. 213, Edmund Dewes, criado, em viagem à Itália, 1776.

Ms. Douce 67, George Carpenter, 1695-1749.

BRITISH MUSEUM

Add Man 351222, Burney, Charles, *Journal written during a Tour through France and Italy undertaken to collect material for a General History of Music*, 1770.

Add Man Burney 002844853 519 b, *Gazetteer and London Daily Advertiser*, 1743-96.

Add Man N R Burney 5465-18632, *Public Advertiser* (Londres), 1728-94 (1763 e 1766).

Outras fontes primárias

Agrippa, Henry Cornelius de Nettesheim, *Três livros de filosofia oculta*, Londres, 1651.

Anônimo/'Abbé du Prat', atrib. Jean Barrin ou François de Cavigny de La Brétonnière, *Venus dans le Cloitre ou la Réligieuse en Chemise*, Paris, 1737.

Addison, J. *Remarks on Several Parts of Italy*, Londres, 1705.

Baschet, A., '*Archives des affairees étrangeres, serie Hollande* 1759, Paris, 1851.

Beckford, William, *The Travel Diaries of William Beckford of Fonthill*, Londres, 1781.

Black, J., trad., *Memoirs of Goldoni written by himself*, 2 vols., Londres, 1814 1955.

Brady, F., e Pottle, A. (orgs.), *Boswell, James, Boswell on the Grand Tour; Italy, Corsica and France* 1765-1766, Yale University Press,

New Haven e Londres, 1955.

Brooke, N., *Observations on the Manners and Customs of Italy by a Gentleman*, Bath e Londres, 1798.

Brosses, Charles de, *Lettres Familières écrites d'Italie en 1739 et 1740*, Paris, 1869.

Burney, Charles, *The Present State of Music in France and Italy or the Journal of a tour through those countries, undertaken to collect Materials for a General History of Music*, Londres, 1771.

Burney, Charles, *Music, Men and Manners in France and Italy*, 1770 *Being the Journal written by Charles Burney, MusD. During a Tour through those countries undertaken to collect material for a General History of Music*, Folio Society, Londres, 1974.

Catherine II, czarina, '*Le Tracassier*', *composé par cette princesse*, *Théâtre de L'Hermitage de Catherine II*, Paris, 1799.

Clary-Aldringen, Prince Charles Joseph (Lolo), *Le Journal*, Tome 1, 1795-98.

Coyer, Abbé G.F., *Voyages d'Italie et de Hollande*, Paris, 1775.

Créquy, Marquesa de, *Souvenirs*, 8 vols., Paris, 1842.

da Ponte, L. e Mozart, W.A., *Il dissoluto punito ossia il Don Giovanni, dramma giocoso in zwei akten text von Lorenzo da Ponte KV 527*, Viena e Praga, 1787.

D'Arcy Collyer, Adelaide (org.), *The Despatches and Correspondence of John, Second Earl of Buckinghamshire, Ambassador to the Court of Catherine II of Russia*, 1762- 65, Londres, 1899.

Dashkova (Daschkaw), princesa Elizabeth, *Memoirs of Princess Daschkaw, Lady of Honour to Catherine II Empress of All the Russias, written by Herself, comprising the letters of the Empress and other correspondence*, Londres, 1840.

De Ligne, príncipe [Charles], '*Amant Ridicule*', *Théâtre de L'Hermitage de Catherine II*, Paris, 1799.

De Ligne, Charles, *Lettres et Pensées du Maréchal Prince de Ligne*, Paris,

1809.

De Ligne, Charles, *Cartas e Ensaios*, Nova York, 1899.

De Ligne, Charles, *Annales Prince de Ligne*, 19 vols., Bruxelas, 1920-38.

De Ligne, Charles, *Fragments de l'histoire de ma vie*, 2 vols., Paris, 1928.

De Ligne, Prince, *Mémoires et mélanges historiques du prince de Ligne*, Paris, 1828 (tomo IV, citado como *Fragments sur Casanova*, in *Mémoires de Jacques Casanova de Seingalt suivi de Fragments des mémoires du Prince de Ligne*, Paris, 1921).

De Ligne, Charles, *Fragment sur Casanova, suivi de lettres à Casanova*, Paris, 1988.

De Vries, Leonard, and Fyer, Peter (compiladores), *Venus Unmasked or an Inquiry into the nature and Origin of the Passion of Love, interspersed with curious and entertaining Accounts of Several Modern Amours*, 1705-93, reimpresso por Arthur Baker Ltd., Londres, 1967.

Dittersdorf, Carl Ditters von, *Autobiography*, trad. A.D. Coleridge, Londres, 1896.

Doran, John, *"Mann" and Manners at the Court of Florence* 1740-1786, 2 vols., Londres, 1876.

Goethe, J.W., *Travels in Italy*, trad. rev. A.J.W. Morrison, Londres, 1849.

Goldoni, Carlo, *Mémoires de M Goldoni pour servir à l'histoire de sa vie et à celle de son théâtre*, 3 vols., Paris, 1787.

Halsband, R. (org.), *The Complete Letters of Lady Mary Wortley Montagu*, Oxford, 1967.

Hanbury-Williams, Charles, *Letters*, 92 vols., 1928

Hoare, R.C., *Hints to Travellers in Italy*, Londres, 1815.

Kelly, Michael, *Reminiscences of Michael Kelly of the King's Theatre and Theatre Royal Drury Lane*, Londres, 1826.

La Lande, J. de, *Voyage en Italie*, Genebra, 1790.

Lamberg, Maximilian, *Memorial d'un mondain*, Paris, 1774.

Macartney, George, Earl, *An Account of Russia addressed to the King*, Londres, 1768.

Meissner, Alfred, *Rococobilder*, Gumtoinnin, Alemanha, 1871.

Molmenti, Pompeo (org.), *Letters*, Andrea Memmo para G. Casanova, *Epistolari veneziani del secolo XVIII*, Milão, 1914.

Nugent, Thomas, *A Grand Tour through the Netherlands, Germany, France and Italy*, 4 vols., Londres, 1749.

Parfait, *Dictionnaire des théâtres*, Paris, 1756.

Pick, C. (org.), Wortley Montagu, Lady, Mary *Embassy to Constantinople*, Londres, Pitton de Tournefort, Joseph, *A Voyage into the Levant*, Londres, 1718.

Postel, Guillaume, de Barentonius, *De originibus seu de Hebraice linguae et gentis antiquitate*, Paris, 1538.

Rava, Aldo (org.), *Lettere di donne a Giacomo Casanova*, Milão, 1912.

Rose, William Stewart, *Letters from the North of Italy addressed to Henry Hallam Esq*., 2 vols., Londres, 1819.

Sharp, Samuel, *A View of the Customs, Manners, Drama &c of Italy as they are described in 'The Frusta Letteraria' and in The Account of Italy in English by Mr Barretti, compared to the Letters from Italy by Mr Sharp*, Londres, 1768.

Shaw, Joseph, *Letters to a Nobleman*, Londres, 1709.

Sidgewick, Owen, *The Universal Masquerade or The World Turn'd Inside Out*, Londres, 1742.

Southwell, Edward, *The Hell-Fire Club: kept by a Society of Blasphemers — a Satyr*, Londres, 1721.

Walpole, Horace, *Correspondence*, 3 vols., Londres, 1837.

Wilkes, John (Pego Borewell), *An Essay on Woman*, Londres, 1763.

Wolf, J. Christopher, *Bibliotheca Hebraea sive notitia tum auctorum*

hebr., Hamburgo e Leipzig, 1715.

OUTROS PERIÓDICOS

Gentleman's Magazine, Londres, 1763-5.

Lady's Magazine, Londres, 1773.

Sankt Peterburgskie Vedomosti (*Gazeta de São Petersburgo*) 1728-65, *Primechaniya k Vedomostyam* (Notas de rodapé da *Gazeta*), 1728-42.

Amsterdamse Courant, Amsterdã, 16 de setembro de 1758.

Gazzetta Urbana Veneta, Veneza, 31 de maio de 1788.

Textos secundários

Andrieux, Maurice, *Venise au temps de Casanova*, trad. Mary Fitton, Unwin, Londres, 1972.

Andrieux, Maurice, *Venise au temps de Casanova*, Hachette, Paris, 1969.

Ariès, Philippe, *Centuries of Childhood*, trad. Baldick, R., Pimlico, Londres, 1996.

Ariès, Philippe, *L'Enfant et la familiale sous l'ancien régime*, Plon, Paris, 1962.

Ashton, John, *A History of English Lotteries*, Londres, 1893.

Auden, W.H., e Mayer, Elizabeth (trad. e orgs.), *J.W. Goethe; Italian Journey* 1786-1788, Penguin, Londres, 1962.

Barbier, Patrick, *The World of the Castrati*, trad. Crosland, Margaret Souvenir, Londres, 1998.

Bartolini, Elio, *Le Crépuscule de Casanova*, trad. Abrame-Battesti, Paris, Éditions Desjonquères, 1994.

Benedict, Barbara M., *Eighteenth Century British Erotica*, 5 vols., Pickering and Chatto, Londres, 2002.

Berelowitch, Wladimir, e Medvedkova, Olga, *Histoire de Saint-Pétersbourg*, Fayard, Paris, 1996.

Black, Jeremy, *Italy and The Grand Tour*, Yale University Press, New Haven e Londres, 2003.

Black, Jeremy, *The Grand Tour in the Eighteenth Century*, Sutton, Londres, 1992.

Bleakley, Horace, *Casanova in England*, Londres, 1923.

Bloom, Harold, *Kabbalah and Criticism*, Seabury, Nova York, 1975.

Bond, Frederick Bligh, e Simcox, Thomas, *A Preliminary Investigation of the* cabala contained in the Coptic Gnostic Books and of similar Gematria in the *Greek text of the New Testament shewing the presence of a system of teaching by means of the doctrinal significance of numbers*, Oxford, 1917.

Bowman, Horace Bushnell, *The Castrati Singers and their Music*, tese de Ph.D., Indiana University Library, 1951.

Molmenti, P., *Venice; the Decadence*, trad. Brown, H.F., 2 vols.do original *La Storia di Venezia nella vita privata dalle origini alla caduta della repubblica*, Londres, 1908.

Busetto, G., *Pietro Longhi, Gabriel Bella, Scene di vita veneziana*, Bompiani, Veneza, 1995.

Cairns, Christopher (org.), *The Commedia dell'Arte from the Renaissance to Dario Fo, The Italian Origins of European Theatre VI. The Papers of the conference of The Society for Italian Studies*, Edwin Mellen Press, Lewiston/Queenston/Lampeter, 1988.

Comisso, Giovanni, *Agenti segreti veneziani nel '700 1705-1797*, Milão, 1941.

Cusset, Catherine (org.), *Libertinage and Modernity*, Yale University Press, New Haven, 1998.

Darnton, Robert, *The Forbidden Best-sellers of Pre-Revolutionary France*, Nova York, 1995.

de Vries, Leonard, *Venus Unmasked*, Barker, Londres, 1967.

di Robillant, Andrea, *A Venetian Affair*, Vintage, Nova York, 2005.

Endore, Guy L., *Casanova, His Known and Unknown Life*, Londres, 1930.

Erdogan, Sema Nilgun, Sexual Life in Ottoman Society, Dönence, Istambul, 1996.

Farrell, Joseph (org.), *Carlo Goldoni and the Eighteenth Century Theatre*, Edwin Mellen Press, Nova York, 1997.

Franzoi, Umberto, *Le Prigioni di Palazzo Ducale a Venezia*, Electa, Veneza, 2005.

Fraser, David, *Frederick the Great, King of Prussia*, Penguin, Londres, 2000.

Gatrell, Vic, *City of Laughter — Sex and Satire in Eighteenth Century London*, Atlantic Books, Londres, 2006.

Ginger, Andrew, Hobbs, John, Lewis, Huw (orgs.), *Selected Interdisciplinary Essays on the Representation of the Don Juan Archetype in Myth and Culture*, Edwin Mellen Press, Nova York e Lampeter, 2000.

Ginsburg, Christian, *The Kabbalah — Its Doctrines, Development and Literature*, Routledge, Londres, 1920.

Goldoni, Luca, *Casanova, romantica spia*, Veneza, 1998.

Grayling, A.C., 'The Age of Reason', in Rizzol, *RA magazine*, nº, inverno de 2006.

Gregor, Joseph, *Casanova in Petersburg*, H. Bauer, Viena, 1947.

Günther, Pablo, *The Casanova Tour, A Handbook for the Use of the Private Travelling Carriage in 18th-Century Europe*, Lindau (impresso pelo autor), 1999.

Halevi, Z'ev ben Shimon, *Kabbalah, Tradition of Hidden Knowledge*, Thames & Hudson, Londres, 1979.

Hallamish, Moshe, *An Introduction to the Kaballah*, trad. Ruth bar-Ilan e Ora Wiskind-Elper, State University of New York, Nova York, 1999.

Heriot, Angus, *The Castrati in Opera*, Martin Secker & Warburg, Londres, 1956.

Holme, Timothy, *A Servant of Many Masters, The Life and Times of Carlo Goldoni*, Jupiter, Londres, 1976.

Hunter, Mary, *The Culture of Opera Buffa in Mozart's Vienna: A Poetics of Entertainment*, Princeton University Press, Nova Jersey, 1999.

Jervis, Henry W., *The History of Corfu*, Londres, 1852.

Kihli-Sagols, Didier, *La Comédie médicale de Giacomo Casanova*, Theles, Paris, 2005.

King, C.W., *The Gnostics and their Remains, Ancient and Medieval*, Londres, 1887.

Krondl, Michael, *The Taste of Conquest; the Rise and Fall of Three Great Cities of Spice*, Random House, Nova York, 2008.

Labande, Leon-Honoré, *Histoire de la Principauté de Monaco*, 2ª edição, Mônaco, archives du Palais, 1934.

Lauritzen, Peter, *Venice: a thousand years of culture and civilization*, Weidenfeld & Nicholson, Londres, 1978.

Leppman, Wolfgang, *J.J. Winckelman*, Knopf, Nova York, 1970.

Lovric, Michelle, *Venice, Tales of a City*, Abacus, Londres, 2003.

Lowe, Alfonso, *La Serenissima, The Last Flowering of the Venetian Republic*, Cassell, Londres, 1974.

Luna, Marie-Françoise, *Casanova, Fin de Siècle; Actes au colloque international*, Honoré Champion, Paris, 2002.

Luna, Marie-Françoise, *Casanova Mémorialiste*, Honoré Campion, Paris, 1998.

MacCarthy, Fiona, *Byron: Life and Legend*, John Murray, Londres, 2002.

MacDonogh, Giles, *Frederick the Great*, Weidenfeld & Nicholson, Londres, 1999.

Mamy, Sylvie, *Les Grands Castrats Napolitains à Venise au XVIII*e *Siècle*,

Mardaga, Liège, 1994.

Mangini, Nicola, *I Teatri di Venezia*, Mursia, Milão, 1974.

Mansel, H.L., *The Gnostic Heresies*, Londres, 1875.

Mansel, Philip, *Prince of Europe, The Life of Charles-Joseph de Ligne 1735-1814*, Weidenfeld & Nicholson, Londres, 2003.

Marr, Bernhard, e de Givry, G., *'La Kabbale de Jacques Casanova'*, *Sirène*, ed. III, p. ix-xxi; *Patrizi e avventurieri*, Milão, 1930.

Massi, E., *La vita, i temps, gli amici di Francesco Albergati*, Bolonha, 1878.

Masters, John, *Casanova*, Joseph Publishing, Londres, 1969.

Maynial, Edouard, *Casanova and his Time*, trad. Ethel Colburn Mayne, Londres, McMahon, Darren M. *The Pursuit of Happiness*, Allen Lane/Penguin, Nova York, Molmenti, P., *Storia di Venezia nella vita privata dalle origini alla caduta della repubblica*, Bérgamo, 1908.

Monglond, A., *Revue d'histoire diplomatique*, Paris, 1938.

Monnier, Philippe, *Venice in the Eighteenth Century*, Londres, 1910.

Mudge, Bradford K. (org.), *When Flesh Becomes Word, An Anthology of Early 18th Century Libertine Literature*, Oxford University Press, Oxford, 2004.

Neyremand, M., *Séjour en Alsace de quelques hommes célèbres*, Paris, 1861.

Noat-Antoni, Olivia, *Vivre à Monaco aux XVIIe et XVIIIe siècles*, Nice, Serre Editeur, 2000.

Norwich, John Julius, *A History of Venice*, Vintage, Londres, 1989.

Norwich, John Julius, *Paradise of Cities — Venice and its Visitors*, Penguin, Londres, Ober, Willian B., *Boswell's Clap and other Essays*, Feffer and Simons, Londres, 1969.

Olschki, Leo S. (org.), *Giacomo Casanova tra Venezia e l'Europa*, Comune di Venezia, Veneza, 1999.

Ozerkov, D., Padiyar, S., e Alexandrian, S. (orgs.), *The Triumph of*

Eros, Art and Seduction in 18th Century France, Fontanka Press, São Petersburgo e Londres, 2006.

Parker, Derek, *Casanova*, Sutton, Londres, 2002.

Pearson, Roger, Voltaire Almighty, Bloomsbury, Londres, 2005.

Petráň, Josef, *Kalendá0 — aneb Ctení o Velkém plese korunovačním v pražském Nosticově divadle* 12. září 1791 v časech francouzské revoluce, trad. Mirka Higgins, Nakladetelství Lidové Noviny, Praga, 2004.

Picard, Liza, *Dr Johnson's London*, Phoenix, Londres, 2000.

Plath, Wolfgang, e Rehm, Wolfgang, *Introductory notes to Il dissoluto punito ossia il Don Giovanni, dramma giocoso in zwei akten text von Lorenzo da Ponte KV 527*, trad. Douglas Woodfull-Harris, Kassel, Londres, e Bärenreiter, Salzburgo, 1977 e 1991.

Porter, Roy, e Rousseau, G.S., *Exoticism in The Enlightenment*, Manchester University Press, Nova York, 1990.

Porter, Roy, *Flesh in the Age of Reason*, Allen Lane, Londres, 2003.

Porter, Roy, *The Enlightenment*, Palgrave, Londres, 2001.

Porter, Roy, *The Creation of the Modern World*, Norton, Nova York e Londres, Pottle, F., and Brady, F. (orgs.), *Boswell on the Grand Tour*, 1765-1100, Yale University Press e William Heinemann, Londres, 1955.

Purks Maccubbin, Robert (org.), *'Tis Nature's Fault — Unauthorized Sexuality during the Enlightenment*, Cambridge University Press, Cambridge & Nova York, 1987.

Quennell, Peter, *Casanova in London and Other Essays*, Weidenfeld & Nicholson, Londres, 1970.

Regnier, Henri de, *Casanova chez Voltaire*, Plon, Paris, 1929.

Rives Childs, J., *Casanova: a New Perspective*, Paragon, Nova York, 1988.

Roubinek, O., Cerny, J., Jerie, P., and Kral, J. (orgs.), *The Theatre of the Estates* Rousseau, G.S., e Porter, R. (orgs.), *Sexual Underworlds*

of the Enlightenment, Manchester University Press, Manchester, 1987.

Saige, Gustave, *Monaco, Ses origines et son histoire d'après les documents originaux*, Imprimerie de Monaco, 1897.

Sainsbury, J., *John Wilkes*, Ashgate, Londres, 2006.

Samaran, Charles, *Jacques Casanova, vénitien, une vie d'aventurier au XVIII siècle*, Paris, 1914.

Scholem, G., *Major Trends in Jewish Mysticism*, Thames & Hudson, Londres, 1955.

Scholem, G., *Kaballah*, Dorset Press, Nova York, 1987.

Scholz, Piotr O., *Eunuchs and Castrati*, Markus Weiner, Princeton, Nova Jersey, 1999.

Selvatico, Riccardo, *Cento note per Casanova a Venezia, 1753-1756*, Neri Pozza, Vicenza, 1997.

Sollers, Philippe, *Casanova l'admirable*, Plon, Paris, 1998.

Spector, Sheila A., *Glorious Incomprehensible; the development of Blake's Kabbalistic Language*, Associated University Presses, Londres, 2001.

Spector, Sheila A., *Wonders Divine; the Development of Blake's Kabbalistic Myth*, Associated University Presses, Londres, 2001.

Steptoe, A., *The Mozart-Da Ponte Operas*, Clarendon, Oxford, 1988.

Straub, Kristina, *Sexual Suspects; Eighteenth Century Players and Sexual Ideology*, Princeton University Press, Nova Jersey, 1992.

Summers, Judith, *Casanova's Women*, Bloomsbury, Londres, 2006.

Taylor, G. Rattray, *Sex in History*, Thames & Hudson, Londres, 1968.

Thomas, Chantal, *Casanova, un voyage libertin*, Denoël, Paris, 1985.

Traverso, O., *The Church of San Samuele, Venice*, Marconi Arti Grafiche, Gênova, 2002.

Urban, L., Romanelli, G., Gandolfi, F. (orgs.), *Venise en fête*, Chêne, Paris, 1992.

Waite, A.E., *The Holy Kabbalah*, Nova York, 2003 (republicação integral do original, Williams & Norgate, Londres, 1929).

Weil, Taddeo, *Teatri Musicali Venezani dell Settecento*, Veneza, 1897.

Wilson, Frances (org.), *Adventures of Casanova, Selection from The History of My Life by Giacomo Casanova*, Folio Society, Londres, 2007.

Ze'evi, Dror, *Producing Desire; Changing Sexual Discourse in the Ottoman Middle East 1500-1900*, University of California Press, Berkeley, Califórnia, 2006.

Termos de referência para busca

aborto, tentativa de
Achile, neto da marquesa D'Urfé
Acquaviva d'Aragona, Troiano
Affray, conde de
Agar, sir Wellbore Ellis
Agathe (dançarina, posteriormentes *ignora* Orcivolo)
Aix-en-Provence
Aix-en-Savoie
Aix-la-Chapelle
Albani, Alexander, cardeal
alquimia
Amelot de la Houssaie, Abraham Nicolas
Amour
Amsterdã
Anastásia (criada)
Ancilla (cortesã em Pádua)
Ancilla (cortesã e dançarina veneziana)
Ancona
Angiolini, Carlo
Antoine-Blacas, da Provença
afrodisíaco
Aranda, conde d'
Argens, marquês d'
Armellina
Astrodi, Marguerite
Astrodi, Rosalie

Aubry, Pierre
Augsburg, congresso de paz
Augspurgher, Marie Anne (La Charpillon)
August, Peter
Augusto *III*
Avignon

Babet, “dançarina”
Babli, Zorzi
Baffo, s *ignor* (escritor)
bailes de máscaras
  castrati nos
  em São Petersburgo
  loucura em Londres pelos bailes de máscaras no estilo veneziano
  trajes militares
Balbi, Marino
Balletti, Antonio Stefano
  no teatro San Moisè, em Veneza
  testemunha de Casanova num duelo
Balletti, Manon
Balletti, Mario
Balletti, Sylvia
  morte
Baltimore, Frederick Calvert, 6º barão de
Barbaro, Marco
Barcelona
Baret, madame
Basadonna, Lorenzo (carcereiro)
Baumbach (alemão bissexual)

Bedford, John Russell, 4º duque de
"Bellino" (cantor *castrato* nos bailes de máscaras)
Bento XIV
Berlendis (ministro veneziano em Turim)
Berlim
Bernardis, Bernardo de, bispo de Martorano
Berna
Bernis, François Joachim de Pierre de
  nomeado cardeal e exilado para Roma
  os jesuítas e
  patrocínio a Casanova
  renovação da amizade com Casanova em Roma
Bertinazzi, Carlino
Betty (de Hammersmith)
Binetti, Anna
Blake, William
Blasin, mademoiselle
Blondel, François
Blot, madame du
Boehmer (joalheiro)
Boerhaave, Herman: *Elementa Chemiae*
Bonafede, Lorenza Maddalena
Bondini, Pasquale
Bonn
Bonneval, Claude Alexandre, conde de (posteriormente Ahmed Pasha de Karamania)
Bontemps, madame
Boswell, James
Boufflers, madame de
Boulogne, Jean de

Bragadin, Matteo Giovanni, senador
  dinheiro de
  morte de
Branicki, Xavier, conde de
Brunswick
Brunswick, príncipe de
Buen Retiro, prisão
Buonaccorsi, Virginia
Burney, Charles
Buschini, Francesca
Busoni, Philippe (primeiro editor)
Byron (de Rochdale), George Gordon, 6º barão de

C., *marchese* de (filho de Leonilda)
cabala
  abortífero, “aroph”
  adivinhação de números de loteria
  Bragadin e a
  busca de uma valise por meios cabalísticos
  e a marquesa D’Urfé
  fascínio de Casanova pela
  gematria
Cagliostro, conde de
Cahusac, Louis de
calendários
Calzabigi, Giovanni
Calzabigi, Ranieri
Canaletto (Giovanni Antonio Canal)
Candiani (menino)

Canova, Antonio
Capretta, Caterina (“C.C.”)
Capretta, Christoforo
Capretta, Pietro Antonio (“P.C.”)
Caraccioli, marquês de
Carletti
Carlisle House Masquerades
Carnaval
Carrara, Agathe, “La Callimena”
Casanova, dom Antonio
Casanova, Francesco (irmão de Casanova)
acompanha Casanova de Paris a Dresden
em Paris
Casanova, Gaetano Alviso
Casanova, Gaetano (“marido da mãe” de Casanova)
Casanova, Giacomo Girolamo,
aparência; ficando velho
caráter: amor pelo desempenho teatral; compulsão por seduzir virgens; depressão; frustração e amargura em Veneza; humor, mau humor final; inteligência; opinião na Polônia sobre; positividade na prisão; retratado na ficção de Chiari; retrato da sua infelicidade na velhice por De Ligne; visão sobre a Inquisição veneziana
carreiras; argumentações sobre a indústria da seda; como bibliotecário no castelo de Dux; como cavalheiro indolente; como pseudo-ocultista; como produtor teatral; como secretário do embaixador de Veneza em Viena; diplomática; fiscal; jornalista; militar; musical; na Igreja; na espionagem; para a Inquisição
como ator ou “astro”; desempenho como amante
duelos
escritos: *À Leonard Snetlage*; *Confutazione*; conselho de Prosper Crébillon; *Don Giovanni*, libreto com Da Ponte; *História da minha fuga*;

História da minha vida, ver *História da minha vida*; *História dos distúrbios Icosaméron*; *Ilíada* (tradução da obra de Homero); *La Forza della vera amicizia*; *La Moluccheide*; *Le Messager de Thalie* (revista); linguagem e estilo; memórias, veja: *História da minha vida*; *Nem por amor nem por mulheres*; no castelo de Dux; *Opuscoli Miscellanei* (crítica); oratórios; *poloneses*; *Scrutinio Del Libro*; *Soliloque d'un Penseur*; *Solution du problème déliaque*; *Zoroastre* (tradução da obra de Cahusac)

eventos e períodos da vida: admissão na alta sociedade por meio da adoção por Bragadin; agraciado com a Ordem Papal da Espora Dourada; ajuda numa tentativa de aborto; banimento da França (1767); breve retorno a Veneza (1736); em Constantinopla (1745); em Londres (1763); em Nápoles (1770); em Paris (1750); em Roma (1743-45); em Roma (1770-71); em São Petersburgo (1765); em Veneza (1745-48); em Veneza (1750); em Veneza (1753-55); em Veneza (1774-82); encontros com Voltaire; enterro; enviado para Pádua (1734); escola em Pádua (1734-38); fuga da prisão; em Paris (1756-57); graduação (1741); infância em Veneza (1725-34); iniciação na maçonaria (1750); início de uma crise nervosa (1760); introdução nas ordens sagradas; morte (1798); na Espanha; na Polônia (1765-66); nascimento (1725); no castelo de Dux (1787-1798); preso por ter matado um agressor em Barcelona; prisão (1743); prisão e encarceramento (1755); recebe o perdão de Veneza (1774)

experiências sexuais; aos 11 anos de idade; caso romântico com Henriette; com um *castrato* num baile de máscaras; *desempenho* como amante; ejaculação precoce; em uma tentativa de aborto; homossexual; incestuoso; iniciação adolescente; na prisão; nos bordéis de Paris; orgasmo fingido; poderes em declínio sem amor; tentativa de estupro por um policial; vestido de mulher; volúpia

influências: o Iluminismo; o teatro; Veneza

jogo

naturalização francesa

paternidade

paternidade (parentage)

reputação: como escritor e historiador; e a atual revisão do pensamento sobre o período; na Polônia; no século XX; sexual

riqueza; perda da

romantismo; no caso com Caterina Capretta; no caso com Henriette; no caso com Manon Balletti

saúde: doenças em Londres; doença venérea; enfermidades finais; “grande doença”; hemorroidas; infestação de piolhos; sangramentos de nariz na infância

viagens; a Constantinopla; a Paris; a Roma; como um errante (1766-70); no início dos anos 1760

Casanova, Giovanni (irmão de Casanova)

Casanova, Maria Maddalena Antonia Stella (irmã de Casanova)

Casanova, Zanetta (mãe de Casanova, Farussi de solteira)

a carreira eclesiástica de Casanova

aparição numa peça de Casanova

envia Casanova para Pádua

morte

visitada em Dresden pelos filhos

Castelli, “*donna* Lucrezia” (Anna Maria d’Antoni Vallati)

castrati

Catarina a Grande (czarina Catarina II)

Cattinella (uma dançarina)

Cavalli, Domenico Maria

Celi, “conde”

Charlotte Sophia

Charpillon, Marie Anne G.A.B.

Chartres, duquesa de

Chateauneu, Lewis

Chesterfield, Philip Dormer, 4º conde de

Chiacheri, abade

Chiari, abade Pietro

Chigi, marquesa

Choiseul, duque de
Chorier, Nicholas
Cristina (amiga de Casanova)
Chudleigh, Elizabeth, Lady Hervey, depois duquesa de Kingston
Churchill, Winston
Cibber, Colley
cicisbeísmo
Clairmont (*valet de chambre*)
Clary, Charles "Lolo", príncipe de
Clary-Aldringen, Johann Nepumuk
Clemente XIII
Clemente XIV
carruagens
chumbos, Os, *ver* Prisão Piombi (*Il Piombi*)
Colonna, Borghese Agnese
commedia dell'arte
Companhia de Jesus (jesuítas)
Condulmer, Antonio
Constantinopla
contracepção
convento, regras de visita ao
Corfu
Cornelys, Joseph, *ver* Pompeati, Giuseppi ("o conde d'Aranda")
Cornelys, Sophie, *ver* Imer, Teresa
Cornelys, Teresa, *ver* Imer, Teresa
Corrini, Giovanni (La Denis)
Crébillon, Claude Prosper J. de
Crébillon, Prosper J. de
Créquy, marquesa de

Crèvecoeur (amante de mlle. La Rivière)
Croce, dom Antonio, marquês della
Croce, Santa
Crosin, mademoiselle
Czartoryski, príncipe Adam

da Ponte, Lorenzo; libreto para *Don Giovanni*
da Riva, Giacomo
Dachova, princesa
dall'Oglio, Giuseppi
Damiens, Robert François
Dandolo, Marco; pensão para Casanova
d'Antoni, Lucrezia (Lucrezia Monti)
de Bernis, *ver* Bernis, François Joachim de Pierre de
de Ligne, Christine
de Ligne, príncipe Charles Joseph
  Catarina II e
  e os escritos de Casanova
della Croce, dom Antonio, marquês
della Perosa, Gian Giacomo Marcello Gamba, conde (de la Perouse)
Demay, Reine (farmacêutica)
Denis, madame
d'Étoiles
Dick, sir John
Diderot, Denis
Dolfin, Antonio
Dresden
du Rumain, condessa
duelos

Dunquerque
Dux, castelo de

Emilia
Erizzo, embaixador veneziano
escritos de culinária
“Esther”
Eugène, Charles
Eustacia, madre

Fanny (criada)
Farinelli (Carlo Broschi)
Farussi, Girolamo (avô de Casanova)
Farussi, Marcia (avó de Casanova)
  morte de
Farussi, Zanetta (depois Zanetta Casanova, mãe de Casanova)
  ver Casanova, Zanetta
Fel, Marie le
Feldkircher/Faulkircher, George
Fielding, sir John
Fiennes-Clinton, Henry, conde de Lincoln
Fisher, Kitty
Filipe, dom, infante da Espanha
filosofal, pedra
Florença
Foscarini, a amante de Giacomo da Riva
Foscarini, Sebastian
Fragonard, Jean-Honoré

Franklin, Benjamin
Frascati: Villa Aldobrandini
Frederico o Grande
Francesa, Revolução

Gabrielli, marquesa Caterina
Galitzin, Alexander, conde
Galland, Antoine
Galuppi, Baldassare
Gama, abade da
Gardini, Angela (também Clementine e Hebe)
Garrick, David
Garrick, irmãs
Genebra
Gênova
George Augustus, príncipe de Gales
Germain, lady Elizabeth
Giacoma, Cecilia (“Leonilda”, filha de Casanova)
Giacomina (filha de Casanova com Mariuccia)
Giacomo da Riva
Gigli, Laura
Goldoni, Carlo
Golem
gôndolas; como um nome das carruagens francesas
Goudar, Ange
Goudar, Sarah
Gozzi, Antonio Maria
Gozzi, Apollonia
Gozzi, Bettina

Gozzi, Vincenzo
grand tourists
Grimaldi, Charles, príncipe de Mônaco
Grimani, Alvise
Grimani, Carlo
Grimani, Michele
Grimani, Zuane
Gritti, Luigi
Groote, Mimi van
Guardi, Francesco
Guglielmina (sobrinha de Casanova)

Haller, Albert
Hamilton, sir William
Hampton, tribunal de
Harrington, lady (*née* Fitzroy)
"Hedwig"
Henriette
Herbert, Henry, 10º conde de Pembroke
Hervey, Augustus, depois conde de Bristol
Hervey, Elizabeth Chudleigh, mais tarde duquesa de Kingston
Hickey, William
História da minha vida
  caminho para a posteridade
  como registro de viagens na Europa do século XVII
  como um texto revolucionário
  e a cabala
  e o sexo no século XVIII
  escritos gastronômicos

estruturada em Veneza
sobre a fuga de Casanova de *Il Piombi*
Hohenzollern, Frederick von
Holderness, Robert Darcy, 4º conde de
Homero
Ilíada
tradução por Casanova
Horácio
humor
inteligência
no sexo
razão e riso
Hunter, Kitty

Ignazia, *donna*
Iluminismo, o
e o sexo
Imer, Giuseppi
Giuseppi, filho de Teresa Imer, *ver* Pompeati, Giuseppi (“o conde D’Aranda”)
Imer, Sophie (filha de Casanova)
Imer, Teresa
como sra. Cornelys
Imperiali, Michele
incesto
Inquisição, espanhola
Inquisição, veneziana
e a prisão de Casanova
registros da observação sobre Casanova (início dos anos 1770)

trabalho clandestino de Casanova para a
"Ismail" (turco em Constantinopla)

Jarbe (lacaio)
jesuítas
jogo; loteria
Johnson, Samuel
Jorge III

Kaunitz, príncipe
Keats, John
Keith, conde marechal da Escócia, lorde Keith
Kemble, Charles
Kemble, John Philip
Kennedy, miss (cortesã)
Kingston, duquesa, *ver* Chudleigh, Elizabeth, lady Hervey
2º duque de
Kossakowska, Catarina, condessa

La Charpillon, Marie Anne
La Corticelli
La Denis (Giovanna Corrini)
La Langlade
La Pouplinière, Alexandre de
La Protée (cortesã)
La Rivière, mademoiselle
La Tour d'Auvergne, conde de

La Valville (atriz)
Laforge, Jean (antigo editor),
Lamberg, Maximilian, conde
Lambert, Franz Xaver
Lambert, mademoiselle
Lambertini, Angélica
Lamotte, Charlotte
Lanti, Cesare Filippo (filho de Casanova)
Lanti, Marina
Lanti, Teresa, *ver* “Bellino”
Laura (irmã leiga)
Le Fel, Marie
“Leonilda” (Cecilia Giacoma, filha de Casanova)
Leopoldo II
libertinagem
  escritos de Casanova sobre comida e sexo
  escritos libertinos
  o libertino esclarecido
  saúde e
Locatelli, Giovanni
Loew de Praga, rabino
Londres
Longhi, Pietro
Lossada, duque de
loteria
Luís XV
Louise Elizabeth, princesa
Lubomirska, princesa
Lucia (criadinha em Pasiano)

Lundberg, Gustaf
Lunin, Alexandr
Lunin, Pyotr Mikhailovich
Luxemburgo, marechal de
Lynch, sir William (cônsul britânico em Turim),

Macartney, sir George
maçonaria
Madri
Malipiero, Alvise Gasparo, senador
Mann, Horace
Mântua
Manuzzi, “conde”
Manuzzi, Giovanni Battista
Manzoni, Leze
Manzoni, madame
Marcolina (uma dançarina)
Marcuccio
Maria Amália, rainha de Nápoles
Mariuccia
Marivaux, Pierre de Chamblain de
Martinelli, Vincenzo
Matalone, duque de
Maty, dr. (do British Museum)
Maya, Anne Marie
Mecour, Giovanna (nascida Campi)
Medini, conde
Meissner, A.
Melfort, conde A. de

Melissino, Pyotr Ivanovich
Memmo, Andrea
Memmo, Bernardo
Memmo, Lorenzo
Memmo, Lucia
Mengs, Raphael
Mérinville, madame de
Mesmer, Franz Anton
Milão
Millier, sir B.
M.M. (freira de Murano), caso de Casanova com
M.M. (freira grávida em Chambéry)
Mocenigo, embaixador
Monconcseil, marquesa de
Montagu, lady Mary Wortley
Montaigne, M.E. de
Montesquieu, Charles-Louis de Secondat, barão de
Monti, Cecilia
Monti, Lucrezia
Montpernis, marquês de
Morosini, Francesco Lorenzo
Morphy, La
Morphy, Louise
Moscou
Moszynski, August, conde
Mozart, Wolfgang Amadeus I *Don Giovanni*
Muazzo, Marco
Murano
  convento de Santa Maria degli Angeli

seminário de San Cipriano
Murray, John

Nápoles
Narbonne, conde de
necromancia
Nettersheim, Agrippa von
Nicolson, Harold
Nurthumberland, Elizabeth Percy, condessa de
Nostitz, teatro, Praga

Obert, madame (criada)
oculto, o; *ver* cabala
Olivades, Pablo
O'Neilan, Franz
ópera, italiana
Don Giovanni
Opeska, condessa,
Orcivolo, *signora*, *ver* Agathe (uma dançarina, mais tarde *signora* Orcivolo)
Orio, *signora* (tia das Savorgnan)
Orlov, Aléxis, conde
Orlov, Grigori
Orlov, irmãos
Orsara

Pádua; anos escolares de Casanova em

Pagus, John
Paine, Thomas
Palatine, príncipe
Palazzo Malipiero
Palo, Paolo Gennaro
Panin, Nikita Ivanovich, conde
Papal, Cavaleiro da Espora Dourada
Papanelopoulo, Demetrio
Paracelso
Paris; vida de Casanova em
Paris-Duverney, Joseph de
Parma
Pasha, Ahmed, *ver* Bonneval, Claude Alexandre, conde de
Passano, Giacomo
Passionei, cardeal
Patu, Claude Pierre
Pauline (uma “inquilina”)
Pembroke, Henry Herbert, 10º conde de
Percy, Elizabeth, condessa de Northumberland
Percy, Hugh, barão Warkworth
Pedro o Grande
Piccolomini, conde
Piombi, prisão (*Il Piombi*)
Poisson, Jeanne Antoinette, *ver* Pompadour, Jeanne Antoinette, Madame Pompadour,
Polônia
Poletti, Margherita
Pombal, marquês de
Pompadour, Jeanne Antoinette, Madame Pompadour
Pompeati, Ângelo

Pompeati, Giuseppi (“o conde d’Aranda”)
como Joseph Cornelys
Poniatowski, rei Stanislas
pornografia
Potocki, Franciszewski, conde
Praga
arquivo
últimas idas de Casanova a
teatro Nostitz
Pratolini, Antonio (nome usado por Casanova como informante da Inquisição)
Preati, Giulietta (*signora* Querini)
preservativos
Putini (castrato)
Putyakin, Nikolai

Querini (embaixador veneziano)
Querini, Ângelo
Quinson, madame (senhoria de Casanova)
Quinson, Mimi

Racine, Jean: *La Thébaïde*
Raiberti, *Chevalier*
Recke, Elise von der
reencarnação
Renaud (uma dançarina)
Richelieu, duque de
Riga

Rinaldi, Antonio
Rives Childs, J.
Rochebaron, François de la Rochefoucauld, barão de
Roggendorf, Cecile de
Roll, baronesa de
Roman-Coupier, mademoiselle
Roma
Rosalie (criada de Marselha)
rosa-cruz; decepção de Casanova com a
Rossi, Pietro
Rousseau, Jean Jacques
Ruffec, duquesa de
Rzewuski, Wenceslas, conde

Sade, Donatien, conde de, marquês de Sade
Saint-Germain, conde de
Saint-Giles, condessa de
Saint-Jean, madame de, “La Perle”
San Cipriano, seminário de
San Moisè, teatro
San Samuele, teatro
Sanssouci
Sant’Andrea, prisão
Sartine, Antoine de
Savorgnan, Marta
Savorgnan, Nanetta
Segura, condessa
Seingalt, *chevalier* de, *ver* Casanova, Giacomo Girolamo
Sete Anos, Guerra dos

sexo
a perspectiva feminina sobre o preço da emancipação
a visão cabalística do amor e o
atitude veneziana para com o
Casanova e o sexo no século XVIII
comércio sexual em Londres
comida e
como chave para a compreensão do eu
contracepção
e o Iluminismo
e turismo
jogo do amor e o
na sociedade otomana
voyeurismo, *ver* Casanova, Giacomo Girolamo: experiências sexuais
Shelley, Mary, *Frankenstein*
Siberre, Gabrielle, “La Saint-Hilaire”
Siena
Sievers, mademoiselle
Slade, Adolphus
Solderini, Gaspar
Soleure
Soradaci (companheiro de cela de Casanova)
Spa
Spada, General
Spinola, Carlo
São Petersburgo
Steffano (um franciscano)
Stendhal
Sterne, Laurence

Stormont, David Murray, 7º visconde de
“Stuard”, os
Symons, Emanuel

Tabarrini (anatomista)
Taylor, John
Teplice
teatro
  parisiense
  teatralidade do sexo
  teatro Nostitz, Praga
  teatro San Moisè, Veneza
  teatro San Samuele, Veneza
  teatros do mundo (*teatri del mundo*, *ver* Carnaval veneziano
Tiepolo, Giovanni Battista
Tiretta, Eduardo, conde
Tosello, Angela
Tosello, Fr. *(padre em San Samuele)*
Tott, François, barão de
travestismo
Treyden, barão
Trieste
Turim

Urfé de la Rochefoucauld, Jeanne de Lascaris, marquesa d’
  a “Grande Obra” de Casanova com

Vallati, Anna Maria d'Antoni ("donna Lucrezia Castelli")
Varsóvia
Varutti, Matteo
Vaticano, Biblioteca do
Vendrami, Pietro, senador
Veneza
  atitude veneziana para com o sexo
  baile de máscaras
  calle della Commedia
  Carnaval de Veneza
  dia da Ascensão
  gôndolas
  Inquisição, *ver* Inquisição veneziana
  períodos da vida de Casanova em
  teatro
Venier, *cavaliere*
Venier, Lunardo
Veronese, Anna Maria ("Coralina")
Veronese, Carlo
Veronese, Giacoma Antonia
Veronese, La, "Camilla"
Vesian, Antoinette
viagem na Europa do século XVIII
Viderol, Karl
Viena
Vivaldi, Antonio,
Voisenon, *abbé* de
Volkov, Feodor
Volkov, Gregori

Voltaire; ataque escrito de Casanova contra: *Scrutinio del Libro*
voyeurismo,

Waldstein, Joseph Charles de, conde
Welch, sra. (cortesã)
Wellbore, sir Wellbore Ellis Agar
Wiederholt, Karl
Wiesbaden
Wilkes, John
Winckelmann, Johann
Wynne, Giustiniana

Yelagin, Ian Perfilievich
Yussuf Ali

Zaguri, Pietro
“Zaïre” (camponesa russa)
Zaluski, monsenhor
Zawoiski, conde (amigo polonês de Casanova)
Zinoviov, Stepan
Zorzi (dramaturgo)
Zurique

Título original:
Casanova
(Actor, spy, lover, priest)

Tradução autorizada da primeira edição,
publicada em 2008 por Hodder & Stoughton,
uma empresa Hachette Livre UK, de Londres, Inglaterra

Copyright © 2008, Ian Kelly

Copyright da edição brasileira © 2009:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2529-4750 / fax: (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Miriam Lerner
Ilustração da capa: *Couple with escaped bird*, óleo sobre tela
de Louis-Léopold Boilly (1761-1845), museu do Louvre, Paris, França
© The Bridgeman Art Library

ISBN: 978-85-378-0214-4